



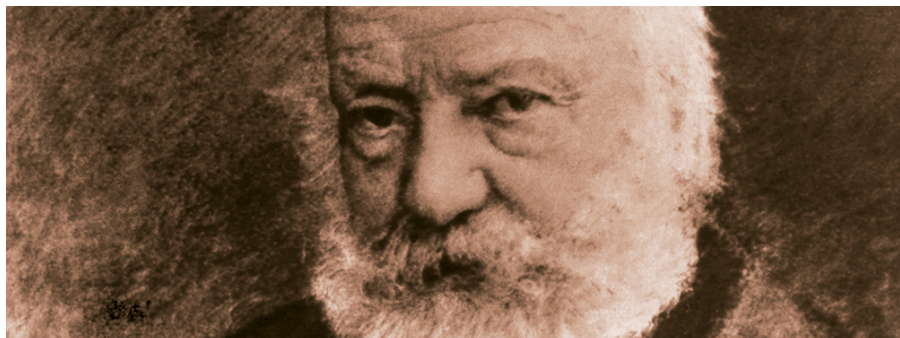
VICTOR HUGO

NOTRE-DAME DE PARIS



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



VICTOR HUGO

NOTRE-DAME DE PARIS



VICTOR HUGO

Notre-Dame de Paris

1482

Tradução

Ana de Alencar e Marcelo Diniz

Prefácio

Louis Chevalier

2ª edição



Estação Liberdade

Título original: *Notre-Dame de Paris – 1482*

© Editora Estação Liberdade, 2010, para esta tradução

Tradução do prefácio Ivone C. Benedetti

Compilação vida e obra de Victor Joana Canêdo

Hugo

Preparação Antonio Carlos Soares

Revisão Huendel Viana

Assistência editorial Leandro Rodrigues e Luciana Araujo

Composição B.D. Miranda

Ilustração e projeto gráfico de capa Natanael Longo de Oliveira

Editores Angel Bojadsen e Edilberto F. Verza

Produção do livro digital Booknando

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

H889n

Hugo, Victor, 1802-1885

Notre-Dame de Paris – 1482 / Victor Hugo ; tradução Ana de Alencar e Marcelo Diniz. – [prefácio de Louis Chevalier] – São Paulo : Estação Liberdade, 2011.

Tradução de: Notre-Dame de Paris

ISBN 978-65-86068-47-4

1. Romance francês. I. Alencar, Ana de II. Diniz, Marcelo, 1967-. III. Título.

10-5161 CDD: 843

CDU: 821.133-3

Todos os direitos reservados à Editora Estação Liberdade. Nenhuma parte da obra pode ser reproduzida, adaptada, multiplicada ou divulgada de nenhuma forma (em particular por meios de reprografia ou processos digitais) sem autorização expressa da editora, e em virtude da legislação em vigor.

Esta publicação segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008.

Editora Estação Liberdade Ltda.

Rua Dona Elisa, 116 | 01155-030 | São Paulo-SP

Tel.: (11) 3661 2881 | Fax: (11) 3825 4239

www.estacaoliberalidade.com.br

SUMÁRIO

Prefácio

NOTRE-DAME DE PARIS — 1482

Nota do autor

Nota acrescentada à edição definitiva
(1832)

LIVRO PRIMEIRO

- I. A grande sala
- II. Pierre Gringoire
- III. O senhor cardeal
- IV. Mestre Jacques Coppenole
- V. Quasímodo
- VI. La Esmeralda

LIVRO SEGUNDO

- I. De Charybde a Scylla
- II. A praça de Grève
- III. *Besos para golpes*
- IV. Os inconvenientes de seguir uma bela mulher à noite pelas ruas
- V. Os inconvenientes continuam
- VI. O jarro quebrado
- VII. Uma noite de núpcias

LIVRO TERCEIRO

- I. Notre-Dame
- II. Paris em sobrevoo

LIVRO QUARTO

- I. As boas almas
- II. Claude Frollo

- III. *Immanis pecoris custos, immanior ipse*
- IV. O cão e seu dono
- V. A sequência de Claude Frollo
- VI. Impopularidade

LIVRO QUINTO

- I. *Abbas beati Martini*
- II. Isto matará aquilo

LIVRO SEXTO

- I. Um olhar imparcial sobre a antiga magistratura
- II. O Buraco dos Ratos
- III. História de uma broa de milho
- IV. Uma lágrima em troca de uma gota d'água
- V. O final da história de uma broa

LIVRO SÉTIMO

- I. Do perigo de se confiar seu segredo a uma cabra
- II. Um padre e um filósofo são dois
- III. Os sinos
- IV. 'ΑΝΑΓΚΗ
- V. Dois homens vestidos de negro
- VI. Efeitos que podem produzir sete pragas ao ar livre
- VII. O monge malvado
- VIII. A utilidade das janelas que dão para o rio

LIVRO OITAVO

- I. O escudo que se transformou numa folha seca
- II. Sequência do escudo que se transformou numa folha seca
- III. O fim do escudo que se transformou numa folha seca
- IV. *Lasciate ogni speranza*
- V. A mãe
- VI. Três diferentes corações de homem

LIVRO NONO

- I. Febre
- II. Corcunda, caolho, coxo
- III. Surdo
- IV. Grés e cristal
- V. A chave da porta vermelha
- VI. Sequência da chave da porta vermelha

LIVRO DÉCIMO

- I. Gringoire tem várias ideias sucessivas na rua des Bernardins
- II. Faça-se vagabundo
- III. Viva a alegria!
- IV. Um amigo desastrado
- V. O retiro em que o senhor Luís da França dizia suas horas
- VI. Pequena espada em protesto
- VII. Châteaupers em socorro!

LIVRO UNDÉCIMO

- I. O sapatinho
- II. *La creatura bella bianco vestita*
- III. O casamento de Phœbus
- IV. O casamento de Quasímodo

Vida e obra de Victor Hugo

PREFÁCIO¹

Louis Chevalier²

Em *Victor Hugo narrado por uma testemunha de sua vida* há uma apresentação de *Notre-Dame de Paris* do próprio Victor Hugo: “É um retrato de Paris no século XV, e do século XV a propósito de Paris. Luís XI figura num capítulo. É ele quem determina o desfecho. O livro não tem pretensões históricas, a não ser talvez a de retratar com alguma ciência e consciência, mas unicamente por bosquejos e vislumbres, o estado de costumes, crenças, leis, artes, enfim, da cultura no século XV. Aliás, não é isso o que importa no livro. Se ele tem algum mérito, é o de ser obra de imaginação, capricho e fantasia.” Essas linhas, ao mesmo tempo que revelam as ideias, as verdadeiras intenções e a opinião do autor, enumeram e resumem a essência da maioria dos problemas aos quais se dedica o estudo tradicional e, principalmente, literário do romance. Além disso, talvez tornem visível aquilo com que uma nova leitura, de um ponto de vista bem diferente do literário, contribui para a interpretação de uma obra que não é apenas um fato literário, mas também um acontecimento da história de Paris. O fato literário foi descrito, comentado e explicado com frequência, mas não o acontecimento histórico, que continua singular e obscuro. Sua análise merece ser esboçada “pelo que significa, pelo que tem de mistério e pelo sentido que encerra. Em suma, pelo enigma que propõe eternamente ao entendimento”: o que Victor Hugo disse do mistério da catedral aplica-se ao mistério ainda não elucidado e até mesmo ainda não percebido do romance.

O fato literário, porém, vem antes. Porque o acontecimento histórico é, em primeiro lugar, um fato da história literária, e não haveria acontecimento histórico, reavivado permanentemente até nossos tempos, se na origem não houvesse uma obra-prima cujas características devem ser lembradas. Ademais, a documentação literária contém algumas das peças mais importantes da documentação histórica. Por fim, a contribuição da história e de suas perspectivas mais alheias a considerações literárias por vezes modulam ou corrigem estas últimas,

mas em algumas ocasiões também as confirmam e reforçam.

Como se vê por esse comentário de Victor Hugo, transmitido por “uma testemunha de sua vida”, trata-se aqui de um romance histórico. Mais que isso, a insistência do autor em lembrar a posição de Luís XI na narrativa – mais considerável do que é realmente, ou do que parece ser na primeira leitura – ressalta a influência que exerceu sobre ele a obra de Walter Scott e, em especial, *Quentin Durward*, em que Luís XI aparece: o Luís XI de Victor Hugo, disfarçado de “compadre Tourangeau” no capítulo “*Abbas beati Martini*”, é visivelmente inspirado no Maître Pierre de Walter Scott, o Luís XI disfarçado de mercador. No entanto, para o romance histórico Victor Hugo tem ambições maiores: tanto no que se refere ao romance, ou seja, à ficção, como no que se refere a seu caráter histórico, ou seja, à verdade.

Romance? “Depois do romance pitoresco, mas prosaico, de Walter Scott, faltará criar outro romance mais belo e mais completo, em nossa opinião. Esse romance será simultaneamente drama e epopeia, pitoresco mas poético, real mas ideal, verdadeiro mas grandioso, que entronizará Walter Scott em Homero”: assim se expressava Victor Hugo, com apenas vinte anos, num artigo sobre Walter Scott cujos desígnios parecem cumpridos, cuja ambição parece realizada por *Notre-Dame de Paris*, drama e epopeia. Mas o “verdadeiro” já está nessa previsão de juventude; mais ainda o real, ou seja, a exatidão da narrativa, sua conformidade com a história, com uma história que o documento transcrito pelo *Victor Hugo* narrado define soberbamente: “o estado de costumes, crenças, leis, artes, enfim, da cultura no século – Programa imenso no qual os historiadores de nosso tempo reconheceriam seu próprio programa, e que não seria o que é sem a evolução das concepções históricas, da consciência histórica na qual Hugo ocupa posição privilegiada: o Victor Hugo de *Os miseráveis*, sem dúvida, mas também o de *Notre-Dame de Paris*, apesar das críticas feitas a esse livro em nome da história e apesar da observação do próprio Victor Hugo, de que “o livro não tem pretensões históricas, a não ser talvez a de retratar com alguma ciência e consciência”.

Observemos mais atentamente essa “ciência” e essa “consciência”. Encontramos aí a primeira oportunidade de reconhecer o mistério de uma obra que não é apenas um fato literário, mas um acontecimento histórico cuja importância as análises literárias mais eruditas e incontestáveis não bastam para explicar, muito menos sua existência na

paisagem parisiense, tal qual a do monumento por ela descrito.

Ciência? Não cabe acrescentar, ou acrescentar muito, ao estudo das fontes históricas de *Notre-Dame de Paris*: às pesquisas antigas, entre as quais se destacam as de E. Huguet, ou às recentes. *Les Mémoires de Commynes* [Memórias de Commynes], *Le Théâtre des antiquités de Paris* [O teatro das antiguidades de Paris] de Du Breul, publicado em 1612, a *Histoire de Louis XI Roi de France* [História de Luís XI Rei da França], de Pierre Mathieu, publicada em 1610, a *Histoire e recherches des antiquités de la Ville de Paris* [História e pesquisas das antiguidades da cidade de Paris], de Sauval, publicada em 1724: esses livros, sobretudo os de Du Breul e Sauval – aos quais cabe acrescentar a *Chronique scandaleuse* [Crônica escandalosa] de Jean de Roye, que Victor Hugo chama Jean de Troye, constituem o essencial da ciência histórica de nosso romancista. Aliás, ele foi o primeiro a dar, com toda a boa-fé, os nomes de seus autores, não sem algumas artimanhas um tanto infantis que o assemelham mais ainda aos historiadores mais autênticos. Alguns exemplos: no livro I, a descrição do salão do Palácio segue de perto Du Breul. No livro II, o jargão erudito é haurido em Sauval. Também a Sauval e a Du Breul pertence, no livro III, a documentação que serviu à descrição da catedral. Leitura rápida que explica os erros. Descrevendo “Paris em sobrevoo”, Hugo avista “o rico campanário quadrado de Saint-Jacques de la Boucherie, com seus ângulos atenuados de esculturas, já admirável, embora inacabado no século XV!” Espantosa precisão e escrúpulo impressionante: o referido campanário não podia ser “admirável” em 1482, nem com todas as precauções possíveis, pois foi construído de 1508 a 1522. Mas Victor Hugo segue Sauval.

No entanto, ao lado dessa informação que a pesquisa literária encontra facilmente ou acaba por descobrir, ao lado desses trechos pesados de erudição fácil, ao lado desse cenário medievalesco inspirado nos *Théâtres d'antiquités* parisienses dos séculos XVII e XVIII, há empréstimos menos aparentes e mais dispersos que revelam em Victor Hugo uma sensibilidade parisiense extraordinária, e desta talvez seja a maior contribuição para conferir a esses espetáculos do século XV veracidade tão grande que o leitor tem a sensação de estar assistindo a eles.

Lendo Sauval, por exemplo, Victor Hugo reteve, além daquilo que ignorava e de que se apoderou, detalhes, narrativas, observações, motivos que todo leitor parisiense também reteria, porque

correspondem às preocupações mais antigas e duradouras, às maneiras de ver e habitar a capital. É o que ocorre com a grande peste de 1466, que transformou Claude Frollo em órfão aos dezenove anos, com um irmãozinho ainda em cueiros que “gritava, abandonado em seu berço”. Ao longo dos séculos, os parisienses vivem sob o espectro das epidemias que se alastram periodicamente e produzem grandes devastações, só compensadas por fortes imigrações – notadas, aliás, por Victor Hugo. Coisa singular: uma das mais terríveis epidemias da história parisiense eclodirá pouco tempo depois da publicação de *Notre-Dame de Paris*. Temos a impressão de estar lendo antecipadamente os documentos administrativos e outros referentes a ela nas seguintes linhas do romance: “Foi em torno dessa época que o verão excessivo de 1466 fez rebentar essa grande peste, que levou mais de quarenta mil criaturas ao viscondado de Paris [...]. Espalhou-se na Universidade o murmúrio de que a rua Tirechappe fora devastada pela doença.” As relações entre a epidemia e o calor forte, a maneira brutal como o flagelo começou, a estranha distribuição da mortalidade que cria um vazio aqui e se mostra omissa acolá; e também o papel da opinião pública e dos boatos que se espalham na transmissão das notícias e do medo: esses foram, com espantosa exatidão, os temas dominantes da descrição da epidemia de cólera em 1832, mas também da história passada, presente e futura das grandes epidemias parisienses.

Outro exemplo: a lama de Paris. Ela cheira tão mal, que Gringoire, ao cair num riacho, tapa o nariz: “a lama de Paris, pensou [...] é particularmente malcheirosa”. A lama de Paris está nos antigos autores que Victor Hugo consulta, mas ela está, também e sobretudo, na cidade em que ele vive, debaixo de seus pés tal como debaixo dos pés de Gringoire, nas conversas, nas notícias de jornais e nos grandes romances de seu tempo: está também em Balzac, e pelas mesmas razões. Há até observações como “a noite chega cedo em janeiro”, ou também certas lembranças que, na Paris de Luís XI, assim como na Paris do século XIX e de sempre, fazem parte da “memória coletiva” que o filósofo Halbwachs estudou numa obra famosa. Lembrança de grandes epidemias, mas também de grandes invernos, como em Villon: “Bah! Isso não foi nada perto do inverno de 1407, que congelou desde Saint-Martin até Chandeleur!” Longevidade de velhas crenças populares, muitas vezes bizarras ou contraditórias, vegetação aberrante que cultivamos com amor em relação a esta ou àquela particularidade de

um monumento, de um bairro, de uma rua. Basta reler as diversas explicações do incêndio do Palácio da Justiça em 1618, que Victor Hugo extrai de Sauval: “Se Ravallac não tivesse assassinado Henrique IV, com certeza não haveria peças do processo de Ravallac arquivadas no cartório do Palácio da Justiça; não haveria cúmplices interessados em fazer desaparecer tais peças; portanto, nem incendiários obrigados, na falta de melhores recursos, a porem fogo no cartório para queimar as peças; por conseguinte, não haveria o incêndio de 1618. [...] os grandes acontecimentos têm consequências incalculáveis.” Também os pequenos acontecimentos, que alimentam com considerações desse tipo uma lógica comezinha atulhada de grande e pequena história, coerente ou amiúde incoerente, lógica que não só a literatura e a experiência, mas também a descrição social contemporânea, mostram ser um fato importante de opinião pública parisiense, ou seja, um fato importante de opinião pública que, em Paris, assume um caráter peculiar, se não por outra razão, ao menos pela presença de monumentos e pela existência de uma herança monumental da qual é bom exemplo essa história do Palácio da Justiça tomada de empréstimo a Sauval por Victor Hugo.

De resto, sejam quais forem as pretensões históricas do romancista, sejam quais forem sua ciência e sua consciência históricas – a ciência e a consciência voluntárias reveladas pela investigação literária tradicional, ou a ciência e a consciência involuntárias e francamente parisienses ressaltadas por essas simples observações da história parisiense –, seja qual for, enfim, o valor dessa reconstituição do século XV, “não é isso o que importa no livro” – como escreveu o próprio Victor Hugo, indo de repente em sentido contrário ao que acabava de dizer e mandando às favas a história e os historiadores. “Se ele tem algum mérito, é o de ser obra de imaginação, capricho e fantasia.” Coisa sobre a qual a crítica literária concorda de maneira unânime.

A imaginação, e também o capricho e a fantasia: são ou poderiam ser os títulos, genéricos, mas também exatos e suficientes, da maioria dos trabalhos de literatura em torno de *Notre-Dame de Paris*.⁴ Não há razão para se acrescentar seja lá o que for à avaliação. Psicologia rudimentar, amiúde inverossímil e às vezes pueril. Linguagem das personagens muitas vezes mal adaptada : “como prega mestre Jacques Charmolue, procurador do rei na corte da Igreja?” – pergunta Esmeralda a sua cabra; parece que estamos ouvindo o porteiro mais protocolar da prefeitura

introduzindo nobres visitantes no gabinete do prefeito. E os intermináveis monólogos românticos de Claude Frollo, o monge maldito. E todo aquele amontoado medievalesco de palavras e ouropéis com que o leitor se sente pouco à vontade, principalmente porque em muitos casos o editor e o comentador, por mais que sejam conscienciosos, desistem de elucidá-lo em doudas notas de rodapé. Isso sem falar dos “mui” [*moult*] que, evidentemente, causam indubitável estranhamento e transportam para as profundezas do passado: é um tapete mágico esse “mui”. E o “saio de chamalote roxo” do senhor preboste, ou aquela carapuça que Claude Frollo ergue, descobrindo repentinamente o rosto para uma Esmeralda petrificada de terror e para o leitor espantado com a carapuça? Além disso, todas aquelas peripécias, aqueles imprevistos, diríamos hoje aqueles “suspenses”: “Phœbus, todavia, não estava morto. Os homens dessa espécie dificilmente morrem”; sem dúvida, é preciso que assim seja.

Mas esses motivos de riso não serão já motivos de admiração? Rapidez da ação. Invenção. Poder da imaginação. Intensidade de visão. Tantas cenas inesquecíveis, que vivem em nossa memória e nos lugares, tal como acontecimentos históricos. O estilo, enfim, sobre o qual tudo se disse, a ponto de desanimar a linguística moderna, apesar de tão inventiva. Tudo o que tira o fôlego do leitor do começo ao fim, ou quase. Leitor, ou melhor (a acreditar-se no autor), “leitora”, que deverá perdoar as divagações filosóficas inoportunas para a narrativa: como se, naqueles tempos já distantes, coubesse às mulheres, “seres eminentemente romanescos” também para Balzac, acreditar firmemente em tudo o que lhes contassem e aceitar o inverossímil como a mais pura verdade; aos homens, o pensamento; às mulheres, a ficção. Conclusão: o que conta é a opinião da leitora ou do leitor um pouco leitora, ou do leitor ainda criança. “O leitor já foi criança e talvez seja bastante feliz por ainda sê-lo”: essas palavras de Victor Hugo põem fim a todas as ressalvas possíveis; não só dispensam de dar mais espaço às objeções de ordem literária, como também formulam o problema puramente histórico da existência singular, ainda em nossos dias, de uma *Notre-Dame de Paris* delirante, contudo tão real quanto a catedral que tem esse nome, ou talvez mais; e mais ainda quando, do alto de seu concreto e de sua estupidez, as torres esmagarem a seus pés um monumento que só a releitura do romance poderá dar uma ideia do que foi.

Ainda ouço aquela mãe que, passando de ônibus pela área do adro, dizia com orgulho ao filho: “Está vendo, é ‘Notre-Dame de Paris’; e a criança – tendo o veículo mudado de direção – engana-se de monumento e contempla com admiração o prédio da chefatura de polícia. ”Notre-Dame de Paris“, e não catedral de Paris, tal como se diz catedral de Reims, de Chartres ou outra. ”Notre-Dame de Paris“, e acrescento com meus botões, completando e interpretando: ”de Victor Hugo”. História espantosa, e ainda não estudada, essa de um livro que virou monumento, da descrição prodigiosamente deformada do monumento a substituir o próprio monumento, de *Notre-Dame de Paris* de Victor Hugo a tomar o lugar da catedral de pedra! História espantosa da catedral de pedra a receber, em contrapartida, visitas, homenagens, preces que não se destinam a ela e, sobretudo, a despertar confusamente sentimentos pelos quais não é responsável e cujo rumor, na obscuridade de sua alma, deve horrorizá-la!

É uma catedral de terror essa de Victor Hugo, “a grave e potente catedral que aterroriza, no dizer de seus cronistas: *Quæ mole sua terrorem incutit spectantibus*”. A citação é de Du Breul. É única em sua espécie, e o romancista precisou de muita boa vontade ou sorte para encontrá-la. Tal como é em si mesma e tal como é descrita ao longo dos séculos, a catedral é majestosa, grandiosa, imensa, mas nunca aterrorizante. Torna-se assim com Victor Hugo. Já na primeira página do livro, ela é marcada pela fatalidade, “estigma de crime ou infelicidade no frontal da velha igreja”. Nada há nela que não se torne horrível. A rosácea, que para a Idade Média canta o paraíso, torna-se turbilhão infernal. O monstruoso Quasímodo a encarna; ela é sua alma, a menos que ele seja a dela; a partir da morte de Quasímodo, ela é “como um crânio onde há ainda as cavidades dos olhos, porém não mais o olhar”. Entre os documentos que possibilitariam descrever essa substituição de uma imagem da catedral por outra, ou melhor, da realidade da catedral por uma imagem, a imagem que a imaginação de Victor Hugo impõe, a iconografia de Quasímodo ocuparia precisamente lugar importante: desenhos das sucessivas edições, estatuetas apreciadas nas imediações do adro de maneira similar ao que ocorre na Torre Eiffel, e reproduções tão fiéis de algumas gárgulas horríveis, que acabamos por acreditar que estas últimas são o retrato premonitório, imaginado pelos escultores da Idade Média, do corcunda do poeta. Mas nos próprios fatos históricos, ao longo dos anos que se seguiram à publicação do romance, são

muitos e extraordinários os vestígios de ódio que não podemos nos abster de relacionar com essa descrição sinistra. Durante os distúrbios ocorridos nas cercanias da prefeitura durante a epidemia de cólera de 1832, um pobre andrajoso exclama, estendendo o punho para as torres, como faziam já os vagabundos de 1432: “dá para acreditar que monumentos como esse foram construídos para mendigos?”.

Sem dúvida, na opinião de nosso tempo, a catedral de pedra não deixa de afirmar sua personalidade, sua verdade, contra essa presença da catedral do livro, contra esse duplo disforme que Victor Hugo lhe impingiu. Prova disso é uma sondagem do I.F.O.P.⁵, sobre a posição e o significado dos principais monumentos de Paris para os parisienses e os moradores da província. Enquanto o Arco do Triunfo é posto em primeiro lugar pelos provinciais, por expressar a grandeza nacional e o patriotismo, Notre-Dame tem primazia para os parisienses, porque a consideram seu monumento e a realização da ideia que têm de beleza. “Como a flecha de Notre-Dame está bonita esta manhã!” – escrevia, no momento de se precipitar do alto da Torre Eiffel, um desesperado cuja mensagem foi transcrita por um jornal, há alguns anos.

No entanto, a beleza não seria suficiente para criar essa presença. Há monumentos e catedrais igualmente belos, ou talvez mais, que não existem desse modo. Além disso, ao lado da beleza e da fé religiosa, há, na maneira de considerar esse monumento – como se vê, por exemplo, nessa sondagem –, o mistério que o sentimento religioso não basta para explicar, o enigma inscrito por Victor Hugo na frente de sua catedral, cujo sinal nossa catedral continua carregando: não um enigma histórico, não um problema de arqueologia ou arquitetura, como ocorre com outros monumentos, mas um problema de existência, de alma. Graças ao romancista, Notre-Dame, catedral dos parisienses, ainda em nossos dias tem uma existência, uma alma que não é de literatura, e que outros monumentos não têm no mesmo grau. Ela está ali, viva, sofrendo, protestando, proclamando. Basta ouvir o que as pessoas falam dela para ficar convencido. Ou então, nestes tempos de subversão dos lugares, tempos de sacrilégio, basta ler o que falam dela os documentos administrativos mais rebarbativos e irreligiosos. Ainda ouço Jules Romains, numa sessão da Commission des Sites⁶, diante de algum projeto aberrante, invocar a presença de Nossa Senhora, sua reprovação, sua maldição.

A beleza do livro e a imaginação do autor – coisas de que a história literária tirou grande proveito e sobre as quais nada mais há por dizer – não bastam para explicar esse estranho fenômeno, fenômeno que se mostra como único ou quase, se verificarmos, com base em textos, a maneira como a opinião pública considera outros monumentos famosos, em outros lugares, em outras cidades, em outras capitais. Ao lado da descrição que Victor Hugo quis e acreditou fazer “com alguma ciência e consciência” e sobretudo com uma imensa inventividade, existe a descrição que fez e não podia deixar de fazer, por ser a descrição da Paris de seu tempo. Se a Idade Média por ele descrita tem tamanha veracidade, apesar de todas as críticas de literatura e história, se a catedral do romance impõe sua existência à catedral de pedra, é porque aquela Idade Média do século XV e de antes ainda existia em torno dele, na Paris em que ele vivia. Para descrevê-la, não precisou reconstituí-la com a ajuda de muitos infólios, bastou-lhe ir passear. Nem sequer precisou descrevê-la: a Paris ainda medievalesca em que vivia penetra em seu livro e deixa sua marca em todos os lugares. A influência irresistível da cidade, por razões que escapam à vontade do autor, será bem mais poderosa e espantosa nos *Miseráveis*: por certo decuplicada pela distância, pelo exílio. Mas ela já aparece em *Notre-Dame de Paris*: talvez não diante dos olhos da crítica literária, mas certamente diante dos olhos da história e até mesmo da descrição contemporânea de Paris.

Porque, de fato, trata-se de Paris, e não de Notre-Dame, a despeito do título do romance. É Paris – a Paris de Victor Hugo e a Paris muito mais duradoura por ele expressa – que confere existência a *Notre-Dame de Paris*: entenda-se com isso o conjunto do romance, ou a catedral que o romance descreve, ou a catedral verdadeira à qual a catedral imaginada confere estranha existência.

Tentemos escapar por um instante ao fascínio do título e do subtítulo: *Notre-Dame de Paris, 1482*. A descrição da catedral só aparece no Livro III. Vem carregada de uma documentação extraída de Du Breul e Sauval. Erudita, livresca, em suma, bem pouco interessante para quem já se entregou de corpo e alma ao romance: duvido que a “leitora” chegue até o fim; tenho certeza de que “a criança” saltará as páginas. Que contraste com “Paris em sobrevoo”, que vem em seguida. E que contraste com todo o livro! Assim como o capítulo “Notre-Dame” prepara “Paris em sobrevoo”, parece que a catedral não tem outro

objetivo nem outro interesse senão o de possibilitar contemplar a imensidão da cidade: de todas as belezas de Notre-Dame, a principal é “a vista de Paris que se descortinava do alto de suas torres”. *Notre-Dame de Paris* é Paris vista do alto de Notre-Dame. E em violento contraste com ela. Ela é horrível e disforme; Paris é pacífica e risonha: “era a hora em que as janelas mais matinais da grande cidade abriam-se graciosamente sobre seus telhados”; e quando, nas últimas páginas, o padre contempla o suplício da egípcia, “Paris é um magnífico e encantador espetáculo; e a Paris de então também era, sobretudo vista do alto das torres da Notre-Dame, à fresca claridade de uma aurora de verão”. A catedral é alucinação, delírio de imagens: suas torres pareciam “duas forjas gigantescas de um fogo de ciclopes” que “despertaria de longe o lenhador das colinas de Bicêtre, espantado de ver cambalear sobre o bosque” a “sombra gigantesca” das torres. Paris é a realidade. Decerto não a realidade da cidade da Idade Média, mas a da Paris ainda medievalsca onde vive Victor Hugo, Paris que deixa sua marca no livro, de modo bem mais profundo e talvez diferente do que o autor quisera ou acreditava. O que dá vida àquele passado é muito mais a influência determinante, digamos, o determinismo daquele presente, de um presente ainda carregado de passado, do que o esforço de “ciência e consciência” do autor sobre o próprio passado.

Aquela Paris é a Paris das pedras, das “pedras da Cité” como dizia Halbwachs, designando assim o meio material atual ou as atuais consequências materiais e morais do meio material antigo, mesmo que já desaparecido. O plano geral da cidade. A fisionomia dos bairros. A presença, no coração da cidade, das mais antigas ruas da Idade Média, daquelas ruas da Cité assoladas pela epidemia de cólera de 1832, ruas nas quais Eugène Sue enquadrava as primeiras cenas de *Os mistérios de Paris*. Itinerários em todos os sentidos, aqueles “itinerários ilógicos” dos quais falará Balzac, “ilógicos” já no romance de Victor Hugo. O panorama dos telhados, a escuridão que reina até em pleno dia, a umidade, a fumaça subindo por toda parte, esses são espetáculos e temas que encontramos nas “topografias médicas” da primeira metade do século XIX e, principalmente, na de Lachaise. E também a Paris subterrânea, ou melhor, aquela obsessão de uma Paris enterrada, escondida, criminosa por certo e certamente malsã, que, bem antes dos esgotos dos *Miseráveis*, habita os subsolos e os porões deste livro – “um longo corredor sombrio que serpenteava no palácio como o canal

intestinal de um velho prédio” –, tal como frequenta, ao longo dos séculos, a documentação parisiense, sobretudo em épocas de crise – durante a Revolução Francesa, por exemplo. E há também a Paris mágica, a Paris de Nicolas Flamel, que, ainda em nossos dias, tem suas mecenas e seus adeptos. Seria infundável desvendar no romance de Victor Hugo as marcas da Paris de seu tempo, tão legíveis quanto nas páginas policiais dos jornais ou nos outros grandes romances da época, de Balzac ou de Eugène Sue.

Tão legíveis quanto, mas de maneira diferente. Seria útil comparar, não só para proveito literário, as descrições de Victor Hugo e Balzac e, sobretudo, os procedimentos que visam a traduzir da melhor forma possível a realidade singular e a originalidade daquela paisagem. Em Balzac, ao que parece, prevalece o detalhe preciso e muitas vezes inesperado. Em Victor Hugo, sem dúvida a imagem. Mais exatamente dois tipos de imagem que giram ao redor do oceano de telhados e do emaranhado das ruas. Um emaranhado que ele ataca de todas as maneiras possíveis: é “o emaranhado de ruelas escuras” onde Gringoire se envisca, são “os meandros das velhas calçadas das Halles”, é o “dédalo inextricável de ruelas, de cruzamentos e becos sem saída que cerca o antigo sepulcro dos Saints-Innocents, e que parece um novelo de fio embaraçado por um gato. ‘São ruas sem muita lógica!’, pensou Gringoire, perdido nesses mil circuitos”. E muitas outras complicações, outras teias, outras tortuosidades. “Nas dobras sinuosas das velhas capitais”, ó Baudelaire!, “E o coração de uma cidade muda mais depressa, infelizmente...”. Essas imagens de Victor Hugo serão relidas, enoveladas bem devagar, abençoadas depois que os incorporadores tiverem varrido a área.

E além daquela Paris há também os parisienses. Não os que Victor Hugo imagina e constrói com todas as peças, embrutecidos e supersticiosos, maníacos por feitiçaria, ataviados de sentimentos mais bizarros que suas roupas, mais “século XV” que naturais; acompanhados às vezes por comentários estranhos, como por exemplo sobre aquele “não sei qual sentimento de dignidade ainda vaga e indistinta no século XV”, que nas grandes ocasiões revolve aquelas almas plebeias. Não esses, mas sim aqueles parisienses dos quais ele tem, como cada um deles, vivência ou intuição.

Isso não significa que em *Notre-Dame de Paris* se deva procurar pela

gente de 1830. Sem a menor dúvida, ela está lá. Em todos os momentos o autor se dirige a ela, para passar por cima dos séculos e incluí-la no drama. Já na primeira cena do livro: “Hoje faz 348 anos, seis meses e dezenove dias...”; e “Se nós, homens de 1830, pudéssemos nos misturar em pensamento a esses parisienses do século XV”. Mas essa presença não é a de uma história às vezes qualificada de “factual”. “Hoje faz 348 anos...” é como começa o romance. De fato, Victor Hugo escrevera: “Hoje faz, a 25 de julho de 1830...”. A revolução parisiense interromperia o trabalho. Este só seria retomado em 1º de setembro e terminado cinco meses depois, no começo de janeiro de 1831. Sabe-se que ele assistiu à sublevação de 20 de dezembro de 1830; é bem possível que pensasse nela ao narrar o assalto dos vagabundos. E como não reconhecer aqui e ali alusões aos acontecimentos? Em “Paris em sobrevoo”: “o rei cede somente quando o povo lhe arranca”. E em “O retiro onde o senhor Luís de França dizia suas horas...”, o diálogo entre Luís XI e o calceiro flamengo Coppenole: “Digo que Vossa Majestade talvez tenha razão em dizer que a hora do povo ainda não chegou aqui, à sua Bastilha.” “E quando virá essa hora, mestre?” “A majestade há de ouvi-la soar.” Ela soará primeiramente no torreão da Bastilha, mas também no momento exato em que Victor Hugo escreve seu livro, na atalaia da prefeitura de Paris.

No entanto, não é dessa maneira excepcional que os parisienses atuam mais notavelmente nesta narrativa. Se a gente de 1830 ou, mais geralmente, os contemporâneos de Victor Hugo e a população em meio à qual ele vive, que ele conhece e ama, desempenham um papel neste livro, é porque possibilitam ao autor coligir uma tradição de descrição parisiense que exprime em parte a realidade da cidade e, por outro lado, é também uma realidade: opinião sobre os parisienses que, apesar da evolução dos tempos, pouco muda ao longo dos séculos; que, da Idade Média a nossos dias, é o tema preferido da literatura, da mais elevada à mais vulgar; que corresponde à ideia que os parisienses têm de si mesmos e à ideia que se tem deles na França e fora dela; que molda o comportamento das pessoas, no mínimo porque o reflete; fato de opinião pública que é duplamente fato, porque registra e porque determina.

Pouco importam aqui as razões dessa continuidade e os matizes que, de acordo com as épocas, caberia dar a essa afirmação, ou melhor, a essa constatação. Mesmo que o autor não tenha consciência disso nem

o desejo, *Notre-Dame de Paris* – como todas as obras de todas as naturezas que, ao longo dos séculos, trataram da capital francesa – expressa uma perenidade parisiense, e aos historiadores cabe elucidar suas causas e ressaltar sua realidade. Atenção a certo tipo de distribuição da população por classes: por exemplo, “Claude Frollo não era um personagem qualquer. Ele pertencia a uma dessas famílias medianas que na linguagem impertinente do século XIX eram chamadas de modo indiferente de alta burguesia ou pequena nobreza”. Características dessas classes e aparência de seus representantes. O eterno burguês parisiense, o de Villon, assim como o de Mercier no fim do século XVIII, o de Balzac ou o de Daumier: rico, graúdo, gordo, dotado de mulher apetitosa – “essa classe de ricos comerciantes que fica entre o que os lacaios chamam ‘mulher’ e o que eles chamam ‘senhora’” – sempre “casado de pai para filho” e sempre um pouquinho corno. Não menos eterno é o povo. Tanto quanto a “parisiense”, incansável. E a perambulação curiosa, também chamada de flanância. E a grande liberdade de linguagem. E certa forma de inteligência. Há também os estudantes de Paris, perto dos quais os estudantes de 1968 parecem catecúmenos. E também “desses pequenos selvagens maltrapilhos que desde sempre agitam as calçadas de Paris sob o eterno nome de *gamins*”; estão em *Notre-Dame de Paris*, nos *Miseráveis*, em Balzac, em Villon – e, diga o que disser Victor Hugo, sob outro nome –, na documentação literária ou administrativa de Paris, na rua; chamam-se Pierre Gringoire, órfão aos seis anos, que nos pés só tinha por sola “as calçadas de Paris”; ou então Jehan Frollo que, tal como Gavroche [nos *Miseráveis*] na hora de morrer, começa a “rir [...] e a cantar, com sua intrépida negligência de um jovem de dezesseis anos, a canção então popular [...]”.

Por fim, nas últimas camadas e separado do povo por uma faixa intermediária – a propósito do qual Victor Hugo arrisca as primeiras variações sobre o significado da palavra miserável (“o arquidiácono [...] retomou: ‘O senhor, todavia, é bem miserável?’ ‘Miserável, sim; infeliz, não’”, respondeu Gringoire) – na extremidade inferior da sociedade, “a mais vil populaça de Paris, ladrões, mendigos, lacaios”. Sem dúvida são os vagabundos, os habitantes da Corte dos Milagres e daquele Reino do Calão cuja descrição em Victor Hugo nada mais é que uma compilação de Sauval, na qual nossa leitora e nosso leitor criança não se demoram muito – “*courtauds de boutanche* [larápios], coquillards [falsos

peregrinos que diziam ter vindo de Santiago de Compostela e vendiam conchas pelas ruas], hubins [mendigos que afirmavam ter sido curados de hidrofobia]” –, um doutor em gíria ficaria perdido. Mais do que esse bricabraque, a “extremidade inferior” designa o mundo do crime, aquele cujos feitos são relatados pela *Gazette des Tribunaux* (citada, aliás, por Victor Hugo), aquele que quase não muda, aquele que a cidade produz permanentemente e que em Paris difere do que existe em outras capitais do mundo.

A quem reconhecer em *Notre-Dame de Paris* uma imagem secular, duradoura e familiar da cidade e de seus habitantes ficará evidente que a releitura do romance, ou, “se ainda for criança” (como disse Victor Hugo), a sua descoberta admirada não demorará a sugerir outras observações, a despertar um interesse que não havia em passado recente.

As atuais transformações da capital, sua desfiguração, mais exatamente a irremediável destruição de uma cidade e a construção de alguma coisa que nada mais terá em comum com a cidade de ontem e de sempre, que de Paris só terá o nome, em suma, o fim de uma história urbana jamais interrompida desde “a ilha na encruzilhada dos caminhos” e o início de uma outra história que ninguém sabe o que virá a ser: como não pensar em tudo isso ao ler ou reler o que Victor Hugo escreveu sobre a fatalidade que, na forma de irreligião, interesse ou apenas estupidez, se abate sobre a catedral e principalmente sobre a cidade?

O que se ousa demolir, o que se ousa construir: “do que se passa em Paris, à nossa porta, sob nossas janelas, na grande cidade, na cidade letrada, na cidade da imprensa, do debate, do pensamento. [...] desses atos de vandalismo que todos os dias são projetados, debatidos, iniciados, continuados e levados, tranquilamente, a cabo sob nossos olhos, sob os olhos do público artista de Paris, defronte à crítica, que se desconcerta diante de tanta audácia [...]. Todos esses pedreiros se pretendem arquitetos, são pagos pela administração ou pelo povo e se vestem de verde”. Essas linhas figuram na nota introdutória da obra, acrescentada à edição definitiva. São de 1832. A crítica literária nem imagina como está certa ao qualificar Victor Hugo de visionário. Sua visão do futuro nada mais era que previsão.

1. A tradução do prefácio é de Ivone C. Benedetti. ↔ □
2. Louis Chevalier (1911-2001) foi eleito para o Collège de France em 1952, onde ocupou a cadeira de História e Estruturas Sociais de Paris entre 1952 e 1981. Em 1987 recebeu o Grand Prix da Académie des Sciences Morales et Politiques. [N.E.] ↔ □
3. Traduzido em português como *O cavaleiro da Escócia*. [N.T.] ↔ □
4. Encontra-se um resumo desses trabalhos no prefácio da edição Classiques Garnier, feito por Marius-François Guyard, e no da edição Garnier-Flammarion, por Léon Cellier. *A fantasia de Victor Hugo* é título e assunto de importante obra de J.-B. Barrère. [N.A.] ↔ □
5. Instituto Francês de Opinião Pública. [N.T.] “Paris: Une enquête psycho-sociale”, publicada em *Sondages*, nº 2, 1951. [N.A.] ↔ □
6. Comissão destinada à preservação do patrimônio natural e paisagístico. [N.T.] ↔ □

Notre-Dame de Paris
1482

Ao visitar, ou melhor, bisbilhotar Notre-Dame há alguns anos, o autor deste livro encontrou, num recanto obscuro de uma das torres, esta palavra gravada à mão na parede:

‘ΑΝΑΓΚΗ¹

Essas maiúsculas gregas, negras de tão antigas e profundamente entalhadas na pedra, e não sei quais sinais próprios à caligrafia gótica marcados em suas formas e em suas atitudes, como para revelar que fora uma mão da Idade Média que as escrevera ali, sobretudo o sentido lúgubre e fatal que elas encerram, impressionaram bastante o autor.

Ele se perguntava, tentava adivinhar qual alma sofrida não desejara abandonar este mundo sem deixar esse estigma de crime ou infelicidade no frontal da velha igreja.

Desde então, cobriu-se de reboco ou se raspou (não sei mais qual deles) a parede, e a inscrição desapareceu. Pois é assim que se procede há quase duzentos anos com as maravilhas da Idade Média. As mutilações lhes chegam de todas as partes, tanto de dentro como de fora. O padre as cobre, o arquiteto as raspa; depois, vem o povo e as demole. Assim, exceto pela frágil lembrança que lhe consagra o autor deste livro, hoje nada mais resta da palavra misteriosa gravada na sombria torre da Notre-Dame, nada do destino desconhecido que ela resumia tão melancolicamente. O homem que escreveu essa palavra na parede foi apagado há muitos séculos, há gerações; a palavra, por sua vez, foi apagada da parede da igreja; a igreja, ela mesma, em breve será apagada da Terra.

É a respeito dessa palavra que se fez este livro.

Fevereiro de 1831

1. *Anagké* ; palavra grega que significa fatalidade. [N.T.] ↔ □

NOTA ACRESCENTADA À EDIÇÃO DEFINITIVA (1832)

Anunciou-se por engano que vários capítulos *novos* foram acrescentados a esta edição. Seria necessário dizer *inéditos*. Decerto, se por novos entende-se *recentemente feitos*, os capítulos acrescentados não são *novos*. Eles foram escritos ao mesmo tempo que o restante da obra; datam da mesma época e vieram do mesmo pensamento, eles sempre fizeram parte do manuscrito de *Notre-Dame de Paris*. Inclusive, o autor não concordaria que desenvolvimentos novos fossem acrescentados posteriormente a uma obra deste gênero. Não se fez isto de forma gratuita. Um romance, segundo ele, nasce de uma maneira de certo modo necessária, com todos os seus capítulos; um drama nasce com todas as suas cenas. Não creiam que haja nada de arbitrário no número de partes de que se compõe este todo, este misterioso microcosmo a que chamam drama ou romance. O enxerto e a solda caem mal sobre obras desta natureza, que devem brotar de um só lance e permanecer inalteradas. Uma vez feita a coisa, não a reconsiderem nem a toquem mais. Uma vez que este livro foi publicado, uma vez que o sexo da obra, viril ou não, foi reconhecido e proclamado, uma vez que o infante nasceu e proferiu seu primeiro grito, ei-lo, fez-se assim, nada mais, nem pai nem mãe tem poder sobre ele, pertence ao ar e ao sol, deixem-no viver ou morrer como ele é. O livro é falho? Tanto pior. Não acrescentem capítulos a um livro falho. Ele é incompleto? É necessário completá-lo engendrando-o. Sua árvore é nodosa? Não a endireitem. Seu romance é tísico? Seu romance não é viável? Não lhe emprestem o sopro de que é falho. Seu drama nasceu manco? Acreditem em mim, não lhe metam em pernas de pau.

O autor atribui, portanto, um valor particular a que o público saiba com certeza que os capítulos acrescentados aqui não foram feitos expressamente para essa reimpressão. Eles não foram publicados nas precedentes edições do livro por uma razão bem simples. Na época em que *Notre-Dame de Paris* foi impresso pela primeira vez, o documento que continha esses três capítulos se extraviou. Era forçoso ou reescrevê-los ou prescindir deles. O autor considerou que os dois únicos capítulos que teriam certa importância por sua extensão seriam os capítulos de

arte e de história, que não entabulavam em nada com o fundo do drama e do romance; que o público não perceberia seu desaparecimento, e que somente com ele, o autor, estaria o segredo desta lacuna. Ele decidiu ir além. E depois, se é forçoso confessar, sua preguiça recuou diante da tarefa de reescrever três capítulos perdidos. Ele teria considerado suficiente que se fizesse um novo romance.

Hoje, os capítulos foram reencontrados, e ele aproveitou a primeira ocasião de recolocá-los em seu lugar.

Eis agora, portanto, sua obra inteira, tal como a sonhou, tal como a fez, boa ou má, durável ou frágil; todavia, como a deseja.

Sem dúvida, esses capítulos reencontrados terão pouco valor aos olhos das pessoas, aliás tão judiciosas, que buscaram em *Notre-Dame de Paris* apenas o drama, apenas o romance. Mas há, talvez, outros leitores que não acharam inútil estudar neste livro o pensamento sobre estética e filosofia; que se permitiram, lendo *Notre-Dame de Paris*, comprazer-se em deslindar sob o romance algo além do romance e seguir, que nos perdoem essas expressões um tanto ambiciosas, o sistema do historiador e a meta do artista através da criação tal como o poeta a concebeu.

É, sobretudo, para estes que os capítulos acrescentados nesta edição completam *Notre-Dame de Paris*, admitindo-se que *Notre-Dame de Paris* valha a pena ser completado.

Num desses capítulos, o autor exprime e desenvolve a decadência atual da arquitetura e a morte, segundo ele quase inevitável nos dias de hoje, desta arte-rainha, uma opinião, infelizmente, bem arraigada em seu íntimo e bem refletida. Porém, ele sente a necessidade de dizer aqui que deseja muito que o porvir um dia lhe mostre que se engana. Ele sabe que a arte, sob todas as suas formas, pode esperar tudo das novas gerações, das quais se ouve brotar, em nossos ateliês, o gênio ainda em germe. O grão está plantado; a colheita, decerto, será bela. Ele apenas receia, e a causa pode ser vista no segundo tomo desta edição, que a seiva não seja mais extraída deste velho solo da arquitetura, que foi o melhor terreno da arte durante tantos séculos.

Entretanto, há hoje entre a juventude artistas tanto de vida, de potência e, por assim dizer, de predestinação que, em nossas escolas de arquitetura, em particular, neste momento, os detestáveis professores fazem, não somente sem saber, mas malgrado suas intenções, alunos que são excelentes; bem ao avesso do ceramista de que fala Horácio, o

qual meditava ânforas e produzia panelas. *Currit rota, urceus exit.*¹

Em todo o caso, porém, qualquer que seja o porvir da arquitetura, qualquer que seja o modo com que nossos jovens arquitetos resolvam um dia a questão de sua arte, à espera de monumentos novos conservemos os monumentos antigos. Inspiremos, se possível, à nação o amor pela arquitetura nacional. Eis, declara o autor, uma das metas principais deste livro; eis uma das metas principais de sua vida.

Notre-Dame de Paris abriu, talvez, certas perspectivas verdadeiras sobre a arte da Idade Média, sobre esta arte maravilhosa até o presente desconhecida de alguns ou, o que é ainda pior, mal conhecida por outros. O autor, no entanto, está bem longe de considerar cumprida a tarefa que, voluntariamente, ele se impôs. Em mais de uma ocasião, ele já pleiteou a causa de nossa velha arquitetura, já denunciou em voz alta tanto as profanações quanto as demolições, bem como as impiedades. Ele não se cansará. Decidiu retomar com frequência esse assunto. E irá retomá-lo. Ele será tão infatigável em defender nossos prédios históricos quanto nossos iconoclastas de escolas e academias estão renhidos em atacá-los; pois é deplorável se ver em quais mãos caiu a arquitetura da Idade Média e de que modo os estucadores do presente tratam a ruína dessa grande arte. É mesmo uma vergonha para nós, homens inteligentes, que os vemos fazer e nos contentamos em vaiá-los. E não se fala somente do que se passa na província, mas do que se passa em Paris, à nossa porta, sob nossas janelas, na grande cidade, na cidade letrada, na cidade da imprensa, do debate, do pensamento. Não podemos resistir à necessidade de assinalar, para terminar esta nota, alguns desses atos de vandalismo que todos os dias são projetados, debatidos, iniciados, continuados e levados, tranquilamente, a cabo sob nossos olhos, sob os olhos do público artista de Paris, defronte à crítica, que se desconcerta diante de tanta audácia. Acabou-se de demolir o arcebispado, construção de gosto duvidoso, o mal não é grande; todavia, juntamente com o arcebispado, demoliu-se a diocese, raro fragmento do século XIV, que o arquiteto demolidor não soube distinguir do resto. Ele jogou fora o trigo com o joio, sem distingui-los. Fala-se de destruir a admirável capela de Vincennes a fim de se fazer com as pedras não sei que fortificação de que Daumesnil, todavia, não necessita. Enquanto se gasta tanto reparando e restaurando o palácio Bourbon, este casebre, deixam o vento do equinócio estragar os magníficos vitrais da Sainte-Chapelle. Há alguns dias, viu-se um

andaime sobre a torre de Saint-Jacques-de-la-Boucherie; numa certa manhã, irá se descer nela a picareta. Encontrou-se um pedreiro para construir uma pequena casa branca entre as veneráveis torres do Palácio da Justiça. Encontrou-se um outro para castrar Saint-Germain-des-Prés, a feudal abadia de três campanários. Há de se encontrar um outro, não duvidem, para derrubar Saint-Germain-l'Auxerrois. Todos esses pedreiros se pretendem arquitetos, são pagos pela administração ou pelo povo e se vestem de verde. Todo mal que o falso gosto possa fazer ao verdadeiro gosto, eles fazem. No momento em que escrevemos – espetáculo deplorável! –, um deles toma as Tuileries, um deles fere Philibert Delorme em plena face; e não é, decerto, um escândalo menor de nosso tempo ver com que descaramento a pesada arquitetura deste senhor impressiona de forma contrária uma das mais delicadas fachadas do Renascimento!

Paris, 20 de outubro de 1832

1. A roda gira, um vaso sai. (Horácio, *Arte poética*, pp. 21-22.) Trata-se, evidentemente, da roda do ceramista. [N.T.] ↔ □

LIVRO PRIMEIRO

I. A GRANDE SALA

Hoje faz 348 anos, seis meses e dezenove dias que os parisienses acordaram ao carrilhão de todos os sinos nos três domínios: da Cité, da Universidade e da Cidade.

Esse 6 de janeiro de 1482 não é, no entanto, um dia de que a história tenha guardado lembrança. Não havia nada de notável no acontecimento que mobilizou, desde a manhã, os sinos e os burgueses de Paris. Não era nem um ataque de picardos ou borgonheses, nem uma relíquia conduzida em procissão, nem uma revolta de estudantes na vila de Laas, nem a chegada de *nosso dito tão temido Sua Majestade, senhor, o rei*, nem mesmo um belo enforcamento de ladrões e de ladras pela Justiça de Paris. Nem mesmo era a vinda inesperada, tão frequente no século XV, de certa embaixada adornada e pomposa. Havia apenas dois dias que a última cavalgada desse gênero, aquela dos embaixadores flamengos encarregados de concluir o casamento do delfim com Margarida de Flandres, fizera sua entrada em Paris, para tormento do senhor cardeal de Bourbon, que, a fim de agradar o rei, tivera que forjar amabilidade a toda essa rústica multidão barulhenta de burgomestres flamengos, regalando-os, em seu hotel de Bourbon, com *mui belas peças morais, satíricas e farsescas*, enquanto uma chuva pesada inundava à sua porta sua magnífica tapeçaria.

No dia 6 de janeiro, o que “colocara em comoção todo os populares de Paris”, como diz Jean de Troyes, foi a dupla solenidade, conjugada desde tempos imemoriais, do dia de Reis e da festa dos loucos.

Nesse dia, haveria fogueira comemorativa na Grève, plantação de maio na capela de Braque e mistério no Palácio da Justiça. Esse dia fora anunciado na véspera, ao som de clarins nas esquinas, pelos agentes do senhor preboste, em belos saios de rústicos panos roxos com grandes cruzes brancas no peito.

Desde a manhã, a multidão de burgueses e burguesas se encaminhava, então, de todas as partes, de lares e armazéns fechados, dirigindo-se a um dos três destinos designados. Cada um tomava seu partido, seja para a fogueira comemorativa, seja para o maio, seja para o

mistério. É necessário dizer, em elogio do antigo bom-senso dos habitantes de Paris, que a maior parte dessa multidão se dirigia à fogueira, a qual era bem a propósito da época; ou em direção ao mistério, que deveria ser representado na grande sala do palácio, toda coberta e fechada; e que os curiosos concordavam em deixar o pobre maio mal florido tremer de frio sozinho sob o céu de janeiro no cemitério da capela de Braque.

O povo afluía, sobretudo, nas avenidas do Palácio da Justiça, porque se sabia que os embaixadores flamengos, chegados na antevéspera, assistiriam à representação do mistério e à eleição do papa dos loucos, a qual seria realizada também na grande sala.

Nesse dia, não era fácil penetrar nessa grande sala, considerada então o maior espaço coberto do mundo (verdade é que Sauval não medira ainda a grande sala do Château de Montargis). A praça do palácio, coberta de gente, parecia aos curiosos das janelas um mar no qual cinco ou seis ruas, como embocaduras de rios, desaguavam a cada instante novos fluxos de cabeças. As ondas dessa multidão cada vez mais densa chocavam-se com os ângulos das casas que avançavam aqui e ali, como tantos promontórios, na bacia irregular da praça. No centro da alta fachada gótica¹ do palácio, havia uma grande escadaria, na qual subia e descia sem repouso uma dupla corrente, que, após ser quebrada pelo patamar intermediário, expandia-se em largas vagas pelas encostas laterais; a grande escadaria jorrava sem cessar na praça como uma cascata num lago. Os gritos, os risos, o tripúdio desses mil pés, faziam um grande barulho e um enorme clamor. De tempos em tempos, esse clamor e barulho redobravam; a corrente que impelia toda essa multidão na direção da grande escada retrocedia, confundia-se, turbilhonava. Era um empurrão de um arqueiro ou o cavalo de um sargento de um preboste que escoiceava para restabelecer a ordem; admirável tradição que o prebostado legou ao condestável, o condestável ao marechal, e o marechal à nossa polícia de Paris.

Às portas, às janelas, aos postigos, sobre os telhados, formigavam milhares de boas figuras burguesas, calmas e honestas, observando o palácio, observando a barafunda e nada pedindo além disso; pois muitas pessoas em Paris se contentam com o espetáculo dos espectadores, o que para nós é algo tão curioso quanto uma muralha atrás da qual se passa alguma coisa.

Se nós, homens de 1830, pudéssemos nos misturar em pensamento a

esses parisienses do século XV e entrar com eles, sacudidos, acotovelados, em trambolhão, nessa imensa sala do palácio, tão estreita em 6 de janeiro de 1482, o espetáculo não seria nem sem interesse nem sem encanto, e teríamos ao nosso redor coisas bem antigas, que, no entanto, pareceriam a nós todas novas.

Se o leitor consentir, ensaiaremos reencontrar com o pensamento a impressão que teríamos ao atravessar o limiar dessa grande sala, em meio a essa confusão em túnicas, saios e cotas de então.

E, de chofre, burburinho nos ouvidos, deslumbramento nos olhos. Acima de nossas cabeças, uma dupla abóboda em ogiva lambrisada em esculturas de madeira, pintada de azul e guarnecida de flores-de-lis em ouro; sob nossos pés, um pavimento alternativo de mármore branco e negro. A alguns passos de nós, um enorme pilar, em seguida um outro, depois mais outro; todos os sete pilares na extensão da sala sustentavam, no meio de sua largura, os capitéis da dupla abóboda. Em torno dos quatro primeiros pilares, viam-se barracas de mercadores, resplandcentes de vidro e quinquilharia; em torno dos três últimos, bancadas de troncos de carvalho, gastas e polidas pelas túnicas dos litigantes e pela toga dos procuradores. Ao redor da sala, ao longo da alta parede, entre as portas, e nos cruzamentos entre os pilares, havia uma interminável fileira de estátuas de todos os reis da França após Pharamond: os reis indolentes, os braços pendidos e os olhos baixos; os reis valentes guerreiros, a cabeça e as mãos corajosamente elevadas ao céu. Depois, nas longas janelas ogivais, vitrais de mil cores; nas largas saídas da sala, ricas portas finamente esculpidas; e tudo, abóbodas, pilares, paredes, alizares, lambris, portas, estátuas, recoberto de alto a baixo por uma esplêndida iluminura azul e ouro, que, já um pouco embaçada na época em que a vemos, teria quase desaparecido sob a poeira e as teias de aranha no ano de 1549, quando Breul a admirava ainda por sua tradição.

Que se represente agora essa imensa sala oblonga, iluminada de uma claridade baça de um dia de janeiro, invadida por uma multidão multicolorida e barulhenta, à deriva ao longo das paredes, em remoinho em torno dos sete pilares, e há de se ter uma ideia confusa do conjunto do quadro, cujos curiosos detalhes ensaiamos indicar com mais precisão.

Se Ravaillac não tivesse assassinado Henrique IV, com certeza não haveria peças do processo de Ravaillac arquivadas no cartório do

Palácio da Justiça; não haveria cúmplices interessados em fazer desaparecer tais peças; portanto, nem incendiários obrigados, na falta de melhores recursos, a porem fogo no cartório para queimar as peças; por conseguinte, não haveria o incêndio de 1618. O velho palácio estaria ainda de pé com sua velha grande sala; eu poderia dizer ao leitor “Vá vê-la”, e ambos seríamos dispensados, eu de fazer, ele de ler uma descrição exata. O que prova essa verdade nova: os grandes acontecimentos têm consequências incalculáveis.

Verdade é que seria bem possível no começo que Ravillac não tivesse cúmplices; em seguida, que seus cúmplices, se por acaso os tivesse, não tivessem parte no incêndio de 1618. Existem duas outras explicações bem plausíveis. Primeiro, a grande estrela inflamada, larga de doze polegadas, com um côvado de comprimento, que caiu, como se sabe, do céu sobre o palácio depois da meia-noite de 7 de março; e segundo, o quarteto de Théophile:

*Decerto, foi um triste drama
Quando em Paris a dama Justiça
Por tamanha gula e cobiça
Meteu todo o palácio em chama.*

O que quer que se pense desta tripla explicação política, física, poética do incêndio do Palácio da Justiça em 1618, o fato verdadeiro, infelizmente, é o incêndio. Resta bem pouca coisa hoje graças a esta catástrofe, graças, sobretudo, às diversas restaurações sucessivas que acabaram com o que ela poupou; resta bem pouca coisa dessa primeira morada dos reis da França, deste palácio primogênito do Louvre, já tão antigo na época de Filipe, o Belo, que nele se buscavam os traços dos magníficos prédios erguidos pelo rei Roberto e descritos por Helgaldus. Quase tudo desapareceu. Que se fez do quarto da chancelaria em que São Luís *consumou seu matrimônio*? Do jardim onde ele, com Joinville, fazia justiça vestido com um saio de chamalote, de uma sobreveste de tiritana sem mangas e sob um manto por cima de sandálias negras, deitado sobre tapetes? Onde está o quarto do imperador Sigismond? O de Carlos IV? O de João sem Terra? Onde está a escada em que Carlos VI promulgou seu édito de graça? A laje onde, em presença do delfim, Marcel degolou Robert de Clermont e o marechal de Champagne? O postigo onde foram laceradas as bulas do antipapa Bento e de onde

partiram aqueles que as trouxeram, inconvenientemente encapados e vestidos com mitra, cumprindo pena honorável por toda Paris? E a grande sala com seu douramento, seu azul, suas ogivas, suas estátuas, seus pilares, sua imensa abóboda toda recortada de esculturas? E o quarto dourado? E o leão de pedra que se mantinha à porta, a cabeça abaixada, o rabo entre as pernas, como os leões do trono de Salomão, na atitude humilhada que convém à força diante da justiça? E as belas portas? E os belos vitrais? E as fechaduras talhadas que desencorajaram Biscornette? E as delicadas marcenarias de Du Hancy?... Que fez o tempo e o que fizeram os homens com essas maravilhas? O que nos legaram de tudo isso, de toda essa história gaulesa, de toda essa arte gótica? Os pesados domos rebaixados do senhor de Brosse, esse desajeitado arquiteto do portão Saint-Gervais, isso referindo-se à arte; referindo-se à história, temos as lembranças indiscretas do grosso pilar, ainda retumbante das intrigas de Patrus.

Não é grande coisa.

Voltemos à verdadeira grande sala do verdadeiro antigo palácio.

As duas extremidades desse gigantesco paralelogramo estavam ocupadas: uma pela famosa mesa de mármore, tão longa, tão larga, tão grossa como nunca se viu, dizem os antigos documentos, num estilo que teria dado inveja a Gargantua, *tamanha fatia de mármore no mundo*; a outra pela capela onde Luís XI se fez esculpir ajoelhado diante da Virgem, e onde ele fez transportar, sem cuidar de deixar dois nichos vazios na fila das estátuas reais, as estátuas de Carlos Magno e de São Luís, dois santos que se supunham em crédito com o céu como reis da França. Essa capela, nova ainda, construída havia apenas seis anos, era toda no gosto encantador da arquitetura delicada, de escultura maravilhosa, de fina e profunda fioritura, que marca entre nós o fim da era gótica e se perpetua até a metade do século XVI nas fantasias feéricas da Renascença. A pequena rosácea aberta sobre o portal era, em particular, uma obra-prima de leveza e graça; uma estrela de renda, poderia se dizer.

No meio da sala, diante da grande porta, um escabelo bordado de ouro, apoiado à parede, e no qual era arranjada uma entrada particular através de uma janela do corredor do quarto dourado, foi elevado à representação do mistério para os enviados flamengos e os outros gordos personagens convidados.

Segundo o costume, o mistério devia ser representado sobre a mesa

de mármore. Ela foi disposta para isso desde a manhã; sua rica prancha de mármore, toda arranhada pelos tacões do rábula, suportava uma gaiola de madeira bem elevada, cuja superfície superior, acessível aos olhares de toda a sala, serviria de teatro, e cujo interior, encoberto por tapetes, seria o vestiário dos personagens da peça. Uma escada, ingenuamente colocada do lado de fora, estabeleceria a comunicação entre a cena e o vestiário e emprestaria seus íngremes degraus às entradas e saídas. Não havia personagem tão imprevisito, peripécia, jogo de cena que não se fizesse subir por essa escada. Inocente e venerável infância da arte e das máquinas.

Quatro sargentos do magistrado do palácio, guardiães a serviço dos prazeres do povo, tanto nos dias de festa quanto nos dias de execução, mantinham-se de pé nos quatro cantos da mesa de mármore.

A peça devia começar somente quando o grande relógio do palácio soasse a última batida do meio-dia. Era bem tarde, sem dúvida, para uma representação teatral; mas era necessário atender ao horário dos embaixadores.

Ora, toda essa multidão esperava desde a manhã. Um bom número desses honestos curiosos tiritava desde o começo do dia diante da grande escadaria do palácio; alguns afirmavam ter passado a noite sob a grande porta para serem os primeiros a entrar. A multidão se adensava cada vez mais e, como uma água que ultrapassa seu nível, começava a se avolumar ao longo das paredes, a encher em torno dos pilares, a transbordar sobre os entablamentos, sobre as cornijas, sobre os apoios das janelas, sobre todas as saliências da arquitetura, sobre todos os relevos da escultura. Também o desconforto, a impaciência, o aborrecimento, a liberdade de um dia de cinismo e de loucura, as querelas que rebentavam por qualquer motivo, um cotovelo pontudo, um tacão de ferro, a fadiga de uma longa espera, davam, já bem antes da hora em que os embaixadores deveriam chegar, um acento ácido e amargo ao clamor desse povo encerrado, encaixado, compactado, esmagado, asfixiado. Ouviam-se apenas queixas e imprecações contra os flamengos, o preboste dos mercadores, o cardeal de Bourbon, o magistrado do palácio, a senhora Margarida da Áustria, os sargentos de chicote, o frio, o calor, o mau tempo, o bispo de Paris, o papa dos loucos, os pilares, as estátuas, esta porta fechada, esta janela aberta; tudo era divertimento para os bandos de estudantes e lacaios disseminados na massa, que misturavam a todo esse descontentamento

sua impaciência, sua malícia e provocavam com alfinetadas o mau humor geral.

Havia um grupo desses alegres demônios que, após haver danificado a vidraça de uma janela, estava sentado audaciosamente sobre o cornijamento e, de lá, mergulhava, de tempo em tempo, seus olhares e suas troças para dentro e para fora da multidão da sala e da multidão da praça. Com seus gestos de paródia, seus risos estridentes, com apelos zombeteiros que trocavam de um lado a outro da sala com seus camaradas, era fácil julgar que esses jovens clérigos não partilhavam do aborrecimento nem da fadiga dos demais assistentes, e sabiam muito bem, para seu prazer particular, extrair do que tinham sob os olhos um espetáculo que lhes fizesse ter a paciência de esperar por outro.

– Pela minha alma, é você, Joannes Frollo de Molendino! – gritou um deles a uma espécie de pequeno diabo louro de alegre e maligna feição, agarrado aos acantos de um capitel. – Você é bem conhecido como Jehan du Moulin, pois seus dois braços e suas duas pernas têm a aparência de quatro asas ao léu do vento. Então, há quanto tempo está aqui?

– Por misericórdia do diabo! – respondeu Joannes Frollo. – Estou aqui há mais de quatro horas e espero muito que elas me sejam descontadas em meu tempo de purgatório. Escutei os oito coristas do rei da Sicília entoarem o primeiro versículo da alta missa de sete horas na Sainte-Chapelle.

– Belos coristas! – retomou um outro que tinha a voz ainda mais aguda do que o próprio boné! – Antes de abrir uma missa ao senhor São João, o rei deveria se informar com certeza se o senhor João gosta do latim salmodiado com sotaque provençal.

– É para empregar esses malditos coristas do rei da Sicília que ele faz isso! – grita acidamente uma velha mulher entre a multidão abaixo da janela. – Digam-me: mil moedas por uma missa?! E ainda paga com os impostos do peixe do mercado de Paris!

– Trégua, velha! – retomou um gordo e grave personagem que tapava o nariz ao lado da vendedora de peixe. – É mais do que necessário rezar uma missa. Ou você quer que o rei caia de novo doente?

– Muito bem dito, senhor Gilles Lecornu, mestre peleiro das capas do rei! – gritou um pequeno estudante enganchado no capitel.

Um estardalhaço de risos de todos os estudantes acolheu o nome malfadado do pobre peleiro das capas do rei.

– Lecornu! Gilles Lecornu! – diziam alguns.
– *Cornulus et hirsutus* – replicou um outro.
– Oh! Sem dúvida – continuava o pequeno demônio do capitel. – De que riem? Honorável homem Gilles Lecornu, irmão do mestre Jehan Lecornu, preboste da residência do rei, filho do mestre Mahiet Lecornu, primeiro porteiro do bosque de Vincennes, todos burgueses de Paris, todos pais de família!

A gaiatice redobrou. O gordo peleiro, sem responder uma palavra, esforçava-se em se esconder dos olhares fixos de todos os lados sobre ele, mas suave e ofegava em vão; como um prego cravado na madeira, os esforços que fazia de nada serviam além de fincar ainda mais solidamente nos ombros de seus vizinhos sua larga face apoplética, rubra de despeito e cólera.

Enfim, um daqueles, gordo, baixo e venerável como ele, veio em seu socorro.

– Maldição! Os estudantes falam da sorte dos burgueses! No meu tempo, dava-lhes uma sova de vara, com a qual seriam queimados em seguida.

O bando inteiro desatou a rir.

– Eh, calma lá! Quem canta neste tom? Quem é a coruja que lamenta?

– Olhe lá, eu o reconheço – disse um. – É o mestre Andry Musnier.

– Pois ele é um dos quatro livreiros juramentados da Universidade! – disse outro.

– É tudo a quatro nesse comércio – gritou um terceiro. – As quatro nações, as quatro faculdades, as quatro festas, os quatro procuradores, os quatro eleitores, os quatro livreiros.

– Pois bem – retomou Jean Frollo –, é preciso lhes fazer o diabo a quatro.

– Musnier, queimaremos seus livros.

– Musnier, surraremos seu laçaio.

– Musnier, vamos enxovalhar sua mulher.

– A boa e gorda senhora Oudarde.

– Que é deleitosa e divertida como se fosse viúva.

– Que o diabo os carregue! – praguejou o mestre Andry Musnier.

– Mestre Andry – retomou Jehan, sempre pendurado no capitel –, cale essa boca ou caio na sua cabeça!

Mestre Andry elevou os olhos, parecendo, por um instante, medir a altura do pilar e o peso do rapaz, multiplicou mentalmente este peso

pelo quadrado da velocidade e se calou.

Jehan, senhor no campo de batalha, continuou com triunfo:

– É o que farei, pois sou irmão de um arqui-diácono!

– Grandes senhores, essa nossa gente da Universidade! Nem mesmo num dia como o de hoje respeita nossos privilégios! Enfim, há maio e fogueira na Cidade; mistério, papa dos loucos e embaixadores flamengos na Cité; e, na Universidade, nada!

– Todavia, a praça Maubert é tão grande! – retomou um clérigo, isolado no parapeito da janela.

– Abaixo o reitor, os eleitores e os procuradores! – gritou Joannes.

– É preciso – continuou um outro – fazer uma fogueira comemorativa com os livros de mestre Andry, no fim desta tarde no Champ-Gaillard.

– E com as escrivatinhas dos escribas! – disse seu vizinho.

– E com os bastões dos bedéis!

– E com a escarradeira do decano!

– E com os armários dos procuradores!

– E com as urnas dos eleitores!

– E com os escabelos do reitor!

– Abaixo! – retomou Jehan parodiando um bordão. – Abaixo mestre Andry, os bedéis e os escribas; os teólogos, os médicos e os decretadores; os procuradores, os eleitores e o reitor!

– É o fim do mundo! – murmurou mestre Andry, tapando os ouvidos.

– Vejam, o reitor! Ele passa pela praça – gritou um daqueles da janela.

Voltaram-se àquele que atravessava a praça.

– Será mesmo o nosso venerável reitor, o mestre Thibaut? – perguntou Jehan Frollo du Moulin, que, agarrado a um pilar do interior, não conseguia ver o que se passava do lado de fora.

– Sim, sim – responderam todos os outros –, é ele mesmo, mestre Thibaut, o reitor.

Eram, de fato, o reitor e todos os dignitários da Universidade, que chegavam com a gravidade de uma procissão diante da embaixada e atravessavam agora a praça do palácio. Os estudantes, espremidos na janela, acolheram-lhe a passagem com sarcasmos e aplausos irônicos. O reitor, que vinha à frente da comitiva, recebeu o primeiro ataque; e foi rude.

– Bom dia, senhor reitor! Eh, viva! Bom dia!

– Como ele faz para estar aqui, este velho jogador? Deixou seus

dados?

– Como ele trota sobre sua mula! Ela tem orelhas mais curtas do que ele.

– Eh, bom dia senhor reitor Thibaut! *Tybalde aleator!*³ Velho imbecil! Velho jogador!

– Deus lhe guarde! Fez muito duplo seis esta noite?

– Oh! Figura caduca, aferrada, atraída e derrotada pelo amor do jogo e dos dados!

– Aonde você vai assim, Thibaut, *Tybalde ad dados*⁴, dando as costas à Universidade e trotando em direção à Cidade?

– Ele vai, sem dúvida, buscar uma casa na rua Thibautodé – gritou Jehan du Moulin.

Todo o bando repetiu a graça em voz de trovão e aplausos furiosos.

– Você vai em busca de uma casa na rua Thibautodé, senhor reitor, jogador da partida do diabo?

Depois foi a vez dos outros dignitários.

– Abaixo os bedéis! Abaixo os maceiros!

– Diga-me, então, Robin Poussepain, quem é aquele lá?

– É Gilbert de Suilly, *Gilbertus de Soliaco*, o chanceler do colégio de Autun.

– Tome aqui meu sapato. Você está melhor colocado do que eu.

Taque na cara dele.

– *Saturnalitias mittimus ecce nuces.*⁵

– Abaixo os teólogos de sobrepelizes brancas!

– São estes os teólogos? Pensei que fossem seis gansos dados por Sainte Geneviève à cidade pelo feudo de Roogny.

– Abaixo os médicos!

– Abaixo as disputas cardeais e suas teses!

– A você, meu chapéu, chanceler de Sainte-Geneviève! Você me fez uma injustiça. É verdade, ele deu meu lugar na nação da Normandia ao pequeno Ascanio Falzaspada, que é da província de Bourges, pois é italiano.

– É uma injustiça – disseram todos os estudantes. – Abaixo o chanceler de Sainte-Geneviève!

– Eh! Mestre Joachim de Ladehors! Eh! Louis Dahuille! Eh! Lambert Hoctement!

– Que o diabo esgane o procurador da Alemanha!

– E os capelães da Sainte-Chapelle, com suas murças pardas; *cum tunicis grisis!*

– *Seu de pellibus grisis fourratis!*⁶

– Ê! Os mestres nas artes! Todas as belas capas negras! Todas as belas capas vermelhas!

– Que bela cauda fazem ao reitor.

– Parece um duque de Veneza indo às núpcias com o mar.

– Diga, então, Jehan! Os cônegos de Sainte-Geneviève!

– Ao diabo com a conegaria!

– Abade Claude Choart! Doutor Claude Choart! Será que você procura Marie la Giffarde!

– Ela está na rua de Glatigny.

– Ela faz a cama do rei dos devassos.

– Ela paga seus quatro dinheiros; *quatuor denarios*.

– *Aut unum bombum*.⁷

– Você quer que ela lhe pague na frente de todos?

– Camaradas! Mestre Simon Sanguin, o eleitor de Picardie, com sua mulher na garupa.

– *Post equitem sedet atra cura*.⁸

– Coragem, mestre Simon!

– Bom dia, senhor eleitor!

– Boa noite, senhora eleitora!

– Estão felizes de ver tudo isso! – disse suspirando *Joannes de Molendino*, sempre empoleirado em seu capitel

No entanto, o livreiro juramentado da Universidade, mestre Andry Musnier, inclinou-se ao ouvido do peleiro-forrador de capas do rei, mestre Gilles Lecornu.

– Eu lhe digo, senhor, é o fim do mundo. Jamais se viram excessos parecidos da estudantada. São as malditas invenções do século que deixam tudo a perder. As artilharias, as serpentinas, as bombardas e, sobretudo, a imprensa, essa outra peste da Alemanha. Basta de manuscritos, basta de livros! A imprensa mata a livraria. É o fim do mundo que chega.

– Eu me dou conta disso diante dos progressos dos tecidos de veludo – disse o negociante forrador.

Nesse momento, soou meio-dia.

– Aaah!... – fez a multidão em uma só voz.

Os estudantes se calaram. Depois, houve um grande rebuliço, um

grande movimento de pés e cabeças, uma grande detonação geral de tosses e lenços; cada um se ajeitou, postou-se, ergueu-se, reuniu-se. Em seguida, um grande silêncio; todos os pescoços se esticaram, todas as bocas se abriram, todos os olhares se dirigiram à mesa de mármore... Nada nela apareceu. Os quatro sargentos do magistrado continuavam lá, duros, imóveis como quatro estátuas pintadas. Todos os olhos se voltaram na direção do estrado reservado aos enviados flamengos. A porta permanecia fechada e o estrado, vazio. Essa multidão esperava desde a manhã três coisas: o meio-dia, a embaixada de Flandres, o mistério. Apenas o meio-dia chegou na hora certa.

Dessa vez foi demais.

Esperou-se um, dois, três, cinco minutos, um quarto de hora; nada vinha. O estrado permanecia deserto; o teatro, mudo. Todavia, à impaciência sucedeu a cólera. Os discursos irritados circulavam, mas ainda em voz baixa.

– O mistério! O mistério! – murmurava-se surdamente. As cabeças fermentavam. Uma tempestade que apenas retumbava pairava na superfície da multidão. Foi Jehan du Moulin que lançou seu primeiro raio.

– O mistério e ao diabo com os flamengos! – gritou ele com toda força de seus pulmões, contorcendo-se como uma serpente em torno de seu capitel.

A multidão batia palmas.

– O mistério – repetia ela –, e que Flandres vá para o inferno!

– Comecem agora o mistério – retomou o estudante –, ou será melhor enforcar o magistrado do palácio como forma de comédia e de moralidade.

– Muito bem dito – gritou o povo –, comecem enforcando os sargentos.

Todos aclamaram. Os quatro pobres-diabos começaram a ficar brancos e a se entreolhar. A multidão se agitava em sua direção, e eles viam já a balaustrada de madeira que os separava vergar e se curvar sob a pressão da multidão.

O momento era crítico.

– Ao saque! Ao saque! – gritavam de toda parte.

Nesse instante, a cortina do vestiário que descrevemos acima elevou-se e deu passagem a um personagem, que com um único olhar deteve subitamente a multidão e mudou, como por encantamento, a cólera em

curiosidade.

– Silêncio! Silêncio!

O personagem, muito pouco confiante e tremendo em todos os membros, avançou até a beira da mesa de mármore com tanta reverência que, à medida que se aproximava, arremedava cada vez mais as genuflexões.

No entanto, a calma pouco a pouco se restabeleceu. Não restava mais que o leve rumor que se desprende sempre do silêncio de uma multidão.

– Senhores burgueses – disse ele – e senhoritas burguesas, temos a honra de declamar e representar diante de Sua Eminência o senhor Cardeal uma mui bela moralidade, que se intitula *O bom julgamento da senhora Virgem Maria*. Eu faço o papel de Júpiter. Sua Eminência acompanha, neste momento, a embaixada tão honorável do senhor duque da Áustria, a qual se encontra retida nas portas de Baudets, escutando a arenga do senhor reitor da Universidade. Começaremos assim que o eminentíssimo cardeal chegar.

Certamente, bastou a intervenção de Júpiter para salvar os quatro infelizes sargentos do magistrado do palácio. Se tivéssemos a felicidade de ter inventado esta tão verídica história e, conseqüentemente, de ser responsável por ela perante Nossa Senhora a Crítica, não é contra nós que podemos invocar o preceito clássico: *Nec deus intersit*.⁹ De resto, as vestes do senhor Júpiter eram mui belas e não contribuíram pouco para acalmar a multidão, atraindo-lhe a atenção. Júpiter vestia uma cota de malha coberta com veludo negro de cravejamento dourado e tinha à cabeça um chapéu de duas pontas com botões de prata dourada; sua vermelha e grossa barba lhe cobria as duas metades da face. Não fosse o cilindro de papelão, semeado de quilhas e todo erizado de lantejoulas de ouropel que trazia à mão, no qual os olhos acostumados facilmente reconheciam o relâmpago, não fossem os pés encarnados e metidos em fitas à moda grega, podia-se compará-lo com um arqueiro bretão do exército do senhor de Berry.

II. PIERRE GRINGOIRE

Enquanto arengava, no entanto, a satisfação, a admiração excitada pelas suas vestes dissipou-se com suas palavras; e, quando se chegou a

esta malfadada conclusão: “Começaremos assim que o eminentíssimo cardeal chegar”, sua voz se perdeu numa tempestade de vaias.

– Comecem agora! O mistério! O mistério agora! – gritava o povo.

E, sob todas as vozes, escutava-se a de *Johannes de Molendino*, que atravessava o rumor como um pífaro no charivari de Nîmes:

– Comecem agora! – esganiçava o estudante.

– Abaixo Júpiter e o cardeal de Bourbon! – vociferavam Robin Poussepain e os outros clérigos empoleirados no cruzamento das ogivas.

– A moralidade já! – repetia a multidão. – Agora mesmo!

Rápido! À forca com os comediantes e o cardeal!

O pobre Júpiter, esgazeado, apavorado, pálido sob seu rubor, deixou cair seu relâmpago, pegou seu chapéu de duas pontas; em seguida, saudava e tremia balbuciando:

– Sua Eminência... os embaixadores... Senhora Margarida de Flandres... – Ele não sabia o que dizer. No fundo, temia ser enforcado.

Enforcado pela população por esperar, enforcado pelo cardeal por não ter esperado, ele via dos dois lados somente um mesmo abismo, ou seja, um mesmo cadafalso.

Felizmente, alguém lhe tirou do embaraço e assumiu a responsabilidade.

Um indivíduo que permanecia fora da balaustrada, no espaço livre ao redor da mesa de mármore, e que ninguém percebera, pois sua longa e magra pessoa estava completamente protegida de todo raio visual pelo diâmetro do pilar no qual estava encostada, esta pessoa, dizíamos, grande, magra, lívida, loura, ainda jovem por mais que sua testa e sua face fossem enrugadas, com olhos brilhantes e boca sorridente, portando uma antiga sarja negra, grossa e lustrosa, aproximou-se da mesa de mármore e fez um sinal ao pobre paciente. Mas o outro, interdito, não via.

O recém-chegado deu um passo à frente e disse:

– Júpiter! Meu caro Júpiter! O outro não escutava nada.

Enfim, o louro alto, impaciente, gritou-lhe quase sob o nariz:

– Michel Giborne!

– Quem me chama? – perguntou Júpiter, como quem acorda em sobressalto.

– Eu – respondeu o personagem vestido de negro.

– Ah! – disse Júpiter.

– Comece agora – retomou o outro. – Satisfaça o público; eu me encarrego de apaziguar o senhor magistrado, que apaziguará o senhor cardeal.

Júpiter respirou.

– Senhores burgueses – gritou com toda a força de seus pulmões à multidão que continuava a vaiair –, vamos começar agora.

– *Evoe, Juppiter! Plaudite, cives!* 10 – gritaram os estudantes.

– Aleluia! Aleluia! – gritou o povo.

Foi um bater de palmas ensurdecedor, e Júpiter estava de volta à sua cortina, enquanto a sala ainda tremia de aclamações.

No entanto, o personagem desconhecido que, de forma tão mágica, transformou a tempestade em bonança, como diz o nosso velho Corneille, estava modestamente de volta à penumbra de seu pilar, e aí ficaria, sem dúvida, invisível, imóvel e mudo como antes se não fosse atraído por duas jovens, as quais foram as primeiras ali a notar seu colóquio com Michel Giborne-Júpiter.

– Mestre – disse uma delas, fazendo-lhe sinal que se aproximasse...

– Cale-se, minha querida Liénarde – disse sua jovem vizinha, airosa e toda bem vestida por estar endomingada. – Ele não é um clérigo, é um laico; não se diz *mestre*, e sim *senhor*.

– Senhor – disse Liénarde.

O desconhecido se aproximou da balaustrada.

– O que as senhoritas desejam de mim? – perguntou ele com solicitude.

– Oh, nada – disse Liénarde, bastante confusa. – É a minha vizinha Gisquette la Gencienne que deseja falar com o senhor.

– Não – retomou Gisquette, ruborizando-se. – É que Liénarde lhe chamou de *mestre*; eu lhe disse que se diz *senhor*.

As duas jovens abaixavam os olhos. O outro, que nada mais queria do que continuar a conversa, olhou-as sorrindo:

– As senhoritas não têm nada para me dizer?

– Oh! Nada absolutamente, nada – respondeu Gisquette.

– Nada – disse Liénarde.

O grande jovem louro deu um passo para se retirar, mas as duas curiosas não desejavam arredar dali.

– Senhor – disse Gisquette com o ímpeto de uma represa que se abre ou de uma mulher que toma uma resolução –, conhece este soldado que vai interpretar o papel da senhora Virgem no mistério.

– A senhorita quer dizer o papel de Júpiter? – retomou o anônimo.
– Ah! Sim, ela é tola! – disse Liénarde. – Então, o senhor não conhece Júpiter?

– Michel Giborne? – respondeu o anônimo. – Sim, senhorita.
– Ele tem uma distinta barba! – disse Liénarde.
– Será belo o que eles vão dizer lá em cima? – perguntou timidamente Gisquette.
– Muito belo, senhorita – respondeu o anônimo sem a menor hesitação.

– O que será? – disse Liénarde.
– *O bom julgamento da senhora Virgem Maria*, nada menos que uma moralidade, senhorita.
– Ah! É diferente – retomou Liénarde.

Um curto silêncio se seguiu. O desconhecido o rompeu:
– É uma moralidade bem nova e que não foi apresentada ainda.
– Então não é a mesma que se deu há dois anos – disse Gisquette –, no dia da entrada do senhor legatário, em que havia três belas jovens fazendo as personagens...

– Das sereias – completou Liénarde.
– E completamente nuas – acrescentou o rapaz.
Liénarde abaixou com pudicícia os olhos. Gisquette a olhou e fez o mesmo. Ele prosseguiu sorrindo:

– Foi coisa muito agradável de se ver. Hoje, é uma moralidade feita expressamente para a senhorita de Flandres.

– Serão cantadas pastorinhas? – perguntou Gisquette.
– Arre! – exclamou o desconhecido –, em uma moralidade! É importante não confundir os gêneros. Se fosse uma sátira, seria bem apropriado.

– Que pena – retomou Gisquette. – Naquele dia, na fonte Ponceau, homens e mulheres selvagens se desafiavam e faziam muitas contendas cantando pequenos motetes e pastorinhas.

– O que convém a um legatário não convém a uma princesa – disse secamente o desconhecido.

– E perto deles – retomou Liénarde – vários instrumentos tangiam grandes melodias.

– E, para refrescar os passantes – continuou Gisquette –, a fonte jorrava por três bocas vinho, leite e hipocraz, e bebia quem quisesse.

– E, um pouco abaixo da fonte Ponceau, na Trinité, uma paixão sem

falas era interpretada – disse Liénarde.

– Sim, eu me lembro! – exclamou Gisquette. – Deus na cruz e os dois ladrões à direita e à esquerda!

Aqui, as duas comadres, animadas com a lembrança da entrada do senhor legatário, começaram a falar ao mesmo tempo.

– E, mais adiante, na porta dos Peintres, havia pessoas ricamente vestidas.

– E na fonte Saint-Innocent um caçador perseguia uma corça, com grande barulho de cães e de trompas de caça!

– E no matadouro de Paris os cadafalsos semelhavam à fortaleza de Dieppe!

– E, quando o legatário passou, você sabe, Gisquette, deu-se o ataque e cortaram as gargantas de todos os ingleses.

– E, defronte à porta fechada do Châtelet, havia tão belos personagens!

– E sobre o Pont-au-Change, que estava todo decorado!

– E, quando o legatário passou, soltaram a voar sobre a ponte mais de duzentas dúzias de todo tipo de pássaros; foi tão bonito, Liénarde.

– Será mais bonito hoje – retomou enfim seu interlocutor, que parecia escutá-las com impaciência.

– O senhor promete que este mistério será belo? – perguntou Gisquette.

– Sem dúvida – respondeu ele; em seguida, acrescentou com certa ênfase: – Senhoritas, sou eu o autor.

– Verdade? – disseram as jovens, pasmadas.

– Verdade! – respondeu o poeta ligeiramente orgulhoso. – Quer dizer, somos dois: Jehan Marchand, que serrou as tábuas e ergueu a estrutura do teatro e todo o revestimento; e eu, que fiz a peça. Eu me chamo Pierre Gringoire.

O autor do *Cid* não disse com tanta soberba: Pierre Corneille.

Nossos leitores puderam observar que decorreu já certo tempo desde a hora em que Júpiter entrou sob a cortina até o momento em que o autor da nova moralidade se revelou à admiração de Gisquette e Liénarde. Coisa a se notar: toda esta multidão, alguns minutos antes tão tumultuosa, esperava agora com mansidão, confiante nas palavras do comediante; o que prova esta verdade eterna e todos os dias ainda provada em nossos teatros, que o melhor meio de fazer o público esperar pacientemente é lhe garantir que se vai começar logo.

Todavia, o estudante Joannes não dormia.

– Eh! – gritou ele de repente no meio da passiva espera que sucedeu ao tumulto. – Júpiter, senhora Virgem, saltimbancos do diabo! Vocês estão zombando? A peça! A peça! Comecem, ou nós recomeçamos!

Foi o bastante.

Uma música de altos e baixos instrumentos se fez ouvir do interior do andaime; ergueu-se a cortina. Quatro personagens mosqueados e maquiados apareceram, subiram a íngreme escada do teatro e, ao chegarem à plataforma superior, colocaram-se em linha diante do público, que eles saudaram com grande reverência; então, a sinfonia silenciou. O mistério começava.

Os quatro personagens, depois de colherem largamente o pagamento de suas reverências em aplausos, começaram, no meio de um religioso silêncio, um prólogo de que poupamos, com boa vontade, o leitor. De resto, o que acontece ainda em nossos dias, o público se ocupava mais com as vestes que portavam do que com o papel que declamavam; em verdade, era justo. Todos os quatro estavam vestidos com túnicas metade amarela e metade branca, que se distinguiam apenas pela natureza do tecido; a primeira era em brocado, ouro e prata; a segunda em seda; a terceira em lã; a quarta em linho. O primeiro dos personagens trazia na mão direita uma espada; o segundo, chaves de ouro; o terceiro, uma balança; o quarto, uma enxada; e, para ajudar as inteligências preguiçosas que não teriam visto tão claramente através da transparência desses atributos, podia-se ler em grossas letras negras bordadas no vestido de brocado “Eu me chamo Nobreza”; no vestido de seda, “Eu me chamo Clero”; no vestido de lã, “Eu me chamo Mercadoria”; no vestido de linho, “Eu me chamo Labor”. O sexo das duas alegorias masculinas era claramente indicado a todo espectador judicioso pelas túnicas mais curtas e pelo gorro que traziam à cabeça, enquanto que as alegorias femininas, mais longas, tinham a cabeça coberta por um capuz.

Era necessária muita má vontade para não se compreender, através da poesia do prólogo, que Labor era casado com Mercadoria e Clero com Nobreza, e que os dois felizes casais possuíam em comum um magnífico delfim de ouro que pretendiam conceder somente à mais bela. Eles iam, então, pelo mundo buscando e rastreando essa beleza e, após terem rejeitado sucessivamente a rainha de Golconde, a princesa de Trebizonda, a filha do Grande-Khan da Tartária, etc., etc., Labor e

Clero, Nobreza e Mercadoria, vieram repousar sobre a tábua de mármore do Palácio da Justiça, declamando diante do honesto auditório tantas sentenças e máximas quanto as que eram proferidas na faculdade das artes nos exames, sofismas, defesas, figuras e atos com que os mestres recebiam seus chapéus de licenciados.

Tudo era, decerto, mui belo.

No entanto, nesta multidão para a qual as quatro alegorias dirigiam em desafio o fluxo de metáforas, não havia nenhum ouvido mais atento, nenhum coração mais palpitante, nenhum olhar mais esgazeado, nenhum pescoço mais esticado, do que os olhos, os ouvidos, o pescoço e o coração do autor, do poeta, deste bravo Pierre Gringoire, que um pouco antes não resistira à alegria de dizer seu nome às duas belas jovens. Ele se afastou delas alguns passos, atrás do seu pilar; e ali escutava, olhava, saboreava. Os benevolentes aplausos colhidos no começo de seu prólogo ressoavam ainda em suas entranhas, e ele estava bem absorto nessa espécie de contemplação estática com a qual o autor assiste a suas ideias caírem, uma a uma, da boca do ator no silêncio de um vasto auditório. Digno Pierre Gringoire!

Custa-nos dizê-lo, mas esse primeiro êxtase foi logo perturbado. Assim que Gringoire aproximou os lábios dessa taça embriagante de alegria e triunfo, uma gota de amargura se misturou a ela.

Um mendigo maltrapilho, malgrado, perdido que estava no meio da multidão e que não havia, sem dúvida, encontrado suficiente compensação nos bolsos de seus vizinhos, tivera a ideia de se empoleirar em algum ponto de evidência para atrair olhares e esmolas. Ele se elevou, então, durante os primeiros versos do prólogo, com a ajuda dos pilares do estrado reservado, até a cornija que margeava a balaustrada em sua parte inferior, e ali se sentou, solicitando a atenção e a piedade da multidão, com seus andrajos e uma ferida hedionda que lhe cobria o braço direito. Porém, não proferia palavra alguma.

O silêncio dele deixava prosseguir o prólogo sem obstáculo, e nenhuma desordem sensível sobreviria não fosse a infelicidade desejar que o estudante Joannes avistasse, do alto de seu pilar, o mendigo e suas momices. Um riso louco tomou o jovem brincalhão, que, sem se preocupar em interromper o espetáculo nem em turvar a concentração universal, gritou galhardamente:

– Olhem lá! Aquele pobre coitado pedindo esmola!

Alguém que jogasse uma pedra num charco de rãs ou disparasse um

tiro de fuzil em uma revoadada de pássaros pode fazer ideia do efeito causado pelas palavras disparatadas em meio à atenção geral. Gringoire estremeceu como se passasse uma corrente elétrica. O prólogo fora encurtado e todas as cabeças se voltaram em tumulto para o mendigo, que, longe de se desconcertar, viu neste incidente uma boa oportunidade de colheita e se pôs a dizer com um ar dolente, entrefechando os olhos:

– Caridade, por favor!

– Não acredito! Pela minha alma – retomou Joannes –, é Clopin Trouillefou.¹¹ Eh! Amigo, você levou para o braço a ferida que lhe incomodava a perna?

E, falando assim, atirou com uma destreza de macaco uma prata no chapéu gorduroso que o mendigo estendia com seu braço doente. O mendigo recebeu sem protestar a esmola e o sarcasmo, e continuou com um tom lamentoso:

– Caridade, por favor!

Esse episódio distraiu bastante o auditório. Inúmeros espectadores, Robin Poussepain e todos os clérigos aplaudiram gaiatamente esse duo bizarro que o estudante, com sua voz berrante, e o mendigo, com sua imperturbável salmodia, acabavam de improvisar no meio do prólogo.

Gringoire não gostou muito. Logo que retornou de sua primeira estupefação, começou a gritar aos quatro personagens em cena, sem se dignar a lançar um olhar de desdém aos dois interruptores:

– Continuem! Que diabo! Continuem!

Nesse momento, sentiu-se puxado pela borda de seu sobretudo, voltou-se, não sem certo humor, e teve dificuldade em sorrir; mas foi necessário. Era o belo braço de Gisquette la Gencienne, que, tendo atravessado a balaustrada, solicitava sua atenção.

– Senhor, será que eles vão continuar? – perguntou a jovem.

– Com certeza – respondeu Gringoire, um pouco chocado com a pergunta.

– Neste caso – retomou ela –, teria o senhor a cortesia de me explicar...

– O que vão dizer? – interrompeu Gringoire. – Pois bem, escute!

– Não – disse Gisquette –, mas o que eles disseram até agora.

Gringoire tomou-se de um sobressalto, como um homem que tem sua ferida aberta tocada por outro.

– Peste de jovem idiota e tapada! – disse ele entre dentes.

A partir de então, Gisquette se perdeu na alma de Gringoire.

Os atores, porém, obedeceram à sua injunção. O público, vendo que eles retomavam suas falas, voltava a escutar, não sem ter perdido força e beleza com a espécie de emenda que se fez entre as duas partes da peça, assim bruscamente cortada. Gringoire fazia em silêncio sua amarga reflexão acerca do ocorrido. No entanto, a tranquilidade se restabelecia pouco a pouco, o estudante se calava, o mendigo contava algumas moedas em seu chapéu, e a peça ganhava evidência.

Era, na realidade, uma bela montagem, da qual parece que poderíamos com certeza tirar partido em nossos dias, manejando alguns arranjos. A exposição um tanto longa e um tanto vazia, ou seja, segundo as regras, era simples; e Gringoire, no cândido santuário de seu íntimo, admirava-lhe a clareza. Como se suspeita, os quatro personagens alegóricos estavam um tanto fatigados de ter percorrido as três partes do mundo sem encontrar modo de se desfazerem, como convém, de seu delfim de ouro. Nessa altura, elogiaram o peixe maravilhoso, com mil alusões delicadas ao jovem noivo de Margarida de Flandres, então tristemente recluso em Amboise, sem suspeitar que Labor e Clero, Nobreza e Mercadoria, viriam dar a volta ao mundo por ele. O dito delfim, então, era jovem, belo, forte, e era sobretudo (magnífica origem de todas as virtudes reais) filho do leão da França. Declaro que essa metáfora arrojada é admirável e que a história natural do teatro, em dia de alegoria e de epitalâmio real, não se assusta, decerto, com um delfim filho de um leão. São justamente essas raras e pindáricas misturas que provam o entusiasmo. Contudo, para também exercer o papel da crítica, o poeta poderia desenvolver essa bela ideia com menos de duzentos versos. É verdade que o mistério deveria durar de meio-dia às quatro horas, segundo a ordem do senhor preboste, e que algo haveria de ser dito. Assim, escutava-se pacientemente...

De repente, em meio à querela entre a senhorita Mercadoria e a senhora Nobreza, no instante em que o mestre Labor pronunciava o verso mirífico “Jamais se viu na selva besta mais triunfante”, a porta do estrado reservado, que até então permanecia mal fechada, abriu-se de modo ainda mais impróprio; e a voz retumbante do porteiro bruscamente anunciou:

– Sua Eminência, monsenhor cardeal de Bourbon.

III. O SENHOR CARDEAL

Pobre Gringoire! O estrondo de todas as gordas duplas bombas de São João, a descarga de vinte arcabuses, a detonação da famosa serpentina da torre de Billy, que no tempo do cerco de Paris, o domingo de 29 de setembro de 1465, matou sete borgonheses de um só golpe, a explosão no canhão de toda a pólvora armazenada na porta do templo teriam ferido menos seus ouvidos nesse momento solene e dramático do que essas poucas palavras saídas da boca de um porteiro: “Sua Eminência, monsenhor cardeal de Bourbon.”

Não porque Pierre Gringoire temesse o senhor cardeal ou o desdenhasse. Ele não possuía nem essa fraqueza nem essa petulância. Francamente eclético, como se diria hoje, Gringoire era desses espíritos elevados, firmes, moderados e calmos que sabem se manter sempre à vontade em meio a tudo (*stare in dimidio rerum*), e que são plenos de razão e de filosofia liberal, tudo sem desconsiderar os cardeais. Raça preciosa e jamais interrompida de filósofos, aos quais a sabedoria, como uma outra Ariadne, parece ter dado um novelo de fio, que eles vão desfiando desde o começo do mundo através do labirinto das coisas humanas. Há desses em todos os tempos, sempre os mesmos, ou seja, sempre segundo sua época. E, sem contar nosso Pierre Gringoire, que os representava no século XV, se pudéssemos dar a ilustração que ele merece, certamente é seu espírito que animava o padre Du Breul quando escreveu no século XVI essas palavras inocentemente sublimes, dignas de todas as épocas: “Sou parisiense de nação e parisiense do falar, pois *parrhisia* em grego significa liberdade de falar, da qual fiz uso, mesmo me dirigindo a monsenhores cardeais, tio e irmão do monsenhor, o príncipe de Conty; ainda que com respeito à sua grandeza e sem ofender ninguém de sua comitiva, o que é muito.”

Não havia, portanto, nem raiva do cardeal nem desdém por sua presença na impressão desagradável que ela fez a Pierre Gringoire. Pelo contrário, nosso poeta possuía muito bom-senso e uma bata surrada o suficiente para não atribuir um preço particular às tantas alusões de seu prólogo, em particular a glorificação do delfim, filho do leão da França, fossem elas colhidas por um ouvido eminentíssimo. Mas não é o interesse que domina a nobre natureza dos poetas. Suponho que a entidade do poeta seja representada pelo número dez: decerto, um

químico, analisando-a e farmacopolizando, como disse Rabelais, dirá que é composta de uma parte de interesse contra nove partes de amor-próprio. Ora, no momento em que a porta se abriu para o cardeal, as nove partes de amor-próprio de Gringoire, mergulhadas e tumefatas ao sopro da admiração popular, estavam em um estado de crescimento prodigioso, sob o qual desaparecia, como que abafada, essa imperceptível molécula de interesse que distinguimos ainda hoje na constituição dos poetas; ingrediente precioso, de resto, lastro de realidade e de humanidade, sem o qual eles não tocariam a terra. Gringoire gozava de sentir, de ver, de apalpar, por assim dizer, um assembleia inteira de marotos, é verdade, mas pouco importa, estupefata, petrificada e como que asfixiada diante das incomensuráveis passagens que surgiam a cada instante de todas as partes de seu epitalâmio. Afirmando que partilhava ele mesmo da beatitude geral e que, ao contrário de La Fontaine, que na representação de sua comédia *Florentin* perguntava: “Quem é o canhestro que fez esta rapsódia?”, Gringoire teria perguntado com muito gosto ao seu vizinho: “De quem é esta obra-prima?” Pode-se julgar agora que efeito produziu sobre ele a brusca e intempestiva chegada do cardeal.

O que ele poderia temer se realizou em demasia. A entrada de Sua Eminência transtornou o auditório. Todas as cabeças se voltaram na direção do estrado. E ninguém ouvia mais nada:

– O cardeal! O cardeal! – repetiram todas as bocas. O prólogo infeliz foi cortado uma segunda vez.

O cardeal parou por um momento sobre o limiar do estrado. Enquanto dirigia um olhar bastante indiferente sobre o auditório, o tumulto redobrava. Cada um desejava vê-lo melhor. Vantagem de quem metesse a cabeça sobre o ombro do vizinho.

Era, decerto, um grande personagem, cujo espetáculo valeria uma outra comédia. Carlos, cardeal de Bourbon, arcebispo e conde de Lyon, prelado das Gálias, era ligado a Luís XI por seu irmão Pierre, senhor de Beaujeu, que esposou a filha mais velha do rei, e ao mesmo tempo aliado a Carlos, o Temerário, por sua mãe, Agnès de Borgonha. Ora, o traço dominante, o traço característico e distintivo do caráter do prelado das Gálias era o espírito de cortesão e a devoção aos poderosos. Podem-se estimar as inúmeras dificuldades que lhe valeu esse duplo parentesco e todos os escolhos temporais, entre os quais sua barca espiritual teve de bordejar para não se quebrar nem com Luís nem com

Carlos, esta Charybde e esta Scylla que devoraram o duque de Nemours e o condestável de Saint-Pol. Graças ao céu, ele se saíra muito bem dessa travessia e chegara a Roma sem obstáculo. Entretanto, qualquer que fosse o porto, ele não se lembraria jamais sem inquietude das ocasiões diversas de sua vida política, por tão longo tempo alarmada e laboriosa. Ele também tinha o costume de dizer que o ano de 1476 lhe fora *negro e branco*, dando a entender por essas palavras que perdera neste mesmo ano sua mãe, a duquesa de Bourbonnais, e um primo, o duque de Borgonha, e que um luto consolara o outro.

De resto, era um bom homem. Levava alegremente a vida de cardeal, alegrava-se com gosto com as videiras reais de Challuau, não odiava Richarde la Garmoise e Thomasse la Saillarde, era mais caridoso com as moças do que com as idosas e, por todas essas razões, era muito do agrado do povo de Paris. Só caminhava rodeado de uma pequena corte de bispos e abades de alta linhagem, galantes, licenciosos, andando em pândega quando necessário; e, mais de uma vez, ao passar à noite sob as janelas iluminadas da casa de Bourbon, as honestas devotas de Saint Germain de Auxerre escandalizaram-se de ouvir as mesmas vozes que à tarde lhes haviam cantado as vésperas e salmodiado, ao barulho das garrafas, o provérbio báquico de Bento XII, o papa que acrescentou uma terceira coroa à tiara: *Bibamus papaliter*.¹²

Foi, sem dúvida, essa popularidade, adquirida em tão justo título, que o preservou em sua entrada de toda má acolhida por parte da multidão agitada, tão descontente momentos antes e bem pouco disposta à reverência de um cardeal justamente no dia em que ela elegeria um papa. Mas os parisienses têm pouco rancor; ademais, a começar pela representação da autoridade, os bons burgueses importaram-na para o cardeal; e esse triunfo lhes bastava. Além disso, o senhor cardeal de Bourbon era um belo homem, possuía uma bela e robusta capa vermelha, que lhe caía muito bem; quer dizer que ele tinha para si todas as mulheres e, por consequência, a melhor metade do auditório. Certamente, seria injusto e de mau gosto vaiar um cardeal por fazer esperar um espetáculo, ainda mais quando ele é um belo homem e que porta tão bem sua capa vermelha.

Ele entrou então, saldou a assistência com o sorriso hereditário dos grandes dirigido ao povo, e se encaminhou a passos lentos na direção de sua poltrona de veludo escarlata, trazendo um ar de que se preocupava com qualquer outra coisa. Seu cortejo, o que chamamos

hoje seu estado-maior, de bispos e abades irrompeu, seguindo-o no estrado, não sem redobrar o tumulto e a curiosidade da plateia. Disputava-se quem os apontava e quem os nomeava; todos conheciam ao menos um; aquele, monsenhor Alaudet, bispo de Marseille, sim, tenho boa memória; aquele outro, o chantre de Saint-Dennis; aquele outro, Robert de Lespinasse, abade de Saint-Germain-de-Prés, irmão libertino de uma amante de Luís XI; e tudo com muito engano e cacofonias. Quanto aos estudantes, estes praguejavam. Era seu dia, sua festa dos loucos, sua saturnal, a orgia anual da tribuna e da escola. Nenhuma torpeza que não fosse de direito neste dia, e coisa sagrada. E ainda havia comadres loucas na multidão: Simone Quatrelires, Agnès la Gadine, Robine Piédébou.¹³ Afinal, quando mais se pode praguejar à vontade e amaldiçoar um pouco o nome de Deus senão num dia tão belo, em tão boa companhia de gente da Igreja e prostitutas? Assim, não se culpavam; e em meio ao zum-zum era assustador o carivari de blasfêmias e de anormalidades que escapavam de todas as línguas de clérigos e estudantes contidos no resto do ano pelo temor do ferro em brasa de São Luís. Pobre São Luís, com que desdém o tratavam em seu próprio Palácio da Justiça! Cada um deles tomava para si, dentre os recém-chegados no estrado, uma batina negra, ou cinza, ou branca, ou roxa. Quanto a Joannes Frollo de Molendino, em sua qualidade de irmão de um arqui-diácono, tomou para si, descaradamente, a vermelha e cantava aos berros, fixando os olhos insolentes no cardeal: *Cappa repelta mero!*¹⁴

Todos esses detalhes que desnudamos aqui para a edificação do leitor eram cobertos pelo rumor geral antes de chegar ao estrado reservado; aliás, o cardeal pouco se incomodou com eles, pois as liberdades desse dia eram costume. Havia, de resto, e sua expressão parecia muito preocupada, um outro inconveniente que o seguia de perto e entrou quase ao mesmo tempo que ele no estrado: o embaixador de Flandres.

Não que ele fosse profundamente político e que lhe conviessem as consequências possíveis do casamento da senhora sua prima Margarida de Borgonha com o monsenhor seu primo Carlos, delfim de Viena; quanto duraria o feliz acordo engessado do duque da Áustria e do rei da França, como o rei da Inglaterra tomaria esse desdém por sua filha, isso o inquietava pouco; ele se regalava toda noite com o bom vinho de Chaillot sem desconfiar que certos frascos desse mesmo vinho (um

pouco revistos e corrigidos, é verdade, pelo médico Coictier), cordialmente oferecidos a Eduardo IV por Luís XI, livrariam, em uma bela manhã, Luís XI de Eduardo IV. *A mui honorável embaixada do monsenhor duque da Áustria* não trazia ao cardeal nenhuma dessas preocupações, mas o importunava por um outro lado. Era, decerto, um pouco duro para ele, Carlos de Bourbon, e já dissemos algumas palavras sobre isso na segunda página deste livro, ser obrigado a fazer festa e dar boa acolhida a não sei quais burgueses; para ele, cardeal, a almotacéis; para ele, francês, alegre, conviva, a flamengos bebedores de cerveja – e tudo isso em público. Essa era, certamente, uma das mais fastidiosas hipocrisias que ele jamais pudera fazer para o bom prazer do rei.

Ele se voltou para a porta da maneira mais graciosa do mundo (tanto ele estudara a si mesmo) quando o porteiro anunciou com uma voz sonora: “Senhores, os enviados do senhor duque da Áustria.” Não é preciso dizer que a sala inteira fez o mesmo.

Então chegaram, dois a dois, com uma gravidade que contrastava em meio ao petulante cortejo eclesiástico de Carlos de Bourbon, os 48 embaixadores de Maximiliano da Áustria, tendo à frente o reverendo pai em Deus, Jehan, abade de Saint-Bertin, chanceler do Novelo de Ouro, e Jacques de Goy, senhor de Dauby, alto magistrado de Gand. Um grande silêncio se fez na assembleia, acompanhado de risos abafados, para ouvir todos os nomes extravagantes e todas as qualificações burguesas que cada um desses personagens transmitia imperturbavelmente ao porteiro, que lançava, em seguida, nomes e qualidades a esmo e tudo estropiado através da multidão. Era mestre Loys Roelof, almotacel da cidade de Louvena; lorde Clays de Etuelde, almotacel de Bruxelas; lorde Paul de Baeust, senhor de Voirmizelle, presidente de Flandres; mestre Jehan Coleghens, burgomestre da cidade de Antuérpia; mestre George de la Moere, primeiro almotacel da *kuere* da cidade de Gand; mestre Gheldolf van der Hage, primeiro almotacel de *parchons* da mesma cidade; e o senhor de Bierbecque, e Jehan Pinnock, e Jehan Dymaerzelle, etc., etc., etc., magistrados, almotacéis, burgomestres, burgomestres, almotacéis, magistrados: todos rígidos, afetados, engomados, endomingados de veludo e damasco, encapuzados de chapéus de veludo negro e grandes borlas de fio dourado de Chipre; boas cabeças flamengas, enfim, figuras dignas e severas, da mesma família daquelas a que Rembrandt deu relevos tão fortes e tão graves

sobre o fundo negro em sua *Ronda noturna*; personagens que portavam escritos na testa que Maximiliano da Áustria tinha razão de *confiar plenamente*, como dizia seu manifesto, em seus sentido, valor, experiência, lealdade e honestidade.

Exceto um, no entanto. Era um rosto fino, inteligente, refinado, uma espécie de focinho de macaco e de diplomata, diante do qual o cardeal deu três passos e prestou uma profunda reverência, e que se chamava no entanto apenas *Guillaume Rym, conselheiro e hóspede da cidade de Gand*.

Poucas pessoas sabiam quem era Guillaume Rym. Gênio raro que, em tempo de revolução, apareceria com brilho na superfície dos acontecimentos, mas que, no século XV, fora reduzido às cavernosas intrigas e a “viver nas minas”, como disse o duque de Saint-Simon. De resto, ele era apreciado pelo primeiro *mineiro* da Europa; ele *maquinava* de forma familiar com Luís XI e emprestava, não raro, sua mão às secretas tarefas do rei. Todas essas coisas totalmente ignoradas por esta multidão maravilhada com a polidez do cardeal dirigida a essa mesquinha figura do magistrado flamengo.

IV. MESTRE JACQUES COPPENOLE

Enquanto o pensionário de Gand e a eminência trocavam uma profunda reverência baixa e certas palavras em voz mais baixa ainda, um homem de alta estatura, face larga, costas potentes, apresentava-se para entrar à frente junto com Guillaume Rym; parecia um cão de guarda junto a uma raposa. Seu bicornio de feltro e sua veste de couro destoavam em meio aos veludos e à seda que o rodeavam. Presumindo que fosse algum cavaleiro enganado, o porteiro o deteve.

– Ei, amigo! Não pode passar por aqui.

O homem com a veste de couro o afastou com o ombro.

– O que este palhaço deseja de mim? – perguntou com um tom de voz que chamou a atenção da sala inteira para esse estranho colóquio.

– Você não vê que faço parte deles?

– Seu nome? – perguntou o porteiro.

– Jacques Coppenole.

– Sua qualificação?

– Calceiro, sob a insígnia de *Trois chaînes*, em Gand.

O porteiro recuou. Anunciar os almotacéis e os burgomestres, isso passa; mas, um calceiro, isso era duro. O cardeal pisava em ovos. Todo o povo escutava e olhava. Dois dias atrás, Sua Eminência se esforçava em bajular esses ursos flamengos para torná-los um pouco mais apresentáveis ao público, e agora mais essa. No entanto, Guillaume Rym, com seu fino sorriso, aproximou-se do porteiro:

– Anuncie mestre Jacques Coppenole, clérigo dos almotacéis da cidade de Gand – soprou-lhe bem baixo.

– Porteiro – retomou o cardeal em voz alta –, anuncie mestre Jacques Coppenole, clérigo dos almotacéis da ilustre cidade de Gand.

Foi seu erro. Guillaume Rym, sozinho, escamoteara a dificuldade; mas Coppenole ouviu o cardeal.

– Não, cruz-credo! – gritou ele com sua voz de trovão. – Jacques Coppenole, calceiro. Ouviu, porteiro, nada mais, nada menos. Cruz-credo! Calceiro é assaz belo. O monsenhor arquiduque mais de uma vez procurou suas luvas em meus fundilhos.

Risos e aplausos explodiram. Tão logo uma piada é compreendida em Paris, ela é aplaudida.

Acrescentemos que Coppenole era do povo, e que o público que o rodeava era o povo. Assim como a comunicação entre eles, imediata, elétrica e, por assim dizer, decidida. A altaneira altercação do calceiro flamengo, humilhando a gente da corte, agitou em todas as almas plebeias não sei qual sentimento de dignidade ainda vago e indistinto no século XV. Era um igual, esse calceiro que enfrentava o monsenhor cardeal! Reflexão que adoçara os ouvidos de pobres-diabos que estavam habituados ao respeito e à obediência para com os valetes de sargentos do magistrado da abadia de Sainte-Geneviève, caudatário do cardeal.

Coppenole saudou confiantemente Sua Eminência, que devolveu a saudação ao todo potente burguês temido de Luís XI. Depois, enquanto Guillaume Rym, “sábio homem e malicioso”, como dizia Philippe de Comines, seguia os dois com um sorriso de zombaria e de superioridade, cada um tomou seu lugar: o cardeal, todo confuso e preocupado; e Coppenole, tranquilo e altaneiro, pensando, sem dúvida, que, afinal, seu título de calceiro valia qualquer outro, e que Maria de Borgonha, mãe desta Margarida, que Coppenole esposou hoje, respeitá-lo-ia mais como um calceiro do que como um cardeal; pois não foi um cardeal que amotinou os indivíduos de Gand contra os favoritos da filha

de Carlos, o Temerário; não foi um cardeal que fortaleceu a multidão com uma palavra contra suas lágrimas e suas preces, quando a senhorita de Flandres veio suplicar seu perdão para seu povo aos pés de seu cadafalso; enquanto que, ao calceiro, bastara um simples gesto para fazer rolar as cabeças dos ilustríssimos senhores Guy d'Hymbercourt e o chanceler Guillaume Hugonet!

No entanto, ainda não era o fim para esse pobre cardeal, e ele devia beber até a última gota do cálice de estar em tão má companhia.

O leitor não pode esquecer o desavergonhado mendigo que se intrometeu, desde o começo do prólogo, nas franjas do estrado cardeal. A chegada dos ilustres convivas não o fez arredar e, enquanto os prelados e embaixadores se amontoavam em verdadeiras arengas flamengas nas estalas da tribuna, ele se colocou à vontade e cruzou ousadamente suas pernas na arquitrave. A insolência era rara, e no início ninguém se apercebera dela, a atenção estava voltada para outro lugar. Ele, por seu lado, não se apercebia de nada na sala; balançava sua cabeça com uma despreocupação de napolitano, repetindo de tempo em tempo, no rumor, como um hábito maquinal: "Caridade, por favor!" Ele era, com certeza, entre todos os presentes, o único a não se dignar voltar a cabeça para a alteração entre Coppenole e o porteiro. Ora, o acaso quis que o mestre calceiro de Gand, com quem o povo já simpatizava tanto e sobre quem todos os olhares estavam fixados, viesse se sentar precisamente na primeira fila do estrado, logo acima do mendigo; e não ficaríamos nem um pouco espantados de ver o embaixador flamengo, feita a inspeção do estranho colocado sob seus olhos, bater de maneira amigável nessas costas cobertas de andrajos. O mendigo se voltou. Houve surpresa, reconhecimento, desabrochar das duas faces, etc.; depois, sem se preocuparem nem um pouco com o mundo de espectadores, o calceiro e o achacado se olharam falando em voz baixa, dando-se as mãos, enquanto que os farrapos de Clopin Trouillefou, ostentados sobre o pano de ouro do estrado, davam o efeito de uma lagarta sobre uma laranja.

A novidade dessa cena singular excitou um tal rumor de loucura e de alegria na sala que o cardeal não tardou a perceber. Ele se inclinou e, apenas podendo entrever, de onde estava, o casaco ignominioso de Trouillefou, imaginou que o mendigo pedia esmola. Revoltado com a audácia, gritou:

– Senhor magistrado do palácio, jogue este palhaço no rio.

– Por Deus!, monsenhor cardeal – disse Coppenole, sem largar a mão de Clopin –, é um de meus amigos.

– Aleluia! Aleluia! – gritava a multidão.

A partir desse momento, mestre Coppenole teve em Paris, como em Gand, “grande crédito com o povo; pois pessoas de tanta importância o têm”, disse Philippe de Comines, “quando eles estão desordenados”.

O cardeal mordeu os próprios lábios. Inclinou-se na direção de seu vizinho, o abade de Sainte-Geneviève, e disse baixinho:

– Divertidos embaixadores estes que nos envia monsenhor arquiduque para nos anunciar madame Margarida!

– Vossa Eminência – respondeu o abade – perde sua polidez com estes focinhos flamengos. *Magaritas ante porcos*.¹⁵

– Diga – corrigiu o cardeal com um sorriso –, *Porcos ante Margaritam*.¹⁶

Toda a corte em sotaina se extasiou com o jogo de palavras. O cardeal se sentiu um pouco aliviado; estava vingado em relação a Coppenole e teve também sua piada aplaudida.

Agora, os nossos leitores que têm a capacidade de generalizar uma imagem e uma ideia, como se diz no estilo de hoje, permitam-nos lhes perguntar se visualizam com nitidez o espetáculo que oferecia, na ocasião em que desviamos sua atenção, o vasto paralelogramo da grande sala do palácio. No meio da sala, encostado à parede ocidental, um largo e magnífico estrado de brocado de ouro, no qual entraram em forma de procissão, por uma pequena porta ogival, os importantes personagens sucessivamente anunciados pela voz berrante de um porteiro. Sobre os primeiros bancos, a autoridade de veneráveis figuras, encasquetadas de arminho, veludo e escarlata. Em torno do estrado, que permanecia silencioso e digno, abaixo, à frente, por todos os lados, uma grande multidão e um grande rumor. Mil olhares do povo sobre cada face do estrado, mil cochichos sobre cada nome. Decerto, o espetáculo era curioso e bem merecia a atenção dos espectadores. Mas, bem abaixo, na outra ponta, o que foi feito daquela espécie de cavalete com quatro palhaços sarapintados em cima e quatro outros embaixo? Que foi feito, então, daquele homem de bata negra e pálida figura ao lado do cavalete? Que pena! Meu caro leitor, era Pierre Gringoire e seu prólogo.

Nós todos nos esquecemos dele.

Eis, justamente, o que ele temia.

No momento em que o cardeal entrara, Gringoire não parava de se agitar para salvar seu prólogo. Primeiro, dera ordem aos atores, mantidos em suspenso, para continuar e aumentar a voz; depois, vendo que ninguém escutava, ele os detera; e, após o quarto de hora que durara a interrupção, insistia em teimar, em se debater, em interpelar Gisquette e Liénarde, em encorajar seus vizinhos a acompanhar o prólogo; tudo em vão. Ninguém desviava os olhos do cardeal, da embaixada e do estrado, único centro deste vasto círculo de raios visuais. É preciso acreditar também, e dizemos isso com pesar, que o prólogo começava a entediar um pouco o auditório no momento em que Sua Eminência veio fazer a diversão de um modo tão terrível. Afinal, tanto no estrado quanto na mesa de mármore, encontrava-se sempre o mesmo espetáculo: o conflito entre Labor e Clero, entre Nobreza e Mercadoria. E muitos gostariam mais de ver tudo bem vivo, respirando, agitando, acotovelando-se, em carne e osso, nesta embaixada flamenga, nesta corte episcopal, sob a capa do cardeal, sob a veste de Coppenole, do que maquiados, ataviados, falando em versos e, por assim dizer, empalhados sob as túnicas amarelas e brancas com que os fantasiou Gringoire.

No entanto, quando nosso poeta viu que a calma foi um pouco restabelecida, imaginou um estratagema que salvaria tudo.

– Senhor – disse ele, voltando-se para um de seus vizinhos simples, um gordo homem de ar pacato –, e se recommêssemos?

– O quê? – perguntou-lhe o vizinho.

– Eh! O mistério – disse Gringoire.

– Como queira – respondeu o homem.

Esta meia-aprovação bastou para Gringoire, e ele então, fazendo a própria festa, começou a gritar, misturando-se ao máximo com a multidão:

– Recomecem o mistério! Recomecem!

– Diabo! – disse Joannes de Molendino – O que cantam eles aos berros lá embaixo? – Gringoire fazia um barulho que valia por quatro. – Digam-me, camaradas! O mistério ainda não acabou? Eles desejam recommê-lo? Isso não é justo.

– Não, não! – gritaram todos os estudantes. – Abaixo o mistério! Abaixo!

Mas Gringoire replicava e gritava cada vez mais forte:

– Recomecem! Recomecem!

Os clamores chamaram a atenção do cardeal.

– Senhor prelado do palácio – perguntou a um grande homem negro, que estava a alguns passos dele –, será que esses diabos estão diante da água benta para fazerem esse barulho infernal?

O prelado do palácio era uma espécie de magistrado anfíbio, um tipo de morcego da ordem judiciária, ao mesmo tempo um rato e um pássaro, um juiz e um soldado.

Aproximou-se de Sua Eminência e, não sem rezear seu descontentamento, explicou-lhe balbuciando a incongruência popular: que o meio-dia veio antes de Sua Eminência e que os comediantes foram forçados a começar sem esperar Sua Eminência.

O cardeal desatou a rir.

– Palavra de honra, o senhor reitor da Universidade deveria também ter feito a mesma coisa. Que diz você, mestre Guillaume Rym?

– Monsenhor – respondeu Guillaume Rym –, contentemo-nos de ter escapado a metade da comédia. É sempre um ganho.

– Esses marotos podem continuar a farsa? – perguntou o prelado.

– Continuem, continuem – disse o cardeal –; para mim tanto faz. Enquanto isso, lerei meu breviário.

O prelado avançou à beira do estrado e, após pedir silêncio com um gesto da mão, gritou:

– Burgueses, camponeses e habitantes, para satisfazer aqueles que desejam que recomece e aqueles que desejam que termine, Sua Eminência ordena que continue.

Era preciso que as duas partes se resignassem. No entanto, o autor e o público guardaram durante algum tempo rancor em relação ao cardeal.

Os personagens em cena retomaram, então, sua glosa, e Gringoire esperou que ao menos o resto de sua obra fosse ouvido. Essa esperança não tardou a ser decepcionada como suas outras ilusões; o silêncio foi, decerto, restabelecido tal qual no auditório, mas Gringoire não observara que, quando o cardeal ordenou a continuação, o estrado estava longe de estar preenchido e que, após os enviados flamengos, sobrevinham novos personagens que faziam parte do cortejo, cujos nomes e qualidades, lançadas em meio ao seu diálogo pelo grito intermitente do porteiro, produziam um estrago considerável. Imagine, em meio a uma peça de teatro, o latido de um porteiro lançando, entre duas rimas e, com frequência, entre os hemistíquios, parênteses como

estes:

“Mestre Jacques Charmolue, procurador do rei na corte da Igreja!”

“Jehan de Harlay, escudeiro, guarda do ofício da cavalaria de vigília noturna da cidade de Paris!”

“Lorde Galiot de Genoilhac, cavaleiro, senhor de Brussac, mestre da artilharia do rei!”

“Mestre Dreux-Raguier, comissário das águas e florestas do rei nosso senhor no país da França, Champagne e Brie!”

“Lorde Louis de Graville, cavaleiro, conselheiro e camareiro do rei, almirante da França, porteiro de Vincennes!”

“Mestre Denis le Mercier, guarda da casa dos cegos de Paris!” Etc., etc., etc.

Tornava-se insuportável.

Esse estranho acompanhamento, que dificultava o andamento da peça, indignava ainda mais Gringoire, quanto mais se convencia de que o interesse crescia cada vez mais e que, à sua obra, faltava apenas ser escutada. Era difícil imaginar um contexto mais engenhoso e dramático. Os quatro personagens do prólogo se lamentavam, em seu mortal embaraço, quando Vênus, em pessoa (*vera incessu patuit dea*17), apresentou-se a eles vestida com uma bela cota de malha armorejada com a nau da cidade de Paris. Ela viera reclamar o delfim prometido à mais bela. Júpiter, cujos trovões se ouviam troar no vestiário, apoiava-a e a deidade era levada, literalmente, a esposar o monsenhor delfim, quando uma jovem criança, vestida de damasco branco, tendo à mão uma margarida (diáfana personificação da senhorita de Flandres), veio lutar contra Vênus. Jogo de cena e peripécia. Após a controvérsia, Vênus, Margarida e os bastidores convieram de se colocar sob o julgamento da santa Virgem. Havia ainda um bom papel, aquele de dom Pèdre, rei da Mesopotâmia; mas, através de tantas interrupções, era difícil esclarecer a que ele servia. Tudo isso subia pela escada.

No entanto, estava tudo acabado. Nenhuma dessas beldades era ouvida e muito menos compreendida. Com a entrada do cardeal, dir-se-ia que um fio invisível e mágico desviou subitamente todos os olhares da mesa de mármore para o estrado na extremidade meridional do lado ocidental da sala. Nada tiraria o auditório desse encanto; todos os olhos permaneciam fixos, e os recém-chegados, e seus malditos nomes, e suas faces, e suas roupas, eram uma diversão contínua. Era desolador. Exceto Gisquette e Liénarde, que se desviavam de tempo em tempo

quando Gringoire lhes puxava pela manga; exceto o gordo vizinho pacato, ninguém escutava, ninguém encarava a pobre moralidade abandonada. Gringoire não via mais que perfis.

Com que amargor ele via desmoronar peça a peça toda sua pirâmide de glória e poesia! E pensar que este povo esteve a ponto de se rebelar contra o senhor prelado, impaciente por ouvir sua obra! E, agora que a tem diante de si, a despreza. Essa mesma apresentação que começou com tão grande aclamação! Eterno fluxo e refluxo da simpatia popular! Pensar que era preciso enforcar os sargentos do prelado! Que não daria ele por estar ainda nesta doce hora do passado.

O brutal monólogo do porteiro, porém, terminou; todo mundo chegara e Gringoire respirou; os atores continuaram corajosamente. Porém, eis que mestre Coppenole, o calceiro, levanta-se de repente, e Gringoire o ouve pronunciar, no meio da atenção universal, esta abominável arenga:

– Senhores burgueses e fidalgos de Paris, eu não sei, por Deus, que fazemos aqui. Vejo lá adiante, nesta extremidade, sobre a armação, pessoas que parecem querer se bater. Ignoro se é isso que os senhores chamam um *mistério*, mas não é nada divertido; eles tagarelam demais, e mais nada. Há um quarto de hora eu espero o primeiro golpe, e nada acontece; são uns covardes que só se agriDEM com injúrias. Precisamos trazer os lutadores de Londres ou de Rotterdam, e como! Vocês teriam murros que seriam ouvidos em qualquer lugar; mas, estes, tenham piedade. Eles deveriam nos dar ao menos uma dança mourisca, ou qualquer outra momice! Não foi isso que me disseram, prometeram-me uma festa dos loucos, a eleição do papa. Nós temos também nosso papa dos loucos em Gand, e nisso não devemos nada a vocês, por Deus! Mas eis como nós fazemos: juntamos uma multidão, como aqui; em seguida, cada um por seu lado mete a cabeça num buraco e faz uma careta aos demais; aquele que fizer a mais feia, com a aclamação de todos, é eleito o papa; é assim que fazemos! É muito divertido. Querem que façamos seu papa à moda de meu país? Será, com certeza, menos entediante do que ouvir esses tagarelas. Se eles quiserem fazer suas caretas na lucerna, estarão na brincadeira. Que dizem os senhores burgueses? Há aqui uma amostra bem grotesca dos dois sexos para que se ria à moda flamenga; e temos faces feias mais do que suficientes para esperar por uma bela careta.

Gringoire desejou retrucar; a estupefação, a cólera, a indignação, lhe

tiraram as palavras. Dessa vez, a moção do calceiro popular foi acolhida com tal entusiasmo por esses burgueses adulados de serem chamados de *fidalgos* que toda resistência era inútil. Não havia mais a fazer além de deixar seguir a torrente. Gringoire escondeu sua face com as mãos porque, infelizmente, não tinha manto para lhe cobrir a cabeça, como Agamenon de Timanto.

V. QUASÍMODO

Num piscar de olhos, tudo foi preparado para executar a ideia de Coppenole. Burgueses, estudantes, policiais ajudavam. A pequena capela situada diante da mesa de mármore foi escolhida para o teatro das caretas. Uma vidraça quebrada da bela rosácea sobre a porta deixou livre um círculo de pedra, pelo qual se convencionou que os concorrentes passariam a cabeça. Para alcançá-lo, bastava trepar sobre dois tonéis arranjados não sei onde, empilhados de qualquer jeito um sobre o outro. Foi decretado que cada candidato, homem ou mulher (pois poderia ser eleita uma papisa), para manter virgem e íntegra a impressão de sua careta, cobriria a face e a manteria escondida na capela até o momento de fazer a aparição. Em minutos, a capela se encheu de concorrentes, sobre os quais a porta se fechou.

De seu lugar, Coppenole ordenava tudo, dirigia tudo, arrumava tudo. Durante o alarido, o cardeal, não menos desconcertado do que Gringoire, havia se retirado logo em seguida, sob pretexto de negócios e vésperas, sem que a multidão, que sua chegada remexera tanto, percebesse sua partida. Guillaume Rym foi o único a notar a retirada de Sua Eminência. A atenção popular, como um sol, seguia sua revolução; parte de uma extremidade da sala, após ser detida por algum tempo no meio, estava agora na outra extremidade. A mesa de mármore, o estrado brocado, haviam tido seu momento; era a vez da capela de Luís – Doravante, o campo estava livre para toda loucura. Só havia flamengos e gentilha.

As caretas começaram. A primeira figura que apareceu na lucerna, com as pálpebras dobradas às avessas, uma boca escancarada, uma testa pregueada como nossas botas à moda dos hussardos do Império, fez estourar um riso tão indistinguível que Homero tomaria todos esses rudes como deuses. No entanto, a grande sala não tinha nada de um

Olimpo, e o pobre Júpiter de Gringoire sabia disso melhor do que qualquer um. Uma segunda e uma terceira careta sucederam, depois outra, e mais outra. E sempre os risos e o tripúdio de alegria redobravam. Havia nesse espetáculo não sei qual vertigem particular, não sei que potência de ebriedade e de fascinação, cuja ideia seria difícil dar ao leitor de nossos dias e de nossos salões. Que se imagine uma série de faces representando sucessivamente todas as formas geométricas, desde o triângulo até o trapézio, desde o cone até o poliedro; todas as expressões humanas, desde a cólera até a luxúria; todas as idades, desde as rugas do recém-nascido até as rugas da velha moribunda; todas as fantasmagorias religiosas, desde o fauno até o Belzebu; todos os perfis animais, desde a goela até o bico, desde a cabeça até o focinho. Que se representem todas as carrancas do Pont-Neuf, esses pesadelos petrificados sob a mão de Germain Pilon, tomando vida e sopro, e vindo, cada um à sua vez, olhar face a face com seus olhos ardentes; todas as máscaras do carnaval de Veneza sucessivas em nosso binóculo; em uma palavra, um caleidoscópio humano.

A orgia se tornava mais e mais flamenga. Teniers daria disso apenas uma ideia imperfeita. Que se imagine em bacanal a batalha de Salvator Rosa. Não havia mais nem estudantes, nem embaixadores, nem burgueses, nem homens, nem mulheres; não mais Clopin Trouillefou, não mais Gilles Lecornu, não mais Marie Quatrelivre, não mais Robin Poussepain. Tudo se apagava na licença comum. A grande sala não era mais do que uma fomalha de descaramentos e de jovialidade, em que cada boca era um grito; cada olho, um clarão; cada cara, uma careta; cada indivíduo, uma atitude; e o todo gritava e urrava. As caras estranhas que a todo momento vinham ranger os dentes na rosácea eram como uma tocha lançada no braseiro; e toda essa multidão efervescente saía como o vapor de uma fomalha, um rumor ácido, agudo, cortante, sibilante como as asas de um mosquito.

– Ei! Maldição!

– Vejam essa figura!

– Ela não vale nada!

– Outra!

– Guillemette Maugerepuis, veja este focinho de touro, faltam apenas os cornos. Não é seu marido.

– Outra!

- Pela barriga do papa! Que careta é esta?
 - Oh! É uma trapaça. Só se pode mostrar a cara.
 - Essa danada da Pernette Callebotte! Ela é capaz disso.
 - Aleluia! Aleluia!
 - Estou sufocando!
 - Vejam lá um que não consegue passar as orelhas!
- Etc., etc.

No entanto, é preciso ser justo com nosso amigo Jehan. Em meio a esse sabá, era possível ainda vê-lo no alto de seu pilar, como um grumete na gávea. Agitava-se com uma incrível fúria. Sua boca estava escancarada e dela saía um grito que não se ouvia, não que fosse coberto pelo clamor geral, por mais intenso que fosse, mas porque ele atingia o limite dos sons agudos perceptíveis, as doze mil vibrações de Sauveur, ou as oito mil de Biot.

Quanto a Gringoire, passado o primeiro impacto de abatimento, retomou coragem. Obstinou-se contra a adversidade. “Continuem!”, dissera pela terceira vez a seus comediantes, máquinas falantes; em seguida, caminhando a largos passos diante da mesa de mármore, tomavam-lhe fantasias para se mostrar na lucerna da capela, que fosse apenas pelo prazer de fazer uma careta para esse povo ingrato.

– Não, isso não é digno de nós; sem vinganças! Lutemos até o fim – repetia ele. – É grande o poder da poesia sobre o povo; vou reconquistá-los. Veremos quem vencerá, as caretas ou as belas-letras.

Que pena! Ela era o único espectador de sua peça.

E ainda pior do que antes. Via apenas costas.

Engano-me. O gordo e pacato homem, que ele já consultara em um momento crítico, permaneceu voltado na direção do teatro. Quanto a Gisquette e a Liénarde, desertaram depois de algum tempo.

Gringoire ficou tocado no fundo do coração com a fidelidade de seu único espectador. Aproximou-se dele, sacudindo-lhe ligeiramente o braço, pois o bravo homem estava apoiado na balaustrada e dormia um pouco.

- Senhor – disse Gringoire –, eu o agradeço!
- Senhor – disse o gordo homem com um bocejo –, pelo quê?
- Vejo o que lhe incomoda – retomou o poeta. – É todo este barulho que lhe impede de ouvir à vontade. Seu nome, por favor?
- Renault Château, guarda do selo do Châtelet de Paris, para lhe servir.

- O senhor é o único representante das musas – disse Gringoire.
- Bondade sua, senhor – respondeu o guarda do selo do Châtelet de Paris.
- O senhor é o único – retomou Gringoire – que escutou a peça como convém. O que achou dela?
- É!? – respondeu o gordo magistrado, recém-acordado, decerto muito alegre.

Era preciso que Gringoire se contentasse com esse elogio, pois a tempestade de aplausos misturados a uma prodigiosa aclamação cortou sua conversa. O papa dos loucos estava eleito.

– Aleluia! Aleluia! Aleluia! – gritava de todas as partes o povo.

Era, de fato, uma maravilhosa careta aquela que raiava agora no buraco da rosácea. Após todas as figuras pentagonais, hexagonais e heteróclitas que se sucederam na lucerna sem realizar este ideal do grotesco que se construía nas imaginações exaltadas pela orgia, era necessário para arrebatá-lo de vez o sufrágio que uma careta sublime assombrasse a assembleia. O próprio mestre Coppenole aplaudiu; e Clopin Trouillefou, que concorreu (e Deus sabe a intensidade que a feiura de sua face podia atingir), viu-se vencido. Nós faremos o mesmo. Não arriscaremos dar ao leitor uma ideia deste nariz tetraédrico, desta boca de ferradura, deste pequeno olho esquerdo obstruído por uma sobrancelha russa e eriçada, enquanto o olho direito desaparecia inteiramente sob uma enorme verruga; destes dentes desordenados, desfalcados aqui e ali como as ameias de uma fortaleza; deste lábio caloso sobre o qual um dos dentes se expandia como uma presa de elefante; desta queixada fendida; e, sobretudo, da fisionomia produzida sobre tudo isso; desta mistura de malícia, espanto e melancolia. Que se imagine, se possível, este conjunto.

A aclamação foi unânime; correram na direção da capela. Fizeram sair em triunfo o bem-aventurado papa dos loucos. Porém, foi então que a surpresa e a admiração chegaram ao cúmulo: a careta era seu rosto.

Ou melhor, toda sua pessoa era uma careta. Uma grande cabeça eriçada de cabelos ruivos; entre as duas espáduas, uma enorme corcova cuja repercussão se fazia sentir pela frente; um sistema de coxas e pernas tão estranhamente desencaminhadas que só se tocavam pelos joelhos e, vistas de frente, semelhavam duas lâminas de foices juntas pela mancheia; grandes pés, mãos monstruosas; e, com toda esta deformidade, não sei que aspecto temível de vigor, de agilidade e de

coragem; estranha exceção à regra eterna que deseja que a força, bem como a beleza, resulte da harmonia. Tal era o papa que os loucos elegeram.

Dir-se-ia um gigante quebrado e mal soldado.

Quando esta espécie de ciclope apareceu na soleira da capela, imóvel, maciço, quase tão largo quanto alto; “quadrado pela base”, como diz um grande homem; por seu sobretudo bipartido em vermelho e roxo semeado de guizos de prata, e, sobretudo, pela perfeição de sua feiura, o populacho o reconheceu de imediato e gritou em uníssono:

– É Quasímodo, o sineiro do campanário! É Quasímodo, o corcunda de Notre-Dame! Quasímodo, o caolho! Quasímodo, o coxo! Aleluia! Aleluia!

Via-se que o pobre-diabo podia escolher o apelido.

– Protejam as mulheres grávidas! – gritavam os estudantes.

– E as que desejam ser – completou Joannes.

E, de fato, as mulheres escondiam os rostos.

– Oh! Que macaco feio! – disse uma.

– Tão malvado quanto feio – acrescentou outra.

– É o próprio diabo – afirmou uma terceira.

– Tenho a infelicidade de morar próximo da Notre-Dame. À noite, eu o escuto rondar pelo beiral.

– Como os gatos.

– Ele está sempre sobre nossos tetos.

– Ele nos lança feitiços pelas chaminés.

– Certa noite, ele veio me fazer uma careta em minha lucerna. Pensei que fosse um homem. Tive tanto medo!

– Tenho certeza de que ele vai ao sabá. Certa vez, deixou uma vassoura na minha calha.

– Oh! Que cara horrível de corcunda!

– Oh! Mas que alma feia!

– Argh!

Os homens, ao contrário, estavam arrebatados e aplaudiam.

Quasímodo, objeto do tumulto, permanecia na porta da capela, de pé, sombrio e grave, deixando-se admirar.

Um estudante, Robin Poussepain, acredito, veio rir sob seu nariz. Quasímodo se contentou em apanhá-lo pela cintura e lançá-lo a dez passos através da multidão; tudo sem dizer uma palavra.

O mestre Coppenole, maravilhado, aproximou-se dele.

– Cruz credo! Santo Pai! Você possui a mais bela feiura que já vi em minha vida. Mereceria o papado não só em Roma como em Paris.

E, falando assim, pôs-lhe a mão galhardamente sobre as costas. Quasímodo não se mexeu. Coppenole continuou:

– Você é tão estranho que fico tentado a fazer uma farra, ainda que me custe caro. O que você acha?

Quasímodo não respondeu.

– Cruz-credo! – disse o calceiro. – Será que você é surdo?

Ele era, de fato, surdo.

No entanto, ele começava a se impacientar com os modos de Coppenole e se voltou, de repente, em direção a ele, com um rangido de dentes tão formidável que o gigante flamengo recuou, como um gato diante de um buldogue.

Fez-se então ao redor do estranho personagem um círculo de terror e de respeito que tinha pelo menos quinze passos geométricos de raio. Uma velha mulher explicou ao mestre Coppenole que Quasímodo era surdo.

– Surdo! – disse o calceiro com um largo riso flamengo. – Cruz-credo! É um papa perfeito.

– Eh! Eu o conheço – gritou Jehan, que enfim descera de seu capitel para ver Quasímodo mais de perto –, é o sineiro do campanário de meu irmão arquidiácono. Bom dia, Quasímodo!

– Diabo de homem! – disse Robin Poussepain, ainda contundido de sua queda. – Ele se mostra: é corcunda. Ele caminha: é coxo. Ele nos olha: é caolho. Você fala com ele: é surdo. Ah! O que foi feito da língua desse polifemo?

– Ele fala quando quer – disse a velha –, ficou surdo soando os sinos. Ele não é mudo.

– É o que lhe falta – observou Jehan.

– E tem um olho a mais – acrescentou Robin Poussepain.

– Não – disse judiciosamente Jehan. – Um caolho é bem mais incompleto do que um cego. Ele sabe o que lhe falta.

No entanto, todos os mendigos, todos os lacaios, todos os larápios, reunidos com os estudantes, buscaram, em marcha solene, a tiara de papelão e a bata derrisória do papa dos loucos. Quasímodo se deixou vestir sem pestanejar e com uma espécie de docilidade orgulhosa. Em seguida, fizeram-no sentar sobre uma padiola pintada. Doze oficiais da confraria dos loucos levantaram-no sobre suas doze costas; e uma

espécie de alegria amarga e desdenhosa veio se expandir sobre a face morosa do ciclope quando ele viu sob seus pés disformes as cabeças de homens belos, eretos e benfeitos. Em seguida, a procissão berrante e maltrapilha pôs-se em marcha para fazer, segundo o costume, a visita interior das galerias do palácio e, depois, a caminhada das ruas e dos cruzamentos.

VI. LA ESMERALDA

Estamos satisfeitos de ter que explicar a nossos leitores que, durante toda essa cena, Gringoire e sua peça não cederam. Seus atores, acoissados por ele, continuaram a declamar sua comédia, e ele não deixou de escutá-la. Parou de se importunar com a algazarra e estava determinado a ir até o fim, sem perder a esperança do retorno da atenção por parte do público. Esse fulgor de esperança se reanimou quando ele viu Quasímodo, Coppenole e o cortejo ensurdecador do papa dos loucos saírem com grande barulho da sala. A multidão lançou-se, avidamente, em seu encalço.

– Bom – disse a si próprio –, todos os desordeiros se vão.

Infelizmente, todos os desordeiros eram o público. E, num piscar de olho, a sala estava vazia.

A bem dizer, restavam ainda alguns espectadores em torno dos pilares, mulheres, velhos e crianças, cansados da algazarra e do tumulto. Alguns estudantes permaneceram montados no entablamento das janelas e olhavam a praça. “Pois bem”, pensou Gringoire, “há ainda gente suficiente para assistir ao final do meu mistério. São poucos, mas são da elite, um público letrado.”

Pouco depois, uma sinfonia que deveria produzir o maior efeito na chegada da santa Virgem não foi ouvida. Gringoire percebeu que sua música foi levada com a procissão do papa dos loucos.

– Adiante! – disse estoicamente.

Aproximou-se de um grupo de burgueses que lhe parecia se entreter com a peça. O pedaço de conversa que ouviu foi o seguinte:

– Mestre Cheneteau, você conhece o hotel de Navarre que era do senhor de Nemours?

– Sim, defronte à capela de Braque.

– Pois bem, o fisco o arrendou ao historiador Guillaume Alixandre

por seis libras e oito soldos parisienses por ano.

– Como os aluguéis aumentaram!

– Paciência! – disse consigo Gringoire, suspirando. – Os outros assistem.

– Camaradas – gritou de repente um daqueles fantasiados na janela. – La Esmeralda! La Esmeralda na praça!

Essas palavras produziram um efeito mágico. Todos os que restavam na sala se precipitaram nas janelas, trepando nas paredes para ver e repetindo:

– La Esmeralda! La Esmeralda!

Ao mesmo tempo, ouvia-se do lado de fora um forte som de aplausos.

– O que quer dizer La Esmeralda? – perguntou Gringoire, juntando as mãos com desolação. – Ah! Meu Deus! Agora parece que é a vez das janelas.

Voltou-se em direção da mesa de mármore e viu que a representação se interrompeu. Era justo o momento em que Júpiter devia aparecer com seus raios. Ora, Júpiter permanecia imóvel abaixo do teatro.

– Michel Giborne! – gritou o poeta, irritado. – O que faz aí? Não é seu papel? Suba, então!

– Eu ia subir – disse Júpiter –, mas um estudante pegou a escada.

Gringoire olhava. Era tudo verdade. Toda a comunicação entre o clímax e seu desenlace foi interceptada.

– O fantasiado! – murmurou. – E por que pegou a escada?

– Para ver La Esmeralda – lamentou Júpiter. – Ele disse “Ora, uma escada que ninguém está usando!” e a pegou.

Foi o último golpe. Gringoire o recebeu com resignação.

– Que o diabo os carregue! – disse aos comediantes. – Se eu for pago, vocês o serão.

E bateu em retirada, cabeça baixa, porém foi o último, como um general que fora combativo.

Enquanto descia as escadarias tortuosas do palácio, resmungava entre dentes:

– Que bela confusão de asnos e grosseiros são os parisienses! Vêm assistir ao mistério e não assistem a nada! Ocuparam-se com todo mundo: Clopin Trouillefou, o cardeal, Coppenole, Quasímodo e o diabo! Mas, com a senhora Virgem Maria, nada. Se eu soubesse, daria Virgens Marias a esses simplórios! E eu! Vim para ver rostos e vi apenas

costas! Ser poeta e ter o sucesso de um boticário! É verdade que Homero mendigou pelos povoados gregos e Nasão morreu no exílio entre os moscovitas. Mas quero que o diabo me parta se eu entendo o que eles querem dizer com La Esmeralda! O que são estas palavras? Será a cigana?

-
1. A palavra *gótica*, no sentido em que se emprega geralmente, é imprópria, mas consagrada. Nós a aceitamos, então, e a adotamos como todo mundo, por caracterizar a arquitetura da segunda metade da Idade Média, cuja ogiva é o princípio que sucede à arquitetura do primeiro período, em que o arco é o princípio gerador. [N.A.] ↔ □
 2. Cornudo e peludo. [N.T.] ↔ □
 3. Thibaut, o jogador. [N.T.] ↔ □
 4. Thibaut dos dados (ele joga dados). [N.T.] ↔ □
 5. Veja, nós enviamos as nozes saturnais. (Marcial, *Epigramas VII*, p. 91.) [N.T.] ↔ □
 6. Com seus forros cinzas de peles. [N.T.] ↔ □
 7. Ou uma bomba. [N.T.] ↔ □
 8. Atrás do cavaleiro está sentada a sombria inquietude. (Horácio, *Odes III*, p. 140.). [N.T.] ↔ □
 9. E que um deus não intervenha. (Horácio, *Arte poética*, pp. 191-192.) [N.T.] ↔ □
 10. Evoé, Júpiter! Palmas, cidadãos! [N.T.] ↔ □
 11. *Clopin* pode ser derivado de *clopiner*, que significa *mancar*, *coxear*, *trouille*, na Idade Média, possuía o significado de *cólica*; *fou* significa *louco*. [N.T.] ↔ □
 12. Bebamos lentamente (Bento XII amava, ao que parece, o bom vinho). [N.T.] ↔ □
 13. Os sobrenomes em francês são sugestivos quanto ao modo de vida dessas comadres: *Quatrelièvres* (Quatrolibras), *Gadine* (Porquinha), *Piédebou* (Pés para cima). [N.T.] ↔ □
 14. Capa (a capa dos cardeais) cheia de vinho. [N.T.] ↔ □
 15. As pérolas diante dos porcos. [N.T.] ↔ □
 16. Os porcos diante de Margarida. [N.T.] ↔ □
 17. A verdadeira deidade se reconhece por seu andar. [N.T.] ↔ □

LIVRO SEGUNDO

I. DE CHARYBDE A SCYLLA

A noite chega cedo em janeiro. As ruas já estavam sombrias quando Gringoire saiu do palácio. Essa noite sombria lhe agradou. Queria chegar logo a alguma rua obscura e deserta para meditar a seu gosto e para que o filósofo pousasse o primeiro curativo sobre a ferida do poeta. A filosofia era seu único refúgio, pois ele não sabia onde se abrigar. Após o escandaloso aborto de sua estreia teatral, não ousava voltar ao abrigo que ocupava, na rua Grenier-sur-l'Eau, defronte ao Porto de Feno, uma vez que o senhor preboste lhe daria por seu epitalâmio o equivalente aos seis meses de aluguel que ele devia ao mestre Guillaume Doulx-Sire, arrendatário do costume de pousadas de Paris, ou seja, doze soldos parisienses; doze vezes o valor que possuía no mundo, incluindo seu calção, sua camisa e seu bicornio. Depois de refletir por um momento, provisoriamente abrigado sob o pequeno postigo da prisão do tesoureiro da Sainte-Chapelle, na guarita que elegeria para a noite, tendo todas as calçadas de Paris à sua escolha, ele se lembrou de ter avistado, na semana anterior, na rua de la Savaterie, à porta de um conselheiro do Parlamento, um escabelo de montar em mula e de ter dito que essa pedra seria, na ocasião, um excelente travesseiro para um mendigo ou para um poeta. Agradeceu à providência por ela lhe ter enviado essa boa ideia; mas, como se preparava para atravessar a praça do palácio para ganhar o tortuoso labirinto da Cité, onde serpenteiam todas essas velhas irmãs, as ruas de la Barillerie, de la Vieille-Draperie, de la Salvaterie, de la Juiverie, etc., hoje ainda em bom estado, com suas casas de nove andares, ele viu a procissão do papa dos loucos, que saía do palácio e avançava através do átrio, gritando, com um clarão de tochas e sua música, sua, de Gringoire. Essa visão reavivou as feridas de seu amor-próprio; e ele fugiu. Na amargura de seu infortúnio dramático, tudo o que lhe lembrasse a festa do dia amargava ainda mais e fazia sangrar sua chaga.

Ele quis tomar a ponte Saint-Michel; as crianças corriam por ela com fogos e foguetes.

– Que o diabo carregue os fogos de artifício! – murmurou Gringoire e

desceu para o Pont-au-Change.

Nas casas que encimam a ponte, foram prendidas três bandeiras representando o rei, o delfim e Margarida de Flandres, e seis pequenas bandeirolas em que se retratavam o duque da Áustria, o cardeal de Bourbon, o senhor de Beaujeu, a senhora Jeanne de France, o senhor bastardo de Bourbon, e não sei quem mais; tudo sob a luz das tochas. A multidão admirava.

– Feliz pintor Jehan Fourbault! – disse Gringoire a si próprio dando um largo suspiro; e voltou as costas às bandeiras e às bandeirolas.

Havia uma rua diante dele. Ele a achou tão escura e abandonada que decidiu escapar por ela de toda repercussão bem como de todos os clarões da festa; e nela se meteu. Pouco depois, seu pé topou com um obstáculo; ele tropeçou e caiu. Era o ramo de maio que os clérigos do tribunal haviam depositado de manhã no Parlamento, à porta do presidente, em honra da solenidade do dia. Gringoire suportou heroicamente esse novo encontro; levantou-se e chegou à margem do rio. Depois de deixar atrás de si a torre civil e a torre criminal, e de ladear o grande muro dos jardins do rei, sob essa margem não pavimentada em que a lama lhe chegava ao tornozelo, chegou à ponte ocidental da Cité e observou por algum tempo a ilhota do Passeur-aux-Vaches, que desapareceu, em seguida, sob o cavalo de bronze e o Pont-Neuf. A ilhota lhe aparecia na sombra como uma massa negra, atrás do estreito curso d'água esbranquiçado que o separava dela. Nela, adivinhava-se, no brilho de uma luz fraca, uma espécie de cabana em forma de colmeia, onde o barqueiro das vacas se abrigava de noite.

“Feliz barqueiro!”, pensou Gringoire. “Você não pensa na glória e não faz epitalâmios! Que lhe importam reis que se casam e duquesas de Borgonha! Você não conhece outras margaridas senão as que sua relva de abril dá ao pasto de suas vacas! E eu, poeta, sou vaiado, e tremo de frio, e devo doze soldos; e minha sola é tão transparente que serviria de vidro a sua lanterna. Obrigado, barqueiro! Sua cabana repousa minha vista e me faz esquecer Paris!”

Ele foi despertado de seu êxtase quase lírico por um alto e duplo petardo de Saint-Jean, que partiu bruscamente da tão feliz cabana. Era o barqueiro das vacas que fazia sua parte entre os festejos do dia e lançara um fogo de artifício.

Esse petardo arrepiou a epiderme de Gringoire.

– Maldita festa! – gritou. – Vai me perseguir por todo canto? Oh, meu

Deus! Até na cabana do barqueiro das vacas!

Em seguida, olhou o Sena a seus pés e uma horrível tentação o tomou:

– Oh! Se a água não fosse tão fria, com gosto me afogaria! Então, tomou uma desesperada decisão. Como não podia escapar do papa dos loucos, das bandeirolas de Jehan Fourbault, dos ramos de maio, dos fogos lançados e dos petardos, decidiu se meter ousadamente no coração da festa e partir para a praça de Grève.

“Lá”, pensou, “ao menos vou poder me aquecer com a lenha da fogueira comemorativa e cear alguma migalha dos três grandes escudos de açúcar reais que devem ter montado sobre o banquete público da cidade.”

II. A PRAÇA DE GRÈVE

Hoje resta apenas um quase imperceptível vestígio da praça de Grève, tal como ela existia então: a encantadora pequena torre que ocupa o ângulo norte da praça e que, já coberta pelo reboco que empastela as vivas arestas de suas esculturas, talvez em breve desapareça, submersa nessa inundação de casas que devora tão rapidamente todas as velhas fachadas de Paris.

As pessoas que, como nós, nunca passam pela praça de Grève sem lançar um olhar de piedade e de simpatia a essa pobre torrezinha estrangulada entre dois casebres do tempo de Luís XV podem reconstruir facilmente em seu pensamento o conjunto de prédios ao qual ela pertencia e aí encontrar a velha praça gótica do século XV.

Era, como hoje, um trapézio irregular, margeado de um lado pelo cais e, dos três outros, por uma série de casas altas, estreitas e sombrias. De dia, era possível admirar a variedade de suas construções, todas esculpidas em pedra ou madeira, apresentando já completos modelos de diversas arquiteturas domésticas da Idade Média, remontando do século XV ao século XI, desde as janelas quadradas, que começavam a destronar a ogiva, até o arco romano, que fora suplantado pela ogiva e que ocupava ainda, abaixo dela, o primeiro andar dessa antiga casa de Tour-Roland, ângulo da praça sobre o Sena, do lado da rua de la Tannerie. À noite, distinguia-se nessa massa de prédios apenas a dentada negra de tetos que desdobravam ao redor da praça sua

corrente de ângulos agudos. Pois uma das diferenças radicais entre as cidades de então e as atuais é que hoje são as fachadas que olham as praças e as ruas e, outrora, eram pinheiros. Depois de dois séculos, as casas voltaram-se para si mesmas.

No centro do lado oriental da praça, elevava-se uma pesada e híbrida construção formada de três abrigos justapostos. Chamava-se de três nomes que explicam sua história, seu destino e sua arquitetura: Maison-au-Dauphin, porque o delfim Carlos V ali morou; Marchandise, porque servia de prefeitura; e Maison-aux-Piliers (*domus ad piloria*), por causa de uma sequência de grossos pilares que sustentavam seus três andares. A cidade encontrava lá tudo o que é necessário para uma boa cidade como Paris: uma capela para rezar a Deus; uma tribuna para conseguir audiência e pôr no devido lugar as gentes do rei; e, no extremo, um arsenal cheio de artilharia. Pois os burgueses de Paris sabem que não basta rezar e pedir pelas franquias da cidade em qualquer conjuntura, e eles têm algum arcabuz enferrujado sempre de reserva num celeiro do Hôtel de Ville.

A Grève possuía, desde então, esse aspecto sinistro que lhe conserva ainda hoje a ideia execrável que ela desperta, e o sombrio Hôtel de Ville de Dominique Boccador, que substituiu a Maison-aux-Piliers. É preciso dizer que uma força e um pelourinho permanentes, uma justiça e uma escada, como se dizia então, erguidos lado a lado no meio da calçada, contribuíam para desviarem os olhos dessa praça fatal, onde agonizaram tantos entes plenos de santidade e vida; onde nasceria, cinquenta anos mais tarde, essa *febre de Saint-Vallier*, essa doença de terror do cadafalso, a mais monstruosa de todas as doenças porque ela não vem de Deus, mas do homem.

É uma ideia consoladora, diga-se de passagem, pensar que a pena de morte, que há trezentos anos ainda atravancava com suas rodas de ferro, com suas forcas de pedra, com todos os seus apetrechos de suplícios permanentes e selados na calçada, na Grève e nas Halles, na praça Dauphine, na cruz do Trahoir, no Marché-aux-Pourceaux, nesse hediondo Montfaucon, na cancela dos Sargentos, na praça dos Gatos, na porta Saint-Denis, em Champeaux, na porta Baudets, na porta Saint-Jacques; sem contar as inumeráveis escadas de preboste, de bispo, de capítulos, de abades, de priores da Justiça; sem contar os afogamentos jurídicos do Sena; é consolador que hoje, depois de haver perdido todas as peças de sua armadura, seu luxo de suplícios, sua penalidade

de imaginação e de fantasia, sua tortura, a qual refazia a cada cinco anos um leito de couro no Grand-Châtelet, essa velha suserana da sociedade feudal, quase colocada fora de nossas leis e de nossas cidades, perseguida de código em código, caçada de praça em praça, não tenha mais em nossa imensa Paris senão um canto sem honra na Grève, uma miserável guilhotina, furtiva, inquieta, vergonhosa, que parece sempre acreditar ser pega em flagrante delito, para desaparecer rapidamente após cometer seu golpe!

III. *BESOS PARA GOLPES*

Logo que Pierre Gringoire chegou à praça de Grève, estava enregelado. Ele tomara o Pont-aux-Meuniers para evitar a multidão do Pont-au-Change e as bandeiras de Jehan Fourbault; mas as rodas de todos os moinhos do bispo enlameavam sua passagem e sua bata estava encharcada; parecia-lhe que o fracasso de sua peça lhe causava ainda mais frio. Assim, apressou-se para se aproximar da fogueira comemorativa que ardia magnificamente no meio da praça. Mas uma multidão considerável a rodeava.

– Malditos parisienses! – disse (pois Gringoire, como um verdadeiro poeta dramático, era dado a monólogos). – Obstruem o fogo! No entanto, eu preciso de um bom canto de lareira, meus sapatos estão encharcados e todos esses malditos moinhos choveram sobre mim! Ao diabo, o bispo de Paris e seus moinhos! Eu gostaria de saber o que um bispo pode fazer com um moinho! Será que espera fazer-se moleiro? Se para isso lhe falta apenas minha maldição, dou a ele, à sua catedral e aos seus moinhos! Veja se eles se preocupam, essa gentinha! Eu lhes pergunto o que fazem aí! Esquentam-se; grande prazer! Assistem à queima de um cento de lenha; belo espetáculo!

Examinando mais de perto, percebeu que o círculo era bem maior do que seria necessário para se esquentar ao fogo, e que essa afluência de espectadores não era atraída apenas pela beleza do cento de lenha que queimava.

Num vasto espaço deixado livre entre a multidão e a fogueira, uma jovem dançava.

Essa jovem era um ser humano, ou uma fada, ou um anjo, era o que Gringoire, filósofo tão cético, poeta tão irônico que era, não pode

decidir no primeiro momento, pois estava bastante fascinado com essa deslumbrante visão.

Ela não era alta, mas parecia, tanto seu fino talhe se lançava ousadamente. Era morena, mas se adivinhava que um dia sua pele teve esse belo reflexo dourado das andaluzas e das romanas. Seu pequeno pé também era andaluz, pois, bem ajustado, estava a gosto no gracioso sapato. Dançava, volteava, turbilhonava num velho tapete da Pérsia jogado negligentemente sob seus pés; e, cada vez que volteava, sua radiante figura passava diante de nós e seus grandes olhos negros lançavam-nos um clarão.

Ao seu redor, todos os olhares estavam fixos e todas as bocas, abertas; de fato, enquanto ela dançava ao soar do pandeiro que seus braços torneados e claros elevavam acima de sua cabeça, delgada, frágil e viva como uma vespa, com seu corpete dourado sem dobras, o vestido multicolor que se enfunava, com suas costas nuas, suas pernas finas, que sua saia descobria por instantes, seus cabelos negros, seus olhos de fogo, era uma criatura sobrenatural.

“Na verdade”, pensou Gringoire, “é uma salamandra, uma ninfa, uma deidade, é uma bacante do monte Menaleano!” Nesse momento, uma das tranças da cabeleira da salamandra se destacou, e uma peça de cobre amarelo que estava presa nela rolou por terra.

– Oh, não! – disse ele para si próprio –, é uma cigana.

Toda a ilusão desapareceu.

Ela começou de novo a dançar; apanhou na terra duas espadas, cujas pontas apoiou sobre a testa e fez uma girar em um sentido, enquanto ela girava em outro; era apenas uma cigana. Porém, por mais desencantado que estivesse Gringoire, o conjunto desse quadro não era sem prestígio nem sem magia; a fogueira a iluminava com uma luz cheia e rubra que tremia toda viva sobre o círculo de faces da multidão, sobre a fronte morena da jovem e, ao fundo da praça, lançava um lívido reflexo misturado às vacilações de seus ombros sobre a velha fachada negra e enrugada da Maison-aux-Piliers, de um lado, e sobre o braço de pedra do cadafalso, de outro.

Entre os mil rostos que esse fulgor tingia de escarlate, havia um que parecia, mais ainda do que todos os outros, absorto na contemplação da dançarina. Era a figura de um homem austero, calmo e sombrio. Esse homem, cuja roupa estava escondida na multidão que o rodeava, não parecia ter mais de 35 anos; no entanto, era calvo; apenas nas têmporas,

ele tinha alguns tufo de cabelos raros e já grisalhos; sua fronte larga e alta começava a se marcar de rugas, mas em seus olhos encovados brilhava uma juventude extraordinária, uma vida ardente, uma paixão profunda. Ele os mantinha pregados na cigana e, enquanto a louca jovem de dezesseis anos dançava e volteava para o prazer de todos, sentia seu devaneio se tornar mais e mais sombrio. Por vezes, um sorriso e um suspiro se encontravam em seus lábios, mas o sorriso era mais doloroso do que o suspiro.

A jovem, ofegante, parou, enfim, e o povo a aplaudiu com amor.

– Djali! – disse a cigana.

Então, Gringoire viu chegar uma pequena cabra branca, alerta, desperta, lustrosa, com chifres dourados, com pés dourados, com a coleira dourada, que ele ainda não percebera e que tinha permanecido deitada num canto do tapete olhando sua dona dançar.

– Djali – disse a cigana –, agora é sua vez.

E, sentando-se graciosamente, apresentou seu pandeiro à cabra.

– Djali – perguntou ela –, em que mês do ano estamos?

A cabra levantou sua pata dianteira e desferiu um golpe no pandeiro. Era, de fato, o primeiro mês. A multidão aplaudiu.

– Djali – retomou a jovem, virando seu pandeiro de um lado para o outro –, em que dia do mês estamos?

Djali levantou sua pequena pata dourada e desferiu seis golpes no pandeiro.

– Djali – continuou a cigana, sempre com um novo manejo do pandeiro –, que horas são agora?

Djali desferiu sete golpes. No mesmo instante, o relógio da Maison-aux-Piliers soou sete horas.

O povo estava maravilhado.

– Tem bruxaria nisso aí – disse uma voz sinistra na multidão. Era a do homem calvo que não tirava os olhos da cigana.

Ela estremeceu, voltou-se; mas os aplausos estouraram e cobriram a morosa exclamação.

Eles a apagaram tão completamente em seu espírito que ela continuou a interpelar a cabra.

– Djali, como faz o mestre Guichard Grand-Remy, capitão dos pistoleiros da cidade, na procissão de Chandeleur?

Djali ergueu-se sobre as patas traseiras e baliu, marchando com uma tão gentil austeridade que o círculo inteiro de espectadores caiu na

risada com essa paródia da devoção interessada do capitão dos pistoleiros.

– Djali – retomou a jovem, encorajada pelo sucesso crescente –, como prega mestre Jacques Charmolue, procurador do rei na corte da Igreja?

A cabra sentou sobre seu traseiro e baliu, agitando as patas dianteiras de tão estranha maneira que gesto, entoação, atitude, tudo nela era Jacques Charmolue, exceto o mau francês e o mau latim.

E a multidão aplaudia cada vez mais.

– Sacrilégio! Profanação! – retomou o homem calvo.

A cigana voltou-se mais uma vez.

– Ah! – disse ela. – É este homem feio!

Em seguida, alongando o lábio inferior para adiante do lábio superior, fez uma pequena careta que lhe parecia ser peculiar, piruetou sobre o salto e se pôs a colher no pandeiro os dons da multidão.

Choviam grandes e pequenas pratas, escudos e vinténs. De repente, ela passou diante de Gringoire. Este, de tão aturdido, pôs a mão em seu bolso, e ela esperou.

– Diabo! – disse o poeta, ao encontrar no fundo de seu bolso a realidade, ou seja, o vazio.

No entanto, a jovem estava lá, olhando-o com seus grandes olhos, estendendo-lhe seu pandeiro e esperando. Gringoire suava em bicas.

Se tivesse o Eldorado em seu bolso, certamente teria dado à dançarina; mas Gringoire não tinha o Eldorado e, aliás, a América ainda não fora descoberta.

Felizmente, um incidente inesperado veio em seu socorro.

– Você já vai, gafanhoto do Egito? – gritou uma voz ácida que partia de um canto sombrio da praça.

A jovem voltou-se, assustada. Não era a voz do homem calvo; era uma voz feminina, era uma voz beata e nociva.

De resto, esse grito, que causou medo à cigana, chamou a atenção de um grupo de crianças que circulava por lá.

– É a prisioneira da Tour-Roland – gritavam com risos desordenados –, a penitente rugel! Será que não ceou? Vamos dar a ela alguma coisa que sobrou do banquete da cidade!

Todos foram correndo para a Maison-aux-Piliers.

Gringoire aproveitara a confusão da dançarina para se eclipsar. O clamor das crianças lembrou-lhe de que ele também não ceara. Correu então para o banquete. Os pequenos brincalhões, porém, tinham

pernas melhores do que ele; quando chegou, haviam feito tábua rasa de tudo. Não sobrara um miserável *camichon* ¹ de cinco soldos por libra. Sobre a parede, havia somente as esbeltas flores de lis, entremeadas de roseiras, pintadas em 1434 por Mathieu Biterne. Tratava-se de uma magra ceia.

Dormir sem cear é bem importuno; e menos graça ainda havia em não saber onde dormir. Assim se encontrava Gringoire. Sem pão, nem leite, via-se pressionado por todos os lados pela necessidade e a achou muito rude. Descobriu, depois de muito tempo, esta verdade, que Júpiter criou os homens em um acesso de misantropia e que, durante toda a vida do sábio, seu destino manteve sua filosofia em estado de sítio. Quanto a ele, jamais vira o bloqueio tão completo; escutava seu estômago dar alarme e achava muito descabido que o malvado destino tomasse sua filosofia pela fome.

Esse melancólico devaneio o absorvia mais e mais até que um canto bizarro, ainda que pleno de doçura, arrastou-o bruscamente. Era a jovem cigana cantando.

E sua voz era como sua dança, como sua beleza. Era indefinível e encantadora; qualquer coisa de pura, de sonora, de aérea, de alada, por assim dizer. Era um contínuo desabrochar de melodias, de cadências insuspeitas, seguidas de frases simples semeadas de notas cortantes e sibilantes, depois de saltos de tons que teriam vencido um rouxinol, mas onde a harmonia era sempre reencontrada; em seguida, as brandas ondulações de oitavas, que elevavam e abaixavam como o seio da jovem cantora. Sua bela expressão seguia com uma mobilidade singular todos os caprichos de sua canção, desde a inspiração desenfreada até a mais casta dignidade. Parecia tanto uma louca quanto uma rainha.

As palavras que a jovem cantava eram de uma língua desconhecida para Gringoire e pareciam ser desconhecidas até mesmo para ela, pois a expressão que ela dava ao canto pouco se relacionava com o sentido das palavras. Assim, estes quatro versos em sua boca eram de uma alegria louca:

*Un cofre de gran riqueza
Hallaron dentro un pilar,
Dentro del, nuevas banderas
Con figuras de espantar.*²

E, um instante após, a entonação que ela dava a esta estância:

Alarabes de cavallo

Sin poderse menear, Con espadas, y los cuellos,

*Ballestas de buen echar.*³

Gringoire sentia as lágrimas virem aos olhos. No entanto, seu canto respirava, sobretudo, alegria e ela parecia cantar como um pássaro, com serenidade e indolência.

A canção da cigana turvou o devaneio de Gringoire, como o cisne turva a água. Ouvia-a com uma espécie de alegria e de esquecimento de tudo. Era, depois de horas, o primeiro momento em que não sofria.

O momento foi curto.

A mesma voz de mulher que interrompera a dança da cigana veio interromper seu canto.

– Não vai se calar, cigarra do inferno? – gritou ela, sempre do mesmo canto obscuro da praça.

A pobre cigarra parou de repente. Gringoire tapou os ouvidos.

– Oh! – gritou ele – Maldita serra desdentada que vem quebrar a lira!

No entanto, os outros espectadores murmuravam como ele:

– Ao diabo com a carola! – disseram alguns.

E a velha estraga-festas invisível poderia ter se arrependido de suas agressões contra a cigana se eles não tivessem sido distraídos pela procissão do papa dos loucos, que, após ter percorrido várias ruas e cruzamentos, desembocava na praça de Grève com todas as suas tochas e todo o seu rumor.

Essa procissão, que nossos leitores viram partir do palácio, organizou-se durante o caminho e recrutou todos os velhacos, ladrões, ociosos e errantes disponíveis em Paris; também ela apresentava um aspecto respeitável quando chegou à Grève.

Primeiramente, caminhava o Egito. Na frente, o duque do Egito a cavalo, com seus condes a pé, segurando o freio e o estribo; atrás deles, os egípcios e as egípcias a esmo, com suas pequenas crianças gritando sobre suas costas; todos, duque, condes, o populacho, em farrapos e ouropéis. Em seguida, o reino do calão; ou seja, todos os ladrões da França, escalonados por ordem de dignidade; os menores à frente. Desfilavam quatro a quatro, com diversas insígnias de seus graus nessa estranha faculdade, a maior parte estropiada, alguns mancos, outros

manetas, os fretes de garrafas, os falsos peregrinos, os clandestinos, os falsos epiléticos, os caloteiros, os falsos doentes, os devassos, os panacas, os hipócritas, os doentios, os irascíveis, os contrabandistas, os velhacos, os sem-pai, os sequazes, os chefes dos ladrões; enumeração que fatigaria Homero. No centro do conclave dos chefes dos ladrões e dos sequazes mal se distinguia o rei do calão, o grande líder dos vagabundos, acororado numa pequena charrete puxada por dois grandes cães. Após o reino do calão, vinha o império da Galileia, cujo imperador, Guillaume Rousseau, caminhava majestosamente com sua capa púrpura manchada de vinho, precedido por dançarinos ambulantes debatendo-se e dançando à moda pírrica, rodeado de bedéis, cúmplices e notários da câmara das finanças. Enfim, vinham os falsos doutores com seus ramos de maio coroados de flores, suas capas negras, sua música digna de um sabá e suas grossas lanternas de cera amarela. No centro dessa multidão, os grandes oficiais da confraria dos loucos portavam sobre suas costas uma padiola sobrecarregada de tantas tochas quanto a caçada de Sainte-Geneviève em tempos de peste; e, sobre essa padiola, resplandecia, desancado, encapado e mitrado, o novo papa dos loucos, o soador dos sinos da Notre-Dame, Quasímodo, o corcunda.

Cada uma das seções dessa procissão grotesca tinha sua música particular. Os egípcios faziam detonar seus balafons e seus tamborins da África. O bando do calão, raça bem pouco musical, vinha de viola, de trombeta e do gótico rubebe do século XII. O império da Galileia não era mais avançado; mal se distinguia em sua música alguma miserável rabeca da infância da arte, ainda aprisionada no *ré-lá-mi*. Mas era em torno do papa dos loucos que se desdobravam, em uma cacofonia magnífica, todas as riquezas musicais da época. Eram altos de rabeca, contraltos de rabeca, tenores de rabeca, sem contar as flautas e os metais. Ironia! Lembre-se o leitor de que era a orquestra de Gringoire.

É difícil dar uma ideia do grau de expansão orgulhosa e beata que o triste e hediondo rosto de Quasímodo atingia no trajeto do palácio à Grève. Era seu primeiro gozo de amor-próprio, o qual ele jamais provara. Só conhecera até então a humilhação, o desdém por sua condição, o nojo por sua pessoa. Embora fosse completamente surdo, saboreava, como um verdadeiro papa, as aclamações dessa multidão que ele odiava por se sentir odiado por ela. Que seu povo fosse uma cambada de loucos, estropiados, ladrões, mendigos, que importa? Era

sempre um povo; e ele, o soberano. E ele levava a sério todos esses aplausos irônicos, todos esses respeitos derrisórios, aos quais, devemos dizer, misturava, todavia, um pouco de medo bem real. Pois o corcunda era robusto; pois o coxo era ágil; pois o surdo era malvado: três qualidades que temperam o ridículo.

De resto, que o novo papa dos loucos se desse conta dos sentimentos que provava e dos sentimentos que inspirava, é o que estamos longe de acreditar. O espírito que se abrigava nesse corpo defeituoso tinha necessariamente algo de incompleto e de surdo. Assim, o que ele ressentisse nesse momento era-lhe bastante vago, indistinto e confuso. Somente a alegria trespassava, o orgulho dominava. Em torno dessa sombria e infeliz figura, havia esplendor.

Foi com surpresa e assombro que se viu, bem no momento em que Quasímodo, nessa meia embriaguez, passava triunfalmente diante da Maison-aux-Piliers, um homem se elevar na multidão e lhe arrancar das mãos, com um gesto de cólera, o bastão de madeira dourada, insígnia de seu louco papado.

Esse homem, esse temerário, era o personagem de frente calva que, momentos antes, misturado ao grupo da cigana, fez tremer a pobre jovem com suas palavras de ameaça e de raiva. Ele vestia um costume eclesiástico. Logo que saiu da multidão, Gringoire, que nada notara até então, reconheceu-o:

– Ora veja! – disse com um grito de espanto –, é meu mestre em Hermes, dom Claude Frollo, o arquiidiácono! Que diabo deseja com esse caolho horroroso? Será devorado.

Um grito de terror se elevou. O formidável Quasímodo se lançou para baixo da padiola, e as mulheres desviaram seus olhos para não vê-lo rasgar o arquiidiácono.

Ele deu um salto até o padre, olhou-o e caiu de joelhos.

O padre lhe arrancou a tiara, quebrou-lhe o bastão, lacerou-lhe o manto barato.

Quasímodo permaneceu de joelhos, abaixou a cabeça e juntou as mãos.

Em seguida, estabeleceu-se entre eles um estranho diálogo de sinais e de gestos, pois nem um nem outro falava. O padre, de pé, irritado, ameaçador, imperioso; Quasímodo, prosternado, humilde, suplicante. No entanto, é certo que Quasímodo poderia esmagar o padre com o polegar.

Enfim, o arqui-diácono, sacudindo rudemente a potente espádua de Quasímodo, fez-lhe sinal de se levantar e de o seguir.

Quasímodo se levantou.

Então, a confraria dos loucos, passado o primeiro estupor, quis defender seu papa tão bruscamente destronado. Os egípcios, a horda do calão e todos os falsos doutores vieram latir em torno do padre.

Quasímodo se colocou diante do padre, mostrou ameaçadoramente os músculos de seus punhos atléticos e olhou os agressores rugindo os dentes como um tigre irritado.

O padre retomou sua gravidade sombria, fez um sinal a Quasímodo e se retirou em silêncio.

Quasímodo ia à frente dele, dispersando a multidão com sua passagem.

Quando atravessaram o populacho e a praça, a nuvem de curiosos e de ociosos desejou segui-los. Quasímodo tomou a retaguarda e seguiu o arqui-diácono em recuada, maciço, raivoso, monstruoso, eriçado, reunindo seus membros, lambendo suas presas de javali, rugindo como uma besta selvagem e imprimindo imensas oscilações na multidão com um gesto ou um olhar.

O tumulto deixou que ambos se embrenhassem por uma rua estreita e tenebrosa, pela qual ninguém ousou se arriscar atrás deles, pois a quimera de Quasímodo, rangendo seus dentes, bastava para lhe barrar a entrada.

– Que maravilha! – murmurou Gringoire. – Mas em que diabo de lugar irei cear?

IV. OS INCONVENIENTES DE SEGUIR UMA BELA MULHER À NOITE PELAS RUAS

Gringoire seguiu a cigana. Viu-a tomar, com sua cabra, a rua de la Coutellerie; e ele foi pela rua de la Coutellerie.

– Por que não? – disse a si mesmo.

Gringoire, filósofo prático das ruas de Paris, observara que nada é mais propício ao devaneio do que seguir uma bela mulher sem saber aonde ela vai. Há nessa abdicação voluntária de seu livre-arbítrio, nessa fantasia que se submete a uma outra fantasia, da qual não se duvida, uma mistura de independência fantasiosa e de obediência cega, um não

sei quê de intermediário entre a escravidão e a liberdade que agradava Gringoire, espírito essencialmente misto, indeciso e complexo, atingindo o limite de todos os extremos, sempre suspenso entre todas as propensões humanas e as neutralizando entre si. Gostava de se comparar ao túmulo de Maomé, atraído em sentido inverso por duas pedras de ímã e que hesita eternamente entre o alto e o baixo, entre a abóboda e o pavimento, entre a queda e a ascensão, entre o zênite e o nadir.

Se Gringoire vivesse em nossos dias, que belo equilíbrio atingiria entre o clássico e o romântico!

Mas ele não era tão primitivo para viver trezentos anos, o que é uma pena. Sua ausência é um vazio que se faz cada vez mais sensível em nossos dias.

De resto, para seguir assim nas ruas os passantes (e, sobretudo, as passantes), o que tanto lhe aprazia, não há melhor disposição do que não saber onde dormir.

Ele ia, então, absorto atrás da jovem, que apressava o passo e fazia trotar sua bela cabra, vendo os burgueses se retirarem e se fecharem em suas tavernas, únicos estabelecimentos que estiveram abertos nesse dia. “Além do mais”, pensava ele, “com certeza ela mora em algum lugar; os ciganos têm bom coração. Quem sabe?...”

Havia nesses pontos suspensos, com que fazia seguir essas reticências em seu espírito, não sei quais ideias mui graciosas.

Porém, de vez em quando, ao passar pelos últimos grupos de burgueses que fechavam suas portas, algum trapo de conversa rompia o encadeamento de suas risonhas hipóteses.

Ora eram dois velhos que se abordavam.

– Mestre Thibaut Fernicle, sabe que está fazendo frio?

(Gringoire sabia disso desde o começo do inverno.)

– Sim, mestre Boniface Disome! Será que teremos um inverno como o de três anos atrás, em 1480, quando a madeira custava oito soldos por molho?

– Bah! Isso não foi nada perto do inverno de 1407, que congelou desde Saint-Martin até Chandeaur! E com uma tal fúria que a pluma do escrivão do Parlamento congelava na grande câmara a cada três palavras! O que interrompeu o registro da Justiça.

Mais adiante, eram as vizinhas em suas janelas com lanternas, que o neveiro fazia crepitar.

- Seu marido lhe contou a infelicidade, senhora La Boudraque?
- Não. Que infelicidade, senhorita Turquant?
- O cavalo do senhor Gilles Godin, o notário do Châtelet, assustou-se com a procissão dos flamengos e derrubou o mestre Philippot Avrillot, oblato dos Célestins.
- Verdade?
- Com certeza.
- Um cavalo burguês! Que exagero! Se fosse um cavalo de cavalaria, seria melhor.

E as janelas se fechavam. Mas isso não fez Gringoire perder o fio de suas ideias.

Felizmente, reencontrava-o rápido e o reatava sem esforço, graças à cigana, graças à Djali, que caminhavam sempre à frente; duas finas, delicadas e encantadoras criaturas, cujos pequenos pés ele admirava, as belas formas, as graciosas maneiras, quase confundindo-as em sua contemplação; devido à inteligência e à grande amizade, acreditando serem duas belas jovens; devido à ligeireza, à agilidade, à destreza da caminhada, considerando que ambas eram cabras.

As ruas, no entanto, tornavam-se cada vez mais negras e desertas. Depois de um tempo, o toque de recolher soou e só raramente se encontrava um passante na calçada, uma luz nas janelas. Gringoire estava embrenhado, seguindo a cigana, neste dédalo inextricável de ruelas, de cruzamentos e becos sem saída que cerca o antigo sepulcro dos Saints-Innocents, e que parece um novelo de fio embaraçado por um gato. “São ruas sem muita lógica!”, pensou Gringoire, perdido nesses mil circuitos que voltavam sem cessar sobre si mesmos, mas onde a jovem seguia um caminho que lhe parecia bem conhecido, sem hesitar e com um passo cada vez mais rápido. Quanto a ele, teria ignorado onde estava se não se apercebesse, de passagem, no desvio de uma rua, a massa octogonal do pelourinho do mercado, cujo topo, de dia, destacava seu entalhe negro sobre uma janela ainda aclarada da rua Verdelet.

Alguns segundos antes, ele chamara a atenção da jovem. Ela voltou a cabeça várias vezes em sua direção com inquietude; havia mesmo estacado subitamente, aproveitou-se de um raio de luz que fugia de uma padaria entreaberta para olhá-lo fixamente de alto a baixo; em seguida a este olhar, Gringoire a viu fazer aquela pequena careta, que já observara, e ir adiante.

Essa pequena careta deu o que pensar a Gringoire. Havia, decerto, desdém e escárnio nesse gracioso esgar. Assim, começava ele a abaixar a cabeça e a contar as calçadas, e a seguir a jovem um pouco mais afastado, quando, ao virar uma rua e perdê-la de vista, escutou-a lançar um grito penetrante.

Apressou os passos.

A rua estava plena de sombras. No entanto, uma estopa embebida em óleo que ardia numa gaiola de ferro aos pés da santa Virgem no canto da rua permitiu a Gringoire distinguir a cigana se debatendo nos braços de dois homens que se esforçavam em abafar seus gritos. A pobre pequena cabra, assustada, abaixava os chifres e berrava.

– Aqui, guardas-noturnos! – gritou Gringoire e avançou com bravura.

Um dos homens que agarravam a jovem se voltou em sua direção. Era a impressionante figura de Quasímodo.

Gringoire não saiu em fuga, mas não deu um passo a mais.

Quasímodo veio até ele, lançou-lhe a quatro passos sobre a calçada com as costas da mão e se enfiou rapidamente na sombra, levando a jovem vergada sobre um de seus braços como um xale de seda. Seu companheiro o seguia, e a pobre cabra corria atrás de todos com um balir choroso.

– Estão me matando! Estão me matando! – gritava a infeliz cigana.

– Alto lá, miseráveis! Soltem essa meretriz! – ordenou com uma voz troante um cavaleiro que desembocou bruscamente do cruzamento vizinho.

Era o capitão dos arqueiros da ordenança do rei, armado dos pés à cabeça, empunhando um espadão.

Arrancou a cigana dos braços de um Quasímodo estupefato, colocou-a em transversal em sua sela; e, no momento em que o medonho corcunda, voltado da surpresa, precipitou-se sobre ele para retomar sua presa, quinze ou dezesseis arqueiros que seguiam de perto seu capitão apareceram com espadas em punhos. Era a escolta da ordenança do rei que fazia a ronda por ordem de sire Robert d'Estouteville, guarda do prebostado de Paris.

Quasímodo foi acorrentado, preso e garroteado; rugia, espumava, mordida; se fosse pleno dia, decerto sua simples face, tornada ainda mais hedionda pela cólera, faria fugir toda a escolta. À noite, porém, estava sem sua arma mais temível: a feiura.

Seu companheiro fugira durante a luta.

A cigana se endireitou graciosamente sobre a sela do oficial, apoiou suas mãos sobre as espáduas do jovem e o olhou fixamente por alguns segundos, como se arrebatada pelo seu belo aspecto e agradecida de ter vindo salvá-la. Depois, rompendo o silêncio, ela lhe disse com uma voz ainda mais doce:

– Como se chama, senhor guarda?

– Capitão Phoebus de Châteaupers, para servir-lhe, minha bela! – respondeu o oficial se erguendo na sela.

– Obrigada – disse a cigana.

E, enquanto o capitão Phoebus cofiava seus bigodes à moda borgonhesa, ela deslizou do cavalo, como uma flecha que atinge a terra, e se foi.

Um clarão evanesceria menos rápido.

– Pela barriga do papa! – disse o capitão acorrentando Quasímodo, – preferia ter capturado a meretriz.

– Como, capitão? – perguntou um guarda. – A toutinegra voou, o morcego ficou.

V. OS INCONVENIENTES CONTINUAM

Bastante aturdido com sua queda, Gringoire ficou na calçada diante da boa Virgem no canto da rua. Pouco a pouco, retomou seus sentidos; a princípio, ficou alguns minutos flutuando em uma espécie de devaneio semissonolento que não deixava de lhe ser doce, em que as aéreas figuras da cigana e da cabra conjugavam-se ao peso do punho de Quasímodo. Esse estado durou pouco. Uma forte sensação de frio na parte de seu corpo que se encontrava em contato com a calçada o despertou de súbito e fez seu espírito voltar à superfície.

– De onde me chega esse frescor? – perguntou-se. Percebeu, então, que estava no meio de uma sarjeta. – Ao diabo com o ciclope corcunda! – resmungou entre os dentes e quis se levantar. Mas estava muito aturdido e muito machucado; era forçoso ficar onde estava. Tinha, porém, a mão bem livre; tapou o nariz e se resignou.

“A lama de Paris”, pensou (pois acreditava que a sarjeta seria sua morada; e o que fazer num lar senão sonhar?), “a lama de Paris é particularmente malcheirosa, deve conter muito sal volátil e nitroso. É a opinião do mestre Nicolas Flamel e dos herméticos...”

A palavra *herméticos* trouxe o arquidiácono Claude Frollo à sua mente. Lembrou-se da cena violenta que vira; da cigana se debatendo entre dois homens, de Quasímodo e seu comparsa; e a figura morosa e altaneira do arquidiácono passou confusamente em sua lembrança. “Estranho!”, pensou. E foi construindo com esse dado e sobre essa base o extraordinário edifício de hipóteses, esse castelo de cartas dos filósofos; em seguida, voltando mais uma vez à realidade:

– Ah! Estou congelando! – gritou.

O lugar se tornava cada vez menos suportável. Cada molécula de água da sarjeta trazia uma molécula calórica radiante aos rins de Gringoire, e o equilíbrio entre as temperaturas de seu corpo e a da sarjeta começava a se estabelecer de uma rude maneira.

O dissabor de uma natureza bem diferente o assaltou.

Um grupo de crianças, desses pequenos selvagens maltrapilhos que desde sempre agitam as calçadas de Paris sob o eterno nome de *gamins* e que, quando éramos também crianças, jogavam-nos pedras todas as tardes na saída da escola somente porque nossas calças não eram rasgadas, um enxame desses estranhos jovens foi ao encontro do cruzamento onde jazia Gringoire, com seus risos e gritos, sem nenhuma preocupação com o sono dos vizinhos. Arrastavam consigo não sei que saco informe; e o barulho dos seus tamancos bastaria para acordar um defunto. Gringoire, que ainda não era completamente um defunto, levantou-se a meio.

– Ei, Hennequin Dandèche! Ei, Jehan Pincebourde! – gritavam com toda força. – O velho Eustache Moubon, o quinquilheiro da esquina, acabou de morrer. Temos seu colchão de palha, vamos fazer com ele uma fogueira comemorativa. Hoje é o dia dos flamengos!

E jogaram o colchão precisamente sobre Gringoire, perto do qual chegaram sem ver. Ao mesmo tempo, um deles pegou um punhado de palha e foi acendê-lo na chama da boa Virgem.

– Por Cristo na cruz! – resmungou Grigoire –, será que agora sentirei calor demais?

O momento era crítico. Ele estava preso entre o fogo e a água; fez um esforço sobrenatural, um esforço de falso moedeiro prestes a ser cozinhado e que trata de escapar. Ficou de pé, repeliu o colchão sobre os pivetes e fugiu.

– Santa Virgem! – gritaram as crianças. – O quinquilheiro ressuscitou!

E eles, por sua vez, também fugiram.

O colchão restou soberano no campo de batalha. Beleforêt, o padre le Juge e Corrozet asseguram que, no dia seguinte, ele foi recolhido com grande pompa pelo clero do bairro e levado ao tesouro da igreja Sainte-Opportune, onde o sacristão tirou, até 1789, grande proveito com o milagre da estátua da Virgem da esquina da rua Mauconseil, que teria, somente por sua simples presença, na memorável noite de 6 para 7 de janeiro de 1482, exorcizado o defunto Eustache Moubon, o qual, para pregar uma peça no diabo, escondeu com malícia ao morrer sua alma em seu colchão de palha.

VI. O JARRO QUEBRADO

Depois de ter corrido com todas as pernas um bom tempo sem saber para onde, dando a cabeça em muitas esquinas de ruas, transpondo muitas valas, atravessando muitas ruelas, muitos becos, muitos cruzamentos, buscando fuga e passagem através de todos os meandros das velhas calçadas das Halles, explorando em seu medo, quase pânico, o que o belo latim das cartas chama *tota via, cheminum et viaria*⁴, nosso poeta estacou de repente, sem fôlego a princípio, depois tomado por um dilema que surgiu em seu espírito.

– Parece-me, mestre Pierre Gringoire – disse a si mesmo, apoiando seu dedo sobre sua testa –, que você corre como um cabeça de vento. Os pequenos estranhos não têm menos medo de você do que você deles. Parece-me, eu lhe digo, que você ouviu o barulho de seus tamancos fugindo para o sul enquanto você fugia para o norte. Ora, de duas coisas, uma: ou eles fugiram e, então, o catre, que eles esqueceram devido ao medo, é precisamente o leito hospitaleiro atrás do qual você correu desde a manhã e que a senhora Virgem lhe envia miraculosamente para recompensá-lo de ter feito em sua honra uma moralidade acompanhada de triunfos e momices; ou as crianças não fugiram e, nesse caso, tocaram fogo no catre; e é justamente desse excelente fogo que você necessita para se regozijar, secar e reaquecer. Nos dois casos, bom fogo ou bom leito, o catre é um presente do céu. Talvez por isso a benigna Virgem Maria que está na esquina da rua Mauconseil tenha feito Eustache Moubon morrer; e é loucura sua fugir assim com as tripas na boca, como um picardo diante de um francês, deixando para trás o que tanto buscava à frente; e você é, de fato, um

toló!

Então, refez seus passos e, se orientando e esquadrinhando, o nariz ao vento, o ouvido à espreita, esforçou-se por reencontrar o benfazejo catre, no entanto em vão. Apenas interseção de casas, becos, encruzilhadas, no meio das quais hesitava e desconfiava a todo momento, cada vez mais impedido, cada vez mais engolido nesse emaranhado de ruelas escuras, como não se sentiria no dédalo do Hôtel des Tournelles. Enfim, perdeu a paciência e gritou para si mesmo:

– Malditos sejam os cruzamentos! Foi o diabo que os fez à imagem de seu tridente.

Essa exclamação o aliviou um pouco, e uma espécie de reflexo avermelhado, que ele percebeu nesse momento ao fim de uma longa e estreita ruela, levantou seu ânimo.

– Deus seja louvado! – disse a si mesmo. – Lá está! Eis o meu catre queimando. – E, comparando-se ao navegante perdido na noite, acrescentou piedosamente: *Salve, salve, maris stella!*

Dedicava esse fragmento de litania à santa Virgem ou ao catre? É o que ignoramos por completo.

Tão logo dera os primeiros passos pela longa ruela, a qual era em declive, não pavimentada e mais e mais enlameada e inclinada, observou algo muito singular. Ela não estava deserta: aqui e ali em sua extensão, arrastavam-se não sei quantas massas vagas e informes, todas se dirigiam ao clarão que vacilava no fim da rua, como esses pesados insetos que rastejam à noite, de broto a broto de erva, atrás da fogueira de um pastor.

Nada é mais arriscado do que não sentir nada no bolso. Gringoire continuou a avançar e logo se viu junto de uma dessas larvas que se arrastavam preguiçosamente uma atrás da outra. E, aproximando-se, viu que era apenas um miserável estropiado saltitando sobre as próprias mãos, como uma aranha ferida que nada tem além de duas patas. No momento em que passava por essa espécie de aracnídeo com face humana, ele lhe disse com voz lamentosa:

– *La buona mancia, signor! La buona mancia!* 5

– Que o diabo o carregue – disse Gringoire –, e eu com você se eu souber o que você quer dizer!

E seguiu adiante.

Encontrou-se com uma outra dessas massas ambulantes e a examinou. Era um paralítico, ao mesmo tempo coxo e maneta, e tão

coxo e tão maneta que o sistema complicado de muletas e de pernas de pau que o sustentava dava-lhe a aparência de um andaime de pedreiros em marcha. Gringoire, que possuía comparações mais nobres e clássicas, comparou-o em seu pensamento ao tripode vigoroso de Vulcano.

Esse tripode vigoroso o saldou de passagem e, parando seu chapéu à altura do manto de Gringoire como uma bacia à barba, gritou-lhe aos ouvidos:

– *Señor caballero, para comprar un pedazo de pan!*

– Este também parece que fala – disse Gringoire. – Mas é uma língua rude, e ele é mais feliz do que eu se a compreende.

Em seguida, atingido na cabeça por uma súbita transição de ideia: “Que diabo queriam eles dizer com sua *Esmeralda?*”

Quis apressar o passo, mas algo lhe barrou o caminho pela terceira vez. Esse algo, ou melhor, esse alguém era um cego, um pequeno cego de feição judia e barbudo, que, remando no espaço em torno dele com um bastão, e rebocado por um gordo cachorro, disse-lhe, fanhoso, com sotaque húngaro:

– *Facitote caritatem!*⁶

– Até que enfim! – disse Gringoire. – Alguém que fala uma língua cristã. Devo ter cara de esmoleiro para que me peçam uma caridade no estado de magreza em que se encontra meu bolso. E, voltando-se para o cego, disse: – Meu amigo, vendi minha última camisa na semana passada; ou seja, como você só compreende a língua de Cícero: “*Vendidi hebdomade nuper transita meam ultimam chemisam.*”

Depois de dizer isso, voltou as costas para o cego e continuou seu caminho. Mas o cego estendeu os passos ao mesmo tempo que ele; e eis que o paralítico e o estropiado sobrevieram com grande pressa e grande barulho de tigela e de muletas sobre a calçada. Em seguida, todos os três, esbarrando-se no encalço do pobre Gringoire, desvanesciam em lhe cantar sua canção:

– *Caritatem!* – cantava o cego.

– *La buona mancia!* – cantava o estropiado.

E o paralítico repetia, elevando a frase musical:

– *Un pedazo de pan!*

Gringoire tapou os ouvidos.

– Ó Torre de Babel! – gritou.

E se pôs a correr. O cego correu. O paralítico correu. O estropiado

correu.

Em seguida, à medida que se enfiavam pela rua, estropiados, cegos, paralíticos, pululavam em torno dele, e manetas, e caolhos, e leprosos com suas chagas, que saíam das casas, das pequenas ruas adjacentes, dos respiradouros dos porões, urrando, berrando, latindo, coxeando, aos solavancos, avançando na direção da luz, espojados no lodo como lesmas após a chuva.

Gringoire, sempre seguido por seus três perseguidores e sem saber ao certo no que tudo isso iria dar, caminhava assustado em meio aos outros, voltando aos paralíticos, transpondo os estropiados, os pés empedrados nesse formigueiro de coxos, como o capitão inglês atolado num bando de caranguejos.

Veio-lhe a ideia de tentar retornar pelo caminho percorrido. Mas já era tarde. Toda essa legião tinha fechado o cerco atrás dele e seus três mendigos o apanharam. Ele seguiu adiante, então, pressionado ao mesmo tempo por esse fluxo irresistível, pelo medo e por uma vertigem que lhe fazia de tudo aquilo uma espécie de sonho terrível.

Enfim, chegou à extremidade da rua, que desembocava numa praça imensa, onde milhares de luzes esparsas vacilavam no nevoeiro confuso da noite. Gringoire lançou-se nela, esperando escapar com a força de suas pernas dos três espectros doentios que se agarravam a ele.

– *Ondè vas, hombre?* – gritou o paralítico, lançando suas muletas e correndo atrás dele com as duas melhores pernas que jamais traçaram um passo tão preciso nas calçadas de Paris.

No entanto, o estropiado, em cima dos próprios pés, cobriu a cabeça de Gringoire com sua bacia de ferro, e o cego o olhava na face com seus olhos flamejantes.

– Onde estou? – perguntou, aterrorizado, o poeta.

– Na Corte dos Milagres – respondeu o quarto espectro que lhe abordara.

– Por minha alma – retomou Gringoire –, vejo cegos que olham e coxos que correm, mas onde está o Salvador?

Eles responderam com uma gargalhada sinistra.

O pobre poeta lançou os olhos ao redor. Decerto, encontrava-se nessa temível Corte dos Milagres, onde jamais um homem honesto penetrara em hora semelhante; círculo mágico onde os oficiais do Châtelet e os sargentos do prebostado que aí se aventuravam desapareciam como migalha; cidade de ladrões, horrenda verruga na

face de Paris; esgoto de onde, a cada manhã, evadia e onde, a cada noite, estagnava esse regato de vícios, de mendicidade e de vagabundagem, sempre transbordado nas ruas das capitais; enxame monstruoso para onde regressava, à noite, com seus espólios, todas as grandes vespas da ordem social; hospital mentiroso, onde o cigano, o monge despadrado, o estudante perdido, os vadios de todas as nações, espanhóis, italianos, alemães, de todas as religiões, judeus, cristãos, maometanos, idólatras, cobertos de feridas maquiadas, mendigavam de dia e se transfiguravam em bandidos de noite; imenso vestiário, em uma só palavra, onde nessa época se vestiam e se despiam todos os atores dessa comédia eterna em que o latrocínio, a prostituição e o assassinio representam seus papéis na calçada de Paris.

Era uma vasta praça irregular e mal pavimentada, como todas as praças de Paris de então. Com fogueiras, ao redor das quais formigavam grupos esquisitos. Todos iam, vinham, gritavam. Escutavam-se os gritos agudos, vagidos de crianças, vozes de mulheres. As mãos, as cabeças dessa malta, escuras sobre o fundo luminoso, desenhavam mil gestos bizarros. Por vezes, sobre o solo, onde tremia a claridade das fogueiras misturada às grandes sombras indefinidas, passava um cão que se parecia com um homem, um homem que se parecia com um cão. Nessa cidade, os limites das raças e das espécies pareciam se apagar como em um pandemônio. Homens, mulheres, bestas, idade, sexo, saúde, doenças, tudo parecia estar à disposição de todos entre esse povo; tudo ia em conjunto, misturado, confundido, superposto; cada um ali participava do todo.

O esplendor cambaleante e pobre das fogueiras permitia a Gringoire distinguir, através de sua perturbação, todo o arredor da imensa praça, um hediondo enquadramento de velhas casas, cujas fachadas carcomidas, enrugadas, definhadas, abertas cada qual com uma ou duas lucernas acesas, pareciam-lhe na sombra com enormes cabeças de velhas mulheres, colocadas em círculo, monstruosas, carrancudas, que assistiam ao sabá piscando os olhos.

Era como um novo mundo, desconhecido, inaudito, disforme, réptil, formigante, fantástico.

Gringoire, cada vez mais assustado, tomado pelos três mendigos como que por três alicates, ensurdecido pelo ajuntamento de tantas outras faces que arrepiavam e latiam em torno dele, o desgraçado Gringoire esforçava-se por reencontrar sua presença de espírito para se

lembrar se aquele dia era sábado. Mas os esforços eram em vão; o fio de sua memória e de seu pensamento estava rompido; e, desconfiando de tudo, flutuando entre o que via e o que sentia, colocou-se essa insolúvel questão: “Se eu existo, isto acontece? Se isto acontece, eu existo?”

Nesse momento, um grito distinto se elevou da barafunda de moscas que o envolvia:

– Vamos levá-lo ao rei! Vamos levá-lo ao rei!

– Santa Virgem! – murmurou Gringoire a si mesmo. – O rei desse lugar deve ser um bode.

– Ao rei! Ao rei! – repetiram as vozes.

Meteram as garras nele e o arrastaram. Porém, os três mendigos não deixaram a presa e a puxaram dos outros, uivando:

– Ele é nosso!

O gibão já enfermo do poeta deu seu último suspiro nessa luta.

Atravessando a horrível praça, sua vertigem se dissipou. Ao fim de alguns passos, o sentimento da realidade lhe voltou. Começou a se acostumar com a atmosfera do lugar. No primeiro momento, de sua cabeça de poeta, ou talvez de forma simples e prosaica de seu estômago vazio, elevou-se uma fumaça, um vapor, por assim dizer, que, expandindo-se entre os objetos e ele, fez-lhe apenas entrever, na bruma incoerente do pesadelo, nessas trevas dos sonhos que fazem tremer todos os contornos, enrugar todas as formas, aglomerar os objetos em grupos desmesurados, dilatando as coisas em quimeras e os homens em fantasmas. Pouco a pouco, a essa alucinação se sucedeu um olhar menos perdido e exagerado. O real amanhecia ao seu redor, chocava-lhe os olhos, chocava-lhe os pés e demolia peça a peça toda a pavorosa poesia de que ele acreditava, a princípio, estar cercado. Precisou se convencer de que não caminhava no Estige, mas no lodo; de que não era tocado por demônios, mas por ladrões; de que sua alma não dependia disso, mas sua vida (pois lhe faltava esse precioso conciliador que se coloca com tanta eficácia entre o bandido e o homem honesto.) Enfim, examinando a orgia mais de perto e com mais sangue-frio, desceu de um sabá para um cabaré.

A Corte dos Milagres não era de fato um cabaré, mas um cabaré de bandidos, tão vermelho de sangue quanto de vinho.

O espetáculo a que assistia quando sua escolta andrajosa o depositou, enfim, ao termo de sua marcha, não era próprio para

conduzi-lo à poesia, que fosse à poesia do inferno. Era, mais do que nunca, a prosaica e brutal realidade da taberna. Se não estivéssemos no século XV, diríamos que Gringoire teria descaído de Michelangelo a Callot.

Em torno de uma grande fogueira que ardia sobre uma larga lage redonda e que penetrava com suas chamas nos caules de um tripé ainda vazio, algumas mesas carcomidas eram distribuídas ao acaso sem que laçaio geômetra algum se dignasse a ajustar seu paralelismo e velasse para que elas não ganhassem ângulos inusitados. Sobre essas mesas, reluziam alguns copos banhados de vinho e de cerveja e, em torno desses copos, agrupavam-se várias faces báquicas, avermelhadas pelo fogo e pelo vinho. Era um homem de grande ventre e jovial figura que abraçava uma jovem prostituta, rechonchuda e carnuda. Era uma espécie de falso soldado, velhaco, como se dizia na gíria, que desfazia, assobiando, as bandagens de sua falsa ferida e desentorpecia seu joelho são e vigoroso após a manhã inteira em mil ataduras. Do outro lado, era um falso doente que preparava com celidônia e sangue de boi sua *perna de Deus* de amanhã. Duas mesas mais longe, um falso Pelegrino, com seu hábito de Pelegrino, soletrava o lamento de Sainte-Reine, sem esquecer a salmodia e a nasalção. Alhures, um jovem aprendiz tomava lições de epilepsia com um velho falso epilético, que lhe ensinava a arte de escumar mastigando um pedaço de sabão. Ao lado, um hidrópico se aliviava do inchaço e fazia quatro ou cinco ladras taparem o nariz, as quais disputavam na mesma mesa uma criança roubada à tarde. Todas circunstâncias que, dois séculos depois, “pareceram tão ridículas à corte”, como diz Sauval, “que serviram de passatempo ao rei e de entrada no balé real da Noite, dividido em quatro partes e dançado no teatro do Petit-Bourbon”. Um testemunho de 1653 acrescenta que “nunca antes as súbitas metamorfoses da Corte dos Milagres foram mais felizmente representadas. Benserade nos predis pôs a ela com versos mui galantes”.

A gargalhada estourava de todos os lados e a canção obscena. Cada um por si, glosando e blasfemando sem escutar o vizinho. Os copos brindavam e as querelas nasciam ao chocar dos copos, e os copos rachados rasgavam ainda mais os andrajos.

Um gordo cachorro sentado sobre a própria cauda olhava a fogueira. Algumas crianças misturavam-se nessa orgia. A criança roubada, que chorava e gritava. Uma outra, um menino gordo de apenas quatro anos,

sentado com as pernas penduradas sobre um banco altíssimo, tendo a mesa na altura da gola, que não dizia uma palavra. Uma terceira espalhando, gravemente, com seu dedo sobre a mesa o sebo derretido que escorria de uma lanterna. Um último, pequeno, acocorado na lama, quase perdido no caldeirão, que raspava com uma telha e da qual tirava um som capaz de fazer desmaiar um Stradivarius.

Um tonel estava perto da fogueira; e um mendigo, sobre o tonel.

Era o rei em seu trono.

Os três que prendiam Gringoire levaram-no diante desse tonel, e toda a bacanal fez um momento de silêncio, exceto o caldeirão habitado pela criança.

Gringoire não ousava suspirar nem levantar os olhos.

– *Hombre, quita tu sombrero* – disse um dos três esquisitos que o seguravam; e, antes que ele compreendesse o significado de tais palavras, um outro lhe tomou o chapéu. Miserável bicornete, mas bom ainda em dia de sol ou de chuva. Gringoire suspirou.

No entanto, o rei, do alto de seu tonel, dirigiu-lhe a palavra.

– Quem é esse patife?

Gringoire se sobressaltou. Essa voz, ainda que acentuada pela ameaça, parecia aquela voz que desferira naquela mesma manhã o primeiro golpe em seu mistério, fanhosa no meio do auditório: “Caridade, por favor!” Levantou a cabeça. Era, de fato, Clopin Trouillefou.

Clopin Trouillefou, ornado com as insígnias reais, não tinha um farrapo a mais nem a menos. Sua ferida no braço já desaparecera. Trazia à mão um desses chicotes de couro branco que serviam então aos sargentos como vergalhos para conter a multidão e que chamavam de *boullayes*. Tinha sobre a cabeça uma espécie de chapéu arqueado e fechado em cima; mas era difícil distinguir se era uma carapuça de criança ou uma coroa de rei, de tanto que as duas coisas pareciam.

No entanto, Gringoire, sem saber o motivo, retomou alguma esperança ao reconhecer o rei da Corte dos Milagres, seu maldito mendigo da grande sala.

– Mestre, balbuciou... Monsenhor... Sire... Como devo chamá-lo? – disse enfim, chegando ao ponto culminante de seu crescendo e não sabendo mais como subir nem como descer.

– Monsenhor, Vossa Majestade, ou camarada, chame-me como quiser. Mas se apresse. Que tem a dizer em sua defesa?

“Em sua defesa?”, pensou Gringoire, “isso me desagrada.” E, gaguejando, retomou:

– Eu sou aquele que nesta manhã...

– Pelas garras do diabo! – interrompeu Clopin. – Seu nome, patife, e nada mais. Escute. Você está diante de três potentes soberanos: eu, Clopin Trouillefou, rei de esmolos⁷, sucessor do grande Coësre, suserano supremo do reino do calão; Mathias Hungadi Spicali, duque do Egito e dos ciganos, este velho amarelo que você vê aqui com um esfregão enrolado na cabeça; Guillaume-Rousseau, imperador da Galileia, este gordo que não nos escuta e que bolina uma prostituta. Nós somos seus juízes. Você está no reino do calão sem ser do calão, você violou os privilégios de nossa cidade. Você deve ser punido, a menos que não seja hipócrita, falso peregrino, estropiado, o que quer dizer, no calão dos homens honestos, ladrão, mendigo ou vagabundo. Você é algum desses? Justifique-se; decline suas qualidades.

– Uma pena! – disse Gringoire –, não tenho essa honra. Sou o autor...

– Isso basta – retomou Trouillefou, sem deixar que terminasse. – Você vai ser enforcado. Coisa muito simples para os senhores burgueses honestos! Nós os tratamos aqui como vocês nos tratam quando estamos em sua cidade. A lei que vocês fazem contra os vagabundos, os vagabundos a fazem contra vocês. É sua culpa se ela é má. É necessário se ver de vez em quando a careta de um homem honesto no colar da forca; dá nobreza à corda. Vamos, amigo, partilhe alegremente seus farrapos com essas senhoras. Farei você ser pendurado para divertir os vagabundos, e você terá de lhes dar sua moeda para beber. Se você tem alguma momice a fazer, há num lugar lá embaixo um belo Deus-Pai de pedra, que roubamos em Saint-Pierre-aux-Bœufs. Você tem quatro minutos para jogá-lo com vontade sobre a cabeça.

A arenga era formidável.

– Muito bem dito, por minha alma! Clopin Trouillefou prega como o santo-pai, o papa! – gritou o imperador da Galileia, quebrando seu copo ao se apoiar sobre a mesa.

– Monsenhores imperadores e reis – disse Gringoire com sangüefrio (pois não sei como a firmeza lhe veio e ele falava resolutamente) –, nem pensem nisso; eu me chamo Pierre Gringoire, sou o poeta cuja moralidade foi representada nesta manhã na grande sala do palácio.

– Ah! É você, mestre! – disse Clopin. – Eu estava lá, pela cabeça de

Deus! Pois bem! Camarada, e isso é lá razão para não ser pendurado nesta tarde? Você nos entediou nesta manhã.

“Será difícil me livrar dessa”, pensou Gringoire. Tentou, contudo, ainda um esforço.

– Eu não vejo por quê – disse ele –, afinal os poetas estão alistados entre os vagabundos. Vagabundo, Esopo foi; mendigo, Homero foi e Mercúrio era...

Clopin o interrompeu:

– Creio você deseja nos *matagraboliser* 8 com sua artimanha. Por Deus, deixe-nos pendurá-lo e sem mais cerimônia.

– Perdão, monsenhor rei de esmolas – replicou Gringoire, disputando o terreno passo a passo. – Isso agora me vale a pena... Um momento!... Escute-me... Não me condene sem me escutar...

Sua voz infeliz era coberta pela algazarra que se fazia ao seu redor. O jovem raspava seu caldeirão com mais verve do que nunca; e, para completar, uma velha mulher veio colocar sobre o tripé ardente uma frigideira cheia de gordura, que guinchava no fogo com um barulho parecido com os gritos de uma tropa de crianças perseguindo um mascarado.

No entanto, Clopin Trouillefou pareceu conferenciar, por um momento, com o duque do Egito e o imperador da Galileia, o qual estava bastante bêbado. Em seguida, gritou acidamente:

– Silêncio!

E, como o caldeirão e a frigideira não o escutavam e continuavam seu duo, saltou de seu tonel, deu um chute no caldeirão, que rolou dez passos adiante com a criança, um chute na frigideira, cuja banha foi toda vertida na fogueira, e subiu, gravemente, de volta a seu trono, sem se preocupar com o choro abafado da criança nem com os resmungos da velha, cuja ceia evaporava em uma bela chama branca.

Trouillefou fez um sinal, e o duque e o imperador, e os arquilacaos e os leprosos dispuseram-se ao seu redor em forma de ferradura, cujo centro, sempre agarrado pelo corpo, era ocupado por Gringoire. Era um meio círculo de andrajos, farrapos, quinquilharias, tridentes, machadas, pernas bêbadas, gordos braços desnudos; de figuras sórdidas, aniquiladas e estúpidas. No meio dessa mesa redonda da indigência, Clopin Trouillefou, como um doge desse senado, como o rei desse pariato, como o papa desse conclave, dominava, sobretudo da altura de seu tonel, com não sei que ar altaneiro, bravo e formidável, que lhe

fazia arder as pupilas e corrigia em seu perfil selvagem o tipo bestial da raça vagabunda. Parecia uma cabeça entre focinhos.

– Escute – disse ele a Gringoire, acariciando o próprio manto com sua mão calosa –, não vejo motivo para você não ser pendurado. É bem verdade que isso lhe parece repugnante; é tudo muito simples, vocês burgueses não estão habituados com essas coisas. Vocês fazem uma ideia muito grosseira disso tudo. Além do quê, não lhe desejamos mal algum. Eis um modo de se safar por enquanto. Deseja ser um dos nossos?

Pode-se julgar o efeito que causou essa proposição sobre Gringoire, que via a vida lhe escapar e começava a deixá-la fugir. Ele se prendeu de novo a ela com energia.

– Quero sim, com certeza.

– Você consente – retomou Clopin –, em se misturar com as gentes da pequena espada?⁹

– Da pequena espada, com certeza – respondeu Gringoire.

– Você se reconhece membro da arraia miúda?¹⁰ – retomou o rei de esmolos.

– Da arraia miúda.

– Súdito do reino do calão?

– Do reino do calão.

– Vagabundo?

– Vagabundo.

– Em sua alma?

– Em minha alma.

– É bom lembrar – retomou o rei – que não deixará de ser pendurado por isso.

– Diabo! – disse o poeta.

– Porém – continuou Clopin, imperturbável –, será pendurado somente mais tarde, com mais cerimônia, às custas da boa cidade de Paris, num belo cadafalso de pedra e por homens honestos. É uma consolação.

– Que assim seja – respondeu Gringoire.

– Há outras vantagens. Na qualidade de franco burguês, não terá de pagar nem terra, nem pobres, nem lanternas aos quais são sujeitos os burgueses de Paris.

– Assim seja – disse o poeta. – Eu consinto. Sou vagabundo, do reino do calão, franco burguês, da arraia miúda, tudo o que o senhor quiser.

E eu era tudo isso muito antes, monsenhor rei de esmolas, pois sou filósofo; *et omnia in philosophia omnes philosopho continentur* 11, como o senhor sabe.

O rei de esmolas franziu as sobancelhas.

– Por quem me toma, amigo? Que gíria de judeu da Hungria você nos canta daí? Eu não sei hebreu. Para ser bandido, não se é judeu. Eu nem mesmo roubo, estou abaixo disso tudo, eu mato. Corta-goelas, sim; corta-bolsos, não.

Gringoire buscou resvalar algumas desculpas através desses breves discursos que a cólera sofria mais e mais.

– Peço perdão ao senhor. Não se trata de hebreu, é latim.

– Eu disse a você – retomou Clopin com exaltação – que não sou judeu e que farei você ser pendurado, barriga de sinagoga! Assim como esse pequeno mercador da Judeia que está perto de você, e que espero ver pregado um dia num balcão como um exemplar de moeda falsa que ele é!

E, falando assim, designou com o dedo o pequeno judeu húngaro barbudo, que atracado a Gringoire com sua *facitote caritatem*, e que, sem compreender outra língua, olhava com surpresa o mau humor do rei de esmolas transbordar sobre ele.

Enfim, o senhor Clopin se acalmou.

– Velhaco – disse ao nosso poeta –, você deseja então ser um vagabundo?

– Sem dúvida alguma – respondeu o poeta.

– Não basta querer – disse o grosseiro Clopin. – A boa vontade não mete um dente de alho a mais na sopa, e só é boa para ir ao paraíso; ora, o paraíso e o calão são duas coisas. Para ser recebido no reino do calão, você precisa provar que é bom em alguma coisa, e para isso tem de afanar o bolso do boneco.

– Afanarei – disse Gringoire – tudo o que agradar ao senhor.

Clopin fez um sinal. Alguns do reino do calão se destacaram do círculo e vieram. Traziam dois esteios com duas espátulas em armação na extremidade inferior, as quais lhes faziam ficar facilmente de pé sobre o solo; na extremidade superior dos dois esteios, adaptaram uma viga transversal, e tudo se constituía num forte e belo cavalete portátil, que Gringoire teve a satisfação de ver se erguer diante dele num piscar de olhos. Nada faltava, nem mesmo a corda que balançava graciosamente sob a trave.

“Aonde querem chegar?” – perguntou-se Gringoire com alguma inquietude.

Um barulho de campainhas, que escutou na mesma hora, pôs fim à sua ansiedade; era um boneco que os vagabundos suspendiam pelo pescoço com a corda, espécie de espantalho de pássaros, vestido de vermelho e de tal forma carregado de guizos e sininhos que poderiam aparelhar trinta mulas castelhanas. Essas mil campainhas estremeceram por algum tempo com as oscilações da corda, depois se extinguiram pouco a pouco e se calaram, enfim, quando o boneco foi levado à imobilidade por essa lei do pêndulo que destronou a clepsidra e a ampulheta.

Clopin, então, indicando a Gringoire um velho escabelo oscilante colocado sob o boneco:

– Suba nele.

– Morte ao diabo! – objetou Gringoire. – Vou quebrar o pescoço. Seu escabelo coxeia como o dístico de Marcial; tem um pé em hexâmetro e outro em pentâmetro.

– Suba – retomou Clopin.

Gringoire subiu sobre o escabelo e conseguiu, não sem algumas oscilações da cabeça e dos braços, encontrar seu centro de gravidade.

– Agora – prosseguiu o rei de esmolos –, vire seu pé direito em torno de sua perna esquerda e levante-se sobre a ponta do pé esquerdo.

– Monsenhor – disse Gringoire –, o senhor deseja mesmo que eu quebre algum de meus membros?

Clopin meneou a cabeça.

– Escute, amigo, você fala muito. Vou dizer em duas palavras do que se trata: você vai se levantar sobre a ponta do pé, como eu lhe disse; desse modo conseguirá alcançar o bolso do boneco; aí irá remexer e tirar um porta-moedas que nele se encontra; e se fizer tudo isso sem que se escute o barulho de uma campainha, muito bem; você será um vagabundo. Aí será apenas desancado de pancadas durante oito dias.

– Meu Deus! Estarei livre – disse Gringoire. – E se eu fizer cantar as campainhas?

– Aí será pendurado. Compreendeu?

– Não compreendi muito bem – respondeu Gringoire.

– Escute de novo. Você vai remexer o boneco e lhe tomar o porta-moedas; se bulir apenas uma campainha na operação, será pendurado. Compreendeu agora?

– Bem – disse Gringoire –, compreendo. E depois?

– Se conseguir trazer o porta-moedas sem que se escute um guizo, você é vagabundo e será moído de pancadas durante oito dias consecutivos. Compreendeu agora?

– Não, monsenhor; não compreendo mais. Onde está minha vantagem? Pendurado em um caso, espancado em outro?

– E vagabundo – retomou Clopin –, e vagabundo! Ou por acaso para você isso não é nada? É de seu interesse que nós o espanquemos, a fim de que ganhe resistência aos golpes.

– Muiússimo obrigado – respondeu o poeta.

– Vamos, depressa – disse o rei batendo o pé sobre seu tonel, que ressoou como um grande tambor. – Afane o boneco e vamos acabar logo com isso. Advirto pela última vez que, se eu escutar apenas um guizo, você vai tomar o lugar do boneco.

O bando do reino do calão aplaudiu as palavras de Clopin e se pôs circularmente em torno do cavalete com uma risada tão impiedosa que Gringoire viu que os entretinha muito para não temer nada deles. Não lhe restava, então, mais esperança, que não fosse a frágil chance de medrar na temerosa operação que lhe fora imposta; decidiu arriscá-la, mas não sem dirigir primeiro uma calorosa prece ao boneco que iria afanar e que seria mais fácil de comover do que os vagabundos. Essa miríade de campainhas com suas pequenas línguas de cobre parecia-lhe mais com gargantas de víboras abertas, prestes a morder e a silvar.

– Oh! – disse bem baixinho. – Será possível que minha vida dependa da menor das vibrações da menor dessas campainhas! Oh! – acrescentou com as mãos unidas. – Sininhos, não deem sinais! Badalos, não badalem! Bolinhas, não bulam!

Tentou ainda um esforço sobre Trouillefou.

– E se vier um golpe de vento? – perguntou-lhe.

– Você será pendurado – respondeu o outro sem hesitar.

Ao ver que não tinha mais conversa nem evasiva possível, foi adiante com bravura; voltou seu pé direito em torno do pé esquerdo, levantou-se sobre o pé esquerdo e estendeu o braço; mas, no momento em que tocava o boneco, seu corpo, que não possuía mais do que um pé, vacilou sobre o escabelo, que não possuía mais do que três; quis se apoiar no boneco, perdeu o equilíbrio e caiu pesadamente sobre a terra, bastante aturdido pela fatal vibração das mil campainhas do boneco, que, cedendo ao impulso de sua mão, descreveu uma rotação

no próprio eixo, balançando, em seguida, majestosamente entre as duas traves.

– Maldição! – gritou, enquanto caía, e ficou como um morto, o rosto contra a terra.

No entanto, escutava o temível carrilhão sobe sua cabeça, e o riso diabólico dos vagabundos, e a voz de Trouillefou dizendo:

– Levantem este esquisito e pendurem-no de uma vez por todas.

Levantou-se. Já haviam desenganchado o boneco para substituí-lo por outro.

Os súditos do reino do calão fizeram-no subir sobre o escabelo. Clopin se aproximou dele e lhe passou a corda pelo pescoço; e, batendo-lhe sobre um dos ombros:

– Adeus, amigo! Agora você não pode mais escapar, mesmo que coma as tripas do papa.

A palavra *graça* expirou dos lábios de Gringoire. Levou seu olhar ao redor, mas sem esperança; todos riam.

– Bellevigne de l'Étoile – disse o rei de esmolos a um enorme vagabundo que saiu do grupo e subiu na trave.

Bellevigne de l'Étoile subiu levemente na trave transversal e, ao fim de um instante, Gringoire, subindo os olhos, viu-o com terror trepado sobre a trave acima de sua cabeça.

– Agora, Andry le Rouge – disse Clopin Trouillefou –, assim que eu bater as mãos, você derruba o escabelo; você, François Chante-Prune, se pendura nos pés do maroto; e você, Bellevigne, se lança sobre seus ombros. E todos os três ao mesmo tempo, entenderam?

Gringoire se arrepiou.

– Todos a postos? – perguntou Clopin Trouillefou aos três súditos do reino do calão, prontos a se precipitar sobre Gringoire como três aranhas sobre uma mosca. O pobre paciente teve um momento de apreensão horrível quando Clopin empurrou com a ponta do pé um ramo de videira que a chama não consumira. – Estão a postos? – repetiu e abriu suas mãos para batê-las. Um segundo a mais e tudo estaria acabado.

Mas ele parou, como que advertido por uma súbita ideia.

– Um momento – disse ele –, já ia me esquecendo!... É costume nosso não pendurar um homem sem antes perguntar se há alguma mulher que o deseje. Camarada, é seu último recurso. É necessário que espouse uma vagabunda ou a força.

Essa lei cigana, tão bizarra quanto possa parecer ao leitor, está escrita ainda hoje em toda a velha legislação inglesa. Vejam as *Burington's Observations*.

Gringoire respirou. Era a segunda vez em meia hora que ele ressuscitava. Também não ousava confiar muito nessa oportunidade.

– Venham – gritou Clopin, sentado de volta em seu tonel. – Venham! Mulheres, fêmeas, há entre vocês, desde a bruxa até sua gata, uma devassa que deseje esse devasso. Venham, Colette la Charonne! Elisabeth Trouvain! Simone Jodouyne! Marie Piédebou! Thonne la Longue! Bélarde Fanouel! Michelle Genaille! Claude Ronge-Oreille! Mathurine Girorou! Venham! Isabeau la Thierry! Venham e vejam! Um homem de graça! Quem o deseja?

Nesse miserável estado, Gringoire estava, sem dúvida, pouco apetitoso. As vagabundas, muito pouco comovidas com o convite. O infeliz as escutava responder:

– Não! Não! Pendurem-no, será um prazer para nós todas.

No entanto, três saíram da multidão e vieram farejá-lo.

A primeira era uma jovem gorda de cara quadrada. Ela examinou com muita atenção o gibão deplorável do filósofo. A blusa estava surrada e mais esburacada do que uma frigideira de assar castanhas. A jovem fez uma careta.

– Velho farrapo! – resmungou e, dirigindo-se a Gringoire: – Onde está sua capa?

– Eu perdi – respondeu Gringoire.

– Seu chapéu?

– Tomaram-no.

– Seus sapatos?

– Reduzidos às solas.

– Seu porta-moedas?

– Enfim – gaguejou Gringoire –, não tenho mais nem uma moeda.

– Deixe que o pendurem e agradeça! – replicou a vagabunda, virando-lhe as costas.

A segunda, uma velha escura, enrugada e horrorosa, de uma feiura a destoar na Corte dos Milagres, rodeou Gringoire. Ele tremia tanto que ela quase não o desejou mais. Ela, porém, disse entre seus dentes:

– Ele é muito magro – e foi embora.

A terceira era uma jovem vigorosa e nem tão feia.

– Salve-me! – disse-lhe em voz baixa o pobre-diabo.

Por um momento, ela o observou com ar de piedade; em seguida, abaixou os olhos, fez uma prega na saia e ficou indecisa. Ele seguiu com os olhos todos os movimentos da moça; era o último brilho de esperança.

– Não – disse enfim a jovem –, não! Guillaume Longuejoue me espancaria. – E voltou à multidão.

– Camarada – disse Clopin –, você está desgraçado.

Em seguida, pondo-se de pé sobre o tonel:

– Ninguém o deseja? – gritou, imitando o tom de um leiloeiro tabaquista, e todos riram. – Ninguém o deseja? Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três! – E voltando na direção do patíbulo com um sinal de cabeça: – Vendido!

Bellevigne de l'Étoile, Andry le Rouge e François Chante-Prune se aproximaram de Gringoire.

E, nesse momento, um grito se elevou entre os súditos do reino do calão:

– La Esmeralda! La Esmeralda!

Gringoire estremeceu e se voltou para o lado de onde vinha o clamor. A multidão se abriu e deu passagem a uma límpida e deslumbrante figura.

Era a cigana.

– La Esmeralda! – disse Gringoire, estupefato, no meio de suas emoções, com a brusca maneira com que essa palavra mágica enredava todas as lembranças de seu dia.

Essa rara criatura parecia exercer até mesmo na Corte dos Milagres seu império de encanto e de beleza. Os homens e as mulheres do reino do calão se arranjaram docemente à sua passagem, e as brutais figuras se apagaram ao seu olhar.

Ela se aproximou do paciente com seu passo ligeiro. Sua bela Djali a seguia. Gringoire estava mais morto do que vivo. Ela o observou em silêncio.

– Vão pendurar este homem? – disse gravemente a Clopin.

– Sim, irmã – respondeu o rei de esmolos –, a menos que o queira como marido.

Ela fez sua bela e pequena careta com o lábio inferior.

– Eu quero – disse ela.

Gringoire acreditava que tudo o que lhe acontecera desde de manhã fora apenas um sonho, e agora vivia sua continuação.

A peripécia, ainda que graciosa, era de fato violenta.

Desataram o nó da força, desceram o poeta do escabelo. Ele precisou se sentar, tão comovido que estava.

O duque do Egito trazia, calado, um jarro de argila. A cigana o mostrou a Gringoire.

– Jogue-o no chão – disse-lhe.

O jarro se quebrou em quatro pedaços.

– Irmão – disse o duque do Egito, colocando-lhe a mão sobre a frente –, ela é sua mulher. Irmã, ele é seu marido. Por quatro anos. Vão embora daqui.

VII. UMA NOITE DE NÚPCIAS

Pouco tempo depois, nosso poeta estava num pequeno quarto abobadado em ogiva, bem trancado, bem aquecido, sentado diante de uma mesa que parecia apenas demandar que fosse servida pelo que era guardado no armário suspenso diante dela, tendo um bom leito em perspectiva, em frente a uma bela jovem. A aventura chegava ao encantamento. Começava a levar a sério ser um personagem de contos de fadas; por vezes, lançava os olhos ao seu redor como se para verificar se o carro de fogo atrelado às duas quimeras aladas, o único que o transportaria rapidamente do tártaro ao paraíso, estaria ainda lá. Em outros momentos, grudava com obstinação seu olhar nos furos de seu gibão a fim de se pregar à realidade e de não perder o chão de uma hora para outra. Sua razão, agitada nos espaços imaginários, tinha apenas esse fio.

A jovem não lhe parecia dar nenhuma atenção; ia, vinha, movia algum escabelo, conversava com sua cabra, fazia sua careta, aqui e ali. Enfim, veio sentar perto da mesa, e Gringoire pôde observá-la à vontade.

O leitor já foi criança e talvez seja bastante feliz por ainda sê-lo. Decerto já seguiu algumas vezes (eu passei assim dias inteiros, os melhores de minha vida), de moita em moita, às margens da água viva, durante um dia de sol, uma libélula verde ou azul, partindo seu voo em ângulos bruscos e inclinando a ponta de todos os ramos. Lembra-se com que curiosidade amorosa seu pensamento e seu olhar se agarraram a esse pequeno turbilhão sibilante e sussurrante, com asas púrpuras e

azuis, no meio do qual flutuava uma forma inapreensível, velada devido à própria velocidade de seu movimento. O ser aéreo que se desenhava através desse frêmito de asas lhe parecia quimérico, imaginário, impossível de tocar, impossível de ver. Porém, tão logo a libélula repousava na ponta de um caniço, e se podia examinar o longo vestido de esmalte e os dois globos de cristal, tamanho era o espanto que provava e tamanho o receio de ver de novo a forma ir em sombra e voltar a ser quimera! Lembre-se dessas impressões e facilmente terá a ideia do que sentia Gringoire ao contemplar sob sua forma visível e palpável essa La Esmeralda, que até então apenas entrevira através do turbilhão da dança, do canto e do tumulto.

Cada vez mais tomado por esse devaneio, Gringoire definia, seguindo-a vagamente com os olhos, o que é La Esmeralda. “Uma criatura celeste! Uma dançarina das ruas! Tanto e tão pouco! Foi ela quem deu o golpe de misericórdia no meu mistério nessa manhã, é ela quem me salva a vida nesta noite. Meu demônio! Meu anjo! Uma bela mulher, palavra! E que se deve amar até a loucura por me tomar desse modo.”

– Bom – disse, levantando-se de súbito com esse autêntico sentimento que faz a base de seu caráter e de sua filosofia –, não sei muito bem como aconteceu, mas sou seu marido!

Com essa ideia na cabeça e nos olhos, aproximou-se da jovem de um modo tão militar e tão galante que ela recuou.

– O que deseja de mim? – perguntou ela.

– Pode me pedir, adorável Esmeralda? – respondeu Gringoire com um tom tão apaixonado que ele mesmo se espantou ao ouvir-se falar.

A cigana abriu seus grandes olhos.

– Não sei o que o senhor quer dizer.

– Como o quê? – retomou Gringoire, excitando-se cada vez mais, sonhando que tinha diante de si, depois de tudo, nada menos do que uma virtude da Corte dos Milagres. – Não sou seu marido, doce amiga, e você não é minha esposa?

E, ingenuamente, tomou-lhe pela cintura.

O corpete da cigana deslizou em suas mãos como a pele de uma enguia. Ela saltou de uma extremidade a outra da célula, abaixou-se e se levantou de volta com um pequeno punhal na mão, antes que Gringoire tivesse tempo de ver de onde saíra esse punhal, irritada, confiante, os lábios inchados, as narinas abertas, as faces rubras como

uma maçã-camoesa, as pupilas brilhantes como um raio. No mesmo instante, a cabrinha branca se postou diante dela e mostrou a Gringoire uma frente de batalha eriçada por dois belos chifres, dourados e bem agudos. Tudo num piscar de olhos.

A libélula fez-se vespa e nada mais desejava além de picar.

Nosso filósofo ficou sem ação, lançando olhares idiotas, alternadamente, à cabra e à jovem.

– Santa Virgem! – disse, enfim, quando a surpresa lhe permitiu falar. – São duas guerreiras!

A cigana rompeu o silêncio.

– Você deve ser um estranho bem descarado!

– Perdão, senhorita – disse Gringoire, sorrindo –, mas por que me tomou como marido?

– Devia ter deixado você ser pendurado?

– Então – retomou o poeta, um tanto desapontado em suas esperanças amorosas –, sua única intenção foi me salvar da força?

– E qual outra intenção desejava que eu tivesse? Gringoire mordeu os lábios.

– Vamos – disse ele –, não sou ainda tão triunfante em Cupido quanto acreditava que fosse. Mas, então, que importa ter quebrado esse pobre jarro?

No entanto, o punhal de La Esmeralda e os chifres da cabra estavam na defensiva.

– Senhorita Esmeralda – disse o poeta –, façamos um acordo. Eu não sou o oficial escrivão do Châtelet e não discutirei acerca de você portar uma adaga em Paris, sob os narizes de ordens e proibições do senhor preboste. Não ignore, no entanto, que Noel Lescrivain foi condenado a oito anos e dez soldos por ter portado um bacamarte. Não tenho nada com isso e vamos aos fatos. Eu lhe juro, por meu lugar no paraíso, que não me aproximarei sem sua licença e permissão; mas me dê de comer.

No fundo, Gringoire, como o senhor Despréaux, estava “mui pouco voluptuoso”. Não era dessa espécie cavalheira e mosqueteira que assalta as jovens. Em matéria de amor, como em toda outra matéria, estava mais propenso às contemporizações do que ao meio-termo: e uma boa ceia, sobretudo quando tinha fome, parecia-lhe um excelente entreato entre o prólogo e o desenrolar de uma aventura de amor.

A cigana não respondeu. Fez sua pequena careta desdenhosa, ergueu a cabeça como um pássaro, em seguida desatou a rir, e o delgado

punhal desapareceu da mesma forma como apareceu, sem que Gringoire pudesse ver onde a abelha escondia seu ferrão.

Um momento depois, havia sobre a mesa um pão de centeio, uma fatia de toucinho, algumas batatas e um jarro de cerveja. Gringoire comeu com vontade. Ao se escutar o tinir furioso de seu garfo e de seu prato de louça, parecia que todo seu amor se transformou em apetite.

Sentada diante dele, a jovem olhava-o em silêncio, parecendo preocupada com um outro pensamento que às vezes a fazia sorrir, enquanto sua doce mão acariciava a cabeça inteligente da cabra, mansamente prensada entre seus joelhos.

Uma lanterna de cera amarela iluminava essa cena com voracidade e devaneio.

No entanto, com os primeiros balidos de seu estômago apaziguado, Gringoire sentiu a falsa vergonha por só ter sobrado uma batata.

– Não comeu, senhorita Esmeralda?

Ela respondeu com um sinal de cabeça negativo, e seu olhar pensativo foi se fixar na voluta da célula.

“Com que diabo ela se preocupa?”, pensou Gringoire, vendo o que ela olhava: “Não é possível que a careta desse anão de pedra esculpido no cimo da voluta absorva assim sua atenção. Que diabo! Eu posso suportar a comparação.”

E a chamou:

– Senhorita!

Ela não parecia ouvi-lo.

Ele falou ainda mais alto:

– Senhorita Esmeralda!

Em vão. O espírito da jovem se encontrava alhures, e a voz de Gringoire não tinha potência para chamá-lo de volta. Felizmente, a cabra se uniu a ele, chamando a atenção de sua dona pela manga.

– O que você quer, Djali? – disse a cigana, como se acordada de sobressalto.

– Ela tem fome – disse Gringoire, feliz por começar uma conversa.

La Esmeralda pôs-se a esmigalhar o pão que Djali comia graciosamente na palma de sua mão.

De resto, Gringoire não deu tempo para que ela retomasse o devaneio. Arriscou um assunto delicado.

– Deseja-me como marido?

Ela fez sua careta e respondeu:

– Não.

– Como amante? – retomou Gringoire.

Ela fez sua careta e respondeu:

– Não.

– Como seu amigo? – prosseguiu Gringoire.

Ela o olhou ainda fixamente e, depois de um momento de reflexão, disse:

– Talvez.

Esse talvez, tão caro aos filósofos, encorajou Gringoire.

– Você sabe o que é amizade? – perguntou.

– Sim – respondeu a cigana –, é ser irmão e irmã; duas almas que se tocam sem se confundirem, os dois dedos da mão.

– E o amor? – prosseguiu Gringoire.

– Oh! O amor! – disse ela, e sua voz tremia, e seu olho radiava. – É ser dois e ser apenas um. Um homem e uma mulher que se fundem em um anjo. É o céu.

Falando assim, a dançarina das ruas irradiava uma beleza que impressionava Gringoire e lhe parecia em perfeita sintonia com a exaltação quase oriental de suas palavras. Seus lábios cor-de-rosa e puros quase sorriam; por vezes, sua fronte cândida e serena turvava-se com seu pensamento, como um espelho bafejado; e de seus longos cílios negros abaixados escapava uma espécie de luz inefável, que dava ao seu perfil essa suavidade ideal que Rafael reconhecera no ponto de interseção místico da virgindade, da maternidade e da divindade.

Gringoire continuou.

– Como preciso ser para lhe agradar?

– Precisa ser um homem.

– E não sou?

– Um homem tem elmo na cabeça, espada em punho e espora dourada nos tacões.

– Bom – disse Gringoire, sem cavalo nem masculinidade. – Está amando alguém?

– Com amor?

– Com amor.

Ela ficou pensativa por um momento; em seguida, disse com uma expressão particular:

– Vou saber logo.

– Por que não nesta noite? – retomou, com ternura, o poeta. – Por

que não a mim?

Ela lhe lançou um grave golpe de olhar.

– Só posso amar um homem que me proteja.

Gringoire enrubesceu e se deu por satisfeito. Era evidente que a jovem fazia alusão ao pequeno apoio que lhe prestou na circunstância crítica em que ele se encontrava duas horas atrás. Reveio-lhe essa lembrança, apagada por suas outras aventuras da noite. Bateu na testa.

– A senhorita então deveria ter começado por isso. Perdoe-me minhas loucas distrações. E como conseguiu escapar das garras de Quasímodo?

Essa questão arrepiou a cigana.

– Oh! O horrível corcunda! – disse ela, escondendo a face com as mãos. E tremia como se estivesse com muito frio.

– De fato, horrível – disse Gringoire, que não deixava de lado sua ideia. – Mas como pôde a senhorita escapar-lhe?

Esmeralda sorriu, suspirou e guardou silêncio.

– Sabe a senhorita por que ele a seguia? – disse Gringoire, buscando retomar sua pergunta por um desvio.

– Não sei – disse a jovem. E acrescentou com vivacidade: – Mas você também me seguia. Por que me seguia?

– Sinceramente – respondeu Gringoire –, também não sei.

Houve silêncio. Gringoire golpeava a mesa com sua faca. A jovem sorria e parecia olhar algo através da parede. De repente, começou a cantar com uma voz apenas entoada:

*Quando las pintadas aves
Mudas están, y la tierra...12*

De repente, ele a interrompeu e acariciou Djali.

– É um belo animal – disse Gringoire.

– É minha irmã – respondeu ela.

– Por que a chamam de La Esmeralda? – perguntou o poeta.

– Não sabia disso.

– Não?

Ela tirou de seu seio uma espécie de sachê oblongo, que estava pendurado em seu pescoço por uma corrente de grão de *adrézarach*. Esse sachê exalava um forte odor de cânfora; era coberto com uma seda verde e portava em seu centro uma grossa missanga verde, imitando uma esmeralda.

– Talvez seja por causa disso – disse ela.
Gringoire quis pegar no sachê. Ela recuou.
– Não toque nele! É um amuleto. Ou você fará mal ao encanto, ou o encanto a você...

A curiosidade do poeta estava cada vez mais aguçada.

– Quem lhe deu?

Ela pôs um dedo sobre a boca e guardou o amuleto em seu seio. Ele tentou outras perguntas, mas ela mal respondia.

– O que quer dizer La Esmeralda?

– Não sei – disse ela.

– Que língua é?

– Acredito que egípcio.

– Bem que desconfiei – disse Gringoire –, você não é da França.

– Nada sei disso.

– Tem parentes?

Ela se pôs a cantar com um ar antigo:

*Papai passarinho,
Mamãe passarinha,
Vou nas águas sem barquinha,
Vou nas águas sem barquinho.
Mamãe passarinha,
Papai passarinho.*

– Muito bem – disse Gringoire. – Com que idade chegou à França?

– Bem pequena.

– Em Paris?

– No último ano. No momento em que entramos pela porta papal, vi a toutinegra fazer seu ninho de juncos. Era final de agosto; e eu disse que o inverno seria duro.

– E foi – disse Gringoire, feliz com esse começo de conversa. – Passei por ele soprando meus dedos. Então tem o dom da profecia?

Ela recaiu em seu laconismo.

– Não.

– Esse homem que vocês chamam de duque do Egito é o chefe de sua tribo?

– Sim.

– No entanto, ele nos casou – observou, timidamente, o poeta.

Ela fez a bela careta de costume.

– Mas não sei seu nome.

– Meu nome? Se deseja saber, vou dizer: Pierre Gringoire.

– Não conheço outro mais belo – disse ela.

– Não seja má! – retomou o poeta. – Pouco importa, a senhorita não me importuna. Olhe bem, se me conhecer melhor talvez venha a me amar; e, como me contou sua história com tanta confiança, vou lhe contar um pouco da minha. Saiba, então, que me chamo Pierre Gringoire e sou filho do caseiro do pavilhão de Gonesse. Meu pai foi enforcado pelos borgonheses, e minha mãe foi estripada pelos picardos no cerco de Paris, há vinte anos. Com seis anos, então, fiquei órfão, minha sola eram as calçadas de Paris. Não sei como passei o período de seis a dezesseis anos. Uma fruteira me deu uma ameixa aqui, um padeiro me deu uma migalha acolá; certa noite, fui pego pelos *onze-vings* 13, que me colocaram na prisão e lá encontrei um molho de palha. Tudo isso não me impediu de crescer e emagrecer, como vê. No inverno, aquecia-me ao sol no pórtico do Hôtel de Sens e achava muito ridículo que a fogueira de São João fosse reservada à canícula. Com dezesseis anos, desejei mudar de vida. Sucessivamente, fiz de tudo. Fui soldado, mas não era tão corajoso; fui monge, mas não era tão devoto; e, além do mais, bebia mal. Desesperado, entrei como aprendiz entre os carpinteiros do grande machado; mas eu não era tão forte. Tinha muito pendor para ser mestre de escola; é verdade que não sabia ler, mas não era um motivo. Depois de algum tempo, percebi que me faltava algo para tudo; e, vendo que não era bom em nada, passei a ser, de bom grado, poeta e compositor de ritmos. É uma profissão que sempre se pode assumir quando se é um vadio, e isso vale mais do que roubar, como me aconselharam alguns jovens amigos alfaiates. Um belo dia, tive a felicidade de encontrar dom Claude Frollo, o reverendo arqui-diácono da Notre-Dame. Ele se interessou por mim e devo a ele o fato de eu ser hoje um verdadeiro letrado, sabedor do latim desde os ofícios de Cícero até o Martirológio dos pais celestinos, sem ser bárbaro nem na escolástica, nem na poética, nem na rítmica, nem mesmo na hermética, essa sofia das sofias. Sou o autor do mistério que se representou hoje com grande triunfo e grande audiência em plena grande sala do palácio. Escrevi também um livro de seiscentas páginas sobre o cometa prodigioso de 1465, devido ao qual um homem se tornou louco. Tenho ainda outros sucessos. Como sou um pouco

marceneiro de artilharia, trabalhei na grande bombarda de Jean Maugue, que, como se sabe, rompeu a ponte de Charenton no dia em que foi inaugurada, matando 24 curiosos. Veja que não sou um mau partido para o casamento. Sei muitos modos de passos bem interessantes que ensinaria à sua cabra; por exemplo, imitar o bispo de Paris, esse maldito fariseu cujos moinhos enlameiam os passantes por todo o Pont-aux-Meuniers. E, além do mais, meu mistério irá me render muito dinheiro vivo, se me pagarem. Enfim, estou às suas ordens, eu e meu espírito e minha ciência e minhas letras, pronto para viver com a senhorita, da forma que mais lhe agradar; castamente ou alegremente; marido e mulher, se a senhorita achar bom, ou irmão e irmã, como achar melhor.

Gringoire se calou, esperando o efeito de sua arenga sobre a jovem. Ela tinha os olhos fixos no chão.

– Phœbus – disse ela à meia-voz. – Depois, voltando-se ao poeta: – Phœbus, o que quer dizer isso?

Sem compreender muito bem qual a relação que poderia haver entre seu pequeno discurso e essa pergunta, Gringoire se sentiu agradecido por fazer brilhar sua erudição. E, empavonando-se, respondeu:

– É uma palavra latina que quer dizer sol.

– Sol! – exclamou ela.

– É o nome de um mui belo arqueiro que era um deus – acrescentou Gringoire.

– Deus! – repetiu a cigana, e havia em seu tom algo de pensativo e apaixonado.

Nesse momento, um de seus braceletes se desprende e caiu. Gringoire se abaixou para apanhá-lo; quando se levantou, a jovem e a cabra haviam desaparecido por uma pequena porta que devia se comunicar com uma célula vizinha e que se fechava por fora.

– Será que me deixou ao menos um leito? – perguntou-se nosso filósofo.

Rodou pela célula. Não havia móvel algum próprio ao sono, a não ser um longo cofre de madeira e, além do mais, com o tampo esculpido, o que proporcionava a Gringoire uma sensação bem próxima àquela que provara Micromégas dormindo deitado sobre os Alpes.

– Que seja! – disse a si próprio, acomodando-se da melhor maneira. – É preciso se resignar. Mas foi uma estranha noite de núpcias. É uma pena. Há nesse casamento do jarro quebrado algo de ingênuo e de

antediluviano que me agrada.

-
1. Bolo seco. [N.T.] ↔ □
 2. Um cofre de grande preço/ Encontraram em um pilar,/ Dentro, novas bandeiras/
Ornadas de figuras terríveis. [N.T.] ↔ □
 3. Cavalheiros árabes/ Incapazes de se mexer/ Armados com espadas, portando ao
colo,/ Bestas que atiravam com destreza. [N.T.] ↔ □
 4. Todas as rotas, caminhos e vias. [N.T.] ↔ □
 5. A boa esmola, senhor! A boa esmola! [N.T.] ↔ □
 6. Faça a caridade! [N.T.] ↔ □
 7. A expressão francesa *roi de Thunes*. [N.T.] ↔ □
 8. Neologismo de Rabelais que significa “fatigar o espírito”, composto pelo radical grego
mataiós (vão, frívolo), seguido do termo *graboliser*, oriundo de *grabeler* (examinar
minuciosamente, separar em fragmentos inutilizáveis). [N.T.] ↔ □
 9. *Petite flambe*, como eram chamados os marginais que traziam escondidos
instrumentos cortantes. [N.T.] ↔ □
 10. *Franche bourgeoisie*, como eram chamados os marginais. [N.T.] ↔ □
 11. Todas as coisas se encontram na filosofia; e todos os homens, no filósofo. [N.T.] ↔ □
 12. Quando as aves de todas as cores/ Estão mudas, e a terra... [N.T.] ↔ □
 13. Corpo de 220 sargentos de polícia de Paris. [N.T.] ↔ □

LIVRO TERCEIRO

I. NOTRE-DAME

Com certeza, a igreja de Notre-Dame é ainda hoje uma majestosa e sublime edificação. Entretanto, por mais bela que esteja conservada enquanto envelhece, é difícil não suspirar, não se indignar diante das degradações, das mutilações inúmeras que, simultaneamente, o tempo e os homens fazem sofrer o venerável monumento, sem respeito por Carlos Magno, que pôs sua primeira pedra, e por Filipe Augusto, que pôs a última.

Sobre a face dessa velha rainha de nossas catedrais, ao lado de uma ruga, encontra-se sempre uma cicatriz. *Tempus edax, homo edacior* 1; o que traduziria de bom gosto desta maneira: o tempo é cego, o homem é estúpido.

Se tivéssemos a oportunidade de examinar com o leitor, uma a uma, as diversas marcas de destruição impressas na antiga igreja, a parte do tempo seria a menor; a pior, aquela dos homens, sobretudo dos *homens da arte*, pois houve dois indivíduos que ganharam a qualidade de arquitetos nos dois últimos séculos.

E, a princípio, para citar apenas alguns exemplos capitais, poucas páginas arquiteturais são tão belas quanto essa fachada, em que, sucessiva e simultaneamente, os três portais cavados em ogiva, a moldura bordada e denteada com 28 nichos reais, a imensa rosácea central flanqueada com suas duas janelas laterais como o padre do diácono e do subdiácono, a alta e frágil galeria de arcadas em trevo, que suporta uma pesada plataforma sobre suas finas colunetas, e as escuras e maciças torres com seus guarda-ventos de ardósia, partes harmoniosas de um todo magnífico, superpostas em cinco andares gigantescos, desenvolvendo-se aos olhos, múltipla e límpida, com seus inumeráveis detalhes de estatuária, de escultura, de ornamento, conjurados com potência à tranquila grandeza do conjunto; obra colossal de um homem e de um povo; em conjunto, una e complexa como as ilíadas e os romanceiros, de que é irmã; produto prodigioso da contribuição de todas as forças de uma época, em que, sobre cada pedra, vê-se avançar, em centenas de modos, a fantasia do operário

disciplinado através do gênio do artista; espécie de criação humana, em uma palavra, potente e fecunda como a criação divina, que parece ter, em segredo, um duplo caráter: variedade e eternidade.

E o que dizemos aqui da fachada vale dizer de toda a igreja; e o que dizemos da igreja catedral de Paris vale dizer de todas as igrejas da cristandade na Idade Média. Tudo faz sentido nessa arte provinda dela mesma, lógica e bem proporcionada. Mensurar o dedo do pé é mensurar o gigante.

Voltemos à fachada da Notre-Dame tal qual ela nos aparece ainda no presente, quando, piedosamente, admiramos a grave e potente catedral que aterroriza, no dizer de seus cronistas: *Quae mole sua terrorem incutit spectantibus*.²

Três coisas importantes faltam hoje a essa fachada: a escadaria de onze degraus, que outrora a elevava acima do solo; a série inferior de estátuas, que ocupava os nichos dos três portais, e a série superior dos 28 reis da França mais antigos, que guarnecia a galeria do primeiro andar, de Childebert a Filipe Augusto, trazendo à mão “a maçã imperial”.

A escada desapareceu em função do tempo, que elevou lenta e irresistivelmente o nível do solo da Cité. No entanto, mesmo fazendo devorar, uma a uma, por essa maré montante do pavimento de Paris, os onze degraus que aumentavam a altura majestosa do prédio, talvez o tempo tenha acrescentado mais à igreja do que subtraído, pois expandiu sobre essa fachada a sóbria cor dos séculos, que faz da velhice dos monumentos a idade de sua beleza.

Mas quem demoliu as duas fileiras de estátuas? Quem deixou os nichos vazios? Quem talhou, bem no meio do portal central, essa ogiva nova e bastarda? Quem ousou aí enquadrar essa insípida e pesada porta de madeira esculpida à Luís XV ao lado dos arabescos de Biscornette? Os homens, os arquitetos, os artistas de nossos dias.

E, se entramos no interior do prédio, quem derrubou esse colossal São Cristóvão, proverbial entre as estátuas de mesmo título na grande sala do palácio, como a flecha de Estrasburgo entre os campanários? E essa miríade de estátuas que povoavam todo o espaço entre as colunas da nave e do coro, de joelhos, de pé, equestres, homens, mulheres, crianças, reis, bispos, guardas, de pedra, de mármore, de ouro, de prata, de cobre, ou mesmo em cera, quem os aniquilou? Não foi o tempo.

E quem substituiu o velho altar gótico, esplendidamente coberto de

cofres e relicários, por esse pesado sarcófago de mármore com cabeças de anjos e nuvens, o qual mais parece uma espécie truncada do Val-de-Grâce ou dos Invalides? Quem chumbou de forma estúpida esse pesado anacronismo no pavimento carolíngio de Hercandus? Não foi Luís XIV, cumprindo o desejo de Luís XIII?

E quem colocou esses frios vidros brancos no lugar daqueles vitrais de cores berrantes, que faziam hesitar o olho maravilhado de nossos pais entre a rosa do grande portal e as ogivas da abside? E o que diria um corista do século XVI ao ver o reboco amarelo com que nossos vândalos arcebispos mancharam sua catedral? Lembraria que era a cor com que o ofício borrava os prédios *condenados*; recordaria o Hôtel du Petit-Bourbon, todo manchado de amarelo devido à traição do condestável; “amarelo, afinal, com tão boa têmpera”, diz Sauval, “e tão bem recomendado que mais de um século não o fez perder sua cor”. Acreditaria que o lugar santo se tornou infame e fugiria.

E se subirmos na catedral sem nos deter nas mil barbáries de todo o gênero, o que se fez desse encantador pequeno campanário que se apoiava na ponta de interseção do cruzamento das ogivas e que, não menos delicado e não menos arrojado do que sua vizinha flecha (também destruída) da Sainte-Chapelle, penetrava o céu além das torres, alçada, aguda, sonora, aberta? Um arquiteto de bom gosto (1787) a amputou e acreditou que bastava maquiar a ferida com esse largo emplastro de chumbo, que mais parece uma tampa de panela.

É assim que a arte maravilhosa da Idade Média foi tratada em quase todos os países, sobretudo na França. Podem-se distinguir em sua ruína três espécies de lesões, e todas as três a corroem em diferentes profundidades; o tempo, primeiramente, que a embotou aqui e ali e oxidou sua superfície; depois, as revoluções políticas e religiosas, as quais, cegas e coléricas por natureza, arremessaram-se em tumulto sobre ela, rasgaram-lhe o rico vestuário de esculturas e ornamentos, rebentaram-lhe as rosáceas, romperam-lhe colares de arabescos e de figurinos, arrancaram-lhe as estátuas, tanto por sua mitra quanto por sua coroa; e, finalmente, as modas, mais e mais grotescas e imbecis, que, depois dos anárquicos e esplêndidos desvios do Renascimento, sucederam na decadência necessária da arquitetura. As modas fizeram mais mal do que as revoluções. Elas dissecaram o vivo, atacaram a medula óssea da arte; cortaram, talharam, desorganizaram, mataram a construção tanto na forma quanto no símbolo, tanto em sua lógica

quanto em sua beleza. E, depois, refizeram-na; pretensão que pelo menos não tinham o tempo nem as revoluções. Afrontosamente, adaptaram, com o *bom gosto*, às feridas da arquitetura gótica, seus miseráveis bibelôs de um dia, suas emendas de mármore, seus pompons de metal: verdadeira lepra de óvulos, de volutas, de tornos, de rouparia, de guirlandas, de franjas, de flamas de pedra, de nuvens de bronze, de amores repletos de querubins balofos, que começaram a devorar a face da arte no oratório de Catarina de Médicis e a fez expirar, dois séculos mais tarde, atormentada e com esgares, na alcova da Dubarry.

Assim, para resumir os pontos que indicamos, três espécies de devastação desfiguram hoje a arquitetura gótica. Rugas e verrugas na epiderme, obra do tempo. Vias de fato, brutalidades, contusões, fraturas, obras das revoluções desde Lutero até Mirabeau. Mutilações, amputações, deslocamentos dos membros, *restaurações*, o trabalho grego, romano e bárbaro dos professores, segundo Vitruvius e Vignola. Essa arte magnífica que os vândalos produziram, os acadêmicos mataram. Aos séculos, às revoluções, que devastam ao menos com imparcialidade e grandeza, acrescentou-se o bando de arquitetos de escola, patenteados, jurados e juramentados; degradando com o discernimento e a escolha do mau gosto, substituindo as rendas góticas pelas chicórias de Luís XV, para a maior glória do Partenon. É o coice do asno num leão moribundo. É o velho carvalho que se coroa e que, para o cúmulo, é picado, mordido e estraçalhado pelas lagartas.

Quão distante a época em que Robert Cenalis, comparando Notre-Dame de Paris a esse famoso templo de Diana de Éfeso, *tão louvado pelos antigos pagãos*, que imortalizou Eróstrato, considerou a catedral gaulesa “excelentíssima em comprimento, largura, altura e estrutura”.

Notre-Dame de Paris não é, de fato, o que se possa chamar de um monumento completo, definido, classificado. Já não é mais uma igreja romana, nem ainda uma igreja gótica. Essa construção não é um modelo. Notre-Dame de Paris não tem, como a abadia de Tournus, a grave e maciça envergadura, a rotunda e larga abóboda, a nudez glacial, a majestosa simplicidade dos prédios que têm o arco pleno como gerador. Não é como a catedral de Bourges, um produto magnífico, leve, multiforme, frondoso, eriçado e florescente da ogiva. Impossível alistá-la nessa antiga família de igrejas sombrias, misteriosas, baixas, como que esmagadas pelo arco pleno, quase egípcias, de

telhado baixo; todas hieroglíficas, todas sacerdotais, todas simbólicas; mais carregadas em seus ornamentos de losangos e zigue-zagues do que de flores, mais de flores do que de animais, mais de animais do que de homens; obra menos de arquiteto do que de bispo; primeira transformação da arte, toda impressa de disciplina teocrática e militar, que tem raiz no Baixo-Império e se detém em Guilherme, o Conquistador. Impossível localizar nossa catedral nessa outra família de igrejas altas, aéreas, ricas de vitrais e de esculturas; agudas na forma, ousadas na atitude; comunais e burguesas como símbolos políticos; livres, caprichosas, descomedidas, como uma obra de arte; segunda transformação da arquitetura, não mais hieroglífica, imutável, sacerdotal, mas artística, progressiva, popular, que começa com o retorno das cruzadas e termina em Luís XI. Notre-Dame de Paris não é da pura raça romana, como as primeiras; nem da pura raça árabe, como as segundas.

É um prédio da transição. O arquiteto saxão acabava de erguer os primeiros pilares da nave, quando a ogiva, que chegava da cruzada, veio pousar como conquistadora sobre os largos capitéis romanos, que não deviam portar apenas arcos plenos. A ogiva, senhora desde então, construiu o resto da igreja. No entanto, inexperiente e tímida em seu começo, dilatou-se, alargou-se, conteve-se e não ousou ainda em flechas e lancetas, como o fez mais tarde em tantas maravilhosas catedrais. Pode-se dizer que ela se ressentia da vizinhança dos pesados pilares romanos.

Por outro lado, esses prédios da transição do romano ao gótico não são menos preciosos de se estudar do que os modelos puros. Eles exprimem uma nuance da arte que, sem eles, estaria perdida. É o enxerto da ogiva sobre o arco pleno cintro.

Notre-Dame de Paris é uma curiosa amostra dessa variedade. Cada face, cada pedra do venerável monumento não é somente uma página da história do país, mas também da história da ciência e da arte. Dessa forma, para indicar aqui apenas os detalhes principais, enquanto que a pequena porta Rouge atinge quase o limite das delicadezas góticas do século XV, os pilares da nave, devido ao seu volume e à sua gravidade, recuam até a abadia carolíngia de Saint-Germain-des-Prés. Acredita-se haver seis séculos entre essa porta e esses pilares. Mesmo os herméticos encontram nos símbolos do grande portal um compêndio satisfatório de sua ciência, de que a igreja de Saint-Jacques-de-la-Boucherie era o hieróglifo completo. Assim, a abadia romana, a igreja filosófica, a arte

gótica, a arte saxônica, o pesado pilar rotundo que remete a Gregório VII, o simbolismo hermético pelo qual Nicolas Flamel preludiava Lutero, a unidade papal, o cisma, Saint-Germain-des-Prés, Saint-Jacques-de-la-Boucherie; tudo está fundido, combinado, amalgamado em Notre-Dame. Essa igreja central e geradora é, entre as velhas igrejas de Paris, uma espécie de quimera; tem a cabeça de uma, os membros daquela, a garupa daquela outra, algo de todas.

Repetimos, essas construções híbridas não são menos interessantes para o artista, para o antiquário, para o historiador. Elas fazem sentir a que ponto a arquitetura é coisa primitiva, no que ela demonstra (e demonstram também os vestígios ciclópicos, as pirâmides do Egito, os gigantescos pagodes hindus) que os maiores produtos da arquitetura são menos obras individuais do que obras sociais; mais o trabalho de parto dos povos do que o jorro dos homens de gênio; o depósito que deixa uma nação; o acúmulo dos séculos; o resíduo das evaporações sucessivas da sociedade humana; em uma palavra, espécies de formações. Cada vaga do tempo amontoa seu aluvião; cada raça deposita seu leito sobre o monumento, cada indivíduo contribui com sua pedra. Assim fazem os castores, as abelhas, os homens. O grande símbolo da arquitetura, Babel, é uma colmeia.

Os grandes edifícios, como as grandes montanhas, são trabalho dos séculos. Assim como a arte se transforma, eles permanecem ainda em construção, *pendent opera interrupta* 3; têm sua continuidade pacificamente segundo a arte transformada. A arte nova toma o monumento onde ele se encontra, incrusta-se nele, assimila-o, desenvolve-o à sua fantasia, e se puder o termina. Tudo se conclui sem perturbação, sem esforço, sem reação, seguindo uma lei natural e tranquila. É um enxerto que sobrevém, uma seiva que circula, uma vegetação que se recupera. Certamente, há matéria para grossos livros e, muitas vezes, história universal da humanidade nessas emendas sobre o mesmo monumento. O homem, o artista, o indivíduo, apagam-se sob essas grandes massas sem o nome do autor; a inteligência humana aí se resume e se totaliza. O tempo é o arquiteto, o povo é o pedreiro.

Considerar aqui apenas a arquitetura europeia cristã, essa irmã caçula das grandes maçonarias do Oriente, faz com que ela pareça aos olhos como uma imensa formação dividida em três camadas bem distintas que se superpõem: a camada romana, a camada gótica, a camada do Renascimento, que chamaríamos com gosto greco-romana.⁴ O leito

romano, que é o mais antigo e o mais profundo, é ocupado pelo arco pleno cintro, que reaparece sustentado pela coluna grega no leito moderno e superior do Renascimento. A ogiva, entre os dois. As construções que pertencem exclusivamente a um desses três leitos são bem distintas, unas e completas. São a abadia de Jumièges, a catedral de Reims, a Sainte-Croix d'Orléans. No entanto, as três camadas se misturam e se amalgamam pelas bordas, como as cores no espectro solar. Daí os monumentos complexos, os prédios de nuance e de transição. Um é romano nos pés, gótico no meio e greco-romano na cabeça. É porque levou seiscentos anos para ser construído. Essa variedade é rara. O torreão de Étampes é um exemplo. Os monumentos de duas formações, porém, são menos frequentes. É Notre-Dame de Paris, edifício ogival, que se funda pelos seus primeiros pilares nessa camada romana onde estão mergulhados o portal de Saint-Denis e a nave de Saint-Germain-des-Prés. É a encantadora sala capitular semigótica de Bocheville, na qual o leito romano chega até a cintura. É a catedral de Rouen, que seria inteiramente gótica se não banhasse a extremidade de sua flecha central na camada do Renascimento.⁵

De resto, todas essas nuances, todas essas diferenças afetam apenas a superfície das construções. É a arte que mudou de pele. A própria constituição da igreja cristã não foi atacada. É o mesmo esqueleto interior, a mesma disposição lógica das partes. Qualquer que seja o invólucro esculpido ou bordado de uma catedral, sob ele sempre se reencontra, ainda que em estado de germe e de rudimento, a basílica romana. Ela se desenvolve eternamente sobre o solo segundo a mesma lei. São duas naves impassíveis que se entrecortam em cruz e cuja extremidade superior, arredondada na abside, forma o coro; são sempre as naves laterais, para as procissões internas, para as capelas, espécies de promontórios laterais onde a nave principal transborda pelo entrecolunamento. Dito isto, o número de capelas, portais, campanários, flechas, modifica-se seguindo a fantasia do povo, da arte. Uma vez provido e assegurado o serviço do culto, a arquitetura faz o que lhe apraz. Estátuas, vitrais, rosáceas, arabescos, dentilhões, capitéis, baixo-relevos, ela combina todas essas imaginações segundo o logaritmo que lhe convém. Daí a prodigiosa variedade exterior dessas construções, no fundo das quais reside ordem e unidade. O tronco da árvore é imutável, a vegetação é caprichosa.

II. PARIS EM SOBREVOO

Buscamos restaurar para o leitor essa admirável igreja de Notre-Dame de Paris. Indicamos de forma sucinta a maior parte das belezas de que era provida no século XV e que lhe faltam hoje; mas omitimos a principal: a vista de Paris que se descortinava do alto de suas torres.

De fato, após se tatear sem pressa a tenebrosa espiral que trespassa perpendicularmente a espessa muralha dos campanários, desembocava-se, enfim, numa das duas altas plataformas inundadas de claridade e ar livre; uma bela pintura, então, se estendia de todas as partes sob os olhos; um espetáculo *sui generis*, de que podem facilmente fazer ideia os nossos leitores que tiveram a felicidade de ver uma cidade gótica inteira, completa, homogênea, como algumas ainda são, Nuremberg na Baviera, Victoria na Espanha; ou mesmo a menor das amostras, uma vez que sejam bem conservadas, Vitré na Bretanha, Nordhausen na Prússia.

A Paris de 350 anos atrás, a Paris do século XV já era uma cidade gigante. Nós, parisienses, em geral nos enganamos acerca do terreno que ganhamos desde então; Paris, depois de Luís XI, não cresceu mais do que um terço. Decerto, perdeu mais em beleza do que ganhou em tamanho.

Paris nasceu, como se sabe, nesta velha ilha da Cité, que tem a forma de um berço. A praia dessa ilha foi sua primeira cerca; o Sena, seu primeiro fosso. Paris permaneceu vários séculos em estado de ilha, com duas pontes, uma ao norte, outra ao sul, primeiras da lista do que seriam ao mesmo tempo suas portas e fortalezas; o Grand-Châtelet na margem direita, o Petit-Châtelet na margem esquerda. Depois, desde os reis da primeira raça, muito estreita em sua ilha, não cabendo mais em si, Paris atravessou a água. Então, para além do Grand, para além do Petit-Châtelet, uma primeira cerca de muralhas e de torres começou a encetar o campo dos dois lados do Sena. Dessas antigas imediações ainda restavam alguns vestígios no último século; hoje resta apenas a lembrança e, aqui e ali, uma tradição, a porta Baudets ou Baudoyer, *porta Bagauda*. Pouco a pouco, a vaga das casas, sempre lançada do coração da cidade para fora, arruína, desgasta e apaga essa cerca. Filipe Augusto faz-lhe um novo dique. Aprisiona Paris em uma cadeia circular de grossas torres, altas e sólidas. Por mais de um século, as casas se

apertam, acumulam-se e elevam seu nível nessa bacia como a água num reservatório. Começam a se tornar profundas; erguem-se andares sobre andares, sobem umas sobre as outras; brotam na altura como toda seiva comprimida, e apostam quem há de passar a cabeça sobre as vizinhas para ter um pouco de ar livre. A rua cada vez mais se aprofunda e se estreita, todo espaço se entulha e desaparece. As casas enfim saltam sobre o muro de Filipe Augusto e se espalham alegremente sobre a planície sem ordem, sem direção certa, como os fugitivos. Lá elas se esquadrinham, recortam os jardins no campo, sentem-se à vontade. Desde 1367, a cidade se expande de tal modo pelos subúrbios que é necessário uma nova cerca, sobretudo na margem direita; Carlos V a constrói. Uma cidade como Paris, porém, é uma cheia perpétua. Apenas cidades como essas viram capitais. São os funis em que desembocam as vertentes geográficas, políticas, morais, intelectuais de um país, todos os pendores naturais de um povo; os poços de civilização, por assim dizer, tanto como de esgotos, comércio, indústria, inteligência, população, tudo o que é seiva, tudo o que é vida, tudo o que é alma de uma nação filtrada e acumulada sem cessar, gota a gota, século a século. A muralha de Carlos V tem, então, a mesma sorte da muralha de Filipe Augusto. Desde o fim do século XV, é encavalada, ultrapassada, e o subúrbio transborda mais longe. No século XVI, parece recuar a olhos vistos e mergulhar cada vez mais na velha cidade, de tanto que uma nova cidade a torna mais espessa por fora. Assim, até o século XV, para ficarmos por aí, Paris já consumira três cinturões concêntricos de muralhas, que desde o tempo de Juliano, o Apóstata, estavam, por assim dizer, em germe no Grand-Châtelet e no Petit-Châtelet. A potente cidade fez rebentar sucessivamente seus quatro cinturões de muralhas, como uma criança que cresce e rasga suas roupas do ano passado. Sob Luís XI, viam-se, por todos os lados, atravessar por esse mar de casas, alguns grupos de torres na ruína dos antigos cinturões, como os picos das colinas em uma inundação, como os arquipélagos da velha Paris submersos sob a nova.

A partir de então, Paris é ainda transformada, infelizmente para os nossos olhos; mas franqueou apenas uma muralha a mais, a de Luís XV, esse miserável muro de lama e escarro, digno do rei que o construiu, digno do poeta que o cantou:

O muro a lbe murar faz Paris murmurar.

No século XV, Paris estava ainda dividida em três cidades bastante distintas e separadas, tendo cada uma sua fisionomia, sua especialidade, suas morais, seus costumes, seus privilégios, sua história: a Cité, a Universidade e a Cidade. A Cité, que ocupava a ilha, era a mais antiga, a menor e a mãe das outras, comprimida entre elas (com o perdão da comparação) como uma pequena velha entre duas grandes belas jovens. A Universidade cobria a margem esquerda do Sena, desde a Tournelle até a torre de Nesle, pontos que correspondem, respectivamente, na Paris de hoje, ao mercado de vinhos e à Monnaie. Seu cerco chanfrava, em larga extensão, esse campo em que Juliano construiu suas termas. A montanha de Sainte-Geneviève aí se encerrava. O ponto culminante dessa curva de muralhas era a Porta Papal, ou seja, bem próximo da instalação atual do Panteão. A Cidade, que era o maior dos três pedaços de Paris, situava-se na margem direita. Seu cais, rompido e interrompido em vários locais, corria ao longo do Sena, da torre de Billy à torre do Bois, ou seja, do local onde hoje está o silo de reserva de grãos a onde estão hoje as Tuileries. Esses quatro pontos, onde o Sena cortava a muralha da capital, a Tournelle e a torre de Nesle à esquerda, a torre de Billy e a torre do Bois à direita, chamavam-se por excelência “as quatro torres de Paris”. A Cidade adentrava nas terras mais profundamente do que a Universidade. O ponto culminante do enclausuramento da Cidade (aquela de Carlos V) estava nas portas Saint-Denis e Saint-Martin, cuja localidade não mudou.

Como dissemos, cada uma dessas três grandes divisões de Paris era uma cidade, mas uma cidade muito especial para ser completa, uma cidade que não podia passar sem as duas outras. Três aspectos então bem distintos: na Cité abundavam as igrejas; na Cidade, os palácios; na Universidade, as escolas. Para negligenciar aqui as originalidades secundárias da velha Paris e os caprichos do direito da via pública, diríamos, de um ponto de vista geral, tomando apenas os conjuntos e as massas no caos das jurisdições comunais, que a ilha era do bispo; a margem direita, do preboste dos mercadores; a margem esquerda, do reitor, o preboste de Paris, oficial real e, sobretudo, não municipal. A Cité tinha Notre-Dame; a Cidade, o Louvre e o Hôtel de Ville; a Universidade, a Sorbonne. A Cidade tinha as Halles; a Cité, o Hôtel-Dieu; a Universidade, o Pré-aux-Clercs. O delito que os estudantes cometiam na margem esquerda, no seu Pré-aux-Clercs, era julgado na ilha, no Palácio da Justiça; e punia-se na margem direita, em

Montfaucon, a menos que o reitor, sentindo a Universidade forte e o rei fraco, interviesse, pois era privilégio dos estudantes serem enforcados entre os seus.

(A maior parte desses privilégios, apenas para se observar de passagem, e haveria melhores do que esse, foi extorquida dos reis por revoltas e motins. É o curso imemorial: o rei cede somente quando o povo lhe arranca. Há um velho código que diz o mesmo, de modo mais ingênuo, a propósito da fidelidade: *Civibus fidelitas in reges, quae tamen aliquotes seditionibus interrupta, multa peperit privilegia.*”⁶)

No século XV, o Sena banhava cinco ilhas dentro de Paris: a ilha Louviers, onde então havia árvores e hoje há apenas bosques; a ilha das Vacas e a ilha Notre-Dame, todas as duas desertas, com um casebre, ambas feudos do bispo (no século XVII, construiu-se apenas numa dessas duas ilhas, a qual chamamos ilha de Saint-Louis); enfim, a Cité e, na sua ponta, a ilhota do barqueiro das vacas, que sumiu depois sob o terrapleno do Pont-Neuf. A Cité possuía cinco pontes: três à direita, a ponte de Notre-Dame, o Pont-au-Change, de pedra, e o Pont-aux-Meuniers, de madeira; duas à esquerda, o Petit-Pont, de pedra, e a ponte Saint-Michel, de madeira; todas cheias de casas. A Universidade possuía seis portas, construídas por Filipe Augusto; eram, a partir da Tournelle, a porta Saint-Victor, a porta Bordelle, a porta Papal, a porta Saint-Jacques, a porta Saint-Michel e a porta Saint-Germain. A Cidade possuía seis portas, construídas por Carlos V; eram, a partir da torre de Billy, a porta Saint-Antoine, a porta do Templo, a porta Saint-Martin, a porta Saint-Denis, a porta Montmartre e a porta Saint-Honoré. Todas essas portas eram fortes e também belas, o que não prejudica a força. Um fosso largo e profundo, de uma forte corrente nas cheias do inverno, lavava o pé das muralhas ao redor de Paris; o Sena fornecia a água. À noite, fechavam-se as portas, barrava-se o rio nos dois extremos da cidade com grossas correntes de ferro e Paris dormia tranquila.

Em sobrevoo, essas três regiões, a Cité, a Universidade, a Cidade, apresentavam um tricô inextrincável de ruas bizarramente embaralhadas. No entanto, no primeiro aspecto, reconhecia-se que esses três fragmentos de cidade formavam um só corpo. Viam-se, rapidamente, duas longas ruas paralelas, sem ruptura, sem perturbação, quase em linha reta, que atravessavam ao mesmo tempo as três cidades de um extremo a outro, do meio ao norte, perpendicularmente ao Sena, e ligavam-nas, misturavam-nas, infundiam, despejavam, transvasavam

sem cessar o povo de uma nos muros da outra e das três faziam apenas uma. A primeira dessas duas ruas ia da porta Saint-Jacques à porta Saint-Martin; chamava-se rua Saint-Jacques na Universidade, rua Juiverie na Cité, rua Saint-Martin na Cidade; passava sobre a água duas vezes sob os nomes de Petit-Pont e ponte Notre-Dame. A segunda, que se chamava rua de la Harpe sobre a margem esquerda, rua de la Barillerie na ilha, rua Saint-Denis sobre a margem direita, ponte Saint-Michel sobre um braço do Sena, Pont-au-Change sobre o outro, ia da porta Saint-Michel, na Universidade, à porta Saint-Denis, na Cidade. De resto, sob tantos nomes diversos, eram sempre apenas duas ruas, mas duas ruas mães, as duas geradoras, as duas artérias de Paris. Todas as outras veias da tripla cidade ou delas se esvaíam ou nelas desembocavam.

Independentemente dessas ruas principais, diametrais, perpassando Paris de parte a parte em sua largura, comuns à capital inteira, a Cidade e a Universidade tinham cada uma sua grande rua particular, que corria no sentido de seu comprimento, paralelamente ao Sena, e, ao passar, cortavam em ângulo reto as ruas arteriais. Assim, na Cidade descia-se em linha reta da porta Saint-Antoine à porta Saint-Honoré; na Universidade, da porta Saint-Victor à porta Saint-Germain. Essas duas grandes vias cruzadas com as duas primeiras formavam uma tela sobre a qual repousava, apertada e serrada, a rede dedálea das ruas de Paris. No desenho ininteligível dessa rede, distinguiam-se, por outro lado, examinando com atenção, como que dois feixes alargados, um na Universidade, outro na Cidade, dois molhos de largas ruas que iam e desabrochavam das pontes às portas.

Algo dessa planta geométral subsiste ainda hoje.

Agora, sob que aspecto esse conjunto se apresentava visto do alto das torres da Notre-Dame em 1482? É o que tentaremos dizer.

Para o espectador que chegou estafado a esse topo, era um deslumbramento de telhados, chaminés, ruas, pontes, praças, flechas, campanários. Tudo lhe tomaria os olhos ao mesmo tempo, o frontão talhado, a cobertura aguda, a torrinha suspensa nos ângulos dos muros, a pirâmide de pedra do século XI, o obelisco de ardósia do século XV, a torre rotunda e nua do torreão, a torre quadrada e bordada da igreja, o grande, o pequeno, o maciço, o aéreo. O olhar se perdia por longo tempo e com profundidade nesse labirinto, onde não havia nada que não tivesse sua originalidade, sua razão, seu gênio, sua beleza, nada que não viesse da arte, desde a menor das casas com fachada pintada e

esculpida, com vigamento exterior, com porta em arco rebaixado, com andares sobrepostos, até o real Louvre, que tinha uma colunata de torres. Eis então as principais massas que se distinguiam quando os olhos começavam a se recuperar desse tumulto de prédios.

Primeiramente, a Cité. A ilha da Cité, como dizia Sauval, que, apesar de sua miscelânea, por vezes tem a felicidade do estilo, “a ilha da Cité é como um grande navio enterrado no vaso e encalhado no fio de água no meio do Sena”. Acabamos de explicar que, no século XV, esse navio estava amarrado às duas margens do rio por cinco pontes. Essa forma de embarcação tinha também impressionado os escribas heráldicos; pois é daí, e não do sítio normando, que vem, segundo Favyn e Pasquier, o navio que faz parte do velho brasão de Paris. Para quem sabe decifrá-lo, o brasão é uma álgebra, o brasão é uma língua. A história inteira da segunda metade da Idade Média está escrita no brasão, assim como a história da primeira metade no simbolismo das igrejas romanas. Os hieróglifos da feudalidade vêm depois daqueles da teocracia.

A Cité, então, oferecia-se aos olhos com sua popa levantada e sua proa derreada. Quem se voltasse para a proa, tinha diante de si um inumerável rebanho de velhos telhados, sobre os quais se arredondava largamente o travesseiro plúmbeo da Sainte-Chapelle, semelhante a uma garupa de elefante carregado com sua torre. Somente aqui essa torre era a flecha mais atrevida, mais lavrada, mais trabalhada, mais recortada, que jamais deixou de ver no céu com seu cone de renda. Diante da Notre-Dame, e bem perto, três ruas desembocavam no adro, bela praça com velhas casas. Sobre o lado sul dessa praça, inclinava-se a fachada rugosa e carrancuda do Hôtel-Dieu e seu telhado, que parecia coberto de pústulas e verrugas. Depois, à esquerda, a leste, a oeste, nesta cerca tão estreita que portava a Cité, erguiam-se os campanários de suas 21 igrejas de todas as datas, de todas as formas, de todas as grandezas, desde a baixa e carcomida campânula romana de Saint-Denys-du-Pas (*cárcere Glaucini*) até as finas agulhas de Saint-Pierre-aux-Bœufs e de Saint-Landry. Atrás da Notre-Dame, desdobrava-se, ao norte, o mosteiro, com suas galerias góticas; ao sul, o palácio semirromano do bispo; a leste, a ponta deserta do Terrain. Nesse amontoamento de casas, os olhos distinguiam ainda essas altas chaminés perfuradas que então coroavam, sobre as janelas mais elevadas do palácio, o hotel dado à cidade por Carlos VI, a Juvenal des Ursins; um pouco mais adiante, as

barracas alcatroadas do mercado Palus; alhures ainda, a nova abside de Saint-Germain-le-Vieux, aumentada em 1458 com uma ponta da rua em Febves; e depois, por praças, um cruzamento abarrotado de gente, um pelourinho erguido no canto da rua, um belo fragmento da calçada de Filipe Augusto, um magnífico lajedo raiado pelas patas dos cavalos no meio da via e tão mal substituído no século XVI pelo miserável empedramento dito *pavimento da Liga*, um fundo deserto com essas diáfanas torrinhas de escada, como se faziam no século XV, como se veem ainda na rua dos Bourdonnais. Os bosques dos jardins do rei, que cobriam a ponta ocidental da Cité, encobriam a ilha do barqueiro. Quanto à água, do alto das torres da Notre-Dame, nada se via dela nos dois lados da Cité; o Sena desaparecia sob as pontes; as pontes, sob as casas.

E, quando o olhar ultrapassava essas pontes, cujos telhados enverdeciam facilmente, bolorentos antes da idade pelos vapores da água, e se voltasse para a esquerda, na direção da Universidade, a primeira construção que lhe impressionaria era um espesso e baixo de torres, o Petit-Châtelet, cujo pórtico escancarado devorava o extremo do Petit-Pont; depois, se percorresse a margem de alto a baixo, da Tournelle à torre de Nesle, veria um longo cordão de casas com traves esculpidas, vidros coloridos, sobrepondo, de andar em andar sobre o pavimento, um zigue-zague de lojas burguesas, cortado com frequência pela boca de uma rua e, por vezes, pela face ou pelos cotovelos de um grande hotel de pedra, encaixando-se a seu modo, pátios e jardins, alas e prédios entre esse populacho de casas apertadas e estreitas, como um grande senhor em meio a um bando de rústicos. Havia cinco ou seis desses hotéis sobre o cais, depois a residência de Lorraine, que partilhava com os Bernardins a grande cerca vizinha de Tournelle, até o Hôtel de Nesle, cuja torre principal delimitava Paris e cujos telhados agudos tinham o privilégio de, três vezes ao ano, recortar com seus triângulos negros o disco escarlate do sol poente.

Esse lado do Sena era o menos comercial dos dois; os estudantes aí faziam mais barulho e algazarra do que os artesãos, e, a bem dizer, não havia cais senão o da ponte Saint-Michel à torre de Nesle. O resto da margem do Sena era tanto uma praia vazia, como para além dos Bernardins, e tanto um amontoado de casas com os pés na água, como entre as duas pontes. Havia uma grande algazarra de lavadeiras; elas gritavam, conversavam, cantavam da manhã à noite ao longo da

margem e ali batiam com força a roupa, como em nossos dias. Essa não era a menor das alegrias de Paris.

A Universidade fazia um bloco à vista. De um extremo a outro, era um todo homogêneo e compacto. Esses mil telhados, densos, angulosos, aderentes, compostos quase do mesmo elemento geométrico, ofereciam, vistos de cima, o aspecto de uma cristalização da mesma substância. O caprichoso córrego de ruas cortava essa massa de casas em fatias proporcionais. Os 42 colégios aí estavam disseminados de uma maneira bem igual e havia deles por todo canto. Os topos variados e alegres dessas belas construções eram produto da mesma arte dos simples telhados que eles transpunham, e não eram mais, em definitivo, do que uma multiplicação ao quadrado ou ao cubo da mesma figura geométrica. Tornavam mais complexo o conjunto sem o perturbar, completavam-no sem o carregar. A geometria é uma harmonia. Certos belos hotéis faziam também, aqui e ali, magníficas saliências sobre os celeiros pitorescos da margem esquerda: as residências de Nevers, de Rome e de Reims, que desapareceram; o Hôtel de Cluny, que ainda subsiste para consolo do artista e cuja torre foi tão estupidamente descoroada há alguns anos. Perto de Cluny, esse palácio romano com belos arcos cintros, estavam as Thermes de Julien. Havia também tantas abadias com a beleza mais devota, a grandeza mais grave do que os hotéis, mas não menos belas nem menores. Aquelas que saltavam primeiramente à vista eram os Bernardins, com seus três campanários; Sainte-Geneviève, cuja torre quadrada, que existe ainda, fazia tanto lamentar o resto; a Sorbonne, metade escola, metade monastério, da qual sobrevive uma tão admirável nave; o belo claustro quadrilateral dos Mathurins; seu vizinho, o claustro de Saint-Benoît, em cujos muros teve-se tempo de atamancar um teatro entre a sétima e a oitava edição deste livro; os Cordeliers, com seus três enormes picos justapostos; os Augustins, cuja graciosa agulha fazia, depois da torre de Nesle, o segundo dentilhão desse lado de Paris, a partir do Ocidente. As escolas, que são o elo intermediário do claustro com o mundo, atingiam o meio da série monumental, entre os hotéis e as abadias, com uma severidade plena de elegância, uma escultura menos evaporada do que a dos palácios, uma arquitetura menos séria do que a dos conventos. Não resta quase nada, infelizmente, desses monumentos em que a arte gótica entrecortava com tanta precisão a riqueza e a economia. As igrejas (eram inúmeras e esplêndidas na Universidade, e se escalonavam

lá também em todas as eras da arquitetura, desde o arco pleno-cintro de Saint-Julien até as ogivas de Saint-Séverin), as igrejas dominavam tudo; e, como uma harmonia a mais nessa massa de harmonias, elas atravessavam a todo momento o recorte de picos de flechas cortadas, de campanários, de agulhas delgadas, cuja linha também não passava de uma magnífica amplificação do ângulo agudo dos telhados.

O solo da Universidade era montanhoso. A montanha Sainte-Geneviève aí fazia, a sudoeste, uma ampola enorme; era de notar do alto da Notre-Dame que essa multidão de ruas estreitas e tortuosas (hoje o *país latino*), esse cacho de casas que, expandidas em todos os sentidos do cume dessa eminência, precipitavam-se em desordem e quase verticalmente sobre seus flancos até a borda da água, sendo que algumas pareciam tombar e outras se reerguer, todas contendo-se umas nas outras. Um fluxo contínuo de mil pontos negros que se entrecruzavam sobre a calçada fazia tudo se mover aos olhos; era o povo visto assim do alto e de longe.

Enfim, nos intervalos desses telhados, dessas flechas, desses acidentes de edifícios sem número que dobravam, torciam, denteavam de uma maneira tão bizarra a linha extrema da Universidade, entrevia-se, de espaço em espaço, um largo lanço de muro musgoso, uma espessa torre rotunda, uma porta de cidade ameaçada, figurando a fortaleza: era a muralha de Filipe Augusto. Para além verdejavam os prados, para além se evadiam as estradas, ao longo das quais insistiam ainda algumas casas de subúrbio, tão mais raras quanto mais distantes. Alguns desses subúrbios tinham importância, sobretudo, a partir da Tournelle, o burgo Saint-Victor, com sua ponte em arco sobre a Bièvre, sua abadia, onde se lia o epitáfio de Luís, o Gordo, *epitaphium Ludovico Grossi*, e sua igreja, com uma flecha octogonal flanqueada e quatro torrinhas de campanário do século XI (pode-se ver uma parecida em Étampes; ela não foi ainda derrubada); em seguida, o burgo Saint-Marceau, que já tinha então três igrejas e um convento; deixando à esquerda o moinho dos Gobelins e seus quatro muros brancos, o burgo Saint-Jacques, com uma bela cruz esculpida em seu cruzamento; a igreja Saint-Jacques du Haut-Pas, que era então gótica, aguda e encantadora; Saint-Magloire, bela nave do século XIV, que Napoleão transformou em celeiro de feno; Notre-Dame-des-Champs, onde havia mosaicos bizantinos. Enfim, depois de ter deixado em pleno campo o monastério dos Chartreux, o rico prédio contemporâneo do Palácio da Justiça, com seus pequenos jardins

compartimentados, e as ruínas mal assombradas de Vauvert, a vista caía, ao ocidente, sobre as três agulhas romanas de Saint-Germain-des-Prés. O burgo Saint-Germain, já uma grande comuna, quinze ou vinte ruas atrás; o campanário agudo de Saint-Sulpice marcava um dos cantos do burgo. Bem ao lado, distinguia-se o cerco quadrilateral da feira de Saint-Germain, onde hoje se encontra o mercado; depois, o piloti da abadia, bela pequena torre redonda coberta por um cone de chumbo; a fábrica de telhas era mais distante, e a rua do Four, que levava ao forno comum, e o moinho sobre seu cômor, e a leprosoaria, casinha isolada e mal vista. No entanto, o que mais atraía o olhar e o fixava por um bom tempo sobre esse ponto, era a própria abadia. Decerto, esse monastério, que tinha uma bela aparência tanto como igreja quanto como domínio senhorial, esse palácio abacial, onde os bispos de Paris se davam por satisfeitos de dormir uma noite, esse refeitório ao qual o arquiteto deu a aparência, a beleza e a esplêndida rosácea de uma catedral, essa elegante capela da Virgem, essa camarata monumental, esses vastos jardins, essa grade, essa ponte levadiça, essas ameias que entalhavam aos olhos a verdura dos prados ao redor, esse curso onde reluziam homens armados sob mantos dourados, tudo agrupado e conjurado em torno das três altas flechas de arco pleno cintro, bem assentadas sobre uma abside gótica, faziam uma magnífica figura no horizonte.

Quando enfim, após terem observado por um bom tempo a Universidade, os olhos se voltassem à margem direita, na direção da Cidade, o espetáculo mudava bruscamente de caráter. A Cidade, com efeito, bem maior do que a Universidade, era menos una. À primeira vista, via-se dividir em várias massas singularmente distintas. De início, a leste, nessa parte da cidade, que ainda hoje recebe o nome de pântano, onde Camulógeno enlodou César, havia um amontoado de palácios. A massa se estendia até as margens. Quatro hotéis quase colados, Jouy, Sens, Barbeau, a residência da rainha, miravam no Sena suas águas-furtadas de ardósia, cortadas de esbeltas torrinhas. Essas quatro construções preenchiam o espaço da rua Nonaindières à abadia dos Célestins, cuja agulha elevava de forma graciosa sua linha de picos e de seteiras. Alguns casebres esverdeados suspensos sobre a água diante de suntuosos hotéis não impediam de se ver os belos ângulos de suas fachadas, suas largas janelas quadradas no encruzamento de pedras, seus pórticos ogivais sobrecarregados de estátuas, as vivas arestas de seus muros sempre nitidamente cortados e todos os

encantadores caprichos da arquitetura que fazem com que a arte gótica tenha o ar de recomençar suas combinações a cada monumento. Atrás desses palácios, corria em todas as direções, tanto fendida, em paliçadas e ameias, quanto velada por grandes árvores como um convento, a cerca imensa e multiforme desse maravilhoso Hôtel Saint-Pol, onde o rei da França podia hospedar com soberba 22 príncipes da qualidade do delfim e do duque de Borgonha, com seus domésticos e suas suítes, sem contar os grandes senhores, e o imperador, quando vinha ver Paris, e os leões, que tinham seu hotel à parte no hotel real. Dissemos aqui que um aposento de príncipe não tinha, a princípio, menos de onze salas, seguidas da câmara de aparato até o genuflexório, sem falar das galerias, dos banhos, das estufas e outros “lugares supérfluos” de que cada apartamento era provido; sem falar dos jardins particulares de cada anfitrião do rei; sem falar das cozinhas, dos celeiros, dos escritórios, dos refeitórios gerais da casa, dos galinheiros, onde havia 22 laboratórios gerais, desde os fornos à copa real; dos jogos de mil espécies, o malho, a pela, a argola; do aviário, do aquário, da coleção de animais, da estrebaria, dos estábulos, das bibliotecas, dos arsenais e das fundições. Eis o que é então um palácio de rei, um Louvre, um Hôtel Saint-Pol, uma cidade na cidade.

Da torre onde estamos, o Hôtel Saint-Pol, escondido quase pela metade pelas quatro grandes residências de que acabamos de falar, era ainda bem visível e muito belo de se ver. Distinguia-se bastante, ainda que soldado no batimento principal por longas galerias com vitrais e colunetas, os três hotéis que Carlos V amalgamara a seu palácio: o Hôtel du Petit-Muce, com a balaustrada em renda que orlava graciosamente seu telhado; o hotel da abadia de Saint-Maur, tendo o relevo de um forte castelo, uma grossa torre de matacão, seteiras, pardais de ferro e, sobre a larga porta saxônica, o escudete da abadia entre os dois entalhes da ponte-levadiça; o hotel do conde de Étampes, cujo torreão, em ruínas no seu cume, arredondava-se aos olhos, embicado como a crista de um galo; aqui e ali, três ou quatro velhos carvalhos faziam tufos em conjunto como enormes couves-flores; cisnes divertindo-se no claro das águas dos viveiros, todo plissado de sombra e luz; muitos pátios, cujas pontas pitorescas eram visíveis; o Hôtel des Lions, com suas ogivas baixas sobre os curtos pilares saxões, suas grades de ferro e seu rangido perpétuo; do lado oposto a esse conjunto, a flecha escamada da Ave Maria; à esquerda, a residência do preboste

de Paris, flanqueada por quatro torrinhas finamente entalhadas; no meio, ao fundo, o Hôtel Saint-Pol propriamente dito, com suas fachadas multiplicadas, seu enriquecimento sucessivo desde Carlos V, as excrescências híbridas, cuja fantasia dos arquitetos carregaram, depois de dois séculos, com todas as absides de suas capelas, todos os picos de suas galerias, suas ventoinhas aos quatro ventos e suas duas altas torres contíguas, cujo telhado cônico, repleto de seteiras em sua base, tinha a aparência desses chapéus pontudos de borda elevada.

Continuando a subir os andares desse anfiteatro de palácio desenvolvido ao longo sobre o solo, depois de franquear o córrego profundo escavado nos telhados da Cidade, o qual marcava a passagem da rua Saint-Antoine, os olhos chegavam à residência de Angoulême, vasta construção de várias épocas, onde havia partes muito novas e bem brancas, que não se fundiam melhor ao conjunto do que uma peça vermelha em um gibão azul. No entanto, o telhado singularmente agudo e elevado do palácio moderno, erigido de goteiras esculpidas, coberto de lâminas de chumbo, onde se revolviam em mil fantásticos arabescos de cintilantes incrustações de cobre dourado, esse telhado tão curiosamente marchetado lançava-se com graça no meio das ruínas castanhas do antigo prédio, cujas velhas e grossas torres, arredondadas pela idade como vasilhames, desmoronando sobre si mesmas com vetustidade e se despedaçando de alto a baixo, pareciam grandes ventres desabafados. Atrás, elevava-se a floresta de agulhas do palácio de Tournelles. Nenhuma vista no mundo, nem em Chambord, nem na Alhambra, era mais mágica, mais aérea, mais prestigiosa do que essa mata de flechas, de torrinhas, de chaminés, de ventoinhas, de espirais, de escadas em caracol, de lanternas atravessadas pelo dia como que feridas com ímpeto, de pavilhões, de torreões em fuso, ou, como se dizia então, de *tournelles*⁷, todos diversos em formas, alturas e atitudes. Parecia um gigantesco tabuleiro de xadrez de pedra.

À direita de Tournelles, essa caixa de enormes torres negras de tinta, entrando umas nas outras e atadas, por assim dizer, por uma fenda circular, esse mirante atravessado mais por seteiras do que por janelas, essa ponte levadiça sempre erguida, essa grade sempre caída, é a Bastilha. Essas espécies de bicos negros que saem de entre as ameias e que, de longe, são tomadas por goteiras, são seus canhões.

Sob seu canhão, aos pés da formidável construção, fica a porta Saint-Antoine, metida entre suas duas torres.

Para além de Tournelles, até a muralha de Carlos V, desenrolava-se, com ricos compartimentos de verduras e de flores, um tapete aveludado de culturas e de parques reais, no meio dos quais se reconhecia, em seu labirinto de árvores e aleias, o famoso jardim Dédalus que Luís XI dera a Coictier. O observatório do doutor se elevava acima do dédalo como uma grossa coluna isolada, tendo uma casinha como capitel. Fez-se nessa oficina terríveis astrologias.

Lá está hoje a praça Royale.

Como acabamos de dizer, o quarteirão do palácio, cuja ideia nos empenhamos em dar ao leitor, indicando nada menos do que as sumidades, empregava-se como o ângulo que a muralha de Carlos V fazia a leste com o Sena. O centro da Cidade era ocupado por um amontoado de casas populares. Era lá, de fato, que desembocavam os três pontos da Cité sobre a margem direita, e as pontes formam casas antes de palácios. Esse monte de habitações burguesas, espremidas como os alvéolos de uma colmeia, tinha sua beleza. Ali estavam os telhados de uma capital como as vagas no mar, e isso é grandioso. A começar pelas ruas, cruzadas e embaralhadas, fazendo em bloco cem figuras agradáveis. Ao redor do matagal, era como uma estrela de mil raios. As ruas Saint-Denis e Saint-Martin, com suas inumeráveis ramificações, subiam uma após outra como duas grossas árvores que misturam seus ramos. E, em seguida, a linhas tortuosas, as ruas de la Plâtrerie, de la Verrerie, de la Tixeranderie, etc., serpenteavam sobre o todo. Havia também belos prédios que atravessavam a ondulação petrificada desse mar de pinheiros. Na cabeça do Pont-aux-Changeurs, atrás do qual se via espumar o Sena, sob as rodas do Pont-aux-Meuniers, estava o Châtelet, não mais torre romana, como sob Juliano, o Apóstata, mas torre feudal do século XIII, e com uma pedra tão dura que três horas de picareta não lhe arrancaria a espessura de um punho. Havia o rico campanário quadrado de Saint-Jacques-de-la-Boucherie, com seus ângulos atenuados de esculturas, já admirável, embora inacabado no século XV. Faltavam-lhe, em particular, esses quatro monstros empoleirados nos esconsos de seu telhado, que ainda hoje têm a aparência de quatro esfinges, as quais fazem a nova Paris adivinhar o enigma da antiga; Rault, o escultor, somente os pousou em 1526; e esse trabalho lhe rendeu vinte francos. Havia a Maison-aux-Piliers, aberta sobre a praça de Grève, de que já demos alguma ideia ao leitor. Havia Saint-Gervais, que mais tarde um portal de *bom gosto*

estragou; Saint-Méry, cujas velhas ogivas eram então quase abóbodas; Saint-Jean, cuja magnífica agulha era proverbial; havia vinte outros monumentos que se dignavam em não esconder suas maravilhas nesse caos de ruas negras, estreitas e profundas. Acrescentem-se as cruzes de pedra esculpidas, mais pródigas ainda nos cruzamentos do que os cadafalsos; o cemitério dos Innocents, de que se apercebia, ao longo, por sobre os telhados, a cerca arquitetural; o pelourinho das Halles, de que se via o topo entre duas chaminés da rua de la Cossonnerie; a escada da Croix-du-Trahoir em seu cruzamento negro de gente; os casebres circulares do entreposto de trigo; os trechos da antiga cerca de Filipe Augusto, que se distinguiam aqui e ali, imersos nas casas, torres consumidas por heras, portas arruinadas, lanços de paredes carcomidos e deformados; o cais com suas mil lojas e matadouros sanguinolentos; o Sena carregado de barcos do Port-au-Foin ao For-l'Évêque; e se tem uma imagem confusa do que era em 1482 o trapézio central da Cidade.

Além de seus dois bairros, um de hotéis, o outro de casas, o terceiro elemento característico que a Cidade oferecia era uma longa zona de abadias que a margeava em quase toda sua extensão, do nascente ao poente, e fazia-lhe, atrás da cerca de fortificações que encerravam Paris, uma segunda cerca interior de conventos e capelas. Assim, bem ao lado do parque de Tournelles, entre a rua Saint-Antoine e a velha rua du Temple, havia Sainte-Catherine, com seu imenso cultivo, limitada apenas pela muralha de Paris. Entre a velha e a nova rua du Temple, havia o templo, sinistro feixe de torres, alto, de pé e isolado no meio de uma vasta cerca ameada. Entre a rua Neuve-du-Temple e a rua Saint-Martin, estava a abadia de Saint-Martin, no meio de seus jardins, soberba igreja fortificada, cujo cinturão de torres, cuja tiara de campanários só ficavam a dever em força e esplendor a Saint-Germain-des-Prés. Entre as ruas Saint-Martin e Saint-Denis, desenvolvia-se o cercado de Trinité. Enfim, entre a rua Saint-Denis e a rua Montorgueil, as Filles-Dieu. Ao lado, destacavam-se os telhados podres e a cerca despavimentada da Corte dos Milagres. Era o único elo profano que se misturava a essa devota cadeia de conventos.

Enfim, o quarto compartimento que se desenhava na aglomeração de telhados da margem direita e que ocupava o canto ocidental da clausura e a borda da água montante, era um novo nó de palácios e de hotéis espremidos aos pés do Louvre. O velho Louvre de Filipe Augusto, esse prédio desmesurado, cuja grossa torre zombava das 23

torres mestras ao seu redor, sem contar as torrinhas, parecia, de longe, encastado nos cúmulos góticos do Hôtel d'Alençon e du Petit-Bourbon. Essa hidra de torres, gigante guardiã de Paris, com suas 24 cabeças sempre vestidas, com suas cumeeiras monstruosas, chumbadas ou escamadas de ardósias, e completamente resplandcentes de reflexos metálicos, encerrava de maneira surpreendente a configuração da Cidade ao poente.

Assim, um imenso quarteirão, que os romanos chamavam *insula*, casas burguesas, ladeadas à direita e à esquerda por dois blocos de palácios coroados, um pelo Louvre, o outro pelas Tournelles, margeado ao norte por um longo cinturão de abadias e uma cerca cultivada, o todo amalgamado e unido ao olhar; sobre esses mil prédios, cujos telhados de telha e ardósia cortavam, uns sobre os outros, tantas cadeias bizarras, os campanários tatuados, nervurados e cinzelados de 44 igrejas da margem direita; miríade de ruas atravessadas; como limite, de um lado uma cerca de altos muros com torres quadradas (a da Universidade era de torres redondas); do outro, o Sena, cortado por pontes, no qual deslizavam muitos barcos. Eis a Cidade no século XV.

Para além das muralhas, algumas avenidas estreitavam-se nas portas, mas menos numerosas e mais esparsas do que aquelas da Universidade. Atrás da Bastilha, havia vinte casebres enroscados ao redor das curiosas esculturas da Croix-Faubin e dos arcobotantes da abadia Saint-Antoine des Champs; em seguida, o Popincourt, perdido nos trigais; depois, a Courtille, alegre vilarejo de cabarés; o burgo Saint-Laurent com sua igreja, cujo campanário, de longe, parecia se somar às torres agudas da porta Saint-Martin; a avenida Saint-Denis, com a vasta cerca de Saint-Ladre; para além da porta Montmartre, a Grange-Batelière, cingida de muralhas brancas; atrás dela, com suas encostas de giz, Montmartre, que tinha então quase tantas igrejas quanto moinhos, e que só conservou os moinhos, pois a sociedade nada mais pede agora além do pão para o corpo. Enfim, para além do Louvre, via-se estender nos prados a avenida Saint-Honoré, já então muito importante, e verdejar a Petite-Bretagne, e se desenrolar o Marché-aux-Pourceaux, no centro do qual se arredondava o horrível forno para ferver os falsos moedeiros. Entre a Courtille e Saint-Laurent, seu olhar já observara, pelo coroamento de certa elevação erguida sobre planícies desertas, uma espécie de edifício, que de longe parecia com uma colunata em ruína de pé sobre um vazamento descalçado. Não era nem um Partenon, nem um olímpico

templo de Júpiter. Era Montfaucon.

Agora, se essa sumária enumeração de tantas construções não pulverizou, à medida que a construímos no espírito do leitor, a imagem geral da velha Paris, nós a resumiremos em poucas palavras. No centro, a ilha da Cité, que parecia, por sua forma, com uma enorme tartaruga, cujas patas seriam suas pontes escamadas saindo por debaixo de sua cinza carapaça de telhados. À esquerda, o trapézio monolítico, firme, denso, apertado, eriçado da Universidade; à direita, o vasto semicírculo da Cidade, muito mais entremeado de jardins e monumentos. Os três blocos, Cité, Universidade, Cidade, marmoreados de inúmeras ruas. Em diagonal, o Sena, o “nutritivo Sena”, como diz o padre Du Breul, obstruído por ilhas, pontes e barcos. Ao redor, uma planície imensa, retalhada por mil tipos de cultivos, semeada de belos vilarejos; à esquerda, Issy, Vanvres, Vaugirard, Montrouge, Gentilly, com sua torre redonda e sua torre quadrada, etc.; à direita, vinte outros, desde Conflans até Ville-l'Évêque. No horizonte, uma bainha de colinas dispostas em círculo como a borda de um lago. Enfim, ao longe, no Oriente, Vincennes e suas sete torres quadrangulares; ao sul, Bicêtre e suas torrinhas agudas; ao norte, Saint-Denis e sua agulha; a oeste, Saint-Cloud e seu mirante. Eis a Paris que os corvos que viviam em 1482 viam do alto das torres da Notre-Dame.

No entanto, é dessa cidade que Voltaire disse que “antes de Luís XIV possuía apenas quatro belos monumentos”: o domo da Sorbonne, o Val-de-Grâce, o Louvre moderno e, sem ter certeza do quarto, talvez o Luxemburgo. Nem por isso, felizmente, Voltaire deixou de fazer *Cândido* e deixa de ser, entre todos os homens que se sucederam na longa série da humanidade, aquele com o melhor riso diabólico. Isso prova, aliás, que se pode ser um grande gênio e nada se compreender de uma arte diferente da sua. Não acreditava Molière render grande honra a Rafael e a Michelangelo chamando-os de “afetados de sua era”?

Voltemos a Paris e ao século XV.

Não era, então, somente uma bela cidade; era uma cidade homogênea, um produto arquitetural e histórico de Idade Média, uma crônica de pedra. Era uma cidade formada por apenas duas camadas, a românica e a gótica, pois a camada romana desaparecera havia muito tempo, exceto nas Thermes de Julien, onde trespassava ainda a crosta espessa da Idade Média. Quanto à camada céltica, dela não se encontravam amostras, nem mesmo se escavando poços.

Cinquenta anos mais tarde, quando a Renascença misturou a essa unidade tão severa e, no entanto, tão variada de luxo deslumbrante de suas fantasias e de seus sistemas, seus vícios de arcos plenos românicos, de colunas gregas e de abatimentos góticos, sua escultura tão tenra e tão ideal, seu gosto particular de arabescos e de acantos, seu paganismo arquitetural contemporâneo de Lutero, Paris foi, talvez, ainda mais bela, ainda que menos harmoniosa ao olhar e ao pensamento. A Renascença não foi imparcial; não se contentou em construir, quis pôr abaixo. É verdade que necessitou de espaço. Assim, a Paris gótica durou apenas um minuto. Tão logo se acabou com Saint-Jacques-de-la-Boucherie, teve início a demolição do velho Louvre.

Desde então, a grande cidade foi se deformando dia a dia. A Paris gótica, sob a qual se apagava a Paris românica, apagava-se por sua vez. Mas será que se pode dizer qual Paris a substituiu?

Há a Paris de Catarina de Médicis, nas Tuileries, a Paris de Henrique II, no Hôtel de Ville, duas construções ainda de grande gosto; a Paris de Henri IV, na praça Royale: fachadas de tijolos com cantos de pedra e telhados de ardósia, casas tricolores; a Paris de Luís XIII, no Val-de-Grâce: uma arquitetura esmagada e atarracada, abóbadas em arco de cesto, um não sei que de barrigudo na coluna e de corcunda no domo; a Paris de Luís XIV, nos Invalides: grande, rica, dourada e fria; a Paris de Luís XV, em Saint-Sulpice: volutas, nós de fitas, nuvens, aletrias e chicórias, o todo em pedra; a Paris de Luís XVI, no Panteão: São Pedro de Roma mal copiada (o edifício foi erguido desajeitadamente, o que não lhe acomodou as linhas); a Paris da República, na Escola de Medicina: um pobre gosto grego e romano que parec com o Coliseu ou com o Partenon, como a constituição do ano III com as leis de Minos, que se chama, em arquitetura, o “gosto messidor”; a Paris de Napoleão, na praça Vendôme: esta é sublime, uma coluna de bronze feita com canhões; a Paris da restauração, na Bolsa: uma colunata muito branca com uma frisa bem lisa; o todo é quadrado e custou vinte milhões.

A cada um desses monumentos característicos, acrescenta-se por uma similitude de gosto, de modo e de atitude, uma certa quantidade de casas esparsas nos diversos bairros e que o olhar do conhecedor distingue a data com facilidade. Quando sabe ver, encontra de novo o espírito de um século e a fisionomia de um rei até mesmo numa aldrava.

A Paris atual, então, não tem nenhuma fisionomia geral. É uma

coleção de amostras de vários séculos, e as mais belas desapareceram. A capital cresce apenas com casas, e que casas! Do jeito que vai Paris, irá se renovar a cada cinquenta anos. Assim, a significação de sua arquitetura apaga-se todos os dias. Nela, os monumentos se tornam cada vez mais raros e parece que são devorados pouco a pouco, afundados nas casas. Nossos pais tiveram uma Paris de pedra; nossos filhos terão uma Paris de gesso.

Quanto aos monumentos modernos da nova Paris, nós nos dispensaremos, de bom grado, de comentar. Não porque não os admiremos como convém. A Sainte-Geneviève do senhor Soufflot é, certamente, o mais belo bolo de Savoie que se fez em pedra. O palácio da Légion d'Honneur é também um pedaço de confeitaria muito distinta. O domo do mercado de trigo é um barrete de jockey inglês sobre uma grande escada. As torres Saint-Sulpice são duas grossas clarinetas com uma forma como outra qualquer; o telégrafo, torto e caricato, traz um amável acidente em sua cobertura. Saint-Roch tem um portal somente comparável, por sua magnificência, a Saint-Thomas d'Aquin. Há também um calvário em relevo em uma cava e um sol de madeira dourada. São coisas maravilhosas. A lanterna do labirinto do Jardin des Plantes é também muito engenhosa. Quanto ao palácio da Bolsa, grego por sua colunata, romano pelo pleno cintro de suas portas e janelas, da Renascença por sua grande abóbada rebaixada, é, sem dúvida, um monumento muito correto e puro; a prova é que ele é coroado por um ático como não se via em Atenas, bela linha reta, graciosamente interrompida aqui e ali por chapéus altos. Acrescentemos que, se é regra que a arquitetura de uma construção seja adaptada ao seu destino de tal modo que esse destino se evidencie por si no aspecto da construção, não se saberia muito bem como se maravilhar com ela, que pode ser, indiferentemente, um palácio de rei, uma câmara dos comuns, uma prefeitura, um colégio, um carrossel, uma academia, um entreposto, um tribunal, um museu, uma caserna, um sepulcro, um templo, um teatro. No entanto, é uma Bolsa. Um monumento, por outro lado, deve ser apropriado ao clima. Este se construiu, com certeza, expresso para nosso céu frio e chuvoso. Tem um telhado quase plano como no Oriente; no inverno, então, quando neva, é necessário varrê-lo, e não resta dúvida que um telhado é feito para ser varrido. Quanto a esse destino de que falamos há pouco, ele o desempenha às mil maravilhas; há uma Bolsa na França como houvera um templo na

Grécia. Verdade é que o arquiteto tivera muita dificuldade para esconder o quadrante do relógio que teria destruído as belas linhas das fachadas; mas, por outro lado, há essa colunata que circula em volta do monumento e sob a qual, nos grandes dias de solenidade religiosa, pode-se desenvolver majestosamente a teoria dos agentes de câmbio e dos corretores do comércio.

São esses, sem dúvida, os mais soberbos monumentos. Acrescentemos tantas belas ruas, alegres e variadas, como a rua de Rivoli, e não duvido que Paris, visto em sobrevoo de balão, não apresente um dia aos olhos essa riqueza de linhas, essa opulência de detalhes, essa diversidade de aspectos, esse não sei quê de grandioso no simples e de inesperado no belo que caracteriza um tabuleiro.

Todavia, por mais admirável que lhe pareça a Paris de hoje, remonte à Paris do século XV, reconstrua-a em seu pensamento, veja o dia através dessa alameda surpreendente de agulhas, torres e campanários; espalhe em meio à imensa cidade, rasgue na ponta das ilhas, amarre-se aos arcos das pontes do Sena com suas largas poças verdes e amarelas, mais cambiantes do que uma roupa de serpente, retalhe com nitidez sobre um horizonte de azul o perfil gótico dessa velha Paris; faça-lhe flutuar os contornos na bruma de inverno que se agarra às suas inúmeras chaminés; dilua-a na noite profunda e veja o bizarro jogo das trevas e das luzes nesse sombrio labirinto de construções; lance aí um clarão de luar que a desenhe vagamente e faça sair do nevoeiro as grandes cabeças das torres; ou retome essa silhueta negra, revigore com sombra os mil ângulos das flechas e dos pinheiros e faça-a sobressair, mais denteada do que mandíbula de tubarão, sobre o céu de cobre do poente. E depois compare.

E, se você quiser receber da velha cidade uma impressão que a moderna não saberia mais lhe dar, suba na manhã de uma grande festa, ao sol nascente da Páscoa ou do Pentecostes, suba a algum ponto elevado de onde possa observar a capital inteira e assistir ao acordar dos carrilhões. Veja, com um sinal vindo do céu, pois é o sol que lhe manda, essas mil igrejas estremecerem ao mesmo tempo. No início, são badaladas esparsas, indo de uma igreja a outra, como quando os músicos avisam que vão começar. Depois, de repente, veja, pois certas vezes o ouvido tem também visão, veja se elevar simultaneamente de cada campanário, como que uma coluna de ruído, uma fumaça de harmonia. Primeiro, a vibração de cada sino sobe reta, pura e, por

assim dizer, isolada das outras, no céu esplêndido da manhã. Depois, pouco a pouco, num crescendo, elas se fundem, misturam-se, apagam-se umas nas outras, amalgamam-se num magnífico concerto. Formam uma massa de vibrações sonoras que se liberta sem cessar dos inúmeros campanários, que flutua, ondula, salta, turbilhona sobre a cidade e prolonga, bem além do horizonte, o círculo ensurdecedor de suas oscilações. No entanto, esse mar de harmonia não é, em absoluto, um caos. Por maior e profundo que seja, não perde sua transparência. Você há de ver aí serpentear, à parte, cada grupo de notas que foge dos carrilhões; há de acompanhar aí o diálogo, ora grave, ora gritante, da matraca e do bordão; há de ver saltar as oitavas de um campanário a outro; vê-las lançarem-se aladas, leves e sibilantes do sino de prata, e caírem quebradas e mancadas do sino de madeira; há de admirar, em meio a elas, a rica escala que desce e sobe, sem cessar, dos sete sinos de Saint-Eustache; há de ver correrem, em diagonal, as notas claras e rápidas, que fazem três ou quatro zigue-zagues luminosos e evanescem como clarões. Lá longe, está a abadia Saint-Martin, canora agra e rachada; aqui, a voz sinistra e malvada da Bastilha; em outro ponto, a grande torre do Louvre com seu barítono. O carrilhão real do palácio lança, sem cessar, para todos os lados, os trinados resplandecentes sobre os quais quedam, em tempos iguais, os pesados badalos da torre da Notre-Dame, que os fazem retinir como a bigorna sob o martelo. Há de ver passar sons de todas as formas que vêm, em intervalos, triplo dobre de Saint-Germain-des-Prés. Depois ainda, de tempo em tempo, essa massa de barulhos sublimes se entreabre e dá passagem ao *stretto* da ave-maria, que explode e cintila como uma faísca de estrelas. Abaixo, no mais profundo do concerto, há de distinguir confusamente o canto interior das igrejas que transpira através dos poros vibrantes de suas abóbadas.

Certamente, é uma ópera que vale a pena ser ouvida. Em geral, o rumor que escapa de dia de Paris é a cidade que fala; à noite, é a cidade que respira; aqui, é a cidade que canta. Escute, então, esse *tutti* de campanários; espalhe sobre o conjunto o murmúrio de meio milhão de homens, o queixume eterno do rio, os sopros infinitos do vento, o *quatuor* grave e longínquo das quatro florestas dispostas sobre as colinas do horizonte como imensos órgãos de igreja, elimine disso, com delicadeza, tudo o que o carrilhão central teria de muito rouco e muito agudo, e diga se conhece no mundo algo mais rico, mais alegre, mais

dourado, mais deslumbrante do que esse tumulto de sinos e toques; do que essa fornalha de música; do que essas simultâneas dez mil vozes de bronze cantantes nas flautas de pedras, da altura de trezentos pés; do que essa cidade que não passa de uma orquestra; do que essa sinfonia que faz o som de uma tempestade.

-
1. O tempo é voraz, o homem o é ainda mais. [N.T.] ↔ □
 2. Que, por sua massa, inspira terror nos espectadores. [N.T.] ↔ □
 3. Os trabalhos interrompidos restam suspensos. [N.T.] ↔ □
 4. É a mesma que se chama também, segundo os lugares, os climas e as espécies, lombarda, saxônica e bizantina. São quatro arquiteturas irmãs e paralelas, tendo cada uma seu caráter particular, mas derivando do mesmo princípio, o arco pleno de cintra. [N.A.] ↔ □
 5. Essa parte da flecha, que era em serpente, é precisamente a que foi consumida pelo fogo do céu em 1823. [N.A.] ↔ □
 6. A fidelidade aos reis, interrompida no entanto por certas revoluções, trouxe muitos privilégios aos cidadãos. [N.T.] ↔ □
 7. Em francês antigo. [N.T.] ↔ □
 8. Vimos, com uma dor misturada à indignação, que se cuidou em aumentar, modificar, remanejar, ou seja, em destruir esse admirável palácio. Os arquitetos de nossos dias têm mãos muito pesadas para tocar nessas delicadas obras da Renascença. Esperamos sempre que não ousem. Aliás, essa demolição das Tuileries agora não seria uma via de fato brutal, que envergonharia um vândalo ébrio, seria um ato de traição. As Tuileries não são simplesmente uma obra de arte do século XVI, mas uma página da história do século XIX. Esse palácio não pertence mais ao rei, mas ao povo. Deixemo-lo tal como é. Nossa revolução o marcou duas vezes na frente. Sobre uma de suas duas fachadas, foram os canhões de 10 de agosto; sobre a outra, os canhões de 29 de julho. Ele é sagrado. Paris, 7 abril de 1831. [N.A.; nota da 5ª edição] ↔ □

LIVRO QUARTO

I. AS BOAS ALMAS

Dezesseis anos antes da época em que se passa esta história, numa bela manhã de domingo de Quasímodo, uma criatura viva fora depositada, após a missa, na igreja de Notre-Dame, sobre a bancada selada no adro à esquerda, defronte à grande imagem de São Cristóvão, que a figura esculpida em pedra do senhor Antoine des Essarts, cavaleiro, olhava de joelhos desde 1413, quando se decidiu colocar abaixo tanto o santo quanto o fiel. Sobre essa bancada, costumavam expor as crianças abandonadas à caridade pública. Quem quisesse poderia levá-las. Diante da bancada, havia uma bacia de cobre para as esmolas.

A espécie de ser vivo que jazia sobre essa prancha, na manhã de Quasímodo no ano do Senhor de 1467, parecia excitar em alto grau a curiosidade de um grupo bem considerável que se amontoava ao redor da bancada. O grupo era formado, em grande parte, pelas pessoas do belo sexo. Eram quase somente velhas mulheres.

À frente e mais inclinadas sobre o leito, distinguiam-se quatro que, por seus capuzes, espécie de sotaina, adivinhava-se pertencerem a alguma confraria devota. Não vejo razão de a história não transmitir à posteridade os nomes dessas quatro donzelas. Eram Agnès la Herme, Jehanne de la Tarme, Henriette la Gaultière, Gauchère la Violette, todas viúvas, todas domésticas da capela Étienne-Haudry, que saíram de suas casas com a permissão de sua senhora e conforme os estatutos de Pierre d'Ailly para vir ouvir o sermão.

De resto, se essas bravas *baudriettes* observavam no momento os estatutos de Pierre d'Ailly, elas violavam, sem dúvida, com o coração alegre aqueles de Michel de Branche e do cardeal de Pise, que lhes prescreviam, tão desumanamente, o silêncio.

– O que é isso, minha irmã? – perguntou Agnès a Gauchère, observando a pequena criatura exposta, que gania e se torcia sobre a bancada, bastante amedrontada com tantos olhares.

– No que vamos nos transformar – comentou Jehanne –, é assim que fazem crianças hoje em dia?

– Não entendo muito de crianças – retomou Agnès –, mas deve ser pecado olhar esta aqui.

– Isto não é uma criança, Agnès.

– Parece mais um macaco – observou Gauchère.

– É um milagre – retomou Henriette la Gaultière.

– Então – observou Agnès –, é o terceiro depois do domingo do *Loetare*. Há oito dias o milagre do trocista dos peregrinos foi punido divinamente pela Notre-Dame d'Aubervilliers. Será este o segundo milagre do mês?

– Esta criança abandonada é um monstro abominável – retomou Jehanne.

– Ele berra tanto que ensurdeceria um chantre – prosseguiu Gauchère. – Cala-te, pequeno berrador!

– Dizem que é o monsenhor de Reims que envia essa monstruosidade ao monsenhor de Paris! – acrescentou La Gaultière, juntando as mãos.

– Creio – disse Agnès la Herme – que é uma besta, um animal, o fruto de um judeu com uma porca. Qualquer coisa que não seja cristã e que deve ser lançada na água ou ao fogo.

– Espero que ninguém o leve – retomou Gaultière.

– Ah, meu Deus – gritou Agnès –, pobres amas de leite da casa das crianças abandonadas, no fim da rua, descendo o rio, sempre ao lado do monsenhor bispo, se levassem esse pequeno monstro para elas amamentarem. Eu preferiria amamentar um vampiro.

– Pobre La Herme, como é ingênua! – retomou Jehanne. – Não vê que este pequeno monstro tem pelo menos quatro anos e que tem menos apetite por seus seios do que por um espeto de carne.

De fato, esse pequeno “monstro” não era um recém-nascido. (Nós mesmos estaríamos impedidos de qualificá-lo de outro modo.) Era uma pequena massa tão rude e tão irrequieta, aprisionada, com a cabeça para fora, num saco de tecido, onde estava impressa a sigla do senhor Guillaume Chartier, então bispo de Paris. Essa cabeça era algo bem disforme. Via-se apenas uma floresta de cabelos ruivos, um olho, a boca e os dentes. O olho chorava, a boca gritava e os dentes pareciam pedir algo para morder. O todo se debatia no saco, para grande assombro da multidão que crescia e se renovava sem cessar ao seu redor.

A dama Aloïse de Gondelaurier, uma mulher rica e nobre, que trazia uma bela filha de cerca de seis anos pela mão e puxava um longo véu

ao corno de ouro de sua touca, parou ao passar diante do leito e observou por um momento a infeliz criatura, enquanto sua encantadora e pequena filha Fleur-de-Lys de Gondelaurier, toda vestida de seda e veludo, soletrava com seu belo dedo o letreiro pendurado na bancada: “Crianças abandonadas.”

– Na verdade – disse a dama, desviando-se com desgosto –, julguei que se expusessem aqui apenas crianças.

Ela voltou as costas, lançando na bacia um florim de prata que retiniu entre os vinténs e fez abrir os grandes olhos das pobres domésticas da capela Étienne-Haudry.

Um momento depois, o grave e sábio Robert Mistricolle, protonotário do rei, passou com um enorme missal sob um braço e sua mulher sob o outro (senhora Guillemette la Mairesse), tendo assim ao seu lado seus dois reguladores, espiritual e temporal.

– Criança abandonada! – disse ele após examinar o objeto. – Abandonada sobre o parapeito do rio Flegeton!

– Vê-se apenas um olho – observou a senhora Guillemette. – Sobre o outro, ele tem uma verruga.

– Não é uma verruga – retomou o mestre Robert Mistricolle. – É um ovo que contém um outro demônio parecido, o qual porta um outro pequeno ovo que contém um outro diabo, e assim sucessivamente.

– Como o senhor sabe disso? – perguntou Guillemette la Mairesse.

– Estou bem informado – respondeu o protonotário.

– Senhor protonotário – perguntou Gauchère –, o que irá acontecer com essa suposta criança abandonada.

– As maiores infelicidades – respondeu Mistricolle.

– Ah, meu Deus! – disse uma velha –, houve uma grande pestilência no ano passado e dizem que os ingleses vão desembarcar em companhia de Harefleu.

– Isso talvez impeça a rainha de vir a Paris em setembro – retomou uma outra. – Os negócios já vão tão mal!

– Acredito – gritou Jehanne de la Tarme – que valeria mais para o povo de Paris que esse pequeno mágico fosse deitado sobre uma lenha do que sobre uma prancha.

– Uma bela lenha ardente! – acrescentou a velha.

– Isso seria mais prudente – disse Mistricolle.

Havia alguns momentos que um jovem padre escutava o raciocínio das *baudriettes* e as sentenças do protonotário. Era uma figura severa,

um rosto largo, um olhar profundo. Ele afastou, silenciosamente, a multidão, examinou o “pequeno bruxo” e estendeu a mão sobre ele. Já era tempo, pois todos os devotos lambiam os beijos pela “bela lenha ardente”.

– Eu adoto esta criança – disse o padre.

Em seguida, tomou-o em sua sotaina e o levou. A assistência o seguiu com um olhar espantado. Logo, ele desapareceu pela porta Rouge, que conduzia da igreja ao claustro.

Passada a primeira surpresa, Jehanne de la Tarme inclinou-se à orelha de La Gaultière:

– Eu sempre lhe disse, minha irmã, que este jovem senhor Claude Frollo é um feiticeiro.

II. CLAUDE FROLLO

De fato, Claude Frollo não era um personagem qualquer. Ele pertencia a uma dessas famílias medianas que na linguagem impertinente do século XIX eram chamadas de modo indiferente de alta burguesia ou pequena nobreza. Essa família herdou dos irmãos Paclets o feudo de Tirechappe, que era do domínio do bispo de Paris e cujas 21 casas foram, no século XIII, objeto de defesa perante o oficial. Como senhor desse feudo, Claude Frollo era um dos 141 senhores pretendentes da renda em Paris e arredores; e se podia ver, por um longo tempo, seu nome inscrito nessa qualidade entre o Hôtel de Tancarville, pertencente ao mestre François le Rez, e o colégio de Tours, no cartulário depositado em Saint-Martin des Champs.

Desde a infância, Claude Frollo fora destinado por seus pais ao estado eclesiástico. Ensinar-lhe a ler latim. Ele foi educado a baixar os olhos e a falar baixo. Ainda criança, seu pai o encerrou no colégio de Torchi, na Universidade. Foi lá que ele cresceu sobre o missal e o Lexicon.

Era também uma criança triste, grave, séria, que estudava de forma ardente e aprendia rápido. Não gritava nas recreações, pouco se misturava às bacanais da rua du Fouarre, não sabia o que era *dare alapas et capillos laniare* 2, e não tinha a menor ideia do tumulto de 1463, que os analistas registram seriamente sob o título de “Sexta perturbação da Universidade”. Raramente ralhava com os pobres

estudantes de Montagu, pelas *cappettes* pelas quais se lhes dava o nome, ou com os bolsistas do colégio de Dormans, por sua tonsura rasa e sobretudo pelo pano tripartido, garço, azul e roxo, *azurini coloris et bruni*, como diz a carta do cardeal das Quatro Coroas.

Em compensação, era assíduo às grandes e pequenas escolas da rua Jean-de-Beauvais. O primeiro estudante que o abade de Saint-Pierre de Val, no momento de começar sua leitura de direito canônico, percebia sempre defronte à sua cátedra, encostado a um pilar da escola Saint-Vendregesile, era Claude Frollo, armado de seu chifre, mastigando sua pluma, garranchando sobre seu joelho puído, e o inverno soprando em seus dedos. O primeiro ouvinte que senhor Miles d'Islier, doutor no Decreto, via chegar a cada manhã de segunda-feira, bem ofegante, mal se abriam as portas da escola do Chef-Saint-Denis, era Claude Frollo. Assim, com dezesseis anos, o jovem clérigo podia enfrentar em teologia mística um padre de igreja; em teologia canônica, um padre dos conselhos; em teologia escolástica, um doutor da Sorbonne.

Depois da teologia, precipitou-se no Decreto. Do Mestre de Sentenças, caiu nos Capitulários de Carlos Magno. E sucessivamente devorava, com seu apetite de ciência, decretais sobre decretais, aquelas de Teodoro, bispo de Hispalis, aquelas de Bouchard, bispo de Worms, aquelas de Yves, bispo de Chartres; em seguida, o Decreto de Graciano, que sucedeu aos Capitulários de Carlos Magno; depois, o recolhimento de Gregório IX; e ainda a epístola *Super specula* de Honório III. Esclareceu e se familiarizou com esse vasto e tumultuoso período do direito civil da Idade Média, período aberto pelo bispo Teodoro em 618 e encerrado em 1227 pelo papa Gregório.

Digerido o Decreto, lançou-se sobre a medicina e sobre as artes liberais. Estudou a ciência das ervas, a ciência dos unguentos. Tornou-se especialista em febres e contusões, em feridas e abscessos. Jacques d'Espars recebia-o como médico; Richard Hellain, como médico-cirurgião. Percorreu também todos os graus de licença, mestrado e doutorado das artes. Estudou latim, grego e hebraico, triplo santuário então bem pouco frequentado. Tinha uma terrível febre de adquirir e entesourar tudo o que era relativo à ciência. Com dezoito anos, concluíra quatro faculdades. Parecia que o jovem tinha uma única meta na vida: saber.

Foi em torno dessa época que o verão excessivo de 1466 fez rebentar essa grande peste, que levou mais de quarenta mil criaturas ao

viscondado de Paris e, entre elas, diz Jean de Troyes, “mestre Arnoul, astrólogo do rei, que era um grande homem de bem, sábio e agradável”. Espalhou-se na Universidade o murmúrio de que a rua Tirechappe fora devastada pela doença. Era lá que moravam, em meio ao seu feudo, os pais de Claude. O jovem estudante correu alarmado à casa paterna. Quando nela entrou, seu pai e sua mãe estavam mortos desde a véspera. Um jovem irmão, em fraldas ainda, vivia e gritava, abandonado em seu berço. Era tudo o que restava a Claude de sua família. O jovem tomou a criança em seus braços e saiu pensativo. Até então, vivera apenas a ciência; começava a viver a vida.

Essa catástrofe causou uma crise na existência de Claude. Órfão, primogênito, chefe de família aos dezenove anos, sentiu-se rudemente arrastado dos devaneios da escola às realidades deste mundo. Então, movido pela piedade, tomou-se de paixão e devoção por essa criança, seu irmão: algo estranho e doce, uma afeição humana justamente em quem amara apenas livros.

Essa afeição se desenvolveu de forma singular. Em uma alma tão nova, era como um primeiro amor. Separado de seus pais desde a infância, mal os conhecera, enclausurado e murado em seus livros, sobretudo ávido de estudar e de aprender, atento apenas, até então, à sua inteligência, que se expandia com a ciência, à sua imaginação, que crescia com as letras, o pobre estudante não tivera ainda tempo de sentir o lugar de seu coração. Esse irmão mais novo, sem pai nem mãe, essa pequena criança, que lhe caía bruscamente do céu sobre seus braços, fez dele um homem novo. Percebeu que havia outra coisa no mundo além das especulações da Sorbonne e os versos de Homerus, que o homem tinha necessidade de afeições, que a vida sem ternura e sem amor era um mecanismo seco, barulhento e dilacerante. Imaginava somente, pois ele se encontrava na idade em que as ilusões apenas se convertem em ilusões, em que as afeições de sangue e de família eram as únicas necessárias e que um irmão mais novo bastava-lhe para preencher toda uma existência.

Laçou-se então a amar seu pequeno Jehan com a paixão de um caráter já profundo, ardente, concentrado. Esta pequena e frágil criatura, bela, loura, rosa, encaracolada, este órfão sem outro amparo além de outro órfão agitava-o até o fundo de suas entranhas; e, grave pensador que era, pôs-se a refletir sobre Jehan com uma misericórdia infinita. Cuidou dele e dele se ocupou como de algo tão frágil quanto estimado.

Foi para a criança mais do que um irmão; tornou-se sua mãe.

O pequeno Jehan perdeu sua mãe, que o amamentava ainda. Claude o alimentou. Além do feudo de Tirechappe, herdou de seu pai o feudo do Moulin, domínio da torre quadrada de Gentilly. Era um moinho sobre uma colina, perto do castelo de Winchester (Bicêtre). Havia nele uma moleira que amamentava uma bela criança; não era longe da Universidade. O próprio Claude levou-lhe seu pequeno Jehan.

Então, sentindo que carregava um fardo, tomou a vida muito a sério. A lembrança de seu pequeno irmão tornou-se, além da recreação, a meta de seus estudos. Decidiu se dedicar inteiramente a um futuro em que respondesse somente a Deus, e não ter jamais outra esposa, outra criança além da felicidade e a fortuna de seu irmão. Aferrou-se então mais do que nunca à sua vocação clerical. Seu mérito, sua ciência, sua qualidade de vassalo do bispo de Paris abriram-lhe todas as grandes portas da Igreja. Com vinte anos, por dispensa especial da Santa Sé, era padre e servia, como o mais jovem dos capelães da Notre-Dame, no altar que se chama, devido à missa tardia que aí se reza, *altare pigrorum* 3.

Lá, mais do que nunca mergulhado em seus caros livros, que deixava apenas para correr por uma hora ao feudo do Moulin, este misto de saber e austeridade, tão raro em alguém de sua idade, deu-lhe respeito e admiração do claustro. Do claustro, sua reputação de sábio chegou ao povo, onde foi um pouco distorcida e ele ganhou fama de feiticeiro, coisa frequente nesses casos.

Era nesse tempo que ele voltava, no dia de Quasímodo, após pregar a missa dos preguiçosos em seu altar, que era ao lado da porta do coro que levava à nave, à direita, próximo da imagem da Virgem, que sua atenção foi despertada pelo grupo de velhas esganiçadas em torno do leito das crianças abandonadas.

Foi então que se aproximou da infeliz e pequena criatura tão odiada e tão ameaçada. Essa desgraça, essa deformidade, esse abandono, a lembrança do irmão mais novo, a quimera que impressionava de súbito seu espírito de que, se ele morresse, seu querido pequeno Jehan poderia muito bem ser lançado miseravelmente sobre a bancada das crianças abandonadas, tudo isso lhe veio ao coração ao mesmo tempo, uma grande piedade o comoveu e ele levou consigo a criança.

Quando tirou essa criança do saco, achou-a de fato bem disforme. O pobre pequeno diabo possuía uma verruga sobre o olho esquerdo, a

cabeça nos ombros, a coluna vertebral arqueada, o esterno proeminente, as pernas tortas; mas parecia-lhe vivaz; e ainda que fosse impossível saber em que língua balbuciava, seu grito anunciava certa força e saúde. A compaixão de Claude aumentou com essa feiura, e prometeu, em seu coração, ensinar essa criança por amor de seu irmão, a fim de, quaisquer que fossem no futuro as faltas do pequeno Jehan, ele lhe devesse essa caridade. Era uma espécie de investimento de boas obras que ele efetuava sobre a cabeça de seu irmão; era uma pacotilha de boas ações que ele desejava acumular desde já, para o caso de seu pequeno irmão precisar dessa moeda, a única que seria recebida no pedágio do paraíso.

Batizou sua criança adotiva e lhe deu o nome de Quasímodo, seja porque desejou marcar dessa forma o dia em que o encontrou, seja porque desejou caracterizar com esse nome o quanto a criatura era incompleta e apenas esboçada. Com efeito, Quasímodo, caolho, corcunda, cambaio, era apenas um *quase*.

III. *IMMANIS PECORIS CUSTOS, IMMANIOR IPSE*⁴

Em 1482, então, Quasímodo estava crescendo. E se tornou o sineiro da Notre-Dame, graças a seu pai adotivo Claude Frollo, o qual se tornara arqui-diácono de Josas, graças a seu suserano monsenhor Louis de Beaumont, o qual se tornara bispo de Paris, em 1472, após a morte de Guillaume Chartier, graças a seu patrono Olivier le Daim, barbeiro do rei Luís XI, pela graça de Deus.

Quasímodo era então o carrilhador da Notre-Dame.

Com o tempo, formou-se não sei que relação íntima que unia o sineiro à igreja. Isolado para sempre do mundo pela dupla fatalidade de seu nascimento desconhecido e de sua natureza disforme, aprisionado desde a infância nesse duplo círculo infranqueável, o pobre infeliz se acostumou a ver apenas do mundo as religiosas muralhas que o recolheram em sua sombra. Notre-Dame era para ele, sucessivamente, conforme crescia e se desenvolvia, o ovo, o ninho, a casa, a pátria, o universo.

Com certeza, havia uma espécie de harmonia misteriosa e preexistente entre essa criatura e essa construção. Quando, pequeno ainda, arrastava-se tortuosamente e em sobressaltos pelas trevas de suas

abóbadas, ele parecia, com sua face humana e sua compleição bestial, o réptil natural dessa laje úmida e sombria, sobre a qual a sombra dos capitéis romanos projetavam tantas formas bizarras.

Mais tarde, a primeira vez em que se agarrou maquinalmente à corda das torres e aí se pendurou, e que fez o sino balançar, causou em Claude, seu pai adotivo, o efeito de uma criança cuja língua se liberta e que começa a falar.

Assim, pouco a pouco, desenvolvendo-se sempre no sentido da catedral, aí vivendo, aí dormindo, não saindo quase nunca, sofrendo a todo momento a pressão misteriosa, chegou mesmo a se assemelhar a ela, a se incrustar nela, por assim dizer, a lhe ser uma parte integrante. Seus ângulos salientes encaixavam-se, com desculpas pela figura, aos ângulos das reentrâncias do edifício, e ele lhe parecia não somente seu habitante, mas seu conteúdo natural. Poder-se-ia quase dizer que tomara a forma do prédio, como o caracol toma a forma de sua concha. Era sua morada, sua toca, seu invólucro. Havia entre a velha igreja e ele uma simpatia instintiva tão profunda, tanta afinidade magnética, tanta afinidade material, que ele aderira a ela como a tartaruga ao seu casco. A rugosa catedral era sua carapaça.

É inútil advertir o leitor para não tomar ao pé da letra as figuras que somos obrigados a empregar aqui para exprimir esse acoplamento singular, simétrico, imediato, quase cossubstancial, entre um homem e um edifício. É também inútil dizer a que ponto Quasímodo familiarizou-se com toda a catedral em uma tão longa e tão íntima coabitação. Essa morada lhe era própria. Não havia profundidade que não houvesse penetrado, nenhuma altura que não houvesse escalado. Chegava, muitas vezes, a trepar na fachada em várias alturas com a ajuda apenas da aspereza da escultura. As torres, em cujas superfícies era visto com frequência se arrastando como um lagarto que desliza sobre um muro vertical, essas duas gêmeas gigantes, tão altas, tão ameaçadoras, tão temíveis, não lhe causavam nem vertigem, nem terror, nem abalo de tontura; ao vê-las tão doces sob sua mão, tão fáceis de escalar, parecia que as domesticara. De tanto saltar, trepar, divertir-se em meio aos abismos da gigantesca catedral, tornou-se de algum modo macaco e cabrito, como a criança da Calábria que nada antes de andar, e brinca, ainda pequeno, com o mar.

De resto, não somente seu corpo parecia talhado conforme a catedral, mais ainda seu espírito. Em que estado se encontrava essa

alma, que dobra contraíra, que forma tomara sob este estreito invólucro, nessa vida selvagem, é o que seria difícil determinar. Quasímodo nascera caolho, corcunda e coxo. Foi com grande esforço e paciência que Claude Frollo conseguira fazê-lo falar. Mas uma fatalidade estava associada à criança abandonada. Sineiro da Notre-Dame com quatorze anos, uma nova enfermidade o acometera; os sinos rasgaram seus tímpanos. A única porta que a natureza lhe deixara grande e aberta para o mundo fora-lhe bruscamente fechada para sempre.

Fechando-se, ela interceptou o único raio de alegria e luz que penetrava ainda na alma de Quasímodo. Essa alma caiu em uma noite profunda. A melancolia do miserável se tornou incurável e completa como sua deformidade. E sua surdez o tornou de certo modo mudo. Para não fazer rir os outros, no momento em que se viu surdo caiu num profundo silêncio, e o rompia apenas quando estava só. Prendeu essa língua que Claude Frollo tivera tanto esforço em libertar. E, quando a necessidade o constrangia a falar, sua língua estava embotada, desajeitada, como uma porta cujos gonzos estão enferrujados.

Se agora tentássemos penetrar na alma de Quasímodo através dessa casca espessa e dura; se pudéssemos sondar as profundezas dessa organização mal feita; se nos fosse dado olhar com uma chama atrás desses órgãos sem transparência, explorar o interior tenebroso dessa criatura opaca, elucidar seus recantos obscuros, os absurdos becos sem saída, e lançar uma viva luz sobre o psiquismo acorrentado no fundo desse antro, encontrá-la-íamos, sem dúvida, infeliz, de certo modo pobre, definhada e raquítica, como a desses prisioneiros das celas de Veneza que envelhecem vergados numa caixa de pedra demasiado baixa e curta.

Com certeza, o espírito se atrofia em um corpo defeituoso. Quasímodo sentia apenas mover cegamente dentro de si uma alma feita à sua imagem. As impressões dos objetos sofriam uma refração considerável antes de chegar a seu pensamento. Seu cérebro era um meio particular: as ideias que o atravessavam, dele saíam bastante torcidas. A reflexão que provinha dessa refração era divergente e desviada.

Daí, mil ilusões de ótica, mil aberrações de julgamento, mil desvios em que divagava seu pensamento, tão louco, tão idiota.

O primeiro efeito dessa organização fatal era turvar o olhar que ele lançava sobre as coisas. Ele não recebia quase nenhuma percepção

imediate. O mundo exterior lhe parecia muito mais distante do que a nós.

O segundo efeito de sua infelicidade era que o tornava mau.

Ele era mau, de fato, porque era selvagem; ele era selvagem porque era feio. Havia tanta lógica em sua natureza quanto na nossa.

Sua força, tão extraordinariamente desenvolvida, era mais uma causa da maldade. “*Malus puer robustus*”⁵, disse Hobbes.

No entanto, é necessário render-lhe esta justiça, a maldade talvez não lhe fosse inata. Desde seus primeiros passos entre os homens, ele se sentiu, depois se viu, vaiado, difamado, repellido. A palavra humana para ele era sempre uma ralharia ou uma maldição. Crescendo, encontrara apenas a raiva ao seu redor. Ele a contraiu. Adquiriu a maldade geral. Armou-se com a arma que o feriam.

Depois de tudo, ele voltava sua face para os homens apenas com pesar. Sua catedral lhe bastava. Era povoada de figuras de mármore, reis, santos, bispos, que não se rebentavam de rir à sua presença e tinham por ele apenas um olhar tranquilo e benevolente. As outras estátuas, aquelas dos monstros e dos demônios, não tinham raiva dele. Quasímodo se parecia muito com elas. Elas ralhavam, sobretudo, com os outros homens. Os santos eram seus amigos e velavam por ele; os monstros eram seus amigos e o protegiam. Assim, tinha ele grande efusão com eles. Assim, passava horas acocorado diante de uma dessas estátuas conversando solitariamente com ela. Se alguém o flagrasse, fugia como um amante surpreendido em sua serenata.

E a catedral não lhe era apenas a sociedade, mas o universo, a natureza. Não imaginava outra latada além dos vitrais sempre em flor, nem outra sombra além dessas folhagens de pedra que desabrocham carregadas de pássaros no tufo dos capitéis saxônicos, nem outras montanhas além das torres colossais da igreja, nem outro oceano além de Paris que farfalhava a seus pés.

O que mais amava no prédio maternal, o que excitava sua alma e lhe fazia abrir suas pobres asas, que recolhia tão miseravelmente fechadas em sua caverna, o que o tornava por vezes feliz eram os sinos. Amava-os, acariciava-os, falava-lhes, compreendia-os. Ele tinha ternura por todos, desde o carrilhão da agulha do cruzeiro até o largo sino do portal. O sino do cruzeiro, os das duas torres, eram-lhe três grandes viveiros, cujos pássaros, ensinados por ele, cantavam apenas para ele. Foram, no entanto, esses mesmos sinos que o tornaram surdo; mas as

mães amam ainda mais o filho que mais as faz sofrer.

É bem verdade que suas vozes eram as únicas que ele ainda podia ouvir. Por esse motivo, o grande sino era o seu bem amado. Era ele o preferido nessa família de filhos barulhentos, que se agitavam ao seu redor nos dias de festa. Esse grande sino se chamava Marie. Ficava na torre meridional, junto com sua irmã Jacqueline, sino de menor tamanho, encerrada numa gaiola ao lado da sua. Essa Jacqueline era também o nome da mulher de Jean de Montagu, que a doara à igreja, o que não a impediu de aparecer sem cabeça em Montfaucon. Na segunda torre, havia seis outros sinos, e enfim os seis menores que habitavam o campanário sobre o cruzeiro, além do sino de madeira, que soava apenas desde após o jantar da quinta-feira absoluta até a manhã da véspera da Páscoa. Quasímodo tinha então quinze sinos em seu harém, mas a grande Marie era a favorita.

Não se faz ideia de sua alegria nos dias de grande carrilhão. No momento em que o arquidiácono o deixava partir e lhe ordenava “Vá!”, ele subia a escadaria em caracol do sino mais rápido do que alguém que a descesse. Entrava, sôfrego, na câmara aérea do grande sino; observava-o por um momento com recolhimento e amor; em seguida, dirigia-lhe docemente a palavra, acariciava-o docemente com a mão, como a um bom cavalo que fará uma corrida. Lastimava a pena que ele sofreria. Após essas primeiras carícias, gritava para que seus ajudantes colocados no andar inferior da torre comesçassem. Estes se penduravam nos cabos, o cabresto rangia e a enorme cápsula de metal balançava lentamente. Quasímodo, palpitante, acompanhava-a com o olhar. O primeiro choque do badalo com a parede de bronze fazia estremecer o andaime em que ele estava montado. Quasímodo vibrava com o sino. “Iah!”, gritava, com uma explosão de riso insensato. Então, o movimento do grande sino acelerava, e à medida que percorria um ângulo mais aberto mais se abria o olhar de Quasímodo, de mais a mais fosfórico e ardente. Enfim, o grande carrilhão começava, toda a torre tremia, andaimes, bronzes, pedras enormes, tudo troava ao mesmo tempo, desde os pilotis da fundação até os trevos da coroa. Quasímodo fervia em grossa espuma, ia e vinha, tremia com a torre, da cabeça aos pés. O sino, agitado e enfurecido, mostrava, alternadamente, às paredes da torre sua garganta de bronze, de onde escapava esse sopro de tempestade que se escutava nos quatro cantos. Quasímodo punha-se diante dessa garganta aberta; acorava-se, erguia-se com as voltas do

sino, aspirava esse sopro espantoso, olhava por vezes o espaço profundo que fervilhava a duzentos pés sob ele e a enorme língua de cobre que vinha a cada segundo urrar em suas orelhas. Era a única palavra que ouvia, o único som que lhe perturbava o silêncio universal. Aí ele se expandia como um pássaro ao sol. Subitamente, o frenesi do sino o tomava; seu olhar se tornava extraordinário; esperava pela passagem do grande sino como a aranha espera pela mosca, e se lançava bruscamente sobre ele de corpo e alma. Então, suspenso sobre o abismo, lançado no balanço formidável do sino, colava os ouvidos no monstro de bronze, apertava-lhe com os joelhos, esporeava-o com os calcanhares e, com todo o choque e peso de seu corpo, dobrava a fúria do dobre. Então, a torre vacilava; ele gritava e rangia os dentes, seus cabelos ruivos se eriçavam, seu peito fazia o barulho de um fole de forja, seus olhos lançavam flamas, o sino monstruoso relinchava arquejante sob ele e, então, não era mais o grande sino da Notre-Dame nem Quasímodo, era um sonho, um turbilhão, uma tempestade; a vertigem a cavalo sobre o barulho; um espírito escanchado numa garupa volante; um estranho centauro metade homem, metade sino; uma espécie de Astolphe horrível trazido sobre um prodigioso hipogrifo de bronze vivo.

A presença desse ser extraordinário fazia circular em toda a catedral não sei que sopro de vida. Parecia escapar dele, ao menos no dizer das superstições crescentes da multidão, certa emanção misteriosa que animava todas as pedras da Notre-Dame e fazia palpitar as profundas entranhas da velha igreja. Era só saberem que ele estava lá para que acreditassem que todas as estátuas das galerias e dos portais viviam e se moviam. E, de fato, a catedral parecia uma criatura dócil e obediente sob sua mão; ela esperava sua vontade para elevar sua grande voz; ela estava possuída e preenchida por Quasímodo como por um gênio familiar. Parecia que ele fazia respirar o imenso prédio. Ele estava por todo lugar, multiplicava-se sobre todos os pontos do monumento. Ora se percebia, com espanto, no mais alto de uma das torres, um anão bizarro, que trepava, serpenteava, rastejava em quatro patas, descia para fora sobre o abismo, saltava de saliência em saliência, e ia explorar no ventre de alguma górgona esculpida; era Quasímodo desalojando corvos. Ora se esbarrava no canto obscuro da igreja com uma espécie de quimera viva, acocorada e carrancuda; era Quasímodo soando as vésperas do *angelus*. À noite, via-se com frequência uma forma

hedionda errar sobre a frágil balaustrada, recortada com delicadeza, que coroa as torres e margeia o contorno da abside; era ainda o corcunda de Notre-Dame. Então, diziam as vizinhas, toda a igreja tomava um certo ar fantástico, sobrenatural, horrível; os olhos e as bocas se abriam por todo canto; ouvia-se uivar os cães, as serpentes, as tarascas de pedra que velavam dia e noite, o pescoço esticado e a garganta aberta ao redor da monstruosa catedral; se fosse noite de Natal, enquanto o grande sino que parecia agonizar chamava os fiéis à ardente missa da meia-noite, havia tal atmosfera expandida sobre a sombria fachada que se diria que o grande portal devorava a multidão e a rosácea a olhava. E tudo vinha de Quasímodo. O Egito o tomaria por deus desse templo; a Idade Média acreditava que ele fosse o demônio. Ele era sua alma.

A tal ponto que, para aqueles que sabem que Quasímodo existiu, Notre-Dame é hoje deserta, inanimada, morta. Sente-se que algo desapareceu. Esse corpo imenso está vazio, é um esqueleto, o espírito o deixou; vê-se apenas o lugar, eis tudo. É como um crânio onde há ainda as cavidades dos olhos, porém não mais o olhar.

IV. O CÃO E SEU DONO

Havia, no entanto, uma criatura humana que Quasímodo excetuava de sua malícia e de sua raiva pelos outros, e que ele amava tanto, mais talvez do que sua catedral: era Claude Frollo.

O motivo era simples. Claude Frollo o havia recolhido, adotado, alimentado, ensinado. Era nas pernas de Claude Frollo que ele tinha o costume de se refugiar quando os cães ou as crianças ladravam perto dele. Claude Frollo o ensinou a falar, a ler e a escrever. Claude Frollo, enfim, fez dele sineiro. Ora, dar o grande sino em casamento a Quasímodo era dar Julieta a Romeu.

O reconhecimento de Quasímodo também era profundo, apaixonado, sem limites; e, por mais que o semblante de seu pai adotivo fosse quase sempre brumoso e severo, por mais que sua palavra fosse habitualmente breve, dura, imperiosa, jamais esse reconhecimento foi desmentido por um só instante. O arquidiácono tinha em Quasímodo o escravo mais submisso, o valete mais dócil, o doge mais vigilante. Quando o pobre sineiro ficou surdo, estabeleceu-se entre ele e Claude uma língua de sinais, misteriosa e compreendida apenas pelos dois.

Desse modo, o arqui-diácono era o único humano com quem Quasímodo conservara comunicação. Este se relacionava com apenas duas coisas neste mundo: Notre-Dame e Claude Frollo.

Nada se pode comparar ao domínio do arqui-diácono sobre o sineiro, à adesão do sineiro ao arqui-diácono. Bastava um sinal de Claude e a ideia de atendê-lo para que Quasímodo se precipitasse do alto das torres da Notre-Dame. Era de notar que toda essa força física, que atingiu em Quasímodo um desenvolvimento tão extraordinário, ele colocava cegamente à disposição de um outro. Havia nisso, sem dúvida, devoção filial, afeição doméstica; havia também fascinação de um espírito por outro espírito. Era uma pobre, estranha, desajeitada organização que se punha de cabeça baixa e olhos suplicantes diante de uma inteligência alta e profunda, potente e superior. Enfim, sob tudo isso, era o reconhecimento. Reconhecimento de tal forma impelido a seu limite extremo que não saberíamos a que compará-lo. Essa virtude não se encontra entre os melhores humanos. Diríamos então que Quasímodo amava o arqui-diácono como jamais um cão, jamais um cavalo, jamais um elefante amou seu dono.

V. A SEQUÊNCIA DE CLAUDE FROLLO

Em 1482, Quasímodo tinha cerca de vinte anos; Claude Frollo, por volta de 36: um havia crescido; o outro, envelhecido.

Claude Frollo não era mais o simples estudante do colégio Torchi, o terno protetor de uma pequena criança, o jovem e sonhador filósofo que sabia muitas coisas e ignorava outras tantas. Era um padre austero, grave, melancólico; um encarregado de almas; o senhor arqui-diácono de Josas, o segundo acólito do bispo, tendo em seus braços os dois decanatos de Montlhéry e de Châteaufort e 174 párocos rurais. Era um personagem imponente e sombrio, diante do qual tremiam as crianças do coro de alba e fraque, cantores e irmãos de Santo Agostinho, os cleros matinais da Notre-Dame, quando ele passava lentamente pelas altas ogivas do coro, majestoso, pensativo, os braços cruzados e a cabeça de tal forma curvada sobre o ombro que se via de sua face apenas sua grande fronte calva.

Dom Claude Frollo não abandonara nem a ciência nem a educação de seu irmão mais novo, as duas ocupações de sua vida. Porém, com o

tempo, misturou-se certa amargura a essas coisas tão doces. Com o tempo, diz Paul Diacre, o melhor toucinho se torna rançoso. O pequeno Jehan Frollo, com o sobrenome Du Moulin, devido ao lugar onde fora alimentado, não crescera na direção que Claude quisera lhe imprimir. O irmão mais velho contava com um aluno pio, dócil, douto, honrado. Ora, o irmão mais novo, como essas jovens árvores que enganam os esforços do jardineiro e se voltam teimosas para o lado de onde vêm ar e sol, apenas crescia e multiplicava, prolongava os belos ramos espessos e luxuriantes somente para o lado da preguiça, da ignorância e da zombaria. Era um verdadeiro diabo, bastante desordenado, o que fazia franzir as sobrancelhas de dom Claude, mas muito engraçado e sutil, o que fazia sorrir o irmão mais velho. Claude o confiara a esse mesmo colégio de Torchi, onde passara seus primeiros anos no estudo e no recolhimento; e era uma dor que esse santuário, outrora edificado com o nome de Frollo, fosse hoje escandalizado pelo mesmo nome. Por vezes, ele dava a Jehan severos e longos sermões, os quais este suportava com descaramento. Depois, o jovem malandro tinha bom coração, como se vê em todas as comédias. No entanto, tão logo o sermão fosse passado, retomava com a mesma tranquilidade suas sedições e tolices. Ora maltratava um *béjaune* (chamava-se assim o recém-chegado à universidade) em suas boas-vindas, tradição preciosa perpetuada até nossos dias. Ora liderava um bando de estudantes, os quais invadiam, classicamente, uma taberna, *quasi classico excitati*⁶; em seguida, batiam no taberneiro com “bastões de ataque” e, plenos de alegria, pilhavam tudo até arrombarem os tonéis de vinho na adega. Depois, o submonitor de Torchi lastimavelmente levava a dom Claude um bom relatório em latim, com essa dolorosa nota à margem: *Rixa, prima causa vinum optimum potatum*.⁷ Enfim, dizia-se, o que era terrível em se tratando de um jovem de dezesseis anos, que seus excessos chegavam várias vezes até a rua de Glatigny.

Com tudo isso, Claude, entristecido e desencorajado em suas afeições humanas, lançara-se com maior arrebatamento nos braços da ciência, essa irmã que, ao menos, não ri de nossa cara e nos paga sempre, ainda que com pouca moeda, os cuidados que lhe rendemos. Tornou-se, então, mais e mais sábio e, ao mesmo tempo, como uma consequência natural, mais e mais rígido como padre, mais e mais triste como homem. Há para cada um de nós paralelismos entre nossa inteligência, nossa moral e nosso caráter que se desenvolvem sem descontinuidades

e se rompem apenas diante das grandes perturbações da vida.

Como Claude Frollo percorreria desde sua juventude o círculo quase inteiro dos conhecimentos humanos positivos, exteriores e lícitos, foi-lhe forçoso, a menos que se limitasse *ubi defuit orbis* 8, ir mais longe e buscar outros alimentos à atividade insaciável de sua inteligência. O antigo símbolo da serpente que morde a própria cauda convém, sobretudo, à ciência. Parece que Claude Frollo era a prova disso. Muitas pessoas sérias afirmavam que, depois de abraçar o *fas* do saber humano, ele ousou penetrar no *nefas*.⁹ Dizia-se que provou, uma após a outra, todas as maçãs da árvore da inteligência e, por fome ou desgosto, terminou por morder o fruto proibido. Com frequência, tomava lugar, como nossos leitores viram, nas conferências dos teólogos da Sorbonne, nas assembleias de estudantes de filosofia, à semelhança de Saint-Hilaire, às disputas dos decretistas, à semelhança de Saint-Martin, às congregações de médicos devotos de Notre-Dame, *ad cupam Nostrae Dominae*; todos os encontros permitidos e aprovados que essas quatro grandes cozinhas chamadas de as quatro faculdades podiam promover e servir a uma inteligência, ele devorara, e a saciedade lhe veio antes que sua fome apaziguasse; então ele foi adiante, mais baixo, sob toda essa ciência finita, material, limitada; talvez arriscara sua alma e sentara na caverna diante da tábua misteriosa dos alquimistas, dos astrólogos, dos herméticos, de que Averróis, Guillaume de Paris e Nicolas Flamel são o extremo exemplo na Idade Média, e que se prolonga no Oriente, à luz do candelabro de sete braços, até Salomão, Pitágoras e Zoroastro.

Era, pelo menos, o que se supunha, com ou sem razão.

Decerto, o arquidiácono visitava com frequência o cemitério dos Saints-Innocents, onde seu pai e sua mãe haviam sido enterrados junto das outras vítimas da peste de 1466; mas também parecia muito menos devoto à cruz de suas covas do que às figuras estranhas que cumulavam as tumbas de Nicolas Flamel e de Claude Pernelle, construídas bem ao lado.

Ele, com certeza, costumava caminhar pela rua des Lombards e entrar furtivamente em uma pequena casa na esquina das ruas des Écrivains e Marivaux. Era a casa construída por Nicolas Flamel; deserta desde sua morte, em 1417, já começava a cair em ruína, herméticos e alquimistas de diferentes países roíam-lhe as paredes apenas para gravar seus nomes. Alguns vizinhos afirmaram terem visto uma vez, no

respiradouro, o arqui-diácono Claude escavando, remexendo, revolvendo a terra nessas duas cavas, cujas pernas foram cobertas de um sem-número de versos e hieróglifos pelo próprio Nicolas Flamel. Supunha-se que Flamel teria enterrado a pedra filosofal nessas cavas, e os alquimistas, durante dois séculos, desde Magistri até o pai Pacífico, atormentaram-lhe o solo até a casa, tão cruelmente escavada e revolvida, fazer-se poeira sob seus pés.

Também é certo que o arqui-diácono tomava-se por uma paixão singular pelo portal simbólico de Notre-Dame, essa página ilegível escrita em pedra pelo bispo Guillaume de Paris, o qual foi condenado, sem dúvida alguma, por ter acrescentado um tão infernal frontispício ao santo poema que canta eternamente o resto do edifício. O arqui-diácono Claude passara também por haver escavado o colosso de São Cristóvão e esta longa estátua enigmática erguida então na entrada do adro e que o povo chamava, escarnecendo, *Monsenhor Legris*. Mas o que todo mundo podia observar eram as intermináveis horas que, com frequência, ficava sentado no parapeito do adro contemplando as esculturas do portal, examinando ora as virgens loucas com suas lâmpadas invertidas, ora as virgens sábias com suas lâmpadas direitas; outras vezes calculava o ângulo do olhar do corvo agarrado ao portal da esquerda, que mirava um ponto misterioso na igreja, onde, com certeza, está escondida a pedra filosofal, caso não esteja na cava de Nicolas Flamel. Diga-se de passagem, era um destino singular da igreja Notre-Dame, nessa época, ser amada assim, em dois graus diferentes e com tanta devoção, por seres tão diferentes quanto Claude e Quasímodo; amada por um, espécie de meio-homem, instintivo e selvagem, por sua beleza, por sua estatura, pelas harmonias que emanam de seu magnífico conjunto; amada por outro, imaginação sábia e apaixonada, por sua significação, por seu mito, pelo sentido que encerra, pelo símbolo disperso sob as esculturas de sua fachada, como o primeiro texto sob o segundo num palimpsesto. Em uma só palavra, pelo enigma que ela propõe eternamente à inteligência.

Era certo, enfim, que o arqui-diácono acomodara-se na sela das duas torres que olham sobre a Grève, ao lado da gaiola dos sinos, uma pequena célula bem escondida, onde ninguém entrava sem sua licença, nem mesmo o bispo, dizia-se. Essa célula fora construída no alto da torre, entre os ninhos dos corvos, pelo bispo Hugo de Besançon¹⁰, na qual fazia sua feitiçaria. Ninguém sabia o que se fechava nessa célula;

mas, à noite, via-se com frequência das orlas do Terrain, por um pequeno postigo que havia no alto e atrás da torre, aparecer, desaparecer e reaparecer, em intervalos curtos e iguais, um intermitente e bizarro clarão vermelho, que parecia seguir as respirações ofegantes de um sopro e vir mais de uma chama do que da luz. Na sombra e nesta altura, causava um efeito singular; as mulheres diziam: “Vejam, o arquidiácono sopra e o inferno crepita lá no alto.”

Tudo isso não era grande prova de feitiçaria; mas basta um pouco de fumaça para se supor o fogo, e o arquidiácono tinha uma fama formidável. Nós devemos, no entanto, reconhecer que as ciências do Egito, a nigromancia, a magia, mesmo a mais branca e a mais inocente, não tinham inimigo mais aguerrido, denunciador mais impiedoso entre os senhores da oficialidade da Notre-Dame. Por sincero horror ou pela esperteza de um larápio que grita “pega ladrão”, nada impedia de o arquidiácono ser considerado pelas doutas cabeças do capítulo como uma alma aventurada nos vestibulos do inferno, perdida nos antros da cabala, tateante nas trevas das ciências ocultas. Nisso não era menor o desprezo do povo; para qualquer um que fosse sagaz, Quasímodo passava por demônio e Claude Frollo por feiticeiro. Era evidente que o sineiro deveria servir o arquidiácono durante um tempo, ao termo do qual levaria sua alma à guisa de pagamento. Malgrado a austeridade severa de sua vida, o arquidiácono mais fedia do que cheirava entre as boas almas; e não havia nariz devoto que não lhe sentisse o cheiro de feiticeiro.

E se, envelhecendo, formou-se nos abismos da sua ciência, formou da mesma forma seu coração. É ao menos o que nos leva a crer o exame dessa figura, sobre a qual se via reluzir sua alma apenas através de uma sombria nuvem. De onde lhe vinha essa larga fronte calva, essa cabeça sempre pendida, esse peito sempre sobrelevado de suspiros? Que secreto pensamento o fazia sorrir com tanta amargura, ao mesmo tempo que suas sobrancelhas franzidas se aproximavam como dois touros em briga? Que fogo interior seria este que, por vezes, brilhava em seu olhar, a ponto de seus olhos parecerem um buraco aberto na parede de uma fornalha?

Estes sintomas de uma violenta preocupação moral adquiriram, sobretudo, um alto grau de intensidade na época em que se passa esta história. Mais de uma vez, uma criança do coro fugiu assustada ao encontrá-lo sozinho na igreja, de tanto que seu olhar era estranho e

brilhante. Mais de uma vez, no coro, na hora dos ofícios, seu vizinho de estala ouvia misturar ao cantochão *Ad omnem tonum* 11 parênteses ininteligíveis. Mais de uma vez, a lavadeira do Terrain, encarregada de “lavar o capítulo”, vira, não sem temer, as marcas das unhas e dos dedos crispados na sobrepeliz do senhor arquiidiácono de Josas.

Ademais, ele redobrava a severidade e jamais fora tão exemplar. Tanto pelo estado quanto pelo caráter, mantivera-se sempre distante das mulheres; parecia odiá-las mais do que nunca. O frêmito de um vestido de seda fazia cair seu capuz sobre os olhos. Era, nesse ponto, tão cioso de austeridade e de reserva que, assim que a senhora de Beaujeu, filha do rei, veio, no mês de dezembro de 1481, visitar o claustro da Notre-Dame, ele se opôs gravemente à sua entrada, lembrando ao bispo o estatuto do Livro Negro, datado da vigília São Bartolomeu, 1334, que interditou o acesso do claustro a toda mulher “qualquer que seja, velha ou jovem, patroa ou criada”. Sobre o qual, o bispo fora constrangido a lhe citar a ordenação do legado Odo, que isenta certas grandes senhoras, *aliquae magnates mulieres, quae sine scandalo evitari non possunt* 12. E, ainda assim, o arquiidiácono protestou, objetando que a ordenação do legado, a qual remontava a 1207, era anterior em 120 anos ao Livro Negro e, por consequência, revogada de fato por este. E se recusou a aparecer diante da princesa.

Observava-se, além disso, que seu horror por ciganas e zíngaras parecia duplicar desde certo tempo. Solicitara ao bispo um édito que fizesse expressa proibição aos boêmios de virem dançar e tamborilar na praça do adro, e ele consultava, desde então, os editais bolorentos do oficial, a fim de reunir os casos de feiticeiros e feiticeiras condenadas ao fogo ou à corda por cumplicidade de malefícios com bodes, porcas e cabras.

VI. IMPOPULARIDADE

O arquiidiácono e o sineiro, como já dissemos, não eram muito queridos pelo grosso e pelo miúdo do povo dos arredores da catedral. Quando Claude e Quasímodo saíam juntos, o que acontecia muitas vezes, e eram vistos atravessar juntos, o valete seguindo seu mestre, as ruas frescas, estreitas e sombrias do quarteirão da Notre-Dame, mais de um dizer maldoso, mais de um gorjeio irônico, mais de uma grosseria

insultante os perseguia de passagem, a menos que Claude Frollo, o que era raro acontecer, caminhasse com a cabeça reta e erguida, mostrando sua fronte severa e quase augusta aos trocistas interditos.

Em seu bairro, os dois eram como os “poetas” de que fala Régnier.

*Atrás do poeta vai todo tipo de gente
como atrás da coruja a revoada estridente.*

Por vezes, um fedelho sonso arriscava sua pele e seus ossos para ter o prazer inefável de enfiar um alfinete na corcunda de Quasímodo. Por vezes, uma bela jovem, atrevida e mais descarada do que o necessário, roçava a roupa negra do padre, cantando-lhe sob o nariz a canção sardônica: “Ninho, ninho, o diabo foi apanhado.” Por vezes, um grupo ignóbil de velhas, escalonadas e agachadas sobre os degraus de um pórtico, resmungava com o rumor da passagem do arquidiácono e do carrilhador e lhes lançava, amaldiçoando-os, estas encorajadoras boas-vindas: “Hum! Esse tem a alma feita como o outro tem o corpo!” Ou ainda era um bando de estudantes ou de soldados de infantaria jogando amarelinha que se erguia na massa e os saudava classicamente com alguma vaia em latim: “*Eia! Eia! Claudius cum claudio!*”¹³

A injúria, porém, quase sempre passava despercebida pelo padre e pelo sineiro. Para escutar essas graciosas coisas, Quasímodo era muito surdo e Claude muito absorto.

-
1. Regozije-se. (Introito do quarto domingo da Quaresma.) [N.T.] ↔ □
 2. Dar sopapos e arrancar os cabelos. [N.T.] ↔ □
 3. Altar dos preguiçosos. [N.T.] ↔ □
 4. De um monstruoso rebanho, um guardião ainda mais monstruoso. [N.T.] ↔ □
 5. A criança robusta é má. [N.T.] ↔ □
 6. Como se fosse estimulados pelo som de uma trombeta. [N.T.] ↔ □
 7. Uma rixa; primeira causa: o muito bom vinho bebido. [N.T.] ↔ □
 8. Onde termina o círculo. [N.T.] ↔ □
 9. O lícito, o ilícito. [N.T.] ↔ □
 10. Hugo II de Bisuncio, 1326-1332. [N.A.] ↔ □
 11. Sobre todos os tons. [N.T.] ↔ □
 12. Certas grandes senhoras, que não se pode afastar sem escândalo. [N.T.] ↔ □
 13. Salve! Salve! Claude e claudicante! [N.T.] ↔ □

LIVRO QUINTO

I. *ABBAS BEATI MARTINI*

A fama de dom Claude ia longe. Bem próximo à época em que se recusou a ver a senhora de Beaujeu, recebeu uma visita, da qual ele guardou por muito tempo a lembrança.

Era uma tarde. Acabava de se retirar, após o ofício em sua célula canonical do claustro da Notre-Dame. A célula, exceto talvez por certos frascos de vidro relegados a um canto e cobertos por uma poeira duvidosa, que muito se parecia com a poeira de feitiços, não aparentava nada de estranho nem de misterioso. Havia, decerto, aqui e ali, certas inscrições na parede, mas eram puras sentenças da ciência ou da piedade extraídas de bons autores. O arquidiácono estava sentado à claridade de um candelabro de cobre, diante de uma larga arca carregada de manuscritos. Apoiara seu cotovelo sobre um livro imenso e aberto de Honorius d'Autun, *De praedestinatione et libero arbitrio* 2, e folheava com uma reflexão profunda um in-fólio impresso que acabara de trazer, o único produto da prensa que havia em sua célula. Em meio ao seu devaneio, bateram-lhe à porta.

– Quem é? – gritou o sábio com o tom gracioso de um doge faminto, do qual se lhe tirasse o osso.

– Seu amigo, Jacques Coictier – respondeu de fora uma voz. Ele foi abrir.

Era o médico do rei; um personagem de uns cinquenta anos, cuja rude fisionomia era corrigida apenas pelo olhar astuto. Um outro homem o acompanhava. Ambos traziam uma longa veste da cor da ardósia, forrada com fina pelúcia, fechada por um cinturão, com um capuz de mesma cor e estofado. Suas mãos desapareciam sob suas mangas; seus pés, sob seus robes; seus olhos, sob seus capuzes.

– Deus seja louvado, senhores! – disse o arquidiácono, trazendo-os para dentro. – Não esperava uma visita tão honrosa a esta hora.

E, sempre falando de forma cortês, lançou ao médico e à sua companhia um olhar inquieto e escrutador.

– Nunca é tarde para se visitar um sábio tão considerável quanto dom Claude Frollo de Tirechappe – respondeu o doutor Coictier, cuja

cadência arrastava todas as suas frases com a majestade de um robe de cauda.

Então começou entre o médico e o arquiidiácono um desses prólogos congratuladores que precediam, nessa época, conforme o hábito, toda conversação entre sábios, e que não os impedia de se detestarem da maneira mais cordial do mundo. Afinal, ainda é igual hoje em dia; toda boca de sábio que cumprimenta um outro sábio é um vaso de fel melíflu.

As felicitações de Claude Frollo a Jacques Coictier estavam relacionadas, sobretudo, com as numerosas vantagens temporais que o digno médico soubera extrair, no curso de sua carreira tão desejada, de cada doença do rei, operação de uma alquimia melhor e mais precisa do que a busca da pedra filosofal.

– Com sinceridade, senhor doutor Coictier, foi com grande satisfação que eu soube do episcopado de seu sobrinho, meu reverendo senhor Pierre Versé. Não é ele bispo de Amiens?

– Sim, senhor arquiidiácono, por graça e misericórdia de Deus.

– Não foi sua bela aparência que vi, no dia de Natal, em frente à Companhia da Câmara de Contas, senhor presidente?

– Vice-presidente, dom Claude. Uma pena! Nada demais.

– Como está sua bela casa da rua Saint-André-des-Arcs? Trata-se de um Louvre! Gosto muito do abricoteiro que está esculpido na porta com um jogo de palavras bem engraçado: “*À l’abri-cotier.*”³

– Infelizmente, mestre Claude, toda essa edificação me custa muito. À medida que a casa se constrói, eu me arruíno.

– Ah! O senhor não tem o que lhe vem do cárcere e do bailado do palácio, e a renda de todas as casas, tendas, pousadas, quitandas das cercanias? Isso é como mamar de uma bela mama.

– Minha castelania de Poissy nada me trouxe neste ano.

– Mas suas postagens de Triel, de Saint-James e de Saint-Germain-en-Laye estão sempre bem.

– Cento e vinte libras apenas, nenhuma moeda cunhada em Paris.

– O senhor tem o ofício de conselheiro do rei. Isso é fixo.

– Sim, confrade Claude, mas esse maldito senhorio de Poligny, de que se faz tanto barulho, não me vale sessenta escudos de ouro, seja em ano bom ou ruim.

Havia nos cumprimentos que dom Claude dirigia a Jacques Coictier um certo acento sardônico, agro e sutilmente trocista, aquele sorriso

triste e cruel de um homem superior e infeliz que brinca, por um momento, por distração, com a frondosa prosperidade de um homem vulgar. O outro não se apercebia disso.

– Por minha alma – disse, enfim, Claude, estreitando-lhe a mão. – Fico muito satisfeito com sua tão boa saúde.

– Obrigado, mestre Claude.

– A propósito – exclamou dom Claude –, como vai seu doente real?

– Não paga o bastante ao seu médico – respondeu o doutor, lançando um olhar de lado a seu companheiro.

– O senhor acha, compadre Coictier? – perguntou o companheiro.

Essas palavras, pronunciadas com tom de surpresa e de reprovação, levaram para esse personagem desconhecido a atenção do arqui-diácono, que, a bem dizer, nunca desviara dele completamente desde que este estranho franqueou o solo de sua célula. Somente por forçosas mil razões, ele recebia o doutor Jacques Coictier, o onipotente médico do rei Luís XI, e ainda por cima acompanhado. Assim, seu ar não era nada cordial quando Jacques Coictier lhe disse:

– A propósito, dom Claude, trago-lhe um compadre que queria conhecê-lo por sua celebridade.

– O senhor é da ciência? – perguntou o arqui-diácono, fixando sobre a companhia um olhar penetrante. Não encontrou sob as sobrancelhas do desconhecido um olhar menos agudo nem menos desafiante do que o seu.

Era, segundo o que a fraca claridade da lâmpada permitia julgar, um ancião de cerca de sessenta anos e de tamanho médio, que parecia doente e alquebrado. Seu perfil, ainda que de uma linha bem burguesa, possuía algo de poderoso e severo; sua pupila brilhava dentro de um arcado sobrolho bem profundo, como uma luz ao fundo de um antro; e, sob o capuz rebaixado que lhe caía ao nariz, presumia-se o torneio de largos planos de um semblante de gênio.

Encarregou-se de responder ele mesmo à pergunta do arqui-diácono.

– Reverendo mestre – disse com uma voz grave –, seu renome veio até mim e desejo consultá-lo. Eu não passo de um pobre fidalgo de província que tira os sapatos ao visitar os sábios. É preciso que saiba meu nome. Eu me chamo compadre Tourangeau.

“Nome singular para um fidalgo!”, pensou o arqui-diácono. No entanto, sentiu-se diante de algo forte e sério. O instinto de sua alta inteligência fazia-lhe adivinhar uma também alta sob o capuz forrado do

compadre Tourangeau; e, observando essa grave figura, o ricto irônico que a presença de Jacques Coictier lhe fizera eclodir sobre sua face morosa evanesceu-se pouco a pouco, como o crepúsculo em um horizonte noturno. Sentou-se, morno e silencioso, em sua grande poltrona, seu cotovelo retomou o lugar de costume sobre a mesa, e com sua fronte sobre as mãos. Após alguns instantes de meditação, fez sinal às suas duas visitas para que se sentassem e dirigiu a palavra ao compadre Tourangeau.

– Veio me consultar, mestre, sobre qual ciência?

– Reverendo – respondeu o compadre Tourangeau –, estou doente, muito doente. Dizem que o senhor é um grande esculápio, e venho lhe pedir um conselho de medicina.

– Medicina! – disse o arqui-diácono, meneando a cabeça. Recolheu-se por um momento e depois retomou: – Compadre Tourangeau, pois é esse seu nome, vire a cabeça. Você encontrará minha resposta escrita na parede.

O compadre Tourangeau obedeceu e leu acima de sua cabeça esta inscrição gravada na muralha: “A medicina é filha dos devaneios. *Jamblique*.”

Não obstante, o doutor Jacques Coictier escutou a pergunta de seu companheiro com um desdém que a resposta de dom Claude redobrava. Inclinou-se ao ouvido do compadre Tourangeau e lhe disse bem baixo para não ser escutado pelo arqui-diácono:

– Eu o preveni de que ele é louco. O senhor quis vê-lo!

– É bem possível que esse louco tenha razão, doutor Jacques! – respondeu o compadre no mesmo tom e com um sorriso amargo.

– Como queira! – replicou secamente Coictier. Em seguida, dirigindo-se ao arqui-diácono: – O senhor respondeu muito depressa, dom Claude, e Hipócrates não lhe interessa mais do que uma noz a um macaco. A medicina é um devaneio! Os farmacêuticos e os mestres de medicina com certeza iriam apedrejá-lo se estivessem aqui. Então o senhor nega a influência dos filtros sobre o sangue, dos unguentos sobre a carne! Nega esta eterna farmácia de flores e metais que se chama mundo, feita expressamente para este eterno doente que se chama homem.

– Não nego – disse friamente dom Claude – nem a farmácia nem o doente. Eu nego o médico.

– Então não é verdade – retomou Coictier calorosamente – que a gota

é uma herpes interna, que se cura uma ferida de artilharia pela aplicação de um rato assado, que um sangue novo corretamente infundido torna jovens as veias velhas; não é verdade que dois e dois são quatro e que o emprostótono sucede ao opistótono?

O arquiidiácono respondeu sem se alterar:

– Há certas coisas que penso de um modo muito próprio. Coictier ficou vermelho de cólera

– Acalme-se, meu bom Coictier, não se zangue – disse o compadre Tourangeau –, o senhor arquiidiácono é nosso amigo.

Coictier se acalmou e murmurando à meia-voz:

– Além do mais, é louco!

– Por favor, mestre Claude – retomou o compadre Tourangeau depois de um silêncio –, o senhor me constrange. Tenho duas consultas para lhe fazer, uma acerca de minha saúde, outra acerca de minha estrela.

– Senhor – recomeçou o arquiidiácono –, se é assim que pensa, teria sido melhor não ter se cansado nos degraus de minha escadaria. Não creio na medicina. Não creio na astrologia.

– Verdade? – disse o compadre com surpresa.

Coictier ria com um riso forçado.

– Veja como ele é louco – disse bem baixo ao compadre Tourangeau. – Ele não crê na astrologia!

– É o meio de se imaginar – prosseguiu dom Claude – que cada raio de estrela é um fio que chega à cabeça de um homem!

– E em que o senhor acredita então? – perguntou o compadre Tourangeau.

O arquiidiácono ficou por um momento indeciso; em seguida, deixou escapar um sombrio sorriso que parecia desmentir a resposta:

– *Credo in Deum.*

– *Dominum nostrum* – acrescentou o compadre Tourangeau, fazendo o sinal da cruz.

– *Amen* – disse Coictier.

– Reverendo mestre – retomou o compadre –, estou encantado em vê-lo em tão boa religião. Mas o senhor é um grande sábio. Será que estaria a ponto de não mais acreditar na ciência?

– Não – respondeu o arquiidiácono tomando o braço do compadre Tourangeau, e uma luz de entusiasmo se acendeu em sua terna pupila –, não, eu não nego a ciência. Não me arrastei tanto tempo com o ventre e as unhas na terra pelas mil ramificações da caverna sem

perceber, ao longe, diante de mim, ao fim da obscura galeria, uma luz, uma chama, algo, o reflexo sem dúvida do ofuscante laboratório central em que os pacientes e os sábios surpreenderam Deus.

– Mas – interrompeu Tourangeau – o que o senhor toma por certo e verdadeiro?

– A alquimia.

Coictier voltou a gritar:

– Por Deus, dom Claude, a alquimia tem sua razão, sem dúvida, mas por que blasfemar a medicina e a astrologia?

– É nada, sua ciência do homem! É nada, sua ciência do céu! – disse o arquidiácono com autoridade.

– É tratar com muita dignidade Epidaurus e La Chaldée – replicou o médico com zombaria.

– Escute, senhor Jacques, digo isso com boa-fé. Não sou o médico do rei, e Sua Majestade não me deu seu jardim Dédalus para aí observar as constelações... Não se irrite e me escute. Que verdade o senhor extraiu, não digo da medicina que é coisa de loucos, mas da astrologia? Cite-me as virtudes do bustrofédon vertical, os achados dos números *ziruf* e *zefirod*.

– Negaria o senhor – perguntou Coictier – a força simpática da clavícula e que a cabalística dela deriva?

– Errado, senhor Jacques! Nenhuma de suas fórmulas chegou à realidade. Já a alquimia tem suas descobertas. Contestará o senhor resultados como estes? O vidro enterrado durante mil anos se transforma em cristal de rocha. O chumbo é o avô dos metais. (Pois o ouro não é um metal, o ouro é luz.) Basta ao chumbo quatro períodos de duzentos anos para passar do estado de chumbo ao de arsênico vermelho, do de arsênico vermelho ao de estanho, e do de estanho ao de prata. Isso não são fatos? Mas acreditar em clavícula, em linha cheia e em estrelas é tão ridículo quanto acreditar, como os habitantes de Grand-Cathay, que a saíra vira toupeira e o grão de trigo vira carpa!

– Estudei hermética – gritou Coictier –, e afirmo...

O inquieto arquidiácono não o deixou acabar.

– E eu estudei medicina, astrologia e hermética. Eis a verdade – disse, tomando sobre a arca um frasco cheio dessa poeira de que falamos antes –, eis aqui a luz! Hipócrates é um sonho; Urânia é um sonho; Hermes é um pensamento. O ouro é o sol; fazer ouro é ser Deus. Eis a única ciência. Sondei a medicina e a astrologia, e lhes digo! Nada, nada.

O corpo humano, trevas; os astros, trevas!

E recaiu sobre sua poltrona com uma atitude imponente e inspirada. O compadre Tourangeau o observava em silêncio. Coictier se esforçava em zombar dele, encolhia imperceptivelmente os ombros e repetia com voz baixa:

– Um louco!

– Então – disse de repente Tourangeau –, o fim mirífico, tocou-o? O senhor fez ouro?

– Se tivesse feito – respondeu o arqui-diácono, articulando lentamente suas palavras como um homem que reflete –, o rei da França se chamaria Claude e não Luís.

O compadre franziu a testa.

– O que estou dizendo? – retomou dom Claude com um sorriso de desdém. – De que me valeria o trono da França quando poderia reerguer o império do Oriente!

– Ainda bem! – disse o compadre.

– Oh, pobre louco! – murmurou Coictier

O arqui-diácono prosseguiu como se respondesse apenas aos seus próprios pensamentos.

– Mas não, eu me arrasto ainda; esfolo minha face e meus joelhos na via subterrânea. Entrevejo apenas, não contemplo! Não leio, apenas soletro!

– E, quando o senhor souber ler – perguntou o compadre –, fará ouro?

– Ainda duvida? – perguntou o arqui-diácono.

– Nesse caso, Notre-Dame sabe o quanto preciso de dinheiro e o quanto desejo aprender com o senhor a ler em seus livros. Diga-me, reverendo mestre, sua ciência não é inimiga ou desagradável na Notre-Dame?

A essa pergunta do compadre, dom Claude contentou-se em responder com tranquila nobreza:

– De que sou arqui-diácono?

– É verdade, meu mestre. Pois bem, o senhor acharia agradável me iniciar? Faça-me soletrar com o senhor.

Claude tomou a atitude majestosa e pontífica de um Samuel.

– Meu velho, são necessários longos anos, o que não lhe resta para que empreenda essa viagem através das coisas misteriosas. Sua cabeça já é muito branca! Somente saímos da caverna com cabelos brancos,

mas nelas só entramos com cabelos negros. A ciência sabe muito bem escavar, descorar e ressecar as faces humanas; ela não precisa que a velhice lhe traga as faces enrugadas. Se, no entanto, o senhor está determinado a se pôr em disciplina na sua idade e a decifrar o alfabeto duvidoso dos sábios, venha comigo, tentarei. Não lhe diria, em sua pobre velhice, para visitar as câmaras sepulcrais das pirâmides de que fala o antigo Heródoto, nem a torre de tijolos da Babilônia, nem o imenso santuário de mármore branco do templo indiano de Eklinga. Vi tanto quanto o senhor as obras caldaicas construídas seguindo a forma sagrada do Sikra, ou mesmo o templo de Salomão, que está destruído, ou ainda as portas de pedra do sepulcro dos reis de Israel, que estão quebradas. Vamos nos contentar com os fragmentos do livro de Hermes que temos aqui. Explicarei ao senhor a estátua de São Cristóvão, o símbolo do Semeador e estes dois anjos que estão ao portal da Sainte-Chapelle, trazendo um vaso numa mão e uma nuvem na outra...

Aqui, Jacques Coictier, que as réplicas calorosas do arquiidiácono deixaram desconcertado, restabeleceu-se e o interrompeu com o tom triunfante de um sábio que corrige outro:

– *Erras, amici Claudii* .4 Símbolo não é número. O senhor toma Orfeu por Hermes.

– É o senhor que erra – replicou seriamente o arquiidiácono. – Dédalus é a fundação; Orfeu é a muralha; Hermes é o edifício. Isso é tudo.

E voltando-se para Tourangeau:

– O senhor venha quando quiser. Irei lhe mostrar as parcelas de ouro que restam no fundo do crisol de Nicolas Flamel, e o senhor há de compará-lo com o ouro de Guillaume de Paris. Ensinarei ao senhor as virtudes secretas da palavra grega *peristera* .5 Mas, antes de tudo, farei o senhor ler, uma após outra, as letras de mármore do alfabeto, as páginas de granito do livro. Iremos ao portal do bispo Guillaume e de Saint-Jean-le-Rond, na Sainte-Chapelle, em seguida à casa de Nicolas Flamel, na rua Marivaux, e a seu túmulo, que fica em Saints-Innocents, a esses dois hospitais da rua Montmorency. Farei o senhor ler os hieróglifos de que são cobertas as quatro grossas frisas de ferro do portal do hospital Saint-Gervais e da rua de la Ferronnerie. Soletraremos juntos ainda as fachadas de Saint-Côme, de Sainte-Geneviève-des-Ardents, de Saint-Martin, de Saint-Jacques-de-la-Boucherie...

Havia já muito tempo que Tourangeau, por mais inteligente que

fosse seu olhar, parecia não mais compreender dom Claude. Ele o interrompeu:

- Bem! Quais são então seus livros?
- Eis aqui um – disse o arquidiácono.

E, abrindo a janela da célula, designou com o dedo a imensa igreja Notre-Dame, que, recortando no céu estrelado a silhueta negra de suas duas torres, suas duas costelas de pedra e sua garupa monstruosa, parecia uma enorme esfinge com duas cabeças sentada no meio da cidade.

O arquidiácono observou por um tempo em silêncio o gigantesco prédio; em seguida, estendendo com um suspiro sua mão direita na direção do livro impresso que estava aberto sobre a mesa, e sua mão esquerda na direção da Notre-Dame, e levando um triste olhar do livro à igreja:

- Infelizmente! – disse –, isto matará aquilo.

Coictier, que rapidamente se aproximou do livro, não pôde evitar a exclamação:

– Como assim! O que há de tão temível nisto: *Glossa in epistolas D. Pauli. Norimbergae, Antonius Koburger.*⁶ 1474. Nada de novo. É um livro de Pierre Lombard, mestre de Sentenças. Somente porque foi impresso?

– O senhor já disse – respondeu Claude, que parecia absorto numa profunda meditação e se levantava, apoiando seu indicador curvado sobre o in-fólio saído das famosas prensas de Nuremberg. Em seguida, acrescentou estas misteriosas palavras: – Uma pena, uma pena! As pequenas coisas acabam com as grandes; um dente destrói uma massa. O rato do Nilo mata o crocodilo, o espadarte mata a baleia, o livro matará o prédio.

O toque de recolher do claustro soou no momento em que o doutor Jacques repetia baixo à sua companhia seu eterno refrão:

- Ele é louco.

Ao que o companheiro respondeu dessa vez:

- Creio que sim.

Era a hora em que nenhum estrangeiro podia ficar no claustro.

As duas visitas se retiraram.

– Mestre – disse o compadre Tourangeau, pedindo licença ao arquidiácono –, amo os sábios e os grandes espíritos, e tenho pelo senhor uma singular estima. Venha amanhã ao palácio de Tournelles e

busque pelo abade de Saint-Martin de Tours.

O arqui-diácono voltou estupefato, compreendendo enfim quem era o personagem compadre Tourangeau, lembrando-se desta passagem do cartulário de Saint-Martin de Tours: “*Abbas beati Martini, scilicet rex Franciae, est canonicus de consuetudine et habet parvam prae-bendam quam habet sanctus Venantius et debet sedere in sede thesaurarii*.”⁷

Dizia-se que, depois dessa época, o arqui-diácono tinha frequentes conferências com Luís XI, quando Sua Majestade vinha a Paris; e que o crédito de dom Claude fazia sombra a Olivier le Daim e a Jacques Coictier, o qual, segundo sua maneira, maltratava tanto o rei.

II. ISTO MATARÁ AQUILO

Nossas leitoras que nos perdoem esta pequena pausa, a fim de buscar qual poderia ser o pensamento que se ocultava sob estas palavras enigmáticas do arqui-diácono: “Isto matará aquilo. O livro matará o prédio.”

Em nosso sentido, esse pensamento possuía duas faces. Era, a princípio, o pensamento de um padre. Era o receio do sacerdote diante de um agente novo, a imprensa. Era o espanto e o fascínio do homem do santuário diante da prensa luminosa de Gutenberg. Era a cátedra e o manuscrito, a palavra falada e a palavra escrita que se alarmavam com a palavra impressa; algo parecido com o estupor de um pardal que visse o anjo Legião abrir seus seis milhões de asas. Era o grito do profeta que escuta já murmurar e fervilhar a humanidade emancipada, que vê no futuro a inteligência derrotar a fé, a opinião destronar a crença, o mundo sacudir Roma. Prognóstico do filósofo que vê o pensamento humano, volatizado pela prensa, evaporar-se do recipiente teocrático. O terror do soldado que vê o aríete de bronze e que diz: a torre há de ruir. Significava que uma potência haveria de suceder a outra potência. O que queria dizer: a prensa matará a igreja.

No entanto, sob esse pensamento, o primeiro e, sem dúvida, o mais simples, havia, em nossa opinião, um outro e mais novo, um corolário do primeiro, menos fácil de se perceber e mais fácil de se contestar, uma visão, também filosófica, não mais apenas do padre, mas do sábio e do artista. Era o pressentimento de que o pensamento humano, mudando de forma, mudaria de modo de expressão; de que a ideia

capital de cada geração não se escreveria mais com a mesma matéria e da mesma maneira; de que o livro de pedra, tão sólido e tão durável, haveria de ser substituído pelo livro de papel, mais sólido e ainda mais durável. Quanto a isso, a vaga fórmula do arqui-diácono possuía um segundo sentido; significava que uma arte destronaria outra arte. Queria dizer: a imprensa matará a arquitetura.

De fato, desde a origem de tudo até o fim do século XV da era cristã, a arquitetura é o grande livro da humanidade, a expressão principal do homem em seus diversos estados de desenvolvimento, seja como força, seja como inteligência.

Quando a memória das primeiras raças sentiu-se sobrecarregada, quando a bagagem de lembranças do gênero humano se tornou tão pesada e tão confusa quanto a fala, nua e volátil, e arriscou-se perdê-la no caminho, foi transcrita sobre o solo do modo mais visível, mais durável e, ao mesmo tempo, mais natural. Selou-se cada tradição sob um monumento.

Os primeiros monumentos foram simples talhados de rocha, “que o ferro não tocara”, disse Moisés. A arquitetura começou como toda escritura. Fez primeiro o alfabeto. Inicialmente, plantou-se uma pedra, e era uma letra, e cada letra era um hieróglifo, e sobre cada hieróglifo repousava um grupo de ideias, como o capitel sobre a coluna. Assim fizeram as primeiras raças, por toda parte e ao mesmo tempo, sobre a superfície do mundo inteiro. Encontra-se a *pedra erguida* dos celtas tanto na Sibéria da Ásia quanto nos pampas da América.

Mais tarde, foram feitas as palavras. Pedra se sobrepôs a pedra, acoplaram-se essas sílabas de granito, o verbo ensaiou algumas combinações. O dólmen e o cromeleque celtas, o tumulus estrusco, a cripta hebraica, são palavras. Alguns, os túmulos, sobretudo, são nomes próprios. Por vezes, quando se tem muita pedra e uma vasta praia, escreve-se até uma frase. O alinhamento de Karnac é já uma formulação inteira.

Enfim, fizeram-se os livros. As tradições conceberam símbolos, sob os quais desapareceram, como o tronco da árvore desaparece sob sua folhagem; todos esses símbolos, nos quais a humanidade tinha fé, cresceram, multiplicando-se, cruzando-se, complicando-se de mais a mais; os primeiros monumentos não bastavam mais para contê-los; transbordavam por toda parte; só que esses monumentos exprimiam ainda a tradição primitiva, como eles, simples, nua, jacente sobre o solo.

O símbolo necessitava desabrochar no edifício. A arquitetura, então, desenvolveu-se com o pensamento humano; tornou-se um gigante de mil cabeças e mil braços, e fixou sob uma forma eterna, visível, palpável, todo esse simbolismo flutuante. Enquanto Dédalo, que é a força, mensurava; enquanto Orfeu, que é a inteligência, cantava; o pilar, que é uma letra, a arcada, que é uma sílaba, a pirâmide que é uma palavra, movidos ao mesmo tempo por uma lei da geometria e por outra da poesia, agruparam-se, combinaram-se, amalgamaram-se, desciam, subiam, justapunham-se sobre o solo, escalaram no céu, até o que tivessem escrito, segundo o ditado pela ideia geral de uma época, esses livros maravilhosos, que eram também maravilhosos prédios: o pagode de Eklinga, o Rhamseion do Egito, o templo de Salomão.

A ideia mãe, o verbo, não estava somente na fundação de todos os prédios, mas ainda na forma. O templo de Salomão, por exemplo, não era simplesmente a encadernação do livro santo, era o próprio livro santo. Sobre cada um de seus recintos concêntricos, os padres podiam ler o verbo traduzido e manifesto aos olhos, e seguiram assim suas transformações, de santuário em santuário, até que o tomassem no seu último tabernáculo, sob a sua forma mais concreta, que ainda era da arquitetura, o arco. Assim o verbo estava encerrado no edifício, mas sua imagem estava sobre seu invólucro, como a figura humana sobre o sarcófago de uma múmia.

E não somente a forma dos edifícios, mas ainda o sítio que escolhiam revelava o pensamento que representavam. Fosse o símbolo expresso gracioso ou sombrio, a Grécia coroava suas montanhas com templos harmoniosos à vista, a Índia alargava os seus para neles esculpir esses disformes pagodes subterrâneos, erguidos por gigantescas filas de elefantes de granito.

Assim, durante os seis mil primeiros anos do mundo, desde o pagode inesquecível do Hindustão até a catedral de Colônia, a arquitetura foi a grande escrita do gênero humano. Tanto é verdade que não somente todo símbolo religioso como também todo o pensamento humano tem sua página nesse livro imenso e seu monumento.

Toda a civilização começa pela teocracia e acaba na democracia. Essa lei da liberdade que sucede a unidade está escrita na arquitetura. Pois, insistamos neste ponto, não se deve acreditar que a maçonaria apenas edifique templos, ela expressa mitos e simbolismo sacerdotal, transcreve apenas através de hieróglifos sobre suas páginas de pedra as tábuas

misteriosas da lei. Se fosse assim, como acontece em toda sociedade humana em que o símbolo se gasta e se oblitera sob o livre pensamento, em que o homem se esquia do padre, em que a excrescência das filosofias e dos sistemas roem a face da religião, a arquitetura não poderia reproduzir esse novo estado de espírito humano, suas folhas, cheias na frente, estariam vazias no verso, sua obra seria truncada, seu livro seria incompleto. Mas, não.

Tomemos, por exemplo, a Idade Média, em que vemos com mais clareza por estar mais perto de nós. Durante seu primeiro período, enquanto a teocracia organiza a Europa, enquanto o Vaticano reúne e reclassifica ao seu redor os elementos de uma Roma feita com a Roma que orbita arruinada em torno do Capitólio, enquanto o cristianismo vai por aí descobrindo nos escombros da civilização anterior todos os estágios da sociedade e reconstrói com suas ruínas um novo universo hierárquico, cujo sacerdócio é a pedra angular, ouve-se, surdo a princípio neste caos, em seguida vê-se, pouco a pouco, sob o sopro do cristianismo, sob a mão dos bárbaros, surgir o desenterro das arquiteturas mortas, grega e romana, essa misteriosa arquitetura romana, irmã das maçonarias teocráticas do Egito e da Índia, emblema inalterável do catolicismo puro, imutável hieróglifo da unidade papal. Todo o pensamento, a partir de então, é escrito neste sombrio estilo românico. Sente-se por todo o canto a autoridade, a unidade, o impenetrável, o absoluto, Gregório VII; por todo canto, o padre, jamais o homem; por todo canto, a casta, jamais o povo. Mas chegam as cruzadas. É um grande movimento popular, e todo grande movimento popular, quaisquer que sejam sua musa e seu alvo, resgata sempre de seu derradeiro precipitado o espírito da liberdade. As novidades hão de vir. Abre-se o tempestuoso período de insurreições, pragas e consulados. A autoridade se abala, a unidade se bifurca. A feudalidade pede aliança à teocracia, esperando o povo, que virá inevitavelmente enfrentar, como sempre, o leão. *Quia nominor leo*. O senhorio abre caminho pelo sacerdócio; a comuna, pelo senhorio. A face da Europa mudou. Pois bem! A face da arquitetura também mudou. Como a civilização, ela virou a página, e o novo espírito dos tempos a encontra pronta para escrever segundo seu ditado. Voltou das cruzadas com a ogiva; as nações, com a liberdade. Então, enquanto Roma se desmembra pouco a pouco, a arquitetura românica morre. O hieróglifo deserta a catedral e vai brasonar o castelo para dar prestígio à

feudalidade. A própria catedral, este edifício outrora tão dogmático, invadido doravante pela burguesia, pela comuna, pela liberdade, escapa do padre e cai em poder do artista. O artista a constrói a seu modo. Adeus, mistério, mito, lei; eis a fantasia e o capricho. Desde que providos basílica e altar, o padre nada tem a dizer. As quatro paredes são do artista. O livro arquitetural não pertence mais ao sacerdócio, à religião, a Roma; ele está na imaginação, na poesia, no povo. Daí as transformações rápidas e sem-número desta arquitetura que não tem mais do que três séculos, tão chocantes após a imobilidade estagnante da arquitetura românica, que data seis ou sete séculos. A arte, todavia, caminha com passos de gigante. O gênio e a originalidade populares têm a missão que era dos bispos. Cada raça escreve, brevemente, suas linhas sobre o livro; traçam velhos hieróglifos romanos sobre o frontispício das catedrais, e no máximo se vê ainda o dogma atravessar aqui e ali sob o novo símbolo que ela aí deposita. A roupagem popular deixa apenas adivinhar a ossatura religiosa. Não se pode fazer ideia da licença que, então, tomam para si os arquitetos, mesmo em se tratando de uma igreja. São capitéis tricotados de monges e irmãs vergonhosamente acoplados, como na sala das Chaminés do Palácio da Justiça em Paris. É a aventura de Noé esculpida, com *todas as letras*, como no grande portal de Bourges. É um monge báquico, com orelhas de asno e garrafa à mão, rindo diante de toda a comunidade, como sobre o lavabo da abadia de Bocheville. Existe, nesta época, para o pensamento escrito em pedra, um privilégio que se compara com nossa atual liberdade de imprensa. É a liberdade da arquitetura.

Essa liberdade vai muito longe. Por vezes, um portal, uma fachada, uma igreja inteira apresenta um sentido simbólico estranho ao culto, ou mesmo hostil à igreja. Já no século XIII, Guillaume de Paris e, no século XV, Nicholas Flamel escreveram essas páginas sediciosas. Saint-Jacques-de-la-Boucherie era uma igreja de completa oposição.

O pensamento, então, libertou-se apenas desse modo; da mesma forma, ele era escrito por completo apenas nesses livros que se chamam prédios. Sem essa forma prédio, seria queimado em praça pública pela mão do carrasco, sob a forma manuscrito, se fosse tão imprudente em se arriscar a tanto; o pensamento portal de igreja assistira ao suplício do pensamento livro. Assim, tendo apenas essa via, a maçonaria, para se fazer vista, precipitou-se por toda parte. Daí, a imensa quantidade de catedrais que cobriram a Europa, número tão prodigioso, em que não

se acredita, ainda mesmo depois de conferi-lo. Todas as forças materiais, todas as forças intelectuais da sociedade convergiram para o mesmo ponto: a arquitetura. Dessa maneira, sob o pretexto de construir igrejas a Deus, a arte se desenvolveu em proporções magníficas.

Então, quem nascesse poeta se fazia arquiteto. O gênio disperso nas massas, comprimido de todas as partes sob a feudalidade como sob um testudo de bronze, não encontrando saída além da arquitetura, desembocava através dessa arte, e suas ilíadas tomavam a forma de catedrais. Todas as outras artes obedeciam e se alinhavam sob a arquitetura. Eram os operários da grande obra. O arquiteto, o poeta, o mestre, totalizava em sua pessoa a escultura que talhou suas fachadas, a pintura que iluminou seus vitrais, a música que movia seu sino e soprava em seus órgãos. Não havia nem a pobre poesia propriamente dita, aquela que insistia em vegetar nos manuscritos, que foi obrigada, para ser algo no futuro, a se enquadrar no prédio sob a forma de hino ou de prosa; o mesmo papel, enfim, que encenaram as tragédias de Êsquilo nas festas sacerdotais da Grécia, o Gênesis no templo de Salomão.

Assim, a arquitetura é, até Gutenberg, a escrita principal, a escrita universal. Desse livro granítico a que o Oriente deu início, e a Antiguidade grega e romana continuou, a Idade Média escreveu-lhe a última página. De resto, esse fenômeno de uma arquitetura do povo suceder a uma arquitetura de castas, que acabamos de observar na Idade Média, repete-se como todo movimento análogo à inteligência humana em outras grandes épocas da história. Assim, para enunciar aqui apenas sumariamente uma lei que demandaria volumes para ser desenvolvida: no alto Oriente, berço dos tempos primitivos, após a arquitetura hindu, a arquitetura fenícia, esta mãe opulenta da arquitetura árabe; na Antiguidade, após a arquitetura egípcia, de que o estilo etrusco e os monumentos ciclópicos são apenas uma variação, a arquitetura grega, de que o estilo romano é apenas um prolongamento sobrecarregado com o domo cartaginês; nos templos modernos, depois da arquitetura românica, a arquitetura gótica. E, desdobrando essas três séries, encontraríamos nas três primogênicas, as arquiteturas hindu, egípcia e romana, o mesmo símbolo, ou seja, a teocracia, a casta, a unidade, o dogma, o mito, Deus; e nas três irmãs mais novas, as arquiteturas fenícia, grega e gótica, qualquer que seja a diversidade da forma inerente à sua natureza, também a mesma significação, ou seja, a

liberdade, o povo, o homem.

Seja brâmane, mago ou papa, nas maçonarias hindu, egípcia ou romana, sente-se sempre a presença do padre, e nada além do padre. Não é o que acontece com as arquiteturas do povo. Elas são mais ricas e menos santas. Na fenícia, sente-se o mercador; na grega, o republicano; na gótica, o burguês.

Os traços gerais de toda a arquitetura teocrática são a imutabilidade, o horror ao progresso, a conservação das linhas tradicionais, a consagração dos tipos primitivos, a dobra constante de todas as formas do homem e da natureza aos caprichos incompreensíveis do símbolo. São os livros tenebrosos que somente iniciados sabiam decifrar. De resto, toda forma, ou mesmo toda deformidade, tem aí um sentido que a faz inviolável. Não peça que as maçonarias hindu, egípcia e românica modifiquem seus desenhos ou melhorem o estatuário. Todo aperfeiçoamento lhes é sacrilégio. Nessas arquiteturas, parece que a rudeza do dogma se expandiu sobre a pedra como uma segunda petrificação. Os traços gerais das maçonarias populares, ao contrário, são a variedade, o progresso, a originalidade, a opulência, o movimento perpétuo. Estão afastadas o suficiente da religião para sonhar sua beleza, para cuidar dela, para corrigir continuamente seus adornos de estátuas ou de arabescos. Elas são do século. Possuem algo de humano que misturam em contínuo com o símbolo divino, sob o qual elas ainda se produzem. Delas, esses edifícios penetráveis por toda alma, por toda inteligência, por toda imaginação, simbólicos ainda, mas fáceis de se compreender, como a natureza. Entre a arquitetura teocrática e esta, há a diferença entre uma língua sagrada e uma língua vulgar, entre hieróglifo e arte, entre Salomão e Fídias.

Se resumíssemos o que indicamos até aqui muito sumariamente, sendo negligentes com as mil provas e também mil objeções de detalhe, chegaríamos a isto: até o século XV, a arquitetura foi o registro principal da humanidade; neste período, não apareceu no mundo um pensamento um tanto complexo que não se fizesse prédio; toda ideia popular e toda lei religiosa tiveram seus monumentos; o gênero humano, enfim, nada pensou de importante que não estivesse escrito na pedra. Por quê? É porque todo pensamento, seja religioso, seja filosófico, interessou-se por se perpetuar, é porque a ideia que moveu gerações deseja mover outras e deixar seu rastro. Ora, que imortalidade precária tem o manuscrito! Um prédio é muito mais sólido, durável e

resistente! Para destruir a palavra escrita, bastava uma tocha e um déspota. Para demolir a palavra construída, era necessária uma revolução terrestre. Os bárbaros passaram pelo Coliseu, o dilúvio pode ter chegado às pirâmides.

No século XV, tudo muda.

O pensamento humano descobre um meio de se perpetuar não somente mais durável e resistente do que a arquitetura, mas ainda mais simples e fácil. A arquitetura é destronada. Às letras de pedra, sucedem as letras de chumbo de Gutenberg.

“O livro matará o prédio.”

A invenção da prensa é o maior acontecimento da história. É a revolução mãe. É o modo de expressão da humanidade que se renova totalmente, é o pensamento humano que se despoja de uma forma e se reveste de outra, é a completa e definitiva mudança de pele desta serpente simbólica, que, desde Adão, representa a inteligência.

Sob a forma da imprensa, o pensamento mais imperecível do que nunca; ele é volátil, inapreensível, indestrutível. Mistura-se com o ar. No tempo da arquitetura, fazia-se montanha e se amparava poderosamente em um século e em um sítio. Agora, faz revoadas de pássaros, espalha-se aos quatro ventos e ocupa ao mesmo tempo todos os pontos do ar e do espaço.

Repitamos, quem não enxerga que, dessa maneira, ele é muito mais indelével? De sólido que era, torna-se vivaz. Avança da duração à imortalidade. Pode-se demolir uma massa, mas como extirpar a ubiquidade? Venha um dilúvio, e a montanha desaparece depois de muito tempo sob as ondas; os pássaros voarão ainda; se uma única arca flutuar na superfície do cataclismo, elas aí pousarão, nadarão com ela, assistirão com ela à descida das águas, e o novo mundo que sairá deste caos verá, ao despertar, planando sobre ele, alado e vivo, o pensamento do mundo submerso.

E quando se observa que esse modo de expressão é não somente o mais conservador, mas também o mais simples, o mais cômodo, o mais prático de todos, logo que se considera que ele não arrasta gorda bagagem nem lida com pesados apetrechos, quando se compara o pensamento, obrigado a se traduzir em um prédio, pôr em movimento quatro ou cinco outras artes e tonéis de ouro, uma montanha inteira de pedra, uma floresta inteira de madeirame, um povo inteiro de operários, quando se compara isso ao pensamento que se faz livro, ao qual basta

um pouco de papel, um pouco de tinta e uma pluma, por que se espantar de que a inteligência humana substituiu a arquitetura pela imprensa? Corte-se bruscamente o leito primitivo de um rio por meio de um canal que o cruze abaixo de seu nível, o rio desertará seu leito.

Assim, vejamos como, a partir da descoberta da prensa, a arquitetura definha pouco a pouco, atrofia-se, desnuda-se. Como se sente que a água abaixa, que a seiva se vai, o pensamento dos tempos e dos povos se retiram dela! No século XV, o resfriamento é quase insensível, a prensa é ainda débil e tira com o máximo de suas forças da potente arquitetura a superabundância de vida. Porém, desde o século XVI, a doença da arquitetura é visível; ela já não exprime o que é essencial à sociedade; disfarça-se miseravelmente de arte clássica, de gaulesa, de europeia, de indígena, torna-se grega e romana; de autêntica e moderna, pseudoantiga. É a esta decadência que chamamos Renascimento. Decadência magnífica, no entanto, pois o velho gênio gótico, o sol que se põe atrás da gigantesca presa de Mayence, penetra ainda por algum tempo com seus derradeiros raios todo esse recinto híbrido de arcadas latinas e colunatas corintianas.

É o pôr do sol que nós tomamos como aurora.

No entanto, no momento em que a arquitetura não passa de mais uma arte entre outras, desde que ela não é mais a arte total, a arte soberana, a arte tirânica, ela não tem mais força para conter as outras artes. Elas se emancipam então, rompem o jugo do arquiteto, e vão cada uma para seu lado. Cada uma conquista seu divórcio. Cresce o isolamento. A escultura se torna estatuária, a imagética se torna pintura, o Canon se torna música. É como um império que se desmembra com a morte de seu Alexandre e cujas províncias se tornam reinos.

Daí, Rafael, Michelangelo, Jean Goujon, Palestrina, esses esplendores ofuscantes do século XVI.

Ao mesmo tempo que as artes, o pensamento se emancipa de todos os lados. Os heresiarcas da Idade Média já haviam desferido vários entalhes ao catolicismo. Antes da imprensa, a reforma foi apenas um cisma, a imprensa fez a revolução. Retirem a imprensa, a heresia é enfraquecida. Seja isso fatal ou providencial, Gutenberg é o precursor de Lutero.

Entretanto, quando o sol da Idade Média é totalmente posto, quando o gênio gótico extingue-se para sempre do horizonte da arte, a arquitetura vai se desbotando, descolorando-se, apagando-se mais e

mais. O livro impresso, este verme roedor do prédio, suga-a e a devora. Despoja-se, desfolha, emagrece a olhos vistos. É mesquinha, é pobre, é nula. Nada mais exprime, nem mesmo a lembrança da arte de um outro tempo. Reduzida a si mesma, abandonada das outras artes porque o pensamento humano a abandona, demanda pedreiros na falta de artistas. O vidro substitui o vitral. O talhador de peças sucede o escultor. Adeus, toda seiva, toda originalidade, toda vida, toda inteligência. Ela se encadeia, lamentável mendicante de ateliê, de cópia em cópia. Michelangelo, que desde o século XVI a sentia morrer, tivera uma derradeira ideia, uma ideia de desespero. Esse titã da arte acrescentou o Panteão ao Partenon, e fez São Pedro de Roma. Grande obra que merecia o respeito de ser única, derradeira originalidade da arquitetura, assinatura de um artista gigante na base do colossal registro de pedra que se fechava. Morto Michelangelo, o que fazer dessa miserável arquitetura que sobrevivia no estágio de espectro e de sombra? Ela toma São Pedro de Roma, decalca-a e a parodia. É uma mania. É uma piedade. Cada século tem a sua São Pedro de Roma; no século XVII, Val-de-Grâce; no XVIII, Sainte-Geneviève. Cada país tem sua São Pedro de Roma. Londres tem a sua. Petersburgo tem a sua. Paris tem duas ou três delas. Testemunho insignificante, derradeira repetição de uma grande arte decrépita que recai na infância antes de morrer.

Se, em lugar de monumentos característicos como aqueles de que acabamos de falar, examinarmos o aspecto geral da arte desde o século XVI até o século XVIII, observamos os mesmos fenômenos de decréscimo e tísica. A partir de Francisco II, a forma arquitetural do edifício apaga-se cada vez mais e deixa sobressair a forma geométrica, como arcabouço ósseo de um doente emagrecido. As belas linhas da arte são substituídas pelas frias e inexoráveis linhas do geômetra. Um prédio não é mais um prédio, é um poliedro. A arquitetura, contudo, atormenta-se por esconder essa nudez. Eis um frontão grego que se inscreve em um frontão românico, e reciprocamente. É sempre o Panteão no Partenon, São Pedro de Roma. Eis as casas de tijolo de Henrique IV com esquinas de pedra; a praça Royale, a praça Dauphine. Eis as igrejas de Luís XIII, pesadas, maciças, socadas, reunidas, carregadas de um domo como uma corcunda. Eis a arquitetura mazarina, o pastiche ruim italiano das Quatre-Nations. Eis os palácios de Luís XIV, longas casernas de cortesãos, retas, glaciais, tediosas. Eis,

enfim, Luís XV, com as chicórias e os vermes, e todas as verrugas e todos os fungos que desfiguram essa velha arquitetura caduca, desdentada e sedutora. De Francisco II a Luís XV, o mal cresceu em progressão geométrica. A arte não tem mais pele sobre os ossos. Agoniza miseravelmente.

Todavia, no que se torna a imprensa? Toda essa vida que parte da arquitetura lhe chega. À medida que a arquitetura desce, a imprensa infla e aumenta. O capital de forças que o pensamento dispensava em prédios dispensa-o doravante em livros. Assim, desde o século XVI, a imprensa, crescida ao mesmo nível da arquitetura decrescente, luta com ela e a mata. No século XVII, ela já é soberana, totalmente triunfante, totalmente assentada na sua vitória para dar ao mundo a festa de um grande século literário. No século XVIII, no longo tempo de repouso na corte de Luís XIV, retoma a velha espada de Lutero, arma Voltaire e parte, tumultuosa, ao ataque dessa antiga Europa, cuja expressão arquitetural ela já matara. Quando o século XVIII termina, ela destrói tudo. No XIX, há de reconstruir.

Ora, nós nos perguntamos ainda qual das duas artes representa realmente, depois de três séculos, o pensamento humano. Qual o traduz? Qual exprime não somente suas manias literárias e escolásticas, mas seu vasto, profundo, universal movimento? Qual se impõe de forma constante, sem ruptura e sem lacuna, ao gênero humano, que caminha, monstro de mil pés? A arquitetura ou a imprensa?

A imprensa. Que não nos enganemos quanto a isso, a arquitetura está morta, sem retorno, morta pelo livro impresso, morta porque ela dura menos, porque custa mais. Toda catedral é um milhão. Estime-se qual o investimento necessário para reescrever um livro arquitetural; para fazer fervilhar o novo sobre o solo de mil construções; para retornar àquelas épocas em que a multidão de monumentos era tal que, como observou uma testemunha ocular, “parecia que o mundo, ao se sacudir, rejeitou suas antigas vestes para cobrir o manto branco das igrejas”. *Erat enim ut si mundus, ipse excutiendo semet, rejecta vetustate, candidam ecclesiarum vestem indueret* (Glaber Radulphus).

Um livro é feito com rapidez, custa pouco e pode ir tão longe! Por que se espantar que todo o pensamento humano escoie por essa descida? Não quer dizer que a arquitetura não tivesse ainda, aqui e ali, um belo monumento, uma obra-prima isolada. É possível de se ter, de tempos em tempos, sob o reino da imprensa, uma coluna feita,

suponho, por todo um exército, com os canhões amalgamados, como se tinha no reino da arquitetura a *Ilíada* e o *Romancero*, *Mahababhrata* e os *Niebelungos*, feitos por todo um povo com as rapsódias acumuladas e fundidas. Um grande acidente de um genial arquiteto poderá sobrevir no século XX, como aquele de Dante no século XIII. Porém, a arquitetura não será mais arte social, arte coletiva, arte dominante. O grande poema, o grande prédio, a grande obra da humanidade não será mais edificada, será impressa.

E doravante, se a arquitetura eleva-se acidentalmente, ela não será mais a mestra. Ela será submissa à lei da literatura, que dela outrora recebera lei. As posições respectivas das artes serão invertidas. Decerto, havia na época arquitetura, os poemas, raros, é verdade, pareciam monumentos. Na Índia, Vyasa é frondoso, estranho, impenetrável como um pagode. No Oriente egípcio, a poesia tem, como os edifícios, a grandeza e a tranquilidade das linhas; na Grécia antiga, a beleza, a serenidade, a calma; na Europa cristã, a majestade católica, a ingenuidade popular, a rica e luxuriante vegetação de uma época de renovações. A bíblia parece as pirâmides; a *Ilíada*, o Partenon; Homero, Fídias. Dante, no século XIII, é a derradeira igreja romana; Shakespeare, no século XVI, a derradeira catedral gótica.

Assim, para resumir o que dissemos até aqui de um modo necessariamente incompleto e truncado, o gênero humano tem dois livros, dois registros, dois testamentos, a maçonaria e a imprensa, a bíblia de pedra e a bíblia de papel. Sem dúvida, quando se contemplam essas duas bíblias abertas com tanta fartura nos séculos, permite-se lamentar a majestade visível da escrita de granito, esses gigantescos alfabetos formulados em colunatas, em pilares, em obeliscos, essas espécies de montanhas humanas que cobrem o mundo e o passado, desde a pirâmide até o sino, de Quéops a Estrasburgo. É preciso reler o passado sobre essas páginas de mármore. É preciso admirar e folhear de novo e sem cessar o livro escrito pela arquitetura; mas é inegável a grandeza do edifício que ergue, em seu tempo, a imprensa.

Esse edifício é colossal. Um estatístico calculou que, superpondo-se um sobre outro, todos os volumes saídos da prensa desde Gutenberg cobririam o espaço entre a Terra e a Lua; mas não é dessa espécie de grandeza que desejamos falar. No entanto, quando se busca recolher no pensamento uma imagem total do conjunto de produtos da imprensa até nossos dias, não nos aparece esse conjunto como uma construção,

apoiada sobre o mundo inteiro, para qual a humanidade trabalha sem descanso, e cuja cabeça monstruosa se perde nas brumas profundas do porvir? É um formigueiro de inteligências. É a colmeia a que todas as imaginações, essas abelhas douradas, chegam com seu mel. Um prédio tem mil estágios. Aqui e ali, desembocam sobre seus planos as cavernas tenebrosas da ciência que se recortam em suas entranhas. Por toda sua superfície, a arte faz luxuriar aos olhos seus arabescos, suas rosáceas e seus ornatos. Nela, cada obra individual, por mais caprichosa e isolada que pareça, tem seu lugar e relevo. A harmonia resulta do todo. Desde a catedral de Shakespeare até a mesquita de Byron, mil campanários recobrem, desordenadamente, essa metrópole do pensamento universal. Para sua base, reescreveram-se certos antigos títulos da humanidade que a arquitetura não registrara. À esquerda da entrada, selou-se o velho baixo-relevo em mármore branco de Homero; à direita, a bíblia poliglota ergue as sete cabeças. A hidra do *Romancero* erija mais adiante, e mais algumas formas híbridas, os *Vedas* e os *Niebelungos*. De resto, o prodigioso edifício resta sempre inacabado. A prensa, essa máquina gigante, que consome sem descanso toda a seiva intelectual da sociedade, vomita incessantemente novos materiais para sua obra. Todo o gênero humano é uma edificação. Cada espírito é um pedreiro. O mais humilde cobre seu buraco ou mete sua pedra. Rétif de la Bretonne traz consigo sua canastra de calça. Todos os dias um novo fundamento se eleva. Independentemente da entrega original e individual de cada escritor, há contingentes coletivos. O século XVIII nos dá a enciclopédia, a revolução nos dá o *Moniteur*. Decerto, é uma construção que cresce e se amontoa em espirais sem fim; aí também há confusão de línguas, atividade incessante, labor infatigável, concorrência acalorada de toda a humanidade, refúgio prometido à inteligência contra um novo dilúvio, contra uma submersão de bárbaros. É a segunda torre de Babel do gênero humano.

1. O abade de Saint-Martin. [N.T.] ↔ □

2. Da predestinação e do livre-arbítrio. [N.T.] ↔ □

3. A pronúncia dessa expressão em francês dá a entender tanto *Ao abricoteiro* quanto *Ao abrigo Coictier*. [N.T.] ↔ □

4. Engana-se, amigo Claude. [N.T.] ↔ □

5. Pomba. [N.T.] ↔ □

6. Comentários das Epístolas de São Paulo. A Nuremberg; edição de Antonius Koburger. [N.T.] ↔ □

7. O abade de Saint-Martin, ou seja, o rei da França, segundo o costume, é cônego. Ele

tem uma pequena prebenda que tem o Saint Venent e deve residir na residência do *trésorier*. [N.T.] ↔ □

8. Porque me nomeio leão. (Fedro, *Fábulas*, I,5.) [N.T.] ↔ □

LIVRO SEXTO

I. UM OLHAR IMPARCIAL SOBRE A ANTIGA MAGISTRATURA

No ano da graça de 1482, era um personagem muito feliz o nobre homem Robert d'Estouteville, cavalheiro senhor de Beyne, barão de Ivry e Saint-Andry, na Marche, conselheiro e camareiro do rei, e guarda do prebostado de Paris. Havia já quase dezessete anos que recebera do rei, em 7 de novembro de 1465, o ano do cometa¹, esse belo cargo de preboste de Paris, que era considerado mais senhorio do que ofício, “*dignitas*”, diz Joannes Lœmnœus, “*quae cum no exigua potestate politiam concernente, atque praerogativis multis et juribus conjuncta est*”.² Em 1482, era algo extraordinário um gentil homem que tivesse comissão do rei e cujas letras de instituição remontavam à época do casamento da filha natural de Luís XI com o senhor bastardo de Bourbon. O mesmo dia em que Robert d'Estouteville sucedeu Jacques de Villiers no prebostado de Paris, mestre Jean Dauvet sucedia Hélye de Thorrettes na primeira presidência da corte do Parlamento, Jean Jouvenel des Ursins suplantava Pierre de Morvilliers no ofício de chanceler da França, Regnault des Dormans depunha Pierre Puy do cargo de mestre em petições ordinárias do Hôtel du Roi. Ora, sobre quantas cabeças a presidência, a chancelaria e a hegemonia circularam desde que Robert d'Estouteville passou a ocupar o prebostado de Paris! As cartas patentes lhe haviam sido *entregues em guarda*, diziam; e certamente ele guardava bem o seu cargo. Grudou-se a ele, incorporou-se a ele, identificou-se com ele, e tão bem que escapara à fúria de mudança de Luís XI, rei desafiador, impertinente e trabalhador, que tinha como entretenimento, com as instituições e as revogações frequentes, a elasticidade de seu poder. Além do mais, o bravo cavalheiro obtivera para seu filho a herança de seu cargo, e havia já dois anos que o nome do nobre homem Jacques d'Estouteville, escudeiro, figurava ao lado do seu na cabeça do registro do ordinário do prebostado de Paris. Sem dúvida, um raro e insigne favor! Robert d'Estouteville era um bom soldado, que, com lealdade, levantou o brasão contra a *liga do bem público* e que oferecera à rainha um tão maravilhoso cervo em doce no dia de sua chegada a Paris, em 14...

Havia ainda a boa amizade do senhor Tristan l'Hermite, preboste dos marechais do Hôtel du Roi. O senhor Robert tinha, então, uma vida muito doce e agradável. A princípio, os bons salários, aos quais se acrescentava e pendurava, como cachos em excesso de sua vinha, a renda dos cartórios civil e criminal do prebostado, além das rendas civis e criminais dos auditórios d'Embas do Châtelet, sem contar os pedágios pequenos da ponte de Mantes e de Corbeil, e os proveitos do imposto abusivo sobre os legumes amargos de Paris e sobre os cortadores de lenha e medidores de sal. Acrescente-se a isso, o prazer de se expor na cavalgada da cidade e de se fazer sobressair, sobre as vestes metade vermelhas e curtidas dos magistrados e dos chefes de polícia, seu belo hábito de guerra, que se pode admirar ainda hoje esculpido sobre seu túmulo na abadia de Valmont, na Normandia, e seu morrião lavrado à moda de Montlhéry. E, depois, não era nada mal ter a supremacia sobre todos os sargentos, o porteiro e vigia do Châtelet, os dois auditores do Châtelet, *auditores Castelleti*, os dezesseis comissários dos dezesseis bairros, o carcereiro do Châtelet, os quatro sargentos avassalados, os 120 sargentos a cavalo, os 120 sargentos de varas, o cavaleiro da ronda com sua ronda, sua subronda, sua contrarronda e sua retrorronda. Nada mal exercer a alta e baixa Justiça, direito de torcer, de pendurar e arrastar, sem contar, a miúda jurisdição em primeira instância (*in prima instantia*, como dizem as cartas) sobre este viscondado de Paris, com tão glorioso apanágio de sete nobres províncias. Pode-se imaginar algo mais suave do que despachar e julgar, como fazia cotidianamente o senhor Robert d'Estouteville, no Grand-Châtelet, sob as ogivas largas e carregadas de Filipe Augusto? Do que se repousar da fadiga, segundo seu costume vespertino, nessa encantadora casa situada na rua Galilée, no recinto do palácio real, que conseguiu por iniciativa de sua mulher, senhora Ambroise de Loré, depois de ter enviado algum pobre-diabo para passar a noite ao seu lado, nesse “pequeno camarote da rua de l'Escorcherie, o qual os prebostes e magistrados de Paris costumavam usar como sua prisão, que tinha onze pés de comprimento, sete pés e quatro polegadas de largura e onze pés de altura”?

E Robert d'Estouteville não somente tinha sua justiça particular de preboste e visconde de Paris, mas tinha ainda parte, olhar e dentes na grande Justiça do rei. Não havia cabeça mais alta que não passasse por suas mãos antes de chegar ao carrasco. Havia sido ele quem fora à Bastilha Saint-Antoine buscar, para levar às Halles, o senhor de

Nemours; e, para levar à Grève, o senhor de Saint-Pol, o qual resmungava e gritava, para grande alegria do senhor preboste, que não gostava do senhor condestável.

Eis, certamente, o que basta para se levar uma vida feliz e ilustre, e para merecer um dia uma página notável nessa interessante história dos prebostes de Paris, em que se passa a saber que Oudard de Villeneuve tinha uma casa na rua des Boucheries, que Guillaume de Hangest comprou a grande e pequena Savoie, que Guillaume Thiboust deu aos religiosos de Sainte-Geneviève suas casas na rua Clopin, que Hugues Aubriot morava no Hôtel du Porc-Épic, e demais fatos domésticos.

Todavia, com tantos motivos para viver a vida com paciência e alegria, o senhor Robert d'Estouteville acordara, na manhã de 7 de janeiro de 1482, muito aborrecido e com um humor massacrante. De onde vinha esse humor? É o que nem ele poderia responder. Teria sido porque o céu amanheceu nublado? Porque a fivela de seu velho cinturão de Montlhéry estava mal fechada e apertava muito militarmente seu ventre de preboste? Porque vira passar sob sua janela pândegos que lhe fizeram piada, em bando de quatro, gibão sem camisa, chapéu sem fundos, alforje de um lado e garrafa do outro? Seria o pressentimento vago de 370 libras, dezesseis soldos e oito dinheiros que o futuro rei Carlos VIII iria, no ano seguinte, suprimir das rendas do prebostado? O leitor pode escolher; quanto a nós, inclinamo-nos a crer, simplesmente, que ele estava de mau humor porque estava de mau humor.

Ademais, era um dia depois da festa, dia de dissabor para todo mundo, sobretudo para o magistrado encarregado de varrer todas as sujeiras, no sentido próprio e figurado, que uma festa deixa em Paris. Além do mais, ele devia presidir uma sessão no Grand-Châtelet. Ora, observamos que os juízes, em geral, arranjam-se de maneira a coincidir seus dias de audiência e seus dias de humor, a fim de ter sempre alguém em quem descarregar comodamente, da parte do rei, a lei e a justiça.

No entanto, a audiência começara sem ele. Seus substitutos no civil, no criminal e no particular despachavam por ele, segundo o costume; e, desde oito horas da manhã, algumas dezenas de burgueses e burguesas, amontoados e apertados num canto obscuro do auditório de Embas do Châtelet, entre uma forte cancela de carvalho e a parede, assistiam, com beatitude, ao espetáculo variado e regozijante da Justiça civil e criminal, aplicada pelo mestre Florian Barbedienne, auditor no Châtelet,

substituto do senhor preboste, um tanto desordenada e completamente ao acaso.

A sala era pequena, baixa e curva. No fundo, havia uma mesa guarnecida de flores de lis, com uma grande poltrona de madeira de carvalho esculpido, vazia, que era do preboste, e um escabelo à esquerda para o auditor, o mestre Florian. Abaixo o escrivão escrevinhava. Na frente, estava o povo; e, diante da porta e da mesa, fortes sargentos do prebostado em saio de chamalote roxo com cruz branca. Dois sargentos do Parloir-aux-Bourgeois, vestidos com suas jaquetas de La Toussaint, metade vermelha e metade azul, faziam sentinela diante de uma porta baixa e fechada que se percebia ao fundo e atrás da mesa. Apenas uma janela em ogiva, encaixada na espessa muralha, iluminava com um raio pálido de janeiro duas grotescas figuras, os caprichos do demônio de pedra esculpida na mísula do fecho da abóboda, e o juiz sentado ao fundo da sala sobre as flores de lis.

Com efeito, imagine-se a mesa prebostal entre dois rolos de processo, e, dobrado em seus cotovelos, os pés sobre a cauda de sua veste de tecido castanho e liso, a face envolta com uma pele de cordeiro branca, de onde suas sobranceiras pareciam destacadas, vermelhas, ásperas, quando ele piscava os olhos, portando com majestade a gordura de suas bochechas, as quais se encontravam sob seu queixo, o mestre Florian Barbedienne, auditor no Châtelet.

Ora, o auditor era surdo. Pequeno defeito para um auditor. Mestre Florian não deixava, por isso, de julgar sem apelo e muito corretamente. Decerto, basta que um juiz aparente escutar; e o venerável auditor cumpria da melhor maneira essa condição, a única essencial na boa justiça, em que sua atenção não se distraísse com o menor ruído. Ademais, havia no auditório um impiedoso fiscal dos fatos e dos gestos na pessoa de nosso amigo Jehan Frollo du Moulin, esse pequeno estudante de ontem, esse pião que era certo de se encontrar girando por toda Paris, exceto diante da cátedra dos professores.

– Olha lá – disse, baixinho, para seu companheiro Robin Poussepain, que troçava ao seu lado, enquanto ele comentava as cenas que aconteciam sob seus olhos –, é Jehanneton du Buisson. A bela filha de Cagnard da Merché-Neuf! Aposto que ele a condena, o velhaco! Ele não tem mais olhos do que orelhas. Quinze soldos e quatro dinheiros de Paris por ter levado dois pais-nossos! É um tanto caro. *Lex duris*

carminis.³ Quem é aquele? Robin Chief-de-Ville, fabricante de armaduras! Por se passar e receber como mestre do dito ofício? É de primeira sua última entrada. Ei! Dois fidalgos entre os marotos! Aiglet de Soins e Hutin de Mailly. Dois escudeiros, *corpus Christi* ! Ah, eles jogaram dados. Quando verei aqui nosso reitor? O Barbedienne castiga como um surdo, o que ele é! Gostaria de ser meu irmão, o arquidiácono, se isso me impede de jogar, de jogar de dia, de jogar de noite, de morrer no jogo, de apostar minha alma depois de apostar minha camisa! Santa Virgem, que jovens! Uma após outra, minhas ovelhas! Ambroise Lécuyère! Isabeau la Paynette! Bérarde Gironin! Eu conheço todas, por Deus! Eis que aprenderão por trazer cintas douradas! Dez soldos de Paris! Coquetes! Oh! O velho focinho de juiz surdo e imbecil! Oh! Florian, o lerdo! Oh! Babedienne, o grosseirão! Veja lá a mesa! Ele come o litigante, come o processo, ele come, mastiga, engorda, ele se sacia. Muitas, restos, taxas, custas, custos leais, salários, danos e interesses, tortura, prisão e cepa com dispensas lhe são bolos de Natal e maçapão de Saint-Jean. Veja o porco! Vamos! Bom! Ainda uma mulher amorosa! Thibaud la Thibaude, nem mais nem menos! Por ter saído da rua Glatigny! Quem é seu filho? Gieffroy Mabonne, guarda das bestas. Maldisse o nome do Pai. Multem Thibaude! Multem Gieffroy! Multem os dois! Velho surdo! Deveria misturar os dois processos. Dez contra um como ele faz a mulher pagar pela praga e o guarda pelos amores! Atenção, Robin Poussepain! Quem chega agora? Veja, sargentos! Por Júpiter! Todos os galgos da malta estão aqui. Deve ser a presa da caça. Um sanguinário. *Hercles*! ⁴ É o nosso príncipe de ontem, nosso papa dos loucos, nosso sineiro, nosso caolho, nosso corcunda, nossa careta! É Quasímodo!

Era o próprio.

Era Quasímodo, algemado, amarrado, atado, garroteado e sob forte escolta. O esquadrão de sargentos que o cercava era assistido pelo cavaleiro da ronda em pessoa, portando as armas da França bordadas sobre o peito e as armas da cidade sobre as costas. Nada havia, de resto, em Quasímodo, exceto sua deformidade, que pudesse justificar esse aparelho de alabardas e arcabuzes. Estava sombrio, silencioso e tranquilo. Apenas seu olho único lançava, por vezes, sobre as cordas que o levavam, um olhar dissimulado e colérico.

Levara esse mesmo olhar ao seu redor, mas tão apagado e adormecido que as mulheres o apontavam com o dedo apenas para

rirem dele.

No entanto, mestre Florian, o auditor, folheava com atenção o documento da queixa dirigida contra Quasímodo, que o escrivão lhe trouxe, e esse olhar pareceu se recolher por um momento. Graças a essa precaução, que ele tinha sempre o cuidado de tomar no momento de proceder a um interrogatório, é que sabia de antemão os nomes, qualidades, delitos do acusado, fazia réplicas previstas e respostas previstas, conseguia retirar todas as sinuosidades do interrogatório, sem transparecer de forma tão evidente sua surdez. O documento do processo era-lhe um cão guia de cego. Se calhasse, por acaso, que sua enfermidade o traísse aqui e ali por algum apóstrofe incoerente ou questão ininteligível, passava por profundidade para alguns e por imbecilidade para outros. Nos dois casos, a honra da magistratura não sofria nenhum dano; pois vale mais um juiz ser julgado como imbecil ou profundo do que como surdo. Com grande cuidado, dissimulava sua surdez aos olhos de todos e, geralmente, era tão bem sucedido que chegava a iludir a si mesmo. O que era mais fácil do que se acredita. Todos os corcundas têm a cabeça erguida, todos os gogos falam pouco, todos os surdos falam baixo. Quanto a ele, acreditava, quando muito, que tinha o ouvido um pouco rebelde. Era a única concessão que fazia acerca desse ponto à opinião pública nesses momentos de franqueza e de exame de consciência.

Tendo, então, ruminado tão bem o processo de Quasímodo, tombou a cabeça para trás e fechou um pouco os olhos, para maior majestade e imparcialidade, de modo que agora estava, ao mesmo tempo, surdo e cego. Dupla condição sem a qual não seria um juiz perfeito. Foi com essa magistral atitude que começou o interrogatório.

– Seu nome?

Ora, eis um caso que não fora “previsto por lei”, aquele em que um surdo teria de interrogar outro surdo.

Quasímodo, sem ter sido advertido da pergunta que lhe fora dirigida, continuou a olhar o juiz fixamente e não respondia. O juiz, surdo e sem saber da surdez do acusado, acreditou que ele houvesse respondido, como faziam em geral todos os acusados, prosseguiu com seu aprumo mecânico e estúpido.

– Muito bem. Sua idade?

Quasímodo, de novo, não respondeu a essa pergunta. O juiz acreditou satisfatório e continuou.

– E agora, seu estado?

Sempre o mesmo silêncio. O auditório, no entanto, começava a cochichar e a se entreolhar.

– Basta – retomou o imperturbável auditor quando supôs que o acusado tivesse dado sua terceira resposta. – O senhor é acusado diante de todos: *primo*, de desordem noturna; *secundo*, em vias de atos imorais com a pessoa de uma mulher louca, *in praejudicium meretricis* 5; *tertio*, de rebelião e deslealdade para com os arqueiros da ordem do rei, nosso senhor. Explique-se acerca desses três pontos. Escrivão, anotou o que o acusado disse até aqui?

Com essa pergunta desastrada, subiu do cartório ao auditório uma gargalhada tão violenta, tão louca, tão contagiosa, tão universal que os dois surdos a perceberam. Quasímodo se voltou, erguendo sua corcunda com desdém, enquanto que o mestre Florian, espantado como só, e supondo que o riso dos espectadores fosse provocado por alguma réplica irreverente do acusado, que se tornava evidente para ele por esse sacudir de ombros, apostrofou com indignação.

– Seu engraçadinho, o senhor deu agora uma resposta que mereceria a força! Sabe com quem está falando?

Essa não era a melhor saída para conter a explosão da gargalhada geral. Pareceu a todos tão heteróclita e extravagante que o riso louco chegou até os sargentos do Parloir-aux-Bourgeois, espécie de valetes de espadas, cuja estupidez parecia uniforme. Somente Quasímodo se conservou sério, pela boa razão de nada compreender do que se passava diante de si. O juiz, cada vez mais irritado, acreditou dever continuar no mesmo tom, esperando assim impressionar o acusado com um terror que se estendesse sobre o auditório e lhe trouxesse respeito.

– Quer dizer, seu perverso e rapina, que o senhor se permite zombar do auditor do Châtelet, do magistrado auxiliar da polícia popular de Paris, encarregado de investigar os crimes e delitos de mau comportamento, de controlar todos os ofícios e de proibir o monopólio, de conservar as calçadas, de impedir os camelôs de galinha, aves domésticas e marítimas, de medir a lenha e outros tipos de madeira, de purgar a cidade da lama e o ar das doenças contagiosas, de se dedicar ao feito público, em uma só palavra, sem caução nem esperanças de salário! Saiba que me chamo Florian Barbedienne, substituto do monsenhor preboste, e comissário, inquiridor, controlador e examinador com igual poder no prebostado, província, conservação e

presídio!...

Um surdo que fala a outro surdo não tem motivos de parar. Deus sabe onde e quando iria parar mestre Florian, lançado assim por todos os ramos da alta eloquência, se a porta baixa do fundo não fosse aberta, subitamente, e não desse passagem ao senhor preboste em pessoa.

Com sua entrada, mestre Florian não se intimidou, mas, fazendo uma meia volta sobre seus tacões e, dirigindo de súbito para o preboste a arenga com que fulminava Quasímodo um momento antes:

– Monsenhor – disse ele –, requeiro a pena que mais o agrade contra o acusado aqui presente, por grave e mirífica falta com a Justiça.

E estacou, esbaforido, enxugando as grossas gotas de suor que caíam de sua testa e ensopavam como lágrimas o pergaminho desenrolado diante de si. O senhor Robert d'Estouteville franziu as sobrancelhas e fez a Quasímodo um gesto de atenção de tal forma imperioso e significativo que o surdo decerto compreendera.

O preboste lhe dirigiu a palavra com severidade:

– O que o senhor fez para estar aqui, velhaco?

O pobre-diabo, supondo que o preboste houvesse lhe perguntado o nome, rompeu seu silêncio costumeiro e respondeu com sua voz rouca e gutural:

– Quasímodo.

A resposta coincidia tão pouco com a pergunta que o riso louco começou a circular, e o senhor Robert gritou, vermelho de cólera:

– O senhor zomba de mim, patife azarado?

– Sineiro da Notre-Dame – respondeu Quasímodo, acreditando que se tratava de explicar ao juiz quem ele era.

– Sineiro! – retomou o preboste, que acordara de manhã com um mau humor suficiente, como dissemos, que sua fúria prescindia de respostas tão estranhas. – Sineiro! Pois hei de talhar em suas costas um carrilhão de chibatadas pelas esquinas de Paris. Entendeu, patife?

– Se é minha idade que deseja saber – disse Quasímodo –, acredito que tenho vinte anos em Saint-Martin.

Agora, excedia; o preboste não se conteve.

– Ah! O senhor escarnece do prebostado, miserável! Senhores sargentos das varas, levem esse engraçadinho ao pelourinho da Grève e o malhem e o rodem no suplício por uma hora. Ele há de me pagar, por Deus! Desejo que se faça um pregão do presente julgamento, com a

assistência das quatro trombetas juramentadas, nas sete castelhanias do viscondado de Paris.

O escrivão pôs-se a redigir o julgamento.

– Mãe de Deus! Foi bem julgado! – gritou, de seu canto, o pequeno estudante Jehan Frollo du Moulin.

O preboste se voltou e lançou de novo sobre Quasímodo seus olhos flamejantes.

– Creio que o engraçadinho disse “Mãe de Deus!”. Escrivão, acrescente doze dinheiros de Paris como multa pela praga; a fábrica de Saint-Eustache ficará com a metade. Tenho uma devoção particular por Saint-Eustache.

Logo depois, o julgamento foi ouvido. O teor era simples e breve. O costume do prebostado e do viscondado de Paris não fora trabalhado ainda pelo presidente Thibaut Baillet e por Roger Barmne, advogado do rei. Não era obstruída, então, por essa alta floresta de querelas e procedimentos que esses dois juristas aí plantaram no começo do século XVI. Tudo aí era claro, expeditivo, explícito. Ia-se, então, direto ao assunto, e se percebia ao fim de cada caminho, sem mata e sem desvios, a roda do suplício, a forca ou o pelourinho. Sabia-se, pelo menos, aonde se ia.

O escrivão apresentou a sentença ao preboste, que após seu selo e saiu para continuar sua visita aos auditórios, com uma disposição de espírito para encher neste dia todos os cárceres de Paris. Jehan Frollo e Robin Poussepain riam à socapa. Quasímodo olhava ao redor com um ar indiferente e espantado.

No entanto, o escrivão, no momento em que o mestre Florian Barbedienne lia o julgamento para assiná-lo, sentiu-se piamente comovido pelo pobre-diabo do condenado e, com esperança de obter alguma diminuição da pena, aproximou-se o mais perto que pôde do ouvido do auditor e lhe disse, apontando Quasímodo:

– Este homem é surdo.

Esperava que essa enfermidade comungada despertasse o interesse do mestre Florian em favor do condenado. Porém, nós já havíamos observado que o mestre Florian não se dava conta de que sua surdez era percebida. Além do mais, tinha os ouvidos tão duros que não escutou uma só palavra do que lhe disse o escrivão; no entanto, quis dar a impressão de escutá-lo e respondeu:

– Ah! Ah! Então é diferente. Eu não sabia disso. Neste caso, então,

uma hora a mais de pelourinho.

E assinou a sentença assim modificada.

– Bem feito – disse Robin Poussepain, que nutria antipatia por Quasímodo –, isso o ensinará a não maltratar as pessoas.

II. O BURACO DOS RATOS

Que o leitor nos permita levá-lo à praça de Grève, que deixamos ontem com Gringoire, para seguir La Esmeralda.

São dez horas da manhã. Tudo indica ser o dia seguinte de uma festa. O pavimento está coberto de detritos, fitas, retalhos, plumas de penacho, gotas de cera de archotes, restos do regabofe público. Um bom número de burgueses flaina, como dizemos hoje, aqui e ali, removendo com os pés a brasa extinta da fogueira, extasiando-se em frente da Maison-aux-Piliers com as lembranças das belas tapeçarias da véspera e olhando o que hoje são apenas pregos, seu último prazer. Os vendedores de cidra e cerveja rolam seus barris através dos grupos. Alguns transeuntes atarefados vão e vêm. Os mercadores conversam e se cumprimentam da porta das lojas. A festa, os embaixadores, Coppenole, o papa dos loucos, estão em todas as bocas. Disputam quem glosa melhor ou ri mais. E, então, quatro sargentos a cavalo, que acabavam de se postar nos quatro cantos do pelourinho, já concentravam ao redor de si uma boa porção do populacho disperso na praça, que se condena à imobilidade e ao aborrecimento na espera de uma pequena execução.

Se o leitor agora, depois de haver contemplado essa cena viva e barulhenta que se desenrola em todos os pontos da praça, dirigir seu olhar na direção dessa antiga casa meio gótica, meio romana da Tour-Roland, que faz esquina com o fim do cais, poderia observar no ângulo da fachada um grande breviário público, com ricas iluminuras, protegido da chuva por um pequeno guarda-vento e dos ladrões por uma grade, que ainda assim lhe permite ser folheado. Ao lado desse breviário, há um estreito postigo em ogiva, fechado por dois barrotes de ferro em cruz, voltado para a praça; uma única abertura permite chegar um pouco de ar e de dia a uma pequena célula sem porta erguida ao rés da calçada, com a espessura da parede da velha casa e plena de uma paz tão mais profunda, de um silêncio tão mais triste quanto mais

a praça pública, a mais populosa e ruidosa de Paris, fervilha e ladra ao seu redor.

Essa célula era famosa em Paris, pois havia três séculos que a senhora Rolande de la Tour-Roland, em luto por seu pai morto nas cruzadas, escavou-a na muralha de sua própria casa, para aí se trancar para sempre. Guardou de seu palácio apenas essa residência, cuja porta era murada e o postigo aberto, tanto no inverno quanto no verão, e deu o restante aos pobres e a Deus. A desolada senhorita esperou, decerto, vinte anos a morte nessa tumba antecipada, rezando noite e dia pela alma de seu pai, dormindo na cinza, sem mesmo uma pedra como travesseiro, vestida de pano negro e vivendo apenas da piedade, pão e água, depositada pelos passantes no parapeito do postigo, recebendo assim a caridade após havê-la feito. Quando ela morreu e passou a outro sepulcro, a célula foi legada para sempre às mulheres aflitas, mães, viúvas ou filhas que tivessem muito a rezar por alguém ou por elas mesmas e que desejassem se enterrar vivas em grande dor ou em grande penitência. Os pobres de seu tempo lhe fizeram belas exéquias de lágrimas e bênçãos; porém, para seu grande lamento, a piedosa filha não pôde ser canonizada santa, carente de proteção. Os que tinham o mínimo de incredulidade esperavam que isso acontecesse com maior facilidade no paraíso do que em Roma e, na falta do papa, rezaram de boa-fé a Deus pela defunta. A maioria se contentou em conservar a memória de Rolande como sagrada e de fazer relíquias de seus trapos. A cidade, por seu turno, fundou, em intenção da senhorita, um breviário público perto do postigo da célula, a fim de que os passantes aí parassem, vez por outra, para rezar, e que a prece feita levasse a esmolas, e que os pobres reclusos, herdeiros da cova da senhora Rolande, nunca morressem de fome e esquecimento.

De resto, não era coisa rara nas cidades da Idade Média essa espécie de tumba. Encontra-se sempre, na rua mais frequentada, no mercado mais movimentado e mais ensurdecido, bem no meio, sob as patas dos cavalos, sob as rodas das charretes de qualquer tipo, um porão, um poço, uma cabana murada ou gradeada, no fundo da qual rezava noite e dia um ser humano, voluntariamente devotado a algum lamento eterno, a alguma expiação. E todas as reflexões despertadas em nós hoje por esse estranho espetáculo, essa horrível célula, espécie de elo intermediário entre a casa e a tumba, entre o cemitério e a cidade, esse ser vivo isolado da comunidade humana e contado doravante entre os

mortos, essa lanterna consumindo sua derradeira gota de óleo na sombra, esse resto de vida vacilante numa fossa, esse sopro, essa voz, essa prece eterna numa caixa de pedra, essa face para sempre voltada para o outro mundo, esses olhos já iluminados por outro sol, esses ouvidos selados às paredes da tumba, essa alma prisioneira nesse corpo, esse corpo prisioneiro nesse caixote, e, sob esse duplo invólucro de carne e granito, o rumor dessa alma penalizada, nada disso era percebido pela multidão. A piedade pouco arrazoada e sutil daqueles tempos não via tantas facetas em um ato religioso. Tomava a coisa como um bloco e honrava, venerava, santificava a necessidade do sacrifício, mas não lhe analisava os sofrimentos e quase não se apiedava. Levava, de vez em quando, alguma comida ao miserável penitente, olhava pelo buraco se ele ainda vivia, ignorava seu nome, sabia apenas há quanto tempo começara a morrer e, ao estrangeiro que lhes perguntasse sobre o esqueleto vivo que apodrecia nesse porão, os vizinhos respondiam simplesmente: “É um recluso”, se fosse homem; “É uma reclusa”, se mulher.

Via-se tudo assim, então, sem metafísica, sem exagero, sem lente de aumento, a olho nu. Não se inventara ainda o microscópio, nem para as coisas da matéria nem para as do espírito.

Na verdade, mesmo que chamasse tão pouca atenção, os exemplos dessa espécie de clausura no seio das cidades eram frequentes, como acabamos de dizer. Havia em Paris um bom número dessas células de reza a Deus e de pagar penitência; eram quase todas ocupadas. É verdade que o clero não se preocupava em esvaziá-las, o que implicava na indiferença dos fiéis, e que se colocassem aí leprosos quando não houvesse penitentes. Além da casinha da Grève, havia outra em Montfaucon, outra no ossário de Innocents, uma outra não sei onde mais, creio que na residência Clichon. Outras em tantos outros lugares onde se encontra o rastro das tradições, na falta de monumentos. A Universidade também tinha a sua. Na montanha de Sainte-Geneviève, uma espécie de Jó da Idade Média cantou, sobre o estrume, no fundo de uma cisterna, durante trinta anos, os sete salmos da penitência, recomeçando toda vez que terminava, salmodiando mais alto à noite, *magna voce per umbras* 6, e hoje um antiquário acredita ainda ouvir sua voz ao entrar na rua du Puits-qui-parle.

Sobre o cubículo da Tour-Roland, devemos dizer que jamais folgou de reclusas. Desde a morte da senhora Rolande, esteve raramente um

ano, ou dois, vazio. Muitas mulheres vieram aí chorar até a morte os parentes, os amantes, as faltas. A malícia parisiense, que em tudo se intromete, mesmo nas coisas que menos lhe dizem respeito, assegurava que vira aí poucas viúvas.

Segundo a moda da época, uma legenda latina inscrita na parede indicava ao passante letrado o destino piedoso dessa célula. Conservou-se até meados do século XVI o costume de explicar uma edificação com uma breve divisa escrita acima da porta. Assim, na França, lê-se ainda sobre o postigo da prisão da mansão senhorial de Tourville: *Sileto et spera* 7; na Irlanda, sobre o brasão de armas situado acima da grande porta do castelo de Fortescue: *Forte scutum, salus ducum* 8; na Inglaterra, sobre a entrada principal do solar hospitaleiro dos condes Cowpers: *Tuum est*.⁹ Toda edificação era um pensamento.

Como não havia porta na célula murada da Tour-Roland, gravaram sobre a janela, em grossas letras romanas, essas duas palavras: *Tu, ora*.¹⁰ O que fez com que o povo, cujo bom-senso não vê as coisas com tanta fineza e traduz *Ludovico Magno* por *Porta Saint-Denis*, desse a essa cavidade negra, sombria e úmida, o nome de “Buraco dos Ratos”. Explicação menos sublime, talvez, do que a outra; por outro lado, mais pitoresca.

III. HISTÓRIA DE UMA BROA DE MILHO

Na época em que se passa esta história, a célula da Tour-Roland estava ocupada. Se o leitor deseja saber o motivo, basta escutar a conversa de três honestas comadres que, no momento em que desviamos sua atenção para o Buraco dos Ratos, subiam lado a lado a rua Châtelet, na direção da Grève, ao longo da margem.

Duas dessas mulheres estavam vestidas como boas burguesas de Paris. Seus finos colarinhos brancos, suas saias de tiritana estriada de vermelho e azul, suas meias de tricô branco, bordadas de cores na extremidade, bem justas sobre a perna, seus sapatos quadrados de couro ruivo e solas negras, e, sobretudo, suas toucas, essa espécie de chifres de quinquilharias, sobrecarregados de fitas e bordados, que as mulheres de Champagne ainda vestem, competindo assim com os granadeiros da guarda imperial russa, anunciavam que elas pertenciam a essa classe de ricas comerciantes que fica entre o que os lacaios

chamam “mulher” e o que elas chamam “senhora”. Não traziam nem anel nem cruz de ouro, e isso facilmente se percebia que não era por pobreza, mas pelo ingênuo temor de multas. Sua companheira se vestia quase da mesma maneira, mas havia no seu modo e estilo algo inexplicável que denota uma mulher de tabelião de província. Via-se, pela maneira com que sua cinta lhe subia por cima dos quadris, que há pouco chegara a Paris. Acrescentem-se a isso um colarinho plissado, os nós de fita sobre as meias, que as estrias da saia eram-lhe ao largo e não ao longo, e mil outras deformidades com que se indigna o bom gosto.

As duas primeiras caminhavam com esse passo peculiar às parisienses que apresentam Paris às provincianas. A provinciana trazia à mão um menino rechonchudo, que segurava uma gorda broa.

Permita-nos acrescentar que, devido ao rigor da estação, ele fazia de sua língua seu lenço.

A criança se deixava arrastar, *non passibus aequis* 11, como diz Virgílio, e tropeçava a cada momento, a mãe então ralhava com ela. Verdade é que olhava mais para a broa do que para o chão. Sem dúvida, certo motivo muito sério a impedia de abocanhá-la, pois se contentava em observá-la com ternura. No entanto, a mãe teve de se encarregar da broa. Havia certa crueldade em fazer, de um gordo bochechudo, um Tântalo.

Então, essas três senhoritas (pois o título de senhoras estava reservado agora a mulheres nobres) falavam ao mesmo tempo.

– Depressa, senhorita Mahiette – disse à provinciana a mais jovem das três, que era também a mais gorda. – Tenho medo que cheguemos tarde. Dizem no Châtelet que ele será levado logo ao pelourinho.

– Bah! O que está dizendo, senhorita Oudarde Musnier? – retomou a outra parisiense. – Ele ficará duas horas no pelourinho. Temos tempo. Já viu alguma vez um pelourinho, minha querida Mahiette?

– Sim, em Reims – disse a provinciana.

– Bah! O que é isso, o pelourinho de Reims? Uma jaula medíocre que só gira com camponeses. Grande coisa!

– Só com camponeses?! – disse Mahiette –, no Marché-aux-Draps?! Temos lá grandes criminosos, assassinos de pai e mãe! Camponeses?! Por quem nos toma, senhorita Gervaise?

Decerto, a provinciana estava a ponto de se irritar pela honra de seu pelourinho. Ainda bem que a discreta senhorita Oudarde Musnier

desviou a conversa a tempo.

– A propósito, senhorita Mahiette, que diz de nossos embaixadores flamengos? Há tão belos como eles assim em Reims?

– Acredito – respondeu Mahiette – que somente em Paris vemos tão belos flamengos como aqueles.

– Viu na embaixada o grande embaixador que é calceiro? – perguntou Oudarde.

– Sim – disse Mahiette. – Ele tem um ar de Saturno.

– E o gordo cuja figura parece com uma barriga nua? – retomou Gervaise. – E o pequeno que tem pequenos olhos margeados por uma pálpebra vermelha, raspados e cortados como uma cabeça de cardo?

– Seus cavalos é que são belos de se ver – disse Oudarde –, vestidos como são à moda de seu país!

– Ah!, minha querida – interrompeu a provinciana Mahiette, tomando para si um ar de superioridade –, o que diria se visse em 1461, há dezoito anos¹², na consagração de Reims, os cavalos dos príncipes e da companhia do rei! Arneses e xairéis de todos os tipos; uns com lençóis de Damasco, finos lençóis de ouro, forrados de marta-zibelina; outros com veludos forrados com penas de arminho; e ainda outros carregados de ourivesarias e grossas campanas de ouro e de prata! E o quanto tudo isso custara! E os belos e jovens pajens que os montavam!

– Isso não impede – replicou secamente a senhorita Oudarde – que os flamengos tivessem cavalos muito bonitos e nesta véspera fizessem uma ceia soberba na casa do senhor preboste dos mercadores, no Hôtel de Ville, onde lhes serviram confeitos, hipocraz, especiarias e outras especialidades.

– O que está dizendo, minha vizinha?! – exclamou Gervaise. – Foi no Petit-Bourbon que o senhor cardeal recebeu os flamengos.

– Não. Foi no Hôtel de Ville!

– Ora se foi! Foi no Petit-Bourbon!

– Tanto foi no Hôtel de Ville – retomou Oudarde com azedume – que o doutor Scourable lhes fez uma arenga em latim, com o que eles ficaram muito satisfeitos. Foi meu marido, que é livreiro juramentado, que me disse.

– Tanto foi no Petit-Bourbon – reafirmou Gervaise, não menos vivaz – que eis aqui o que lhes serviu o senhor cardeal: doze duplos quartos de hipocraz branco, claro e vermelho; 24 caixas de duplo maçapão dourado de Lyon; o mesmo de tochas de duas libras por peça, e seis

potes e meio de vinho de Beaune, branco e claro, o melhor que se pode encontrar. Espero que esteja certa. Sei disso por meu marido, que é cinquentenário no Parloir-aux-Bourgeois, e que comparava nesta manhã os embaixadores flamengos com aqueles de Prete-Jean e do imperador de Trebizonda que vieram da Mesopotâmia a Paris, no último reinado, e que tinham argolas nas orelhas.

– Tanto é verdade que eles cearam no Hôtel de Ville – replicou Oudarde, um pouco assustada com essa ostentação –, que jamais se viu um tal triunfo de viandas e confeitos.

– Pois eu digo que eles foram servidos por Le Sec, sargento da cidade, no Hôtel du Petit-Bourbon, e é aí que a senhorita se engana.

– Foi no Hôtel de Ville, eu garanto!

– Foi no Petit-Bourbon, minha querida! Tanto foi que se iluminou com vidros mágicos a palavra *esperança* escrita sobre o grande portal.

– Foi no Hôtel de Ville! Foi no Hôtel de Ville! Tanto foi que Husson le Voir tocava flauta!

– Eu digo que não!

– Eu digo que sim!

– Eu digo que não!

A boa e gorda Oudarde se preparava para a réplica, e a querela talvez chegaria às toucas, se Mahiette não tivesse de repente exclamado:

– Vejam aquela gente reunida lá no fim da ponte! Eles observam alguma coisa no meio dela.

– É verdade – disse Gervaise –, escuto um batuque. Creio que é a pequena La Esmeralda fazendo seus truques com a cabra. Rápido, Mahiette! Dobre seus passos e arraste seu menino. Não veio aqui para visitar as curiosidades de Paris? Viu ontem os flamengos e verá hoje a cigana.

– A cigana! – exclamou Mahiette, retrocedendo bruscamente o caminho e puxando com força o braço de seu filho. – Deus me livre! Ela vai me roubar a criança! Venha, Eustache!

E correu sobre a calçada em direção à Grève até deixar a ponte bem longe atrás de si. Então, a criança, que ela arrastava, caiu sob seus joelhos; parou, sôfrega. Oudarde e Gervaise chegaram a ela.

– Esta cigana vai roubar sua criança?! – disse Gervaise. – Você tem uma fantasia singular.

Mahiette meneou a cabeça com um ar preocupado.

– O que é singular – observou Oudarde – é que a penitente tem a

mesma ideia das ciganas.

– Quem é a penitente? – perguntou Mahiette.

– Ei! – disse Oudarde –, é a irmã Gudule.

– Quem é essa irmã Gudule? – retomou Mahiette.

– A senhorita é mesmo de Reims para não saber isso – respondeu Oudarde. – É a reclusa do Buraco dos Ratos.

– Como assim? – perguntou Mahiette. – É a pobre mulher a quem levamos esta broa?

Oudarde fez um sinal de cabeça afirmativo.

– Exatamente. A senhorita verá agora mesmo seu postigo na Grève. Ela tem a mesma impressão que a sua a respeito desses vagabundos do Egito que batucam e dizem o destino para o público. Não se sabe de onde lhe vem esse horror de zíngaros e ciganos. Mas, senhorita Mahiette, por que fugiu assim que os viu?

– Oh! – disse Mahiette, apanhando com suas mãos a cabeça redonda de sua criança. – Não quero que me aconteça o que aconteceu a Paquette la Chantefleurie.

– Ah! Essa é uma história que a senhorita vai me contar, minha boa Mahiette – disse Gervaise, pegando-lhe o braço.

– Quero muito contar – concordou Mahiette –, mas a senhorita deve ser muito parisiense para não conhecer essa história! Farei isso então, mas não precisamos parar para que eu lhes conte que Paquette la Chantefleurie era uma bela jovem de dezoito anos quando eu tinha essa mesma idade, ou seja, há dezoito anos, e que é por culpa dela mesma que ela não é hoje como eu, uma boa e grande saudável mãe de 36 anos, com marido e filho. Além do mais, desde os quatorze anos já não era possível! Era então a filha de Guybertaut, menestrel dos barcos em Reims, o mesmo que tocou diante do rei Carlos VII na sua sagração, quando desceu nosso rio de Vesle, de Sillery a Muisson, e até mesmo a senhora Pucelle estava no barco. O velho pai morrera quando Paquette era ainda bem criança; tinha apenas sua mãe, irmã do senhor Mathieu Pradon, latoeiro e caldeireiro em Paris, na rua Parin-Garlin, o qual faleceu no ano passado. Vejam quem era sua família. A mãe era uma boa mulher, e, por infelicidade, ensinou a Paquette apenas um pouco da arte de passamanes e bibelôs, o que, por um lado, possibilitava que a pequena crescesse, e muito, mas, por outro, não a salvava da pobreza. Moravam as duas em Reims, ao longo do rio, na rua de Folle-Peine. Agora vejam o que acredito ser o motivo da infelicidade de

Paquette. Em 1461, ano da sagração do nosso rei Luís XI, que Deus o tenha!, Paquette era tão alegre que a chamavam somente de Chantefleurie. Pobre menina! Tinha belos dentes e gostava de rir para mostrá-los. Ora, uma jovem apaixonada que ri está a caminho de chorar; os belos dentes perdem os belos olhos. Era então a Chantefleurie. Ela e sua mãe levavam uma vida difícil. Decaíram muito com a morte do menestrel. Seus passamanes não lhes rendiam mais do que seis dinheiros por semana, o que não chega a duas patacas de águia. Já se fora o tempo em que Guybertaut ganhava doze soldos numa só sagração com uma só canção. No inverno do mesmo ano de 1461, as duas mulheres não tinham nem lenha nem galho e fazia muito frio, o que dava a Chantefleurie cores tão belas que os homens a chamavam de Paquette! E vários a chamavam Pâquerette! E ela se perdeu. Eustache! Não morda a broa! Vimos logo que ela estava perdida quando, em um domingo, ela veio à igreja com uma cruz de ouro no pescoço. Com quatorze anos! Vejam vocês! O início foi com o jovem visconde de Cormontreuil, que tem sua paróquia a três quartos de légua de Reims; depois, com o senhor Henri de Triancourt, cavaleiro do rei; depois, menos que isso, Chiart de Beaulion, sargento das armas; depois, sempre mais decadente, Guery Aubergeon, valete trinchante do rei; depois, Macé de Frépus, barbeiro do senhor Le Dauphin; depois, Thévenin le Moine, cozinheiro do rei; depois, sempre menos jovem e menos nobre, ela caiu nas mãos de Guillaume Racine, menestrel de viola, e nas de Thierry de Mer, lanterneiro. Então, pobre Chantefleurie, deu-se toda a todos. Ela chegou ao mais baixo por uma peça de ouro. O que mais posso dizer, senhoritas? Na sagração, no mesmo ano de 1461, ela fez o leito do rei dos devassos! No mesmo ano!

Mahiette suspirou e enxugou uma lágrima que rolava de seus olhos.

– Essa não é uma história muito extraordinária – disse Gervaise –, e não vejo nela nem ciganas nem crianças.

– Calma! – retomou Mahiette. – Criança, você já vai ver uma. Em 1466, com dezesseis anos, feitos no mês de Santa Paula, Paquette pariu uma pequena menina. A infeliz! Teve uma alegria imensa. Desejava uma criança havia muito tempo. Sua mãe, uma boa mulher, que nada fazia além de fechar os olhos, morrera. Paquette não amava nada mais no mundo, nada mais a amava. Cinco anos depois que a mãe falecera, Chantefleurie era uma pobre criatura. Estava só, só nesta vida, apontavam e gritavam para ela nas ruas, perseguida por sargentos,

escarnecida até por moleques maltrapilhos. Depois, vieram os vinte anos; e vinte anos é a velhice para as mulheres amorosas. A loucura começou a levá-la de volta apenas aos passamanes; para cada prega que vinha, um escudo ia; o inverno estava ficando duro, e de novo raramente havia lenha em sua lareira e pão em sua arca. Não podia mais trabalhar porque, ao se tornar voluptuosa, tornou-se preguiçosa; e ela sofria muito mais porque, ao se tornar preguiçosa, tornava-se ainda mais voluptuosa. É ao menos assim que o senhor pároco de Saint-Remy explica o fato de essas mulheres terem mais frio e fome do que outras pobres quando velhas.

– Sim – observou Gervaise –, mas, e os ciganos?

– Espere um pouco, Gervaise! – disse Oudarde, cuja atenção era menos impaciente. – O que será do fim sem o começo? Continue, Mahiette, eu peço. Essa pobre Chantefleurie!

Mahiette prosseguiu.

– Ela estava, então, muito triste, muito miserável, e encovava sua face de tantas lágrimas. Mas, na sua vergonha, na sua loucura, no seu abandono, Chantefleurie achava que seria menos vergonhosa, menos louca, menos abandonada, se houvesse qualquer coisa no mundo ou alguém que ela pudesse amar e que pudesse amá-la. Era preciso que fosse uma criança, porque apenas uma criança seria inocente para tanto. Ela reconheceu isso após tentar amar um ladrão, o único homem que podia desejá-la; pouco tempo depois, porém, percebeu que o ladrão a desprezava. Para essas mulheres do amor, é necessário um amante ou uma criança para preencher-lhes o coração. De outra forma, ficam muito infelizes. Sem poder ter amante, ela voltou todo seu desejo para uma criança e, como não deixara de ser pia, fez sua eterna prece ao bom Deus. O bom Deus teve, então, piedade dela e lhe deu uma pequena. De sua alegria, eu não falo. Foi uma fúria de lágrimas, carícias e beijos. Ela mesma a aleitava, fez roupa para a criança com sua coberta, a única que tinha sobre seu leito, e não sentiu mais nem frio nem fome. Tornou-se de novo bela. A solteirona fez-se mãe solteira. Retomou a graça, voltaram a visitar Chantefleurie, ela reencontrou clientes para sua mercadoria e, de todos esses horrores, fez enxovais, toucas e babadores, camisolas bordadas e pequenos bonés de cetim, sem se preocupar em comprar uma nova coberta. Senhor Eustache, eu já disse para não comer a broa. Decerto, a pequena Agnès, era esse o nome da criança, nome de batismo, pois de família havia muito tempo

que Chantefleurie já não possuía, decerto, essa pequena era mais enfaixada de fitas e bordados do que uma delfim do Dauphiné! Ela possuía, entre outras coisas, um par de calçados! Que o rei Luís XI com certeza nunca tivera! Sua mãe os costurou e bordou com as próprias mãos, colocou nele com toda sua destreza passamanes e todos os bordados de um vestido de Virgem. Era mesmo o par de calçados mais graciosos que se podiam ver. Eram tão longos quanto meu polegar e era preciso ver os pequenos pés da criança saírem deles para se acreditar que lhes coubessem. É verdade que esses pequenos pés eram muito pequenos, muito belos, muito rosados! Mais rosa do que o cetim dos sapatos! Quando tiver filhos, senhorita Oudarde, saberá que nada é mais belo do que esses pequenos pés, essas pequenas mãos.

– Só peço isso – disse Oudarde, suspirando –, mas espero que seja um grande prazer para o senhor Andry Musnier.

– De resto – retomou Mahiette –, a filha de Paquette possuía belos pés. Eu a vi com quatro meses. Que amor! Tinha olhos maiores do que a boca. E os finos e encantadores cabelos negros já em cachos. Imaginava-se a bela morena que seria com dezesseis anos! Sua mãe, a cada dia estava mais louca por ela. Acarinhava-a, beijava-a, fazia-lhe cócegas, limpava-a, vestia-a, devorava-a! Perdia a cabeça, agradecia a Deus. Esses pés róseos, sobretudo, eram um assombro sem fim, um delírio de alegria! Não os desgrudava dos lábios e não se continha com sua pequenez. Calçava-os com os sapatinhos, e descalçava-os, admirava-os, maravilhava-se com eles, olhava-lhes a transparência do dia, apiedava-se de ensiná-los a andar sobre seu leito e, de boa vontade, passaria sua vida de joelhos, a calçar e descalçar esses pés, como se diante do Menino Jesus.

– A história é boa e bela – disse à meia-voz a Gervaise –, mas onde está o Egito nisso tudo?

– Eis então – replicou Mahiette. – Um dia, chegaram em Reims uns cavaleiros muito especiais. Eram ladrões e vagabundos que vagavam pela região, conduzidos por seu duque e seus condes. Eram pardos, cabelos cacheados e argolas de prata nas orelhas. As mulheres eram ainda mais feias do que os homens. Tinham a face mais escura e sempre descoberta, uma blusa qualquer sobre o corpo e um velho xale amarrado sobre os ombros, a cabeleira em rabo de cavalo. As crianças que se arrastavam por suas pernas dariam medo aos macacos. Um bando de excomungados. Tudo isso vinha do baixo Egito a Reims,

passando pela Polônia. O papa os confessara, dizia-se, e aplicara a eles a penitência de vagar por sete anos pelo mundo sem deitar em leito. Por isso, chamavam-se Penanciers e fediam. Parece que outrora foram sarracenos, o que fazia com que acreditassem em Júpiter, e cobravam duas libras tornesas de todos os arcebispos, bispos e abades de báculo e mitra. Uma bula do papa lhes garantia essa cobrança. Vinham a Reims dizer a boa aventura em nome do rei de Argel e do imperador da Alemanha. Não precisavam mais do que isso para que lhes proibissem entrar na cidade. Então, o bando acampou tranquilamente e de bom grado perto da porta de Braine, na colina do moinho, ao lado dos buracos das antigas gretas. Estavam lá, em Reims, para quem quisesse vê-los. Pegavam nossas mãos e nos diziam profecias maravilhosas. Chegavam a predizer que um Judas seria papa. Corriam sobre eles, no entanto, maldosos boatos de crianças roubadas, bolsas cortadas e carne humana comida. Os sábios avisavam aos loucos para não irem até eles, mas os buscavam às escondidas. Era, pois, um arrebatamento. Diziam coisas de assustar um cardeal. As mães comemoravam o triunfo de seus filhos depois que algum cigano lia em suas mãos todo tipo de milagre, escrito em pagão ou em turco. Uma tinha um imperador; outra, um papa; outra, um capitão. A pobre Chantefleurie ficou curiosa. Quis saber o que tinha em suas mãos, se sua pequena e bela Agnès seria um dia imperatriz da Armênia, ou algo assim. Levou-a aos ciganos; e os ciganos ficaram admirando a criança, acariciando-a, beijando-a com seus lábios negros, maravilhando-se com suas pequenas mãos. Uma pena! Sua mãe ficou bem alegre. Festejaram, sobretudo, os pequenos pés e os sapatinhos. A criança nem tinha um ano. Já balbuciava, ria para sua mãe como uma pequena louca, era gorducha e redonda, e tinha os mil encantadores gestos dos anjos do paraíso. Sentiu muito medo das ciganas e chorou, mas a mãe a beijou com força e se foi alegre com a boa ventura que as adivinhas haviam dito a respeito de sua Agnès. Seria uma beldade, uma virtude, uma rainha. Voltou, então, para seu casebre na rua Folle-Peine, orgulhosa de estar levando uma rainha. No dia seguinte, aproveitou um instante em que a criança dormia em seu leito, pois dormia sempre consigo, deixou silenciosamente a porta entreaberta, e correu para contar a uma vizinha da rua de la Séchesserie que um dia sua filha Agnès seria servida à mesa pelo rei da Inglaterra e pelo arqueduke da Etiópia, e outras tantas surpresas. Ao retornar, subiu a escada; como não ouviu gritos,

pensou: “Bom! A criança ainda dorme.” Encontrou a porta mais aberta do que deixara; a pobre mãe entrou, e correu ao leito... A criança já não estava mais lá, o lugar estava vazio. Da criança, nada mais havia além de um de seus belos sapatinhos. Chantefleurie se lançou para fora do quarto, desceu correndo as escadas e se pôs a bater com a cabeça nos muros, gritando: “Minha filha! Com quem está minha filha! Quem roubou minha filha de mim?” A rua estava deserta; a casa, isolada. Nada lhe diziam. Foi-se pela cidade, farejou todas as ruas, correu aqui e ali durante todo o dia, louca, desgarrada, terrível, rastreando as portas e as janelas como uma besta feroz que perdeu sua cria. Ofegante, descabelada, aterradora de se ver, tinha nos olhos um fogo que lhe secava as lágrimas, gritava para os passantes: “Minha filha! Minha filha! Minha bela e pequena filha! Serei escrava de quem me devolver minha filha, escrava de seu cachorro, se quiser poderá comer meu coração.” Encontrou o senhor pároco de Saint-Remy e lhe disse: “Senhor pároco, eu lavrarei a terra com minhas unhas, mas devolva minha filha!” Era doloroso, Oudarde; e vi chorar até mesmo um homem tão duro quanto o senhor Ponce Lacabre, o procurador. Ah! Pobre mãe! À noite, voltou para casa. Durante sua ausência, uma vizinha vira duas ciganas subirem às escondidas com um pacote no braço e descenderem logo em seguida, depois de fecharem a porta e fugir com pressa. Desde sua partida, ouviam-se da casa de Paquette estranhos gritos de criança. A mãe riu às gargalhadas, subiu a escada como se tivesse asas, arrombou a porta como se fosse um canhão de artilharia, e entrou... Coisa terrível, Oudarde! No lugar de sua graciosa e pequena Agnès, tão rosada e tão fresca, o que era dom do bom Deus, uma espécie de pequeno monstro, hediondo, coxo, caolho, torto, arrastava-se piando no chão. Ela cobriu os olhos com horror. “Oh!”, disse ela, “será que as feiticeiras transformaram minha filha neste animal horripilante?” Apressou-se para levar o pequeno coxo. Ele a teria deixado louca. Era uma criança monstruosa de alguma cigana dada ao diabo. Parecia ter por volta de quatro anos, e falava uma língua que não era humana; eram palavras impossíveis. Chantefleurie lançou-se para o sapatinho, tudo o que lhe restava do que havia amado. Ficou ali por muito tempo imóvel, muda, sem sopro, supunha-se morta. De repente, todo o seu corpo tremeu, ela cobriu sua relíquia de beijos furiosos e desaguou um pranto como se seu coração se partisse. Com certeza, choraríamos todas da mesma forma. Ela murmurava: “Oh! Minha pequena filha! Minha bela e

pequena filha! Onde está você?” E isso lhe torcia as entranhas. Choro ainda só de lembrar. Nossos filhos, vejam vocês, são a medula de nossos ossos. Meu pobre Eustache! É tão belo! Se soubessem o quanto ele é gracioso! Ontem ele me dizia: “Eu quero ser um guarda!” Oh, meu Eustache! Se eu perdesse você! Chantefleurie se levantou, de súbito, e correu por Reims, gritando: “Ao acampamento dos ciganos! Ao acampamento dos ciganos! Quero sargentos para queimar as feiticeiras!” Os ciganos haviam partido. Era uma noite negra. Não se podia mais segui-los. No dia seguinte, a duas léguas de Reims, numa clareira entre Gueux e Tilloy, encontraram-se restos de uma fogueira, algumas fitas que pertenceram à filha de Paquette, gotas de sangue e fezes de bode. A noite que acabava de se dissipar era a de um sábado. Ninguém duvidou de que os ciganos fizeram o sabá nessa clareira nem que devoraram a criança na companhia de Belzebu, como é costume entre os maometanos. Quando Chantefleurie soube dessas coisas terríveis, não chorou, mexeu os lábios como se fosse falar, mas não conseguiu. No dia seguinte, seus cabelos estavam grisalhos. No outro, ela desapareceu.

– É realmente uma história amedrontadora – disse Oudarde –, faria chorar até um borguinhão!

– Não me espanta mais que o pavor dos ciganos lhe importune tanto – acrescentou Gervaise.

– E fez muito bem – retomou Oudarde – em fugir logo com seu Eustache, pois esses ciganos também são da Polônia.

– Não – discordou Gervaise –, dizem que eles vêm da Espanha e da Catalunha.

– Catalunha? É possível – disse Oudarde. – Polônia, Catalunha, Valônia, confundo sempre estas três províncias. O certo é que são ciganos.

– E com certeza eles têm dentes bem longos para comer crianças pequenas – acrescentou Gervaise. – Eu não ficaria surpresa se La Esmeralda não comesse o seu bocado, fingindo que não gosta. Sua cabra branca tem truques muito maliciosos para não haver alguma libertinagem por trás de tudo.

Mahiette caminhava em silêncio. Estava absorvida por esse devaneio que se prolonga após uma narrativa dolorosa e que cessa apenas após dissipar todo o abalo, de vibração em vibração, até as últimas fibras do coração. Então, Gervaise lhe dirigiu a palavra:

– E podemos saber o que aconteceu a Chantefleurie?

Mahiette não respondeu. Gervaise repetiu sua pergunta pegando-lhe pelo braço e chamando-lhe pelo nome. Mahiette deixou o devaneio de seus pensamentos.

– O que aconteceu a Chantefleurie? – disse ela, repetindo maquinalmente as palavras ainda frescas em seus ouvidos; depois, esforçando-se para dar atenção ao sentido dessas palavras, retomou:

– Ah!, jamais se soube.

E, após uma pausa, acrescentou:

– Uns dizem tê-la visto sair de Reims, ao cair da noite, pela porta Fléchembault; outros, em pleno dia, pela velha porta Basée. Um pobre encontrou sua cruz de ouro pendurada na cruz de pedra, na cultura onde se faz a feira. Esta joia foi sua perdição, em 1461. Era um presente do bom visconde de Cormontreuil, seu primeiro amante. Paquette jamais quis se desfazer dela, por mais miserável que fosse. Ela a trazia como trouxesse a própria vida. Assim, quando vimos o abandono dessa cruz, pensamos que ela estivesse morta. No entanto, há gente do Cabaret-les-Vantes que diz tê-la visto passar pelo caminho de Paris, caminhando com os pés descalços e feridos. Mas bastava, então, que saísse pela porta de Vesle, o que não está de acordo com nada disso. Ou, melhor dizendo, creio que, se de fato saiu pela porta de Vesle, foi para fora deste mundo.

– Não entendo – disse Gervaise.

– Vesle – explicou Mahiette com um sorriso melancólico – é um rio.

– Pobre Chantefleurie! – disse Oudarde, arrepiando-se. – Afogada!

– Afogada! – retomou Mahiette. – E quem diria ao bom pai Guybertaut quando ele passasse sob a ponte de Tinquieux, ao fio das águas, cantando em sua barca que um dia sua querida e pequena Paquette passaria também sob essa mesma ponte, mas sem canção e sem barco?

– E o sapatinho? – perguntou Gervaise.

– Desapareceu com a mãe – respondeu Mahiette.

– Pobre sapatinho! – disse Oudarde.

Oudarde, uma gorda e sensível mulher, ficaria satisfeita de suspirar em companhia de Mahiette. Porém, Gervaise, mais curiosa, não estava no fim de suas perguntas.

– E o monstro? – perguntou de repente a Mahiette.

– Que monstro?

– O pequeno monstro cigano deixado pelas feiticeiras na casa de Chantefleurie em troca de sua filha? O que foi feito dele? Espero que também o tenham afogado.

– Não – respondeu Mahiette.

– Como assim? Queimado então? Seria o mais justo. Uma criança feiticeira!

– Nem um nem outro, Gervaise. O senhor arcebispo se interessou pela criança do Egito, exorcizou-a, abençoou-a, tirou-lhe cuidadosamente o diabo do corpo e a enviou a Paris para ser exposta na Notre-Dame, sobre o leito de madeira, como criança abandonada.

– Esses bispos! – resmungou Gervaise –, só porque são sábios não fazem nada como os outros. Eu lhe pergunto, Oudarde, por que pôr o diabo entre as crianças abandonadas?! Decerto o diabo era esse pequeno monstro. E então, Mahiette, o que foi dele feito em Paris? Creio que nenhum caridoso o quis.

– Eu não sei – respondeu a moça de Reims. – Justamente nesta época, meu marido comprou o tabelionato de Beru, a duas léguas da cidade, e nós não nos ocupamos mais com essa história. Além disso, defronte ao Beru há duas colinas de Cernay que fazem perder a vista dos sinos da catedral de Reims.

E, falando assim, as três dignas burguesas chegaram à praça de Grève. Ocupadas, haviam passado sem parar pelo breviário público da Tour-Roland e se dirigiram maquinalmente na direção do pelourinho, em torno do qual uma multidão crescia a cada instante. Era provável que o espetáculo que atraía naquele momento tantos olhares as fizesse esquecer por completo o Buraco dos Ratos e a parada que se propuseram fazer, não fosse o gordo Eustache, de seis anos, que Mahiette arrastava pela mão, lembrar-lhes de repente o objetivo:

– Mãe – perguntou ele, como se algum instinto o advertisse de que o Buraco dos Ratos estava atrás de si –, posso comer a broa agora?

Se Eustache fosse mais hábil, ou seja, menos guloso, teria esperado e, apenas no retorno, na Universidade, já em casa, na rua Madame-la-Valence, com o mestre Andry Musnier, e tivesse, enfim, os dois braços do Sena e as cinco pontes da Cité entre o Buraco dos Ratos e a broa, arriscaria essa tímida pergunta: “Mãe, posso comer a broa agora?”

Essa pergunta imprudente feita por Eustache despertou a atenção de Mahiette.

– A propósito – exclamou ela –, nós nos esquecemos da reclusa!

Mostrem-me, então, seu Buraco dos Ratos, pois eu lhe levarei uma broa.

– Daqui a pouco – disse Oudarde. – É uma caridade.

Eustache não contava com essa.

– Tome, meu bolo! – disse ele, batendo em seus ombros e em suas orelhas, o que é em casos como esse o signo supremo do descontentamento.

As três mulheres retomaram o caminho; quando chegaram perto da casa da Tour-Roland, Oudarde disse às outras:

– Cuidado para não olharmos as três ao mesmo tempo no buraco, para não assustarmos a penitente. Finjam que leem o *dominus* no breviário, enquanto meto o nariz no postigo. A penitente já me conhece um pouco. Avisarei quando puderem vir.

Ela foi sozinha ao postigo. No momento em que sua vista o penetrou, uma profunda piedade tingiu todos os seus traços, e sua alegre e franca fisionomia mudou bruscamente de expressão e de cor, como se ela tivesse passado de um clarão de sol para um clarão de lua. Seu olho se tornou úmido, sua boca se contraiu como quando prestes a chorar. Logo depois, colocou um dedo nos lábios e fez um sinal a Mahiette para que viesse.

Mahiette veio, comovida, em silêncio, na ponta dos pés, como se ela se aproximasse de um leito de morte.

Era, de fato, um triste espetáculo o que se oferecia aos olhos dessas duas mulheres, enquanto olhavam, sem se mover nem respirar, o postigo de grades do Buraco dos Ratos.

A célula era estreita, mais larga do que profunda, curvada em ogiva e, vista do interior, parecia muito com um alvéolo de uma grande mitra de bispo. Num canto, sobre a laje nua, de que era feito o chão, uma mulher estava sentada, ou melhor, agachada. Seu queixo estava apoiado sobre seus joelhos, que seus dois braços cruzados abraçavam fortemente contra o peito. Assim, dobrada sobre si mesma, vestida com um saco pardo, que a envolvia por completo, com largas dobras, seus longos cabelos grisalhos jogados para a frente, caindo-lhe à face e ao longo de suas pernas até seus pés, parecia, à primeira vista, uma forma estranha, destacada de um fundo tenebroso da célula, uma espécie de triângulo fosco, que o claro do dia vindo do postigo talhava cruamente em duas nuances, uma sombria e outra iluminada. Era um desses espectros, meio sombra meio luz, como se veem nos sonhos e na extraordinária obra de Goya, pálidos, imóveis, sinistros, acorados

sobre uma tumba ou encostados nas grades de uma masmorra. Não era nem uma mulher, nem um homem, nem um ser vivo, nem uma forma definida; era uma figura; uma sorte de visão sobre a qual se repartia o real e o fantástico, como a sombra e o dia. Sob seus cabelos crescidos até a terra, distinguia-se apenas um perfil emagrecido e severo; sua veste deixava passar somente a extremidade de um pé nu, que se crispava sobre o pavimento rígido e gelado. A pouca forma humana que se entrevia sob esse invólucro de luto era arrepiante.

Essa figura, que se acreditava talhada na laje, parecia não ter nem movimento, nem pensamento, nem hálito. Em janeiro, sob esse fino saco de tela, jazendo nua sobre o pavimento de granito, sem fogo, à sombra de um calabouço cujo respiradouro oblíquo deixava chegar de fora apenas o vento e jamais o sol, ela não parecia sofrer, nem mesmo sentir. Pode-se dizer que ela se fizera pedra com o calabouço, gelo com a estação. Suas mãos estavam juntas, seus olhos estavam fixos. À primeira vista, poderia ser tomada por um espectro; à segunda, por uma estátua.

No entanto, seus lábios por vezes se entreabriam com um sopro, e tremiam, mas tão mortos e tão maquinais quanto folhas soltas ao vento.

No entanto, um olhar escapava de seus dois olhos frios, um olhar inefável, um olhar profundo, lúgubre, imperturbável, incessantemente fixado em um canto da célula, que não se via de fora; um olhar que parecia ligar todos os sombrios pensamentos dessa alma em ruína a não sei que objeto misterioso.

Tal era a criatura que recebia, por seu habitáculo, o nome de *reclusa* e, por suas vestes, o nome de *sachette*.

As três mulheres, pois Gervaise se juntou a Mahiette e a Oudarde, olhavam pelo postigo. Suas cabeças interceptavam o frágil dia do calabouço, sem que a miserável, privada dele agora por elas, desse-lhes atenção.

– Não vamos perturbá-la – disse Oudarde, baixinho –, ela está em seu êxtase, ela reza.

No entanto, Mahiette observava com uma ansiedade cada vez maior a cabeça lívida, enrugada, desgrenhada, e seus olhos se encheram de lágrimas.

– É bem estranho – murmurou.

Passou sua cabeça através das barras do respiradouro, e fez seu olhar chegar até o canto em que o olhar da infeliz estava fixo.

Quando retirou sua cabeça do postigo, seu rosto estava inundado de lágrimas.

- Como chamam esta mulher? – perguntou ela a Oudarde.
- Nós a chamamos de irmã Gudule – respondeu Oudarde.
- E eu a chamo de Paquette la Chantefleurie – retomou Mahiette.

Então, pondo um dedo sobre os lábios, fez sinal a Oudarde, estupefata, que passasse a cabeça pelo postigo e olhasse.

Oudarde olhou e viu, no canto em que o olhos da reclusa estava fixo com este sombrio êxtase, um sapatinho de cetim rosa, bordado de mil passamanes de ouro e prata.

Gervaise olhou depois de Oudarde, e então as três mulheres, observando a infeliz mãe, choraram.

Todavia, nem seus olhares nem suas lágrimas distraíram-nas da reclusa. Suas mãos restavam juntas, seus lábios mudos, seus olhos fixos e, para quem soubesse sua história, esse sapatinho visto assim era de abrir o coração.

As três mulheres não haviam ainda proferido nenhuma palavra; não ousavam falar, nem mesmo à voz baixa. Este grande silêncio, esta grande dor, este grande esquecimento em que tudo desaparecera, exceto uma coisa, causavam-lhe o efeito de um altar-mor de Páscoa ou de Natal. Calavam-se, recolhiam-se, estavam prestes a se ajoelhar. Parecia-lhes que acabavam de entrar em uma igreja num dia de trevas.

Enfim, Gervaise, a mais curiosa de todas e, conseqüentemente, a menos sensível, tentou fazer a reclusa falar:

- Irmã! Irmã Gudule!

Repetiu três vezes este apelo, subindo a voz a cada tentativa. A reclusa não se mexia. Nenhuma palavra, nenhum olhar, sequer um suspiro, sequer um sinal de vida.

Em seguida, Oudarde chamou-a com uma voz mais doce e mais carinhosa:

- Irmã! Irmã Sainte-Gudule!

O mesmo silêncio, a mesma imobilidade.

– Mulher esquisita! – exclamou Gervaise –, nem trombetas conseguem movê-la!

- Talvez seja surda – disse Oudarde, suspirando.
- Talvez cega – acrescentou Gervaise.
- Talvez morta – retomou Mahiette.

Decerto, se a alma ainda não deixara este corpo inerte, adormecido,

letárgico, ao menos estava fora dele, escondida nas profundezas, onde a percepção dos órgãos exteriores não chegavam mais.

– Então – disse Oudarde –, temos de deixar o bolo sobre o postigo... Qualquer criança o pegará. Como fazer para acordá-la?

Eustache, que até o momento se distraía com um pequeno carrinho puxado por um cachorro gordo que passara por ali, percebeu logo que suas três condutoras olhavam algo no postigo; tomado por grande curiosidade, subiu sobre o marco de pedra, caminhou sobre a ponte na ponta dos pés e colocou sua gorda face vermelha na abertura, gritando:

– Mãe, vejam!

Essa voz de criança, clara, fresca, sonora, fez a reclusa estremecer. Ela voltou a cabeça com um movimento seco e brusco, como uma mola de aço, suas duas longas mãos descarnadas afastaram os cabelos de sua frente, e seus olhos espantados, amargos, desesperados, fixaram-se sobre a criança. Este olhar não passou de um clarão.

– Oh, meu Deus! – gritou ela, de súbito, escondendo a cabeça em seus joelhos, e parecia que sua voz rouca lhe despedaçava o peito. – Ao menos não me exhiba assim aos outros!

– Bom dia, senhora – disse a criança com gravidade.

No entanto, este abalo, por assim dizer, despertou a reclusa. Um longo calafrio percorreu-lhe todo o corpo, da cabeça aos pés, seus dentes bateram. Ela levantou um pouco a cabeça e disse, serrando os cotovelos contra seus quadris e pegando os pés com as mãos como se fosse reaquecê-los:

– Oh! Faz muito frio!

– Pobre mulher – disse Oudarde com grande piedade –, deseja um pouco de fogo?

Ela sacudiu a cabeça em sinal de recusa.

– Muito bem – retomou Oudarde, mostrando-lhe um frasco –, tome aqui hipocraz, irá lhe aquecer. Beba.

Ela sacudiu de novo a cabeça, olhou Oudarde fixamente e pediu:

– Água.

Oudarde insistiu.

– Não, irmã, água não é bebida para janeiro. É melhor beber um pouco de hipocraz e comer essa broa de milho que assamos para a senhora.

Ela recusou o bolo que Mahiette lhe ofereceu e disse:

– Pão negro.

– Vamos – disse Gervaise na vez de sua caridade, desfazendo-se de seu cachecol de lã –, eis aqui um sobretudo um pouco mais quente do que o seu. Cubra suas costas com ele.

Ela recusou o sobretudo bem como o frasco e o bolo, e disse:

– Um saco.

– Mas é preciso que entenda – retomou a boa Oudarde – que ontem foi dia de festa.

– Eu sei – disse a reclusa –, pois há dois dias não tenho água no meu jarro.

Fez uma pausa:

– É festa, me esquecem. Fazem bem. Por que o mundo estaria preocupado comigo, que não me preocupo mais com ele? O carvão torna-se cinzas frias.

E, como se fatigada de ter falado tanto, deixou recair sua cabeça sobre os joelhos. A simples e caridosa Oudarde, que entendeu de suas últimas palavras que ela ainda lamentava o frio, perguntou-lhe ingenuamente:

– Deseja então um pouco de fogo?

– Fogo! – disse a penitente com um estranho tom na voz. – A senhora faria, então, um pouco pela pobre pequena que há quinze anos está sob a terra?

Todos os seus membros tremeram, sua palavra vibrava, seus olhos brilhavam, ela se levantou sobre os joelhos. Estendeu, de repente, sua mão branca e magra na direção da criança e a olhou com um olhar assustado:

– Levem esta criança! – gritou. – A cigana vai passar!

Tombou, então, a face contra a terra, e sua fronte bateu na laje com o barulho de uma pedra sobre outra. As três mulheres acreditaram que morrera. Logo depois, ela se mexeu, e a viram se arrastar sobre os joelhos e sobre os cotovelos até o canto onde estava o sapatinho. E aí elas não ousaram ver, não a viram mais, mas escutaram mil beijos e mil suspiros, misturados a gritos dilacerantes e a golpes surdos como os de uma cabeça que se choca contra uma muralha. Em seguida, após um desses golpes, de tal forma violento que as três vacilavam, não escutaram mais nada.

– Está morta? – perguntou Gervaise, tentando passar a cabeça pelo respiradouro. – Irmã! Irmã Gudule!

– Irmã Gudule! – repetiu Oudarde.

– Ah, meu bom Deus! Ela não se mexe! – retomou Gervaise. – Será que está morta? Gudule! Gudule!

Mahiette, sufocada até então por não poder falar, fez um esforço.

– Esperem – disse ela. Em seguida, inclinando-se na direção do postigo: – Paquette! Paquette la Chantefleurie.

Uma criança que sopra ingenuamente o pavio mal acendido de um foguete e o faz explodir em seus olhos não estaria tão assustada quanto ficou Mahiette com o efeito que causou este nome bruscamente lançado na célula da irmã Gudule.

A reclusa estremeceu todo o seu corpo, levantou-se por sobre seus pés nus e saltou ao postigo com os olhos tão flamejantes que Mahiette e Oudarde, e a outra mulher e a criança, recuaram até o parapeito do cais.

Então, a sinistra figura da reclusa apareceu agarrada às grades do respiradouro.

– Oh! Oh! – gritava com um riso assustador. – A cigana me chama!

Nesse momento, uma cena que se passava no pelourinho deteve seu olhar esgazeado. Sua fronte se franziu de horror, ela estendeu seus dois braços de esqueleto para fora de sua célula e exclamou com uma voz que parecia um estertor:

– É você ainda, filha do Egito! É você que me chama, ladra de filhos! Muito bem! Maldita seja! Maldita! Maldita! Maldita!

IV. UMA LÁGRIMA EM TROCA DE UMA GOTA D'ÁGUA

Essas palavras eram, por assim dizer, o ponto de junção de duas cenas que até então se desenvolviam paralelamente no mesmo momento, cada uma em seu teatro particular: uma, aquela que acabamos de ler, no Buraco dos Ratos; a outra, que leremos, sobre a escada do pelourinho. A primeira tinha apenas como testemunhas as três mulheres, as quais o leitor conheceu; a segunda tinha como espectadores todo o público que vimos mais acima se espremer, na praça de Grève, em torno do pelourinho e do cadafalso.

Essa multidão, à qual os quatro sargentos, que se postaram desde as nove horas da manhã nos quatro cantos do pelourinho, faziam esperar uma execução qualquer, não um enforcamento, decerto, mas um chicote, um desorelhamento, enfim, qualquer coisa, essa multidão

cresceu com tanta rapidez que os quatro sargentos, acercados tão rente, tinham por vezes a necessidade de *serrá-la*, como se dizia então, com grandes golpes de *boullaye* e de traseiro de cavalos.

Essa população, disciplinada à espera das execuções públicas, não manifestava muita impaciência. Divertia-se em olhar o pelourinho, espécie de monumento bem simples, composto de um cubo de alvenaria de uns dez pés de altura, oco no interior. Um degrau bem rígido de pedra bruta, que se chamava por excelência de *escada*, conduzia à plataforma superior, sobre a qual se via uma roda horizontal de madeira de carvalho grosso. Atava-se o paciente sobre a roda, de joelhos e os braços às costas. Uma haste robusta, que colocava em movimento um cabrestante escondido no interior da pequena edificação, imprimia uma rotação à roda, sempre mantida no plano horizontal, e mostrava, desse modo, a face do condenado sucessivamente a todos os pontos da praça. Era o que se chamava *girar* um criminoso.

Como se vê, o pelourinho da Grève estava longe de oferecer todas as recreações do pelourinho das Halles. Nada de arquitetural. Nada de monumental. Sem teto em cruz de ferro, sem lanterna octogonal, sem frágeis colunatas que desabrocham no teto em capitéis de acantos e de flores, sem calhas quiméricas e monstruosas, sem vigamento trabalhado, sem fina escultura profundamente cavada na pedra.

Era preciso se contentar com esses quatro planos de pedra, com essas duas chapas de grés, e, ao lado, com um medíocre cadafalso de pedra, magro e nu.

O regalo fora mesquinho para os amantes da arquitetura gótica. Verdade que ninguém era menos curioso por monumentos do que os velhos transeuntes da Idade Média, que pouco cuidavam da beleza de um pelourinho.

O paciente chegou, enfim, amarrado pelo pescoço a uma charrete, e quando foi içado sobre a plataforma, quando se pode vê-lo de todos os pontos da praça atado a cordas e a correias sobre a roda do pelourinho, uma vaia prodigiosa, misturada a risos e aclamações, explodiu na praça. Reconheceu-se Quasímodo.

Era, de fato, ele. Foi estranho seu retorno ao pelourinho desta mesma praça, onde, na véspera, havia sido saudado, aclamado e conclamado papa e príncipe dos loucos, com cortejo do duque do Egito, do rei de esmolas e do imperador da Galileia! Decerto, não havia uma alma na

multidão, nem mesmo a sua, sucessivamente triunfante e paciente, que depreendesse com nitidez este confronto em seu pensamento. Gringoire e sua filosofia faltavam a este espetáculo.

E, logo, Michel Noiret, trombeta juramentado do rei, nosso senhor, fez calar o povo e gritou o arresto, seguindo a ordenança e o comando do senhor preboste. Em seguida, retirou-se para trás da charrete com os seus, em uniforme de saios.

Quasímodo, impassível, não pestanejava mais. Toda resistência se tornou impossível pelo que se chamava então, em estilo de chancelaria criminal, “a veemência e a firmeza dos vínculos”, o que quer dizer que as correias e as correntes provavelmente lhe entrassem na carne. Ademais, é uma tradição de cárceres e galés que não se perdeu e que as algemas conservam, preciosamente, entre nós, povo civilizado, doce, humano (o trabalho forçado e a guilhotina entre parênteses).

Deixou-se levar e empurrar, carregar, pendurar, atar e reatar. Podia se ler em sua fisionomia apenas um espanto de selvagem ou de idiota. Sabia-se que era surdo, não foi dito que era cego.

Foi posto de joelhos sobre a prancha circular, ele se deixou colocar aí. Foi despojado da camisa e do gibão até a cintura, deixou fazerem. Foi encabrestado sob um novo sistema de correias e correntes; deixou-se atar e afivelar. Somente às vezes soprava de forma barulhenta, como um bezerro cuja cabeça pende e balança no rebordo da carroça de um carnicheiro.

– O estúpido – disse Jehan Frollo du Moulin a seu amigo Robin Poussepain (pois os dois estudantes tinham seguido o paciente, como de costume) –, ele entende menos do que um besouro fechado numa caixa.

E foi um riso louco na multidão quando se viu a corcunda de Quasímodo nua, seu dorso de camelo, suas costas calosas e felpudas. Durante essa gargalhada geral, um homem, com o uniforme da cidade, de pequena estatura e de robusta aparência, subiu à plataforma e se postou perto do paciente. Seu nome logo circulou na assistência. Era o senhor Pierrat Torterue, torturador juramentado do Châtelet.

Inicialmente, depositou num canto do pelourinho uma ampulheta negra, cuja cápsula superior estava cheia de areia vermelha, a qual caía no recipiente inferior. Em seguida, retirou seu sobretudo bipartido e pegou com a mão direita um chicote fino perfilado de longas cintas brancas, reluzentes, nodosas, trançadas, armadas com garras de metal;

com a esquerda, dobrou negligentemente sua camisa em torno do braço direito, até a axila.

No entanto, Jehan Frollo gritou, subindo a cabeça loura e encaracolada sobre a multidão (para tanto, estava montado sobre as costas de Robin Poussepain):

– Venham ver, senhoras e senhores! Agora vai ser flagelado o senhor Quasímodo, sineiro de meu irmão, o senhor arquidiácono de Josas, uma estranha arquitetura oriental que tem o dorso em domo e as pernas em colunas tortas!

E a multidão ria, sobretudo as crianças e as jovens.

Enfim, o torturador bateu o pé. A roda se pôs a girar. Quasímodo cambaleava sob os grilhões. O estupor com que se tingiu vivamente sua face disforme multiplicou o estourar de risos ao redor.

De repente, no momento em que a roda em movimento mostrou o dorso monstruoso de Quasímodo ao senhor Pierrat, este levantou o braço, as finas correias zuniram no ar com um punhado de tentáculos e recaíram com fúria sobre as costas do miserável.

Quasímodo saltou sem sair do lugar, como se acordado em sobressalto. Começava a entender. Contorcia-se em suas amarras; uma violenta contração de surpresa e de dor descompunha os músculos de sua face; mas não lançou nenhum suspiro. Voltou apenas a cabeça para trás, à direita, depois à esquerda, balançando-a como faz um touro quando picado no flanco por um moscardo.

Um segundo golpe seguiu o primeiro, depois um terceiro, e outro, e outro, e muitos. A roda não parava de girar nem os golpes de choverem. Logo o sangue jorrou. Via-se avermelhar com mil filetes as negras costas do corcunda, e o esguio chicote, em sua rotação que rasgava o ar, espirrava-o em gotas na multidão.

Quasímodo retomou, ao menos na aparência, sua impassibilidade inicial. Tentou, surdamente e sem grandes recursos exteriores, romper seus grilhões. Via-se seu olhar se acender, seus músculos se retesarem e as correias e correntes se esticarem. O esforço era poderoso, prodigioso, desesperado; mas as velhas geenas do prebostado resistiram. Estalaram, apenas. Quasímodo recaiu esgotado. O estupor em seus traços deu lugar a um sentimento de amargo e profundo desencorajamento. Fechou seu único olho, deixou cair sua cabeça sobre o peito e se fez de morto.

Desde então não mais se mexia. Nada conseguia lhe tirar um

movimento. Nem seu sangue, que não deixava de correr; nem os golpes que redobravam de fúria; nem a cólera do torturador, que se excitava e se estimulava com a execução; nem o barulho das horríveis correias mais afiadas e sibilantes do que as patas das cigarras.

Enfim, um oficial do Châtelet vestido de negro, montado num cavalo negro, parado ao lado da escada desde o começo da execução, estendeu seu bastão de ébano na direção da ampulheta. O torturador cessou. A roda parou. O olho de Quasímodo lentamente se reabriu.

A flagelação terminara. Dois valetes do torturador juramentado lavaram as costas ensanguentadas do paciente, esfregaram-lhe um unguento que fechou no mesmo instante todas as feridas e lhe lançaram sobre o dorso uma espécie de pano amarelo como um paramento. E então Pierrat Torterue esparziu sobre a calçada as correias vermelhas e encharcadas de sangue.

Nem tudo terminara para Quasímodo. Faltava-lhe ainda mais um tempo de pelourinho que mestre Florian Barbedienne acrescentou tão judiciosamente à sentença do senhor Robert d'Estouteville; tudo pela maior glória do velho jogo de palavras fisiológicas e psicológicas de Jean de Cumène: *Surdus absurdus*.¹³

E se virou mais uma vez a ampulheta e se manteve o corcunda atado sobre a prancha para que a justiça fosse feita até o fim.

O povo na sociedade, sobretudo na Idade Média, é como uma criança na família. Enquanto continuar nesse estado de ignorância primária, de menoridade moral e intelectual, pode-se dizer dele como da criança: “Esta idade é sem piedade.”

Já fizemos ver que Quasímodo tinha uma boa razão para ser quase sempre raivoso. Não havia um espectador nessa multidão que tivesse ou não acreditasse ter do que se lamentar com o ocorrido ao malvado corcunda de Notre-Dame. A alegria foi geral quando o viram aparecer no pelourinho; e a rude execução que acabava de sofrer e a piedosa postura em que foi deixado, longe de enternecerem a população, tornaram sua raiva ainda mais malvada, armando-a com uma ponta de alegria.

Assim, uma vez satisfeita a *vindicta pública*, como ainda hoje é jargão entre doutores, fez-se a vez das mil vinganças particulares. Aqui, como na grande sala, as mulheres, sobretudo, faziam barulho. Todas lhe guardavam algum rancor, umas de sua maldade, outras de sua feiura. As últimas eram as mais furiosas.

– Oh! Máscara de anticristo! – disse uma.
– Cavaleiro de cabo de vassoura! – gritou outra.
– Se hoje fosse ontem – berrou uma terceira –, esta bela careta trágica teria feito de você o papa dos loucos!
– É bom – retomou uma velha. – Eis a careta do pelourinho. Quando virá a do cadafalso?
– Quando você será enterrado com seu grande sino a cem pés sob a terra, maldito sineiro?
– Então é este o diabo que soa o *angelus* !
– Oh! O surdo! O caolho! O corcunda! O monstro!
– É uma figura mais eficiente para fazer uma grávida abortar do que todas as medicinas e fármacos!
E os dois estudantes, Jehan du Moulin e Robin Poussepain, cantavam com toda força um velho refrão popular:

*Força
para o enforcado!
Fogueira
para o macaco!*

Mil outras injúrias choviam, e por vezes vaias, imprecações, risos e pedras.

Quasímodo era surdo, mas via claramente, e o furor público não era menos transparente nas faces do que nas palavras. Ademais, os golpes de pedra explicavam o estrondo dos risos.

A princípio, conteve-se. Pouco a pouco, porém, essa paciência, que tinha girado sob o chicote do torturador, curvou-se e refugou com todas as picadas de insetos. O touro de Astúrias, que pouco se importa com os ataques do picador, irrita-se com cães e bandeirilhas.

Quasímodo percorreu lentamente a multidão com um olhar de ameaça. No entanto, garrotado como estava, seu olhar era impotente para afastar essas moscas que mordiam sua ferida. Então, agitava-se em seus entraves, e seus sobressaltos furiosos fizeram ranger nos seus eixos a velha roda do pelourinho. Com tudo isso, as derrisões e as vaias aumentaram.

Não podendo, então, romper sua coleira de besta selvagem acorrentada, o miserável se tranquilizou. Apenas de vez em quando um suspiro de raiva sobrelevava todas as cavidades de seu peito. Não havia

em sua face nem vergonha nem rubor. Estava muito afastado do estado de sociedade e muito perto do estado de natureza para saber o que era vergonha. Ademais, neste ponto de deformidade, seria a infâmia algo sensível? Mas a cólera, a raiva, o desespero, baixavam lentamente sobre sua face marcada, uma nuvem mais e mais sombria, mais e mais carregada de uma eletricidade que brilhava em mil clarões no olho do ciclope.

No entanto, essa nuvem se desfez no momento em que uma mula que trazia um padre atravessava a multidão. Embora visse de longe essa mula e esse padre, a face do pobre paciente se tornou mais doce. À fúria que a contraía, seguiu-se um sorriso estranho, cheio de doçura, de mansidão, de ternura inefável. À medida que o padre se aproximava, esse sorriso se tornava mais nítido, mais distinto, mais radiante. Era como se saudasse a vinda de um salvador. Todavia, na hora em que a mula estava perto o suficiente do pelourinho para que seu cavaleiro pudesse reconhecer o paciente, o padre baixou os olhos, retrocedeu bruscamente o caminho, esporeou, como se tivesse pressa de se desembaraçar de reclamações humilhantes, pouco se importando de ter sido saudado e reconhecido por um pobre-diabo em semelhante situação.

Esse padre era o arqui-diácono dom Claude Frollo.

A nuvem recaiu mais sombria sobre a fronte de Quasímodo. O sorriso se misturou a ela ainda algum tempo, mas amargo, desencorajado, profundamente triste.

O tempo escorria. Estava ali havia pelo menos uma hora e meia, rasgado, maltratado, zombado sem cessar e quase lapidado.

De repente, agitou-se de novo em suas correntes com redobrado desespero, estremecendo toda a armação que o prendia, e, rompendo seu obstinado silêncio de até então, gritou com uma voz rouca e furiosa que parecia mais um latido do que um grito humano e que cobriu o barulho das vaías:

– Água!

Essa exclamação aflita, longe de comover as compaixões, divertiu mais ainda o bom popular parisiense que lotava a escada e que, é preciso dizer, em multidão é tão cruel e embrutecido como a tribo de vagabundos entre os quais já levamos o leitor, e que era somente a camada mais inferior do povo. Voz alguma se elevou ao redor do infeliz que não fosse para lhe ralar a sede. Nesse momento, decerto, ele

estava grotesco e mais repulsivo do que lastimável, com sua face avermelhada e encharcada, seu olho arregalado, sua boca espumante de cólera e de sofrimento, a língua para fora. É preciso dizer também que, houvesse na multidão alguma alma caridosa de burguês ou de burguesa que tivesse tentado levar uma garrafa de água a essa miserável criatura, reinava em torno dos degraus do pelourinho um preconceito de vergonha e ignomínia suficiente para repelir o bom samaritano.

No fim de alguns minutos, Quasímodo lançou sobre a multidão um olhar desesperado e repetiu com uma voz ainda mais dilacerante:

– Água!

E todos riram.

– Beba isso! – gritou Robin Poussepain, lançando-lhe na face uma esponja arrastada na vala. – Toma, vilão surdo! Você me deve esta!

Uma mulher lhe jogou uma pedra na cabeça:

– Veja se agora aprende a não nos acordar de noite com o danado do seu carrilhão.

– Muito bem, filho! – gritou um paralítico, tentando lhe atingir com sua muleta. – Vai continuar a nos lançar praga do alto das torres da Notre-Dame?

– Aqui está uma gamela para beber! – retomou um homem, atirando-lhe um jarro quebrado nas costas. – Minha mulher pariu um bebê com duas cabeças só porque você passou diante dela!

– E minha gata pariu um gato de seis patas! – ganiu uma velha, jogando-lhe uma telha.

– Água! – repetia, ofegante, pela terceira vez Quasímodo.

Nesse momento, ele viu a população se afastar. Uma jovem vestida de modo incomum saiu da multidão. Estava acompanhada de uma pequena cabra branca com chifres dourados e portava um pandeiro à mão.

O olho de Quasímodo brilhou. Era a cigana que ele tentara levar na noite anterior, algazarra pela qual ele sentia confusamente que o castigavam neste mesmo instante, mas que não era de forma alguma por isso, pois ele fora punido apenas pela infelicidade de ser surdo e de ter sido julgado por um surdo. Não duvidou que também ela vinha se vingar e lhe dar mais um golpe, como todos os outros.

Ele a viu subir com rapidez a escada. A cólera e o desprezo o sufocavam. Quisera poder fazer ruir o pelourinho e, se o fulgor de seus olhos pudesse fulminar, a cigana teria virado pó antes de chegar à

plataforma.

Sem dizer uma palavra, a cigana se aproximou do paciente que se contorcia em vão para escapar dela, e, tirando uma cabaça de sua cintura, levou-a docemente aos lábios áridos do miserável.

Assim, neste olho até o momento tão seco e ardente, viu-se rolar uma grossa lágrima, que caiu lentamente ao longo da face disforme e havia muito contraída pelo desespero. Era talvez a primeira que o infortunado derramara na vida.

No entanto, ele se esquecia de beber. A cigana fez sua pequena careta com impaciência e apoiou sorrindo o gargalo à boca dentuça de Quasímodo. Ele deu longos goles. Sua sede era ardente.

Quando terminou, o miserável alongou seus lábios negros, sem dúvida para beijar a bela mão que acabara de assisti-lo. Mas a jovem, que talvez estivesse desconfiada e que se lembrava da violenta tentativa da noite, retirou sua mão com o gesto assustado de uma criança que teme ser mordida por uma besta.

Então, o pobre surdo fixou sobre ela um olhar cheio de censura e de uma tristeza inexprimível.

Foi um espetáculo tocante para todos o fato de essa bela jovem, fresca, pura, encantadora e tão frágil e, ao mesmo tempo, tão piedosa acorrer aos socorros de tanta miséria, deformidade e maldade. Sobre o pelourinho, esse espetáculo era sublime.

Até mesmo todo esse povo foi envolvido por essa cena e bateu as mãos, gritando:

– Aleluia! Aleluia!

Nesse momento, a reclusa percebeu, do postigo de seu buraco, a cigana sobre o pelourinho e lhe lançou uma imprecação sinistra:

– Maldita seja, filha do Egito! Maldita! Maldita!

V. O FINAL DA HISTÓRIA DE UMA BROA

La Esmeralda ficou pálida e desceu vacilante do pelourinho. A voz da reclusa ainda a perseguia:

– Desça! Desça! Ladra do Egito, você vai subir aí de novo!

– A penitente está com suas fantasias – murmurou o povo. E ninguém fez mais nada, pois mulheres assim são temidas, o que as faz sagradas. Não é comum criticar quem reza noite e dia.

Chegara a hora de reconduzir Quasímodo. Soltaram-no, então, e a multidão se dispersou.

Perto do Grand-Pont, Mahiette, que voltava com suas duas companhias, parou de repente:

– Então, Eustache! Cadê a broa?

– Mãe – respondeu a criança –, enquanto a senhora falava com essa mulher que estava no buraco, um cachorro gordo mordeu minha broa. E aí eu a comi também.

– Como assim, senhor – retomou ela –, comeu tudo?

– Mãe, foi o cachorro. Eu lhe disse para não comer, mas ele não me escutou. Então mordi também, foi isso!

– Que criança terrível – disse a mãe sorrindo e resmungando ao mesmo tempo. – Sabe, Oudarde, ele come sozinho toda a cerejeira de nossa cerca de Charlerange. E, ainda assim, seu avô diz que ele será um capitão.

Em seguida, chamou a atenção do filho:

– Eu não gostei disso, senhor Eustache. Anda, seu leão gordo!

-
1. Esse cometa, contra o qual o papa Calixto, tio de Borgia, ordenou preces públicas, é o mesmo que reaparecerá em 1835. [N.A.] ↔ □
 2. A dignidade que acompanha um imenso poder de polícia e muitos direitos prerrogativos. [N.T.] ↔ □
 3. O artigo da lei é severo. [N.T.] ↔ □
 4. Por Hércules! Jura latina. [N.T.] ↔ □
 5. Em prejuízo da cortesã. [N.T.] ↔ □
 6. Uma grande voz na noite. [N.T.] ↔ □
 7. Cale-se e espere. [N.T.] ↔ □
 8. Forte escudo, saúde dos chefes. [N.T.] ↔ □
 9. É seu. [N.T.] ↔ □
 10. Reze. [N.T.] ↔ □
 11. Com passos desiguais. [N.T.] ↔ □
 12. Lapso do autor: o romance não se passa em 1479, mas em 1482. [N.T.] ↔ □
 13. Surdo absurdo. [N.T.] ↔ □

LIVRO SÉTIMO

I. DO PERIGO DE SE CONFIAR SEU SEGREDO A UMA CABRA

Muitas semanas se passaram.

Era início de março. O sol que Dubartas, esse clássico ancestral da perífrase, ainda não chamara de “grão-duque das candeias”, não era por isso menos alegre e radiante. Era um desses dias doces e belos de primavera, em que toda Paris resplendia nas praças e nos passeios, nas festas e nos domingos. Nesses dias de claridade, calor e serenidade, é necessário, sobretudo em uma certa hora, admirar o portal da Notre-Dame. É o momento em que o sol, já inclinado na direção do poente, olha quase de frente a catedral. Seus raios, mais e mais horizontais, retiram-se lentamente do pavimento da praça e sobem ao longo da fachada até o pico, de que ressaltam as mil esculturas em relevo sobre sua sombra, enquanto que a grande rosácea central flameja, como um olho de ciclope inflamado, com as reverberações da forja.

Era esta hora.

Defronte à alta catedral avermelhada pelo poente, sobre o balcão de pedra trabalhada acima do pórtico de uma rica mansão gótica, na esquina da praça com a rua do Parvis, algumas belas jovens riam e conversavam com todo tipo de graça e de manias. Pelo comprimento do véu que caía do alto de sua touca aguda, com uma espiral de pérolas, até seus calcanhares, pela delicadeza do lenço bordado que cobria suas costas, deixando-as ver, segundo a moda insinuante de então, pela insinuação de seus belos pescoços de virgens, pela opulência de suas anáguas, mais preciosas ainda do que o sobretudo (requinte maravilhoso!), pela escumilha, pela seda, pelo veludo que forrava tudo isso, e, sobretudo, pela brancura de suas mãos, que atestavam ser ociosas e preguiçosas, era fácil adivinhar que eram nobres e ricas herdeiras. Eram a senhorita Fleur-de-Lys de Gondelaurier e suas companhias, Diane de Christeuil, Amelotte de Montmichel, Colombe de Gaillefontaine e a pequena de Champchevrier; todas filhas de boas casas, reunidas nesse momento na casa da senhora viúva Gondelaurier, por causa do senhor de Beaujeu e da senhora sua mulher, que viria no mês de abril a Paris com o intuito de escolher acompanhantes de honra

para a senhorita Delfina Margarida, a qual seria recebida, em Picardia, das mãos dos flamengos. Ora, todos os fidalgotes do redor disputavam este favor pelas suas filhas. E um bom número entre eles já as tinha levado ou enviado a Paris. Estas aqui foram confiadas pelos seus parentes à guarda discreta e venerável da senhora Aloïse de Gondelaurier, viúva de um antigo mestre de besteiros do rei, que vivia com sua filha única em sua casa, na praça da esplanada Notre-Dame, em Paris.

O balcão onde estavam essas jovens abria-se sobre uma câmara ricamente atapetada com couro de Flandres de cor vermelha, impresso com ornatos de ouro. As traves que pautavam paralelamente o teto entretinham os olhos pelas mil bizarras esculturas pintadas e douradas. Sobre seus baús cinzelados, esplêndidos esmaltes reluziam aqui e ali; uma cabeça de javali em faiança coroava um guarda-louças magnífico, cujos dois degraus anunciavam que a senhora deste lar era mulher ou viúva de um cavaleiro de estandarte. Ao fundo, ao lado de uma alta chaminé, armoriada e brasonada de alto a baixo, estava sentada numa rica poltrona de veludo vermelho a senhora de Gondelaurier, cujos cinquenta anos estavam escritos tanto sobre suas vestes como sobre sua face. Ao lado dela, havia um jovem de aparência vaidosa, ainda que um tanto vazio e fanfarrão, um desses belos rapazes com quem todas as mulheres concordam, por mais que os homens sérios e fisionomistas deem-lhes as costas. Esse jovem cavalheiro vestia o brilhante uniforme de capitão dos arqueiros da ordenança do rei, o qual se parece muito com a roupa de Júpiter, que já pudemos admirar no primeiro livro desta história, para não impor ao leitor uma segunda descrição.

As senhoritas estavam sentadas, parte na câmara, parte no balcão, umas sobre quadrados de veludo de Utrecht com franjas de ouro, outras sobre o escabelo de tronco de carvalho esculpido de flores e figuras. Cada uma delas tinha sobre seus joelhos um pano de uma grande tapeçaria de agulha, na qual trabalhavam em conjunto, e de que boa parte arrastava sobre a esteira que recobria o soalho.

Conversavam entre si com essa voz de cochichos e meios-risos abafados, num conciliábulo de jovens mulheres no meio das quais há um jovem homem. O rapaz, cuja presença bastava para pôr em jogo todos esses amores-próprios femininos, parecia pouco se importar; e, por mais que estivesse entre belas jovens que lhe atraíssem a atenção, parecia mais ocupado em brunir, com sua luva de camurça, o fuzilhão

de seu cinturão.

Por vezes, a velha dama lhe dirigia a palavra bem baixinho, e ele a respondia da melhor forma, com um tipo de polidez embaraçada e constrangida. Aos sorrisos, aos pequenos sinais de inteligência da senhora Aloïse, ao piscar de olhos que ela lançava na direção de sua filha Fleur-de-Lys, falando baixo ao capitão, era fácil perceber que se tratava de algum noivado consumado, de algum matrimônio próximo entre o jovem e Fleur-de-Lys. E, pela frieza embaraçosa do oficial, era fácil perceber que, de seu lado ao menos, não se tratava de amor. Toda sua aparência exprimia um pensamento de desconforto e de aborrecimento que nossos segundos-tenentes de guarnição traduziriam admiravelmente hoje por: “Que cachorra de corveia!”

A boa mãe, obstinada por sua filha, como uma pobre mãe que era, não percebia o pouco entusiasmo do oficial e se empenhava, em voz baixa, em fazê-lo observar as perfeições infinitas com as quais Fleur-de-Lys picava sua agulha ou enovelava sua meada.

– Ei-la, pequeno primo – disse-lhe, puxando-o pela manga para lhe falar ao ouvido. – Olhe bem! Olhe como se abaixa.

– É mesmo – respondeu o jovem e recaiu em seu silêncio distraído e glacial.

Logo depois, era preciso se inclinar de novo, e a senhora Aloïse lhe disse:

– O senhor já viu alguém tão afável, tão alegre quanto a sua prometida? Tão branca e tão loura? Mãos tão perfeitas? E um pescoço como este, que parece ter todas as maneiras de um cisne! Como invejo o senhor nesta hora! Como o senhor é feliz por ser homem, vilão, libertino, tal como o senhor é! Não é verdade que minha Fleur-de-Lys é bela para adoração e que o senhor está perdido por ela?

– Sem dúvida – respondeu ele, sempre pensando em outra coisa.

– Fale então com ela – disse de repente a senhora Aloïse, empurrando-o pelas costas. – Diga-lhe alguma coisa. O senhor ficou muito tímido.

Podemos afirmar aos nossos leitores que a timidez não era nem a virtude nem o defeito do capitão. Tentou, no entanto, fazer o que lhe pediam.

– Bela prima – disse aproximando-se de Fleur-de-Lys –, qual é o motivo desse trabalho de tapeçaria que a senhorita adorna?

– Belo primo – respondeu Fleur-de-Lys com um tom de despeito –,

eu já lhe disse três vezes. É a gruta de Netuno.

Era evidente que Fleur-de-Lys percebia, com maior clareza do que sua mãe, as maneiras frias e distraídas do capitão. Ele sentiu necessidade de começar alguma conversa.

– E para quem é esta netunaria?

– Para a abadia Saint-Antoine des Champs – disse Fleur-de-Lys sem levantar os olhos.

O capitão pegou numa ponta da tapeçaria.

– Minha bela prima, quem é este sujeito gordo que sopra uma trombeta a plenas bochechas?

– É Trito – respondeu ela.

Havia sempre uma entonação um tanto indiferente nas breves palavras de Fleur-de-Lys. O jovem compreendeu que era indispensável lhe dizer alguma coisa ao ouvido, uma frivolidade, uma galanteria, não importava o que fosse. Inclinou-se, então, mas nada lhe veio à imaginação de mais terno e de mais íntimo do que isto:

– Por que sua mãe veste sempre uma túnica armoriada como nossas avós no tempo de Carlos VII? Diga-lhe, então, bela prima, que não é elegante hoje, e que seu *gond* e seu loureiro bordados em brasão sobre seu robe lhe dão a aparência de um abrigo de chaminé que caminha. Na verdade, não se sinta mais assim sobre o próprio estandarte, eu juro.

Fleur-de-Lys lançou sobre ele seus belos olhos cheios de censura:

– É somente isso que o senhor me jura? – perguntou ela em voz baixa.

No entanto, a boa senhora Aloïse, feliz de vê-los assim inclinados e cochichando, disse, brincando com o fecho de seu livro das horas:

– Que tocante quadro de amor!

O capitão, mais e mais embaraçado, abaixou-se sobre a tapeçaria:

– É realmente um trabalho encantador! – exclamou.

Nesse momento, Colombe de Gaillefontaine, uma outra bela loura de pele branca, coberta até o pescoço de damasco azul, arriscou timidamente uma fala dirigida a Fleur-de-Lys, na esperança de que o belo capitão a respondesse:

– Minha querida Gondelaurier, a senhorita viu as tapeçarias do Hôtel de la Roche-Guyon?

– Não é o hotel que cerca o jardim da Lingère du Louvre? – perguntou, rindo, Diane de Christeuil, que tinha belos dentes e, por

isso, ria por qualquer motivo.

– E onde há aquela grossa e velha torre da antiga muralha de Paris – acrescentou Amelotte de Montmichel, alegre, loura encaracolada e fresca, que tinha o hábito de suspirar, como a outra ria, sem saber o motivo.

– Minha querida Colombe – retomou Aloïse –, a senhorita quer dizer o hotel que era do senhor Bacqueville, no tempo do rei Carlos VI? Há, de fato, belas tapeçarias de grande liço.

– Carlos VI! O rei Carlos VI! – resmungou o jovem capitão, cofiando seu bigode. – Meu Deus! A boa senhora agora recorda coisas velhas!

A senhora Gondelaurier prosseguiu:

– Sim, belas tapeçarias. Um trabalho tão apreciado que parece ser único!

Nesse momento, Bérangère de Champchevrier, uma esbelta pequena de sete anos, que olhava a praça pelas grades do balcão, exclamou:

– Oh! Veja, bela madrinha Fleur-de-Lys, a graciosa dançarina dançando e tocando seu pandeiro na calçada, no meio dos burgueses passantes!

De fato, escutava-se o frêmito sonoro de um pandeiro.

– Deve ser alguma cigana da Boêmia – disse Fleur-de-Lys, voltando-se com negligência na direção da praça.

– Vamos ver! Vamos ver! – gritaram suas vivazes companhias.

E correram todas à borda do balcão, enquanto que Fleur-de-Lys, perplexa com a frieza de seu prometido, seguiu-as lentamente, e este, salvo pelo incidente que cortava rápido uma conversa embaraçosa, voltou-se para o fundo do aposento, com o ar satisfeito de um soldado dispensado do serviço. Era, no entanto, encantador e gentil este serviço da bela Fleur-de-Lys; e assim lhe parecera outrora. Mas o capitão foi se entediando pouco a pouco; a perspectiva do matrimônio próximo o arrepia cada vez mais, dia após dia. Ademais, ele tinha um humor inconstante e, é necessário dizer?, de gosto um pouco vulgar. Ainda que de berço nobre, contraiu nos arreios alguns costumes de guerreiro. A taberna lhe agradava, e o que dela sucede. Sentia-se à vontade apenas entre palavras grosseiras, galanteios militares, belezas fáceis, sucesso fácil. No entanto, recebera de sua família alguma educação e algumas maneiras; porém, muito jovem deu-se à vida, bem jovem ingressou na guarnição, e todos os dias o verniz do fidalgo se apagava no duro atrito de seu boldrié de militar. Visitando-a ainda, de tempos em tempos, por

um resto de respeito humano, ele se sentia duplamente aborrecido na casa de Fleur-de-Lys; a princípio, porque dispersava seu amor em toda sorte de lugar, reservava pouco para ela; em seguida, porque em meio a tantas belas senhoritas rígidas, finas e decentes, temia que sua boca, habituada a blasfêmias, perdesse o freio dos dentes e lhe escapasse assuntos de taberna. Imagine-se bem o resultado disso.

De resto, tudo isso se misturava em seu íntimo a grandes pretensões de elegância, de etiqueta e de bela aparência. “Que essas coisas se arranjem como puderem. Sou apenas um historiador.”

Em seguida, ficou em silêncio, pensativo ou não, apoiado no lambril esculpido da chaminé, quando Fleur-de-Lys, voltando-se de súbito, dirigiu-lhe a palavra. Ademais, a pobre jovem tão somente lhe agastava o coração defensivo.

– Belo primo, há uns dois meses o senhor não nos contou que salvou uma pequena boêmia das mãos de uma dúzia de ladrões quando fazia a ronda noturna?

– Creio que sim, bela prima – disse o capitão.

– Então – retomou ela –, talvez seja essa boêmia que dança lá na esplanada. Venha ver se o senhor a reconhece, belo primo Phœbus.

Ele percebeu um secreto desejo de reconciliação nesse doce convite que ela lhe dirigia para vir perto dela e com o cuidado de chamá-lo pelo nome. O capitão Phœbus de Châteaupers (pois é ele que o leitor tem sob os olhos desde o começo deste capítulo) aproximou-se a passos lentos do balcão.

– Veja – disse-lhe Fleur-de-Lys, pousando ternamente a mão sobre o braço de Phœbus –, veja essa pequena dançando lá naquela roda. Não é a sua boêmia?

Phœbus olhou e disse:

– Sim, eu a reconheço por causa de sua cabra.

– Oh, sim! A bela cabra! – disse Amelotte, juntando as mãos de admiração.

– Será que seus chifres são de ouro verdadeiro? – perguntou Bérangère.

Sem se mexer de sua poltrona, a senhora Aloïse tomou a palavra:

– Não seria uma dessas boêmias que chegaram no ano passado pela porta Gibart?

– Senhora minha mãe – disse docemente Fleur-de-Lys –, essa porta se chama hoje Porta do Inferno.

A senhorita Gondelaurier sabia o quanto o capitão estava chocado com os modos de falar antiquados de sua mãe. De fato, ele começava a fazer chacota, dizendo entre dentes:

– Porta Gibart! Porta Gibart! É para o rei Carlos VI passar!

– Madrinha – exclamou Bérangère, cujos olhos, em movimento contínuo, levantaram-se de súbito na direção do cume das torres da Notre-Dame –, quem é aquele homem de negro lá em cima?

Todas as jovens levantaram os olhos. Havia, de fato, um homem apoiado na balaustrada culminante da torre setentrional, voltado para a Grève. Era um padre. Distingua-se nitidamente seu hábito e sua face apoiada sobre suas mãos. De resto, estava imóvel como uma estátua. Seu olhar fixo mergulhava na praça.

Era a imobilidade de um gavião que acabara de descobrir um ninho de pardaís e o observa.

– É o senhor arqui-diácono de Josas – disse Fleur-de-Lys.

– A senhorita tem bons olhos, pois o reconhece daqui! – observou Gaillefontaine.

– Veja como olha para a pequena dançarina! – retomou Diane de Christeuil.

– Cuidado, cigana! – disse Fleur-de-Lys –, pois ele não gosta do Egito.

– É uma pena que este homem a olhe assim – acrescentou Amelotte de Montmichel –, pois ela dança de modo tão fascinante.

– Belo primo Phœbus – disse de repente Fleur-de-Lys –, como o senhor conhece essa pequena boêmia, faça-lhe sinal para subir. Isso vai nos agradar.

– Oh, que ótimo! – exclamaram todas as jovens batendo as mãos.

– Mas isso é uma loucura – disse Phœbus. – Com certeza, ela não se lembra de mim, e eu nem sei seu nome. Porém vou tentar, e somente porque desejam, senhoritas. E, inclinando-se sobre a balaustrada do balcão, gritou:

– Pequena!

A dançarina não tamborilava nesse momento. Voltou a cabeça na direção do ponto de onde vinha o chamado, seu olhar brilhante fixou-se em Phœbus, e ela estacou subitamente.

– Pequena! – repetiu o capitão, e lhe fez sinal com o dedo para que viesse.

A jovem ainda o olhava; em seguida, ruborizou-se como se uma flama lhe subisse à face, e, pondo seu pandeiro sob o braço, dirigiu-se

através dos espectadores assustados na direção da porta da casa de onde Phoebus a chamava, a passos lentos, hesitante e com o olhar turvado de um pássaro que cede à fascinação de uma serpente.

Logo depois, a porteira da tapeçaria se levantou e a boêmia parou sobre a soleira da câmara, vermelha, confusa, sôfrega, seus grandes olhos baixos, sem ousar dar mais um passo.

Bérangère bateu as mãos.

No entanto, a dançarina permaneceu imóvel na soleira da porta. Sua aparição produziu um efeito singular sobre este grupo de moças. Decerto que o vago e indistinto desejo de agradar o belo oficial as animava, que o esplêndido uniforme era o alvo de todas as suas coquetarias e que, desde quando ele ali estava, havia entre elas certa rivalidade secreta, surda, que mal se declaravam a si mesmas, apesar de se estampar a todo instante em cada gesto, em cada propósito. Todavia, como eram tão próximas no grau de beleza, lutavam com armas iguais, e cada uma podia esperar a vitória. A chegada da boêmia rompeu bruscamente esse equilíbrio. A dançarina era de uma beleza tão rara que, logo após o seu aparecimento na entrada do aposento, parecia que ela resplandia uma espécie de luz. Nesse quarto estreito, sob esse sombrio enquadramento de tapeçaria e estofaria, ela estava incomparavelmente mais bela e radiante do que na praça pública. Era como se fosse uma tocha que se trouxesse aos olhos de todos na sombra. As nobres senhoritas foram ofuscadas a contra gosto. Cada uma se sentiu, a seu modo, ferida em sua beleza. E o campo de batalha, que a expressão seja justa, mudou no mesmo momento sem que elas dissessem uma só palavra. Mas elas se entendiam muito bem. A intuição das mulheres se entende e se corresponde muito mais rápido do que a inteligência dos homens. Acabara de lhes chegar uma inimiga; todas se sentaram, todas se uniram. Basta uma gota de vinho para avermelhar um copo de água; para tingir de certo humor uma assembleia de belas mulheres, basta chegar uma mulher mais bela, sobretudo se houver apenas um homem.

Então, a recepção feita à boêmia foi bem glacial. Elas a observaram de alto a baixo, em seguida se entreolharam; e tudo fora dito. Elas estavam de acordo. No entanto, a jovem esperava que lhe falassem e não ousava erguer as pálpebras de tão comovida.

O capitão foi o primeiro a romper o silêncio.

– Palavra de honra – disse com seu tom de intrépida fatuidade –, que

criatura encantadora! O que acha, bela prima?

Essa observação, que um admirador mais delicado teria ao menos feito em voz baixa, não veio para dissipar os ciúmes femininos que se postavam a examinar a boêmia.

Fleur-de-Lys respondeu ao capitão com adoçada afetação de desdém:

– Nada mal.

As outras cochichavam.

Enfim, a senhora Aloïse, que não estava menos ciumenta, pois ela o era por sua filha, dirigiu sua palavra à dançarina:

– Aproxime-se, pequena.

– Aproxime-se, pequena! – repetiu com uma dignidade cômica Bérangère, pondo as mãos na cintura.

A cigana avançou na direção da nobre senhora.

– Bela menina – disse Phœbus com ênfase, dando alguns passos em sua direção –, não sei se tenho a suprema honra de ser reconhecido pela senhorita...

Ela o interrompeu, levando para ele um sorriso e um olhar pleno de doçura infinita:

– Oh, sim! – disse ela.

– Ela tem boa memória – observou Fleur-de-Lys.

– Ora – retomou Phœbus –, a senhorita fugiu com muita pressa naquela noite. Será que lhe causo medo?

– Oh, não! – disse a boêmia.

Havia no tom com que este “Oh, não!” fora pronunciado, seguido àquele “Oh, sim!”, alguma coisa de inefável que fizera Fleur-de-Lys se sentir ferida.

– A senhorita nos deixou em seu lugar, minha bela – prosseguiu o capitão, cuja língua se desatou a falar a uma jovem das ruas –, um muito esquisito carrancudo, caolho e corcunda, o sineiro dos sinos do bispo, acho eu. Disseram-me que ele era bastardo de um arquidiácono e diabo de nascença. Tem um nome engraçado, ele se chama Quatro-Tempos, Páscoas-Floridas, Terça-feira Gorda, não sei mais! Um nome de festa solene, enfim! Ousava ele, então, sequestrá-la como se a senhorita fosse feita para sacristões! Isso é pecado. Que diabo aquele corujão queria com a senhorita? Hein, diga!

– Não sei – respondeu ela.

– Vejam que insolência! Um sineiro sequestrar uma jovem, como um visconde! Um rude caçador a mando de fidalgos! Isso é raro. No fim, ele

pagou caro. O mestre Pierrat Tarterue é o mais rude palafrenero que já esfolou um vagabundo, e eu lhes direi, se é que lhes agrade, que o couro de seu sineiro lhe passou galantemente pelas mãos.

– Pobre homem! – disse a boêmia, em cujo íntimo essas palavras reavivavam a lembrança da cena do pelourinho.

O capitão desatou a rir.

– Pelos chifres do boi! Eis a piedade tão bem posta quanto uma pluma no pescoço de um porco! Seria eu barrigudo como um papa, se...

Parou de repente.

– Perdão, senhoritas! Creio que ia dizer uma estupidez.

– Ora, senhor! – disse Gaillefontaine.

– Ele fala com a língua desta criatura! – acrescentou à meia-voz Fleur-de-Lys, cujo despeito crescia a cada momento. Esse despeito não se tornava menor quando ela via o capitão, encantado com a boêmia e, sobretudo, consigo mesmo, piruetar sobre os calcanhares repetindo com uma galanteria grosseira, ingênua e soldadesca:

– Uma bela jovem, por minha alma!

– Muito rudemente vestida – disse Diane de Christeuil, com seu riso de belos dentes.

Essa reflexão foi uma ideia luminosa para as outras. Fez-lhes ver o lado vulnerável da cigana. Não podendo lhe morder a beleza, lançaram-se às suas roupas.

– Mas isso é verdade, pequena – disse Montmichel –, onde a senhorita aprendeu a andar assim pelas ruas sem lenço e gargantilha?

– Vejam que saia curta de causar arrepios – acrescentou Gaillefontaine.

– Minha querida – prosseguiu agressivamente Fleur-de-Lys –, a senhorita poderia se juntar aos sargentos da dozena com esse cinto dourado.

– Pequena, pequena – retomou Christeuil com um sorriso implacável –, se puser, honestamente, uma manga sobre seu braço, ele será menos queimado pelo sol.

Era um espetáculo digno de um espectador mais inteligente do que Phoebus, ver como essas belas jovens, com suas línguas envenenadas e irritadas, serpenteavam, deslizavam e rodavam em torno da dançarina das ruas. Eram cruéis e graciosas. Esmiuçavam e rebuscavam malignamente a fala nas suas vestes de lantejoulas e ouropéis. Eram

risos, ironias, humilhações sem fim. Os sarcasmos choviam sobre a cigana, bem como a benevolência arrogante e os olhares maldosos. Acreditava-se estar diante de jovens romanas que gostavam de enfiar alfinetes de ouro no seio de uma bela escrava. Assemelhavam-se a elegantes galgas caçadoras, narinas abertas, olhos ardentes, acercando-se de uma pobre corça dos bosques, e cujo olhar do mestre lhes interdita o ataque.

O que seria, afinal, diante dessas jovens da grande casa, uma miserável dançarina de praça pública! Elas nem sequer se deram conta de sua presença, e falavam dela, diante dela, sobre ela mesma, em voz alta, como se de uma coisa imprópria, abjeta e muito bela.

A boêmia não estava insensível a essas alfinetadas. Por vezes, um rubor de vergonha, um acender de cólera inflamava seus olhos e sua face; uma palavra desdenhosa parecia hesitar em seus lábios; ela fazia, com desprezo, aquela pequena careta que o leitor já conhece. Mas se calava. Imóvel, lançava a Phœbus um olhar resignado, triste e doce. Havia também felicidade e ternura nesse olhar. Pode-se dizer que ela se continha, com medo de ser caçada.

Phœbus ria e tomava partido da boêmia com um misto de impertinência e piedade.

– Deixe que elas falem, pequena! – repetia ele, fazendo soar suas esporas de ouro. – Sua veste é sem dúvida um pouco extravagante e selvagem; mas, bela como a senhorita é, o que mais importa?

– Meu Deus! – exclamou a loura Gaillefontaine, levando seu pescoço de cisne com um sorriso amargo –, pelo que se vê, os senhores arqueiros da ordenança do rei ficam logo acesos com um par de belos olhos ciganos.

– Por que não? – disse Phœbus.

Essa resposta, lançada com negligência pelo capitão como uma pedra perdida que não se sabe onde vai cair, fez Colombe rir, e Diane, e Amelotte, e Fleur-de-Lys, de cujos olhos acabara de escorrer uma lágrima.

A boêmia, que baixara o olhar com as palavras de Colombe de Gaillefontaine, levantou-o com raios de alegria e confiança, e o fixou de novo sobre Phœbus. Estava belíssima nesse momento.

A velha senhora, que observava essa cena, sentia-se ofendida e não entendia.

– Santa Virgem! – gritou de repente –, o que é isto que se mexe em

minhas pernas? Ahá! A besta vilã!

Era a cabra que acabara de chegar em busca de sua dona e que, precipitando-se em sua direção, começou por embaraçar os chifres no monte de estofo que as vestes da nobre senhora espalhava sobre seus pés quando estava sentada.

Foi uma diversão. A boêmia, sem dizer uma palavra, desembaraçou-a.

– Oh! É a pequena cabrinha de patas douradas – exclamou Bérangère, saltando de alegria.

A boêmia se ajoelhou e apoiou a cabeça acariciada da cabra na sua saia. Podia-se dizer que ela lhe pedia perdão por deixá-la dessa forma.

No entanto, Diane se inclinara ao ouvido de Colombe.

– Oh! Meu Deus! Como não percebi antes? É a boêmia da cabra. Dizem que ela é feiticeira e que sua cabra faz truques miraculosos.

– Pois bem – disse Colombe – que a cabra nos divirta a todos e nos faça um milagre.

Diane e Colombe se dirigiram vivamente à cigana.

– Pequena, faça então um milagre com sua cabra.

– Não sei o que as senhoritas querem dizer – respondeu a dançarina.

– Um milagre, uma magia, uma feitiçaria, enfim.

– Não sei. – E voltou a acarinhar o belo animal, repetindo: – Djali! Djali!

Nesse momento, Fleur-de-Lys observou um pequeno saco de couro bordado pendurado no pescoço da cabra.

– O que é isso? – perguntou à cigana.

A cigana levantou seus grandes olhos em sua direção e lhe respondeu com seriedade:

– É o meu segredo.

“Gostaria muito de saber qual é este seu segredo”, pensou Fleur-de-Lys.

No entanto, a boa senhora se levantou de mau humor.

– Ora essa, boêmia, se nem a senhorita nem sua cabra não dançam para nós, o que ainda fazem aqui dentro?

A boêmia, sem responder, dirigiu-se lentamente à porta. No entanto, quanto mais se aproximava dela, mais seu passo ralentava. Um invencível ímã parecia retê-la. De repente, voltou seus olhos úmidos de lágrimas para Phœbus e parou.

– Por Deus! – exclamou o capitão –, não se vá assim. Volte e dance alguma coisa. A propósito, bela de se amar, como a senhorita se chama?

– La Esmeralda – disse a dançarina sem deixar de olhá-lo.
Ao escutarem esse nome estranho, as jovens caíram na gargalhada.
– Mas é um nome terrível para uma senhorita – disse Diane.
– Vejam bem se isso já não é feitiço – retomou Amelotte.
– Minha querida – exclamou solenemente a senhora Aloïse –, seus pais não pescaram esse nome na pia benta do batismo.

No entanto, alguns minutos depois, sem que se percebesse, Bérangère atraiu a cabra para um canto da câmara com um massapão. Logo, tornaram-se boas amigas. A curiosa criança pegou o pequeno saco pendurado no pescoço da cabra, abriu-o e o esvaziou sobre a esteira. Era um alfabeto cujas letras estavam inscritas separadamente em pequenos tabletes de madeira de buxo. Tão logo esse brinquedo foi espalhado sobre a esteira, a criança viu, com surpresa, a cabra, afinal era um de seus *milagres*, tirar certas letras com sua pata dourada e as dispor, empurrando-as docemente, em uma ordem particular. Ao fim de um instante, a cabra compôs uma palavra que parecia treinada a escrever, pois hesitara pouco em formá-la, e Bérangère exclamou, de repente, juntando as mãos de admiração:

– Madrinha Fleur-de-Lys, veja o que a cabra acabou de fazer!

Fleur-de-Lys acorreu e estremeceu. As letras dispostas sobre a prancha formavam esta palavra:

PHCEBUS.

– Foi a cabra que escreveu isso? – perguntou ela com a voz alterada.

– Sim, madrinha – respondeu Bérangère.

Não havia dúvida: a criança não sabia escrever.

“Eis o segredo!”, pensou Fleur-de-Lys.

No entanto, com o grito da criança, todo mundo acorreu, e a mãe, e as jovens, e a boêmia, e o oficial.

A boêmia viu a besteira que a cabra acabara de fazer. Ficou vermelha, depois pálida, e começou a tremer como uma culpada diante do capitão, que a olhava com um sorriso de satisfação e de espanto.

– Phœbus! – cochichavam as jovens, estupefatas – é o nome do capitão!

– A senhorita tem uma memória maravilhosa! – disse Fleur-de-Lys à boêmia, que estava petrificada. Em seguida, desatando-se em lamentos, balbuciou dolorosamente, escondendo o rosto em suas belas mãos: –

Oh! é uma mágica! – E escutou uma voz ainda mais ácida dizer-lhe do fundo do coração: “É uma rival!”

E desmaiou.

– Minha filha! Minha filha! – gritou a mãe, assustada. – Saia daqui, boêmia do inferno!

La Esmeralda juntou num piscar de olhos as desastradas letras, fez sinal a Djali e saiu por uma porta, enquanto Fleur-de-Lys era levada por outra.

O capitão Phoebus ficou só, hesitou um momento entre as duas portas, e então seguiu a boêmia.

II. UM PADRE E UM FILÓSOFO SÃO DOIS

O padre que as jovens haviam observado no alto da torre setentrional, pendurado sobre a praça e tão atento à dança da boêmia, era, de fato, o arquidiácono Claude Frollo.

Nossos leitores não se esqueceram da célula misteriosa que o arquidiácono reservou para si nesta torre. (Não sei, para dizer de passagem, se não seria a mesma cujo interior ainda pode ser visto hoje por um pequeno postigo, quadrada, aberta ao oriente na altura de uma pessoa, sobre a plataforma de onde se erguem as torres; um bojo, hoje nu, vazio e em mau estado, cujos muros, mal rebocados, são *ornados*, aqui e ali, a toda hora, com algumas medíocres gravuras amarelas, representando fachadas de catedrais. Presumo que esse buraco é habitado por morcegos e aranhas, os quais fazem nele uma dupla guerra de exterminação às moscas.)

Todos os dias, uma hora antes do pôr do sol, o arquidiácono subia a escada da torre e se fechava nessa célula, onde passava por vezes noites inteiras. Nesse dia, assim que chegou diante da porta baixa do reduto e pôs na fechadura a pequena chave complicada que trazia sempre consigo na escarcela pendurada a seu lado, ouviu um som de pandeiro e de castanholas. O som vinha da praça do Parvis. A célula, nós já dissemos, tinha apenas um postigo que dava para as costas da igreja. Claude Frollo retomara com rapidez a chave e logo após estava no alto da torre, com a atitude sombria e recolhida de quando as senhoritas o haviam percebido.

Estava lá, grave, imóvel, absorto em um olhar e em um pensamento.

Toda Paris estava sob seus pés, com as mil flechas de seus prédios e seu circular horizonte de suaves colinas, com seu rio que serpenteia sob suas pontes e seu povo que ondula nas suas ruas, com a nuvem de suas fumaças, com a corrente de seus tetos que espremem Notre-Dame em suas malhas redobradas. Mas, em toda essa cidade, o arquidiácono olhava apenas um ponto do pavimento, a praça do Parvis; em toda essa multidão, apenas uma figura, a boêmia.

Seria difícil dizer de que natureza seria este olhar e de onde viria a chama que nele brilhava. Era um olhar fixo, porém pleno de perturbação e de tumulto. E, pela imobilidade profunda de todo seu corpo, apenas agitado de vez em quando por um arrepio maquinal, como uma árvore ao vento, pela rigidez de seus cotovelos mais mármore do que o corrimão em que se apoiava, pelo sorriso petrificado que lhe contraía a face, podia-se dizer que o olhar de Claude Frollo não era o de um vivo.

A boêmia dançava. Girava seu tamborim na ponta do dedo e o lançava no ar, dançando sarabandas provençais; ágil, ligeira, alegre e sem sentir o peso do olhar temível que caía como chumbo sobre sua cabeça.

A multidão fervilhava ao seu redor; às vezes, um homem malvestido de uma casaca amarela e vermelha fazia o círculo, em seguida vinha se sentar numa cadeira a alguns passos da dançarina e punha a cabeça da cabra sobre seus joelhos. Esse homem parecia ser o companheiro da boêmia. Claude Frollo, do ponto elevado em que estava, não podia distinguir seus traços.

Desde o momento em que o arquidiácono avistara esse desconhecido, sua atenção parecia se partir entre a dançarina e ele, e sua face se tornou mais e mais sombria. De repente, aprumou-se e um tremor percorreu todo seu corpo:

– Quem é aquele homem? – perguntou-se entre dentes –, eu sempre a vi só!

Então, ele recaiu sob a abóboda tortuosa da escada em espiral e desceu. Passando pela porta dos sinos que estava entreaberta, viu uma coisa que o espantou, viu Quasímodo pendurado em uma abertura desses anteparos de ardósia que mais parecem enormes persianas, olhando também a praça. Era presa de uma contemplação tão profunda que não percebeu a passagem de seu pai adotivo. Seu olho selvagem tinha uma expressão singular. Era um olhar encantado e doce.

– Que estranho! – murmurou Claude. – Será que é a cigana quem ele olha assim?

Continuou a descer. No fim de alguns minutos, o preocupado diácono saiu na praça pela porta sob a torre.

– Cadê a boêmia? – perguntou enquanto se misturava ao grupo de espectadores que o pandeiro juntara.

– Não sei – respondeu um de seus vizinhos –, ela acabou de desaparecer. Creio que foi fazer algum fandango na casa em frente, de onde a chamaram.

Em lugar da cigana, sobre o mesmo tapete cujos arabescos se apagavam um momento antes sob o desenho caprichoso da dança, o arquidiácono via apenas um homem de vermelho e amarelo, que, para ganhar alguns tostões, caminhava em torno do círculo, os cotovelos sobre os quadris, a cabeça caída para trás, a face vermelha, o pescoço tenso, com uma cadeira entre os dentes. Sobre essa cadeira, acrescentara um gato, emprestado por uma vizinha, que praguejava alto de tanto medo.

– Meu Deus! – exclamou o arquidiácono no momento em que o saltimbanco, em grossas gotas de suor, passou diante dele com sua pirâmide de cadeira e gato –, o que faz aí o senhor Pierre Gringoire?

A voz severa do arquidiácono feriu o pobre-diabo com uma tal comoção que ele perdeu o equilíbrio de sua edificação, e a cadeira e o gato caíram atrapalhadamente sobre a cabeça dos assistentes, no meio de uma vaia infinita.

É provável que o senhor Pierre Gringoire (pois era de fato ele) tivesse, com isso, uma dispendiosa conta a saldar com a vizinha do gato e com todas as faces pisadas e esfoladas ao redor, caso não se apressasse em aproveitar o tumulto para se refugiar na igreja, local que Claude Frollo lhe indicara ao fazer um sinal para que o seguisse.

A catedral já estava escura e deserta. As contranaves estavam cheias de trevas, e as lanternas das capelas começavam a estrelar de tanto que as abóbodas se tornavam negras. Somente a grande rosácea da fachada, com suas mil cores embebidas por um raio horizontal de sol, reluzia na sombra como uma confusão de diamantes e repercutia seu espectro deslumbrante na outra extremidade da nave.

Depois de alguns passos, dom Claude se encostou num pilar e olhou fixamente Gringoire. Esse olhar não era aquele que Gringoire esperava, envergonhado que estava de ter sido surpreendido nesta roupa de

saltimbanco por uma pessoa séria e douda. O olhar do padre nada tinha de zombador e de irônico; era sério, tranquilo, penetrante. O arquidiácono foi o primeiro a romper o silêncio.

– Cá estamos, senhor Pierre. O senhor precisa me explicar isso. Não o via há uns dois meses e agora o encontro na praça, com belos acessórios!, metade amarelo, metade vermelho, como uma maçã de Caudebec?

– Senhor – disse piedosamente Gringoire –, é com certeza uma prodigiosa extravagância, estou mais embaraçado do que um gato com a cabeça presa na gamela. É muito ruim, sei disso, arriscar-me a que os senhores sargentos da ronda venham bater, sobre essa casaca, no úmero de um filósofo pitagórico. Mas, o que o senhor espararia de mim, meu reverendo mestre? A culpa é de meu antigo gibão, que me abandonou covardemente no começo do inverno, sob pretexto de que virara um farrapo e que precisava repousar no cesto do trapeiro. O que fazer? A civilização ainda não evoluiu a ponto de se poder andar nu, como queria o antigo Diógenes. Além disso, o vento estava muito frio e, portanto, não será no mês de janeiro que se arriscará com sucesso esse novo passo da humanidade. Esta casaca se apresentou. Eu a apanhei e deixei minha velha camisa negra, a qual, para um hermético como eu, era bem pouco hermeticamente fechada. Cá estou, então, com meu hábito de histrião, como o Saint Genest. O que mais o senhor quer de mim? É um eclipse. Apolo foi guarda das porcas de Admeto.

– O senhor tem um bom ofício! – retomou o arquidiácono.

– Concorde, meu senhor, que vale muito mais filosofar e poetizar, soprar a chama na forja ou recebê-la do céu, do que equilibrar gatos na calçada. E quando o senhor me apostrofou eu estava mais ridículo do que um burro no espeto. Mas o que o senhor deseja? É preciso viver todos os dias, e os mais belos alexandrinos não valem para a fome mais do que um pedaço de queijo de Brie. Ora, eu havia feito para a senhora Margarida de Flandres aquele famoso epitalâmio que o senhor conhece, e a cidade não me paga por ele, sob pretexto de não ter sido excelente, como se pudéssemos compor, por apenas quatro escudos, uma tragédia de Sófocles. Eu teria, então, morrido de fome. Felizmente, descobri que meu forte é a mandíbula, e eu disse a essa mandíbula: “Faça um esforço de equilíbrio e me alimente.” *Ale te ipsam*. Inúmeros pobres que se tornaram meus bons amigos me ensinaram vinte maneiras de destreza hercúlea, e agora dou a meus dentes, todas as tardes, o pão de cada dia

que eles ganharam com o suor de minha testa. No fim de tudo, *concedo*, aceito que seja um triste emprego de minhas faculdades intelectuais, e que o homem não é feito para passar sua vida a batucar pandeiros e morder cadeiras. Mas, reverendo mestre, não basta viver a vida, é preciso ganhá-la.

Dom Claude escutava em silêncio. De repente, seus olhos encovados tomaram uma tal expressão sagaz e penetrante que Gringoire se sentiu escavado até o fundo da alma por esse olhar.

– Muito bem, senhor Pierre, mas o que aconteceu para que esteja agora em companhia daquela dançarina do Egito?

– Palavra de honra! – disse Gringoire. – Ela é minha mulher e eu sou seu marido.

Os olhos tenebrosos do padre se inflamaram.

– Fez isso, miserável? – gritou, pegando com furor o braço de Gringoire. – Será que o senhor foi tão abandonado por Deus para ter a mão dessa jovem?

– Pelo meu lugar no paraíso, monsenhor – respondeu Gringoire, tremendo por todos os membros –, juro que jamais a toquei, se é isso que lhe inquieta.

– Então, como fala de marido e mulher? – disse o padre.

Gringoire se apressou para lhe contar da forma mais sucinta possível o que o leitor já sabe, sua aventura na Corte dos Milagres e seu casamento do jarro quebrado. E, ao que parece, esse casamento não obteve nenhum resultado, pois desde o primeiro dia a boêmia lhe dissimulava a noite de núpcias.

– É um fracasso – disse ele para terminar –, mas isso se deve à infelicidade de eu me casar com uma virgem.

– O que o senhor quer dizer? – perguntou o arqui-diácono, que se apaziguava aos poucos com o que lhe estava sendo contado.

– É muito difícil de explicar – respondeu o poeta. – É uma superstição. Minha mulher é, como me disse um velho trapeiro chamado entre nós de duque do Egito, uma criança abandonada, ou encontrada, o que é a mesma coisa. Ela traz no pescoço um amuleto que, assegura-se, há de fazê-la reencontrar seus pais, mas que perderia sua virtude se a jovem perder a dela. Por isso que ambos nos mantemos muito virtuosos.

– Então – retomou Claude, cuja fronte clareava – o senhor acredita mesmo que essa criatura jamais se aproximou de um homem?

– O que pode um homem, dom Claude, contra uma superstição? Ela tem essa na cabeça. Concordo que é, de fato, algo raro essa austeridade de freira se conservar de forma brava no meio dessas jovens boêmias, tão facilmente domesticadas. Mas ela tem para protegê-la três coisas: o duque do Egito, que a tomou em sua salvaguarda, contando, talvez, em vendê-la a algum dom abade; toda sua tribo, que tem por ela uma veneração singular, como uma Nossa Senhora; e a esguia adaga que traz sempre consigo escondida, apesar das ordenanças do preboste, e que lhe salta às mãos mal se lhe apanharem pela cintura. É uma vespa orgulhosa, é tudo!

O arqui-diácono esganou Gringoire de perguntas.

La Esmeralda era, no julgamento de Gringoire, uma criatura inofensiva e encantadora; bela até mesmo quando fazia a careta que lhe era particular; uma jovem ingênua e apaixonada, ignorante de tudo e entusiasmada por tudo; sem saber ainda a diferença entre uma mulher e um homem, mesmo em sonho; extraordinária; louca sobretudo pela dança, pelo barulho, pelo ar livre; uma espécie de mulher abelha, de asas invisíveis nos pés, vivendo em um turbilhão. Devia essa natureza à vida errante que sempre levava. Gringoire soubera que, ainda criança, ela havia percorrido a Espanha e a Catalunha, até a Sicília; acreditava mesmo que ela fora levada pela caravana de zingaros de que fazia parte, no reino da Argel, país situado em Acaia, que toca de um lado a pequena Albânia e a Grécia, e de outro o mar das Sicílias, que é o caminho de Constantinopla. Os boêmios, contou Gringoire, eram vassallos do rei da Argel, em sua qualidade de líder da nação de mouros brancos. O certo é que La Esmeralda viera à França, pela Hungria, ainda muito jovem. De todos esses países, a jovem trouxe trapos de jargões bizarros, de cantos e de ideias estrangeiras, que faziam de sua linguagem algo tão matizado quanto suas roupas, metade parisiense, metade africana. De resto, o povo dos bairros que ela frequentava a amava por sua alegria, por sua delicadeza, por seus passos vivazes, por suas danças e por suas canções. Em toda a cidade, ela só acreditava ser odiada por duas pessoas, das quais falava sempre com medo: a *sachette* da Tour Roland, uma vil reclusa que tinha certo rancor contra as ciganas e que maldizia a pobre dançarina cada vez que ela passava diante do postigo; e um padre, sempre que a encontrava, lançava-lhe olhares e palavras que causavam medo. Essa última circunstância perturbou bastante o arqui-diácono, sem que Gringoire desse muita atenção a essa

perturbação, tanto que bastaram dois meses para que o descuidado poeta se esquecesse dos detalhes singulares daquela noite em que encontrara a cigana e da presença do arquidiácono em tudo isso. Além disso, a pequena dançarina nada temia; não lia destinos, o que a defendia desses processos de magia intentados com frequência contra as boêmias. E, enfim, Gringoire ocupava para ela o lugar de irmão, e não de marido.

Com isso, o filósofo suportava com muita paciência essa espécie de matrimônio platônico. Não deixava de ser para ele guarida e pão. Toda manhã, partia à vagabundagem, em geral com a cigana, ajudava-a a recolher nas calçadas moedas e pratas; toda noite, voltava com ela para debaixo do mesmo teto, deixava-a se aferrolhar em seu pequeno recanto e dormia o sono dos justos. Existência deveras doce a tudo tomar, dizia ele, e deveras propícia ao devaneio. Segue-se que, em sua alma e consciência, o filósofo não estava certo de estar perdidamente apaixonado pela boêmia. Amava-a quase tanto quanto à cabra. Era um encantador animal, doce, inteligente, espiritual, uma cabra sábia. Nada mais comum na Idade Média do que esses animais sábios que tanto maravilhavam e levavam com frequência seus instrutores ao fogo. No entanto, as feitiçarias da cabra de patas douradas eram apenas inocentes malícias. Gringoire as explicou ao arquidiácono, que parecia se interessar bastante por esses detalhes. Na maior parte dos casos, era só apresentar o pandeiro à cabra de tal ou qual modo para obter dela o truque desejado. Havia sido treinada para isso pela boêmia, que tinha com essas sutilezas um talento raro, pois em apenas dois meses ensinara a cabra a escrever com letras móveis a palavra *Phœbus*.

– Phœbus! – disse o padre. – Por que Phœbus?

– Não sei – respondeu Gringoire. – Talvez seja uma palavra que ela acha que é dotada de alguma virtude mágica e secreta. Ela a repete sempre em voz baixa quando crê estar só.

– O senhor está certo – retomou Claude, com seu olhar penetrante – de que é apenas uma palavra, de que não é um nome?

– Nome de quem? – perguntou o poeta.

– Eu lá sei? – disse o padre.

– Eis o que imagino, monsenhor. Essas boêmias são um pouco guebras e adoram o sol. Daí Phœbus.

– Não me parece tão claro como para o senhor, senhor Pierre.

– Além do mais, pouco me importa. Que ela resmungue seu Phœbus

à vontade! O certo é que Djali me ama quase tanto quanto a ela.

– Quem é Djali?

– A cabra.

O arqui-diácono pôs seu queixo sobre sua mão e pareceu por um momento pensativo. De repente, voltou-se para Gringoire.

– E o senhor jura que nunca a tocou?

– Toquei quem? – perguntou Gringoire. – A cabra?

– Não, essa mulher.

– Minha mulher? Juro que nunca.

– E com que frequência ficam a sós?

– Uma boa hora, todas as noites. Dom Claude franziu o sobrolho.

– Oh! Oh! *Solus cum sola non cogitabuntur orare Pater noster?* ¹

– Por minha alma, eu poderia dizer o *Pater*, e a *Ave Maria*, e o *Credo in Deum patrem omnipotentem*, sem que ela desse mais atenção a mim do que uma galinha dá à igreja.

– Jura pelo ventre de sua mãe – repetiu o arqui-diácono com violência – que nunca tocou essa criatura com a ponta do dedo.

– Juro também pela cabeça de meu pai, pois as duas coisas têm mais de um sentido. Mas, meu reverendo mestre, permita-me uma pergunta.

– Fale, senhor.

– Que mal isso lhe faz?

A pálida figura do arqui-diácono se tornou vermelha como as faces de uma jovem. Ficou um momento sem responder; em seguida, com um visível embaraço:

– Escute, senhor Pierre Gringoire. O senhor não é ainda um condenado, pelo que sei. Interesse-me pelo senhor e quero seu bem. Ora, basta um contato mínimo com essa cigana do demônio para o senhor se tornar um vassalo de satanás. Saiba que é sempre o corpo que faz perder a alma. Infeliz será o senhor se aproximar-se dessa mulher! Eis tudo.

– Tentei uma vez – disse Gringoire, coçando a orelha. – Foi no primeiro dia, mas fui picado.

– Teve esse atrevimento, senhor Pierre?

A frente do padre se tisonou.

– Uma outra vez – continuou o poeta, sorrindo –, olhei, antes de dormir, pelo buraco da fechadura e vi muito bem a mais deliciosa senhorita em camisola que já fez gemer as lonas do leito sob o pé nu.

– Vá para o diabo! – gritou o padre com um olhar terrível,

empurrando pelas costas um Gringoire estupefato, e se enfiou a largos passos sob as mais sombrias arcadas da catedral.

III. OS SINOS

Desde a manhã do pelourinho, os vizinhos da Notre-Dame perceberam que esfriara o furor carrilhoneiro de Quasímodo. Outrora eram toques a qualquer propósito, de longa alvorada que duravam do começo ao fim das completas, o dobrar para a missa cantada, ricas gradações percorridas pelos pequenos sinos para um matrimônio, para um batizado, que se misturavam no ar como um bordado de todos os tipos de sons encantadores. A velha igreja, toda vibrante e sonora, encontrava-se em uma perpétua alegria de sinos. Sentia-se a presença incessante de um espírito de som e capricho que cantava por todas essas bocas de cobre. Agora, este espírito dava a impressão de ter desaparecido. A catedral parecia fria e guardava de bom gosto o silêncio. As festas e os enterros tinham seu simples dobrar, seco e nu, o que o ritual exigia, nada mais. Do duplo som que faz uma igreja, o órgão dentro, o sino fora, restava apenas o órgão. Podia-se dizer que não havia mais músico no campanário. No entanto, Quasímodo estava sempre lá. O que então se passava com ele? Durariam ainda a vergonha e o desespero do pelourinho no fundo de seu coração, a ponto de os golpes de chicote do torturador repercutirem sem fim em sua alma, e a tristeza de um semelhante tratamento ter tudo nele exterminado, até mesmo sua paixão pelos sinos? Ou ainda, teria Maria uma rival no coração do sineiro de Notre-Dame, e o grande sino e suas quatorze irmãs eram negligenciadas por algo mais amável e mais belo?

Aconteceu que nesse gracioso ano de 1482, a Anunciação, dia 25 de março, caiu numa terça-feira. Neste dia, a atmosfera era pura e tão leve que Quasímodo sentiu voltar algum amor pelos sinos. Montou então na torre setentrional, enquanto o sacristão abria todas as largas portas da igreja, as quais eram de enormes painéis de grossa madeira cobertos de couro bordado de pregos de ferro dourado e emoldurados de esculturas “muito artificialmente elaboradas”.

Ao chegar à alta gaiola do sino, Quasímodo observou por algum tempo, com um triste coçar de cabeça, as seis pequenas campânulas, como se lamentasse que algo estranho se interpusesse em seu coração

entre elas e ele. Porém, quando as balançou, quando sentiu esse cacho de sinos se mover sob as suas mãos, quando viu, pois não a escutava, a oitava palpitante subir e descer sobre essa escala sonora como um pássaro que salta de galho em galho, quando o diabo músico, esse demônio que sacode um feixe cintilante de fugas, trinados e arpejos, assenhorou-se do pobre surdo, voltou então a ser feliz, esqueceu tudo, e seu coração, que se dilatava, desabrochou em sua face.

Ele ia e vinha, batia as mãos, corria de uma corda a outra, animava os seis cantores com a voz e gestos, como um maestro de orquestra que estimula inteligentes virtuosos.

– Vão – dizia –, vá, Gabrielle. Verta todo seu som na praça. Hoje é dia de festa. Thibauld, sem preguiça. Você retarda. Vá, vá, então! Será que você está enferrujado, indolente? Muito bem! Rápido! Rápido! Que ninguém veja o badalo. Tornem todos surdos como eu. Isso, Thibauld, com bravura! Guillaume! Guillaume! Você é o maior, e Pasquier é o menor, e Pasquier vai melhor. Aposto que aqueles que ouvem ouvem-no melhor do que você. Muito bem! Muito bem! Minha Gabrielle, forte! Mais forte! Ei, o que fazem os pardaizinhos então aí em cima? Não vejo vocês fazerem o menor barulho. O que foi feito desses bicos de cobre que mais parecem bocejar quando é preciso cantar? Isso, trabalho! É a Anunciação. Faz um belo sol. É preciso um belo carrilhão. Pobre Guillaume! Você está todo esbaforido, meu caro!

Quasímodo estava totalmente ocupado em agulhoar seus sinos, que saltavam todos os seis ao seu desafio e sacudiam suas garupas luzentes como uma ruidosa parelha de mulas espanholas picadas aqui e ali pelas apóstrofes do zagal.

De repente, deixando cair seu olhar entre as largas escamas de ardósia que recobrem uma certa altura da parede vertical do campanário, viu na praça uma jovem vestida de modo estranho, que desenrolava no chão um tapete onde uma pequena cabra vinha se colocar, e um grupo de espectadores em seu redor. No mesmo instante, essa visão mudou o curso de suas ideias e congelou seu entusiasmo musical como um sopro de ar congela uma resina em fusão. Ele parou, voltou as costas ao carrilhão e se agachou atrás do guarda-vento de ardósia, fixando sobre a dançarina esse olhar pensativo, terno e doce, que já tivera, outrora espantado, o arquidiácono. No entanto, os sinos esquecidos bruscamente se extinguíram ao mesmo tempo para grande desapontamento dos amantes de sinos, os quais ouviam de bom gosto

o carrilhão sobre o Pont-au-Change; estes então se foram, decepcionados como um cão a quem se mostra um osso e se dá uma pedra.

IV. 'ΑΝΑΓΚΗ

Aconteceu que, na bela manhã do dia 29 desse mesmo mês de março, creio que era um sábado, dia de Saint Eustache, nosso jovem amigo estudante Jehan Frollo du Moulin percebeu, ao se vestir, que não tinha metal algum em suas bragas, onde guardava seu porta-moedas. “Pobre porta-moedas!”, pensou ele, tirando-o de seu bolso. “Como assim! Nenhuma pequena prata! Os dados, as canecas e Vênus cruelmente o esvaziaram! Como se vê agora, está vazio, enrugado e frouxo! Assemelha-se à gorja de uma fúria! E lhes peço, mestres Cícero e Sêneca, cujos exemplares vejo carcomidos e dispersos ao abandono, de que me serve saber mais do que o general das moedas ou um judeu do Pont-aux-Changeurs que um escudo de ouro da coroa vale 36 onzenas de 25 soldos e oito dinheiros parisienses cada, e que um escudo em crescente vale 36 onzenas de 26 soldos e dez dinheiros torneses por peça, se eu não tenho um miserável vintém negro para apostar no duplo seis! Oh! Cônsul Cícero! Não é uma calamidade de que se saia com perífrases, *quemadmodum* e *verum enim vero*!”²

Vestiu-se com tristeza. Um pensamento lhe viera justo atando as botinas, mas ele o recusou a princípio; no entanto, o pensamento voltou e ele vestiu seu colete pelo avesso, sinal evidente de um combate interior. Enfim, lançou rudemente seu boné no chão e exclamou: “Tanto pior! E o será o quanto puder! Irei a meu irmão. Serei apanhado por um sermão, mas apanharei um escudo.”

Então, pôs nos ombros rapidamente sua casaca de ombreiras forradas, vestiu o boné e saiu desesperado.

Desceu a rua de la Harpe na direção da Cité. Passando pela rua de la Huchette, o odor desses admiráveis espetos que giram sem parar castigou seu aparelho olfativo, e ele lançou um olhar de amor à ciclópica churrascaria que tiraria, um dia, do franciscano Calatagirone esta patética exclamação: “*Veramente, queste rotisserie sono cosa stupenda!*”³ Jehan, porém, não tinha como almoçar e se enfiou, com um suspiro profundo, sob o portal do Petit-Châtelet, enorme duplo trifólio

de torres pesadas que guardava a entrada da Cité.

Nem sequer teve tempo de lançar uma pedra ao passar, como era seu costume, pela miserável estátua deste Périnet Leclerc, que entregara a Paris de Carlos VI aos ingleses, crime que sua imagem, a face esmagada pelas pedras e imunda de lama, expiou durante três séculos na esquina das ruas de la Harpe e de Bussi, como um pelourinho eterno.

Após atravessar o Petit-Pont, seguir a rua Neuve-Sainte-Geneviève, Jehan de Molendino se encontrava diante da Notre-Dame. Então, sua indecisão foi retomada, e ele circulou por alguns instantes ao redor da estátua do senhor Legris, repetindo com angústia:

– O sermão é certo, o escudo é duvidoso! Aproximou-se de um sacristão que saía do claustro.

– Onde se encontra o monsenhor arquiidiácono de Josas?

– Creio que está em seu recanto na torre – disse o sacristão –, e não aconselho que o senhor vá perturbá-lo, a menos que venha da parte de alguém como o papa ou o monsenhor rei.

Jehan esfregou as mãos. “Pelo capeta! Que magnífica ocasião de ver o famoso recanto das feitiçarias!”

Determinado por essa reflexão, enfiou-se pela pequena porta negra e subiu a escadaria em caracol de Saint-Gilles que leva aos andares superiores da torre.

– Verei! – disse para si próprio enquanto subia. – Pela coroa da Santa Virgem! Deve ser curiosa essa célula que meu reverendo irmão esconde como ao próprio podendo! Dizem que ele acende a cozinha do inferno e cozinha em muito fogo a pedra filosofal como um caranguejo, mas eu gostaria mais de encontrar sobre seu forno uma omelete de ovos de Páscoa com toucinhos do que a maior pedra filosofal do mundo.

Ao chegar à galeria das colunatas, praguejou contra a interminável escadaria não sei quantas carradas de diabos, e em seguida retomou sua ascensão pela estreita porta da torre setentrional, hoje proibida ao público. Logo depois que ultrapassou a câmara dos sinos, viu-se num pequeno patamar construído em um reforço lateral e, sob a cúpula, a porta baixa e ogival, cuja seteira perfurada em frente, na parede circular da escada, permitia-lhe observar a enorme fechadura e a poderosa armadura de ferro. Quem hoje tiver a curiosidade de visitar essa porta irá reconhecê-la por esta inscrição, gravada em letras brancas na muralha negra: “Adoro Coralie, 1829. Assinado Ugène.” *Assinado* está no texto.

– Ufa! – disse o estudante. – Com certeza é aqui.

A chave estava na fechadura; a porta, aberta. Empurrou-a lentamente e passou sua cabeça pela abertura.

O leitor não deve chegar aqui sem ter folheado a obra admirável de Rembrant, esse Shakespeare da pintura. Entre tantas maravilhosas gravuras, há, em particular, certa água-forte que representa, pelo que se supõe, o doutor Fausto, e que é impossível contemplá-la sem deslumbramento. É uma sombria célula. No meio, uma mesa carregada de objetos hediondos, caveiras, esferas, alambiques, compassos, pergaminhos hieroglíficos. O doutor está diante dessa mesa, vestido de seu grosso manto e com seu chapéu forrado que vai até os sobrolhos. Só se vê metade de seu corpo, que está elevado de sua imensa poltrona, seus punhos crispados se apoiam na mesa, e observa, com curiosidade e terror, um grande círculo luminoso, formado de letras mágicas, que brilha sobre a parede do fundo como um espectro solar na câmara negra. O sol cabalístico parece tremer à vista e preenche a abafada célula com seu raio misterioso. É terrível e belo.

Algo muito semelhante à célula de Fausto se ofereceu à vista de Jehan quando arriscou sua cabeça pela porta entreaberta. Era assim um reduto sombrio e mal iluminado. Havia também uma grande poltrona e uma enorme mesa, compassos, alambiques, esqueletos de animais pendurados no teto, uma esfera rolando pelo chão, estranhos vasilhames onde tremiam folhas de ouro, cabeças de mortos postas sobre velinos matizados de figuras e caracteres, grossos manuscritos empilhados e abertos sem piedade pelos ângulos severos dos pergaminhos, enfim, toda imundície da ciência, e por todo canto, sobre essa confusão, poeira e teias de aranha; mas não havia nenhum círculo de letras luminosas, nenhum doutor em êxtase contemplando uma chamejante visão, como a água olhando seu sol.

No entanto, a célula não estava deserta. Um homem estava sentado na poltrona e curvado sobre a mesa. Jehan, para quem ele voltava as costas, podia ver apenas suas costas e a nuca de seu crânio; mas não teve dificuldade de reconhecer essa cabeça calva, à qual a natureza fizera uma tonsura eterna, como se ela quisesse marcar com um símbolo exterior a irresistível vocação clerical do arquidiácono.

Jehan reconheceu seu irmão. No entanto, a porta fora aberta tão docemente que nada advertia dom Claude de sua presença. O curioso estudante aproveitou para examinar à vontade a célula por alguns

instantes. Um largo forno, que não percebera de início, estava à esquerda da poltrona, sob o postigo. O raio do dia que penetrava por essa abertura atravessava uma redonda teia de aranha, que inscrevia com gosto sua rosácea delicada na ogiva do postigo e em cujo centro o inseto arquiteto permanecia imóvel, como se fosse o cubo dessa roda de renda. Sobre o forno estavam acumulados em desordem todos os tipos de vasos, frascos de grés, retortas de vidro, matrizes de carvão. Jehan observou, suspirando para que houvesse aí uma gamela. “Está feito, o trem de cozinha!”, pensou.

De resto, não havia fogo no forno, e parecia mesmo que não era aceso havia muito tempo. Uma máscara de vidro, que Jehan observou entre os utensílios da alquimia, e que servia, sem dúvida, para preservar o rosto do arquidiácono quando elaborava alguma substância duvidosa, estava num canto, coberta de poeira, como se esquecida. Ao lado, jazia um fole não menos empoeirado, cuja folha superior trazia esta legenda incrustada em letras de cobre: *Spira, Spera*.

Outras legendas estavam escritas, segundo a moda dos herméticos, em grande número sobre as paredes; algumas traçadas a tinta, outras gravadas com uma ponta de metal. De resto, letras góticas, letras hebraicas, letras gregas, letras romanas, ao léu, as inscrições transbordavam ao acaso, estas sobre aquelas, as mais recentes apagando as mais antigas, e todas embaraçadas umas com as outras, como os ramos de uma moita, como espadas em um combate. Eram muito confusas e nelas se misturavam todas as filosofias, todos os devaneios, todas as sabedorias humanas. Havia uma aqui e ali que brilhava mais do que as outras, como uma bandeira entre ferros de lança. Eram, em geral, breves divisas latinas ou gregas, como as formulava tão bem a Idade Média: *Unde? Inde? Homo homini monstrum./ Astra, castra, nomem, numen./* βιβλίον μέγα χαχόν. / *Sapere aude./ Flat ubi vult.* etc.; por vezes, uma palavra despojada de qualquer sentido aparente:

Ἀναγχοφαγία⁵, o que escondia talvez uma alusão amarga ao regime do claustro; por vezes, uma simples máxima de disciplina clerical formulada em um hexâmetro regulamentar: *Coelestem dominum, terrestrem dicito dommum*.⁶ Havia também passim de garranchos hebraicos, dos quais Jehan, já bem fraco em grego, nada compreendia, e o todo era atravessado por estrelas, figuras de homens, de animais e de triângulos que se interseccionavam, o que muito contribuía para que as paredes rabiscadas da célula se assemelhassem a uma folha de papel

sobre a qual um macaco passeara com uma pluma carregada de tinta.

De resto, o conjunto do recanto apresentava um aspecto geral de abandono e ruína; e o mau estado dos utensílios deixava supor que o mestre estava já, desde muito tempo, distraído de seus trabalhos por outras preocupações.

Esse mestre, no entanto, inclinado sobre um vasto manuscrito ornado de pinturas bizarras, parecia atormentado por uma ideia que vinha sempre se misturar às suas meditações. Era, ao menos, o que Jehan julgou ao ouvi-lo exclamar com as intermitências pensativas de um nefelibata que sonha alto.

– Sim, como Manou disse e Zoroastro ensinava, o sol nasce do fogo; a lua, do sol. O fogo é a alma do grande todo. Seus átomos elementares se espalham e correm sem cessar sobre o mundo por correntes infinitas. Nos pontos em que essas correntes se entrecruzam no céu, produz-se a luz; e seus pontos de interseção com a terra produzem o ouro... A luz, o ouro, a mesma coisa. Do fogo ao estado concreto... A diferença entre o visível e o palpável, entre o fluido e o sólido para uma mesma substância, entre o vapor d'água e o gelo. Nada mais... Com certeza não são delírios... é a lei geral da natureza... Mas como fazer para extrair da ciência o segredo dessa lei geral? Ora! Esta luz que inunda minha mão não é de ouro? Estes mesmos átomos dilatados segundo uma certa outra lei, trata-se de condensá-los uma outra lei!... Como fazer?... Alguns imaginaram esconder um raio do sol... Averróis... sim, foi Averróis... Averróis enterrou um deles sob o primeiro pilar da esquerda do santuário do corão, no grande templo muçulmano de Córdoba; mas só se poderá abrir a cova para ver se a operação se realizou daqui a oito mil anos.

– Diabo! – murmurou Jehan. – Há muito que espero pelo dinheiro!

– ... Outros pensaram – continuou concentrado o arquidiácono – que seria melhor operar sobre o raio de Sirius. Mas é muito penoso obter esse raio puro devido à presença simultânea de outras estrelas que vêm aí se misturar. Flamel estima que é mais simples operar sobre o fogo terrestre. Flamel! Que nome predestinado, *Flamma!*... Sim, o fogo. Eis tudo... O diamante está no carvão, o ouro está no fogo. Mas como tirá-lo daí?... Magistri afirma que há certos nomes de mulher com um encantamento tão doce e misterioso que basta pronunciá-los durante a operação... Vamos ler o que diz Manou: “Onde as mulheres são lisonjeadas, as divindades se regozijam; onde são desprezadas, é inútil

pedir a Deus... A boca de uma mulher é sempre pura; é água corrente, é um raio de sol... O nome de uma mulher deve ser agradável, doce, imaginário; acabar por vogais longas e se parecer com palavras de bênção.” Sim, o sábio tem razão: Maria, Sofia, La Esmeral... Diabo! Sempre este pensamento!

E fechou o livro com violência.

Passou a mão pela fronte como se para afugentar a ideia que o obsecava. Em seguida, apanhou sobre a mesa um prego e um pequeno martelo cujo cabo era curiosamente pintado com letras cabalísticas.

– Depois de algum tempo – disse com um sorriso amargo –, fracasso em todas as minhas experiências. A ideia fixa me possui e mancha meu cérebro como um trifólio de fogo. Não pude reencontrar o segredo de Cassiodora, cuja lâmpada brilhava sem mecha e sem óleo. Coisa simples, no entanto!

– Peste! – disse para si Jehan.

– ... Basta então – continuou o padre – um miserável pensamento para tornar o homem fraco e louco! Oh! Claude Pernelle ria de mim, logo ela que não pode desviar por um momento Nicolas Flamel da busca de uma grande obra! Ora! Tenho em minha mão o martelo mágico de Zéchiél! A cada golpe que o temível rabino, do fundo de sua célula, batia sobre este prego com este martelo, aquele de seus amigos que ele condenara, mesmo a duas mil léguas, enterrava-se um côvado na terra que o devorava. O próprio rei da França, por ter batido levemente à porta do taumaturgo, enterrou-se na sua calçada de Paris até os joelhos... Isso se passou há três séculos... Pois bem! Tenho o martelo e o prego, e não são instrumentos mais formidáveis em minhas mãos do que um maço de tanoeiro nas mãos de um cuteleiro... No entanto, trata-se apenas de encontrar a palavra mágica que Zéchiél pronunciava quando batia em seu prego.

“Bagatela!”, pensou Jehan.

– Vejamos, tentemos – retomou vivamente o arquidiácono. – Se eu conseguir, verei a fagulha azul brotar da cabeça do prego... *Emen-bétan! Emen-bétan!*... Não é esta... *Sigéani! Sigéani!*... Que este prego abra a tumba de alguém que traga o nome de Phœbus!... Maldição! Sempre, ainda, eternamente a mesma ideia!

E lançou o martelo com cólera. Em seguida, prostrou-se de tal forma na poltrona e sobre a mesa que Jehan o perdeu de vista atrás do enorme espaldar. Durante alguns minutos, viu apenas seu punho

crispado sobre um livro. De súbito, dom Claude se levantou, pegou um compasso e gravou em silêncio sobre a parede, em letras capitais, esta palavra grega:

‘ΑΝΑΓΚΗ

– Meu irmão enlouqueceu – disse Jehan consigo mesmo. – Seria bem mais simples escrever *fatum*. Ninguém é obrigado a saber grego.

O arquidiácono voltou para seu sofá, posou sua cabeça sobre as mãos, como faz um doente cuja fronte é pesada e febril.

O estudante observava seu irmão com surpresa. Não sabia que ele expunha seu coração, que a única lei do mundo que ele obedecia era a boa lei da natureza, que ele deixava correr suas paixões pelas suas inclinações, e que o lago dele das grandes emoções era sempre seco de tanto lhe abrir, a cada manhã, um novo sulco; não sabia com qual fúria esse mar de paixões humanas fermenta e borbulha quanto mais se lhe recusa toda saída, como se acumula, como infla, como transborda, como escava o coração, como rebenta em lamentos interiores e em surdas convulsões, até romper seus diques e abrir seu leito. A capa austera e glacial de Claude Frollo, essa fria superfície de virtude escarpada e inacessível, sempre enganara Jehan. O alegre estudante nunca sonhara que houvesse lava fervente, furiosa e profunda sob a fronte de neve do Etna.

Não sabemos se Jehan se dera conta subitamente dessas ideias; no entanto, como estava tudo evaporado, compreendeu ter surpreendido a alma de seu irmão mais velho em uma de suas mais secretas atitudes, e que não era preciso que Claude percebesse. Vendo que o arquidiácono recaíra em sua imobilidade inicial, retirou sua cabeça silenciosamente e fez um ruído de passo atrás da porta, como alguém que chega e que avisa sua chegada.

– Entre! – gritou o arquidiácono do interior da célula –, eu o espero. Deixei de propósito a chave na porta. Entre, senhor Jacques.

O estudante entrou corajosamente. O arquidiácono, a quem uma visita semelhante desagradava tanto em tal lugar, estremeceu sobre sua poltrona.

– O quê? É o senhor, Jehan?

– De qualquer forma é um J – disse o estudante com sua face vermelha, descarada e alegre.

A face de dom Claude retomara a expressão severa.

– O que veio fazer aqui?

– Meu irmão – respondeu o estudante, esforçando-se para apresentar uma aparência decente, piedosa e modesta, e torcendo seu bicornio nas mãos, com ar de inocência –, eu venho pedir...

– O quê?

– Um pouco de moral, de que tenho grande necessidade.

Jehan ousaria acrescentar bem alto: “E um pouco de dinheiro, de que tenho maior necessidade ainda.” Mas esta última frase não foi dita.

– Estou muito descontente com o senhor – disse o arqui-diácono com um tom frio.

– Uma pena! – suspirou o estudante.

Dom Claude voltou um quarto de círculo em sua poltrona e olhou fixamente Jehan.

– Fico contente em vê-lo.

Era um preâmbulo temível. Jehan se preparou para um rude embate.

– Jehan, todos os dias recebo queixas sobre o senhor. O que é essa bateria em que o senhor pisou a bastonadas o pequeno visconde Albert de Ramonchamp?...

– Oh! – disse Jehan –, grande coisa! Um perverso pajem que gostava de macular os estudantes fazendo seu cavalo correr na lama!

– Quem é esse Mahiet Fargel, de quem o senhor rasgou as vestes? *Tunicam dechiraverunt*, diz a queixa.

– Ah! Um malvado capeta de Montaigu! Eis o que é!

– A queixa diz *tunicam* e não *cappettam*. O senhor sabe latim? Jehan não respondeu.

– Sim! – prosseguiu o padre abanando a cabeça, eis onde agora estão os estudos e as letras. A língua latina é apenas escutada; o siríaco, desconhecido; o grego, de tal forma odioso que já não é ignorância entre os mais sábios se saltar uma palavra grega sem lê-la e se dizer: *Graecum est, non legitur*.

O estudante elevou os olhos.

– Senhor meu irmão, agradaria-lhe se eu traduzisse em bom francês essa palavra grega que está escrita ali sobre a parede?

– Que palavra?

– ‘ΑΝΑΓΚΗ.

Um ligeiro rubor se espalhou sobre as amarelas bochechas do arqui-diácono, como o sopro de fumaça que anuncia as secretas

comoções de um vulcão. O estudante apenas observou.

– Então, Jehan – balbuciou com esforço o irmão mais velho. – O que essa palavra quer dizer?

– FATALIDADE.

Dom Claude ficou pálido, e o estudante prosseguiu com descuido.

– E esta palavra gravada abaixo pela mesma mão, 'Αναγνεία, significa *impureza*. Veja que sei grego.

O arquiidiácono ficou silencioso. Essa lição de grego o deixou pensativo. O pequeno Jehan, que tinha toda a astúcia de uma criança mimada, julgou o momento favorável para arriscar seu pedido. Fez, então, uma voz bem doce e começou.

– Meu bom irmão, teria o senhor raiva de mim a ponto de me fazer cara feia por alguns malvados insultos e socos distribuídos lealmente a rapazes e fedelhos, *quibusdam mormosetis* ? Veja, bom irmão Claude, que aqui se sabe latim.

Mas toda essa carinhosa hipocrisia não teve, sobre o severo irmão mais velho, seu efeito de costume. Cérbero não mordeu o bolo de mel. A fronte do arquiidiácono não desfez uma dobra.

– Aonde o senhor quer chegar? – perguntou com um tom seco.

– Pois bem, vou direto ao assunto! – respondeu com coragem Jehan.
– Preciso de dinheiro.

Com essa declaração corajosa, a fisionomia do arquiidiácono ganhou uma completa expressão pedagógica e paternal.

– Saiba, senhor Jehan, que nosso feudo de Tirechappe, colocando em bloco o censo e as rendas de 21 casas, não rende mais de 39 libras, onze soldos e seis dinheiros parisienses. É mais da metade do que no tempo dos irmãos Paclets, mas não é muito.

– Preciso de dinheiro – disse estoicamente Jehan.

– Saiba que o oficial decidiu que nossas 21 casas se situam em pleno feudo do bispado, e que nós não poderíamos compensar essa homenagem a não ser pagando ao reverendo bispo dois marcos de prata dourada com o preço de seis libras parisienses. Ora, esses dois marcos, ainda não consegui acumulá-los. Saiba o senhor.

– O que sei é que tenho necessidade de dinheiro – repetiu Jehan pela terceira vez.

– E o que o senhor deseja fazer?

Essa pergunta fez brilhar um clarão de esperança nos olhos de Jehan. Ele retomou sua aparência amorosa e adocicada.

– Veja, querido irmão Claude, não me dirijo ao senhor com má intenção. Não se trata de fazer o belo nas tavernas com suas onzenas nem de passear pelas ruas de Paris, com a carapaça de um bode de ouro, com meus lacaios, *cum meo laquasio*. Não, meu irmão, é por uma boa obra.

– Qual boa obra? – perguntou Claude, um tanto surpreso.

– Dois amigos desejam comprar um enxoval para o recém-nascido de uma pobre viúva *baudriette*. É uma caridade. Custará três florins, e eu gostaria de dar a minha parte.

– Como se chamam seus amigos?

– Pierre Assommeur e Baptiste Croque-Oison.⁸

– Hum! – disse o arquidiácono –, eis os nomes que vão a uma boa obra como uma bombarda sobre um altar-mor.

Decerto, Jehan escolhera muito mal os dois nomes dos amigos. Percebeu tarde demais.

– E, então – prosseguiu o sagaz Claude –, qual é o enxoval que custará três florins? É para uma criança de uma *baudriette*? Desde quando as viúvas *baudriettes* têm criança e fralda?

Jehan quebrou de novo o gelo.

– Com certeza que sim! Preciso de dinheiro para ver esta noite Isabeau la Thierrye em Val-d'Amour!

– Impuro miserável! – exclamou o padre.

– *Ἀναγνεία* – disse Jehan.

Essa citação, que o estudante tomou emprestada, talvez com malícia, da parede da célula, teve sobre o padre um efeito singular. Ele mordeu os próprios lábios, e sua cólera se fundiu em vermelhidão:

– Saia daqui – disse então a Jehan. – Espero alguém.

O estudante tentou ainda um esforço.

– Irmão Claude, conceda-me ao menos uma pequena moeda cunhada em Paris para eu comer.

– Onde estão suas decretais de Graciano?

– Perdi todos os meus cadernos.

– Onde estão suas humanidades latinas?

– Roubaram-me o exemplar de Horatius.

– Onde está seu Aristóteles?

– Palavra de honra, irmão! Qual é o padre de igreja que diz que a causa do engano dos heréticos é sempre se meterem no mato emaranhado da metafísica de Aristóteles? Maldito seja Aristóteles! Não

desejo afligir minha religião com sua metafísica.

– Jovem – retomou o arqui-diácono –, na última visita do rei, havia um fidalgo chamado Philippe de Comines, que trazia sua divisa bordada no arnês de seu cavalo, a qual aconselho ao senhor meditar: *Qui non laborat non maducet*.⁹

Por um momento, o estudante se manteve silencioso, o dedo no ouvido, o olhar fixo no chão, aparência irritada. De repente, voltou a Claude com a viva presteza de uma pastorinha.

– Assim, bom irmão, o senhor me recusa um soldo parisiense para comprar uma côdea no padeiro?

– *Qui non laborat non manducet*.

Com essa resposta do inflexível arqui-diácono, Jehan escondeu sua cabeça nas mãos, como uma mulher que se lamenta, e exclamou com uma expressão de desespero:

– Οτοτοτοτοτοτῷ¹⁰

– O que isso quer dizer, senhor? – perguntou Claude, surpreso com essa afronta.

– Ora essa! – disse o estudante, fixando sobre Claude os olhos descarados, os quais acabara de apertar com os punhos para lhes dar o rubor das lágrimas. – É grego! É um anapesto de Ésquilo que exprime perfeitamente a dor.

E começou a rir tão bufão e tão violento que o arqui-diácono sorriu. Era, de fato, culpa de Claude! Por que mimara tanto essa criança?

– Oh! Bom irmão Claude – retomou Jehan, animado com esse sorriso –, veja os meus calçados furados. Há coturno mais trágico no mundo do que essas botinas cujas solas mais parecem uma língua?

Rapidamente, o arqui-diácono retomou sua austeridade anterior.

– Enviarei botinas novas ao senhor. Mas nada de dinheiro.

– Irmão, só lhe peço uma pequena moeda cunhada em Paris – prosseguiu o suplicante Jehan. – Saberei Graciano de cor, acreditarei mais em Deus, serei um verdadeiro Pitágoras da ciência e da virtude. Mas, uma pequena moeda cunhada em Paris, pela graça! Deseja o senhor que a fome me morda com esta garganta escancarada diante de mim, mais negra, mais mal cheirosa, mais profunda do que um Tártaro ou do que as narinas de um monge?

Dom Claude meneou a cabeça franzida.

– *Qui non laborat...*

Jehan não o deixou terminar.

– Muito bem – gritou –, ao diabo! Viva a alegria! Frequentarei as tabernas, brigarei, quebrarei vasos, irei às jovens!

E então arremessou seu chapéu contra a parede e estalou os dedos como se fossem castanholas.

O arquidiácono lhe lançou um olhar sombrio.

– Jehan, o senhor não tem alma.

– Neste caso, segundo Epicuro, me falta alguma coisa que não tem nome.

– Jehan, preciso me preocupar seriamente em corrigi-lo.

– Veja – gritou o estudante, olhando ora seu irmão, ora os alambiques do forno –, sua cabeça é tão extravagante de ideias quanto essas garrafas!

– Jehan, o senhor caminha por uma encosta perigosa. Sabe aonde vai?

– Ao cabaré – disse Jehan.

– O cabaré leva ao pelourinho.

– É de qualquer forma uma lanterna acesa, e talvez com ela Diógenes encontrasse seu homem.

– O pelourinho leva à força.

– A força é uma balança que tem um homem, de um lado, e toda a terra, do outro. É bom ser homem.

– A força leva ao inferno.

– É a grande chama.

– Jehan, Jehan, o fim é o mal.

– O começo terá sido bom.

Nesse momento, ouviram-se ruídos de passos na escada.

– Silêncio! – disse o arquidiácono, levando o dedo aos lábios. – O mestre Jacques chegou. Escute, Jehan – cochichou –, jamais fale do que o senhor viu e ouviu aqui. Esconda-se rápido atrás deste forno e nem sequer respire.

O estudante se encolheu atrás do forno. Veio-lhe, então, uma ideia fecunda.

– A propósito, irmão Claude, um florim para eu não respirar.

– Silêncio! Eu prometo.

– É melhor o senhor me dar agora.

– Tome, então! – disse o arquidiácono, lançando-lhe com cólera seu porta-moedas de couro.

Jehan se enfiou atrás do forno, e a porta se abriu.

O personagem que entrara vestia um roupão negro e a expressão sombria. O que saltou à primeira vista de nosso amigo Jehan (que, como era de esperar, arranjou-se em seu canto de modo a poder ver e ouvir tudo o que quisesse) era a perfeita tristeza das vestes e da expressão desse recém-chegado. Havia, no entanto, certa doçura expandida nessa figura, mas uma doçura de gato ou de juiz, uma doçura afetada. Cabelos brancos, testa enrugada, chegava a sessenta anos, sobranceiras brancas, lábios pendentes e mãos gordas. Quando Jehan viu que não se tratava disso, ou seja, era sem dúvida um médico ou um magistrado, e que esse homem tinha o nariz tão afastado da boca, sinal de estupidez, comprimiu-se ainda mais em seu buraco, desesperado de ter de passar um tempo indefinido em tão incômoda postura e em tão má companhia.

O arqui-diácono, no entanto, não se levantou para receber esse personagem. Fez-lhe sinal que se sentasse num escabelo vizinho à porta e, depois de alguns instantes de silêncio, em que parecia continuar uma meditação anterior, disse com alguma reserva:

– Bom dia, senhor Jacques.

– Salve, mestre! – respondeu o homem de negro.

Havia nas duas maneiras com que foi pronunciado, por uma parte, esse “senhor Jacques” e, por outra, esse “mestre”, a diferença por excelência entre “monsieur” e “senhor”, entre “*domine*” e “*domne*”. Eram, com certeza, os cumprimentos entre um doutor e um discípulo.

– Muito bem – retomou o arqui-diácono após um novo silêncio, que o senhor Jacques não desejou perturbar. – O senhor conseguiu?

– Ai de mim, meu senhor – disse o outro com um sorriso triste –, sopro todo dia. Até as cinzas, de tanto que desejo conseguir. Mas nem um cintilar do ouro.

Dom Claude fez um gesto de impaciência.

– Não falo disso, senhor Jacques Charmolue, mas do processo de seu mágico. Não é Marc Cenaine que o senhor chama de provador de vinhos da corte dos condes? Teve sua magia? Chegou ao que queria?

– Infelizmente não – respondeu o senhor Jacques, sempre com um sorriso triste. – Não tivemos essa consolação. Esse homem é uma pedra. Será queimado em Marché-aux-Pourceaux antes que diga alguma coisa.

No entanto, não poupamos nada para chegar à verdade. Ele já está todo desconjuntado. Nós lhe aplicamos todos os remédios de Saint-Jean, como diz o velho Plauto, “*Advorsum stimulos, laminas, crucesque, compedesque, nervos, catenas, carceres, numellas, pedicas, boias*”.¹¹ Nada feito. Esse homem é terrível. Com ele, perco meu latim.

– Não encontrou nada de novo em sua casa?

– Encontrei – disse o senhor Jacques, buscando um determinado pergaminho em sua escarcela. – Há duas palavras acima que não compreendemos. O senhor advogado criminal Philippe Lheulier sabe, no entanto, um pouco de hebraico que aprendeu no processo dos judeus da rua Kantersten, em Bruxelas.

E, falando assim, o senhor Jacques desenrolou o pergaminho.

– Dê-me – disse o arquiidiácono. E, lançando os olhos sobre esse documento: – Pura magia, senhor Jacques! *Emen-bétan!* É o grito das corujas quando chegam ao sabá. *Per ipsum, et cum ipso, et in ipso!*¹² É o comando que há de encerrar de novo o diabo no inferno. *Hax, pax, max!*¹³ Essa é a medicina. Uma fórmula contra a mordida de cães raivosos. Senhor Jacques! O senhor é procurador do rei na corte da Igreja, este pergaminho é abominável.

– Nós levaremos o homem ao interrogatório. Eis ainda – acrescentou o senhor Jacques, buscando de novo em sua sacola – o que encontramos na casa de Marc Cenaine.

Era um vaso de família daqueles que cobriam o forno de dom Claude.

– Ah! – disse o arquiidiácono –, um cadinho de alquimia.

– Aviso ao senhor – retomou o senhor Jacques com seu sorriso tímido e desajeitado – que tentei usá-lo no forno, mas não consegui mais do que com o meu próprio.

O arquiidiácono examinou o vaso.

– O que há gravado neste cadinho? *Och! Och!* A palavra de caçar pulgas! Este Marc Cenaine é um ignorante! Decerto o senhor não fará ouro com isto! É bom de ter na alcova no verão, eis tudo!

– Já que estamos enganados sobre isso – disse o procurador do rei –, acabo de estudar o portal de baixo antes de subir. Vossa reverência está certa de que a abertura do trabalho de física está aí figurada no lado do Hôtel-Dieu, e que, nas sete figuras nuas que estão aos pés de Nossa Senhora, aquela que tem asas nos calcanhares é Mercúrio?

– Sim – respondeu o padre. – Augustin Nypho o escreveu, este

doutor italiano que tinha um demônio barbudo que lhe ensinava tanta coisa. De resto, vamos descer e explicarei isso ao senhor no próprio texto.

– Sou-lhe grato, meu senhor – disse Charmolue, inclinando-se até o chão. – A propósito, esquecia-me! O quanto seria do seu agrado se eu fizesse com que a pequena encantadora fosse presa?

– Que encantadora?

– A boêmia que, o senhor muito bem sabe, baila todo dia na esplanada apesar da proibição oficial! Ela tem uma cabra possuída que tem chifres do diabo, que lê, que escreve, que sabe matemática como Picatrix, e que bastaria para fazer prender toda a Boêmia. O processo está completo. Cedo será feito. Uma bela criatura, pela minha alma, essa dançarina! Os mais belos olhos negros! Dois rubis do Egito! Quando começaremos?

O arquidiácono ficou bastante pálido.

– Direi ao senhor a tempo – balbuciou com uma voz apenas articulada. Em seguida, retomou com esforço: – Ocupe-se com o senhor Marc Cenaine.

– Fique tranquilo – disse sorrindo Charmolue. – Eu mesmo o afivelarei de novo ao leito de couro. Mas esse homem é um diabo. Cansa até mesmo a Pierrat Torterue, que tem as mãos mais grossas do que as minhas. Como diz o bom Plauto, “*Nudus vincetus, centum pondo es quando pendes per pedes*”.¹⁴ Perguntar ao cabresto! É o que temos de melhor. Ele vai passar por isso.

Dom Claude parecia mergulhado em uma sombria distração. Voltou-se para Charmolue.

– Senhor Pierrat... senhor Jacques, quero dizer, ocupe-se com Marc Cenaine!

– Sim, sim, dom Claude. Pobre homem! Há de sofrer como Mummol. Que ideia a sua: ir a um sabá! Um provador de vinhos da corte dos condes, que deveria conhecer o texto de Carlos Magno, *Stryga vel masca*!¹⁵ Quanto à pequena, Smelarda, como eles a chamam, espero suas ordens. Ah! Passando pelo portal, explique-me também o que quer dizer o jardineiro de plana pintura que se vê quando se entra na igreja. Seria o Semeador? Hein! Mestre, em que o senhor está pensando neste momento?

Dom Claude, abismado em si mesmo, não o escutava mais. Charmolue, seguindo a direção de seu olhar, viu que ele estava fixado

mecanicamente na grande teia de aranha tecida no postigo. Nesse momento, uma mosca aturdida que buscava o sol de março veio se lançar através dessa rede e se enviscou. Com o estremecer de sua teia, a enorme aranha fez um movimento brusco para fora de sua célula central; em seguida, com um salto, precipitou-se sobre a mosca, curvando as antenas desta, enquanto sua tromba hedionda fustigava-lhe a cabeça.

– Pobre mosca! – disse o procurador do rei na corte da Igreja, e levantou a mão para salvá-la. O arqui-diácono, como que desperto em sobressalto, reteve-lhe o braço com uma violência convulsiva.

– Senhor Jacques – gritou –, deixe que se concretize a fatalidade!

O procurador recuou, assustado. Parecia-lhe que uma torquês de ferro prendera seu braço. O olho do padre estava imóvel, esgazeadado, flamejante e permanecia fixado no encontro abominável entre a mosca e a aranha.

– Oh, sim! – continuou o padre, com uma voz que se diria vir de suas entranhas. – Eis um símbolo de tudo. Ela voa, está alegre, acaba de nascer; ela busca a primavera, o ar pleno, a liberdade. Oh, sim! Porém, assim que ela se choca contra a rosácea fatal, a aranha surge, a aranha hedionda! Pobre dançarina! Pobre mosca predestinada! Senhor Jacques, deixe que se concretize! É a fatalidade! Infelizmente, Claude, o senhor é a aranha. Claude, o senhor é também a mosca! Desejava a ciência, a luz, o sol, cuidava somente de chegar ao ar livre, ao grande dia da verdade eterna; mas, precipitando-se na direção do postigo, o postigo deslumbrante que leva ao outro mundo, ao mundo da caridade, da inteligência e da ciência, mosca cega, doutor insensato, não viu essa teia sutil de aranha estendida pelo destino entre a luz e o senhor, o senhor se lançou de corpo e alma, miserável louco, e agora se debate, a cabeça partida e as asas arrancadas, entre as antenas de ferro da fatalidade! Senhor Jacques! Senhor Jacques! Deixe a aranha agir!

– Asseguro ao senhor – disse Charmolue, que o olhava sem compreender – que não tocarei mais nisso. Mas, solte-me o braço, mestre, por favor! Sua mão parece um tenaz.

O arqui-diácono não o escutava.

– Oh! Insensato! – retomou sem tirar os olhos do postigo. – E, mesmo que pudesse romper esta teia temível com suas asas de mosquito, o senhor acredita que poderá atingir a luz? Infelizmente! Esse vidro que está mais longe, esse obstáculo que separa todas as filosofias da

verdade, como poderá o senhor franqueá-lo? Oh, presunção da ciência! Quantos sábios vêm voando de tão longe para quebrar a cara aqui? Quantos sistemas confusos se chocam zumbindo neste vidro eterno?

Calou-se. Suas últimas ideias, que o haviam levado sem sentir à ciência, pareciam tê-lo acalmado. Jacques Charmolue fez voltar todo o sentimento de realidade, dirigindo-lhe esta pergunta:

– Ora, meu mestre, quando o senhor me ajudará a fazer ouro? Tardo tanto a consegui-lo.

O arqui-diácono meneou a cabeça com um sorriso amargo.

– Senhor Jacques, leia Michel Psellus, *Dialogus de energia et operatione daemonum*.¹⁶ O que fazemos não é de todo inocente.

– Mais baixo, mestre! Suspeito disso – disse Charmolue. – Mas é muito necessário fazer um pouco de hermética quando se é apenas procurador do rei na corte da Igreja, a trinta escudos torneses por ano. Falemos somente baixo.

Nesse momento, um barulho de mordida e de mastigação que partia do forno chamou a atenção do ouvido inquieto de Charmolue.

– O que é isso?

Era o estudante que, incomodado e entediado em seu esconderijo, acabara de achar ali um pão velho e um triângulo de queijo bolorento, e comia tudo sem cerimônia, à guisa de consolação e almoço. Como tinha muita fome, fazia grande ruído e acentuava fortemente cada abocanhada, o que deu no alerta e no alarme do procurador.

– É meu gato degustando um rato – disse vivamente o arqui-diácono.

A explicação satisfez Charmolue.

– Com efeito, mestre – respondeu ele com um sorriso respeitoso –, todos os grandes filósofos têm seu animal familiar. Saiba o senhor o que disse Servius: “*Nullus enim locus sine genio est.*”¹⁷

No entanto, dom Claude, que temia alguma atrapalhada de Jehan, lembrou a seu digno discípulo que certas figuras do portal deviam estudar juntos, e os dois saíram da célula, para o grande *ufa!* do estudante, que começava a recear seriamente que seu joelho ficasse para sempre marcado pelo seu queixo.

VI. EFEITOS QUE PODEM PRODUZIR SETE PRAGAS AO AR LIVRE

– *Te Deum laudamus!* – exclamou o senhor Jehan, saindo de seu buraco. – Até que enfim, os dois gatos miantes se foram. *Och! Och! Hax! Pax! Max!* As pulgas! Os cães enraivecidos! O diabo! Eu já não aguentava mais essa conversa! A cabeça zune como um sino. E o queijo bolorento, ainda por cima! Ah! Desçamos, vamos pegar a escarcela do meu irmão mais velho e converter todas as moedas em garrafas.

Lançou um olhar de ternura e admiração para o interior da preciosa escarcela, aprumou as vestes, limpou suas botinas, bateu suas pobres mangas já todas sujas de cinza, assobiou, piruetou, cabriolou, examinou se não restava nada a mais a levar da célula, catou aqui e ali sobre o forno algum amuleto de vidrilhos, bom para dar como joia a Isabeau la Thierrye, enfim empurrou a porta que seu irmão deixou aberta como última indulgência e como uma derradeira malícia, e desceu a escadaria circular saltitando como um pássaro.

Em meio às trevas da escada caracol, tocou em algo que se afastou resmungando, presumiu que fosse Quasímodo, e isso lhe pareceu tão estranho que desceu o resto da escadaria rindo à besa. Ao desembocar na praça, ainda ria.

Bateu com o pé quando se encontrou no solo.

– Oh! – disse para si próprio –, a boa e honorável calçada de Paris! Maldita escadaria que cansa até os anjos da escada de Jacó! Em que pensava para me enfiar nessa verruma de pedra que trespassa o céu, e tudo para comer um queijo bolorento e ver os sinos de Paris por um postigo.

Deu alguns passos e percebeu que os dois gatos miantes, ou seja, dom Claude e o senhor Jacques Charmolue, contemplavam a escultura do portal. Aproximou-se deles na ponta dos pés e escutou o arquidiácono dizer baixinho para Charmolue:

– Foi Guillaume de Paris quem fez gravar um Jó nessa pedra de cor lápis-lazúli, dourada pelas bordas. Jó figura sobre a pedra filosofal, que também deve ser provada e martirizada para se tornar perfeita, como diz Raymond Lulle: “*Sub conservatione formae specificae salva anima.*”¹⁸

“Tanto faz para mim”, pensou Jehan, “eu tenho o porta-moedas.”

Nesse momento, escutou uma voz forte e sonora proferir atrás de si uma série formidável de pragas.

– Sangue de Deus! Ventre de Deus! Praga! Corpo de Deus! Umbigo de Belzebu! Pelo nome de um papa! Chifres e raios!

– Por minha alma – exclamou Jehan –, parece que é o meu amigo capitão Phœbus!

Esse nome Phœbus chegou aos ouvidos do arquiidiácono no momento em que explicava ao procurador do rei o dragão que esconde sua cauda em uma solução de onde sai a fumaça e a cabeça de um rei. Dom Claude se arrepiou, interrompeu, para grande estupor de Charmolue, voltou-se e viu seu irmão Jehan abordando um oficial corpulento na porta da residência dos Gondelauriers.

Era, de fato, o senhor capitão Phœbus de Châteaupers. Ele estava encostado no ângulo da casa de sua noiva e praguejava como um pagão.

– Palavra de honra, capitão Phœbus –, disse Jehan, pegando-lhe a mão –, o senhor blasfema com uma verve admirável.

– Chifres e raios! – respondeu o capitão.

– Chifres e raios mesmo! – replicou o estudante. – Ora, gentil capitão, de onde lhe vem esse transbordamento de belas palavras?

– Perdão, bom camarada Jehan – exclamou Phœbus, apertando-lhe a mão –, cavalo correndo não para no caminho. Estou agora em meio a um grande galope. Acabo de sair da casa dessas carolas e, quando saio daqui, tenho sempre a garganta cheia de pragas; é preciso cuspi-las ou explodirei, ventres e raios!

– Gostaria de beber? – perguntou o estudante.

Essa proposta acalmou o capitão.

– Quero e muito, mas não tenho dinheiro.

– Eu tenho!

– Então, vamos ver.

Jehan fez soar a escarcela aos olhos do capitão, com majestade e simplicidade. No entanto, o arquiidiácono, que deixara Charmolue pasmado, viera até eles e permanecera parado a alguns passos, observando-os sem que eles se dessem conta de sua presença de tanto que a contemplação da escarcela os distraía.

Phœbus exclamou:

– Um porta-moedas em seu bolso, senhor Jehan, é a lua num balde d'água. Ela é vista, mas não está aí. Não passa de um reflexo. Por Deus! Aposto que são apenas pedras!

Jehan respondeu friamente:

– Eis as pedras que empedram meu bolso.

E, sem acrescentar outra palavra, esvaziou a escarcela sobre uma

pedra com o ar de um romano salvando a pátria.

– Meu Deus! – resmungou Phœbus –, adargas, grandes e pequenas pratas, mealhas, dinheiro de Paris, moedas de águia! É deslumbrante!

Jehan permaneceu digno e impassível. Algumas moedas haviam rolado na lama; o capitão, com seu entusiasmo, abaixou-se para pegá-las. Jehan o reteve.

– Deixe, capitão Phœbus de Châteaupers!

Phœbus contou as moedas e, voltando com solenidade para Jehan:

– Saiba o senhor que há 23 soldos parisienses! Quem o senhor roubou esta noite, na rua Coupe-Gueule?

Jehan lançou para trás sua cabeça loura e encaracolada e disse, fechando os olhos desdenhosos:

– Tenho um irmão arquidiácono e imbecil.

– Chifres de Deus! – exclamou Phœbus –, o digno homem!

– Vamos beber – disse Jehan.

– Aonde iremos? – perguntou Phœbus. Ao Pomme d'Ève?

– Não, capitão. Iremos ao Vieille Science. Uma velha que cia em silêncio. É um trocadilho. Adoro isso.

– Maldito trocadilho, Jehan! O Pomme d'Ève tem um vinho melhor. Além do mais, enquanto bebo me divirto na videira ao sol que há ao lado da porta.

– Pois bem! Que seja na Eva e sua maçã – disse o estudante; e tomando o braço de Phœbus: – A propósito, meu caro capitão, o senhor disse agora mesmo rua Coupe-Gueule. É feio falar assim. Não se é mais tão bárbaro. Diz-se rua Coupe-Gorge.

Os dois amigos puseram-se a caminho do Pomme d'Ève. Não é preciso dizer que juntaram antes todo o dinheiro e que o arquidiácono os seguia.

O arquidiácono os seguia, sombrio e desvairado. Então era este o Phœbus, cujo nome maldito, depois de sua conversa com Gringoire, misturava-se a todos os seus pensamentos? Não sabia, mas, enfim, era um Phœbus, e este nome mágico bastava para que o arquidiácono seguisse com passos de lobo os dois descuidados companheiros, escutando suas palavras e observando os menores gestos com uma ansiedade atenta. De resto, nada mais fácil do que escutar tudo o que eles diziam, tão alto falavam, pouco incomodados de colocar os passantes a par de suas confidências. Falavam de duelos, mulheres, garrafas, loucuras.

Na curva de uma rua, o barulho de um pandeiro lhes veio de um cruzamento vizinho. Dom Claude escutou o oficial dizer ao estudante:

- Raios! Vamos apressar o passo.
- Por que, senhor Phœbus?
- Tenho medo de ser visto pela boêmia.
- Que boêmia?
- A pequena que tem uma cabra.
- La Smeralda?

– Essa mesma, Jehan. Esqueço sempre o diabo do nome dela. Vamos logo, ela me reconheceria. Não quero que essa jovem me aborde na rua.

- O senhor a conhece, Phœbus?

Aqui, o arquidiácono viu Phœbus escarnecer, inclinar-se ao ouvido de Jehan e lhe segredar algumas palavras. Em seguida, Phœbus rebentou em risos e sacudiu a cabeça com um ar triunfante.

- Verdade? – perguntou Jehan.
- Por minha alma! – disse Phœbus.
- Nesta noite?
- Nesta noite.
- O senhor está certo de que ela virá?
- O senhor está louco, Jehan? Duvida-se de algo assim?
- Capitão Phœbus, o senhor é realmente um oficial feliz!

O arquidiácono escutou toda a conversa. Seus dentes bateram. Um arrepio, visível aos olhos, percorreu todo seu corpo. Parou por um momento, apoiou-se a uma pedra como um bêbado, em seguida retomou a pista dos dois cômicos felizes.

No momento em que os encontrou, haviam mudado de conversa.

Ele os escutava cantar bem alto o velho refrão:

*As crianças de Petits-Carreaux
São penduradas como bezerras.*

VII. O MONGE MALVADO

O ilustre cabaré Pomme d'Ève estava situado na Universidade, na esquina da rua de la Rondelle com a rua du Bâtonnier. Era uma sala ao nível da calçada, bem ampla e bem baixa, com uma cúpula cuja base

central se apoiava sobre um grosso pilar de madeira pintado de amarelo; mesas por todo canto, luzentes jarros de estanho encostados na parede, sempre muitos bebedores, inúmeras moças, uma vidraça para a rua, uma vinha à porta, e, sobre essa porta, uma colorida chapa metálica, gravada com uma maçã e uma mulher, enferrujada pela chuva e virando ao vento em uma vara de ferro. Esse tipo de catavento que olhava a calçada era a tabuleta.

A noite caía. A esquina estava escura. O cabaré era cheio de lanternas flamejantes, que de longe pareciam uma forja na sombra. Escutava-se o barulho de garrafas, comezainas, pragas, querelas, que escapava pela vidraça suja. Através da bruma que o calor da sala expandia sobre a fachada de vidro, via-se fervilhar cem figuras confusas, e por vezes o estourar de risadas sonoras se destacava. Os passantes que iam nos seus afazeres afastavam-se sem lançar sequer um olhar a essa vidraça tumultuosa. Somente às vezes é que algum pequeno rapaz em farrapos subia à ponta dos pés até o apoio da fachada e lançava no cabaré o velho grito trocista com que se perseguiam então os bêbados:

– *Aux Houls, saoul, saouls, saouls!*

Um homem, no entanto, caminhava imperturbavelmente defronte à barulhenta taverna, olhando para ela sem parar e sem se afastar dela mais do que um soldado de sua guarita. Tinha seu manto até o nariz. Esse manto, ele acabara de comprar no antiquário vizinho ao Pomme d'Ève, sem dúvida para se proteger do frio das noites de março e talvez para esconder seu hábito. Por vezes, parava diante da vidraça turvada pela névoa pesada, escutava e batia o pé.

Enfim, a porta do cabaré se abriu. Parecia ser o que esperava. Dois bêbados saíram de dentro. O raio de luz que escapou da porta corou suas joviais figuras. O homem de manto, do outro lado da rua, sob um átrio, pôs-se a observá-los.

– Chifres e raios! – disse um dos bêbados. – Já vão dar sete horas. É a hora de meu encontro.

– Eu digo ao senhor – retomou, com a língua pesada, seu companheiro –, que eu não fique na rua das palavras feias, *indignus qui inter mala verba habitat*.¹⁹ Tenho casa na rua Jean-Paul-Mollet, *in vico Johannis-Pain-Mollet*. O senhor é mais cornudo do que um unicórnio se disser o contrário. Todo mundo sabe que aquele que monta num urso jamais tem medo, mas o senhor fareja acepipes, como Saint-Jacques de l'Hôpital.

– Jehan, meu amigo, o senhor está bêbado – disse o outro. O outro respondeu cambaleando:

– O senhor se compraz em dizer isso, Phœbus, mas está provado que Platão tinha o perfil de um cão de caça.

O leitor, sem dúvida, já reconheceu os dois bravos amigos, o capitão e o estudante. E, ao que parece, o homem que os espreitava na sombra também os reconhecera, pois seguia a passos lentos todos os zigue-zagues a que o estudante obrigava o capitão, o qual, bebedor mais aguerrido, havia conservado seu sangue-frio. O homem de manto ouviu com atenção toda a conversa:

– Ora essa! Trate, então, de caminhar em linha reta, senhor bacharel. Saiba que preciso deixá-lo. São sete horas. Tenho um encontro com uma mulher.

– Deixe-me, então! Vejo as estrelas e lanças de fogo. O senhor é como o castelo de Dampmartin quando rebenta de rir.

– Pelas verrugas de minha avó, Jehan, isso é que é delirar. A propósito, Jehan, teria o senhor mais dinheiro?

– Monsenhor reitor, não há culpa, o pequeno açougue, *parva boucheria*.

– Jehan, meu amigo Jehan! Saiba o senhor que marquei um encontro com aquela pequena no fim da ponte Saint-Michel, e posso levá-la somente à casa da Falourdel, a mulher de vida fácil da ponte, e que é preciso pagar pelo quarto. A velha prostituta de bigodes brancos não me fará a crédito. Senhor Jehan, por favor, não lhe sobrou alguma moeda parisiense?

– A consciência de ter despendido bem as outras horas é um justo e saboroso condimento à mesa.

– Ventre e tripas! Cesse de quimeras! Diga-me, Jehan dos diabos, resta-lhe ainda alguma moeda? Dê-me, com os diabos! Ou vou dissecá-lo, leproso como Jó e sarnento como César!

– Senhor, a rua Galiache tem um extremo na rua de la Verrerie, e outro na rua de la Tixerandie.

– Muito bem, sim, meu bom amigo Jehan, meu pobre camarada; a rua Galiache, muito bem, muito bem. Mas, em nome do céu, volte a si. Basta-me apenas um soldo de Paris, e às sete horas.

– Silêncio a todos e atenção ao refrão:

Quando ratos comerem gatos

*e o nobre Arras pagar o pato;
quando o mar, que é vasto e avultado
em São João for congelado.
Visível a quem quiser vê-lo
será o de Arras, sobre o gelo.*

– Muito bem, estudante do anticristo, que seja enforcado nas tripas de sua mãe! – exclamou Phœbus; e empurrou o estudante bêbado, o qual deslizou contra o muro e caiu molemente sobre a calçada de Filipe Augusto.

Com um resto dessa piedade fraterna que jamais abandona o coração de um bêbado, Phœbus volveu Jean com o pé sobre um desses travesseiros de pobre que a providência deixa pronta nas esquinas de todos os marcos de Paris e que os ricos difamam desdenhosamente com o nome de *monte de sujeira*. O capitão deitou a cabeça de Jehan sobre um plano inclinado de talos de couve, e logo o estudante se pôs a roncar como um magnífico barítono. No entanto, nem todo o rancor ainda se extinguiu no coração do capitão.

– Dane-se se a charrete do diabo o esmigalhe ao passar! – disse ele ao pobre clérigo adormecido e se afastou.

O homem de manto, que continuava a segui-lo, parou um momento diante do estudante jacente, como se uma indecisão o agitasse; em seguida, dando um profundo suspiro, afastou-se no encalço do capitão.

Deixaremos, como eles, que Jehan durma sob o olhar benevolente de sua bela estrela, e os seguiremos também, se o leitor nos permite.

Desembocando na rua Saint-André-des-Arcs, o capitão Phœbus percebeu que alguém o seguia. Ao voltar os olhos para trás, viu uma espécie de sombra que subia atrás dele ao longo das paredes. Ele parou, ela parou. Pôs-se a caminhar, a sombra pôs-se a caminhar. Isso o inquietou um pouco.

– Ah, dane-se! – disse a si mesmo –, não tenho mesmo um tostão.

Diante da fachada do colégio de Autun, fez uma parada. Foi nesse colégio que se esboçou o que ele chamava de seus estudos e, por um costume de estudante traquinas que ainda lhe restava, jamais passava diante da fachada sem fazer sofrer a estátua do cardeal Pierre Bertrand, esculpida à direita do portal, o tipo de afronta de que lamenta amargamente Priapo na sátira de Horácio *Olim truncus eram ficulnus*.
.20 Obstinou-se tanto que a inscrição *Eduensis episcopus* 21 quase se

apagara. Então, como sempre, parou diante da estátua. A rua estava deserta. No momento em que amarrava distraidamente seus cordões, nariz ao vento, viu que a sombra se aproximava a passos lentos, tão lentos que teve tempo de observar que essa sombra tinha um manto e um chapéu. Ao chegar perto dele, parou e ficou mais imóvel do que a estátua do cardeal Bertrand. No entanto, projetou sobre Phœbus um olhar fixo, cheio dessa luz vaga que sai à noite das pupilas de um gato.

O capitão era corajoso e não temia um ladrão com faca em punho. Mas essa estátua, esse homem petrificado, enregelou-o. Corriam, então, pelo mundo, não sei que histórias do monge malvado, malfeitor noturno das ruas de Paris, que lhe vieram confusamente à memória. Ficou alguns minutos estupefato e rompeu, enfim, o silêncio, esforçando-se em rir.

– Se o senhor é ladrão, como espero que seja, causa-me o efeito de uma garça que assalta uma casca de noz. Sou filho de uma família arruinada, meu caro. Dirija-se ao lado. Na prataria da capela deste colégio, há madeira de verdadeira cruz.

A mão da sombra saiu de debaixo de seu manto e deitou-se sobre o braço de Phœbus com o peso de uma garra de água. Ao mesmo tempo, a sombra falou:

- Capitão Phœbus de Châteaupers.
- Como, diabo! – disse Phœbus. – O senhor sabe meu nome!
- Não somente sei seu nome – retomou o homem de manto com sua voz de sepulcro. – O senhor tem um encontro esta noite.
- Sim – respondeu Phœbus, estupefato.
- Às sete horas.
- Em quinze minutos.
- Na casa da Falourdel.
- Precisamente.
- A mulher de vida fácil da ponte Saint-Michel.
- De São Miguel arcanjo, como diz o pai-nosso.
- Pecadora! – resmungou o espectro. – Com uma mulher?
- *Confíteor*.
- Que se chama...
- La Smeralda – disse Phœbus alegremente. Pouco a pouco lhe vinha todo o seu descuido.

Com esse nome, a garra da sombra sacudiu com fúria o braço de Phœbus.

– Capitão Phœbus de Châteaupers, o senhor mente!

Quem pudesse ver, nesse momento, a face inflamada do capitão, o salto que deu para trás, tão violento que o liberou da tenaz que o prendera, a aparência orgulhosa com que lançou a mão à guarda de sua espada e, diante dessa cólera, a fria imobilidade do homem de manto, quem visse isso teria medo. Era algo semelhante ao combate entre dom Juan e a estátua.

– Cristo e Satã! – gritou o capitão. – Eis uma palavra que raramente se diz aos ouvidos de um Châteaupers! Não ousará repeti-la.

– O senhor mente! – disse a sombra, friamente.

O capitão mostrou os dentes. Monge malvado, fantasma, superstições, esqueceu tudo nesse momento. Nada via além de um homem e um insulto.

– Ah! Agora é que vamos! – balbuciou com uma voz abafada de raiva. Sacou a espada, em seguida, tartamudeando, pois a cólera o fazia tremer como o medo: – Aqui! Rápido! Venha! Às espadas! Às espadas! Ao sangue sobre estas calçadas!

No entanto, o outro não se mexia. Quando viu seu adversário em guarda e pronto a feri-lo:

– Capitão Phœbus – disse, e seu tom vibrava com amargura –, o senhor se esquece de seu encontro.

Os arrebatamentos de homens como Phœbus são sopas de leite que, com apenas uma gota de água fria, arrefece-se a ebulição. Essa simples palavra fez baixar a espada que brilhava na mão do capitão.

– Capitão – prosseguiu o homem –, amanhã, depois de amanhã, em um mês, em dez anos, o senhor há de me encontrar pronto para lhe cortar a garganta; mas vá primeiro ao seu encontro.

– De fato – disse Phœbus, como se procurasse capitular consigo mesmo –, apenas duas coisas são encantadoras de se reconhecer num encontro: uma espada e uma jovem. Mas não vejo motivo para faltar a uma devido à outra quando eu posso ter as duas.

Pôs a espada de volta à bainha.

– Vá ao seu encontro – retomou o desconhecido.

– Senhor – disse Phœbus com algum embaraço –, muito obrigado por sua cortesia. De fato, sempre será tempo amanhã de nos retalharmos a cortes e costuras no gibão do pai Adão. Agradeço por me permitir passar um quarto de hora agradável. Espero bem deitar o senhor na vala e chegar ainda a tempo para a bela, além do mais, sei muito bem

fazer as mulheres esperarem em caso parecido. Mas o senhor tem um ar saudável e, decerto, deixará esse duelo para amanhã. Vou então ao meu encontro. É às sete horas, como o senhor sabe. – Aqui, Phœbus coçou a orelha. – Ah! Chifre de Deus! Esqueci! Não tenho um soldo sequer para o aluguel do casebre, e a velha proxeneta só aceita pagamento adiantado. Ela desconfia de mim.

– Eis aqui com o que pagar.

Phœbus sentiu a mão fria do desconhecido deslizar na sua uma larga peça de moeda. Não pôde se conter em pegar esse dinheiro e de apertá-lo em sua mão.

– Meu Deus! – exclamou –, o senhor é uma boa criança!

– Mas com uma condição – disse o homem. – Prove-me que estou errado e que o senhor está certo. Esconda-me em algum canto para que eu possa ver se essa mulher é mesmo aquela cujo nome o senhor disse.

– Ora – respondeu Phœbus –, para mim tanto faz. Nós ficaremos no quarto de Sainte-Marthe. O senhor poderá ver à vontade do canil que há ao lado.

– Vamos, então – retomou o homem.

– Ao seu dispor – disse o capitão. – Não sei se o senhor não é a vossa mercê diabo em pessoa. Mas sejamos bons amigos por esta noite. Amanhã pagarei todas as minhas dívidas, tanto a da bolsa quanto a da espada.

Voltaram a caminhar com rapidez. Ao fim de alguns minutos, o ruído do rio anunciou que estavam sobre a ponte Saint-Michel, então carregada de casas.

– De início, introduzirei o senhor – disse Phœbus ao seu companheiro –; em seguida, irei procurar pela bela, que deve me esperar perto do Petit-Châtelet.

O companheiro nada respondeu. Desde que caminhavam lado a lado, não havia dito uma palavra. Phœbus parou diante de uma porta baixa e bateu rudemente. Uma luz apareceu nas frestas da porta.

– Quem é? – gritou uma voz desdentada.

– Pelos diabos! Cabeça de Deus! Ventre de Deus! – respondeu o capitão.

A porta se abriu no mesmo instante, e quem chegasse poderia ver uma velha mulher e uma velha lâmpada, ambas tremiam. A velha estava dobrada em duas, vestida em farrapos, cabeça vacilante, furada por pequenos olhos, coberta por uma rodilha, totalmente enrugada nas

mãos, na face, no pescoço; seus lábios entravam sob suas gengivas, e ela tinha ao redor da boca pincéis de pelos brancos que lhe davam a aparência de um gato. O interior da espelunca não era menos desolador do que ela. Havia paredes de calcário, vigas negras no teto, uma chaminé desmantelada, teias de aranha por todos os cantos; no meio, um grupo vacilante de mesas e escabelos coxos, uma criança suja de cinzas; e, no fundo, uma escadaria, ou melhor, uma escada de madeira que levava a um alçapão no teto. Penetrando neste antro, o misterioso companheiro de Phœbus levantou seu manto até os olhos. No entanto, o capitão, sempre praguejando como um sarraceno, apressou-se por “fazer reluzir o sol em um escudo”, como diz nosso admirável Régnier.

– O quarto de Sainte-Marthe – pediu ele.

A velha o tratou como monsenhor e guardou o escudo numa gaveta. Era a peça que o homem de manto negro dera a Phœbus. Enquanto ela voltava as costas, a criança cabeluda e maltrapilha que brincava nas cinzas aproximou-se habilmente da gaveta, tirou dela o escudo e pôs no lugar uma folha seca que arrancara de um molho.

A velha fez sinal aos dois fidalgos, como ela os nomeava, para que a seguissem e subiu a escada à frente deles. Quando chegou ao andar superior, pôs sua lâmpada sobre o cofre, e Phœbus, acostumado com a casa, abriu uma porta que dava para um casebre obscuro.

– Entre aí, meu caro – disse ele ao seu companheiro.

O homem de manto obedeceu sem dizer nada. A porta recaiu sobre ele. Ouviu Phœbus fechar o ferrolho e, um momento depois, desceu de volta pela escada junto com a velha. A luz desaparecera.

VIII. A UTILIDADE DAS JANELAS QUE DÃO PARA O RIO

Claude Frollo (pois presumimos que o leitor, mais inteligente do que Phœbus, não viu em toda essa aventura outro monge malvado além do arquidiácono), Claude Frollo tateou por alguns instantes no reduto tenebroso onde o capitão o aferrolhara. Era um desses recantos como os que os arquitetos reservam algumas vezes no ponto de junção entre o teto e a parede de apoio. O plano vertical desse canil, como bem o nomeou Phœbus, formava um triângulo. De resto, não havia nem janela nem postigo, e o plano inclinado do teto impedia de se ficar em pé. Claude se acorrou, então, na poeira e na caliça que abundava sob ele.

Bisbilhotando ao redor com suas mãos, encontrou no chão um pedaço de vidro quebrado e o apoiou sobre a frente, cujo frescor aliviou um pouco o arquidiácono.

O que se passava nesse momento na alma obscura de Claude Frollo? Somente ele e Deus podiam saber.

Segundo qual ordem fatal dispunha em seu pensamento La Esmeralda, Phoebus, Jacques Charmolue, seu jovem irmão tão amado mas abandonado por ele na lama, sua sotaina de arquidiácono, sua reputação talvez arrastada à casa da Falourdel, todas essas imagens, todas essas aventuras? Não poderia dizer. Mas, decerto, essas ideias formavam em seu espírito um grupo horrível.

Esperou um quarto de hora; sentiu ter envelhecido um século. Subitamente, escutou estalar os degraus da escadaria de madeira. Alguém subia. O alçapão se abriu, uma luz reapareceu. Havia na porta carcomida de seu antro uma fresta larga o suficiente; colou aí sua face. Desse modo, podia ver tudo o que se passava no quarto vizinho. A velha com cara de gato saiu do alçapão, sua lâmpada à mão; em seguida, Phoebus, cofiando seu bigode; depois, uma terceira pessoa, uma bela e graciosa figura, La Esmeralda. O padre a viu sair do chão como uma resplandecente aparição. Claude tremia, uma nuvem se expandiu sobre seus olhos, suas artérias bateram com força, tudo murmurava e girava ao seu redor. Não viu nem escutou mais nada.

Quando voltou a si, Phoebus e La Esmeralda estavam a sós, sentados sobre o cofre de madeira ao lado da lâmpada, que salientava, aos olhos do arquidiácono, essas duas jovens figuras num miserável catre ao fundo do sótão.

Ao lado do catre, havia uma janela cujo vitral, rachado como uma teia de aranha sobre a qual a chuva caiu, deixava ver, através de suas malhas rompidas, um canto de céu e a lua estendida sobre um acolchoado de nuvens macias.

A jovem estava vermelha, confusa, palpitante. Seus longos cílios baixos sombreavam de vermelho suas faces. O oficial, para o qual ela não ousava elevar os olhos, radiava. Mecanicamente e com um gesto encantador de acanhamento, ela traçou sobre o banco linhas incoerentes com a ponta do dedo e o guardou de volta. Não se viam seus pés, a pequena cabra estava sentada sobre eles.

O capitão se compusera muito galantemente; tinha, ao colo e aos pulsos, tufos de renda, grande elegância então.

Dom Claude escutava com dificuldade o que diziam de tanto que zumbia o sangue que fervia em suas têmporas.

(Coisa banal, conversa de amantes. Era um perpétuo *eu te amo*. Frase musical tão nua quanto desenxabida para os indiferentes que a escutam, quando não ornada de alguma fioritura. Mas Claude não escutava de modo indiferente.)

– Oh! – disse a jovem sem levantar os olhos –, não me despreze, monsenhor Phœbus. Sinto que o que faço é errado.

– Desprezá-la, bela menina! – respondeu o oficial com ar de galantaria superior e distinta –, desprezá-la, por Deus!, por quê?

– Por tê-lo seguido.

– Quanto a isso, minha bela, não nos entendemos. Eu deveria não desprezá-la, mas odiá-la.

A jovem o olhou com temor:

– Odiar-me! O que lhe fiz eu?

– Por ter-me feito pedir tanto.

– Infelizmente – disse ela – é que me falta uma promessa. Não encontrarei meus pais... o amuleto perderá sua virtude. Mas que importa? Será que ainda hoje preciso de pai e mãe?

E, falando assim, fixou sobre o capitão seus grandes olhos negros e úmidos de alegria e ternura.

– Ao diabo se a compreendo! – exclamou Phœbus.

La Esmeralda ficou em silêncio por um momento; em seguida, uma lágrima saiu de seus olhos, um suspiro, de seus lábios, e ela disse:

– Oh! Senhor, eu o amo.

Havia em torno da jovem tal perfume de castidade, tal encanto de virtude, que Phœbus não se sentiu muito à vontade perto dela. No entanto, essa palavra o encorajou.

– A senhorita me ama! – disse ele com emoção, lançando seu braço ao redor da cintura da cigana. – Esperava apenas por esta ocasião.

O padre viu e testou com a ponta do dedo a ponta do punhal que trazia escondido em seu peito.

– Phœbus – prosseguiu a boêmia, livrando docemente sua cintura das mãos tenazes do capitão –, o senhor é bom, o senhor é generoso, o senhor é belo. Salvou-me, a mim que não passo de uma pobre menina perdida na Boêmia. Há muito tempo que sonho com um oficial que me salvasse a vida. Era com o senhor que sonhava antes de conhecê-lo, meu Phœbus. Meu sonho tinha uma bela farda como a sua, uma grande

aparência, uma espada. O senhor se chama Phoebus, é um belo nome. Eu amo seu nome, amo sua espada. Saque sua espada, Phoebus, para que eu a veja.

– Menina! – disse o capitão e, sorrindo, desembainhou seu espadagão.

A cigana olhou o punho, a lâmina, examinou com curiosidade a adorável cifra da guarda e baixou a espada, dizendo-lhe:

– O senhor é a espada de um corajoso. Eu o amo, meu capitão.

Phoebus aproveitou ainda a ocasião para depositar sobre seu belo pescoço curvado um beijo que fez aprumar a jovem escarlata como uma cereja. O padre rangia os dentes nas trevas.

– Phoebus – retomou a cigana –, deixe-me lhe falar. Caminhe um pouco para que eu o veja por inteiro e escute suas esporas. Como o senhor é belo!

O capitão se levantou para agradá-la, ralhando-lhe com um sorriso de satisfação:

– Mas a senhorita é uma menina! A propósito, meu encanto, já me viu em saio de cerimônia?

– Infelizmente não – respondeu ela.

– Aquilo é que é bonito.

Phoebus voltou a se sentar perto dela, mas muito mais perto do que antes.

– Escute, minha querida...

A cigana lhe deu alguns tapinhas pondo sua mão sobre a boca, com uma criancice plena de loucura, de graça e de alegria.

– Não, não, não escutarei. O senhor me ama? Desejo que o senhor me diga se me ama.

– Como eu a amo, anjo da minha vida! – exclamou o capitão, pondo-se num dos joelhos. – Meu corpo, meu sangue, minha alma, tudo é seu, tudo é para a senhorita. Eu a amo, e somente amei a senhorita.

O capitão repetira tantas vezes essa frase, em tantas conjunturas parecidas, que a sacou de um só fôlego, sem esquecer nada. Com essa declaração apaixonada, a cigana levantou um olhar pleno de felicidade angélica ao sujo teto que servia como céu.

– Oh! – murmurou ela –, eu deveria morrer agora!

Phoebus encontrou o momento propício para lhe roubar um novo beijo que torturava em seu canto o miserável arquidiácono.

– Morrer! – exclamou o amoroso capitão. – Por que diz isso, belo

anjo? É o caso de viver, ou Júpiter não passa de um traquinas! Morrer no começo de tão doce coisa! Chifres de boi, que piada! Não é isso. Escute, minha querida *Similar*... *Esmenarda*... Perdão, mas a senhorita tem um nome tão prodigiosamente sarraceno que me embaraço. É uma brenha em que sempre me engasgo.

– Meu Deus – disse a pobre jovem –, eu acreditava que esse nome fosse belo pela sua singularidade! Mas, como desagrada ao senhor, quero me chamar Goton.

– Ah! Não vamos chorar por tão pouco, minha graça! É um nome com que se precisa acostumar, só isso. Assim que eu o souber de cor, tudo seguirá de forma tranquila. Escute, minha querida *Similar* ; eu a adoro de paixão. Amo-a verdadeiramente, o que é milagroso. Sei de uma pequena que estoura de raiva por isso...

A ciumenta jovem o interrompeu:

– Quem?

– Que adianta saber? – disse Phœbus. – A senhorita me ama?

– Oh! – exclamou ela.

– Muito bem! É tudo. A senhorita verá como eu também a amo. Quero que o grande Netuno dos diabos me atravesse com seu tridente se eu não fizer da senhorita a mais feliz criatura do mundo. Teremos um pequeno e belo recanto em qualquer lugar. Farei desfilar meus arqueiros sob sua janela. Todos a cavalo e causarão desprezo àqueles do capitão Mignon. Há partasaneiros, besteiros, colubrineiros de mão. Levarei a senhorita às grandes mostras de Paris na granja de Rully. É magnífico. Oitenta mil cabeças armadas, trinta mil arneses brancos, gibões ou brigandinas; 67 porta-estandartes; os estandartes do Parlamento, da Câmara de Contas, do tesouro dos generais, da assistência das moedas; uma equipagem dos diabos, enfim! Levarei a senhorita para ver os leões do Hôtel du Roi, que são bestas selvagens. Todas as mulheres gostam disso.

Após alguns instantes, a jovem, absorta em seus encantadores pensamentos, sonhava com o som da voz dele sem escutar o sentido de suas palavras.

– Oh! A senhorita será feliz! – continuou o capitão, desapertando a cinta da cigana.

– O que o senhor está fazendo? – disse ela vivamente. Essa iniciativa dele arrancou-a do devaneio.

– Nada – disse Phœbus. – Eu dizia apenas que é preciso deixar todas

essas vestes de louca e de cantos de rua quando a senhorita estiver comigo.

– Quando estiver com o senhor, meu Phœbus! – disse com ternura a jovem.

E se tornou pensativa e silenciosa.

O capitão, estimulado por sua doçura, tomou-lhe pela cintura sem que ela resistisse, em seguida desenlaçou o pequeno corpete da pobre menina e desfez de forma tão forte sua gargantilha que o padre sôfrego viu saírem da gaza as costas nuas da boêmia, redondas, trigueiras, como a lua que sobe na bruma do horizonte.

A jovem deixou Phœbus agir. Não parecia perceber. O olhar ousado do capitão brilhava.

De repente, ela se voltou para ele:

– Phœbus – disse ela com uma expressão de amor infinito –, inicie-me em sua religião.

– Minha religião! – exclamou o capitão, rebentando de rir. – Eu, iniciá-la em minha religião! Chifres e raios! O que a senhorita gostaria de fazer em minha religião?

– É para nos casarmos – respondeu ela.

A figura do capitão ganhou uma expressão mista de surpresa, desdém, descuido e paixão libertina.

– Ah! – disse ele –, será que nos casaremos?

A boêmia ficou pálida e deixou tristemente cair sua cabeça sobre o peito.

– Bela amorosa – retomou ternamente Phœbus –, o que são essas loucuras? Grande coisa o casamento! Seríamos menos amantes por não ter cuspidos latim na frente de um padre?

Falando assim com a sua voz mais doce, aproximou-se ao máximo da cigana, suas mãos carinhosas haviam retomado o posto em torno dessa cintura tão fina e dócil, seus olhos se iluminavam cada vez mais, e tudo anunciava ao senhor Phœbus que ele tocava um desses momentos em que o próprio Júpiter faz tantas besteiras que Homero é obrigado a convocar as nuvens em seu socorro.

Dom Claude, no entanto, via tudo. A porta era feita de aduelas de escora bastante apodrecidas, que deixavam entre elas largas passagens ao seu olhar de ave de rapina. Esse padre de pele trigueira e largas espáduas, até então condenado à austera virgindade do claustro, arrepiava-se e fervia diante dessa cena de amor, de noite e de volúpia.

A bela jovem, despida em desordem diante desse ardente jovem lhe fazia correr chumbo fundido nas veias. Passavam-se nele movimentos extraordinários. Seu olhar mergulhava com ciúme lascivo sobre todos esses alfinetes desfeitos. Quem pudesse ver nesse momento a figura do infeliz colada atrás das barras carcomidas acreditaria ver a face de um tigre olhando do fundo da caverna algum chacal que devora uma gazela. Sua pupila brilhava como uma candeia através das frestas da porta.

De repente, Phœbus retirou com um gesto rápido o peitilho da cigana. A pobre menina, que estava pálida e sonhadora, despertou como em sobressalto. Afastou-se bruscamente do ousado oficial e, lançando um olhar sobre seu colo e suas costas nuas, vermelha e confusa, muda de vergonha, cruzou seus dois belos braços sobre seus seios para escondê-los. Sem a chama que lhe abrasava as faces, assim silenciosa e imóvel, parecia uma estátua do pudor. Seus olhos permaneceram baixos.

No entanto, o gesto do capitão descobrira o amuleto misterioso que ela trazia ao pescoço.

– O que é isso? – perguntou ele, aproveitando desse pretexto para se aproximar da bela criatura que acabara de assustar.

– Não toque nele! – disse ela vivamente –, é meu guardião. Ele me fará reencontrar minha família se eu me conservar digna. Oh! Deixe-me, senhor capitão! Minha mãe! Minha pobre mãe! Minha mãe! Onde a senhora está? Em meu socorro! Por favor, senhor Phœbus! Devolva-me meu peitilho!

Phœbus recuou e disse com um tom frio:

– Oh, senhorita! Estou vendo bem que não me ama!

– Eu não o amo! – exclamou a pobre infeliz menina e, ao mesmo tempo, inclinou-se ao capitão, fazendo-o sentar perto dela. – Eu não o amo, meu Phœbus! O que o senhor está dizendo, seu malvado, para dilacerar meu coração? Oh! Vá! Tome-me, tome-me toda! Faça de mim o que desejar. Sou sua. Que me importa o amuleto! Que me importa minha mãe! É você que é minha mãe, pois eu o amo! Phœbus, meu Phœbus bem amado, eis que aqui estou? Sou eu, olhe-me. Essa pequena de quem o senhor tanto deseja não ser recusado, é ela quem vem, ela mesma, procurá-lo. Minha alma, minha vida, meu corpo, minha pessoa, tudo isto é seu, meu capitão. Tudo isto é para o senhor. Pois bem! Não iremos nos casar, sei que o senhor se incomoda com

isso. Além do mais, o que sou? Uma miserável jovem da ribeira, enquanto que o senhor, meu Phœbus, o senhor é um fidalgo. Bela coisa, verdade! Uma dançarina se casar com um oficial! Estava louca. Não, Phœbus, não, serei sua amante, seu divertimento, seu prazer, quando o senhor desejar, uma jovem que será sua, fui feita apenas para isso. Maculada, desprezada, desonrada, mas que importa! Amada. Serei a mais orgulhosa e a mais feliz das mulheres. E quando estiver feia ou velha, Phœbus, quando já não for boa para amar, meu senhor, bastará a mim servi-lo. Outras bordarão sua faixa. Serei a serva que o tratará com cuidado. O senhor me deixará brunir suas esporas, escovar seu saio, esfregar suas botas de cavaleiro. Não é verdade, meu Phœbus, que o senhor terá essa piedade? O que espera? Tome-me! Phœbus, tudo isto pertence ao senhor, ame-me somente! Para nós, ciganas, basta isso, o ar livre e o amor.

Falando assim, lançou seus braços em torno do pescoço do oficial, olhou-o de alto a baixo, suplicante, com um belo sorriso e completamente em lágrimas, sua garganta delicada tocava o gibão de pano grosso e rude bordado. Dobrou sobre os joelhos seu belo corpo seminu. O capitão, enlevado, colou seus lábios ardentes a essas belas costas africanas. A jovem, olhos perdidos no teto, caía para trás, arrepiava-se palpitante sob aquele beijo.

De repente, acima da cabeça de Phœbus, ela viu uma outra cabeça, uma figura lívida, verde, convulsiva, com um olhar diabólico. Perto dessa figura, uma mão trazia um punhal. Era a figura e a mão do padre. Arrombara a porta e lá estava. Phœbus não podia vê-lo. A jovem permanecia imóvel, gelada, muda sob a amedrontadora aparição, como uma pomba que levantasse a cabeça no momento em que uma águia olhava seu ninho com seus olhos redondos.

Nem sequer conseguiu gritar. Viu o punhal abaixar sobre Phœbus e se reerguer, fumegante.

– Maldição! – disse o capitão, e caiu.

Ela desmaiou.

No momento em que seus olhos se fechavam, quando todo o sentimento se dispersava dela, sentiu em seus lábios um toque de fogo, um beijo mais quente do que o ferro em brasa de um carrasco. Quando retomou os sentidos, estava rodeada por soldados da ronda, haviam levado o capitão, encharcado de sangue, o padre desaparecera, a janela ao fundo do quarto, que dava para o rio, estava escancarada,

encontrou-se um manto que se supunha pertencer ao oficial; e ela ouvia dizerem ao seu redor:

– O capitão foi apunhalado por uma feiticeira.

-
1. A sós, não há de se pensar que eles dizem o pai-nosso? [N.T.] ↔ □
 2. Do mesmo modo, na verdade. [N.T.] ↔ □
 3. De fato, essas churrascarias são coisas estupendas! [N.T.] ↔ □
 4. De onde? De lá?/ O homem é um prodígio do homem (paródia do adágio *Homo homini lupus* – o homem é o lobo do homem)./ Astros, campo, nome, divindade/ [*Biblion mega kbakbon*] Grande livro, grande mal/ Ouse saber./ (O espírito) sopra onde quer. [N.T.] ↔ □
 5. *Anagkbophagía*; regime forçado. [N.T.] ↔ □
 6. *Dominum* (o Senhor Deus celeste), e *dommum* (o mestre Deus terrestre). [N.T.] ↔ □
 7. *Anagneia*. [N.T.] ↔ □
 8. *Assommeur* : açougueiro; *Croque-Oison*: come-ganso. [N.T.] ↔ □
 9. Quem não trabalha não come. [N.T.] ↔ □
 10. *Ototototi*; exclamação que exprime dor. [N.T.] ↔ □
 11. Contra agulhões, ferros em brasa, cruzes e entraves, ferros, cadeias, prisões, argolas, amarras, algemas. (Plauto, *Asinaria*, 549-550.) [N.T.] ↔ □
 12. Por ele e com ele e nele (cânone da missa). [N.T.] ↔ □
 13. Palavras mágicas. [N.T.] ↔ □
 14. Nu e vencido, pesa cem libras quando está pendurado pelos pés. [N.T.] ↔ □
 15. Um estrige ou uma feiticeira. [N.T.] ↔ □
 16. Diálogo sobre a força e a ação dos demônios. [N.T.] ↔ □
 17. Não há lugar que não tenha seu gênio. [N.T.] ↔ □
 18. Sob a conservação da forma específica, a alma está salva. [N.T.] ↔ □
 19. Indigno é quem mora em meio a palavras feias. [N.T.] ↔ □
 20. Outrora eu fora tronco um figueiro. [N.T.] ↔ □
 21. Bispo de Autun. [N.T.] ↔ □

I. O ESCUDO QUE SE TRANSFORMOU NUMA FOLHA SECA

Gringoire e toda a Corte dos Milagres estavam em uma inquietude mortal. Não se sabia, havia já um mês, o que acontecera a La Esmeralda, o que entristecia muito o duque do Egito e seus amigos mendigos, nem o que teria sido feito de sua cabra, o que redobrava a dor de Gringoire. Certa noite, a cigana desaparecera e, desde então, não dera sinal de vida. Todas as buscas foram inúteis. Certos falsos doentes impertinentes disseram a Gringoire tê-la encontrado na noite em que sumira, lá pela região da ponte Saint-Michel, caminhando com um oficial; mas esse marido à moda da Boêmia era um filósofo incrédulo e, ademais, sabia ele mais do que ninguém que sua mulher era virgem. Pudera julgar que tipo de pudor inexpugnável resultava das duas virtudes combinadas do amuleto e da cigana; e calculara matematicamente a resistência dessa castidade à segunda potência. Estava, então, tranquilo por esse lado.

Ele também não pôde explicar esse desaparecimento. Era uma tristeza profunda. Teria emagrecido se fosse possível. Esqueceu-se de tudo, até de seus gostos literários, até de sua grande obra *De figuris regularibus et irregularibus*, que contava fazer imprimir com o primeiro dinheiro que tivesse (pois ele teimava com a imprensa, desde que vira o *Didascalicon* de Hugues de Saint-Victor impresso com os célebres caracteres de Vindelin de Spire).

Certo dia, quando passava tristemente diante da Tournelle criminal, percebeu certa multidão em uma das portas do Palácio da Justiça.

– O que é isso? – perguntou a um jovem rapaz que dali saía.

– Não sei, senhor, respondeu o jovem. Dizem que está sendo julgada uma mulher que assassinou um guarda. Como parece haver feitiçaria por trás disso tudo, o bispo e o oficial intervieram na causa, e meu irmão, que é arquiidiácono de Josas, passa aí sua vida. Ora, eu gostaria de lhe falar, mas não pude chegar até ele devido à multidão, o que muito me contraria pois preciso de dinheiro.

– Infelizmente, senhor – disse Gringoire –, gostaria de poder lhe emprestar algum; mas, se minhas bragas estão furadas, não é, decerto,

por ter escudos sobrando.

Não ousou dizer ao jovem que conhecia seu irmão arquidiácono, a quem ele não voltou a ver desde a cena da igreja, negligência que o embaraçava.

O estudante continuou seu caminho, e Gringoire seguiu a multidão que subia a escadaria da grande câmara. Estimava que não houvesse nada melhor do que o espetáculo de um processo criminal para dissipar a melancolia, tamanha a estupidez regozijante dos juízes. O povo ao qual estava misturado caminhava e se acotovelava em silêncio. Após uma lenta e insípida procissão por um longo corredor sombrio que serpenteava no palácio como o canal intestinal de um velho prédio, chegou perto de uma porta baixa que desembocava sobre uma sala, cuja altura lhe permitia explorar o olhar sobre as cabeças ondulantes da multidão.

A sala era ampla e sombria, o que a fazia parecer ainda mais ampla. O dia se findava; as longas janelas ogivais não deixavam penetrar mais do que um pálido raio, que se extinguia antes de atingir a abóboda, a enorme grade de madeira esculpida, cujas mil figuras pareciam murmurar confusamente na sombra. Havia já muitas candeias acesas sobre as mesas, iluminando as cabeças dos escrivães atarefados em sua papelada. A parte anterior da sala estava ocupada pela multidão; à direita e à esquerda havia homens de robe à mesa; ao fundo, sobre um estrado, muitos juízes, cuja última fileira estava enfiada nas trevas; faces imóveis e sinistras. As paredes estavam semeadas de inúmeras flores de lis. Distinguiam-se vagamente um grande Cristo acima dos juízes e, por todo canto, lanças e alabardas no cimo, nas quais a luz das candeias punha pontas de fogo.

– Senhor – perguntou Gringoire a um de seus vizinhos –, o que são todas essas pessoas colocadas lá atrás como prelados do concílio?

– Senhor – disse o vizinho –, à direita, são os conselheiros da grande câmara, e, à esquerda, os conselheiros dos interrogatórios; os mestres em robes negros, e os senhores em robes vermelhos.

– Lá, acima deles – retomou Gringoire –, quem é aquele gordo que sua?

– É o senhor presidente.

– E os carneiros atrás dele? – prosseguiu Gringoire, o qual, como já dissemos, não gostava da magistratura. O que chegava ao rancor que cultivava pelo Palácio da Justiça desde sua desventura dramática.

– São os senhores mestres de petição do Hôtel du Roi.
– E aquele javali na frente dele?
– É o senhor escrivão da corte do Parlamento.
– E à direita, aquele crocodilo?
– Mestre Philippe Lheulier, advogado extraordinário do rei.
– E à esquerda, aquele gato negro gordo?
– Mestre Jacques Charmolue, procurador do rei na corte da Igreja, com os senhores da oficialidade.

– Ora essa, senhor – disse Gringoire –, o que faz toda essa gente lá?
– Julgam.
– Julgam quem? Não vejo o acusado.
– É uma mulher, senhor. O senhor não pode vê-la. Está de costas para nós, escondida atrás da multidão. Veja, ela está lá onde o senhor vê um grupo de partasanas.

– Quem é essa mulher? – perguntou Gringoire. – O senhor sabe o nome dela?

– Não, senhor. Acabo de chegar. Presumo apenas que há feitiçaria, pois o oficial assiste ao processo.

– Vamos! – disse nosso filósofo. – Vamos ver toda essa gente de toga devorar carne humana. É um espetáculo como outro qualquer.

– Senhor – observou o vizinho –, não acha que o mestre Jacques Charmolue aparenta excessiva brandura?

– Hum! – respondeu Gringoire. – Desconfio de uma brandura que tem narinas afetadas e lábios finos.

Então, os vizinhos impuseram silêncio aos dois conversantes. Escutava-se um depoimento importante.

– Senhores – disse, no meio da sala, uma velha cuja aparência sumia sob suas vestes, que mais pareciam um monte de farrapos que caminhava –, senhores, tudo é tão verdade quanto é verdade que sou a Falourdel, residente há mais de quarenta anos na ponte Saint-Michel, que pago rigorosamente renda, foro e censo, moradora há quarenta anos na casa defronte à residência de Tassin-Caillart, o tintureiro, na ponte Saint-Michel, do lado que sobe o rio. Uma pobre velha hoje, uma jovem mulher outrora, senhores! Diziam-me depois de alguns dias: “Falourdel, não fie tanto a roda à noite; o diabo adora pentear com os chifres a estriga das velhas. Decerto, o monge malvado, que no ano passado estava para os lados de Temple, vagueia agora na Cité. Falourdel, cuidado para que ele não bata à sua porta.” Certa noite, eu

fiava à minha roda, batem à minha porta. Pergunto quem é. Praguejam. Eu abro. Dois homens entram. Um de negro e o outro um belo oficial. Do de negro, nada se via além dos olhos, duas brasas. Todo o resto é manto e chapéu. Eis o que me dizem: “O quarto que dá para Sainte-Marthe.” É o meu quarto de cima, senhores, o meu próprio. Deram-me um escudo. Guardo o escudo em minha gaveta e digo: “Será para comprar tripas amanhã no açougue da Gloriette.” Subimos. Quando chegamos ao quarto de cima, enquanto eu lhes virava as costas, o homem de negro desapareceu. Isso me assustou um pouco. O oficial, que era belo como um grande senhor, desceu comigo. Saiu. O tempo de fiar uma meada, ele entrou com uma bela jovem, uma boneca que brilharia como o sol se estivesse penteada. Ela trazia um bode, um grande bode, se negro ou branco, não sei mais. Eis o que me preocupou. A jovem, esta não me olhava, mas o bode! Detesto esses animais, têm uma barba e uns chifres! Parecem gente. Além do mais, isso cheira a sabá. Mas não disse nada. Tinha um escudo. Estou certa, não é verdade, monsenhor juiz? Faço subir a jovem e o capitão ao quarto, e deixo-os a sós, ou seja, com o bode. Desço e volto a fiar. É preciso dizer que minha casa tem um térreo e um primeiro andar sobre o rio, como as outras casas da ponte, e as janelas do térreo e do primeiro andar se abrem sobre a água. Estava, então, fiando. Não sei por que razão, pensava nesse monge malvado que o bode havia posto em minha cabeça, e nessa jovem estranhamente vestida. De repente, escuto um grito vindo de cima e algo cair no chão, e que a janela se abre. Corro a outra janela que há embaixo e vejo passar diante de meus olhos uma massa negra que cai na água. Era um fantasma vestido de padre. Era uma noite de luar. Pude ver muito bem. Nadava do lado da Cité. Então, tremendo inteira, chamo a ronda. Esses senhores sargentos da ronda entram e, sem saber do que se tratava, só porque estavam alegres, bateram-me. Então eu lhes expliquei. Subimos, e o que nós encontramos? Meu pobre quarto todo em sangue, o capitão estendido ao chão com um punhal no pescoço, a jovem fingindo-se de morta e o bode completamente assustado. Bom, disse eu, levarei mais de quinze dias para lavar este chão. Será preciso raspar, isso será terrível. Mataram o oficial, pobre jovem! E a moça, toda descomposta. Agora escutem o pior: no dia seguinte, quando precisei do escudo para comprar tripas, encontrei uma folha seca em seu lugar.

A velha se calou. Um murmúrio de horror circulou pelo auditório.

– Esse fantasma, esse bode, tudo isso cheira a magia – disse um vizinho de Gringoire.

– E essa folha seca! – acrescentou um outro.

– Sem dúvida – retomou um terceiro –, é uma feiticeira que trama com o monge malvado roubar oficiais.

Até mesmo Gringoire não estava distante de achar todo esse conjunto assustador e verossímil.

– Senhora Falourdel – disse o monsenhor presidente com majestade –, não tem mais nada a dizer à Justiça?

– Não, monsenhor – respondeu a velha –, senão que no relatório trataram minha casa como um casebre desonesto e podre, o que é um ultraje dizer. As casas da ponte não têm boa aparência porque há muita gente do povo, mas não por isso deixam de morar lá açougueiros que são ricos e casados com belas esposas.

O magistrado, que a Gringoire parecera um crocodilo, levantou-se.

– Paz! – disse ele. – Peço aos senhores não perderem de vista que foi encontrado um punhal sobre a acusada. Senhora Falourdel, a senhora trouxe essa folha seca na qual foi transformado o escudo que o demônio lhe dera?

– Sim, monsenhor – respondeu ela –, eu a reencontrei. Ei-la.

Um oficial levou a folha morta ao crocodilo, que fez um lúgubre sinal de cabeça e a passou ao presidente, que a reenviou ao procurador do rei na corte da Igreja, de modo que ela rodou por toda a sala.

– É uma folha de bétula – disse mestre Jacques Charmolue. – Uma nova prova de magia.

Um conselheiro tomou a palavra.

– Testemunha, dois homens entraram ao mesmo tempo em sua casa. O homem de negro, que a senhora no começo vira desaparecer e depois nadar no Sena com hábitos de padre, e o oficial. Qual dos dois lhe deu o escudo?

A velha refletiu por um momento e disse:

– O oficial.

Um rumor percorreu a multidão. “Ah!”, pensou Gringoire, “isso faz hesitar minha convicção.”

No entanto, mestre Philippe Lheulier, advogado extraordinário do rei, interveio de novo.

– Lembro aos senhores que, no depoimento escrito em seu leito, o oficial assassinado, ao declarar que tinha a vaga lembrança, no

momento em que o homem de negro o havia abordado, de que bem poderia ser o monge malvado, acrescentou que o fantasma o havia vivamente apressado a se encontrar com a acusada, e que, quando o capitão lhe disse que não tinha dinheiro, dera-lhe o escudo com o que o dito oficial pagou Falourdel. Então, o escudo é uma moeda do inferno.

Essa observação concludente pareceu dissipar todas as dúvidas de Gringoire e dos outros céticos do auditório.

– Os senhores têm o documento das peças – acrescentou o advogado da lei enquanto se sentava –, podem consultar o depoimento de Phœbus de Châteaupers.

Ao ouvir esse nome, a acusada se levantou. Sua cabeça ficou acima da multidão. Gringoire, espantado, reconheceu La Esmeralda.

Ela estava pálida; seus cabelos, outrora tão graciosamente entrançados e ornados de cequins, caíam em desordem; seus lábios estavam azuis; seus olhos, assustados. Uma pena!

– Phœbus! – disse ela em desvario – Onde está ele? Oh, monsenhores! Antes de me matarem, por graça, digam-me se ele ainda vive!

– Cale-se, mulher – ordenou o presidente. – Não é este o nosso assunto.

– Oh! Por piedade, digam-me se ele está vivo! – retomou ela, juntando suas belas mãos emagrecidas; e se escutava suas correntes tremendo ao longo de suas vestes.

– Muito bem! – disse secamente o advogado do rei –, ele está morto. A senhorita está contente?

A infeliz recaiu sobre o banco do réu, sem voz, sem lágrimas, branca como uma figura de cera.

O presidente se abaixou na direção de um homem colocado aos seus pés, que tinha um boné dourado e uma veste negra, uma corrente no pescoço e uma vara na mão.

– Oficial, introduza a segunda acusada.

Todos os olhos se voltaram na direção de uma pequena porta que se abriu e, para grande palpitação de Gringoire, deu passagem a uma bela cabra de chifres e pés dourados. O elegante animal parou por um momento à soleira, esticando o pescoço como se, levado à ponta de uma rocha, tivesse sob os olhos um imenso horizonte. De repente, ela viu a boêmia e, saltando por cima da mesa e da cabeça de um escrivão,

em dois lances chegou aos seus joelhos. Em seguida, rolou graciosamente sobre os pés de sua dona, solicitando uma palavra ou uma carícia; mas a acusada permaneceu imóvel, e a pobre Djali não teve sequer um olhar.

– Ah, mas... é minha besta vilã – disse a velha Falourdel –, eu reconheço as duas perfeitamente!

Jacques Charmolue interveio.

– Se os senhores estiverem de acordo, procederemos ao interrogatório da cabra.

Era a segunda acusada. Nada mais ordinário, então, que um processo de feitiçaria intentado a um animal. Encontra-se, entre outros, nas contas do prebostado de 1466, um curioso pormenor recente do processo de Gillet-Soulart e de sua porca, *executados por seus deméritos* em Corbeil. Tudo está lá, o custo das fossas para se pôr a porca, os cinco molhos de achas vindos do porto de Morsant, as três pintas de vinho e de pão, último repasto do paciente fraternalmente partilhado pelo carrasco, até os onze dias de guarda e alimentação da porca a oito dinheiros de Paris cada. Por vezes, chegava-se mesmo a ir além de animais. Os Capitulários de Carlos Magno e de Luís I, o Piedoso, infligem graves penas aos fantasmas inflamados que se permitirem aparecer no ar.

No entanto, o procurador na corte da Igreja exclamara:

– Se o demônio que possui esta cabra e que resistiu a todos os exorcismos persiste nos seus malefícios, se ele espanta a corte, nós o prevenimos de que seremos forçados a requerer contra ele a força e a fogueira.

Gringoire suava frio. Charmolue apanhou de uma mesa o pandeiro da boêmia e, apresentando-o de certo modo à cabra, perguntou-lhe:

– Que horas são?

A cabra o olhou com um olhar inteligente, levantou seu pé dourado e bateu sete vezes. Era, de fato, sete horas. Um movimento de terror percorreu a multidão.

Gringoire não se conteve.

– Ela está perdida! – gritou bem alto. – Todos estão vendo que ela não sabe o que faz.

– Silêncio aos labregos do fundo da sala! – disse agressivamente o oficial.

Jacques Charmolue, com o auxílio das mesmas manobras do

pandeiro, fez a cabra fazer vários outros truques, sobre a data do dia, o mês do ano, etc., de que o leitor já foi testemunha. E, por uma ilusão de ótica própria aos debates judiciais, esses mesmos espectadores, que talvez tivessem aplaudido mais de uma vez nas calçadas às inocentes malícias de Djali, ficaram todos espantados sob as abóbadas do Palácio da Justiça. A cabra era mesmo o diabo.

Foi ainda pior quando Djali, após o procurador do rei esvaziar sobre o chão o saco cheio de letras móveis que a cabra trazia ao pescoço, extraiu, com sua pata, do alfabeto disperso este nome fatal: *Phœbus*. Os sortilégios de que o capitão fora vítima pareceram realmente demonstrados e, aos olhos de todos, a boêmia, essa arrebatadora dançarina que tantas vezes fascinara os passantes com sua graça, era uma temível estrige.

De resto, ela não dava o menor sinal de vida. Nem as graciosas evoluções de Djali, nem as ameaças da tribuna, nem as surdas imprecações do auditório, nada mais lhe chegava ao pensamento.

Foi preciso, para acordá-la, que um sargento a sacudisse sem piedade e que o presidente elevasse solenemente a voz.

– Jovem, a senhorita é da raça boêmia, dedicada aos malefícios. A senhorita, em cumplicidade com a cabra enfeitiçada implicada no processo, na noite de 29 de março último, matou e apunhalou, em conluio com o poder das trevas, com o auxílio de encantos e práticas, um capitão dos arqueiros do rei, Phœbus de Châteaupers. Persiste a senhorita em negar isso?

– Horror! – gritou a jovem, escondendo a face com suas mãos. – Meu Phœbus! Oh! É o inferno!

– Persiste a senhorita em negar? – perguntou friamente o presidente.

– Sim, nego! – disse ela com um tom terrível; e se levantou, seus olhos brilhavam.

O presidente continuou sem rodeios:

– Então, como a senhorita explica os fatos de que é acusada?

Ela respondeu com a voz entrecortada:

– Eu já disse. Eu não sei. Foi um padre. Um padre que não conheço. Um padre infernal que me persegue!

– Então é isso – retomou o juiz. – O monge malvado.

– Oh! Monsenhores! Tenham piedade! Não passo de uma pobre jovem...

– Do Egito – disse o juiz.

Mestre Jacques Charmolue tomou a palavra com doçura:

– Consoante à obstinação dolorosa da acusada, requeiro a aplicação da tortura.

– Acordado – disse o presidente.

A infeliz tremeu por inteiro. Levantou-se, no entanto, sob a ordem dos partasaneiros, e caminhou com passo muito firme, precedida por Charmolue e pelos padres da oficialidade, entre duas fileiras de alabardas, na direção de uma porta bastarda que se abriu subitamente e se fechou atrás dela, o que pareceu ao triste Gringoire uma garganta horrível que acabara de devorá-la.

Quando ela desapareceu, ouviu um berro pungente. Era a pequena cabra que chorava.

A audiência foi suspensa. Um conselheiro observou que os monsenhores estavam fatigados e que a tortura iria fazê-los esperar por muito tempo; o presidente, porém, respondeu que um magistrado deve saber se sacrificar pelo seu dever.

– Importuna e irritante esta leviana – disse um velho juiz –, faz-se torturar antes de havermos ceado.

II. SEQUÊNCIA DO ESCUDO QUE SE TRANSFORMOU NUMA FOLHA SECA

Após subir e descer alguns degraus por esses corredores sombrios que são clareados por lâmpadas em pleno dia, La Esmeralda, sempre acompanhada de seu lúgubre cortejo, foi empurrada pelos sargentos do palácio para uma câmara sinistra, de forma redonda, que ocupava o térreo de uma dessas grossas torres que perpassam, ainda em nosso século, a camada de prédios modernos com que a nova Paris recobre a antiga. Nessa cava, não havia nenhuma janela, nenhuma outra abertura além da entrada baixa e de uma enorme porta de ferro. Claridade, todavia, não faltava ali. Um forno, construído dentro da parede, estava aceso e uma forte fogueira preenchia a cava com suas vermelhas reverberações e roubava toda a luz de uma miserável candeia colocada em um canto. A grade de ferro que servia para fechar o forno, levantada nesse momento, não deixava ver, pelo orifício do respiradouro flamejante sobre a parede tenebrosa, nada além da extremidade inferior de suas traves, como um arranjo de dentes negros,

agudos e espaçados, o que dava a impressão de que a fornalha era a boca de um dragão das lendas lançando chamas. Sob a luz que escapava dessa fornalha, a prisioneira viu, por toda câmara, instrumentos temíveis cuja função ela não compreendia. No meio girava um colchão de couro quase ao chão, sobre o qual pendia uma correia de argolas, presa a um anel de cobre que mordía um monstro achatado esculpido no eixo da abóboda. Garras, pinças, largos ferros de charruas cobriam o interior do forno e incandesciam desordenadamente sobre a brasa. A claridade sangrenta da fornalha iluminava em toda a câmara apenas um conjunto de objetos horríveis.

Esse tártaro se chamava simplesmente *câmara de tortura*.

Sobre o leito, estava sentado de maneira negligente Pierrat Torterue, o torturador juramentado. Seus valetes, dois gnomos de cara quadrada, com avental de couro, calções de pano, remexiam as ferramentas sobre o carvão.

A pobre jovem achou melhor se investir de coragem. Ao penetrar nessa câmara, sentiu horror.

Os sargentos do bailio do palácio arranjaram-se de um lado; os padres da oficialidade, do outro. Um escrivão, um escritório e uma mesa estavam num canto.

Mestre Jacques Charmolue se aproximou da cigana com um sorriso adocicado.

– Querida menina – perguntou ele –, a senhorita insiste então em negar?

– Sim – respondeu ela quase sem voz.

– Neste caso – retomou Charmolue –, será muito doloroso para nós torturá-la com mais insistência do que desejaríamos. Queira tomar a pena de se sentar sobre este leito. Mestre Pierrat, dê lugar à senhorita e feche a porta.

Pierrat se levantou resmungando.

– Se eu fechar a porta, meu fogo vai se apagar.

– Pois bem, meu caro – replicou Charmolue –, deixe-a aberta.

Todavia, La Esmeralda permaneceu de pé. Espantava-a esse leito de couro, onde se torturou tantos miseráveis. O terror lhe enregelava a medula dos ossos. Estava apavorada e estúpida. A um sinal de Charmolue, os dois valetes a pegaram e a puseram sentada no leito. Não lhe fizeram mal algum, mas quando esses homens a tocaram, quando o couro a tocou, sentiu todo seu sangue refluir na direção de

seu coração. Lançou um olhar perdido em torno da câmara. Parecia-lhe ver moverem-se e caminharem, de todas as partes, em sua direção, para subirem ao longo de seu corpo, e a morderem, e a pinçarem, todos os disformes instrumentos de tortura, que lhe eram, entre todos os tipos que ela vira até então, o que são os morcegos, as lacraias e as aranhas em meio aos insetos e pássaros.

– Onde está o médico? – perguntou Charmolue.

– Aqui – respondeu uma veste negra que ela ainda não vira.

Ela tremeu.

– Senhorita – retomou pela terceira vez a voz carinhosa do procurador na corte da Igreja –, insiste em negar os fatos de que é acusada?

Dessa vez, ela fez apenas um sinal com a cabeça. A voz lhe faltou.

– A senhorita insiste? – disse Jacques Charmolue. – Então, lamento muito por isso, mas é preciso que eu cumpra o dever de meu ofício.

– Monsenhor procurador do rei – disse Pierrat –, por onde começamos?

Charmolue hesitou por um momento com a expressão ambígua de um poeta que busca uma rima.

– Pelo borzeguim – disse ele, enfim.

A desafortunada se sentiu tão profundamente abandonada por Deus e pelos homens que sua cabeça caiu sobre seu peito como uma coisa inerte que não tem mais força em si.

O torturador e o médico se aproximaram dela. Ao mesmo tempo, os dois valetes se puseram a remexer em seu hediondo arsenal.

Ao tilintar dessas temíveis ferragens, a infeliz menina estremeceu como uma rã morta que se galvaniza.

– Oh! – murmurou ela tão baixo que ninguém a escutou –, oh, meu Phœbus!

Em seguida, recaiu em sua imobilidade e em seu silêncio de mármore. Esse espetáculo dilaceraria qualquer coração, menos o coração dos juizes. Parecia uma pobre alma pecadora torturada por Satã no postigo escarlate do inferno. O miserável corpo, o qual seria fustigado por esse temível formigueiro de serras, rodas e cavaletes, o ser que seria manipulado pelas ásperas mãos de carrascos e tenazes, era então essa doce, branca e frágil criatura. Pobre ganho entre mil que a justiça humana dava a moer às assustadoras mós da tortura!

Então, as mãos calosas dos valetes de Pierrat Torterue haviam

brutalmente posto a nu essa perna encantadora, esse pequeno pé, que maravilhara tantas vezes os passantes com sua gentileza e sua beleza nas calçadas de Paris.

– É uma pena! – resmungou o torturador enquanto observava essas formas tão graciosas e delicadas.

Se o arquiidiácono estivesse ali nesse momento, decerto teria se lembrado do símbolo da aranha e da mosca.

Logo, a infeliz viu, através da nuvem que expandia sobre seus olhos, o borzeguim se aproximar e, instantes depois, seu pé ser calçado entre as tábuas ferradas e desaparecer sob o assustador aparelho. Então, o terror lhe deu força.

– Tirem isso! – gritou ela. E, recompondo-se, totalmente desganhada: – Perdão!

Lançou-se fora do leito para se jogar aos pés do procurador do rei, mas sua perna estava presa ao pesado bloco de madeira e ferragens, e ela caiu sobre o borzeguim mais aniquilada do que uma abelha que tivesse chumbo sobre as asas.

A um sinal de Charmolue, colocaram-na no leito, e duas grossas mãos assujeitaram sua fina cintura à correia que pendia da abóboda.

– Uma última vez, é a senhorita responsável pelos fatos da causa? – perguntou Charmolue com sua imperturbável benevolência.

– Sou inocente.

– Então, senhorita, como explica as circunstâncias que a acusam?

– Infelizmente, monsenhor, não sei.

– A senhorita, então, nega?

– Tudo.

– Pode começar – disse Charmolue a Pierrat.

Pierrat girou a manivela, o borzeguim se apertou, e a infeliz lançou um desses terríveis gritos que não têm ortografia em nenhuma língua humana.

– Pare – disse Charmolue a Pierrat. – Confessa? – perguntou à cigana.

– Tudo! – gritou a miserável jovem. – Confesso tudo! Tudo! Por misericórdia!

Ela não estimara suas forças ao afrontar a tortura. Pobre menina cuja vida até então fora tão alegre, tão doce, derrotada pela primeira dor.

– A humanidade me obriga a dizer – observou o procurador do rei – que, confessando, é a morte que a senhorita deve esperar.

– Pois, espero por ela! – disse a cigana. E recaiu sobre o leito de

couro, desfalecida, dobrada em duas, deixando-se pender pela correia anelada ao seu peito.

– Vamos, minha bela, aguentue um pouco – disse mestre Pierrat ao levantá-la. – A senhorita parece o carneiro de ouro que está no pescoço do senhor Borgonha.

Jacques Charmolue elevou a voz.

– Escrivão, escreva. Jovem mulher, boêmia, a senhorita confessa a participação nos festins, sabás e malefícios do inferno, com os espectros, os disfarces e as estriges? Responda.

– Sim – disse ela tão baixo que sua fala se perdia em seu sopro.

– Confessa ter visto o bode que Belzebu fez aparecer nas nuvens para congregar o sabá, que apenas feiticeiras podem ver?

– Sim.

– Confessa ter adorado as cabeças de Bophomet, esses abomináveis ídolos dos templários?

– Sim.

– Ter tido comércio costumeiro com o diabo sob a forma de uma cabra doméstica, acrescentada ao processo?

– Sim.

– Enfim, a senhorita confessa e confirma ter sido auxiliada pelo demônio, e pelo fantasma vulgarmente chamado de monge malvado, na noite de 29 de março último, quanto à morte e ao assassinato de um capitão nomeado Phœbus de Châteaupers?

Ela fixou seus grandes olhos sobre o magistrado e respondeu como que maquinalmente, sem convulsão e sem abalo:

– Sim. – Era evidente que tudo se quebrara nela.

– Escreva, escrivão – disse Charmolue. E, dirigindo-se aos torturadores: – Soltem a prisioneira e a levem de volta à audiência.

Quando descalçaram a prisioneira, o procurador na corte da Igreja examinou seu pé ainda entorpecido pela dor:

– Vamos! – disse ele. – Não foi tão mal assim. A senhorita gritou a tempo. Poderia ainda dançar, minha bela!

Em seguida, voltou-se para seus acólitos de oficialidade:

– Eis, enfim, a justiça esclarecida! Isso é um alívio, senhores! A senhorita nos prestou seu testemunho de que agimos com toda a delicadeza possível.

III. O FIM DO ESCUDO QUE SE TRANSFORMOU NUMA FOLHA SECA

Quando ela voltou à sala de audiência, pálida e mancando, um murmúrio geral de prazer a acolheu. Da parte do auditório, era esse sentimento de impaciência satisfeita que se prova no teatro quando termina o último entreato da comédia, assim que a cortina se levanta e que o fim começa. Da parte dos juízes, era a esperança de logo cear. A pequena cabra também baliu de alegria. Queria correr até sua dona, mas a haviam amarrado ao banco.

A noite já havia chegado. As candeias, em pequena quantidade, lançavam tão pouca luz que não se via as paredes da sala. As trevas, então, envolviam todos os objetos com uma espécie de bruma. Apenas algumas faces apáticas de juízes sobressaíam. Na frente deles, no extremo da longa sala, podia-se ver um ponto de brancura vago se destacar sobre o fundo sombrio. Era a acusada.

Foi arrastada até seu lugar. Quando Charmolue foi instalado ao seu, sentou-se, em seguida se levantou e disse, sem deixar transparecer em excesso a vaidade de seu sucesso:

– A acusada confessou tudo.

– Jovem boêmia – retomou o presidente –, a senhorita confessou todos os seus crimes de magia, de prostituição e de assassinato no caso Phœbus de Châteaupers?

Seu coração se apertou. Era possível ouvir-lhe os lamentos na sombra.

– Tudo o que os senhores quiserem – respondeu ela com fraqueza –, mas me matem logo!

– Senhor procurador do rei na corte da Igreja – disse o presidente –, a câmara está pronta para escutar suas requisições.

Mestre Charmolue exibiu um extraordinário caderno e se pôs a ler, com muitos gestos e a entonação exagerada da advocacia, uma arenga em latim, em que todas as provas do processo eram construídas sobre perífrases ciceronianas e acompanhadas de citações de Plauto, seu cômico favorito. Lamentamos não podermos oferecer aos nossos leitores esse fragmento notável. O orador discorria com uma ação maravilhosa. Nem terminara o preâmbulo e já o suor lhe brotava da fronte e os olhos, da cabeça.

De repente, bem no meio de uma frase, interrompeu sua fala, e seu olhar, sempre doce ou mesmo besta, tornou-se fulminante.

– Senhores – gritou ele (dessa vez em francês, pois o que disse não estava no caderno) –, Satã está misturado nesse processo. Vejam, ele assiste aos nossos debates e faz macaquices de Sua Majestade. E, falando assim, apontou com a mão a pequena cabra, que, vendo Charmolue gesticular, acreditou ser conveniente fazer o mesmo e se sentou sobre as patas traseiras, reproduzindo da melhor forma possível a pantomima patética do procurador do rei na corte da Igreja. Era, se nos lembrarmos dele, seu mais formoso número. Esse incidente, essa derradeira prova, causou grande efeito. Amarraram as patas da cabra, e o procurador do rei retomou o fio de sua eloquência.

Foi muito longo, mas a peroração foi admirável. Eis aqui a última frase, e se acrescente a ela a voz enrouquecida e o gesto esbaforido do mestre Charmolue:

– *Ideo, Domni, coram stryga demonstrata, crimine patente, intetione criminis existente, in nomine sanctae ecclesiae Nostrae-Dominae Parisiensis, quae est in saisina habendi omnimodam altam et bassam justitiam in illa hac intemerata Civitatis insula, tenore praesentium declaramus nos requirere, primo, aliquandam pecuniariam indemnitatem; secundo, amendationem honorabilem ante portalium maximum Nostrae-Dominae, ecclesiae cathedrae, tertio, sententiam in virtute cujus ista stryga cum sua capella, seu in trivio vulgariter dicto la Grève, seu in insula exeunte in fluvio Sequanae, juxta pointam jardini regalis, executatae sint!*¹

E, pondo de novo seu chapéu, voltou a se sentar.

– *Eheu!* – suspirou Gringoire, desolado –, *bassa latinitas!*²

Um outro homem de vestes negras, ao lado da acusada, levantou-se. Era seu advogado. Os juízes, em jejum, começaram a murmurar.

– Advogado, seja breve – disse o presidente.

– Senhor presidente – começou o advogado –, como a interrogada confessou o crime, não tenho mais nenhuma palavra a dizer aos senhores. Eis um texto da lei sália: “Se uma estrige comeu um homem, e havendo provas desse crime, deverá pagar uma multa de oito mil dinheiros, que somam duzentos soldos de ouro.” Que a câmara se satisfaça em condenar minha cliente à multa.

– Texto revogado – disse o advogado extraordinário do rei.

– *Nego*³ – replicou o advogado.

– Aos votos! – disse o conselheiro. – O crime é patente, e já é tarde.

E votaram sem deixar a sala. Os juízes consentiram em silêncio de tanto que tinham pressa. As cabeças encapuçadas se descobriam, uma após outra, na sombra, à pergunta lúgubre que lhes dirigia, em voz baixa, o presidente. A pobre acusada parecia olhá-los, mas seus olhos perturbados nada mais viam.

Em seguida, o escrivão se pôs a escrever; depois passou o longo pergaminho ao presidente.

Então, a desgraçada escutou o povo se remexer, as lanças se entrechocarem e uma voz glacial dizer:

– Jovem boêmia, às doze horas do dia em que for do agrado do rei nosso senhor, a senhorita será levada numa carroça, em camisa, pés descalços, corda ao pescoço, para diante do portal da Notre-Dame, e aí pagará o perdão com uma tocha de cera de duas libras de peso à mão, e então será levada à praça de Grève, onde será pendurada e estrangulada ao cadafalso da cidade, ao mesmo tempo que essa sua cabra. E pagará ao oficial três leões de ouro pela reparação dos crimes cometidos, e confessados pela senhorita, de feitiçaria, magia, luxúria e assassinato da pessoa do senhor Phoebus de Châteaupers. Deus tenha sua alma!

– Oh! É um sonho! – murmurou ela. E sentiu que rudes mãos a levavam.

IV. *LASCIATE OGNI SPERANZA*⁴

Na Idade Média, quase o mesmo tanto da parte visível de uma edificação ficava dentro da terra. Exceto quando construída sobre pilotis, como a Notre-Dame, um palácio, uma bastilha, uma igreja, tinham sempre um duplo fundo. Nas catedrais, havia de certo modo uma outra catedral subterrânea, baixa, obscura, misteriosa, cega e muda, sob a nave superior, que regurgitava de luz e ressoava órgãos e sinos, dia e noite; por vezes era um sepulcro. Nos palácios, nas bastilhas, era uma prisão, por vezes também um sepulcro, por vezes os dois ao mesmo tempo. Essas potentes construções, cujo modo de formação e vegetação já explicamos, não tinham simplesmente fundações, mas, por assim dizer, raízes que se ramificavam no solo em câmaras, galerias, escadarias, como a construção de cima. Assim, igrejas,

palácios, bastilhas, tinham terra até o meio do corpo. As cavas de um edifício eram um outro edifício onde se descia em lugar de se subir, e que sucediam andares subterrâneos sob o monte de andares exteriores do monumento, como essas florestas e montanhas que se invertem na água cristalina de um lago debaixo das florestas e das montanhas da margem.

Na bastilha Saint-Antoine, no Palácio da Justiça de Paris, no Louvre, esses edifícios subterrâneos eram prisões. Os andares dessas prisões abaixo do solo iam se estreitando e se tornando mais sombrios. Eram as zonas em que se escalonavam as nuances do horror. Dante não poderia encontrar nada melhor para seu inferno. Esse funil de masmorras terminava, em geral, em um calabouço ao fundo de uma cuba, onde Dante pôs Satã, onde a sociedade punha o condenado à morte. Uma vez uma miserável existência fosse ali enterrada, adeus dia, ar livre, vida, *ogni speranza*. Sairia apenas para o cadafalso ou a fogueira. Por vezes, ela apodrecia ali mesmo. A justiça humana chamava a isso *esquecer*. Entre os homens e ela, a alma sentia pesar sobre sua cabeça um amontoado de pedras e guardas, e a prisão inteira, a maciça bastilha não passava de um enorme cadeado que a trancava fora do mundo dos vivos.

Foi num calabouço desse gênero, nas masmorras cavadas por São Luís, no *in pace* da Tournelle, que se depositara, por medo de evasão, a condenada ao cadafalso La Esmeralda, com o colossal Palácio da Justiça sobre sua cabeça. Pobre mosca que não podia mover a menor daquelas pedras!

Certamente, a providência e a sociedade haviam sido injustas, um tal luxo de infelicidade e tortura não eram necessários para quebrar tão frágil criatura.

Lá estava ela, perdida nas trevas, sepultada, enterrada, murada. Quem pudesse vê-la nesse estado, depois de tê-la visto rir e dançar ao sol, teria tremido. Fria como a noite, fria como a morte, nenhum sopro em seus cabelos, nenhum som humano em seus ouvidos, nenhum clarão de dia nos seus olhos, partida em duas, humilhada em correntes, agachada, perto de um jarro e um pão, sobre um pouco de palha na poça d'água que se formava sob ela vinda da ressudação do calabouço, sem movimento, quase sem sopro, ela já nem sofria mais. Phœbus, o sol, o meio-dia, o ar puro, as ruas de Paris, as danças aos aplausos, as conversas de amor com o oficial, depois o padre, a matrona, o punhal,

o sangue, a tortura, o cadafalso, tudo repassava tantas vezes em seu espírito, tanto como uma visão cantante e dourada quanto como um pesadelo disforme; mas era apenas uma luta horrível e vaga que se perdia nas trevas, ou uma música longínqua que era tocada lá em cima sobre a terra e que não se podia ouvir nas profundezas onde a infeliz estava caída.

Desde que lá estava, não velava nem dormia. Nesse infortúnio, nesse calabouço, não distinguia mais a vigília do sono, o sonho da realidade, o dia da noite. Tudo lhe fora misturado, quebrado, vacilante, expandido confusamente em seu pensamento. Não sentia mais, não sabia mais, não pensava mais. Quando muito, sonhava. Jamais uma criatura viva estivera enfiada tão cedo no nada.

Assim entorpecida, enregelada, petrificada, ouviu apenas duas ou três vezes o barulho de um alçapão se abrindo em alguma parte acima dela, sem mesmo deixar passar um pouco de luz, e pelo qual uma mão lhe lançou uma migalha de pão negro. A visita periódica do carcereiro era a única comunicação que lhe restou com os homens.

Apenas uma coisa ocupava de forma mecânica seu ouvido. Acima de sua cabeça, a umidade filtrava, através das pedras bolorentas da abóboda, em intervalos iguais, uma gota d'água que caía. Ela ouvia estupidamente o ruído que essa gota d'água fazia ao cair na poça ao seu lado.

Essa gota d'água caindo nessa poça era o único movimento ao seu redor, o único relógio que marcava o tempo, o único ruído que lhe vinha de todo o barulho que se fazia sobre a superfície da Terra.

Para completar, ela sentia também, de tempo em tempo, nessa cloaca de lama e treva, algo frio que passava, aqui e ali, sobre seus pés e braços, e tremia.

Desde quando lá estava, ela não sabia. Tinha a lembrança de uma condenação à morte pronunciada contra alguém; em seguida, que a levaram e que acordara gelada na noite e no silêncio. Havia sido arrastada pelas mãos, fazendo soar as algemas de ferro, que lhe cortaram os tornozelos, e as correntes. Reconheceu que tudo era muralha ao seu redor, que havia sob os pés uma laje alagada e uma réstia de palha. Todavia, nem lâmpada nem respiradouro. Então, sentara-se nessa palha e, por vezes, para mudar de posição, sobre o derradeiro degrau que havia em seu calabouço. Por um momento, buscou contar os negros minutos que a gota d'água lhe media; mas

logo esse triste trabalho de um cérebro doente era interrompido por si mesmo em sua cabeça e a deixava em estupor.

Um dia, enfim, ou uma noite (pois meio-dia e meia-noite tinham a mesma cor nesse sepulcro), ouviu acima dela um ruído mais forte do que aquele que fazia o chaveiro quando lhe levava seu pão e seu jarro. Levantou a cabeça e viu um raio avermelhado passar através das frestas daquela espécie de porta ou alçapão presente na abóboda do *in pace*. Nesse mesmo instante, o pesado cadeado gritou, o alçapão rangeu em seus gonzos enferrujados, abriu-se, e ela viu uma lanterna, uma mão e a parte inferior do corpo de dois homens, pois a porta era muito baixa para que se pudesse avistar suas cabeças. A luz a feriu com tanta intensidade que ela fechou os olhos.

Quando voltou a abri-los, a porta estava de novo fechada, a lanterna repousava sobre um degrau da escadaria e um homem estava de pé diante dela. Uma túnica negra lhe caía até os pés e uma carapuça da mesma cor lhe escondia o rosto. Nada se via além de sua presença, nem sua face, nem suas mãos. Era um longo sudário negro que se punha de pé e no qual se sentia remexer algo. Ela olhou fixamente por alguns minutos essa espécie de espectro. Todavia, ela nada lhe disse. Eram como duas estátuas que se confrontavam. Apenas duas coisas pareciam vivas na cava: a mecha da lanterna, que estalava devido à umidade da atmosfera; e a gota d'água da abóboda, que cortava essa crepitação irregular com seu marulho monótono e fazia tremer em ondulações concêntricas a luz da lanterna sobre a água oleosa da poça.

Enfim, a prisioneira rompeu o silêncio:

– Quem é o senhor?

– Um padre.

A palavra, a entonação, o som da voz, fizeram-na tremer.

O padre prosseguiu, articulando surdamente.

– A senhorita está preparada?

– Para quê?

– Para morrer.

– Oh! – disse ela –, será logo?

– Amanhã.

Sua cabeça, que se erguera de alegria, voltou-se bruscamente para seu peito.

– Ainda falta muito! – murmurou ela. – Por que não hoje?

– A senhorita está muito infeliz? – perguntou-lhe o padre, após um

silêncio.

– Tenho muito frio – respondeu ela.

Ela segurou seus pés com as mãos, gesto habitual dos infelizes que têm frio e que já vimos a reclusa da Tour-Roland fazer; seus dentes batiam.

O padre parecia levar, sob o capuz, seus olhos por todo o calabouço.

– Sem luz! Sem fogo! Na água! É horrível!

– Sim – respondeu ela com o ar assustado que a infelicidade lhe dera.

– O dia é para todos. Por que me dão apenas a noite?

– A senhorita sabe – retomou o padre após um novo silêncio – por que está aqui?

– Creio que sabia – disse ela, passando seus dedos magros sobre as sobrancelhas como que para ajudar sua memória –, mas já não sei mais.

De repente, começou a chorar como uma criança.

– Desejo sair daqui, senhor. Tenho frio, medo, e animais sobem pelo meu corpo.

– Pois então me siga.

E, falando assim, o padre lhe tomou o braço. A infeliz estava gelada até as entranhas, todavia essa mão lhe pareceu ainda mais fria.

– Oh! – murmurou ela –, é a mão gelada da morte. Quem é o senhor?

O padre levantou seu capuz. Ela olhou. Era a face sinistra que a perseguia desde muito, essa cabeça de demônio que lhe aparecera na casa da Falourdel sobre a cabeça adorada de seu Phœbus, esses olhos que vira pela última vez brilhar perto de um punhal.

Essa aparição, sempre tão fatal para ela, e que a lançara, de infelicidade em infelicidade, até o suplício, tirou-a de seu entorpecimento. Parecia-lhe que fora rompida essa espécie de véu que se espessara em sua memória. Todos os detalhes de sua lúgubre aventura, desde a cena noturna na casa da Falourdel até sua condenação na Tournelle, vieram-lhe ao mesmo tempo ao espírito, não mais vagas e confusas como até então, mas distintas, cruas, nítidas, palpitantes, terríveis. Essas lembranças meio apagadas e quase obliteradas pelo excesso de sofrimento, a sombria figura que ela tinha diante de si as reavivara, como são ressaltadas, próximas do fogo, as letras ainda frescas sobre o papel, que aí foram traçadas com a tinta invisível. Parecia-lhe que todas as chagas de seu coração reabriram-se e sangraram.

– Hah! – gritou ela, as mãos sobre os olhos e com um estremecer

convulsivo. – É o padre!

Em seguida, deixou cair seus braços desencorajados e permaneceu sentada, cabeça baixa, olhos fixos no chão, muda e ainda tremendo.

O padre a olhava com os olhos de um milhafre que planou por muito tempo, rondando o mais alto céu em busca de uma pobre cotovia escondida no prado, e que foi estreitando em silêncio os círculos formidáveis de seu voo e caiu de repente sobre sua presa como um relâmpago, tomando, anelante, entre suas garras.

Ela murmurou baixinho:

– Termine! Termine! O derradeiro golpe! – E enfiava sua cabeça com terror entre seus ombros, como a ovelha que espera o golpe da maça do açougueiro.

– Causo-lhe, então, horror? – perguntou ele enfim.

Ela não respondeu.

– Causo-lhe horror? – repetiu ele.

Seus lábios se contraíram como se ela sorrisse.

– Sim – disse ela –, o carrasco zomba do condenado. Há meses ele me persegue, me ameaça, me assusta! Sem ele, meu Deus, como seria feliz! Foi ele que me lançou neste abismo! Oh, céus! Foi ele que o matou... foi ele que o matou! Meu Phœbus!

Então, rebentando em soluços e levando os olhos ao padre:

– Oh! Miserável! Quem é o senhor? Odeia-me tanto assim? Ai de mim! O que o senhor tanto tem contra mim?

– Eu a amo! – gritou o padre.

Suas lágrimas cessaram no mesmo instante. Ela o olhou com um olhar de idiota. Ela caiu a seus joelhos e lançou um olhar em chamas.

– Entende? Eu a amo! – gritou de novo.

– Que amor! – disse a infeliz, estremecendo.

Ele retomou:

– O amor de um condenado.

Os dois permaneceram em silêncio por alguns minutos, esmagados pelo peso de suas emoções; ele, insensato; ela, estupefata.

– Escute – disse enfim o padre, com uma calma singular. – Saberá de tudo. Eu lhe direi o que até agora apenas ousei dizer a mim mesmo, quando interrogava furtivamente minha consciência nessas horas profundas da noite em que há tantas trevas que parece que Deus já não nos vê. Escute. Antes de vê-la, jovem, eu era feliz...

– E eu! – suspirou ela fragilmente.

– Não me interrompa – disse ele. – Sim, eu era feliz, ao menos acreditava ser. Era puro, tinha a alma plena de uma límpida claridade. Nenhuma cabeça se levantava mais confiante e radiante do que a minha. Os padres me consultavam sobre a castidade; os doutores, sobre sua doutrina. Sim, a ciência era toda minha. Era uma irmã, e uma irmã que me bastava. Não que com a idade não me viessem outras ideias. Por mais de uma vez, minha carne foi mexida pela passagem de uma forma de mulher. Essa força do sexo e do sangue do homem, que, louco adolescente, acreditara sufocar pela vida, mais de uma vez revoltou convulsivamente a cadeia de votos de ferro que me prende, miserável, às frias pedras do altar. Mas o jejum, a prece, o estudo, as penitências do claustro, haviam restabelecido a alma mestra do corpo. E depois eu evitava as mulheres. Aliás, bastava-me abrir um livro para que todas as impuras fumaças de meu cérebro se esvanecessem diante do esplendor da ciência. Em poucos minutos, sentia fugir para longe as coisas espessas da terra e me reencontrava calmo, ofuscado e sereno em presença da radiação tranquila da verdade eterna. Enquanto o demônio enviasse, para me atacar, apenas vagas sombras de mulheres que passavam dispersas sob meus olhos, na igreja, nas ruas, nos prados e que retornavam apenas em meus sonhos, eu o vencia facilmente. Ai de mim! Se a vitória não ficou comigo, a culpa é de Deus, que não fez o homem e o demônio com forças iguais. Escute. Um dia...

Então, o padre parou e a prisioneira ouviu sair de seu peito suspiros que faziam um ruído de estertor e dilaceração.

Ele retomou:

– ... Um dia, eu estava encostado na janela de minha célula. Que livro lia então? Oh! Tudo é hoje um turbilhão em minha cabeça. Eu lia. A janela dava para a praça. Ouvi o soar de um pandeiro e uma música. Irritado por ser assim perturbado em meu devaneio, olhei para a praça. O que vi, outros também viam, porém não era um espetáculo feito para os olhos humanos. Lá, no meio do pavimento, era meio-dia, sol alto, uma criatura dançava. Uma criatura tão bela que Deus haveria de preferi-la em lugar da Virgem, e haveria de escolhê-la como sua mãe, e desejaria nascer dela se ela existisse quando Ele se fez homem! Seus olhos eram negros e esplêndidos, no meio de sua cabeleira negra alguns cachos que o sol penetrava brilhavam como fios de ouro. Seus pés desapareciam em seu movimento como os raios de uma roda que gira com rapidez. Ao redor de sua cabeça, nessas tranças negras, havia

placas de metal que brilhavam ao sol e faziam sob sua fronte uma coroa de estrelas. Sua roupa semeada de lantejoulas cintilava de azul e salpicava de mil centelhas como uma noite de verão. Seus braços, dóceis e morenos, atavam-se e se desatavam em torno de sua cintura como duas echarpes. A forma de seu corpo era de uma beleza surpreendente. Oh, a resplandecente figura se destacava como algo luminoso na própria luz do sol! Ai de mim! Jovem, era a senhorita. Surpreso, arrebatado, encantado, deixava-me levar a olhá-la. Olhava-a tanto que, de repente, estremeci de susto, senti que o sortilégio me tomava.

O padre, oprimido, parou ainda um momento. Em seguida, continuou.

– Já meio fascinado, tentei me agarrar a qualquer coisa e me conter em minha queda. Lembrava dos embustes com que Satã já me havia tentado. A criatura que estava sob meus olhos tinha essa beleza sobre-humana, que só pode vir do céu ou do inferno. Não era apenas uma pobre jovem com um pouco de nossa terra e pobremente iluminada no interior pelo vacilante raio de luz de uma ala de mulher. Era um anjo! Mas das trevas, das chamas, e não da luz. No momento em que pensei isso, vi perto da senhorita uma cabra, uma besta do sabá, que me olhava rindo. O sol do meio-dia lhe dava chifres de fogo. Então, entrevi a armadilha do demônio e não duvidei mais de que a senhorita não viesse do inferno e de que veio dele para a minha perdição. Nisso acreditei.

Então o padre olhou de frente a prisioneira e acrescentou friamente:

– Acredito nisso ainda. Contudo, o encanto agia pouco a pouco, sua dança girava em meu cérebro, sentia o misterioso malefício que se cumpria em mim, tudo o que tivera de vela adormecia em minha alma, e, como aqueles que morrem na neve, deixei-me cair sob esse sono. De repente, a senhorita começou a cantar. O que mais eu poderia fazer, desgraçada? Seu canto era mais encantador ainda do que sua dança. Quis fugir. Impossível. Estava pregado ao solo. Parecia-me que o mármore da laje havia subido até meus joelhos. Foi preciso permanecer até o fim. Finalmente, talvez por piedade, a senhorita parou de cantar e desapareceu. O reflexo dessa deslumbrante visão, o soar da música encantadora, se esvaneceram aos poucos em meus olhos e em meus ouvidos. Então, caí no desvão da janela, mais duro e mais frágil do que uma estátua tombada. O sino das vésperas me acordou. Levantei-me, fugi, mas, ai de mim! Havia algo caído que não podia mais se levantar,

algo de que não podia mais fugir.

Fez então uma pausa e prosseguiu:

– Sim, a partir desse dia, havia em mim um homem que eu não conhecia. Busquei usar todos os meus remédios, o claustro, o altar, o trabalho, os livros. Loucura! Oh! Como a ciência soa vazia quando se choca desesperada com uma cabeça plena de paixão! Sabe a jovem o que via doravante e sempre entre o livro e mim? A senhorita, sua sombra, a imagem da aparição luminosa que um dia atravessara o espaço diante de mim. Mas essa imagem não tinha a mesma cor; era sombria, fúnebre, tenebrosa como o círculo negro que importuna por muito tempo a vista do imprudente que olhou fixamente o sol.

“Sem poder me desembaraçar disso, ouvindo sempre sua canção soar em minha cabeça, vendo sempre seus pés a dançar sobre meu breviário, sentindo sempre à noite, no sonho, sua forma deslizar sobre minha carne, desejei revê-la, tocá-la, saber quem era, ver se a reencontraria tão semelhante à imagem ideal que me restara, quebrar, talvez, meu sonho com a realidade. Em todo caso, esperei que uma impressão nova apagasse a primeira, e a primeira se tornara insuportável para mim. Eu a buscava. Eu a revi. Infelicidade! Quando a vi duas vezes, desejei vê-la mil, desejei vê-la sempre. Então, como não ceder a esse penhasco do inferno? Então, não me continha mais. A outra extremidade do fio com que o demônio atou minhas asas, ele amarrara a seus pés. Tornei-me vago e errante como a senhorita. Esperava-a nos átrios, espreitava-a nas esquinas das ruas, espiava-a do alto de minha torre. A cada tarde, eu voltava mais encantado, mais desesperado, mais enfeitiçado, mais perdido!

“Soube que a senhorita era cigana, boêmia, gitana, zíngara, como duvidar de magia? Escute. Esperava um processo que me desembaraçasse do encanto. Uma feiticeira encantara Bruno d'Ast, ele a fizera queimar e fora curado. Eu o sabia. Desejei tentar o mesmo remédio. Tentei, a princípio, proibir-lhe a esplanada da Notre-Dame, esperando esquecê-la se não a visse mais. A senhorita não se dera conta. A senhorita voltou. Em seguida, veio-me a ideia de sequestrá-la. Uma noite, tentei. Éramos dois. Já a tínhamos nas mãos, quando esse miserável oficial surgiu. Ele a livrou. Começou assim a sua desgraça, a minha e a sua. Enfim, não sabendo mais o que fazer e no que me tornar, denunciei-a ao ofício. Pensei que me curaria, como Bruno d'Ast. Pensei também, confusamente, que um processo a livraria de mim; que,

em uma prisão, eu a agarraria, eu a teria; que, aqui, não poderia me escapar; e que, como a senhorita me possuía por tanto tempo, eu a possuiria por minha vez. Quando se faz o mal, é preciso fazer todo o mal. É estupidez parar na metade do monstruoso! A extremidade do crime tem delírios de gozo. Um padre e uma feiticeira podem aí se fundir em delícias sobre a réstia de palha de um calabouço.

“Denunciei-a, então. E passei a assustá-la com meus encontros. A conspiração que tramei contra a senhorita, a tormenta que amontoei sobre sua cabeça, saía de mim em ameaças e relâmpagos. Todavia, ainda hesitava. Meu projeto tinha lados temíveis que me faziam recuar.

“Talvez então renunciasse, talvez meu hediondo pensamento tivesse secado em meu cérebro sem trazer seu fruto. Acreditava que dependia sempre de mim seguir ou romper com esse processo. Mas todo pensamento doentio é inexorável e quer se tornar realidade; mas, lá onde me acreditava onipotente, a fatalidade era mais potente do que eu. Ai de mim! Ai de mim! Ela que a prendeu, ela que a livrou das molas terríveis da máquina que eu tinha tenebrosamente construído! Escute. Eu já termino.

“Certo dia, num outro dia de belo sol, vejo passar diante de mim um homem que pronuncia seu nome, e que ri, e tem a luxúria nos olhos. Danação! Eu o segui. A senhorita sabe o resto.”

Calou-se. A jovem só conseguiu encontrar uma palavra:

– Oh! Meu Phœbus!

– Não, este nome não! – disse o padre, pegando-lhe pelo braço com violência. – Não pronuncie este nome! Oh! Que miseráveis somos nós, foi esse nome que nos levou à perdição! Ou ainda estamos todos perdidos pelo inexplicável jogo da fatalidade! A senhorita sofre, não é? Tem frio, a noite a cega, o calabouço a envolve, mas talvez tenha ainda alguma luz dentro de si, não fosse esse amor juvenil por esse homem vazio que brincou com seu coração! Enquanto que eu trago o calabouço dentro de mim, dentro de mim está o inverno, o gelo, o desespero, tenho a noite na alma. Quer saber por que sofro? Assistia ao seu processo. Estava sentado na bancada do ofício. Sim, sob um desses capuzes de padre, havia as contorções de um condenado. Quando a levaram, eu estava lá; quando a interrogaram, eu estava lá. Caverna de lobos! Era meu crime, era meu cadafalso que eu via se desenhar lentamente sobre sua fronte. A cada testemunho, a cada prova, a cada arrazoado, eu estava lá; pude contar cada um de seus passos na via

dolorosa; eu ainda estava lá quando essa besta feroz... Oh! Eu não havia previsto a tortura! Escute. Eu a segui na câmara da dor. Eu a vi ser desnudada e ser manejada seminua pelas mãos infames do torturador. Vi seu pé, esse pé em que desejara, por um império, depositar um único beijo e morrer, esse pé sob o qual sentiria tantas delícias quando esmagasse minha cabeça, eu o vi ser encerrado no terrível borzeguim, que faz dos membros de um ser vivo uma lama sangrenta. Oh! Miserável! Enquanto via isso, tinha sob meu sudário um punhal e o enfiei em minha carne; mais um grito seu e ele entraria no meu coração! Olhe. Creio que ainda sangra.

Ele abriu a batina. Seu peito, de fato, estava ferido como se por uma garra de tigre e tinha no flanco uma ferida larga e mal fechada.

A prisioneira recuou com horror.

– Oh – disse o padre –, minha jovem, tenha piedade de mim. Acredita que eu seja infeliz, ai de mim! Ai de mim! A senhorita não sabe o que é a infelicidade. Oh! Amar uma mulher! Ser padre! Ser odiado! Amar com todo furor de sua alma, sentir que daria pelo seu menor sorriso o sangue, as entranhas, o renome, a salvação, a imortalidade e a eternidade, esta vida e a outra; lamentar não ser rei, gênio, imperador, arcanjo, deus, para lhe pôr o maior escravo sob os pés; constranger-se, noite e dia, com sonhos e pensamentos; e vê-la apaixonada à mercê de um soldado! E só ter para lhe oferecer uma batina impura de padre que lhe causa medo e desgosto! Estar presente com o ciúme e a raiva, enquanto ela desperdiça com um miserável fanfarrão imbecil os tesouros de amor e beleza! Ver esse corpo que se consome em sua forma, esse seio que tem tanta doçura, essa carne palpitar e ruborizar sob os beijos de um outro! Oh, céu! Amar seus pés, seus braços, suas costas, sonhar com suas veias azuis, com sua pele morena, até se contorcer noites inteiras sobre o chão da sua célula, e ver todas as carícias que se sonhou para se chegar à tortura. Nada conseguir a não ser dormir sobre o leito de couro! Oh! São essas as verdadeiras tenazes de ferro incandescentes do inferno! Oh! Feliz aquele que se deixa serrar em dois e é esquartejado por quatro cavalos! Sabe a senhorita o que é esse suplício que, durante longas noites, faz-lhe sofrer, ferver suas artérias, rebentar seu coração, romper sua cabeça, seus dentes morderem suas mãos; algozes renhidos que lhe fazem girar sem cessar, como sobre uma grelha ardente, sobre um pensamento de amor, de ciúme e de desespero! Jovem, por favor! Trégua, por um momento, um

pouco de cinza sobre esta brasa! Enxuga, eu lhe conjuro, o suor que escoa em grossas gotas de minha fronte! Menina! Torture-me com uma das mãos, mas me acaricie com a outra! Tenha piedade, jovem! Tenha piedade de mim!

O padre girava sobre a água da laje e martelava o crânio na quina do degrau de pedra. A jovem ouvia e olhava.

Quando ele se calou, esgotado e ofegante, ela repetiu à meia-voz:

– Oh! Meu Phœbus!

O padre se arrastou de joelhos em sua direção.

– Eu suplico – gritou ele –, se a senhorita tem entranhas, não me rejeite! Oh, eu a amo! Sou um miserável! Quando a senhorita diz esse nome, desgraçada, é como se triturasse em seus dentes as fibras de meu coração! Piedade! Se a senhorita veio do inferno, irei para lá com a senhorita. Fiz de tudo para isso. O inferno em que a senhorita se encontrará é meu paraíso, sua visão é mais encantadora do que aquela de Deus! Oh! Diga! Não quer nada de mim? O dia em que uma mulher rejeitar semelhante amor, terei acreditado que as montanhas serão movidas. Oh! Se fosse seu desejo! Oh! Que nós pudéssemos ser felizes! Fugiríamos, eu a faria fugir, iríamos a qualquer parte, buscaríamos o lugar na Terra onde houvesse mais sol, mais árvores, mais céu azul. Iríamos nos amar, verteríamos nossas duas almas uma na outra, e teríamos uma sede inextinguível de nós mesmos, que saciaríamos em comum e sem cessar com essa taça de inesgotável amor!

Ela o interrompeu com uma risada terrível e estridente.

– Olhe, meu padre! O senhor tem sangue nas unhas!

O padre permaneceu petrificado por alguns instantes e com os olhos fixos em sua mão.

– Pois bem, sim! – retomou ele, enfim, com estranha doçura –, ultraje-me, zombe de mim, cubra-me de injúrias! Mas venha, venha. Apressemo-nos. É amanhã, eu lhe digo. O cadafalso da Grève, a senhorita o conhece? Está sempre pronto. É horrível! Vê-la caminhar nessa carroça! Oh! Piedade! Jamais senti antes como agora o quanto eu a amo. Oh! Siga-me. A senhorita terá tempo de me amar depois que eu a salvar. Poderá também me odiar por quanto tempo quiser. Mas venha. Amanhã! Amanhã! O cadafalso! Seu suplício! Oh! Salve-se! Perdoe-me!

Tomou-lhe o braço, estava perdido, quis arrastá-la.

Ela lançou sobre ele seus olhos fixos.

– O que aconteceu com meu Phœbus?

– Ah! – disse o padre, soltando-lhe o braço –, a senhorita é sem piedade!

– O que aconteceu com meu Phoëbus? – repetiu ela, friamente.

– Está morto! – gritou o padre.

– Morto! – disse ela, sempre glacial e imóvel. – Então, por que o senhor me fala de viver?

Ele não a ouvia mais.

– Oh! Sim – disse ele como se falando consigo mesmo –, ele deve estar morto. A lâmina foi fundo. Creio que lhe toquei o coração com a ponta. Oh! Eu vivia até o fim do punhal!

A jovem se lançou sobre ele como uma tigresa furiosa e o empurrou com uma força sobrenatural sobre os degraus da escadaria.

– Saia daqui, monstro! Saia, assassino! Deixe-me morrer! Que nosso sangue lhe faça uma mancha eterna na face! Ser sua, padre! Jamais! Jamais! Nada irá nos unir, nem mesmo o inferno! Vá, maldito! Jamais!

O padre cambaleou na escadaria. Moveu em silêncio os pés das dobras de sua túnica, retomou sua lanterna e subiu lentamente os degraus que levavam à porta; reabriu essa porta e saiu.

Quando a cigana viu sua cabeça reaparecer de repente, ela tinha uma expressão assustadora, e o padre gritou com um estertor de raiva e desespero:

– Eu lhe digo que ele está morto!

Ela caiu com o rosto no chão; e não se ouviu mais nada no calabouço além do lamento da gota d'água, que fazia palpar a lama nas trevas.

V. A MÃE

Não acredito haver no mundo nada mais gracioso do que as emoções que são despertadas no coração de uma mãe quando ela vê um sapatinho de sua criança. Sobretudo se for um calçado de festa, de domingo, de batismo, um calçado bordado até sob a sola, um calçado com o qual a criança ainda não deu um passo. Esse sapatinho tem muito de graça e pequenez, é-lhe tão impossível caminhar que, para a mãe, é como se ela visse a própria criança. A mãe lhe sorri, beija-o, fala com ele. Pergunta-se se é possível que, de fato, um pé seja tão pequeno; e, se a criança estiver ausente, basta o belo calçado para lhe

repor aos olhos a doce e frágil criatura. Acredita vê-la, ela a vê, inteira, viva, alegre, com suas mãos delicadas, sua cabeça redonda, seus lábios puros, seus olhos serenos cujo branco é azul. Se for inverno, a criança está lá, arrasta-se pelo tapete, escala laboriosamente um banco, e a mãe teme que ela se aproxime do fogo. Se for verão, arrasta-se no pátio, no jardim, dispara para ver as calçadas, olha com ingenuidade os grandes cachorros, os grandes cavalos, sem medo, brinca com os moluscos, com as flores e faz resmungar o jardineiro que encontra areia nas platibandas e terra nas aleias. Tudo ri, tudo brilha, tudo brinca ao redor dela como ela mesma, até a brisa e o raio de sol, que se divertem à porfia nos anéis traquinas de seus cabelos. Um sapatinho exhibe tudo isso à mãe e lhe faz fundir o coração como o fogo a cera.

Entretanto, quando a criança é perdida, essas mil imagens de alegria, de encanto, de ternura, que se condensam em torno do pequeno calçado, tornam-se, pelo contrário, coisas terríveis. O belo sapatinho bordado não passa de um instrumento de tortura que tritura eternamente o coração da mãe. É sempre a mesma fibra que vibra, a fibra mais profunda e a mais sensível; mas, em lugar de um anjo que a acaricia, é um demônio que a comprime.

Certa manhã, enquanto o sol de maio subia em um desses céus azul-escuro em que Garofalo gosta de colocar suas descidas da cruz, a reclusa da Tour-Roland ouviu um barulho de rodas, de cavalos e de ferragens na praça de Grève. Isso a despertou, atou seus cabelos sobre suas orelhas para se ensurdecer e se pôs a contemplar de joelhos o objeto inanimado que ela adorava havia quinze anos. Esse sapatinho, como já dissemos, era para ela o universo. Seu pensamento estava aí encerrado e só sairia daí depois de sua morte. O que lançara aos céus de imprecações amargas, de lamentos pungentes, de preces e gemidos a propósito dessa encantadora futilidade de cetim rosa, somente a sombria cava da Tour-Roland o soube. Jamais o desespero se expandira tanto sobre algo tão delicado e tão gracioso.

Nessa manhã, então, parecia que sua dor se expandia mais violenta ainda do que das outras vezes, e de fora se ouvia a reclusa se lamentar com uma voz alta e monótona, que feria o coração.

– Oh, minha filha! – dizia ela –, minha filha! Minha pobre, querida e pequena criança! Não a verei jamais. É, então, o fim! Sempre acho que foi ontem. Meu Deus, meu Deus, se era para tomá-la de mim tão cedo, melhor que não me fosse dada. Não sabe, então, que nossas crianças se

agarram a nosso ventre e que uma mãe que perdeu seu filho não acredita mais em Deus? Ah! Sou uma desgraçada por ter saído naquele dia! Senhor! Senhor! Como tirá-la de mim desse jeito, nunca me viu com ela quando eu a aquecia toda alegre com meu fogo, quando ela ria para mim enquanto mamava, quando fazia subir seus pequenos pés sobre meu peito até meus lábios? Oh! Se tivesse visto, meu Deus, teria piedade de minha alegria, não me teria tirado o único amor que me restara no coração! Era eu tão miserável criatura, Senhor, para que não pudesse me olhar antes de me condenar? Ai de mim! Ai de mim! Veja o calçado; o pé, onde está? Onde está o resto? Onde está a criança? Minha filha, minha filha! O que foi feito de minha filha? Senhor, devolva-a para mim. Meus joelhos estão em carne viva por eu estar há quinze anos pedindo isso ao Senhor, meu Deus; não é ainda suficiente? Devolva-a para mim, por um dia, por uma hora, por um minuto, por um minuto, Senhor! E me jogue em seguida ao demônio por toda a eternidade! Ah! Se eu soubesse onde se arrasta um pedaço de sua veste, iria agarrá-lo com minhas mãos, e seria necessário que o Senhor me devolvesse minha criança! Seu belo sapatinho, não tem piedade disso, Senhor? Pode o Senhor condenar uma pobre mãe a esse suplício de quinze anos? Boa Virgem! Boa Virgem do céu! O meu menino Jesus, tomaram-me, roubaram-me, comeram-no sobre uma urze, beberam seu sangue, mastigaram seus ossos. Boa Virgem, tenha piedade de mim! Minha filha! Sumiu minha filha! De que me adianta se ela estiver no paraíso? Eu não quero seu anjo, quero minha criança! Eu sou uma leoa, quero minha leoazinha. Oh! Irei me contorcer sobre a terra, quebrarei pedras com minha fronte, serei condenada e hei de maldizê-lo, Senhor, se não guardar minha criança! Veja como tenho os braços tão mordidos, Senhor! Será que o bom Deus não tem piedade? Oh! Não me dê nem sal nem pão negro, desde que eu tenha minha filha e ela me aqueça de volta como um sol! Ai de mim! Deus, meu Senhor, não passo de uma vil pecadora; mas minha filha me tornava piedosa. Estava plena de religião pelo amor dela; e O via através de seu sorriso como se por uma abertura do céu. Oh! Que eu possa somente uma vez, ainda uma vez, uma única vez, calçar este sapatinho em seu pequeno e belo pé rosa, e eu morrerei, boa Virgem, bendizendo-a! Ah! Quinze anos! Ela está grande agora! Infeliz criança! Ora! É então verdade, não hei de revê-la mais, nem mesmo no céu! Pois, quanto a mim, não irei. Oh! Que miséria! Dizer apenas “eis aqui seu sapatinho”, e é tudo!

A infeliz lançou-se sobre esse calçado, sua consolação e seu desespero há tantos anos, e suas entranhas se dilaceraram em lamentos como no primeiro dia. Pois, para uma mãe que perdeu seu filho, é sempre o primeiro dia. Essa dor não envelhece. Os hábitos do luto costumam gastar-se e desbotar-se: o coração permanece negro.

Nesse momento, frescas e alegres vozes de crianças passaram diante da célula. Todas as vezes que crianças feriam sua vista e seu ouvido, a pobre mãe se precipitava no canto mais sombrio de seu sepulcro, parecia que ela buscava mergulhar sua cabeça na pedra para não as ouvir. Dessa vez, pelo contrário, ela se dirigiu em sobressalto e ouviu avidamente. Uma dessas crianças acabava de dizer:

– Vão enforcar a cigana hoje.

Com o mesmo sobressalto daquela aranha que vimos se lançar sobre uma mosca ao tremor de sua teia, ela correu ao seu postigo, que dava, como se sabe, para a praça de Gréve. De fato, uma escada fora colocada perto do cadafalso permanente, e o mestre de pequenas obras se ocupava de reparar as correntes enferrujadas pela chuva. Havia algumas pessoas ao redor.

O grupo risonho de crianças já estava longe. A reclusa buscava com os olhos um passante que pudesse interrogar. Percebeu, bem ao lado de seu cubículo, um padre que parecia ler o breviário público, mas que estava bem menos ocupado com o livro em grades de ferro do que com o cadafalso, na direção do qual lançava, por vezes, um sombrio e cruel olhar. Ela reconheceu o monsenhor arquiidiácono de Josas, um santo homem.

– Meu pai – perguntou ela –, quem será pendurado?

O padre a olhou e não respondeu, ela repetiu a pergunta. Então ele disse:

– Não sei.

– Um das crianças disseram que será uma cigana – retomou a reclusa.

– Creio que sim – disse o padre.

Paquette la Chantefleurie rebentou em um riso de hiena.

– Minha irmã – disse o arquiidiácono –, odeia tanto assim as ciganas?

– E como as odeio! – exclamou a reclusa. – São estriges! Ladras de crianças! Devoraram-me minha pequena filha! Minha criança, minha única criança! Não tenho mais coração. Elas comeram o meu!

Ela estava assustadora. O padre a olhava friamente.

– Há uma, sobretudo, que odeio, que maldigo – retomou ela. – É

uma jovem que tem a idade que minha filha teria se sua mãe não tivesse comido minha criança. Cada vez que essa jovem víbora passa diante de minha célula, ela me revira o sangue!

– Pois bem, minha irmã, regozije-se – disse o padre, glacial como uma estátua de sepulcro. – É ela mesma que a senhora verá morrer.

Sua cabeça caiu sobre seu peito e ela se distanciou lentamente.

A reclusa contorceu os braços de alegria.

– Eu lhe havia vaticinado que ela subiria neste cadafalso! Obrigada, padre! – exclamou ela.

E se pôs a caminhar a grandes passos diante das grades de seu postigo, desgrenhada, olhos flamejantes, batendo na parede com seus ombros, com o ar selvagem de uma loba enjaulada que tem fome há muito tempo e que sente se aproximar a hora do repasto.

VI. TRÊS DIFERENTES CORAÇÕES DE HOMEM

Phœbus, todavia, não estava morto. Homens dessa espécie dificilmente morrem. Quando mestre Philippe Lheulier, advogado extraordinário do rei, dissera à pobre La Esmeralda: “Ele está morto”, foi por erro ou pilhéria. Quando o arquidiácono repetira à condenada: “Ele está morto”, o fato é que ele não sabia nada sobre isso, apenas acreditava, contava com isso, não duvidava disso, esperava mesmo por isso. Para ele, era muito duro dar à mulher que amava boas novas de seu rival. Em seu lugar, um homem não teria agido de outro modo.

Não que a ferida de Phœbus não fosse grave, mas fora menos do que o arquidiácono se vangloriava. O boticário, a cuja casa os soldados da ronda o haviam levado no primeiro momento, temera por sua vida e até mesmo lhe dissera em latim. Todavia, a juventude triunfara; e, coisa que acontece com frequência, não obstante prognósticos e diagnósticos, a natureza salvou o doente sob as barbas do médico. Enquanto ele estava enfermo sobre o catre do boticário, sofrera os primeiros interrogatórios de Philippe Lheulier e dos investigadores do ofício, o que muito o incomodara. Assim, uma bela manhã, sentindo-se melhor, deixou suas esporas douradas como pagamento ao farmacopola, e escapou. Isso, no entanto, não trouxe nenhuma perturbação à instrução do processo. A Justiça de então se preocupava muito pouco com a nitidez e a propriedade de um processo criminal. Desde que o acusado fosse

enforcado, era tudo o que bastava. Ora, os juízes tinham muitas provas contra La Esmeralda. Acreditaram que Phœbus estava morto, e tudo estava dito.

Phœbus, por seu lado, não fora tão longe em sua fuga. Regressara, simplesmente, à sua companhia de guarnição em Queue-en-Brie, na Île-de-France, a poucas mudas de Paris.

Depois de tudo, em nada lhe agradava comparecer em pessoa no processo. Sentia vagamente que faria um papel ridículo. No fundo, não sabia muito o que pensar de todo o acontecido. Ímpio e supersticioso como todo soldado, quando se perguntava sobre essa aventura, não estava seguro sobre a cabra, o modo bizarro com que se encontrou com La Esmeralda, a maneira não menos estranha com que ela lhe deixou adivinhar seu amor, sobre ela ser cigana, enfim, sobre o monge malvado. Entrevia nessa história muito mais magia do que amor, provavelmente uma feiticeira, talvez o diabo; uma comédia, enfim, ou, para falar na linguagem de então, um mistério muito desagradável em que desempenhara um papel bem estranho, o papel dos golpes e das risadas. O capitão estava muito envergonhado com isso tudo. Provava essa espécie de vergonha que nosso La Fontaine definiu de forma tão admirável: “O pejo da raposa presa por uma galinha.”

Esperava, então, que o processo não se divulgasse, que seu nome, em sua ausência, fosse apenas pronunciado e não retumbasse para além do tribunal da Tournelle. Nisso, de fato, não se enganava, não havia então a *Gazette des Tribunaux*, e, como não se passava uma semana sem que houvesse um falso moedeiro cozido, uma feiticeira enforcada ou um herético queimado em uma das inúmeras *justiças* de Paris, estava-se de tal forma habituado a ver em todas as calçadas da velha Thémis feudal, braços despidos e mangas arregaçadas, fazerem o trabalho das forcas, das escadas e dos pelourinhos, que quase não se percebia mais. O belo mundo desse tempo sabia apenas o nome do condenado que passava no canto da rua, e a população toda se regalava deveras com essa iguaria grosseira. Uma execução era um incidente habitual na via pública, como a assadeira de um padeiro ou o matadouro de um açougueiro. O carrasco não passava de uma espécie de açougueiro um pouco mais obscuro.

Phœbus pôs, então, muito prontamente, o espírito em repouso quanto aos encantamentos de La Esmeralda, ou *Similar*, como dizia ele, quanto ao golpe do punhal da boêmia ou do monge malvado (pouco

lhe importava), e quanto ao andamento do processo. Todavia, desde que seu coração ficou vazio nesse sentido, a imagem de Fleur-de-Lys voltou a ele. O coração do capitão Phœbus, assim como a física da época, tinha horror ao vazio.

Ele teve, então, uma estadia muito insípida em Queue-en-Brie, um vilarejo de ferradores e de vaqueiras de mãos rachadas, um longo cordão de casebres e cabanas que orla, dos dois lados, meia légua da grande estrada; uma cauda, enfim.

Fleur-de-Lys era sua penúltima paixão, uma bela jovem, um dote encantador. Numa bela manhã, então, já completamente curado e presumindo que, após dois meses, o processo da boêmia teria terminado e estaria esquecido, o apaixonado cavaleiro chegou a galope à porta da residência dos Gondelauriers.

Não deu atenção a uma multidão barulhenta muito numerosa que se espremia na praça do adro, diante do portal da Notre-Dame; lembrou-se de que estava no mês de maio, supôs alguma procissão, algum Pentecostes, alguma festa, amarrou seu cavalo ao aro do átrio e subiu alegremente à casa de sua bela noiva.

Ela estava só com sua mãe.

Fleur-de-Lys trazia sempre no coração a cena da feiticeira, sua cabra, seu alfabeto maldito e as longas ausências de Phœbus. Todavia, quando viu chegar seu capitão, achou-o com tão boa aparência, um saio novíssimo, um boldrié tão luzente e um ar tão apaixonado que ficou corada de prazer. A nobre senhorita estava mais encantadora do que nunca. Seus magníficos cabelos louros estavam admiravelmente trançados, ela se apresentava toda vestida de azul-celeste, que cai tão bem nas brancas, elegância que lhe ensinara Colombe, e tinha os olhos banhados nesse langor amoroso que lhe caía ainda melhor.

Phœbus, que de beleza nada vira desde as meretrizes de Queue-en-Brie, ficou inebriado com Fleur-de-Lys, o que deu ao nosso oficial certos modos tão diligentes e galantes que as pazes foram logo feitas. A própria senhora Gondelaurier, sempre maternalmente sentada em sua grande poltrona, não tinha forças para corrigi-lo. Quanto às reprovações de Fleur-de-Lys, expiraram em ternos derramamentos.

A jovem estava sentada perto da janela, bordando, como sempre, seu tapete de Netuno. O capitão se apoiava ao espaldar da sua cadeira, e ela lhe dirigia à meia-voz suas carinhosas reprimendas.

– O que foi feito do senhor, seu malvado, nesses dois longos meses?

– Juro – respondeu Phœbus, um pouco incomodado com a pergunta – que a senhorita é tão bela que faz até um arcebispo sonhar.

Ela não pôde impedir um sorriso.

– Muito bem, muito bem, senhor. Deixe de lado minha beleza e me responda. Bela beleza, é verdade!

– Pois bem! Querida prima, lembrei que tive de partir em guarnição.

– E para onde, por favor? E por que não veio me dizer adeus?

– Para Queue-en-Brie.

Phœbus estava esperançoso de que a primeira pergunta a fizesse esquecer a segunda.

– Mas é tão perto, senhor! Como não veio me ver uma única vez?

Phœbus ficou seriamente embaraçado.

– É que... o serviço... e depois, encantadora prima, fiquei doente.

– Doente! – retomou ela, espantada.

– Sim... ferido.

– Ferido!

A pobre menina estava bastante transtornada.

– Ah! Não se preocupe com isso – disse negligentemente Phœbus –, não foi nada. Uma querela, um golpe de espada; o que isso importa?

– O que isso importa? – exclamou Fleur-de-Lys, levantando seus belos olhos cheios de lágrimas. – Oh, o senhor não diz o que pensa ao dizer isso. Como foi esse golpe de espada? Quero saber de tudo.

– Pois bem! Minha bela, tive um desentendimento com Mahé Fédy, conhece-o? O subtenente de Saint-Germain-en-Laye, e cada um cortou uma polegada de pele do outro. Eis tudo.

O mentiroso capitão sabia muito bem que um caso de honra dava sempre destaque a um homem aos olhos de uma mulher. De fato, Fleur-de-Lys o olhava com a face bem comovida de medo, de prazer e de admiração. Ela não estava, todavia, muito segura.

– Desde que o senhor esteja bem e completamente curado, meu Phœbus! – disse ela. – Não conheço esse Mahé Fédy, mas é um homem vil. E de onde veio essa querela?

Nesse momento, Phœbus, cuja imaginação estava pouco criativa, começou a não saber mais como tirar vantagem de sua proeza.

– Ah! Que sei eu?... Por nada, um cavalo, um propósito! Bela prima – perguntou para mudar de conversa –, que barulho é esse no Parvis?

Ele se aproximou da janela.

– Oh! Meu Deus, bela prima, veja quanta gente na praça!

– Não sei – disse Fleur-de-Lys. – Parece que uma feiticeira irá pagar o perdão nessa manhã diante da igreja e ser pendurada depois.

O capitão acreditou tanto que o caso de La Esmeralda tivesse chegado ao fim que pouco se comoveu com essas palavras de Fleur-de-Lys. Fez-lhe, então, uma ou duas perguntas.

Como se chama essa feiticeira?

– Não sei – respondeu ela.

– E o que dizem que ela fez?

Ela levantou seus brancos ombros.

– Não sei.

– Oh! Meu Deus Jesus! – disse a mãe. – Hoje, muitos feiticeiros são queimados sem que se saibam seus nomes. Caso contrário, seria necessário saber o nome de cada nuvem do céu. Ademais, pode-se ficar tranquilo. O bom Deus tem o seu registro. – A venerável senhora se levantou e veio à janela. – Senhor! – disse ela –, o senhor tem razão, Phoebus. Veja, uma grande multidão barulhenta de populares. Há gente, bendito seja Deus, até sobre os tetos. Sabe, Phoebus, isso me faz lembrar meus belos tempos. Na chegada do rei Carlos VII havia também tanta gente assim. Não sei em que ano foi. Quando falo disso ao senhor, causa-lhe a impressão de algo de velho; e a mim, de algo jovem. Oh! Era um povo muito mais belo do que o atual. Havia gente até no matacão da porta Saint-Antoine. O rei trazia a rainha na garupa e, depois de suas altezas, vinham todas as senhoras na garupa de todos os senhores. Lembro que se ria muito, porque do lado de Amanyon de Garlande, que era muito pequeno, vinha o senhor Matefelon, um cavaleiro de estatura gigantesca que havia matado muitos ingleses. Era muito bonito. Uma procissão de todos os fidalgos da França com suas auriflamas que encarnavam os olhos. Havia aqueles com pendões e aqueles com estandartes. Que sei eu? O senhor de Calan vinha com um pendão; Jean Châteaumurant, com estandarte; o senhor de Coucy, com um estandarte mais enriquecido do que nenhum outro, exceto o do duque de Bourbon. Uma pena! É triste pensar que tudo isso existiu e que não existe mais!

Os dois apaixonados não ouviam mais a respeitável viúva. Phoebus voltou a se apoiar no espaldar da cadeira de sua noiva, posto encantador de onde seu olhar libertino enfiava-se em todas as aberturas do decote de Fleur-de-Lys. Esse decote se oferecia bem a propósito e lhe deixava ver tantas coisas delicadas, e lhe deixava adivinhar tantas

outras, que Phœbus, entusiasmado com essa pele semelhante ao cetim, pensava: “Como se pode amar outra coisa além de uma branca?” Os dois guardavam silêncio. Por vezes, a jovem levantava para ele os olhos extasiados e doces, e seus cabelos se misturavam como os raios de sol da primavera.

– Phœbus – disse de repente Fleur-de-Lys em voz baixa –, nós devemos nos casar em três meses, jure que jamais amou outra mulher além de mim.

– Eu juro, belo anjo! – respondeu Phœbus, e seu olhar apaixonado se uniu às palavras para convencer Fleur-de-Lys do tom sincero de sua voz. Ao menos nesse momento, talvez até ele acreditasse.

A boa mãe, então, encantada de ver os noivos em tão perfeita harmonia, saiu do aposento para se dedicar a algum detalhe doméstico. Phœbus percebeu, e essa solidão estimulou de tal forma o aventureiro capitão, que ideias muito estranhas subiram ao seu cérebro. Fleur-de-Lys o amava, ele era seu noivo, ela estava a sós com ele, seu antigo gosto por ela fora de novo despertado, não em todo seu frescor, mas em seu ardor; ademais, não é grande crime comer um pouco do trigo ainda verde. Não sei se esses pensamentos lhe passaram no espírito, mas o certo é que de repente Fleur-de-Lys passou a temer a expressão de seu olhar. Ela olhou em torno de si e não viu mais sua mãe.

– Meu Deus! – disse ela, corada e inquieta –, estou com muito calor!

– Acredito – respondeu Phœbus –, falta pouco para o meio-dia. O sol está forte. Basta fechar as cortinas.

– Não, não – gritou a pobre pequena –, pelo contrário, preciso de ar.

E como uma gazela que sente o sopro da matilha, levantou-se, correu à janela, abriu-a e se precipitou para o balcão.

Phœbus, muito contrariado, seguiu-a.

A praça do Parvis de Notre-Dame, sobre a qual o balcão se lançava, como se sabe, apresentava nesse momento um espetáculo sinistro e singular, que transformou bruscamente a natureza do temor da tímida Fleur-de-Lys.

Uma imensa multidão que refluía de todas as ruas adjacentes cobria a praça. A pequena muralha na altura do apoio que rodeava o Parvis não era suficiente para mantê-la livre, não fosse ela reforçada pela cerca espessa de sargentos de lanças e partasanas, e de colubrinas em punho. As largas portas da igreja estavam fechadas, o que contrastava com as inúmeras janelas da praça, as quais, abertas até as empenas, deixavam

ver milhares de cabeças amontoadas bem perto como pilhas de balas de canhão num parque de artilharia.

A superfície dessa multidão era parda, suja e terrosa. O espetáculo que ela esperava era, com certeza, daqueles que têm o privilégio de extrair e de chamar o que há de mais imundo na população. Nada mais hediondo do que o barulho que escapa desse fervilhar de coifas amarelas e cabeleiras sórdidas. Nessa multidão, havia mais risos do que gritos, mais mulheres do que homens.

De vez em quando, alguma voz acre e vibrante atravessava o rumor geral.

– Olá, Mahiet Baliffre! Quem será enforcado lá?

– Imbecil! É o perdão, em camisas! O bom Deus vai tossir em latim na figura! Isso será aqui, ao meio-dia. Se é a força que a senhorita deseja, vá à Grève.

– Irei depois.

– Diga, então, Boucandry? É verdade que ela recusou um confessor?

– Parece que sim, Bechaigne.

– Ora veja, é pagã!

– Senhor, é o costume. O bailio do palácio é forçado a entregar o malfeitor julgado para a execução; se for um laico, ao preboste de Paris; se for um clérigo, ao ofício do bispado.

– Obrigado, senhor.

– Oh! Meu Deus! – disse Fleur-de-Lys –, a pobre criatura!

Esse pensamento encheu de dor o olhar que ela levava à população. O capitão, muito mais preocupado com ela do que com aquele monte de canalhas, amarrotou-lhe amorosamente sua cintura por trás. Ela se voltou suplicante e sorrindo.

– Por favor, largue-me, Phœbus! Se minha mãe voltar, verá sua mão!

Nesse momento, o meio-dia soou lentamente no relógio da Notre-Dame. Um murmúrio de satisfação explodiu na multidão. A derradeira vibração do décimo segundo golpe se extinguiu tão logo todas as cabeças se encrespavam como as ondas sob uma rajada de vento, e um imenso clamor se elevou do pavimento, das janelas e dos tetos:

– Vejam lá!

Fleur-de-Lys pôs suas mãos sobre seus olhos para não ver.

- Encantadora – disse-lhe Phœbus –, quer vir para dentro?
- Não – respondeu ela. E seus olhos, que fecharam por receio, abriram-se por curiosidade.

Uma carroça, puxada por um forte cavalo de tração normando e cercada por uma cavalaria de uniforme roxo com cruzeiras brancas, acabava de desembocar na praça pela rua Saint-Pierre-aux-Boeufs. Os sargentos da ronda lhes abriam passagem pelo povo com fortes contoadas. Ao lado da carroça, alguns oficiais de Justiça e a polícia, facilmente reconhecíveis por seus hábitos negros e sua estranha maneira de montar sela. Mestre Jacques Charmolue desfilava à frente.

Na fatal viatura, uma jovem estava sentada, os braços atados atrás das costas, sem padre ao lado. Estava de camisola, seus longos cabelos negros (a moda então era de apenas cortá-los aos pés do cadafalso) caíam espalhados sobre seu pescoço e seus ombros meio descobertos.

Através dessa ondulante cabeleira, mais luzente do que a plumagem de um corvo, via-se torcer e urdir uma grossa corda parda e rugosa, que feria suas frágeis clavículas e se enrolava ao redor do pescoço encantador da pobre jovem como uma minhoca sobre uma flor. Sob essa corda brilhava um pequeno amuleto ornado de vidrilhos verdes que lhe haviam deixado, sem dúvida porque nada se recusa àquele que vai morrer. Os espectadores das janelas podiam perceber ao fundo da carroça suas pernas nuas, que ela tentava cobrir em um derradeiro instinto de mulher. A seus pés havia uma pequena cabra no garrote. A condenada prendia com os dentes sua camisola mal arranjada. Parecia que ela sofria ainda, em sua miséria, por ser entregue assim quase nua aos olhos de todos. Uma pena! Não é para tais frêmitos que o pudor foi feito.

– Jesus! – disse vivamente Fleur-de-Lys ao capitão. – Olhe, então, belo primo! É a vilã boêmia da cabra!

Ao dizer isso, voltou-se na direção de Phœbus. Ele tinha os olhos fixos na carroça. Estava muito pálido.

– Que boêmia com cabra? – balbuciou ele.

– Como assim? – retomou Fleur-de-Lys – Então o senhor não se lembra?

Phœbus a interrompeu:

– Não sei o que a senhorita quer dizer.

Ele deu um passo para trás. Mas Fleur-de-Lys, cujo ciúme, outrora vivamente remexido por essa cigana, acabara de despertar, lançou-lhe

um olhar penetrante e desconfiado. Ela se lembrava vagamente de ter ouvido falar de um capitão metido no processo dessa feiticeira.

– O que houve? – perguntou a Phœbus. – Acho que essa mulher o perturbou.

Phœbus se esforçou por zombar.

– A mim! Nem um pouco!

– Então, vamos ficar aqui e ver até o fim – retomou ela, imperiosamente.

Foi difícil, para o azarado capitão, ficar ali. O que o garantia um pouco é que a condenada não tirava os olhos do assoalho da carroça. Era deveras La Esmeralda. Sobre esse derradeiro nível do opróbrio e da infelicidade, ela estava sempre bela, seus grandes olhos negros pareciam ainda maiores devido ao empobrecimento de suas faces, seu perfil lívido era puro e sublime. Ela parecia com o que fora um dia, como uma Virgem de Masaccio se parece com a Virgem de Rafael: mais fraca, mais delgada, mais magra.

De resto, nada havia nela que não se perturbasse de algum modo, e que, exceto seu pudor, não se deixasse arrastar ao acaso, tanto ela fora dilacerada pelo estupor e pelo desespero. Seu corpo saltava a todo solavanco da carroça como uma coisa morta ou quebrada. Seu olhar era frio e louco. Via-se ainda uma lágrima na pupila, mas imóvel e, por assim dizer, gelada.

Então, a lúgubre cavalgada atravessara a multidão em meio a gritos de alegria e atitudes curiosas. Devemos dizer, todavia, para sermos historiadores fiéis, que, vendo-a tão bela e arruinada, muitos se comoviam de piedade, e eram os mais rudes. A carroça chegara no Parvis.

Diante do portal central, parou. A escolta se arranjou alinhada dos dois lados. A multidão fez silêncio e, em meio a esse silêncio cheio de solenidade e de ansiedade, os dois batentes da grande porta se voltaram, como que por força própria, sobre os próprios gonzos, que rangeram com um ruído de flautim. Então, viu-se em toda sua extensão a profunda igreja sombria, estendida em luto, apenas iluminada por algumas tochas cintilantes ao longe sobre o altar-mor, aberto como uma garganta de taverna no meio da praça resplandecente de luz. Bem ao fundo, na sombra da abside, entrevia-se uma gigantesca cruz de prata, desenvolvida sobre um tecido negro que caía desde a abóboda até o chão. Toda a nave estava deserta. No entanto, via-se remexer

confusamente algumas cabeças de padres nas estalas longínquas do coro, e, no momento em que a grande porta se abriu, saiu da igreja um canto grave, retumbante e monótono, que lançava, como que por lufadas sobre a cabeça da condenada, fragmentos de salmos lúgubres.

*... Non timebo millia populi circumdantis me; exsurge,
[Domine; salvum me fac, Deus!
... Salvum me fac, Deus, quoniam intraverunt aquae
[usque ad animam meam.
... Infixus sum in limo prae fundi; et non est substantia.*⁶

Ao mesmo tempo, uma outra voz, isolada do coro, entoava sobre o degrau do altar-mor esse melancólico ofertório:

*Qui verbum meum audit, et credite ei qui misit me, habet
vitam aeternam et in iudicium non venit; sed transit a morte in
vitam.*⁷

Esse canto que alguns idosos perdidos em suas trevas cantavam de longe sobre essa bela criatura, plena de vida e juventude, acariciado pelo ar fresco da primavera, inundado de sol, era a missa dos mortos.

O povo escutava com recolhimento.

A infeliz, assustada, parecia perder sua visão e seu pensamento nas obscuras entranhas da igreja. Seus lábios brancos murmuravam como se ela rezasse, e, quando o valete do carrasco se aproximou para ajudá-la a descer da carroça, ele ouviu que ela repetia em voz baixa esta palavra: *Phœbus*.

Desataram-lhe as mãos, fizeram-na descer acompanhada de sua cabra, que também fora desatada e que berrava de alegria por se sentir livre, e a fizeram caminhar descalça sobre o duro pavimento até os degraus do portal. A corda que trazia ao pescoço se arrastava atrás dela, como se uma serpente a seguisse.

Então, o canto foi interrompido na igreja. Uma grande cruz de ouro e uma fileira de tochas se colocaram em movimento na sombra. Ouviu-se soar as alabardas dos soldados; e, alguns momentos depois, uma longa procissão de padres paramentados e diáconos em túnicas de seda, que caminhava gravemente, salmodiando na direção da condenada, desenvolveu-se aos seus olhos e aos olhos da multidão. Mas seu olhar parou naquele que marchava à frente, perto do porta-cruz.

– Oh! – disse ela, baixinho e tremendo –, de novo ele! O padre!

Era, de fato, o arquidiácono. Tinha à sua esquerda o subchantre, e à sua direita o chantre armado do bastão de seu ofício. Avançava, cabeça voltada para trás, os olhos fixos abertos, cantando com uma voz forte.

*De ventre inferi clamavi, et exaudisti vocem meam, Et projecisti me in profundum in corde maris, et flumen circumdedit me.*⁸

No momento em que ele apareceu em pleno dia sob o alto portal, envolvido por uma vasta capa de prata riscada com uma cruz negra, estava tão pálido que muitos na multidão pensaram que fosse um dos bispos de mármore ajoelhados sobre as pedras sepulcrais do coro, e que teria se levantado e vinha receber no solo da tumba aquela que iria morrer.

Ela, não menos pálida e não menos estátua, logo viu que lhe haviam colocado nas mãos um pesado círio de cera amarela aceso; ela já ouvia a voz estridente do escrivão lendo a fatal sentença do perdão; quando lhe disseram para responder *Amen*, respondeu *Amen*. Bastava, para lhe dar vida e alguma força, que ela visse o padre fazer sinal para que seus guardiães se distanciassem e avançar sozinho em sua direção.

Então, ela sentiu seu sangue ferver em sua cabeça, um resto de indignação se reacendeu nessa alma já desbotada e fria.

O arquidiácono se aproximou dela lentamente. Mesmo nesse extremo, ela o viu percorrer sobre sua nudez um olhar deslumbrado de luxúria, de ciúme e de desejo. Em seguida, disse-lhe em voz alta:

– Jovem, pediu a Deus perdão por suas faltas e infrações? – Inclinou-se ao seu ouvido e acrescentou (os espectadores acreditavam que ele recebia sua derradeira confissão): – Deseja-me? Posso salvá-la ainda!

Ela o olhou fixamente:

– Saia daqui, demônio! Ou eu o denuncio!

Ele foi tomado por um terrível sorriso.

– Ninguém acreditará. Não fará mais que acrescentar um escândalo a um crime. Responda logo! Deseja-me?

– O que fez de meu Phoebus?

– Ele está morto – disse o padre.

Nesse momento, o miserável arquidiácono levantou a cabeça e viu, do outro lado da praça, no balcão da residência dos Gondelauriers, o capitão de pé ao lado de Fleur-de-Lys. Ele vacilou, passou a mão sobre

os olhos, olhou ainda, murmurou uma maldição, e todos os seus traços se contraíram violentamente.

– Pois bem! Morra! – disse entredentes. – Ninguém a terá.

Então, levantando a mão sobre a cigana, exclamou com uma voz fúnebre:

– *I nunc, anima anceps, et sit tibi Deus misericors!*⁹

Era a temível fórmula com que se costumava encerrar essas sombrias cerimônias. Era o sinal combinado entre o padre e o carrasco.

O povo se ajoelhou.

– *Kyrie Eleison* – disseram os padres que ficaram sob a ogiva do portal.

– *Kyrie Eleison* – repetiu a multidão com esse murmúrio que corre sobre todas as cabeças como o marulho de um mar agitado.

– *Amen* – disse o arqui-diácono.

E voltou as costas à condenada, sua cabeça recaiu sobre o peito, suas mãos se cruzaram, e se juntou de volta ao cortejo de padres; em seguida, desapareceu junto com a cruz, os círios e as capas sob os arcos brumosos da catedral; e sua voz sonora foi se extinguindo paulatinamente no coro que cantava este versículo de desespero:

*Omnes gurgites tui et fluctus tui super me transierunt!*¹⁰

Simultaneamente, o retinir intermitente das hastes de ferro das alabardas dos soldados, que morriam pouco a pouco sob os intercolúnios da nave, causava a impressão de um martelo de relógio soando a derradeira hora da condenada.

Todavia, as portas da Notre-Dame permaneceram abertas, deixando ver a igreja vazia, desolada, de luto, sem círios e sem voz.

A condenada permaneceu imóvel em seu lugar, esperando que se dispusessem dela. Logo, um desses sargentos de vara advertiu o mestre Charmolue, o qual, durante toda essa cena, estudava o baixo-relevo do portal, que representa, segundo alguns, o sacrifício de Abraão, segundo outros, a operação filosófica, em que o sol figurava como o anjo, o fogo como a lenha, o artesão como Abraão.

Com muita pena de interromper essa contemplação, voltou-se enfim e fez um sinal a dois homens vestidos de amarelo. Os valetes do carrasco, então, aproximaram-se da cigana para reatar suas mãos.

A infeliz, no momento de voltar à carroça fatal e de se encaminhar na direção da derradeira estação, foi tomada, talvez, por algum dilacerante lamento de vida. Levantou seus olhos vermelhos e secos na direção do

céu, na direção do sol, na direção das nuvens de prata cortadas aqui e ali por trapézios e triângulos azuis, em seguida os baixou ao redor, sobre a terra, sobre a multidão, sobre as casas. Ao mesmo tempo, enquanto o homem de amarelo prendia-lhe os cotovelos, lançou um grito terrível, um grito de alegria. Naquele balcão, ao longe, num canto da praça, ela acabara de avistá-lo, ele, seu amigo, seu senhor, Phoebus, a outra aparição de sua vida. O juiz mentira! O padre mentira! Era decerto ele, não podia duvidar, ele estava lá, belo, vivo, vestido em seu brilhante uniforme, a pluma na cabeça, a espada ao lado!

– Phoebus! – gritou ela –, meu Phoebus!

E quis lançar em sua direção os braços trementes de amor e de arrebatamento, mas estavam amarrados.

Então, ela viu o capitão franzir a testa e uma bela jovem que se apoiava sobre ele olhá-lo com os lábios desdenhosos e os olhos irritados, pois Phoebus pronunciara algumas palavras que não chegaram a ela, e os dois se eclipsaram precipitadamente atrás do vitral do balcão, que se fechou.

– Phoebus! – gritou ela, desvairada –, acredita?

Um pensamento monstruoso lhe surgiu. Ela lembrou que fora condenada por matar Phoebus de Châteaupers.

Suportara tudo até então. Esse derradeiro golpe, porém, foi muito duro. Caiu sem movimento no chão.

– Vamos – disse Charmolue –, levem-na à carroça e acabemos com isso!

Ninguém ainda observara, na galeria das estátuas dos reis esculpidos logo abaixo das ogivas do portal, um espectador estranho examinando tudo com uma tal impassibilidade, com o pescoço tão erguido, com a face tão disforme, que, sem seu traje extravagante, metade vermelho, metade roxo, podia ser tomado por um desses monstros de pedra por cuja garganta vomitam, há seiscentos anos, as longas calheiras da catedral. Esse espectador nada tinha perdido do que estava acontecendo desde o meio-dia diante do portal de Notre-Dame. E logo no início, sem que ninguém sonhasse observá-lo, amarrara firmemente a uma das colunatas da galeria uma grossa corda de nós, cujo extremo fora se arrastar sobre o pavimento. Feito isso, pôs-se a olhar tranquilamente e a assobiar, de tempos em tempos, quando um melro passava diante dele.

De repente, no momento em que os valetes do carrasco se

dispuseram a executar a ordem fleugmática de Charmolue, saltou a balastrada da galeria, prendeu a corda a seus pés, a seus joelhos e a suas mãos, em seguida desceu pela fachada, como uma gota de chuva que desliza ao longo de um vitral, correu na direção dos dois carrascos com a rapidez de um gato que cai de um telhado, abateu-os com seus dois punhos enormes, levantou a cigana com uma mão, como uma criança, a sua boneca, e com um só impulso pulou até a igreja, levando a jovem acima de sua cabeça e gritando com uma voz formidável:

– Asilo!

Tudo foi feito com tal rapidez que, se fosse de noite, só poderia ser visto à luz de um único clarão.

– Asilo! Asilo! – repetiu a multidão. – E dez mil aplausos fizeram estourar de alegria e orgulho o único olho de Quasímodo.

Esse abalo fez a condenada voltar a si. Levantou suas pálpebras, viu Quasímodo, em seguida voltou a fechá-las, como que assustada com seu salvador.

Charmolue ficou estupefato, e os carrascos, e toda a escolta. De fato, no cerco da Notre-Dame, a condenada era inviolável. A catedral era um lugar de refúgio. Toda justiça humana expirava sobre seu solo.

Quasímodo estava parado sob o grande portal. Seus largos pés pareciam tão sólidos sobre o pavimento da igreja quanto os pesados pilares romanos. Sua grande cabeça cabeluda enfiava-se em seus ombros como a dos leões, que também têm crina e nenhum pescoço. Trazia a jovem toda palpitante suspensa em suas mãos calosas, como uma roupagem branca, mas a portava com tanto cuidado que parecia requebrá-la ou faná-la. Parecia sentir algo delicado, requintado e precioso, feito para outras mãos que não as suas. Por momentos, tinha o ar de nem sequer ousar tocá-la, mesmo com um sopro. Em seguida, estreitava-a, oprimido, em seus braços, sobre seu peito anguloso, como se fosse seu bem, seu tesouro, como faria a mãe dessa menina; seu olho de gnomo baixado sobre ela a inundava de ternura, de dor e de piedade, e se erguia subitamente pleno de raios. Então as mulheres riam e choravam, a multidão tripudiava de entusiasmo, pois, nesse mesmo momento, Quasímodo tinha verdadeiramente sua beleza. Era belo, ele, esse órfão, essa criança abandonada, esse refugio, sentia-se augusto e forte, olhava na face dessa sociedade da qual era banido e na qual intervinha com tanta potência, essa justiça humana da qual ele arrancara sua presa, forçando todos esses tigres a mastigar o vazio, a

polícia, os juízes, os carrascos, toda essa força do rei que ele, ínfimo, acabara de quebrar com a força de Deus.

Enfim, era algo tocante essa proteção de um ser tão disforme a um ser tão infeliz, uma condenada à morte salva por Quasímodo. Eram as duas misérias extremas da natureza e da sociedade que se tocavam e se ajudavam mutuamente.

Então, após alguns minutos de triunfo, Quasímodo se enfiou de repente na igreja com seu fardo. O povo, atraído por toda proeza, buscava-o com seus olhos sob a sombria nave, lamentando que ele se furtasse tão rápido das aclamações. De repente, apareceu numa das extremidades da galeria dos reis da França, atravessou-a correndo como um insensato, levando sua conquista nos braços e gritando:

– Asilo!

A multidão estourou de novo em aplausos. Percorrida a galeria, mergulhou de volta ao interior da igreja. Logo depois, reapareceu sobre a plataforma superior, sempre com a cigana em seus braços, sempre correndo como um louco, sempre gritando:

– Asilo!

E a multidão aplaudia. Finalmente, fez uma terceira aparição sobre o cume da torre do grande sino; de lá parecia mostrar com orgulho para toda a cidade aquela que salvara, e sua voz trovejante, essa voz que se ouvia tão raramente e que ele jamais ouvia, repetiu três vezes com furor até chegar às nuvens:

– Asilo! Asilo! Asilo!

– Aleluia! Aleluia! – gritava o povo por sua vez. E essa imensa aclamação espantou, sobre a outra margem, a multidão da Grève e a reclusa, que esperava desde sempre, os olhos fixos no cadafalso.

-
1. É por isso, Senhor, diante de uma estrige evidente, sendo o crime patente, a intenção do crime existente, em nome da santa igreja Notre-Dame de Paris, que, em pleno direito de alta e baixa Justiça sobre tudo, nesta ilha intacta da Cité, pelo conteúdo presente, declaramos requerer, em primeiro, alguma indenização em prata; em segundo, o pedido de desculpas diante do portal da igreja catedral Notre-Dame; em terceiro, uma sentença, em virtude da qual essa estrige com sua cabra sejam, ou na praça pública dita vulgarmente Grève, ou fora da ilha sobre o rio Sena, ao lado da ponta do jardim real, executadas. [N.T.] ↔ □
 2. Lamentável! Baixa latinidade! [N.T.] ↔ □
 3. Negado. [N.T.] ↔ □
 4. Deixai toda esperança (inscrição lida por Dante em *A divina comédia*, assim que desce ao inferno). [N.T.] ↔ □
 5. *Queue* significa *cauda*. [N.T.] ↔ □

6. Não temerei os povos que me cercam aos milhares; levanta-Te, Senhor; salve-me, oh, Deus! Fui enterrado no âmago da lama; e não tenho socorro. (Salmos, 68, 2-3.) [N.T.] ↔□
7. Quem escuta minha palavra e acredita naquele que me envia, tem a vida eterna e não vem a julgamento; mas passa da morte para a vida. (João, 5, 24.) [N.T.] ↔□
8. Do ventre do inferno, gritei em sua direção e o senhor atendeu minhas preces. E mergulhou-me nas profundezas, no coração do mar, e a torrente me envolveu. (Jonas, 2, 2-3.) [N.T.] ↔□
9. Vá agora, alma enganada, e que Deus seja misericordioso! [N.T.] ↔□
10. Todos os seus abismos e suas ondas passarão por mim! (Jonas, 2, 3) [N.T.] ↔□

LIVRO NONO

I. FEBRE

Claude Frollo não estava mais em Notre-Dame enquanto seu filho adotivo desfazia bruscamente o nó fatal em que o desgraçado arquidiácono enredara a cigana e a si mesmo. Após retornar à sacristia, desfez-se da alva, do manto e da estola, lançando, estupefato, tudo às mãos do sacristão, escapou pela porta secreta do claustro, deu ordem a um barqueiro do Terrain para que o transportasse pela margem esquerda do Sena, e se enfiara pelas enormes ruas da Universidade sem saber aonde ia, encontrando, a cada passo, bandos de homens e mulheres que se apressavam alegremente na direção da ponte Saint-Michel na esperança de *chegar ainda a tempo* de ver enforcada a feiticeira, pálido, perdido, mais perturbado, mais cego e feroz do que um morcego da noite desamparado e perseguido por crianças em pleno dia. Não sabia mais onde estava, no que pensava, se sonhava. Ia, caminhava, corria, tomava as ruas ao acaso, sem escolher, impellido sempre adiante, pela Grève, pela terrível Grève, que sentia confusamente atrás de si.

Ladeou, assim, a montanha Sainte-Geneviève e saiu enfim da cidade pela porta Saint-Victor. Continuou a fugir, até que pudesse ver, ao se voltar, o cerco de torres da Universidade e as poucas casas do subúrbio; mas, quando enfim um declive do terreno lhe escondeu por inteiro esta odiosa Paris, quando se acreditou a cem léguas, nos campos, num deserto, parou e percebeu que respirava.

Então, ideias temíveis se precipitaram em seu espírito. Sonhava acordado em sua alma e tremia. Pensou nessa maravilhosa jovem que o levou à perdição e cuja vida fez perder. Lançou um olhar feroz sobre a dupla via tortuosa em que a fatalidade fez seguir seus dois destinos até o ponto de interseção onde os fez se chocarem, impiedosamente, um contra o outro. Pensou com demência nos votos eternos, na presunção da castidade, da ciência, da religião, da virtude, na inutilidade de Deus. Esbaldou-se em maus pensamentos e, à medida que mergulhava mais fundo, sentia em si mesmo rebentar um riso de Satã.

E escavando assim sua alma, ao ver quão largo é o espaço que a

natureza reserva às paixões, escarnecia com mais amargura. Remexia, no fundo de seu coração, toda sua raiva, toda sua maldade, e reconheceu, com o olhar mais frio do que o de um médico ao examinar um doente, que essa raiva, essa maldade, eram apenas o amor viciado, que o amor, essa fonte de toda virtude no homem, tornava-se terrível no coração de um padre, e que, um homem como ele, fazendo-se padre, fazia-se demônio. Então, riu de uma forma terrível e, de súbito, ficou pálido, observando o lado mais sinistro de sua paixão fatal, esse amor corrosivo, venenoso, odioso, implacável, que levava uma à força e outro ao inferno; ela condenada, ele danado.

Em seguida, riu de novo, lembrando-se de que Phœbus estava vivo; que, depois de tudo, o capitão vivia, estava alegre e contente, com o mais belo uniforme, acompanhado de uma nova meretriz, que ele levava para assistir ao enforcamento da antiga. Seu escárnio multiplicava-se quando refletia que, entre os seres cuja morte desejara, a cigana, a única criatura que não odiava, fora a única que conseguira matar.

Então, do capitão, seu pensamento foi para o povo e lhe veio um ciúme inaudito. Lembrou-se de que também o povo tinha aos olhos a mulher que ele amava, de camisola, quase nua. Contorceu o braço ao pensar que essa mulher, cuja forma apenas entrevista na sombra havia sido sua felicidade suprema, fora exposta, em pleno dia, em pleno meio-dia, a todo um povo, vestida como para uma noite de volúpia. Chorou com raiva de todos esses mistérios do amor profanado, sujos, desnudados, fanados para sempre. Chorou com raiva, imaginando quantos olhares imundos haviam arrancado seu pedaço naquela camisola mal vestida; e que a bela jovem, esse lírio virgem, essa taça de pudor e de delícias que somente tremendo ousou aproximar de seus lábios, viria a ser transformada em uma espécie de gamela pública, em que a mais vil população de Paris, ladrões, mendigos, lacaios, viria beber em comum o prazer descarado, impuro e depravado.

E quando buscou fazer ideia da felicidade que ele poderia provar nesta Terra, não fosse ela cigana, nem ele padre, não existisse Phœbus e ela não o amasse; quando imaginou que uma vida de serenidade e de amor era possível até para ele, que havia casais felizes, perdidos em longas conversas sob os laranjais, à margem dos rios, sob um sol poente, ou sob uma noite estrelada; e que, se Deus o quisesse, ele poderia fazer parte desses casais benditos, aí seu coração se derretia em

ternura e desespero.

Oh! Ela! Ela! Essa ideia fixa sempre lhe voltava, torturava-o, devorava-lhe o cérebro e lhe retalhava as entranhas. Não ressentia, não se arrependia, tudo o que fizera estava disposto a fazer de novo; preferia vê-la nas mãos do carrasco a vê-la nos braços do capitão, mas sofria; sofria tanto que, por vezes, arrancava punhados de cabelos para não os ver encanecerem-se.

Num determinado momento, veio-lhe ao espírito que talvez fosse esse o exato instante em que a hedionda corrente que vira de manhã estaria apertando seu nó de ferro em torno desse pescoço tão frágil e gracioso. Esse pensamento lhe fez brotar suor de todos os poros.

Houve outro momento em que, sempre rindo diabolicamente de si mesmo, imaginou, ao mesmo tempo, La Esmeralda tal como a vira no primeiro dia, viva, inocente, alegre, enfeitada, dançante, alada, harmoniosa, e La Esmeralda do último dia, de camisola, corda ao pescoço, subindo lentamente, descalça, a escada angulosa do cadafalso; imaginou esse duplo quadro de tal modo que deu um grito terrível.

Enquanto esse furacão de desespero o transtornava, quebrava, arrastava, curvava, desenraizava tudo em sua alma, olhou a natureza ao seu redor. A seus pés, algumas galinhas ciscavam no campo com o bico, escaravelhos brilhantes corriam ao sol; acima de sua cabeça, cumes de nuvens brancas como carneiros fugiam no céu azul; no horizonte, a flecha da abadia Saint-Victor perfurava a curva do outeiro com seu obelisco de ardósia, e o moleiro do monte Copeaux olhava, assoviando, o girar das asas trabalhadoras de seu moinho. Toda essa vida ativa, organizada, tranquila, reproduzida em torno dele sob mil formas, fez-lhe mal. Voltou a fugir.

Correu assim através dos campos até a noite. Essa fuga da natureza, da vida, de si mesmo, do homem, de Deus, de tudo, durou o dia todo. Por vezes, lançava-se contra a terra e arrancava com suas unhas o trigo nascente. Por vezes, parava numa rua de uma aldeia deserta, mas seus pensamentos eram tão insuportáveis que tomava sua cabeça com as mãos e tentava arrancá-la de seus ombros para quebrá-la no chão.

Perto da hora de o sol se pôr, examinou-se de novo e pensou estar quase louco. A tempestade que durava nele desde o momento em que perdera a esperança e a vontade de salvar a cigana, essa tempestade não havia deixado em sua consciência sequer uma única ideia sã, um único pensamento de pé. Sua razão girava nela, quase inteiramente

destruída. Tinha não mais que duas imagens distintas no espírito: La Esmeralda e a força. Todo o resto era negro. Essas duas imagens aproximadas lhe representavam um grupo temível, e, quanto mais ele fixava nelas o que lhe restava de atenção e de pensamento, mais as via crescer, segundo uma progressão fantástica, uma em graça, em encanto, em beleza, em luz, a outra em horror; de modo que, no fim, La Esmeralda lhe aparecia como uma estrela, a força como um enorme braço descarnado.

É de se notar que, durante toda essa tortura, não lhe veio a grave ideia de morrer. O desgraçado era assim. Agarrava-se à vida. Talvez visse que por trás havia de fato o inferno.

No entanto, o dia continuava a se findar. O ser vivo que existia ainda nele lembrou-se confusamente de retornar. Acreditava-se longe de Paris; mas, orientando-se, percebeu que apenas contornara a Universidade. À sua direita, a flecha de Saint-Sulpice e as três agulhas de Saint-Germain-des-Prés ultrapassavam o horizonte. Guiou-se por esse lado. Quando ouviu os avisos dos homens de armas da abadia perto do entrincheiramento ameaçado de Saint-Germain, desviou, tomou uma senda que havia entre o moinho da abadia e o leprosário da vila, e logo se encontrou sobre os extremos do Pré-aux-Clercs. Esse prado era célebre pelos tumultos que aí se faziam dia e noite; era a *hidra* dos pobres monges de Saint-Germain, *quod monachis Sancti-Germani pratensis hydra fuit, clericis nova semper dissidiorum capita suscitantibus*.¹ O arquidiácono receou encontrar alguém aí; tinha medo de toda face humana; acabara de evitar, na Universidade, a vila Saint-Germain, desejava voltar às ruas somente o mais tarde possível. Ladeou o Pré-aux-Clercs, tomou a senda deserta que o separava de Dieu-Neuf e chegou, enfim, à margem da água. Então, dom Claude encontrou um barqueiro, que, por alguns dinheiros parisienses, conduziu-o pelo Sena acima até a ponta da Cité, e o depositou sobre essa língua de terra abandonada, onde o leitor já viu Gringoire sonhar, e que se prolongava para além dos jardins do rei, paralelamente à ilha do Passeur-aux-Vaches.

O balanço monótono do barco e o rumor da água entorpeceram, de alguma forma, o desgraçado Claude. Quando o barqueiro se distanciou, permaneceu estupidamente sobre a orla, olhando diante de si e percebendo os objetos apenas através das oscilações crescentes que lhe pareciam uma espécie de fantasmagoria. Não raro, a fadiga de uma

grande dor produz esse efeito sobre o espírito.

O sol se punha atrás da alta torre de Nesle. Era o momento do crepúsculo. O céu estava branco, a água do rio estava branca. Entre essas duas brancuras, a margem esquerda do Sena, sobre a qual ele tinha os olhos fixos, projetava sua massa sombria e, mais e mais adelgaçada pela perspectiva, enfiava-se nas brumas do horizonte como uma flecha negra. Era carregada de casas, das quais apenas se distinguia a silhueta obscura, vivamente erguida nas trevas sobre o fundo claro do céu e da água. Aqui e ali as janelas começavam a brilhar como buracos em brasas. Esse imenso obelisco negro, assim isolado entre as duas camadas brancas do céu e do rio, bem largas nesse local, causou em dom Claude um efeito singular, comparável ao que provaria um homem que, deitado de costas ao chão, ao pé do campanário de Strasbourg, olhasse a enorme agulha se enfiar acima de sua cabeça nas penumbras do crepúsculo. No entanto, aqui, era dom Claude que estava de pé; e o obelisco, deitado. Mas como o rio, refletindo o céu, prolongava o abismo sob ele, o imenso promontório parecia determinadamente lançado no vazio como toda flecha de catedral; a impressão era a mesma. Essa impressão tinha mesmo isso de estranho e mais profundo, como o campanário de Strasbourg, mas o campanário de Strasbourg com a altura de duas léguas, algo inusitado, gigantesco, incomensurável, uma edificação que nenhum olhar humano tivesse visto, uma torre de Babel. As chaminés das casas, as seteiras das muralhas, a dentada talhada dos telhados, a flecha dos Augustins, a torre de Nesle, todas essas saliências que talhavam o perfil do colossal obelisco aumentavam a ilusão, representando bizarramente aos olhos os entalhes de uma escultura difusa e fantástica.

Claude, no estado de alucinação em que se encontrava, acreditou ver com seus próprios olhos o campanário do inferno; as mil luzes expandidas por toda a altura da temível torre pareceram-lhe pórticos da imensa fornalha interior; as vozes e os rumores que dali escapavam, gritos e estertores. Então teve medo, pôs as mãos sobre os ouvidos para não mais ouvi-los, virou as costas para não mais vê-los e se afastou a grandes passos da terrível visão.

Mas a visão estava nele.

Quando voltou às ruas, os passantes que se acotovelavam na fraca luz dos armazéns causavam-lhe o efeito de uma eterna ida e vinda de espectros ao seu redor. Tinha um bulício estranho nos ouvidos. As

fantasias extraordinárias perturbavam-lhe o espírito. Não via nem as casas, nem a calçada, nem as carroças, nem os homens, nem as mulheres, mas um caos de objetos indeterminados que se fundiam pelas bordas uns nos outros. Na esquina da rua de la Barillerie, havia um armazém de especiarias, cujo guarda-vento era, segundo o costume imemorial, guarnecido em seu contorno desses aros de lata aos quais se pendura um círculo de candeias de madeira que se entrechocam como castanholas. Acreditou esbarrar, na sombra, com o feixe de esqueletos de Montfaucon.

– Oh! – murmurou –, o vento da noite os arrasta uns contra os outros e mistura o ruído de suas correntes aos ruídos de seus ossos! Ela talvez esteja lá entre eles.

Enlouquecido, não sabia aonde ia. Após alguns passos, viu-se sobre a ponte Saint-Michel. Havia luz numa janela ao rés da calçada. Aproximou-se. Através de uma vidraça rachada, viu uma sala sórdida que despertou uma lembrança confusa em seu espírito. Nessa sala, mal iluminada por uma fraca lâmpada, um jovem louro e viril, figura alegre e que ria muito, abraçava uma jovem vestida sem muito pudor. E, perto da lâmpada, uma velha fiava e cantava com uma voz alquebrada. Como o jovem não ria sempre, partes da canção da velha chegaram ao padre. Era algo ininteligível e detestável.

Grève, grita, Grève, apinha!

Fia, fia, roca minha,

Fia a corda do algoz

A silvar no pátio atroz.

Grève, grita, Grève, apinha!

De cânhamo, corda boa!

Que de Issy a Vanvre povoa

De cânhamo, não de trigo.

Não roubou o inimigo

De cânhamo, corda boa!

Grève, grita, Grève, apinha!

Para ver como caminha

Para a forca a jovem bela

Faz olhos de suas janelas.

Grève, grita, Grève, apinha!

E então o rapaz ria e acariciava a moça. A velha era a Falourdel; a jovem, uma meretriz; o jovem, Jehan, o irmão mais novo de Claude.

Continuou a olhar. Para ele, esse espetáculo era como qualquer outro.

Viu Jehan ir a uma janela que ficava ao fundo da sala, abri-la, lançar um olhar sobre o cais onde brilhavam de longe mil cruzamentos iluminados, e ouviu o rapaz dizer enquanto fechava a janela:

– Por minha alma! Já é noite. Os burgueses acendem suas candeias; e o bom Deus, suas estrelas.

Em seguida, Jehan voltou à prostituta e, gritando, apanhou uma garrafa que estava sobre a mesa:

– Já está vazia, que diabo! E eu não tenho mais dinheiro! Isabeau, minha amiga, só ficarei contente com Júpiter quando você transformar suas duas tetas brancas em duas negras garrafas, onde mamarei vinho de Beaune noite e dia.

Essa bela graça fez a jovem rir, e Jehan saiu.

Dom Claude teve apenas tempo de se jogar no chão para não ser descoberto, olhado no rosto e reconhecido por seu irmão. Felizmente a rua estava sombria; e o estudante, bêbado. No entanto, o rapaz avistou o arquidiácono deitado na lama sobre a calçada.

– Oh! Oh! – disse ele –, eis alguém que ficou hoje na boa vida.

Remexeu com o pé dom Claude, que prendia a respiração.

– Completamente embriagado – retomou Jehan. – Vamos, ele está cheio. Uma verdadeira sanguessuga saída de um tonel. É calvo – acrescentou, abaixando-se –, é um velho! *Fortunate senex!*²

Em seguida, dom Claude o ouviu se afastar, dizendo:

– Tanto faz, a razão é uma coisa bela, e meu irmão arquidiácono é bem feliz de ser sábio e ter alguma prata.

O arquidiácono, então, levantou-se e correu com um só fôlego na direção de Notre-Dame, cujas enormes torres via surgir na sombra acima das casas.

No momento em que chegou ofegante à praça do Parvis, recuou e não ousou olhar o funesto prédio.

– Oh! – disse em voz baixa –, é então verdade que tal coisa tenha se passado aqui, hoje, nesta manhã!

Então, ousou olhar a igreja. A fachada estava sombria. O céu por detrás brilhava de estrelas. O crescente da lua, que acabava de se descolar do horizonte, parara nesse momento no cume da torre da

direita e parecia ser perfurado, como um pássaro luminoso, pela borda da balaustrada recortada de trevos negros.

A porta do claustro estava fechada. O arquidiácono, porém, trazia sempre consigo a chave da torre onde estava seu laboratório. Utilizou-a para entrar na igreja.

Nas igreja, encontrou uma escuridão e um silêncio de caverna. Nas grandes sombras que caíam de todos os lados em largos lanços, percebeu que as tapeçarias da cerimônia da manhã não haviam sido ainda recolhidas. A grande cruz de prata cintilava no fundo das trevas, salpicada de pontos brilhantes, como a Via-Láctea dessa noite de sepulcro. As longas janelas do coro mostravam acima a roupagem negra da extremidade superior de suas ogivas, cujos vitrais, atravessados por um raio de luar, tinham apenas as cores duvidosas da noite, uma espécie de roxo, de branco e de azul, cujo tom só se encontra na face dos mortos. O arquidiácono, percebendo ao redor do coro essas pálidas pontas de ogivas, acreditou ver mitras de bispos condenados. Fechou os olhos, e quando os abriu de volta acreditou que era um círculo de faces pálidas que o olhavam.

Fugiu através da igreja. Parecia-lhe, então, que a igreja também tremia, remexia-se, animava-se, vivia, que cada grossa coluna se tornava uma pata enorme que batia ao solo com sua larga espátula de pedra, e que a gigantesca catedral não passava de uma espécie de elefante prodigioso que soprava e caminhava com seus pilares como pés, suas duas torres como trombas, e o imenso lençol negro como carapaça.

Assim a febre ou a loucura chegara a um tal grau de intensidade que, para o infeliz, o mundo exterior era uma espécie de apocalipse visível, palpável, temível.

Aliviou-se por alguns instantes. Penetrando nas naves laterais, percebeu, atrás de um maciço de pilares, um luar avermelhado. Correu para ele como se para uma estrela. Era a pobre lâmpada que iluminava dia e noite o breviário público de Notre-Dame sob sua grade de ferro. Lançou-se avidamente sobre o livro santo na esperança de aí encontrar algum consolo ou alento. O livro estava aberto nesta passagem de Jó, sobre a qual seus olhos fixos passaram:

“... E um espírito passou diante de minha face, e ouvi um pequeno sopro, e o pelo de minha carne se arrepiou.”

Com essa leitura lúgubre, provou o que prova o cego que se sente espetado pelo bastão que este apanha. Seus joelhos fraquejaram e ele

se prostrou no chão, lembrando-se daquela que fora morta de dia. Sentiu passar e se espalhar por seu cérebro tanto fumo monstruoso que lhe parecia que sua cabeça se transformara numa chaminé do inferno.

Parecia-lhe ter ficado muito tempo nessa postura, sem pensar, abismado e passivo sob a mão do demônio. Enfim, alguma força lhe veio, buscou se refugiar na torre perto de seu fiel Quasímodo. Levantou-se e, como tinha medo, pegou, para se iluminar, a lâmpada do breviário. Era um sacrilégio; mas não velava mais por coisas tão pequenas.

Subiu lentamente a escadaria das torres, cheio de um secreto temor de que a misteriosa luz de sua lâmpada viesse a se propagar até os raros passantes do Parvis, subindo assim tão tarde, de seteira em seteira, até o alto do campanário.

De repente, sentiu certo frescor em seu rosto e se encontrou sob a porta da mais alta galeria. O ar era frio; o céu carregava nuvens cujas largas lâminas transbordavam umas sobre as outras, atropelando-se pelos cantos, parecendo o degelo do inverno. A lua crescente, encalhada no meio das nuvens, era como um navio celeste preso em pedaços de ar.

Abaixou a vista e, por um instante, contemplou ao longe, entre a grade de colunatas que une as duas torres, através de um véu de bruma e fumaça, a multidão silenciosa dos telhados de Paris, pontiagudos, inumeráveis, apertados e pequenos como as ondas de um mar tranquilo numa noite de verão.

A lua lançava um tímido raio que dava um tom de cinza ao céu e à terra.

Nesse momento, o relógio fez ouvir sua voz aguda e débil. Soava meia-noite. O padre se lembrou do meio-dia. Havia se passado doze horas.

– Oh! – murmurou –, ela deve estar fria agora!

De repente, um golpe de vento apagou sua lâmpada e, quase ao mesmo tempo, viu aparecer, no canto oposto da torre, uma sombra, uma brancura, uma forma, uma mulher. Tremeu. Ao lado dessa mulher, havia uma pequena cabra, que misturava seu balido aos derradeiros balidos do relógio.

Forçou-se a olhar. Era ela.

Ela estava pálida, ela estava sombria. Seus cabelos caíam sobre seus ombros como de manhã. Mas sem corda no pescoço, sem mãos atadas.

Ela estava livre, ela estava morta.

Vestida de branco, tinha um véu sobre a cabeça.

Vinha em sua direção, lentamente, olhando o céu. A cabra sobrenatural a seguia. Ele se sentia de pedra e muito pesado para fugir. A cada passo que ela dava adiante, ele dava outro para trás; era tudo. Entrou, assim, sob a abóboda obscura da escadaria. Estava gelado com a ideia de que talvez também ela fosse entrar ali; se ela o fizesse, teria morrido de terror.

Ela chegou, de fato, diante da porta da escadaria, parou por alguns instantes, olhou fixamente na sombra, mas sem parecer ver nela o padre, e passou. Ela lhe pareceu maior do que quando era viva; ele viu a lua através de seu vestido branco; ouviu sua respiração.

Depois que ela passou, o arqui-diácono desceu a escadaria com a mesma lentidão do espectro que ele vira descer, acreditando ser de fato um espectro, desvairado, cabelos em pé, com sua lâmpada apagada sempre à mão; e, descendo sempre os degraus em espiral, ouviu uma voz que ria e repetia:

“... E um espírito passou diante de minha face, e ouvi um pequeno sopro, e arrepiei-me.”

II. CORCUNDA, CAOLHO, COXO

Toda cidade, da Idade Média até Luís XII, toda cidade da França tinha seus locais de asilo. Esses locais de asilo, em meio ao dilúvio de leis penais e de jurisdições bárbaras que inundava a cidade, eram espécies de ilhas que se erguiam acima do nível da justiça humana. Todo criminoso que aí abordasse estava salvo. Havia num subúrbio quase o mesmo número de locais de asilo do que de locais patibulares. Era o abuso da impunidade lado a lado do abuso de suplícios, duas coisas lamentáveis em que uma buscava corrigir a outra. O palácio do rei, as residências dos príncipes, sobretudo as igrejas tinham direito de asilo. Por vezes, de uma cidade inteira que fosse necessário repovoar, fazia-se temporariamente um local de refúgio. Em 1467, Luís XI fez de Paris um asilo.

Uma vez com os pés no asilo, o criminoso era sagrado; mas não podia sair dele. Um passo fora do santuário, recaía-se nas ondas. A roda, a forca, a polé, faziam a firme vigilância ao redor do local de

refúgio e espreitava sem cessar sua presa como os tubarões ao redor do barco. Viram-se condenados que encaneceram assim num claustro, sobre a escadaria de um palácio, na cultura de uma abadia, sob um pórtico de igreja; desse modo, o asilo era uma prisão como qualquer outra. Acontecia, por vezes, de a sentença solene do Parlamento violar o refúgio e restituir o condenado ao carrasco; mas era raro. Os parlamentos se intimidavam com os bispos; e, quando essas duas roupas viessem a se amarfanhar, a samarra não tinha chances contra a sotaina. Por vezes, no entanto, como no processo dos assassinos de Petit-Jean, carrasco de Paris, e naquele de Émery Rousseau, assassino de Jean Valleret, a Justiça saltava sobre a Igreja e ia além da execução das sentenças; mas, exceto com uma sentença do Parlamento, desgraçado era aquele que violasse armado um local de asilo! Por esse motivo morreram Robert de Clermont, marechal da França, e Jean de Châlons, marechal de Champagne; e, todavia, tratava-se apenas de um certo Perrin Marc, empregado de um cambista, miserável assassino; mas os dois marechais arrombaram as portas de Saint-Méry. Daí o excesso.

Havia ao redor dos refúgios um tal respeito que, segundo a tradição, chegava por vezes aos animais. Aymoin conta que um cervo, perseguido por Dagobert, refugiando-se perto da tumba de Saint Denis, estacou a matilha ao berrar.

As igrejas tinham em geral um camarote preparado para receber os suplicantes. Em 1407, Nicolas Flamel fez construir, sobre as abóbadas de Saint-Jacques-de-la-Boucherie, uma câmara que lhe custou quatro libras, seis soldos e dezesseis dinheiros de Paris.

Na Notre-Dame, era uma célula estabelecida sobre as águas-furtadas das naves laterais sob os arcobotantes, comparada ao claustro, precisamente no lugar em que a mulher do porteiro atual das torres construiu seu jardim, que está para os jardins suspensos da Babilônia como uma alface está para uma palmeira, como um reposteiro está para Semíramis.

Foi lá que, após sua corrida descomedida e triunfal sobre as torres e as galerias, Quasímodo pôs La Esmeralda. Durante essa corrida, a jovem não retomou os sentidos, meio adormecida, meio acordada, sem sentir mais nada, senão que subia no ar, que flutuava, que voava, que algo a elevava sobre a terra. Por vezes, ouvia o riso estrondoso, a voz ruidosa de Quasímodo em seu ouvido; entreabria os olhos; então, sob si, via confusamente Paris marchetada de mil tetos de ardósia e de telhas

como um mosaico vermelho e azul, e, acima de sua cabeça, o temível e contente rosto de Quasímodo. Em seguida, sua pálpebra recaía; acreditava que tudo estava acabado, que a haviam executado durante seu desmaio, e que o espírito disforme que presidiu seu destino a retomara e a levava. Ela não ousava olhá-lo e se deixava levar.

No entanto, quando o sineiro desgrehado e ofegante a pôs na célula do refúgio, quando sentiu suas grossas mãos desatarem docemente a corda que lhe mortificava os braços, provou essa espécie de choque que acorda em sobressalto os passageiros de um navio que chega em meio a uma noite escura. Suas lembranças também despertaram e lhe vieram uma a uma. Viu que estava na Notre-Dame, recordou ter sido arrastada pelas mãos do carrasco, que Phœbus estava vivo, que Phœbus não a amava mais; e essas duas ideias, uma expandindo tanta amargura sobre a outra, apresentaram-se em conjunto à pobre condenada. Voltou-se então a Quasímodo, que permanecera de pé diante dela e que lhe causava medo, e perguntou:

– Por que me salvou?

Ele a olhou com ansiedade como que buscando adivinhar o que ela lhe dizia. Ela repetiu sua pergunta. Então, lançou-lhe um olhar profundamente triste e fugiu.

Ela ficou admirada.

Alguns momentos depois, ele voltou, trazendo um embrulho que lançou a seus pés. Eram as vestes que as mulheres da caridade tinham deixado para ela na soleira da igreja. Ela então baixou seus olhos sobre si mesma e se viu quase nua, e se corou. A vida lhe voltava.

Quasímodo parecia provar algo desse pudor. Cobriu seu olhar com sua larga mão e de novo se afastou, mas a passos lentos.

Ela se apressou em se vestir. Era uma roupa branca com um véu branco. Um hábito de noviça do Hôtel-Dieu.

Tão logo terminara, viu Quasímodo voltar. Trazia um cesto sob um braço e um colchão sob o outro. Havia no cesto uma garrafa, pão e algumas provisões. Pôs o pão no chão e disse: “Coma.” Estendeu o colchão sobre a laje e disse: “Durma.” Havia sido sua própria refeição e seu próprio leito que o sineiro buscara.

A cigana levantou os olhos sobre ele para agradecer; mas não conseguiu articular uma palavra sequer. O pobre-diabo era realmente horrível. Ela abaixou a cabeça tremendo de medo.

Então, ele lhe disse:

– Causo-lhe medo. Sou muito feio, não é? Não me olhe. Apenas me escute. De dia, fique aqui; à noite, pode andar por toda a igreja. Mas não saia da igreja nem de dia, nem de noite. A senhorita estaria perdida. Seria morta, e eu morreria.

Emocionada, ela levantou a cabeça para lhe responder. Ele havia desaparecido. Ela se viu só, pensando nas palavras singulares desse ser quase monstruoso, impressionada por sua voz ser tão rouca e, contudo, tão doce.

Em seguida, examinou sua célula. Era um quarto de uns seis pés quadrados, com um pequeno postigo e uma porta sobre um plano ligeiramente inclinado do teto em pedras chatas. Várias goteiras com figuras de animais pareciam se pendurar em torno dela e estender o pescoço para vê-la pelo postigo. Na borda do teto, percebia o cimo de mil chaminés que fazia subir sob seus olhos as fumaças de todos os fornos de Paris. Triste espetáculo para a pobre cigana, criança abandonada, condenada à morte, infeliz criatura, sem pátria, sem família, sem lar.

No momento em que o pensamento de estar ali isolada lhe pareceu mais pungente do que nunca, sentiu uma cabeça veludosa e barbuda deslizar em suas mãos, sobre seus joelhos. Estremeceu, tudo agora a fazia tremer, e olhou. Era a pobre cabra, a ágil Djali, que havia escapado em sua busca no momento em que Quasímodo dispersara a brigada de Charmolue, que se expandia em carícias a seus pés havia uma hora, sem obter sequer um olhar. A cigana a cobriu de beijos.

– Oh! Djali, como pude me esquecer de você! E você se lembra sempre de mim! Oh! Você não é nada ingrata!

Ao mesmo tempo, como se uma mão invisível retirasse o peso que comprimia suas lágrimas em seu coração desde muito, pôs-se a chorar; e, à medida que suas lágrimas escorriam, sentia descer com elas o que havia de mais acre, de mais amargo na sua dor.

Quando o sol se pôs, achou a noite tão bela, a lua tão doce que caminhou pela galeria elevada que envolve a igreja. Sentiu com isso algum alívio, pois a terra, vista dessa altura, lhe pareceu calma.

III. SURDO

Na manhã seguinte, ela percebeu ao acordar que dormira. Esse fato

singular a espantou. Havia muito tempo que estava desabituada ao sono! Um alegre raio de sol nascente entrava pelo postigo e batia em seu rosto. Ao mesmo tempo que o sol, ela viu nesse postigo um objeto que a assustou, a infeliz figura de Quasímodo. Involuntariamente, fechou os olhos, mas em vão; acreditava ver, mesmo através de sua pálpebra rosa, a máscara desse gnomo, caolho e desdentado. Então, mantendo sempre os olhos fechados, ouviu uma voz rude dizer com doçura:

– Não tenha medo. Sou seu amigo. Acabei de vê-la dormir. Isso não lhe faz mal, não é, eu ver a senhorita dormir? Que mal há que eu esteja aqui enquanto a senhorita tem os olhos fechados? Agora eu me vou. Pronto, coloquei-me atrás da parede. A senhorita já pode abrir os olhos.

Havia algo de mais plangente ainda do que essas palavras, era o tom com que foram pronunciadas. Emocionada, a cigana abriu os olhos. Ele, de fato, já não estava mais no postigo. Ela foi até esse postigo e viu o pobre corcunda aninhado num canto da parede, em uma atitude dolorosa e resignada. Ela fez um esforço para superar a repugnância que ele lhe inspirava.

– Venha – disse-lhe ela docemente. O movimento dos lábios da cigana levou Quasímodo a acreditar que ela o expulsava; então, levantou-se e se retirou mancando, lentamente, cabeça baixa, sem mesmo ousar levar à jovem seu olhar pleno de desespero. – Venha – gritou ela. Mas ele continuava a se afastar. Então, ela saiu de sua célula, correu até ele e lhe segurou o braço. Sentindo-se tocar por ela, Quasímodo tremeu por todos os seus membros. Levantou seu olho suplicante, e, vendo que ela o levava para perto, todo o seu rosto resplandeceu de alegria e ternura. Ela quis fazê-lo entrar em sua célula, mas ele se obstinou em permanecer sobre a soleira.

– Não, não – disse ele –, mocho não entra em ninho de cotovia.

Ela, então, agachou-se graciosamente sobre sua camilha com sua cabra adormecida aos seus pés. Todos os dois permaneceram por alguns instantes imóveis, observando-se em silêncio; ele, o tanto de graça; ela, o tanto de feiura. A cada momento, ela descobria em Quasímodo uma deformidade a mais. Seu olhar passava dos joelhos cambaios ao dorso corcunda, do dorso corcunda ao único olho. Não compreendia que existisse um ser tão canhestramente esboçado. Todavia, havia nisso tudo tanta tristeza e doçura que ela começava a se acostumar.

Ele foi o primeiro a romper o silêncio.

– A senhorita dizia, então, que eu viesse?

Ela fez um sinal afirmativo com a cabeça, e disse:

– Sim.

Ele compreendeu o sinal de cabeça.

– Ai de mim! – disse ele, como se hesitasse terminar –, é que... sou surdo.

– Pobre homem! – exclamou a cigana com uma expressão de benevolente piedade.

Ele se pôs a sorrir dolorosamente.

– Com certeza, a senhorita acha que só me faltava isso, não é? Sim, sou surdo. É assim que sou feito. É horrível, não é verdade? E a senhorita é tão bela!

Havia no tom do miserável um sentimento tão profundo de sua miséria que ela não teve força de lhe dizer uma palavra sequer. De qualquer forma, ele não a teria escutado. Ele prosseguiu.

– Jamais vi minha feiura como agora. Quando me comparo à senhorita, tenho muita piedade de mim, pobre e infeliz monstro que sou! Eu devo parecer-lhe uma besta, diga-me. A senhorita, a senhorita é um raio de sol, uma gota de orvalho, um canto de pássaro! Eu, eu sou qualquer coisa assustadora, nem homem nem animal, um não sei quê mais duro, mais pisado e mais disforme do que um calhau!

Então, ele se pôs a rir, e esse riso era o mais comovente do mundo. Continuou:

– Sim, sou surdo. Mas a senhorita falará comigo por gestos, por sinais. Tenho um mestre que conversa comigo desse modo. E eu saberei sua vontade pelo movimento de seus lábios, pelo seu olhar.

– Pois bem! – retomou ela, sorrindo –, diga-me por que me salvou.

Ele a olhou atentamente enquanto ela falava.

– Eu compreendi – respondeu ele. – A senhorita me pergunta por que a salvei. A senhorita esqueceu que um miserável tentou levá-la certa noite, um miserável que, no dia seguinte, a senhorita socorreu em seu infame pelourinho. Uma gota d'água e um pouco de piedade, eis o que jamais saberei pagar em minha vida. A senhorita se esqueceu desse miserável; ele, ele se lembrou da senhorita.

Ela o ouvia com um enternecimento profundo. Uma lágrima escorreu do olho do sineiro, mas não caiu. Por amor próprio, devorou-a.

– Escute – retomou ele quando já não receava mais que essa lágrima

escapasse –, aqui há torres bem altas, um homem que caísse daqui morreria antes de tocar o solo. Quando quiser que eu caia, não será preciso dizer uma palavra, bastará um olhar.

Ele então se levantou. Esse ser bizarro, por mais infeliz que estivesse a cigana, despertou nela ainda alguma compaixão. Ela lhe fez sinal para que permanecesse.

– Não, não – disse ele. – Não devo ficar muito tempo. Não fico à vontade quando a senhorita me olha. É por piedade que a senhorita não desvia os olhos. Vou a um lugar de onde a verei sem que a senhorita me veja. Assim será melhor.

Quasímodo tirou de seu bolso um pequeno apito de metal.

– Tome – disse ele –, quando tiver necessidade de mim, quando quiser que eu venha, quando não tiver tanto horror de me ver, apite. Eu escuto esse som.

Pôs o apito no chão e se foi.

IV. GRÉS E CRISTAL

Os dias se sucederam.

A calma voltou pouco a pouco à alma de La Esmeralda. O excesso de dor, assim como o excesso de alegria, é algo violento que dura pouco. O coração do homem não pode permanecer muito tempo em uma extremidade. A boêmia sofrera tanto que só lhe restava o espanto.

Ao se sentir segura, a esperança lhe retornou. Estava fora da sociedade, fora da vida, mas intuía que talvez fosse possível retornar. Estava como uma morta que trazia sempre ao lado a chave de seu túmulo.

Sentia se afastarem dela, pouco a pouco, as imagens terríveis que durante tanto tempo a obsedaram. Todos os fantasmas hediondos, Pierrat Torterue, Jacques Charmolue, todos se apagavam em seu espírito, até mesmo o padre.

Ademais, Phœbus vivia, estava certa disso, havia-o visto. A vida de Phœbus era tudo. Após a série de abalos fatais que lhe arruinou tudo, reencontrara de pé em sua alma apenas um sentimento, seu amor pelo capitão. É o amor como uma árvore, cresce de si mesmo, lança profundamente suas raízes em nosso ser, e muitas vezes continua a verdejar sobre um coração em ruína.

E o que há de inexplicável é que quanto mais essa paixão é cega, mais ela é tenaz. Jamais é tão sólida do que quando não tem razão em si.

Decerto, La Esmeralda se lembrava do capitão com amargura. Decerto, era terrível que ele estivesse enganado também e acreditasse nessa coisa impossível, que a punhalada tivesse sido dada por aquela que teria dado mil vidas por ele. Mas, enfim, não podia lhe querer mal por isso, não tinha ela confessado seu *crime*? Não cedera, fraca mulher, à tortura? Toda a culpa era dela. Ela deveria ter deixado lhe arrancarem as unhas, e não a confissão. Enfim, ela reviu Phœbus uma única vez, um único minuto, bastava-lhe uma palavra, um olhar para desenganá-lo, para levá-lo. Estava certa disso. Ela se atordoava também acerca de muitas coisas singulares, como o acaso da presença de Phœbus e da jovem ao seu lado, no dia da penitência. Com certeza, era sua irmã. Explicação insensata, com a qual, todavia, a cigana se contentava, porque tinha necessidade de acreditar que Phœbus a amava sempre e amava somente a ela. Não lhe jurara? Que mais lhe faltava, ingênua e crédula como era? Além do mais, nesse caso, as aparências não eram muito mais contra ela do que contra ele? Ela então esperava. Tinha esperança.

Acrescente-se que a igreja, essa vasta igreja que a envolvia por todos os lados, que a guardava, que a salvava, era um soberano calmante. As linhas solenes dessa arquitetura, a atitude religiosa de todos os objetos que cercavam a jovem, os pensamentos piedosos e serenos que emanavam, por assim dizer, de todos os poros dessa pedra, agiam sobre ela sem que ela soubesse. O prédio tinha também os rumores de tal bênção e de tal majestade que abrandavam essa alma adoecida. O canto monótono dos oficiantes, as respostas do povo aos padres, por vezes inarticuladas, por vezes tonantes, o harmonioso tremor dos vitrais, o órgão deslumbrante como cem trombetas, os três campanários vibrando como enxames de grandes abelhas, toda essa orquestra sobre a qual sobressaía uma escala gigantesca, subindo e descendo, sem parar, da multidão ao campanário, ensurdecia sua memória, sua imaginação, sua dor. Os sinos, sobretudo, ninavam-na. Era como um magnetismo potente o que esses grandes aparelhos expandiam sobre ela em largas ondas.

Assim, cada sol nascente a encontrava mais apaziguada, respirando melhor, menos pálida. À medida que suas chagas interiores se

fechavam, sua graça e beleza refloresciam sobre sua face, porém mais recolhidas e mais repousadas. Até seu antigo caráter lhe retornava, algo como sua graça, sua branda alegria, seu amor por sua cabra, seu gosto por cantar, seu pudor. Tinha o cuidado de se vestir de manhã no canto de sua célula, temendo que algum habitante dos celeiros vizinhos a visse pelo postigo.

Quando seu pensamento em Phoebus lhe deixava tempo, a cigana às vezes pensava em Quasímodo. Era a única ligação, a única relação, a única comunicação que lhe restava com os homens, com os vivos. A infeliz! Estava mais fora do mundo do que Quasímodo! Nada compreendia do estranho amigo que o acaso lhe dera. Com frequência, ela se censurava por não ter a gratidão que não lhe fechasse os olhos, mas, decididamente, ela não conseguia se acostumar com o pobre sineiro. Ele era muito feio.

Ela deixara no chão o apito que ele lhe dera. Isso não impedia que Quasímodo aparecesse de tempos em tempos nos primeiros dias. Ela fazia o possível para não se desviar com tanta repugnância quando ele lhe trazia a cesta de provisões ou o jarro de água, mas ele sempre percebia o menor movimento desse gênero e, então, ia embora tristemente.

Certa vez, ele veio no momento em que ela acarinhava Djali. Permaneceu, por alguns instantes, pensativo diante dessa graciosa dupla. Enfim, ele disse, meneando sua cabeça pesada e mal feita:

– Minha desgraça é que ainda me pareço muito com um homem. Desejaria ser um animal por completo, como essa cabra.

Ela levou a ele um olhar admirado.

Ele respondeu a esse olhar:

– Oh! Sei bem o porquê. – E se foi.

Outra vez, ele apareceu à porta da célula (onde jamais entrava) no momento em que La Esmeralda cantava uma velha balada espanhola, cujas palavras ele não compreendia, mas que ficaram em seus ouvidos porque, quando criança, fora ninado com ela pelas boêmias. Como essa vil figura surgiu de repente no meio de sua canção, a jovem interrompeu com um gesto de temor involuntário. O desgraçado sineiro caiu de joelhos sobre a soleira da porta e juntou com ar de súplica as grossas mãos disformes.

– Oh! – disse ele, dolorosamente –, eu suplico, continue e não me expulse.

Ela não quis afligi-lo e, toda tremente, retomou seu romance. Pouco a pouco, no entanto, seu temor se dissipou e ela se deixou levar, por inteira, pela impressão da melancólica ária arrastada que cantava. Ele ficou de joelhos, mãos juntas como em prece, atento, respirando apenas, o olhar fixo nas pupilas brilhantes da boêmia. Parecia ouvir com seus olhos a canção.

Outra vez ainda, ele veio a ela com um ar estranho e tímido.

– Escute – disse ele com esforço –, tenho algo a lhe dizer.

Ela lhe fez sinal de que o escutava. Então, ele suspirou, entreabriu seus lábios, parou por um momento pronto para falar, em seguida a olhou, fez um movimento de cabeça negativo e se retirou lentamente, sua fronte na mão, deixando a cigana estupefata.

Entre os personagens esculpidos na parede, havia um de que ele gostava de forma especial e com o qual parecia trocar frequentemente olhares fraternos. Certa vez, a cigana ouviu Quasímodo dizer a esse personagem:

– Oh! Por que não sou de pedra como você!

Uma manhã, La Esmeralda se aproximara da borda do telhado e olhava a praça por cima do telhado agudo de Saint-Jean-le-Rond. Quasímodo estava ali, atrás dela. Estava atrás dela para poupar o máximo possível a jovem do desprazer de vê-lo. De repente, a boêmia estremeceu, uma lágrima e um clarão de alegria brilharam ao mesmo tempo em seus olhos, ela se ajoelhou na borda do telhado e estendeu os braços com angústia na direção da praça, gritando:

– Phœbus! Venha! Venha! Uma palavra, apenas uma palavra, em nome do céu! Phœbus! Phœbus!

Sua voz, seu rosto, seu gesto, toda sua pessoa tinha a expressão dilacerante de um naufrago que faz sinal de infortúnio ao alegre navio que passa ao longe em um raio de sol no horizonte.

De onde estava, Quasímodo se inclinou e viu que o objeto desse terno e delirante pedido era um jovem, um capitão, um belo cavaleiro todo reluzente de armas e uniforme, que passava, curveteando ao fundo da praça, e saudava com o penacho uma bela dama sorridente em seu balcão. De resto, o oficial não ouvia a infeliz chamando-o. Era muito longe.

O pobre surdo, porém, ouvia. Um suspiro profundo subiu de seus pulmões. Ele voltou. Seu coração estava repleto de todas as lágrimas que ele devorava; seus dois punhos convulsivos se chocaram sobre sua

cabeça e, quando os retirou, havia em cada mão um punhado de cabelos ruivos.

A cigana não lhe dava nenhuma atenção. Ele dizia em voz baixa e rangendo os dentes:

– Danação! Veja lá como é preciso ser! Basta ser belo, mais nada!

No entanto, ela permaneceu de joelhos e gritava com uma extraordinária agitação.

– Oh! Ele desce de seu cavalo! Vai entrar na casa dela! Phoebus! Ele não me ouve! Phoebus! Como essa mulher é malvada por lhe falar ao mesmo tempo que eu! Phoebus! Phoebus!

O surdo a olhava. Compreendia essa pantomima. O olho do pobre sineiro se enchia de lágrimas, mas ele não deixava nenhuma correr. De repente, tirou uma com a borda de sua manga. Ela se voltou. Ele estava com um ar mais tranquilo, e lhe disse:

– A senhorita deseja que eu vá buscá-lo?

Ela lançou um grito de alegria.

– Oh! Vá! Vá! Corra! Rápido! Esse capitão! Traga-o para mim! Amarei você se fizer isso!

Ela abraçou seus joelhos. Ele balançou a cabeça dolorosamente.

– Vou trazê-lo para a senhorita – disse com uma voz fraca. Em seguida, voltou a cabeça e se precipitou a grandes passos pela escadaria, abafado por soluços.

Quando chegou ao térreo, viu apenas o belo cavalo amarrado à porta da residência dos Gondelauriers. O capitão acabara de entrar.

Olhou para o telhado da igreja. La Esmeralda lá estava, sempre no mesmo lugar, na mesma postura. Ele lhe fez um triste sinal com a cabeça. Em seguida, encostou-se a um dos marcos do pórtico dos Gondelauriers, determinado a esperar que o capitão saísse.

Na residência dos Gondelauriers, ocorria um desses dias de gala que precedem as núpcias. Quasímodo viu entrar muita gente e não viu ninguém sair. Por vezes, olhava na direção do telhado. A cigana não se mexia mais do que ele. Um palafrenero veio desatar o cavalo e o levou para a estrebaria da residência.

O dia inteiro se passou assim. Quasímodo encostado no marco, La Esmeralda sobre o telhado, Phoebus decerto aos pés de Fleur-de-Lys.

Enfim, veio a noite; uma noite sem lua, uma noite escura. Quasímodo achou melhor fixar seu olhar sobre La Esmeralda. Logo, ela não passava de uma brancura no crepúsculo; em seguida, nada. Tudo se apagou,

tudo estava negro.

Quasímodo viu, no alto da fachada, as janelas da residência dos Gondelauriers se iluminarem. Viu se iluminarem, um após outro, os cruzamentos da região; viu-os também irem se apagando até o último, pois permaneceu toda a noite em seu posto. O oficial não saiu. Quando os últimos passantes se foram, quando todas as janelas das outras casas foram apagadas, Quasímodo ficou completamente só, completamente na sombra. Não havia, então, luminária na esplanada da Notre-Dame.

No entanto, as janelas da residência dos Gondelauriers permaneceram acesas, mesmo depois da meia-noite. Quasímodo, imóvel e atento, via passar pelos vitrais de mil cores uma multidão de sombras vivas e dançantes. Não fosse surdo, à medida que o rumor de Paris adormecida se extinguiu, teria ouvido com clareza um barulho de festa, risos e músicas no interior da residência dos Gondelauriers.

Por volta de uma hora da madrugada, os convivas começaram a se retirar. Quasímodo, envolvido nas trevas, olhava-os sob o pórtico iluminado pelas tochas. Nenhum era o capitão.

Ele estava cheio de pensamentos tristes. Por vezes, olhava para cima, como aqueles que se entediam. Grandes nuvens negras, pesadas, atormentadas, fendidas, pendiam como uma rede de crepe sob o arco estrelado da noite. Pareciam teias de aranha na abóboda celeste.

Num desses momentos, viu, de súbito, abrir-se misteriosamente a porta-janela do balcão cuja balaustrada de pedra se perfilava sobre sua cabeça. A frágil porta de vidro deu passagem a dois personagens, atrás dos quais ela se fechou sem ruído. Eram um homem e uma mulher. Não foi sem custo que Quasímodo reconheceu ser o homem o belo capitão; e a mulher, a jovem dama que vira no alto desse mesmo balcão. O lugar estava bem escuro, pois uma dupla cortina carmesim que caía atrás da porta não deixava a luz do aposento chegar ao balcão.

Os dois jovens, pelo tanto que podia julgar nosso surdo, que não ouvia nenhuma de suas palavras, pareciam se abandonar a uma tensa e terna conversa. A jovem parecia permitir ao oficial apanhá-la pela cintura com seus braços, mas resistia docemente a lhe dar um beijo.

Quasímodo assistia de baixo a essa cena tão graciosa de se ver quanto mais não era feita para ser vista. Contemplava com amargura essa felicidade, essa beleza. Ademais, a natureza não era muda no pobre-diabo, e sua coluna vertebral, por mais malvadamente torcida que fosse, não era menos vibrante do que qualquer outra. Pensava na

miserável parte que a providência lhe dera, que a mulher, o amor, a volúpia, passariam eternamente diante de seus olhos, e que seu destino seria apenas ver a felicidade dos outros. O que mais o dilacerava nesse espetáculo, o que misturava indignação ao seu despeito, era pensar no tanto que sofreria a cigana se ela o visse. Verdade que a noite era bem negra, que La Esmeralda, se permanecia em seu lugar (ele não duvidava disso), estava bem longe, e que, quando muito, ele mesmo mal distinguia os amantes do balcão. Isso o consolava.

No entanto, a conversa dos dois se tornava bem animada. A jovem dama parecia suplicar ao oficial para que não lhe pedisse mais nada. De tudo isso, Quasímodo distinguia apenas as belas mãos unidas, os sorrisos melados de lágrimas, os olhos da jovem levantados às estrelas, os olhos do capitão abaixados com ardor sobre ela.

Felizmente, porque a jovem começava a ceder, a porta do balcão se reabriu de súbito, uma velha senhora apareceu, a bela pareceu confusa, o oficial assumiu um ar de despeito, e os três entraram.

Logo em seguida, um cavalo batia os cascos sob o portal, e o luzente oficial, envolvido em seu manto noturno, passou com rapidez por Quasímodo.

O sineiro o deixou virar a esquina da rua, em seguida correu atrás dele com sua agilidade de macaco, gritando:

– Ei! Capitão!

O capitão estacou.

– O que quer este patife? – murmurou, avistando na sombra a figura desengonçada que vinha coxeando em sua direção.

Quasímodo, então, chegou a ele e tomou com firmeza as rédeas de seu cavalo:

– Siga-me, capitão, uma pessoa quer falar com o senhor.

– Pelos chifres de Maomé! – resmungou Phœbus, pensando já ter visto antes esse feio pássaro desgrenhado. – Olá! Senhor, queira soltar as rédeas de meu cavalo!

– Capitão, o senhor não quer saber quem? – perguntou o surdo.

– Quero que largue meu cavalo – retorquiu Phœbus, impaciente. “O que quer esse estranho que se pendura ao testeiro de meu cavalo de batalha? Não estaria ele confundindo meu cavalo com uma força?”

Quasímodo, longe de deixar a rédea do cavalo, estava disposto a lhe fazer retornar o caminho. Sem poder entender a resistência do capitão, apressou-se em lhe dizer:

– Venha, capitão, é uma mulher que espera pelo senhor. – E acrescentou com esforço: – Uma mulher que o ama.

– Seu velhaco! – disse o capitão. – Acha que sou obrigado a visitar toda mulher que me ama! Ou quem diz que me ama! E se por acaso ela se parecer com você, cara de besta brava? Diga àquela que o envia que vou me casar, e que ela que vá para o inferno!

– Escute – exclamou Quasímodo, acreditando vencer com apenas uma palavra sua hesitação –, venha, senhor! É a cigana que o senhor conhece!

Essa palavra, de fato, causou grande impressão em Phoebus, mas não a que o surdo esperava. Lembre-se de que nosso galante oficial estava em retiro com Fleur-de-Lys alguns momentos antes de Quasímodo salvar a condenada das mãos de Charmolue. Além do mais, em todas as visitas à residência dos Gondelauiers, ele evitou voltar a falar nessa mulher, cuja lembrança, depois de tudo, era-lhe penosa; e, por seu lado, Fleur-de-Lys não achou político dizer-lhe que a cigana vivia. Phoebus, então, acreditava que a pobre *Similar* estivesse morta, e isso já havia um ou dois meses. Acrescente-se que, depois de alguns instantes, o capitão lembrava, na escuridão profunda da noite, na feiura sobrenatural, na voz sepulcral do estranho mensageiro, que era mais de meia-noite, que a rua estava deserta como na noite em que o monge malvado o abordara, e que seu cavalo arfava olhando Quasímodo.

– A cigana! – exclamou quase apavorado. – Ora, você vem do outro mundo?

E pôs sua mão sobre o manípulo de seu punhal.

– Rápido, rápido – disse o surdo, buscando arrastar o cavalo. – Por aqui!

Phoebus lhe desferiu um vigoroso golpe de bota no peito.

O olho de Quasímodo brilhou. Fez o movimento de se lançar sobre o capitão. Em seguida, conteve-se e disse:

– Oh! Feliz é o senhor que tem alguém que o ama!

Ele sustentou a palavra *alguém* e, largando a rédea do cavalo:

– Vá embora!

Phoebus deu com as esporas, blasfemando. Quasímodo viu-o sumir no nevoeiro da rua.

– Oh! – murmurou o pobre surdo –, recusar isto!

Ele entrou de volta na Notre-Dame, acendeu sua lâmpada e subiu a torre. Como havia pensado, a boêmia permanecia no mesmo lugar.

Tão logo o viu, ela correu a ele.

– Sozinho! – exclamou ela, unindo dolorosamente suas belas mãos.

– Não consegui encontrá-lo – disse com frieza Quasímodo.

– Era preciso esperar toda a noite! – retomou ela com raiva.

Ele viu seu gesto de cólera e compreendeu a censura.

– Irei espreitá-lo melhor da próxima vez – disse ele, abaixando a cabeça.

– Saia daqui! – disse ela.

Quasímodo a deixou. Ela estava descontente com ele. Era melhor ser maltratado por ela do que afligi-la. Ele guardou consigo toda sua dor.

A partir desse dia, a cigana não o viu mais. Ele parou de ir à sua célula. Quando muito, ela entrevia às vezes no cume de uma torre a figura do sineiro fixada melancolicamente sobre ela. Porém, tão logo ela o via, ele desaparecia.

Nós devemos dizer que a jovem ficou um pouco aflita com essa ausência voluntária do pobre corcunda. No fundo do coração, ela lhe era grata. De resto, Quasímodo não se enganava quanto a isso.

Ela não o via, mas sentia a presença de um bom gênio ao seu redor. Suas provisões eram renovadas por certa mão invisível durante seu sono. Certa manhã, encontrou sobre a janela um ninho de pássaros. Abaixo de sua célula, havia uma escultura que lhe causava medo. Ela manifestara isso mais de uma vez diante de Quasímodo. Certa manhã (pois todas essas coisas se fazem à noite), a cigana não a viu mais. Havia sido quebrada. Quem subiu até essa escultura, decerto, arriscara a vida.

Por vezes, à noite, ela ouvia uma voz escondida sob o guarda-vento do campanário cantar, como se para dormir, uma canção triste e bizarra. Eram versos sem rimas, como somente um surdo poderia fazer.

*Não repare na aparência,
bela jovem, repare no coração.
O coração de um jovem belo é medonho.
Há corações onde o amor não se conserva.*

*Bela jovem, o abeto nunca é belo,
nunca é belo como o álamo,
mas ele guarda a folhagem no inverno.*

Ai de mim! De que adianta dizer tanto?

*O que não é belo engana-se de ser;
a beleza ama apenas a beleza,
abril dá as costas a janeiro.*

*A beleza é perfeita,
tudo pode a beleza.
A beleza é a única coisa que não existe pela metade.*

*O corvo só voa de dia,
a coruja só voa de noite,
o cisne voa noite e dia.*

Certa manhã, ao acordar, ela viu sobre a janela dois vasos cheios de flores. Um deles era um grande vaso de cristal muito belo e brilhante, mas rachado; deixara escorrer a água de que estava cheio, e as flores que continha estavam murchas. O outro era um pote de grés, grosseiro e comum, mas que conservara toda sua água, e cujas flores se mantiveram frescas e vermelhas.

Não sei se foi com intenção, mas La Esmeralda pegou o buquê murchado e o levou por todo dia sobre seu seio.

Nesse dia, ela não ouviu a voz da torre cantar.

A cigana pouco se inquietava. Passava seus dias acarinhando Djali, espiando a porta da residência dos Gondelauriers, entretendo-se baixinho com Phœbus e lançando migalhas às andorinhas.

De resto, deixou por completo de ver e ouvir Quasímodo. O pobre sineiro parecia ter desaparecido da igreja. Certa noite, porém, como não dormia e pensava em seu belo capitão, ouviu um suspirar perto de sua célula. Temerosa, ela se levantou e viu, à luz da lua, uma massa informe deitada de través diante de sua porta. Era Quasímodo que dormia ali sobre uma pedra.

V. A CHAVE DA PORTA VERMELHA

No entanto, contaram ao arquidiácono que a cigana fora salva de uma maneira miraculosa. Quando ele soube disso, não lhe ficou claro o que sentiu. Livrara-se da morte de La Esmeralda. Com isso, estava tranquilo, havia tocado o mais fundo possível da dor. O coração

humano (dom Claude meditara acerca dessas matérias) consegue conter apenas certa quantidade de desespero. Quando a esponja está embebida, o mar pode passar por cima sem lhe fazer entrar uma lágrima a mais.

Ora, La Esmeralda morta, a esponja embebida, tudo estava dito para dom Claude nesta terra. Todavia, senti-la viva, e também Phœbus, eram torturas que recomeçavam, os espasmos, as alternâncias, a vida. E Claude estava farto disso tudo.

Quando soube dessa nova, fechou-se em sua célula do claustro. Não compareceu nem às conferências capitulares, nem aos ofícios. Fechou sua porta a todos, até mesmo ao bispo. Permaneceu emparedado por várias semanas. Achavam que estava doente. De fato, ele estava.

O que fazia ele assim trancado? Sob quais pensamentos o infortunado se debatia? Planejava uma derradeira luta contra sua temível paixão? Elaborava um derradeiro plano de morte para ela e de perdição para ele?

Seu Jehan, seu querido irmão, seu mimado, veio certa vez à sua porta, bateu, praguejou, suplicou, chamou-o dez vezes. Claude não abriu.

Passou duas tardes inteiras com a face colada aos vidros de sua janela. Dessa janela, situada no claustro, viu o recanto de La Esmeralda, ele a via com frequência, ela com sua cabra, por vezes com Quasímodo. Observava os pequenos cuidados do feio surdo, sua obediência, seus modos delicados e submissos com a cigana. Ele se lembrava, pois tinha boa memória, e a memória é o tormento dos ciumentos, ele se lembrava do olhar singular do sineiro sobre a dançarina em certa tarde. Perguntava-se qual motivo teria impellido Quasímodo a salvá-la. Testemunhou mil pequenas cenas entre a boêmia e o surdo, cuja pantomima, vista de longe e comentada por sua paixão, parecia-lhe tão terna. Desconfiava da singularidade das mulheres. Então, sentiu confusamente despertar em si certo ciúme, o qual jamais esperava, certo ciúme que o fazia corar de vergonha e de indignação. “Com o capitão, ainda vai; mas, com isso!” Esse pensamento o transtornava.

Suas noites eram horríveis. Desde que soube que a cigana vivia, desvaneceram-se as frias ideias de espectro e de tumba que o haviam obsedado um dia inteiro, e a carne voltava a aguilhoá-lo. Contorcia-se sobre o leito por sentir a jovem tão perto.

Toda noite, sua imaginação delirante representava-lhe La Esmeralda em todas as atitudes que mais fizessem ferver suas veias. Via-a estendida sob o capitão apunhalado, os olhos fechados, seu belo colo nu coberto com o sangue de Phœbus, naquele momento de delícias em que o arquidiácono imprimiu sobre seus lábios pálidos aquele beijo cujo calor a infeliz, ainda que desmaiada, sentira. Reviu-a despida pelas mãos selvagens dos torturadores, deixando desnudar e calçar no borzeguim de pregos de ferro seu pequeno pé, sua perna esguia e torneada, seu joelho leve e branco. Reviu ainda esse joelho de marfim ficar fora do horrível aparelho de Torterue. Lembrou, enfim, a jovem de camisas, corda ao pescoço, ombros nus, pés nus, quase nua, como a viu no último dia. Essas imagens de volúpia faziam-no crispar os punhos e correr certa aflição ao longo de suas vértebras.

Uma noite, essas imagens aqueceram tanto em suas artérias seu sangue de virgem e de padre, que ele mordeu seu travesseiro, saltou para fora do leito, lançou a sobrepeliz sobre a camisa, e saiu de sua célula, lâmpada à mão, seminu, apavorado, olhos em chamas.

Sabia onde encontrar a chave da porta vermelha que comunicava o claustro à igreja, e trazia sempre consigo, como se sabe, uma chave da escadaria das torres.

VI. SEQUÊNCIA DA CHAVE DA PORTA VERMELHA

Nessa mesma noite, La Esmeralda estava adormecida em sua célula, plena de esquecimento, de esperança e de doces pensamentos. Dormia já havia algum tempo, sonhando, como sempre, com Phœbus, quando escutou ruídos ao seu redor. Tinha o sono leve e inquieto, um sono de pássaro. Um nada a acordava. Abriu os olhos. A noite estava bem escura. No entanto, viu em seu postigo um vulto que a olhava. Uma lâmpada iluminava essa aparição. Quando percebeu que La Esmeralda o vira, esse vulto soprou a lâmpada. Ainda assim, a jovem teve tempo de distingui-lo. Suas pálpebras se fecharam de medo.

– Oh! – disse com voz fraca –, o padre!

Toda a infelicidade passada reveio-lhe em um clarão. Ela caiu, gelada, sobre seu leito.

Em seguida, sentiu ao longo de seu corpo certo contato que a fez tremer de tal modo que, desperta e furiosa, ergueu-se sobre o leito.

O padre acabara de passar perto dela. Ele a cingiu em seus braços.

Ela quis gritar e não conseguiu.

– Vá embora, monstro! Vá embora, assassino! – disse ela com uma voz baixa e tremente devido à cólera e ao temor.

– Por favor! Por favor! – murmurou o padre, imprimindo-lhe os lábios sobre os ombros.

Ela segurou com as mãos sua cabeça calva pelos restos de cabelos e buscou afastar seus beijos como se fossem mordidas.

– Por favor! – repetia o infeliz. – Você não sabe o que é meu amor por você! É fogo, é chumbo fundido, mil facas em meu coração.

E ele deteve seus braços com força sobre-humana. Vencida:

– Deixe-me – disse-lhe ela –, ou escarro na sua cara! Ele a deixou, dizendo:

– Avilte-me, bata-me, seja má! Faça o que quiser! Mas, por favor! Ame-me!

Ela então bateu nele com um furor de criança. Estendia suas belas mãos para lhe machucar a face.

– Vá embora, demônio!

– Ame-me! Ame-me! Piedade! – gritava o pobre padre, apoiando-se nela e devolvendo seus golpes com carícias.

De súbito, ela sentiu que ele era mais forte.

– Isso tem de acabar! – disse ele, rangendo os dentes.

Ela estava subjugada, palpitante, partida, nos seus braços, à sua mercê. Sentiu uma mão lasciva se espalhar sobre ela. Fez um derradeiro esforço e gritou:

– Socorro! Acudam-me! Um vampiro! Um vampiro!

Ninguém vinha. Somente Djali estava desperta e berrava com angústia.

– Cale-se! – dizia o padre, ofegante.

A cigana se debatia e se arrastava pelo chão; de repente, sua mão encontrou algo frio e metálico. Era o apito de Quasímodo. Ela o apanhou com certa convulsão de esperança, trouxe-o aos lábios e soprou com toda a força que lhe restava. O apito soltou um som claro, agudo, penetrante.

– O que é isso? – perguntou o padre.

Quase no mesmo instante, ele sentiu que um braço vigoroso o erguia; a célula estava sombria, não pôde distinguir com nitidez quem o apanhava assim; mas ouviu os dentes estalarem de raiva e havia

suficiente luz dispersa na sombra para que visse brilhar acima de sua cabeça a larga lâmina de um sabre.

O padre acreditou ver a forma de Quasímodo. Supôs que só podia ser ele. Lembrou-se de ter tropeçado, ao entrar, num monte que estava atravessado na porta do lado de fora. No entanto, como o recém-vindo não proferia nenhuma palavra, ele só podia desconfiar. Lançou-se sobre o braço que trazia o sabre, gritando:

– Quasímodo!

Esquecia-se, nesse momento de aflição, de que Quasímodo era surdo.

Num piscar de olhos, o padre foi lançado ao chão e sentiu um joelho de chumbo se apoiar em seu peito. Pela impressão angulosa desse joelho, reconheceu Quasímodo. Mas o que fazer? Como ser reconhecido por ele? A noite cegava o surdo.

Estava perdido. A jovem, sem piedade, como uma tigresa irritada, não interveio para salvá-lo. O sabre se aproximou de sua cabeça. O momento era crítico. De súbito, tomado por certa hesitação, seu adversário parou.

– Sem sangue sobre ela! – disse ele com uma voz surda.

Era, de fato, a voz de Quasímodo.

Então, o padre sentiu a grossa mão que o arrastava pelo pé para fora da célula. Era lá que morreria. Felizmente, para ele, a lua acabara de surgir.

Quando passaram pela porta da célula, um pálido raio de luz caiu sobre a figura do padre. Quasímodo o olhou no rosto, um tremor lhe tomou, deixou o padre e recuou.

A cigana, que avançara até a soleira da célula, viu com surpresa os papéis se inverterem bruscamente. Agora era o padre que ameaçava, e Quasímodo que suplicava.

O padre, que esmagava Quasímodo com gestos de cólera e censura, fez-lhe com violência o sinal de se retirar.

O surdo abaixou a cabeça e se ajoelhou diante da porta da cigana.

– Monsenhor – disse ele com uma voz grave e resignada –, faça o que mais lhe agradar, mas me mate primeiro.

Em seguida, estendeu o sabre ao padre. Este, fora de si, avançou, mas a jovem foi mais rápida do que ele. Apanhou o sabre das mãos de Quasímodo e irrompeu a rir com furor.

– Aproxime-se! – disse ela ao padre.

Ela tinha a lâmina erguida. O padre ficou indeciso. Ela, certamente,

iria parti-lo ao meio.

– Não ouse se aproximar, covarde! – gritou ela. E acrescentou com uma expressão impiedosa, sabendo bem que perfuraria com mil ferros em brasa o coração do padre: – Ah! Sei que Phœbus não está morto.

O padre derrubou Quasímodo no chão com um chute e se lançou, tremendo de raiva, sob a abóboda da escadaria.

Quando se foi, Quasímodo apanhou de volta o apito que acabara de salvar a cigana.

– Enferrujou-se – disse ele, devolvendo-o. E a deixou só.

A jovem, transtornada por essa cena violenta, caiu, esgotada, sobre seu leito e começou a chorar em soluços. Seu horizonte se tornava de novo sinistro.

Por sua vez, o padre chegou tateando até sua célula.

Estava feito. Dom Claude tinha ciúme de Quasímodo.

Com um ar pensativo, repetiu sua frase fatal: “Ninguém a terá!”

1. O que para os monges de Saint-Germain-des-Prés foi uma hidra, para os escreventes suscita sempre novos processos e disputas. [N.T.] ↔ □

2. Velho feliz! (Virgílio, *Bucólicas*, I, 46.) [N.T.] ↔ □

LIVRO DÉCIMO

I. GRINGOIRE TEM VÁRIAS IDEIAS SUCESSIVAS NA RUA DES BERNARDINS

Desde que Pierre Gringoire viu no que esse caso se tornou e que haveria corda, enforcamento e outros desgostos para os personagens principais dessa comédia, decidiu não se enredar nisso. Os vagabundos, entre os quais ele permaneceu por considerar que eles eram a melhor companhia de Paris, continuaram cativos da cigana. Achou isso mais facilmente entre aqueles que não tinham, como ela, outra perspectiva além de Charmolue e Torterue, e que não cavalgavam, como ele, nas regiões imaginárias entre as duas asas de Pégaso. Soubera que sua esposa do pote quebrado se refugiara na Notre-Dame, e ele estava bem à vontade com isso. Mas não tinha a tentação de ir vê-la. Lembrava-se, por vezes, da pequena cabra, e só. De resto, de dia, esforçava-se para viver e, à noite, elaborava um memorial contra o bispo de Paris, pois se lembrava de ter sido inundado pelas rodas de seus moinhos e lhe guardava rancor. Ocupava-se também de comentar a bela obra de Baudry le Rouge, bispo de Noyon e de Tournay, *De cupa petrarum*, o que lhe despertara um forte gosto pela arquitetura, pendor que substituíra a sua paixão pelo hermetismo em seu coração, do qual, aliás, não passava de um corolário natural, uma vez que há uma íntima ligação entre o hermetismo e a maçonaria. Gringoire passara do amor por uma ideia ao amor pela forma dessa ideia.

Certo dia, ele estava parado perto de Saint-Germain-l'Auxerrois, no ângulo de uma residência que se chamava For-l'Évêque, que ficava defronte a uma outra cujo nome era For-le-Roi. Havia nessa For-l'Évêque uma encantadora capela do século XIV, cuja abside avançava sobre a rua. Gringoire examinava com devoção as esculturas exteriores. Estava em um desses momentos de gozo egoísta, exclusivo, supremo, em que o artista nada mais vê no mundo além da arte. De repente, ele sente uma mão pousar pesadamente sobre seu ombro. Era seu antigo amigo, seu antigo mestre, monsenhor arquiidiácono.

Ficou estupefato. Havia muito tempo que não via o arquiidiácono. E dom Claude era um desses homens solenes e apaixonados, cujo

reencontro perturba sempre o equilíbrio de um filósofo cético.

O arquidiácono ficou em silêncio por alguns instantes, durante os quais Gringoire pôde observá-lo à vontade. Achou dom Claude bem mudado, pálido como uma manhã de inverno, olhos cavos, cabelos quase brancos. Foi o padre quem rompeu o silêncio, dizendo com um tom tranquilo, mas glacial:

– Como está o senhor, mestre Pierre?

– Minha saúde? – respondeu Gringoire. – Eh! Eh! Pode-se dizer assim-assim. Todavia, no conjunto, é boa. Não me apego a nada. O senhor sabe, mestre! O segredo de se portar bem, segundo Hipócrates, *id est cibi, potus, somni, Venus, omnia moderata sint* .2

– O senhor não tem nenhum recurso, mestre Pierre? – retomou o arquidiácono, olhando fixamente Gringoire.

– Por Deus, não.

– E o que o senhor está fazendo agora?

– Veja o senhor, meu mestre. Examino o conjunto dessas pedras e o modo com que é cavado este baixo-relevo.

O padre sorriu, esse sorriso amargo que se ergue apenas nas extremidades da boca.

– E isso lhe agrada?

– É o paraíso! – exclamou Gringoire. E, inclinando-se sobre as esculturas com a face inflamada de um demonstrador de fenômenos vivos: – Será que o senhor não acha o mesmo, por exemplo, dessa metáfora de baixo-relevo executada com tanta destreza, delicadeza e paciência? Olhe essa colunata, em torno da qual o capitel tem à sua vista folhas mais ternas e as melhores que puderam acariciar o cinzel. Eis aqui três relevos de Jean Maillevin. Não são as mais belas obras desse gênio. Todavia, a ingenuidade, a doçura dessas faces, a alegria dos gestos e da roupagem e essa graça inexplicável que se mistura em todos os defeitos tornam as figuras bem divertidas, bem delicadas, talvez um pouco demais. O senhor não acha divertido?

– Sim, de fato! – disse o padre.

– E se o senhor vir o interior da capela! – retomou o poeta com seu entusiasmo tagarela. – Por todo canto, esculturas. É frondoso como um coração de couve! A abside é de um modo tão intensamente devota e tão particular que jamais se viu outra assim!

Dom Claude o interrompeu:

– O senhor, então, está feliz?

Gringoire respondeu com fervor:

– Juro que sim! No princípio, eu amava mulheres, depois animais. Agora, amo pedras. São tão agradáveis quanto animais e mulheres, e menos pérfidas.

O padre levou a mão à fronte. Era um gesto habitual.

– Verdade?

– Veja! – disse Gringoire –, há prazeres nisso! – Tomou o braço do padre, que se deixou levar, e o fez entrar sob a torrinha da escadaria do Fort-l'Évêque. – Eis uma escadaria! Cada vez que a vejo, fico feliz. É o degrau mais simples e mais raro de Paris. Todos os degraus são desbastados por baixo. Sua beleza e sua simplicidade consistem em como um acolhe o outro, portando um pé ou quase, que são entrelaçados, encravados, encaixados, encadeados, encastrados, entrecortados um no outro e se entremordem de um modo firme e delicado!

– E o senhor não deseja nada?

– Não.

– E o senhor não lamenta nada?

– Nem lamento nem desejo. Arrumei minha vida.

– O que os homens arrumam, as coisas o desarrumam – disse Claude.

– Sou um filósofo pirrônico e trago tudo em equilíbrio – respondeu Gringoire.

– E como o senhor ganha a vida?

– Faço ainda, aqui e ali, epopeias e tragédias. Mas o que me sustenta mesmo é a destreza que o senhor já conhece, meu mestre: equilibrar pirâmides de cadeiras sobre meus dentes.

– É um ofício grosseiro para um filósofo.

– Trata-se ainda de equilíbrio – disse Gringoire. – Quando se tem um pensamento, é possível encontrá-lo em tudo.

– Eu sei – afirmou o arquidiácono. Fez uma pausa e retomou: – O senhor, todavia, é bem miserável?

– Miserável, sim; infeliz, não.

Nesse momento, ouviu-se um ruído de cavalos, e nossos dois interlocutores viram desfilar no fim da rua uma companhia de arqueiros da ordenança do rei, lanças ao alto, o oficial à frente. A cavalgada era brilhante e ressoava sobre a calçada.

– Como o senhor olha aquele oficial! – observou Gringoire.

– É que eu acho que o reconheço.

– Como é o nome dele?
– Creio que ele se chama Phœbus de Châteaupers – disse Claude.
– Phœbus! Um nome curioso! Há também Phœbus, conde de Foix.
Lembro-me de ter conhecido uma jovem que só jurava por Phœbus.

– Venha comigo – disse o padre. – Tenho algo a lhe dizer.

Desde a passagem dessa tropa, certa agitação perpassou a capa glacial do arquidiácono. Ele se pôs a caminhar. Gringoire o seguia, habituado a lhe obedecer, como todo aquele que se aproximasse desse homem pleno de ascendência. Chegaram em silêncio até a rua des Bernardins, que estava deserta. Dom Claude então parou.

– O que o senhor tem para me dizer, meu mestre? – perguntou Gringoire.

– Não acha o senhor – respondeu o arquidiácono com um ar de profunda reflexão – que o hábito desses cavaleiros que acabamos de ver é mais belo do que o seu ou o meu?

Gringoire meneou a cabeça.

– Palavra de honra! Prefiro minha túnica amarela e vermelha a essas escamas de ferro e aço. Mas é uma grande satisfação fazer ao andar o mesmo barulho que faz o cais de la Ferraille durante um tremor de terra!

– Então, Gringoire, o senhor nunca teve inveja desses belos jovens em uniformes de guerra?

– Inveja de quê, monsenhor arquidiácono? De sua força, de sua armadura, de sua disciplina? Mais vale a filosofia e a independência aos farrapos. Prefiro ser cabeça de mosca a ser cauda de leão.

– É singular isso – disse o padre, absorto. – Uma bela aparência é, todavia, bela.

Ao ver o padre pensativo, Gringoire o deixou e foi admirar o pórtico de uma casa vizinha. Voltou esfregando as mãos.

– Se o senhor estiver menos ocupado com os belos hábitos dessa gente de guerra, monsenhor arquidiácono, peço que venha ver essa porta. Eu sempre disse que a casa do senhor Aubry tem a entrada mais soberba do mundo.

– Pierre Gringoire, o que o senhor fez com aquela pequena dançarina cigana?

– La Esmeralda? O senhor sabe mudar de assunto.

– Ela não era sua mulher?

– Sim, por um jarro quebrado. Durou quatro anos. A propósito –

acrescentou Gringoire, olhando o arquidiácono com um ar um tanto trocista –, o senhor, então, pensa nisso todo dia?

– E o senhor, não pensa mais nisso?

– Pouco. Tenho tantas coisas!... Meu Deus, como a pequena cabra era bela!

– Essa boêmia, ela não lhe salvou a vida?

– Por Deus, é verdade.

– Pois bem! O que foi feito dela? O que o senhor fez dela?

– Não posso lhe dizer. Creio que ela foi enforcada.

– O senhor acredita?

– Não estou certo. Quando vi que iam enforcar alguém, retirei-me do palco.

– Isso é tudo o que o senhor sabe?

– Espere, então. Disseram-me que ela estava refugiada na Notre-Dame, e que estava em segurança lá, e fiquei satisfeito com isso, e não pude saber se a cabra fora salva com ela. É tudo que sei.

– Vou lhe contar um pouco mais – gritou dom Claude; e sua voz, até então baixa, lenta, quase surda, tornou-se toante. – De fato, ela está refugiada na Notre-Dame. No entanto, dentro de três dias, a Justiça a retomará e ela será enforcada na Grève. Há uma sentença do Parlamento.

– Isso é lastimável – disse Gringoire.

Súbito, o padre se tornou frio e calmo.

– Que diabo – retomou o poeta –, há prazer em se solicitar uma sentença de reintegração? Será que não podemos deixar o Parlamento em paz? Qual o mal que há no fato de uma pobre jovem se abrigar sob os arcobotantes da Notre-Dame, ao lado dos ninhos de andorinhas?

– Há demônios no mundo – respondeu o arquidiácono.

– Isso começou diabolicamente mal – observou Gringoire. O arquidiácono retomou após um silêncio:

– Ela então lhe salvou a vida?

– Junto aos meus bons amigos vagabundos. Um pouco mais, um pouco menos, eu seria enforcado. Hoje, eles teriam lastimado.

– O senhor não quer fazer nada por ela?

– É o que mais quero, dom Claude. Mas, e se eu acabar enredado de vilezas?

– Que importa!

– Bah! Que importa! Ora essa, meu mestre! Tenho duas grandes obras

já começadas.

O padre deu um tapa em sua fronte. Apesar de sua calma, de vez em quando um gesto violento revelava suas convulsões interiores.

– Como salvá-la?

Gringoire lhe disse:

– Meu mestre, eu lhe responderei: *Il padelt*, o que quer dizer em turco: Deus é nossa esperança.

– Como salvá-la? – repetiu Claude, pensativo. Era a vez de Gringoire bater na própria testa.

– Escute, meu mestre. Tenho imaginação. Hei de encontrar os expedientes. E se fosse pedida a graça do rei?

– A Luís XI? Uma graça?

– Por que não?

– Tente arrancar um osso de um tigre!

Gringoire pôs-se a buscar novas soluções.

– Pois bem! Ei-la! O senhor quer que eu dirija às matronas uma petição declarando que a jovem está grávida?

Isso fez as cavas pupilas do padre brilharem.

– Grávida! Idiota! Sabe o senhor de algo?

Gringoire teve medo da expressão do padre. Apressou-se em dizer:

– Oh! Não foi comigo! Nosso casamento era um verdadeiro *forismaritagium* ³. Fiquei de fora. Mas, enfim, obteríamos sursis.

– Loucura! Infâmia! Cale-se!

– O senhor se engana em recusar isso – resmungou Gringoire. – Obteríamos um sursis, não se faria mal a ninguém, e daria quarenta dinheiros de Paris às matronas, que são mulheres pobres.

O padre não o ouvia.

– Basta que ela saia de lá! – murmurou. – A sentença é executória em três dias! Por outro lado, caso não houvesse sentença, aquele Quasímodo! As mulheres têm gostos bem depravados! – E aumentou a voz: – Mestre Pierre, refleti bem, só há um meio de salvação para ela.

– Qual? Eu não vejo nenhum.

– Ouça, mestre Pierre, lembre-se de que o senhor lhe deve a vida. Eu lhe direi, com sinceridade, qual é minha ideia. A igreja é vigiada noite e dia. Deixam sair somente aqueles que viram entrar. O senhor, então, pode entrar. O senhor vem. Eu o levo até onde ela está. O senhor troca de roupa com ela. Ela veste seu gibão; e o senhor, a saia dela.

– Tudo vai bem até agora – observou o filósofo. – E depois?

– E depois? Ela sai com o seu hábito e o senhor fica com o dela. Talvez enforcem o senhor, mas ela estará salva.

Gringoire esfregou as orelhas com um ar muito grave.

– Veja! Essa é uma ideia que jamais me viria à cabeça.

A proposição inesperada de dom Claude fez a figura aberta e benigna do poeta se enevoar, como aconteceria com uma risonha paisagem da Itália se um malfadado golpe de vento arrastasse uma nuvem sobre o sol.

– Pois bem, Gringoire! O que o senhor me diz desse plano?

– Digo, meu mestre, que não me enforcarão talvez, mas que me enforcarão com certeza.

– Isso já não nos diz respeito.

– Peste! – disse Gringoire.

– Ela salvou sua vida. É uma dívida que o senhor deve pagar.

– Há muitas outras que não pago!

– Mestre Pierre, é absolutamente necessário.

O arquidiácono falava de modo imperioso.

– Escute, dom Claude – disse o poeta, bastante consternado. – O senhor cisma com essa ideia e está enganado. Eu não vejo nenhum motivo que me faça ser enforcado no lugar de alguém.

– O que tanto o prende à vida?

– Ah! Mil razões!

– Quais, por favor?

– Quais? O ar do céu, a manhã, a noite, o clarão da lua, meus bons amigos vagabundos, nossos peitos aquecidos com uma libertina, estudar as belas arquiteturas de Paris, os três grandes livros que quero escrever, sendo um contra o bispo e seus moinhos, o que mais posso dizer? Anaxágoras dizia que veio ao mundo para admirar o sol. Pois bem, eu tenho a felicidade de passar todos os meus dias com alguém de talento, que sou eu, e isso é muito agradável.

– Mas que cabeça oca! – resmungou o arquidiácono. – Diga-me, então, quem preservou essa vida que lhe parece tão encantadora? A quem o senhor deve o fato de poder respirar esse ar, ver esse céu e, inclusive, agradar seu espírito de cotovia com tagarelice e loucura? Sem ela, onde estaria o senhor? O senhor quer que ela morra, logo ela, a quem o senhor deve sua vida? O senhor quer que morra essa criatura bela, doce, adorável, necessária à luz do mundo, mais divina do que Deus! Enquanto que o senhor, meio sábio, meio louco, esboço vão de

qualquer coisa, vegetal que acredita caminhar e que acredita pensar, continuará a viver com a vida que desejou, tão inútil quanto uma candeia em pleno meio-dia? Ora vamos, um pouco de piedade, Gringoire! É a sua vez de ser generoso, pois ela já o foi com o senhor.

O padre era veemente. Gringoire o ouvia, a princípio com um ar indeterminado, depois enternecido e acabou fazendo uma careta trágica, que fez sua pálida figura se parecer com a de um bebê com cólica.

– O senhor é patético – disse, enxugando uma lágrima. – Pois bem! Refletirei sobre isso. A ideia que o senhor teve é muito esdrúxula. Além do mais – prosseguiu após uma pausa –, quem sabe? Talvez não me enforcuem. Nem sempre casa quem se esposa. Quando me encontrarem nessa célula paramentado de forma tão grotesca, de saia e peruca, talvez morram de rir. E, depois, se me enforcarem, tudo bem! A corda é uma morte como qualquer outra, ou, melhor dizendo, não é uma morte como qualquer outra. É uma morte digna de um sábio que oscilou toda sua vida, uma morte que não é nem carne nem peixe, como o espírito do verdadeiro cético, uma morte marcada pelo pirronismo e pela hesitação, que tem seu lugar entre o céu e a terra, que nos deixa suspenso. É uma morte de um filósofo, e talvez seja esse o meu destino. É magnífico morrer como se viveu.

O padre o interrompeu:

– Está convencido?

– O que é a morte, afinal? – prosseguiu Gringoire com exaltação. – Um momento desagradável, um pedágio, a passagem de pouca coisa a nada. Certa vez, alguém perguntou a Cercidas, um megalopolitano, se ele morreria de bom grado. “Por que não?”, respondeu ele. “Depois de minha morte, verei os grandes homens, Pitágoras entre os filósofos, Hacateus entre os historiadores, Homero entre os poetas, Olímpio entre os músicos.”

O arquidiácono lhe ofereceu a mão.

– Então, está combinado? O senhor virá amanhã.

Esse gesto fez Gringoire voltar à realidade.

– Ah! Palavra de honra que não! – disse ele com o tom de um homem que desperta. – Ser enforcado! É muito absurdo. Não desejo isso.

– Adeus, então! – E o arquidiácono acrescentou entre seus dentes: – Eu o verei de novo!

“Eu não quero que esse diabo de homem me veja de novo”, pensou Gringoire. E correu para perto de dom Claude.

– Veja, monsenhor arqui-diácono, nada de ressentimentos entre velhos amigos! O senhor está interessado nessa jovem, minha mulher, e eu lhe digo que muito bem. O senhor imaginou um estratagema para fazê-la sair salva da Notre-Dame, mas seus meios são bem desagradáveis para mim, Gringoire. Se eu tiver um outro meio! Eu previno ao senhor que acaba de me vir neste momento uma inspiração muito luminosa. Se eu tiver uma boa ideia para tirá-la da enrascada sem comprometer meu pescoço, o que o senhor diria? Não seria o bastante? É absolutamente necessário que eu seja enforcado para o senhor ficar contente?

O padre arrancava com impaciência os botões de sua sotaina.

– Palavras, palavras! Quais são seus meios?

– Sim – retomou Gringoire, falando consigo mesmo e tocando seu nariz com seu indicador em sinal de meditação. – É isso! Os vagabundos são uma brava gente. A tribo do Egito a ama. Eles se levantarão à primeira palavra. Nada mais fácil. Um ataque surpresa. Faremos uma desordem e levaremos a cigana com facilidade. Amanhã à noite... Não me pedirão nada melhor.

– Quais são seus meios? Diga! – perguntou o padre sacudindo-o.

Gringoire voltou-se majestosamente em sua direção:

– Solte-me, então! O senhor não está vendo que ainda estou planejando? – E refletiu ainda por alguns instantes. Em seguida, dando uns tapinhas com as mãos na cabeça, gritou: – Admirável! Resgate seguro!

– Quais são seus meios? – retomou Claude com cólera.

Gringoire estava radiante.

– Venha, que direi ao senhor bem baixinho. É uma manobra bastante ousada e que nos livrará dos problemas. Por Deus! É forçoso reconhecer que eu não sou um imbecil. – Interrompeu: – Ah! A pequena cabra está com a jovem?

– Sim. Mas que diabo isso importa!

– É que eles a teriam pendurado também. Penduraram uma porca no mês passado. O carrasco adora isso. Ele come o animal depois. Enforcar minha bela Djali! Pobre pequena ovelha!

– Maldição! – exclamou dom Claude. – O carrasco é você. Quais são os meios de salvação que o senhor encontrou, seu maluco? Será necessário parir sua ideia a fórceps?

– Perfeita, mestre! Ei-la.

Gringoire se inclinou ao ouvido do arquiidiácono e lhe falou bem baixinho, lançando um olhar inquieto de um lado a outro da rua, pela qual, todavia, ninguém passava. Quando acabou, dom Claude tomou-lhe a mão e lhe disse friamente:

– É boa! Até amanhã.

– Até amanhã – repetiu Gringoire.

E, enquanto o arquiidiácono se afastava de um lado, ele ia do outro dizendo a si mesmo em voz baixa: – Eis um lance de risco, senhor Pierre Gringoire. Pouco importa! Que não se diga que, por ser pequeno, teve medo de uma grande iniciativa. Biton trouxe um grande touro sobre as costas; alvéolas, tutinegras e cartaxos atravessam o oceano.

II. FAÇA-SE VAGABUNDO

Quando voltava para seu claustro, o arquiidiácono encontrou, à porta de sua célula, seu irmão Jehan du Moulin, que o esperava; no tédio da espera, ele se distraía desenhando com um carvão na parede o perfil de seu irmão mais velho, enriquecido de um nariz desmesurado.

Dom Claude apenas olhou seu irmão. Tinha outros pensamentos. Essa alegre face de vagabundo, cujo brilho serenara tantas vezes a sombria fisionomia do padre, era agora impotente para dissipar a bruma que se tornava cada dia mais espessa sobre essa alma corrompida, mefítica e estagnante.

– Meu irmão – disse timidamente Jehan –, vim ver o senhor. O arquiidiácono nem sequer levantou os olhos para ele.

– E o que mais?

– Meu irmão – retomou o hipócrita –, o senhor é tão bom para mim e me dá tão bons conselhos que eu venho sempre vê-lo.

– E daí?

– Ai de mim! Meu irmão, bem que o senhor tem razão quando me diz: “Jehan! Jehan! *Cessat doctorum doctrina, discipulorum disciplina*.” Jehan, seja sábio, Jehan, seja douto, Jehan, não pernoite fora do do colégio sem ocasião legítima e licença do mestre. Não bata nos picardos, *noli, Joannes, verberare Picardos*. Não apodreça como um asno iletrado, *quase asinus illiteratus*, sobre as cadeiras da escola.

Jehan, deixe-se punir com discricção pelo mestre. Jehan, vá todas as noites à capela e cante uma antífona com versículo e oração à senhora gloriosa Virgem Maria.” Ai de mim! Eram excelentes avisos!

– E o que mais?

– Meu irmão, o senhor vê um culpado, um criminoso, um miserável, um libertino, um homem abominável! Meu querido irmão, Jehan fez de seus graciosos conselhos palha e estrume que calca com os pés. Fui muito castigado, e o bom Deus é muito justo. Tanto que já tive dinheiro, fiz comezaina, folia e vida alegre. Oh, a devassidão, tão encantadora de frente, tão feia e repugnante por trás! Agora, não tenho sequer uma prata, vendi todos os meus lençóis, minha camisa e minha toalha, jamais a vida alegre! A bela candeia se apagou e não tenho sequer uma mecha de sebo que esfume meu nariz. As jovens zombam de mim. Bebo apenas água. Sou atormentado por remorsos e credores.

– E daí? – disse o arquidiácono.

– Ai de mim! Queridíssimo irmão, desejaria muito levar uma vida melhor. Venho ao senhor, pleno de contrição. Sou um penitente. Eu me confesso. Quebro meu peito com fortes socos. O senhor tem razão de querer que eu me torne um dia licenciado e submonitor do colégio de Torchi. Veja que sinto em mim agora uma magnífica vocação para esse estado. Mas não tenho mais tinta, preciso comprá-la; não tenho mais plumas, preciso comprá-las; não tenho mais papéis, não tenho mais livros, preciso comprá-los. Tenho muita necessidade, portanto, de um pouco de finanças. E venho ao senhor, meu irmão, pleno de contrição.

– É tudo?

– Sim – disse o estudante. – Um pouco de dinheiro.

– Não tenho.

O estudante disse, então, com um ar grave e resolutivo:

– Pois bem, meu irmão, cansei de ter de dizer ao senhor que outros me fazem belas ofertas e proposições. O senhor não quer me dar dinheiro? Não? Nesse caso, vou me fazer vagabundo.

Pronunciando essa palavra monstruosa, tomou a aparência de um Ajax, esperando cair um raio sobre a cabeça.

O arquidiácono disse-lhe com frieza:

– Faça-se vagabundo.

– Jehan o saudou profundamente e desceu assobiando a escadaria do claustro.

No momento em que ele passava pelo pátio do claustro, sob a janela

da célula de seu irmão, ouviu esta janela se abrir, levantou o nariz e viu passar pela abertura a cabeça severa do arquidiácono.

– Que vá ao diabo! – disse dom Claude. – Eis o último dinheiro que terá de mim.

E lançou a Jehan uma bolsa, que lhe causou um grande galo na testa e com a qual seu irmão se foi, ao mesmo tempo zangado e contente, como um cão que tivesse sido apedrejado com ossos.

III. VIVA A ALEGRIA!

O leitor talvez não tenha esquecido que uma parte da Corte dos Milagres era cercada pela antiga muralha do cerco da cidade, cujo bom número de torres começava desde essa época a cair em ruína. Uma dessas torres se convertera em lugar de lazer para vagabundos. Havia uma taberna na sala do térreo; e o resto, nos andares superiores. Essa torre era o ponto mais vivo e, por consequência, o mais hediondo da vagabundagem. Era uma espécie de colmeia monstruosa em que se zumbia noite e dia. À noite, quando todo o excedente de indigência dormia, quando não havia mais nenhuma janela acesa sobre as fachadas térreas da praça, quando não se ouvia mais nenhum grito sair desses inúmeros moradores, desse formigueiro de ladrões, de jovens e crianças roubadas ou bastardas, reconhecia-se sempre a alegre torre pelo ruído que fazia, à luz escarlate que, brilhando ao mesmo tempo dos respiradouros, das janelas, das fissuras das paredes fendidas, escapava, por assim dizer, de todos os seus poros.

A adega era, então, a taberna. Descia-se a ela por uma porta baixa e por uma escadaria tão dura quanto um alexandrino clássico. Sobre a porta, havia, à guisa de insígnia, uma maravilhosa borradura, que representava nove solos e frangos mortos, com este trocadilho acima: “Aos sineiros dos finados.”

Certa noite, no momento em que o toque de recolher soava em todas as torres de Paris, os sargentos da ronda, se lhes fosse dado entrar na temível Corte dos Milagres, poderiam observar que se fazia, na taberna dos vagabundos, mais tumulto ainda do que de ordinário, que aí se bebia mais e que mais se praguejava. Do lado de fora, havia na praça muitos grupos que se entretinham em voz baixa, como quando é tramado um grande plano, e, aqui e ali, um estranho agachado que

afiava no pavimento uma lâmina de ferro bruto.

Todavia, na taberna, o vinho e o jogo eram uma diversão tão potente para as ideias com que a vagabundagem se ocupava nessa noite, que era difícil adivinhar seu conteúdo nas conversas dos bebedores. Tinham apenas o ar mais alegre do que de costume, e se via em todos reluzir alguma arma entre as pernas, uma foice, um machado, uma grande espada, a coronha de um velho arcabuz.

A sala era arredondada e bem ampla, mas as mesas eram tão espremidas e os bebedores tão numerosos que tudo o que a taberna continha, homens, mulheres, bancadas, jarros de cerveja, o que bebia, o que dormia, o que jogava, os de boa saúde, os mancos, parecia amontoado, uns sobre os outros, com a mesma ordem e harmonia de uma pilha de cascos de ostras. Havia alguns sebos acesos sobre as mesas; mas a verdadeira luminária da taberna, que desempenhava ali o papel de lustre numa sala de ópera, era a fogueira. Essa adega era tão úmida que jamais apagavam a lareira, mesmo em pleno verão; uma lareira imensa, de cobertura esculpida, todo erigida de pesadas grelhas de ferro e de aparelhos de cozinha, com uma dessas grossas fogueiras misturadas de madeira e turfas, que, à noite, nas ruas das aldeias, fazem sair tão vermelho nas paredes da frente o espectro das janelas de uma forja. Um cão imenso, pesadamente sentado na cinza, girava na brasa um espeto carregado de vianda.

Qualquer que fosse a confusão, logo no primeiro olhar, podia-se distinguir nessa multidão três grupos principais, que se espremiavam em torno de três personagens que o leitor já conhece. Um desses personagens, bizarramente paramentado de ouropéis orientais, era Mathias Hungadi Spicali, duque do Egito e da Boêmia. O bandido estava sentado sobre uma mesa, as pernas cruzadas, o dedo em riste no ar, e fazia em voz alta a distribuição de sua ciência em magia branca e negra às tantas faces boquiabertas que o rodeavam.

Um outro grupo se adensava em torno de nosso antigo amigo, o valente rei de esmolos, armado até os dentes. Clopin Trouillefou, com um ar muito sério e em voz baixa, regravava a pilhagem de uma enorme vasilha cheia de armas virada à sua frente, de onde surgiam, em grande quantidade, machados, espadas, armas de fogo, cotas de malha, ferros de lanças e de arcos, flechas e virotes, como maçãs e uvas da cornucópia da abundância. Cada um tomava ao acaso o morrião, o estoque, a adaga em punho de cruz. Até mesmo as crianças se

armavam, e até os aleijados, que, bardados e couraçados, passavam entre as pernas dos bebedores como grandes escaravelhos.

Enfim, um terceiro auditório, o mais barulhento, o mais jovial e o mais numeroso, cobria os bancos e as mesas, no meio das quais perorava e praguejava uma voz de flauta que escapava de sob uma pesada armadura completa, do capacete às esporas. O indivíduo que suportava uma panóplia sobre o corpo desaparecia de tal modo sob os hábitos de guerra que nada se via de sua pessoa, exceto um nariz ousado, vermelho, arrebitado, cachos de louros cabelos, boca rosa e olhos atrevidos. Trazia a cintura cheia de adagas e punhais, uma grande espada no flanco, uma besta enferrujada à sua esquerda e uma ampla jarra de vinho diante de si, sem contar uma gorda jovem, quase despida, à sua direita. Todas as bocas ao seu redor riam-lhe, praguejavam e bebiam.

Que se acrescentem vinte grupos secundários, as jovens e os rapazes de serviço às pressas, com jarras à cabeça, os jogadores acorados sobre as bolas, sobre os tabuleiros, sobre os dados, sobre as *vachettes*, sobre o apaixonante jogo do *tringlet*, querelas em um canto, beijos em outro. Assim se faz alguma ideia desse conjunto sobre o qual vacilava a claridade de uma grande fogueira flamejante, que fazia dançar mil sombras desmesuradas e grotescas sobre as paredes da taberna.

Quanto ao barulho, era o do interior de um campanário em dia de grande dobre.

A fornalha, onde fervilhava uma chuva de gordura, preenchia, com seu frigir contínuo, os intervalos desses mil diálogos que se cruzavam de uma ponta a outra da sala.

Havia em meio a essa balbúrdia, ao fundo da taberna, num banco próximo à lareira, um filósofo que meditava, os pés na cinza e o olhos na brasa. Era Pierre Gringoire.

– Vamos! Preparem-se, armem-se! Estaremos a caminho em uma hora!
– dizia Clopin Trouillefou aos seus bandidos.

Uma jovem cantarolava:

*Boa noite, papai e mamãe!
Quem ficar que apague o fogo.*

Dois jogadores de cartas discutiam:

– Valete! – gritava o mais avermelhado dos dois, mostrando o punho

ao outro. – Vou rachar sua cara de pau. Você poderia substituir o rei de paus no jogo de carta do monsenhor rei.

– Arre! – vociferava um normando, identificado pelo seu sotaque anasalado. – Estamos empilhados aqui como os santos de Caillouville!

– Filhos – disse à sua plateia o duque do Egito, falando em falsete –, as feiticeiras da França vão ao sabá sem vassoura, nem gordura, nem monturo, somente com algumas palavras mágicas. As feiticeiras da Itália têm sempre um bode esperando-as à sua porta. Todas se obrigam a sair pela chaminé.

A voz do esquisito jovem armado dos pés à cabeça dominava o burburinho.

– Aleluia! Aleluia! – gritava ele. – Minhas primeiras armas hoje! Vagabundo! Eu sou um vagabundo, ventre de Cristo! Deem-me de beber! Meus amigos, eu me chamo Jehan Frollo du Moulin e sou um fidalgo. Creio que, se Deus fosse polícia, teria se tornado rapina. Irmãos, faremos uma bela expedição. Somos corajosos. Sitiar a igreja, arrombar suas portas, tirar a bela jovem lá de dentro, salvá-la dos juízes, salvá-la dos padres, dismantelar os claustros, queimar o bispo no bispado, faremos isso mais rápido do que o necessário para um burgomestre sorver uma colherada de sopa. Nossa causa é justa, pilharemos Notre-Dame, e tudo será dito. Enforcaremos Quasímodo. Conhecem Quasímodo, senhoritas? Já o viram esbaforido sobre o bordão no dia de Pentecostes? Pelos chifres do Pai! É muito bonito! Pode-se dizer que é um diabo a cavalo sobre uma vampira. Escutem, meus amigos, sou vagabundo desde o fundo do coração, sou um bandido de alma, nasci mendigo. Já fui muito rico e devorei meus bens. Minha mãe queria me fazer oficial; meu pai, subdiácono; minha tia, conselheiro de inquérito. Eu me fiz vagabundo. Disse isso a meu pai, que me escarrou sua maldição na cara; à minha mãe, que se pôs, a velha senhora, a chorar e a soluçar como a brasa na grelha. Viva a alegria! Sou um verdadeiro desastrado! Taberneira, minha amiga, mais vinho! Tenho ainda como pagar. Não quero mais o vinho de Suresnes. Ele me amarga a garganta. Preferiria, com mil demônios, gargarejar um cesto.

Então, a multidão aplaudia com explosões de risos; e, vendo que o tumulto redobrava ao seu redor, o estudante exclamava:

– Oh! Belo barulho! *Populi debacchantis populosa debacchatio!* 5 –
Então, começou a cantar, o olhar afogado em êxtase, com o tom de um

cônego que entoava vésperas:

*Quae cantica! Quae organa! Quae cantilenae!
Quae melodiae hic sine fine decantur!
Sonant melliflua hymnorum organa,
suavissima angelorum melodia,
cantica canticorum mira...!*6

Interrompeu:

– Taberneira do diabo, dê-me comida.

Houve um momento de quase silêncio, durante o qual se elevou a voz aguda do duque do Egito, ensinando aos boêmios:

– A doninha se chama *aduline*; a raposa, *pied-bleu* ou *coureur-des-bois*; o lobo, *pied-gris* ou *pied-doré*; o urso, *vieux* ou *grand-père*. O boné de um gnomo torna invisível e faz ver coisas invisíveis. Todo sapo que se batiza deve ser vestido de veludo vermelho ou negro, uma sineta ao pescoço, uma sineta aos pés. O padrinho fica com a cabeça; a madrinha, com o traseiro. O demônio Sidragasum tem o poder de fazer com que as jovens dancem nuas.

– Pela missa! – interrompeu Jehan. – Eu gostaria de ser o demônio Sidragasum.

Enquanto isso, os vagabundos continuavam a se armar, cochichando entre si do outro lado da taberna.

– A pobre Esmeralda! – dizia um boêmio. – É nossa irmã. Precisamos arrancá-la de lá.

– Ela está, então, na Notre-Dame? – retomou um vendilhão com cara de judeu.

– Sim, por Deus!

– Pois bem! Camaradas – exclamava o vendilhão –, vamos à Notre-Dame! Ainda mais que há na capela dos santos Féréol e Ferrution duas estátuas, uma de são João Batista, e a outra de santo Antônio, todas de ouro, que pesam juntas dezessete marcos de ouro e quinze esterlinos, e as bases de prata dourada, dezessete marcos e cinco onças. Sei disso. Sou ourives.

Então, serviram comida a Jehan. Ele exclamou, pendurando-se no pescoço da jovem vizinha.

– Por Saint Voulte-de-Lucques, que o povo chama Saint Goguelu, estou muito feliz. Tenho à minha frente um imbecil que me olha com a

face glabra de um arquiduque. Eis outro à minha esquerda que tem os dentes tão longos que se escondem em sua barba. E me sinto como o marechal de Gié no sítio de Pontoise, tenho a minha direita apoiada sobre uma colina. Ventre de Maomé! Camarada! Você tem a cara de um mercador larápio e vem se sentar perto de mim! Sou nobre, amigo. Saia daqui! Ei! Senhores! Não se batam! Como Baptiste Croque-Oison, você que tem um tão belo nariz vai arriscá-lo contra os grossos punhos deste touro! Imbecil! *Non cuiquam datum est habere nasum.*⁷ Você é de fato divina, Jacqueline Ronge-Oreille! Uma pena que já não tenha mais cabelos. Olá! Eu me chamo Jehan Frollo, e meu irmão é arquidiácono. Que diabo vale isso! Tudo o que digo é verdade. Ao me fazer vagabundo, renunciei, com alegria no coração, a metade de minha casa, situada no paraíso, que meu irmão me prometeu. *Dimidiam domum in paradiso.* Eu cito o texto. Tenho um feudo na rua Tirechappe, e todas as mulheres são apaixonadas por mim, e isso é tão verdade quanto é verdade que Saint Eloy era um excelente ourives, e que os cinco ofícios da boa cidade de Paris são os de curtidor, surrador, correeiro, bolseiro e serrador, que o Saint Laurent foi queimado com cascas de ovos. Juro aos senhores, camaradas, que:

*Fico um ano sem beber
Se falso for meu dizer!*

– Minha encantadora, há luar. Olhe, então, lá longe pelo respiradouro, como o vento amarrota as nuvens! Eu faço do mesmo jeito com seu decote. As jovens! Assoem as crianças e as candeias. Cristo e Maomé! Quem é aquele que come lá, Júpiter? Eia! A cafetina! Os cabelos que já não vemos nas cabeças de suas prostitutas se encontram em suas omeletes. A velha! Eu gosto é de omeletes carecas. Que o diabo o carregue! Bela hotelaria do Belzebu, onde as prostitutas se penteiam com garfos!

Dito isto, quebrou seu prato no chão e começou a cantar como um louco:

*Eu já não sei,
Graças a Deus!
De fé, de lei,
Nada nos céus
Nem rei*

Então, Clopin Trouillefou acabou sua distribuição de armas. Aproximou-se de Gringoire, que parecia mergulhado em um profundo devaneio, os pés sobre a grelha.

– O amigo Pierre – disse o rei de esmolas – em que diabo está pensando?

Gringoire se voltou em sua direção com um sorriso melancólico:

– Adoro o fogo, meu querido senhor. Não pela razão trivial de que o fogo aquece nossos pés ou cozinha nossa sopa, mas porque tem centelhas. Por vezes, fico horas olhando as centelhas. Descubro mil coisas nessas estrelas que salpicam do fundo negro da lareira. Essas estrelas também são mundos.

– Raios se eu compreendo você! – disse o vagabundo. – Sabe que horas são?

– Não sei – respondeu Gringoire.

Clopin se aproximou então do duque do Egito.

– Camarada Mathias, um quarto de hora não é bom. Dizem que o rei Luís XI está em Paris.

– É mais uma razão para arrancar nossa irmã das grades – respondeu o velho boêmio.

– Você fala como um homem, Mathias – disse o rei de esmolas. – Ademais, faremos isso logo. Sem temer resistência na igreja. Os monges são lebres e nós somos fortes. Quando as pessoas do Parlamento forem buscá-la amanhã, ficarão surpresas! Pelas tripas do papa! Não quero que enforcuem a bela jovem!

Clopin saiu da taberna.

Durante esse tempo, Jehan exclamava com uma voz rouca:

– Eu bebo, eu como, estou bêbado, sou Júpiter! Ei! Pierre l'Assomeur, se você me olha assim dessa forma, vou sacudir seu nariz com petelecos.

Ao seu lado, Gringoire, tomado pelas suas meditações, observava a cena entusiasmada e barulhenta que o rodeava, murmurando entre dentes: “*Luxuriosa res vinum et tumultuosa ebrietas* .8 Que pena! Tenho razão em não beber, pois São Bento diz muito bem: ‘*Vinum apostatare facit etiam sapientes*.’9”

Nesse momento, Clopin voltou e gritou com voz de trovão:

– Meia-noite!

Com essa palavra, que causou o efeito de uma trombeta sobre o regimento em alerta, todos os vagabundos, homens, mulheres, crianças, precipitaram-se em multidão para fora da taberna com um grande ruído de armas e ferragens.

A lua estava coberta.

A Corte dos Milagres estava completamente escura. Não havia luz. Mas não estava deserta. Distinguia-se uma multidão de homens e de mulheres que falavam baixo entre si. Ouvia-se o seu zumbir, e se via reluzir todos os tipos de armas nas trevas. Clopin subiu sobre uma grande pedra.

– A seus lugares, Calão! – gritou ele. – A seus lugares, Egito! A seus lugares, Galileia!

Um movimento se fez na sombra. A imensa multidão parecia formar uma coluna. Depois de alguns minutos, o rei de esmolas elevou mais ainda a voz:

– Agora, silêncio para atravessar Paris! A senha é “pequena espada em protesto!” Acenderemos as tochas somente em Notre-Dame! Em marcha!

Dez minutos depois, os cavaleiros da ronda ficaram espantados ao verem uma silenciosa procissão de homens de negro descendo na direção do Pont-au-Change, através das ruas tortuosas que perpassam, em todos os sentidos, o denso bairro das Halles.

IV. UM AMIGO DESASTRADO

Nessa mesma noite, Quasímodo não dormia. Acabava de fazer sua última ronda na igreja. Não havia observado, no momento em que fechava suas portas, que o arqui-diácono passara bem perto dele e manifestara certo descontentamento vendo-o trancar e aferrolhar com cuidado a enorme armadura de ferro que dava aos seus largos batentes a solidez de uma muralha. Dom Claude tinha o ar ainda mais preocupado do que de costume. De resto, desde a aventura noturna da célula, maltratava sempre Quasímodo; entretanto, por mais que o tratasse com rudeza, mesmo que o espancasse por vezes, nada abalava a submissão, a paciência, a resignação devota do fiel sineiro. Da parte do arqui-diácono, sofria de tudo, injúrias, ameaças, golpes, sem murmurar uma censura, sem expressar um lamento. Quando muito,

seus olhos o seguiam com inquietude quando dom Claude subia a escadaria da torre; o arquiidiácono, porém, não reapareceu mais aos olhos da cigana.

Nessa noite, então, Quasímodo, após ter lançado os olhos a seus pobres sinos renegados, Jacqueline, Marie, Thibauld, subira até o cume da torre setentrional e, pendurando no teto sua lanterna furta-fogo bem fechada, pusera-se a olhar Paris. A noite, nós já dissemos, era muito escura. Paris, que, por assim dizer, não era tão iluminada nessa época, apresentava aos olhos um amontoado confuso de massas negras, cortadas aqui e ali pela curva pálida do Sena. Quasímodo só via outra luz, numa janela de um prédio distante, cujo vago e sombrio perfil se desenhava bem acima dos telhados, do lado da porta Saint-Antoine. Lá também havia uma pessoa velando.

Deixando flutuar seu único olho nesse horizonte de bruma e noite, o sineiro sentia uma inexprimível inquietude. Ele estava em alerta havia vários dias. Observava homens de aparência sinistra rondando em torno da igreja, com os olhos grudados no asilo da jovem. Julgava que talvez estivesse sendo tramado algum complô contra a infeliz refugiada. Imaginava haver um ódio popular contra ela como havia contra ele, e que algo poderia acontecer em breve. Mantinha-se, então, sobre seu campanário, “sonhando em seu sonhadouro”, como disse Rabelais, o olho alternando sobre a célula e sobre Paris, fazendo segura guarda, como um bom cão, com mil desconfianças no espírito.

De repente, enquanto espreitava a grande cidade com este olho que a natureza, como uma forma de compensação, fizera tão penetrante que poderia suprir os outros órgãos que faltavam a Quasímodo, pareceu-lhe que a silhueta do cais da Vieille-Pelleterie tinha algo diferente, que havia um movimento sobre esse ponto, que a linha do parapeito destacado em negro sobre a brancura da água não era reta e tranquila, de forma semelhante àquela dos outros cais, mas que ondulava ao olhar como as vagas de um rio ou como cabeças de uma multidão em marcha.

Tudo lhe pareceu estranho. Redobrou sua atenção. O movimento parecia vir da Cité. Alguma luz alhures. Permaneceu por um tempo sobre o cais e, em seguida, estendeu-se pouco a pouco, como se entrasse no interior da ilha; depois, cessou, e a linha do cais se tornava de novo reta e imóvel.

No momento em que Quasímodo se esgotava em conjecturas,

pareceu-lhe que o movimento ressurgia na rua do Parvis e se prolongava na Cité perpendicularmente à fachada da Notre-Dame. Enfim, por mais espessa que fosse a escuridão, viu uma cabeça de coluna desembocar por essa rua e, num instante, expandir-se na praça uma multidão de que nada se podia distinguir nas trevas, senão que era uma multidão.

Esse espetáculo tinha seu terror. É provável que essa procissão singular, que parecia tão interessada em se encobrir sob uma profunda escuridão, não guardasse um silêncio menos profundo. No entanto, um ruído qualquer devia escapar dela, mesmo que fosse de pés se arrastando. Esse ruído, porém, não chegava ao nosso surdo, e essa multidão, da qual ele via pouca coisa e nada ouvia, agitando-se e caminhando tão perto dele, fazia-lhe o efeito de uma malta de mortos, muda, impalpável, perdida na névoa. Parecia-lhe ver avançar em sua direção um nevoeiro cheio de homens, parecia-lhe ver um remexer de sombras na sombra.

Então, seus temores voltaram, a ideia de uma tentativa contra a cigana se figurou em seu espírito. Ele sentiu, confusamente, que se aproximava uma situação violenta. Nesse momento crítico, aconselhou-se a si mesmo com um raciocínio melhor e mais formado do que o que se espera de um cérebro tão mal organizado. Devia despertar a cigana? Fazê-la fugir? Para onde? As ruas estavam tomadas; e a igreja, encurralada no rio. Nenhum barco! Nenhum recurso! Só havia uma saída, morrer na soleira da Notre-Dame, resistir ao menos até que viessem em seu socorro, se viessem, e não perturbar o sono de La Esmeralda. A infeliz seria acordada cedo demais para morrer. Uma vez tomada essa resolução, pôs-se a examinar o *inimigo* com mais tranquilidade.

A multidão parecia engrossar a cada instante no Parvis. Presumiu que ela não devia fazer muito ruído, pois as janelas das ruas e da praça permaneciam fechadas. De súbito, uma luz brilhou, sete ou oito tochas acesas eram levadas sobre as cabeças, escoando na sombra seus feixes de chama. Quasímodo viu então claramente arrebanhar-se no Parvis um temível amontoado de homens e de mulheres esfarrapados, armados de foices, lanças, podões e partasanas, cujas mil pontas cintilavam. Aqui e ali, forcados negros pareciam chifres com faces hediondas. Ele recordou vagamente essa população e acreditou reconhecer todas as cabeças que, havia alguns meses, saudaram-no como o papa dos loucos. Um homem

que trazia um archote numa mão e uma alabarda na outra subiu em um marco e parecia arengar. Ao mesmo tempo, o estranho armado fez algumas evoluções como se distribuisse os postos ao redor da igreja. Quasímodo recolheu sua lanterna e desceu até a plataforma entre as torres para ver mais de perto e preparar os meios de defesa.

Clopin Trouillefou havia, de fato, alinhado sua tropa de batalha diante do portal da Notre-Dame. Por mais que não esperasse resistência alguma, desejava, como era em geral prudente, conservar certa ordem que lhe permitisse fazer frente às dificuldades de um ataque súbito da ronda ou dos 220 arqueiros. Escalonara, então, sua brigada de tal modo que, vista de cima e de longe, parecia um triângulo romano da batalha de Ecnome, a cabeça de porco de Alexandre, ou a famosa cunha de Gustavo Adolfo. A base desse triângulo se apoiava no fundo da praça, de maneira a barrar a rua do Parvis. Um dos lados olhava o Hôtel-Dieu; o outro, a rua Saint-Pierre-aux-Bœufs. Clopin Trouillefou estava em seu cimo, com o duque do Egito, nosso amigo Jehan e os mais ousados espumadores.

Nas cidades da Idade Média, não era tão raro uma empresa como essa com que os vagabundos ameaçavam, nesse momento, Notre-Dame. O que chamamos hoje *polícia* não existia. Nas cidades populosas, sobretudo nas capitais, não havia nenhum poder central, uno, regulador. A feudalidade construíra grandes comunas de um modo bizarro. Uma cidade era um conjunto de mil senhorios que se dividiam em compartimentos de todos os tipos e grandezas. Daí, mil polícias contraditórias, ou seja, nenhuma polícia. Em Paris, por exemplo, independentemente dos 141 senhorios com direito de justiça, havia 25 senhorios com direito de justiça e imposto, desde o bispo de Paris, que tinha 105 ruas, até o abade de Notre-Dame de Champs, que tinha quatro. Todos esses justiceiros feudais reconheciam apenas nominalmente a autoridade suserana do rei. Todos tinham direito de jurisdição. Todos estavam em casa. Luís XI, esse infatigável operário que começou com denodo a demolição do edifício feudal, continuada por Richelieu e Luís XIV em proveito da realeza, e terminada por Mirabeau em proveito do povo, Luís XI bem que tentou enterrar essa rede de senhorios que recobria Paris, lançando em contrário duas ou três ordenanças de polícia geral. Assim, em 1465, ordenou que os habitantes acendessem à noite as candeias de suas esquinas e trancassem seus cães, sob pena de forca; no mesmo ano, ordenou que

as ruas fossem fechadas à noite com correntes de ferro, e proibiu o porte de adagas ou armas ofensivas nas ruas. Em pouco tempo, no entanto, todas essas tentativas de legislação comunal caíram em dessuetude. Os burgueses deixaram o vento apagar as candeias em suas janelas e seus cães fugir; as correntes de ferro se esticavam apenas em estados de sítio; a proibição de portar adagas só modificou o nome da rua Coupe-Gueule para Coupe-Gorge¹⁰, o que foi um progresso evidente. A velha construção de jurisdições feudais permaneceu de pé; imenso acúmulo de bailios e senhorios cruzando-se sobre a cidade, embaraçando-se, emaranhando-se, enredando-se ao contrário, enchanfrando-se uns sobre os outros; inútil entalhe de rondas, sub-rondas e contrarrondas, através do qual passavam de mãos armadas o latrocínio, a rapina e a sedição. Não era, então, nessa desordem, um acontecimento inaudito esses levantes de uma parte da população contra um palácio, contra um hotel, contra uma casa nos bairros mais populosos. Na maior parte dos casos, os vizinhos não se misturavam aos fatos, exceto se a pilhagem chegasse até suas casas. Tapavam os ouvidos ao troar das mosquetadas, fechavam as janelas, barricavam suas portas, deixavam o combate se esgotar com ou sem a ronda e, no dia seguinte, dizia-se em Paris: “Esta noite, Étienne Barbette foi violada”, “O marechal de Clermont foi preso”, etc. Assim, não somente as habitações reais, o Louvre, o palácio, a Bastilha, as Tournelles, mas também as residências senhoriais, o Petit-Bourbon, o Hôtel de Sens, o Hôtel d'Angoulême, etc. tinham suas ameias nos muros e suas seteiras acima das portas. As igrejas zelavam por sua santidade. Algumas, no entanto, entre as quais não estava Notre-Dame, eram fortificadas. O abade de Saint-Germain-des-Prés era cercado de muralhas como um barão e havia com ele ainda mais cobre dispensado em bombardas do que em sinos. Em 1610, via-se ainda sua fortaleza. Hoje resta apenas sua igreja.

Voltemos à Notre-Dame.

Quando as primeiras disposições estavam terminadas, e devemos dizer, foi em honra da disciplina vagabunda que as ordens de Clopin foram executadas em silêncio e com uma admirável precisão, o digno chefe do bando subiu ao parapeito do Parvis e elevou sua voz rouca e carregada, dirigindo-se à Notre-Dame e agitando sua tocha, cuja luz, atormentada pelo vento e coberta pela própria fumaça, fazia aparecer e desaparecer aos olhos a avermelhada fachada da igreja.

– Louis de Beaumont, bispo de Paris, conselheiro na corte do

Parlamento, eu, Clopin Trouillefou, rei de esmolos, grão-mestre, príncipe do calão, bispo dos loucos, eu lhe digo: nossa irmã, falsamente condenada por magia, está refugiada em sua igreja; você lhe deve asilo e salvaguarda; ora, a corte do Parlamento deseja resgatá-la e você consente; tanto que seria enforcada amanhã na Grève se Deus e os vagabundos não estivessem aqui. Nós viemos então a você, bispo. Se sua igreja é sagrada, nossa irmã também é; se nossa irmã não é sagrada, sua igreja não é mais. É por isso que intimamos você a nos entregar a jovem ou pilharemos a igreja. O que será muito benfeito. Em fé do que, planto aqui minha bandeira, e Deus seja em sua guarda, bispo de Paris!

Quasímodo, infelizmente, não pôde ouvir essas palavras pronunciadas com uma espécie de majestade sombria e selvagem. Um vagabundo apresentou sua bandeira a Clopin, que a plantou solenemente entre dois pavimentos. Era um forcado de cujos dentes pendia, sangrando, um quarto de carne podre.

Feito isso, o rei de esmolos se voltou e levou seus olhos sobre sua armada, esfarrapada multidão cujos olhares brilhavam quase tanto quanto as lanças. Após uma pequena pausa:

– Avante, jovens! – gritou. – À obra, revoltados!

Trinta homens robustos, troncudos, com feições de serralheiros, saíram de seus lugares com marretas, alavancas e barras de ferro sobre as costas. Dirigiram-se à porta principal da igreja, subiram os degraus e se agacharam sob a ogiva, operando a porta com suas alavancas e ferramentas. Uma multidão de vagabundos os seguiu para ajudá-los ou olhá-los. E cobriu os onze degraus do portal.

Todavia, a porta resistia.

– Diabo! Ela é dura e teimosa! – disse um.

– Ela está velha e tem as cartilagens ressecadas – disse um outro.

– Coragem, camarada! – retomou Clopin. – Aposto minha cabeça contra chinelos que os senhores vão abrir a porta, apanhar a jovem e despir o altar-mor antes mesmo que o sacristão tenha acordado. Vejam! O cadeado se abriu.

Clopin foi interrompido por um temível estrondo que troou neste momento atrás de si. Voltou-se. Uma enorme viga acabara de cair do céu, havia esmagado uma dúzia de vagabundos sobre a escada da igreja e resvalava pelo chão com o barulho de uma peça de canhão, quebrando algumas pernas no meio da multidão de maltrapilhos, que se afastava com gritos de terror. Num piscar de olhos, o recinto

reservado do Parvis se esvaziou. Os revoltados, ainda que protegidos pelos profundos arcos do portal, abandonaram a porta, e o próprio Clopin se dobrou a uma distância respeitosa da igreja.

– Escapei dessa! – exclamou Jehan. – Pressenti pelo vento, com os diabos! Mas Pierre l'Assommeur foi amassado!

É impossível dizer qual o espanto misturado ao medo que caiu, com essa viga, sobre os bandidos. Eles permaneceram alguns minutos com os olhos fixos no ar, mais consternados com esse pedaço de madeira do que com vinte mil arqueiros do rei.

– Satã! – resmungou o duque do Egito –, isso foi um passe de mágica!

– É a lua que nos lança essa lenha – disse Andry le Rouge.

– É por isso que se diz que a lua é amiga da Virgem! – retomou François Chanteprune.

– Por mil papas! – exclamou Clopin. – São todos uns imbecis! – Mas ele não sabia como explicar a queda do madeiro.

Todavia, não se distinguia nada sobre a fachada, cujo cume a claridade dos archotes não alcançava. O pesado madeiro jazia no meio do Parvis, e se ouviam os gemidos dos miseráveis que haviam recebido o primeiro choque e que tiveram o ventre cortado em dois sobre os degraus de pedra.

O rei de esmolas, passado o primeiro espanto, encontrou, enfim, uma explicação que pareceu plausível aos seus companheiros.

– Pela goela de Deus! Será que os monges se defendem? Então, ao saque! Ao saque!

– Ao saque! – repetiu a malta com um grito furioso. E se fez uma descarga de bestas e arcabuzes contra a fachada da igreja.

Com essa detonação, os pacíficos habitantes das casas circunvizinhas acordaram, várias janelas se abriram, e toucas de dormir e mãos trazendo candeias apareceram nas vidraças.

– Atirem nas janelas! – gritou Clopin.

Na mesma hora, as janelas voltaram a se fechar, e os pobres burgueses, que apenas puderam lançar um olhar assustado sobre essa cena de clarões e tumultos, voltaram, suando de medo, para perto de suas mulheres, perguntando a si mesmos se um sabá se realizava no Parvis Notre-Dame, ou se era um assalto dos bourguignons, como em 1464. Então, os maridos temeram o roubo; as mulheres, a violação; e todos tremiam.

– Ao saque! – repetia o bando do calão. Mas não ousavam se

aproximar. O madeiro não se mexia. O prédio conservava seu ar calmo e deserto, mas algo fazia os vagabundos tremerem.

– Mãos à obra, revoltados! – gritou Trouillefou. – Vamos forçar a porta.

Ninguém deu um passo.

– Barbas e ventre! – disse Clopin –, eis aqui homens com medo de uma viga.

Um velho revoltado lhe dirigiu a palavra.

– Capitão, não é a viga que nos incomoda, é a porta que é toda revestida de barras de ferro. As alavancas nada podem contra ela.

– O que é preciso, então, para arrombá-la? – perguntou Clopin.

– Ah! Falta um aríete.

O rei de esmolos correu bravamente ao formidável madeiro e pôs um de seus pés em cima.

– Aqui tem um – gritou ele. – Foram os monges que nos mandaram.

– E, fazendo uma saudação irônica na direção da igreja:

– Obrigado, monges!

Essa bravata causou efeito, o encanto do madeiro foi quebrado. Os vagabundos retomaram a coragem; logo, a pesada viga, levantada como uma pluma por duzentos braços vigorosos, foi lançada com fúria contra a grande porta que já se tentara arrombar. À meia-luz que os raros archotes dos vagabundos expandiam sobre a praça, esse longo madeiro sendo levado e precipitado contra a igreja por essa multidão de homens correndo, parecia o ataque de uma monstruosa besta de mil pés, com a cabeça baixa, a um gigante de pedra.

Com o choque da viga, a porta, metade metálica, ressoou como um imenso tambor. Não se abriu, mas a catedral inteira estremeceu e se ouviu ranger as profundas cavidades do edifício. No mesmo instante, uma chuva de grossas pedras começou a cair do alto da fachada sobre os saqueadores.

– Diabo! – gritou Jehan –, será que as torres descem suas balaustradas sobre nossas cabeças?

Mas o ânimo se mantinha, o rei de esmolos servia de exemplo, decerto o bispo se defendia, e se revidou a porta com mais raiva, malgrado as pedras que faziam estourar os crânios à direita e à esquerda.

Era incrível, caía uma de cada vez; mas vinham em sequência. Os súditos do reino do calão sentiam sempre duas de cada vez, uma em

suas pernas, outra em sua cabeça. Poucos não sofriam golpes, e já uma larga conta de mortos e feridos sangrava e palpitava sob os pés dos saqueadores, que, agora furiosos, renovavam-se sem cessar. A longa viga continuava a ser batida na porta, em intervalos regulares como o badalo de um sino, pedras choviam, a porta rangia.

Não resta dúvida para o leitor de que essa resistência inesperada que exasperava os vagabundos vinha de Quasímodo.

O acaso, por desgraça, havia servido ao bravo surdo.

Quando descera até a plataforma entre as duas torres, as ideias estavam confusas em sua cabeça. Correu por alguns minutos ao longo da galeria, indo e vindo, como um louco, vendo do alto a massa compacta de vagabundos prestes a cair sobre a igreja, pedindo ao diabo ou a Deus que salvasse a cigana. Pensou em subir a torre meridional e soar o sino; mas, antes que pudesse pôr o sino em movimento, antes que a grossa voz de Marie pudesse lançar um simples clamor, haveria tempo para que a porta da igreja fosse forçada dez vezes? Era o exato instante em que os revoltados avançavam na direção dela com suas serras. O que fazer?

De repente, lembrou que pedreiros haviam trabalhado o dia inteiro no reparo da parede, do madeiramento e do vigamento da torre meridional. Foi como um raio de luz. O muro era de pedra; o vigamento, de chumbo; o madeiramento, de madeira. Esse madeiramento era tão prodigioso e exuberante que era chamado de *floresta*.

Quasímodo correu a essa torre. As câmaras inferiores estavam, de fato, cheias de material. Havia pilhas de pedras, folhas de chumbo em rolos, feixes de tábuas, fortes vigas já entalhadas pela serra, montes de cascalho. Um arsenal completo.

A horaurgia. As alavancas e as marretas trabalhavam lá embaixo. Com uma força que se decuplicava com o sentimento de perigo, Quasímodo levantou uma dessas vigas, a mais pesada, a mais longa, e a fez sair pelo postigo, recuperando-a fora da torre; em seguida, deslizou-a pelo ângulo da balaustrada que rodeia a plataforma e a deixou sobre o abismo. Durante sua queda de 160 pés, o enorme madeiro caiu raspando a muralha, quebrando esculturas e girando várias vezes sobre si mesma como uma asa de moinho que se deixa ir sozinha pelo espaço. Enfim, tocou o solo. Um horrível grito se elevou, e a negra viga rebateu no chão como se fosse uma serpente saltando.

Quasímodo viu os vagabundos se espalharem com a queda do madeiro, como cinzas sopradas por uma criança. Aproveitou o espanto geral e, enquanto eles fixavam o olhar supersticioso sobre a maçã caída do céu e cegavam os santos de pedra do portal com uma descarga de bestas e arcabuzes, empilhou silenciosamente cascalhos, pedras e até mesmo sacos de ferramentas dos pedreiros sobre a borda dessa balaustrada de onde a viga fora lançada.

Logo que eles atacaram a grande porta, a geada de pedras começou a cair, parecia que a igreja se demolia por vontade própria sobre suas cabeças.

Quem pudesse ver Quasímodo nesse momento teria medo. Além dos projéteis que havia empilhado sobre a balaustrada, ele amontoara uma pilha de pedras sobre a própria plataforma. Assim que as pedras sobre a borda exterior foram lançadas, tomou a pilha. Então, ele se abaixava, levantava-se, abaixava-se e se levantava de novo com uma atividade inacreditável. Sua grande cabeça de gnomo se inclinava acima da balaustrada, em seguida, uma pedra enorme caía, depois outra, e outra. De tempos em tempos, seguia uma bela pedra com o olhar e, quando ela matava alguém, murmurava: “Hum!”

Todavia, os maltrapilhos não se desencorajavam. Já mais de vinte vezes a espessa porta contra a qual eles atacavam estremecera sob o peso de seu aríete de madeira multiplicado pela força de cem homens. Os painéis quebravam, as esculturas voavam em estilhaços, os gonzos, a cada choque, saltavam em sobressalto sobre seus aros, as tábuas se soltavam, a madeira caía em pó, esmigalhada entre as nervuras do ferro. Felizmente para Quasímodo havia mais ferro do que madeira.

Ele sentia, no entanto, que a grande porta cedia. Por mais que não ouvisse, cada golpe do aríete repercutia ao mesmo tempo nas cavernas da igreja e em suas entranhas. Via do alto os vagabundos, cheios de triunfo e raiva, mostrarem o punho à tenebrosa fachada, e invejava, pela cigana e por si, as asas das corujas que fugiam acima de sua cabeça em revoadas.

Sua chuva de pedras não bastava para repelir os saqueadores.

Nesse momento de angústia, observou, um pouco abaixo da balaustrada de onde ele esmigalhava a horda do calão, duas longas goteiras de pedra que se derramavam logo acima da grande porta. O lado interno do orifício por onde saíam essas goteiras dava para a plataforma. Uma ideia lhe veio. Correu para buscar um feixe de lenha

em seu recanto de sineiro, pôs sobre essa lenha tábuas e grandes rolos de chumbo, munições que ele ainda não usara, e, após dispor essa pira diante dos buracos das duas goteiras, ateou fogo com sua lanterna.

Durante esse tempo, as pedras não caíam mais, os vagabundos haviam cessado de olhar o céu. Os bandidos, famintos como uma matilha que encurrala o javali em seu covil, apressavam-se em tumulto ao redor da grande porta, toda deformada pelo aríete, mas de pé ainda. Esperavam com fervor o grande golpe, o golpe que a desventraria. Quando ela se abrisse, quem estivesse mais perto se lançaria primeiro nessa opulenta catedral, ao vasto reservatório onde se acumularam riquezas de três séculos. Recordavam uns aos outros, com um rugir de alegria e apetite, as belas cruzes de prata, as belas capas de brocado, os belos tecidos de damasco, a grande magnificência do coro, as festas deslumbrantes, os Natais cintilantes de círios, as Páscoas ofuscantes de sol, todas essas solenidades esplêndidas em que cofres, candelabros, cibórios, tabernáculos, relicários, marchetavam os altares de crostas de ouro e diamante. Com certeza, bem nesse momento, mendigos e falsos doentes, bandidos e estropiados lembravam-se mais da pilhagem de Notre-Dame do que do resgate da cigana. Acreditaríamos de bom grado que, para muitos deles, La Esmeralda era apenas um pretexto, como se ladrões precisassem de pretextos.

De súbito, no momento em que eles se agrupavam para um derradeiro esforço ao redor do aríete, cada um retendo seu fôlego e enrijecendo seus músculos a fim de dar toda sua força ao golpe decisivo, um rugir, mais temível ainda do que aquele que havia estourado e expirado sob o madeiro, elevou-se no meio deles. Os que não gritavam, os que ainda viviam, olhavam. Dois jatos de chumbo fundido caíram do alto do edifício na parte mais espessa da multidão. Esse mar de homens acabava de se desfazer sob o metal fervente, que fizera nos dois pontos em que caíra dois buracos negros e fumegantes, como a água quente faz na neve. Os moribundos se remexiam, metade estava calcinada e gemia de dor. Ao redor desses dois jatos principais, gotas dessa chuva terrível se espalhavam sobre os saqueadores e entravam em seus crânios como verrumas em chamas. Era um fogo pesado que crivava esses miseráveis como mil granizos.

O clamor foi assustador. Eles fugiram em confusão, lançando o madeiro sobre os cadáveres, tantos os mais corajosos quanto os mais

tímidos, e o Parvis ficou de novo vazio.

Todos os olhos se levantaram na direção do alto da igreja. O que eles viam era extraordinário. Sobre o cume da galeria mais elevada, mais alta do que a rosácea central, uma grande chama subia entre os dois campanários com turbilhões de centelhas, uma grande chama desordenada e furiosa de que o vento por vezes levava um naco na fumaça. Sob essa chama, sob a sombria balaustrada com trevos em brasa, duas goteiras de uma garganta de monstro vomitavam sem cessar essa chuva ardente, que destacava seu fluxo prateado sobre as trevas da fachada inferior. À medida que se aproximavam do solo, os dois jatos de chumbo líquido abriam-se em feixes como a água que jorra de mil buracos de um regador. Acima das chamas, as enormes torres, de cada uma das quais se viam duas faces cruas e cortadas, uma toda negra, a outra toda vermelha, pareciam ainda maiores do que toda a imensidão de sombra que elas projetavam até o céu. Suas inúmeras esculturas de diabos e dragões tomavam um aspecto lúgubre. A claridade inquieta da chama fazia as esculturas se moverem à vista. Parecia que monstros riam, gárgulas urravam, salamandras sopravam no fogo, tarascas espirravam na fumaça. E entre esses monstros assim despertados de seu sono de pedra por essa chama, por esse barulho, havia um que caminhava e que passava de tempos em tempos sobre o frontal ardente da fogueira, como um morcego diante da candeia.

Sem dúvida, esse farol estranho despertaria de longe o lenhador das colinas de Bicêtre, espantado de ver cambalear sobre o bosque a sombra gigantesca das torres de Notre-Dame.

Fez-se um silêncio de terror entre os vagabundos, durante o qual se ouviram apenas os gritos de alarme dos monges encerrados em seus claustros e mais inquietos do que cavalos numa estrebaria em chamas, o ruído furtivo das janelas rapidamente abertas, e fechadas com mais rapidez ainda, o alarido interior das casas e do Hôtel-Dieu, o vento na chama, o derradeiro gemido dos moribundos e o crepitar contínuo da chuva de chumbo no chão.

No entanto, os principais vagabundos retiraram-se para debaixo do pórtico da residência dos Gondelauriers e se reuniram em conselho. O duque do Egito, sentado sobre um marco, contemplava com temor religioso a lenha fantasmagórica resplandecente a duzentos pés no ar. Clopin Trouillefou mordida de raiva seus largos punhos.

– É impossível entrar! – murmurou ele entre dentes.

– Uma velha igreja encantada! – resmungou o velho boêmio Mathias Hungadi Spicali.

– Pelos bigodes do papa! – retomou um soldado desertado. – Vejam, as goteiras da igreja cospem melhor o chumbo fundido do que as máquinas de Lectoure.

– Estão vendo aquele demônio que passa e repassa diante da fogueira? – exclamou o duque do Egito.

– Por Deus – disse Clopin –, é o desgraçado do sineiro, é Quasímodo.

O boêmio meneou a cabeça.

– Para mim, é o espírito de Sabnac, o grande marquês, o demônio das fortificações. Tem a forma de um soldado armado e cabeça de leão. Certas vezes, monta num cavalo hediondo. Transforma os homens em pedra, com as quais ele constrói torres. Comanda cinquenta legiões. É ele com certeza. Eu o reconheço. Por vezes, está vestido com uma bela roupa de ouro, figurado ao modo dos turcos.

– Onde está Bellevigne de l'Étoile? – perguntou Clopin.

– Está morto – respondeu uma vagabunda.

Andry le Rouge ria um riso idiota:

– Notre-Dame dá trabalho ao Hôtel-Dieu – disse ele.

– Não há meio de violar essa porta? – perguntou o rei de esmolas, batendo o pé.

O duque do Egito lhe mostrou tristemente os dois rios de chumbo fervente que não paravam de riscar a negra fachada, como duas longas colunas de fósforos.

– Já foram vistas igrejas que defendiam a si mesmas dessa forma – observou ele, suspirando. – Há quarenta anos, em Constantinopla, Santa Sofia lançou três vezes à terra o crescente de Maomé, sacudindo seus domos, que são suas cabeças. Seu construtor, Guillaume de Paris era um mágico.

– Só nos resta, então, ir embora piedosamente como os lacaios da estrada? – disse Clopin. – Deixar lá nossa irmã, que esses lobos encapuzados enforcarão amanhã!

– E a sacristia, onde há ouro em quantidade! – acrescentou um vagabundo, cujo nome lamentamos não saber.

– Pelas barbas do profeta! – gritou Trouillefou.

– Vamos tentar mais uma vez – retomou o vagabundo.

Mathias Hungadi balançou a cabeça.

– Nós não entraremos pela porta. Precisamos encontrar algum defeito na armadura da velha fada. Um buraco, uma falsa portinhola, uma juntura qualquer.

– Quem está comigo? – perguntou Clopin. – Vou voltar a ela. A propósito, onde está o pequeno estudante, que estava tão carregado de ferros?

– Com certeza está morto – respondeu alguém. – Não se ouve mais seu riso.

O rei de esmolas franziu a sobancelha.

– Tanto pior. Havia um bravo coração sob aquelas ferragens. E mestre Pierre Gringoire?

– Capitão Clopin – disse Andry le Rouge –, ele fugiu quando ainda estávamos no Pont-aux-Changeurs.

Clopin bateu o pé.

– Meu Deus! Ele nos leva a entrar nessa e nos abandona no meio do caminho! Covarde falastrão, cabeça de vento!

– Capitão Clopin – gritou Andry le Rouge, que olhava na rua do Parvis –, veja lá o pequeno estudante.

– Louvado seja Plutão! – disse Clopin. – Mas que diabo ele traz?

Era, de fato, Jehan, e vinha correndo tão rápido quanto lhe permitiam seus pesados hábitos de paladino e uma longa escada que arrastava bravamente sobre o chão, mais esbaforido do que uma formiga que puxa um talo de erva vinte vezes maior do que ela.

– Vitória! *Te Deum!* – gritou o estudante. – Eis a escada dos descarregadores do porto Saint-Landry.

Clopin se aproximou dele.

– Menino! Por Deus, o que deseja fazer com essa escada?

– Eu a apanhei – respondeu ofegante. – Eu sabia onde ela estava. Debaixo do galpão da casa do tenente. Conheço lá uma moça que me acha belo como o Cupido. Servi-me disso para pegar a escada. Páscoa de Maomé! A pobre jovem acabou de me abrir toda a camisa.

– Sim – perguntou Clopin –, o que deseja fazer com essa escada?

Jehan o olhou com um ar malicioso e capaz, e estalou seus dedos como castanholas. Estava sublime nesse momento. Havia em sua cabeça um desses elmos do século XV, que assustavam o inimigo com suas cimeiras quiméricas. O seu estava eriçado com dois bicos de ferro, de modo que Jehan podia concorrer ao temível epíteto de δεχέμβολος¹¹ com o navio homérico de Nestor.

– O que desejo com ela, augusto rei de esmolas? Vê o senhor lá acima dos três portais aquele arranjo de estátuas que têm aparência de imbecis?

– Sim. E daí?

– É a galeria dos reis da França!

– E o que tem demais? – perguntou Clopin.

– Espere, então? No fim dessa galeria, há uma porta fechada apenas por uma tranca. Eu subo por essa escada e estou na igreja.

– Menino, deixe-me subir primeiro.

– Não, camarada, a escada é minha. Venha comigo e será o segundo.

– Que Belzebu o estrangule! – disse o carrancudo Clopin. – Não quero seguir ninguém.

– Então, Clopin, procure uma escada!

Jehan correu para a praça, arrastando sua escada e gritando:

– Comigo, jovens!

Num instante, a escada foi erguida e apoiada na balaustrada da galeria inferior, abaixo de um dos portais laterais. A multidão de vagabundos, gritando grandes aclamações, apertava-se embaixo para subir. Mas Jehan manteve seu direito e pousou primeiro o pé sobre os degraus. O trajeto era longo em demasia. A galeria dos reis da França fica cerca de onze pés acima do pavimento. Os onze degraus do patamar a elevavam ainda mais. Jehan subiu lentamente, muito estorvado pela sua pesada armadura, uma mão agarrava a escada e a outra, sua besta. Quando estava no meio da escada, lançou um olhar melancólico para os inúmeros pobres vagabundos mortos sobre os degraus.

– Que pena! – disse ele –, é um amontoado de cadáveres digno do quinto canto da *Iliada*.

Em seguida, continuou a subir. Os vagabundos o seguiam. Havia um em cada degrau. Essa linha de dorsos encouraçados se elevava, ondulando-se na sombra; parecia uma serpente de escamas de aço se erguendo contra a igreja. Jehan, que vinha à cabeça e que silvava, completava essa ilusão.

O estudante tocou, enfim, o balcão da galeria e o transpôs com um salto muito arriscado, sob aplausos de todos os vagabundos. Assim, senhor da cidadela, lançou um grito de alegria e, de repente, ficou petrificado. Acabara de perceber, atrás de uma estátua de rei, Quasímodo escondido nas trevas, o olho cintilante.

Antes que outro sitiante pudesse pôr os pés na galeria, o formidável corcunda atirou-se à cabeça da escada, segurou, sem dizer nada, os dois montantes com suas mãos potentes, ergueu-os, afastou-os do muro, oscilou um momento, em meio a clamores de angústia, a longa e vertebrada escada coberta de vagabundos de alto a baixo, e repeliu com uma força sobre-humana esse cacho de homens para a praça. Houve um momento em que os mais determinados palpitarão. A escada, lançada para trás, ficou um instante reta e de pé, e pareceu hesitar; em seguida, oscilou e, logo após, descrevendo um temível arco de oitenta pés de raio, abateu-se sobre o pavimento com sua carga de bandidos, mais rápida do que uma ponte levadiça cujas correntes são cortadas. Houve uma enorme imprecação; em seguida, tudo se extinguiu, e alguns infelizes mutilados retiraram-se rastejando sob o amontoado de mortos.

Um rumor de dor e de cólera se sucedeu entre os sitiantes após os primeiros gritos de triunfo. Quasímodo, impassível, os dois cotovelos apoiados sobre a balaustrada, olhava. Tinha o ar de um velho rei cabeludo à sua janela.

Jehan Frolo estava, então, em situação crítica. Achava-se na galeria com o temível sineiro, só, isolado de seus companheiros por uma parede vertical de oitenta pés. Enquanto Quasímodo cuidava da escada, o estudante correrá até a poterna que acreditava aberta, mas não estava. O surdo, ao entrar na galeria, fechara-a atrás de si. Jehan, então, escondido atrás de um rei de pedra, nem sequer ousando respirar, fixando o monstruoso corcunda com uma face espantada, como a daquele homem que, cortejando a mulher de um guardião das jaulas, foi certa tarde a um encontro de amor, enganou-se de parede em sua escalada e se encontrou frente a frente com um urso branco.

Nos primeiros momentos, o surdo não deu atenção a ele; mas, enfim, virou a cabeça e de repente se ergueu. Acabara de perceber o estudante.

Jehan se preparou para um rude choque, mas o surdo permaneceu imóvel; estava apenas voltado para o estudante, que o olhava.

– Ho, ho! – disse Jehan. – Por que me olha com este olhar caolho e melancólico?

Enquanto dizia isso, o jovem piadista preparava em silêncio sua besta.

– Quasímodo! – gritou ele –, vou trocar seu sobrenome. Será

chamado agora de cego.

O tiro partiu. O virote empenado silvou e foi se fixar no braço esquerdo do corcunda. Quasímodo não se moveu mais do que o rei Pharamond ao ser arranhado. Levou a mão à seta, arrancou-a de seu braço e a quebrou facilmente sobre seu grosso joelho. Deixou os dois pedaços caírem, sem jogá-los ao chão. Jehan, no entanto, não teve tempo de atirar uma segunda vez. Tão logo a flecha foi quebrada, Quasímodo arfou ruidosamente e saltou como um gafanhoto sobre o estudante, cuja armadura se achatou com o golpe contra a muralha.

Então, nessa penumbra em que vagava a luz das tochas, entreviu-se algo terrível.

Quasímodo segurava com a mão esquerda os dois braços de Jehan, que já não se debatia por se sentir vencido. Com a direita, o surdo lhe arrancava, uma após outra, em silêncio, com uma lentidão sinistra, todas as peças de sua armadura, a espada, os punhais, o casco, a couraça, os braços. Parecia um primata descascando uma noz. Quasímodo lançava a seus pés, pedaço a pedaço, a concha de ferro do estudante.

Quando o estudante se viu desarmado, despido, fraco e nu, nessas temíveis mãos, nem sequer tentou falar com este surdo, mas se pôs a rir dele, afrontando-lhe a face, e a cantar, com sua intrépida negligência de um jovem de dezesseis anos, a canção então popular:

*Tão bela e tão adornada,
a cidade de Cambrai.
Por Marafin foi pilhada...*

Ele não terminou. Quasímodo estava de pé sobre o parapeito da galeria e trazia, com apenas uma das mãos, o estudante pelos pés, fazendo-o pender sobre o abismo como uma fronde. Em seguida, ouviu-se um barulho como o de uma caixa ossuda que estala contra a parede e se viu cair alguma coisa, que se deteve na queda numa saliência da arquitetura. Era um corpo morto, que ficou agarrado lá, dobrado em dois, quadris quebrados, crânio vazio.

Um grito de horror subiu entre os vagabundos.

– Vingança! – gritou Clopin.

– Ao saque! – respondeu a multidão. – Assalto! Assalto!

Então, fez-se um murmúrio prodigioso em que se misturavam todas

as línguas, todos os dialetos, todos os sotaques. A morte do pobre estudante causou um ardor furioso nessa multidão, que foi tomada de vergonha e cólera pelo fato de ter sido detida tanto tempo diante da igreja por um corcunda. A raiva encontrou escadas, multiplicou as tochas e, após alguns minutos, Quasímodo, desesperado, viu esse amedrontador formigueiro subir de todas as partes para assaltar a catedral. Os que não tinham escadas, tinham cordas com nós; os que não tinham cordas, escalavam pelos relevos das esculturas. Prendiam-se nos farrapos uns dos outros. Não havia nenhum meio de resistir a essa maré crescente de rostos temíveis. O furor fazia rutilar essas figuras selvagens; suas fronteiras terríveis manavam suor; seus olhos brilhavam. Todas as caretas, todas as feiuras investiam contra Quasímodo. Parecia que uma outra igreja enviara suas górgonas, seus doges, seus dragões, seus demônios, suas esculturas mais fantásticas para assaltar Notre-Dame. Era como um leito de monstros vivos sobre os monstros de pedra da fachada.

A praça ficou estrelada de mil tochas. Essa cena desordenada, até agora escondida na obscuridade, era subitamente tomada de luz. O Parvis resplendia e lançava um raio no céu. A fogueira acesa sobre a alta esplanada queimava muito e iluminava longe a cidade. A enorme silhueta das duas torres, desenvolvida ao longo sobre os telhados de Paris, fazia um longo entalhe de sombra. A cidade parecia se mover. Os sinos distantes lamentavam. Os vagabundos urravam, bufavam, praguejavam, subiam, e Quasímodo, impotente contra tantos inimigos, temendo pela cigana, vendo as faces furiosas se aproximarem mais e mais de sua galeria, rogou por um milagre do céu e torceu os braços em desespero.

V. O RETIRO EM QUE O SENHOR LUÍS DA FRANÇA DIZIA SUAS HORAS

Talvez o leitor não tenha esquecido que Quasímodo, um momento antes de avistar o bando noturno de vagabundos, vigiando Paris do alto de seu campanário, via brilhar apenas uma luz, a qual cintilava uma vidraça no andar mais alto de um sombrio e altaneiro prédio, ao lado da porta Saint-Antoine. Esse prédio era a Bastilha; essa estrela, a lanterna de Luís XI.

O rei Luís XI estava, de fato, em Paris havia dois dias. Devia retornar dali a dois dias à sua cidadela em Montilz-lès-Tours. Fazia apenas raras e curtas aparições em sua boa cidade de Paris, sem sentir ao redor tantos cadafalsos, forcas e arqueiros escoceses.

Nesse dia, viera dormir na Bastilha. O grande cômodo de cem metros quadrados que ele tinha no Louvre, com sua grande lareira carregada de doze pesadas bestas e treze grandes profetas e seu enorme leito de onze pés por doze, pouco lhe agradava. Perdia-se em todas essas grandezas. Esse rei bom burguês preferia a Bastilha, com sua cela e seu beliche. Ademais, a Bastilha era mais forte do que o Louvre.

Essa cela que o rei reservara para si na famosa prisão era também vasta e ocupava o último andar de uma torre incrustada no mirante de um torreão. Era um reduto de forma redonda, atapetado por esteiras de palha reluzente, o teto revestido de vigas ressaltadas de flores de lírio de estanho dourado com os vãos em cores, lambricado de ricas madeiras semeadas de rosetas de estanho branco e pintadas de verde-gaio, feito de auripigmento e fina florada.

Havia apenas uma janela e uma ogiva, esta gradeada de fios de latão e barras de ferro, escurecida, desde o princípio, pelos belos vitrais coloridos com as armas do rei e da rainha, cujo painel custava 22 soldos.

Tinha apenas uma entrada, uma porta moderna com cimbres rebaixados, guarnecido, por dentro, de uma tapeçaria e, por fora, de um desses pórticos de madeira irlandesa, frágeis obras de marcenaria curiosamente trabalhada, que se viam em moradas de 150 anos atrás. “Ainda que desfigurem e embaracem os lugares”, disse Sauval com desespero, “nossos velhos, no entanto, não se desfazem deles e os conservam a despeito de cada um.”

Nesse cômodo, não havia nenhum móvel semelhante aos que eram encontrados na maioria dos aposentos, nem bancos, nem cavaletes, nem leitos, nem escabelos comuns em forma de caixa, nem belos escabelos sustentados por pilares e contrapilares que custavam quatro soldos a peça. Uma magnífica cadeira dobrável de braço; sua madeira era pintada de rosa sobre fundo rubro, o assento de cordovão vermelho era guarnecido de longas franjas de seda e salpicado de mil pregos de ouro. A solidão dessa cadeira dava a entender que apenas uma pessoa tinha direito de se sentar nesse quarto. Ao lado da cadeira e perto da janela, havia uma mesa recoberta por um tapete com figuras de

pássaros. Sobre essa mesa, um estojo manchado de tinta, alguns pergaminhos, algumas penas e uma taça de prata lavrada. Um pouco mais adiante, um aquecedor portátil, um oratório de veludo carmesim realçado por bocetes de ouro. Enfim, ao fundo, um leito simples de damasco amarelo e encarnado, sem ouropéis nem passamanes; as franjas sem cerimônia. É este leito famoso por ter embalado o sono e a insônia de Luís XI que se podia contemplar há duzentos anos na casa de um conselheiro de Estado, onde foi visto pela velha senhora Pilou, célebre no *Cyrus* com o nome de *Arricidie* e de *La Morale vivante*.

Esse era o quarto que se chamava “o retiro onde o senhor Luís da França dizia suas horas”.

No momento em que aí introduzimos o leitor, esse retiro estava muito escuro. O toque de recolher soara havia uma hora, era noite, apenas uma vacilante lanterna de cera posta sobre a mesa iluminava cinco personagens diversamente agrupados no quarto.

O primeiro, sobre o qual caía a luz, era um senhor soberbamente vestido com um meião, um colete escarlata raiado de prata e uma capa com pregas de pano dourado e desenhos negros. Esse esplêndido hábito, em que se lançava a luz, parecia lustrado pelas flamas em todas as suas dobras. O homem que o portava tinha sobre o peito seus brasões bordados em vivas cores: um chaveirão encimado por um gamo correndo. O escudo estava acostado à direita por um ramo de oliveira, e à esquerda por um chifre de gamo. Na cintura desse homem, havia uma rica adaga, cujo punho vermelho era cinzelado em forma de copa e sobreposto por uma coroa de conde. Tinha a aparência de um malvado, a face confiante e a cabeça erguida. Viam-se sobre sua face primeiro a arrogância e em seguida a astúcia.

Não usava nada em sua cabeça e trazia um longo documento à mão; posicionava-se de pé atrás da cadeira de braço, na qual estava sentado com o corpo desairosamente dobrado, um joelho montado no outro, cotovelos à mesa, um personagem muito mal vestido. Imagine-se, de fato, sobre o opulento couro de Córdoba, duas rótulas tortas, duas coxas magras pobremente vestidas por uma malha de lã preta, um torso envolvido por um sobretudo de fustão com um revestimento de pelos, no qual se via menos pelos do que couro; enfim, para coroar, um velho chapéu gorduroso do mais vulgar pano preto, bordado por um cordão circular com figurinhas de chumbo. Eis tudo o que se distinguia do personagem sentado, com esse sujo barrete do qual não saía um fio de

cabelo. Segurava sua cabeça tão curvada sobre o próprio peito que não se via nada de seu rosto recoberto pela sombra, senão a ponta de seu nariz, sobre o qual caía um raio de luz, e que devia ser longo. Pela magreza de sua mão enrugada, adivinhava-se um idoso. Era Luís XI.

A alguma distância atrás deles, conversavam em voz baixa dois homens vestidos à moda flamenga, que não estavam tão perdidos na sombra a ponto de não serem reconhecidos por quem assistira à representação do mistério de Gringoire, eram os dois enviados flamengos: Guillaume Rym, o sagaz hóspede de Gand; e Jacques Coppenole, o popular calceiro. Lembre-se de que esses dois homens estavam envolvidos com a política secreta de Luís XI.

Enfim, no fundo, perto da porta, permanecia de pé na escuridão, imóvel como uma estátua, um vigoroso homem de corpulência maciça, com um arnês militar, casaca armoriada, cuja face quadrada perfurada por olhos arregalados, fendida por uma imensa boca, escondendo suas orelhas em duas largas cortinas de cabelos lisos, sem franja, tinha ao mesmo tempo algo de cão e de tigre.

Todos estavam sem chapéus, exceto o rei.

O senhor que se encontrava perto do rei lia para ele uma espécie de longo relatório, que Sua Majestade parecia escutar com atenção. Os dois flamengos sussurravam.

– Por Deus – resmungou Coppenole –, estou cansado de ficar em pé. Não há uma cadeira por aqui?

Rym respondia com um gesto negativo, acompanhado por um discreto sorriso.

– Por Deus – retomou Coppenole, infeliz por ter de abaixar assim a voz –, desejo me sentar no chão com as pernas cruzadas, como os calceiros, como faço em minha loja.

– Não faça isso, mestre Jacques!

– Ora! Mestre Guillaume, aqui só nos resta ficar em pé?

– Ou sobre os joelhos – disse Rym.

Nesse momento a voz do rei se elevou. Eles se calaram.

– Cinquenta soldos, as vestes de nossos valetes; e doze libras, os mantos do clero de nossa coroa! É isso! Entornem ouro em quantidade! Está louco, Olivier?

Ao dizer isso, o velho levantou a cabeça. Via-se reluzir em seu pescoço as conchas de ouro do colar de Saint-Michel. A candeia iluminava seu perfil descarnado e soturno. Arrancou o papel das mãos

do outro.

– O senhor nos arruína! – gritou ele, levando seus olhos rasos sobre o caderno. – O que é tudo isso? É necessária tão prodigiosa mansão? Dois capelães às custas de dez libras por mês cada, e um clérigo de capela a cem soldos? Um valete de quarto a noventa libras por ano! Quatro escudeiros de cozinha a 120 libras por ano cada! Um cozinheiro de assados, um de legumes, um de temperos, um mestre de cozinha, um copeiro de armaduras, dois valetes de bagagem à custa de dez libras por mês cada! Dois mandaretes de cozinha a oito libras! Um palafrenero e seus dois ajudantes por 24 libras por mês! Um confeitoiro, um padeiro, dois carroceiros, cada um a sessenta libras por ano! E o marechal das forjas, 120 libras! E o mestre de quarto desses últimos, 1.200 libras! E o controlador, quinhentas! Que sei eu? É terrível! Os gastos de nossos domésticos levam a França à falência! Todos os tesouros guardados serão derretidos nesse fogo de despesas! Assim venderemos nossa louça! No próximo ano, se Deus e Nossa Senhora – aqui levantou seu chapéu – nos der vida, beberemos nossas tisanas em copos de estanho!

Ao dizer isso, lançava um olhar sobre o jarro de prata que brilhava sobre a mesa, tossiu e prosseguiu:

– Mestre Olivier, os príncipes que reinam nas grandes senhorias como reis e imperadores não devem deixar crescer a suntuosidade em suas casas, pois assim esse fogo correrá pela província. Mestre Olivier, ouça de uma vez por todas. Nossa despesa aumenta todo ano. A coisa nos desagrada. Como, por Deus! Até 1479 ela não passava de 36 mil libras; em 1480, atingia 43.619 libras; tenho as cifras na cabeça. Em 1481, 66.680 libras; e, neste ano, pela fé de meu corpo!, atingirá oitenta mil libras! O dobro em quatro anos! É monstruoso!

Deteve-se esbaforido, em seguida retomou com arrebatamento:

– Não vejo ao redor de mim senão quem engorde com minha magreza! Sugam-me escudos por todos os poros!

Todos permaneciam em silêncio. Era uma dessas cenas de cólera que se libera. Continuou:

– É como o requerimento em latim da senhoria da França, para que nós restabeleçamos o que eles chamam de cargos da coroa! Cargos, de fato! Cargas que pesam! Ah, os senhores dizem que não somos um rei para reinar *dapifero nullo, buticulario nullo* !¹² Verão os senhores, por Deus!, se não somos um rei!

E sorriu com todo seu sentimento, seu mau humor se adoçou, e se voltou para os flamengos:

– Está vendo, compadre Guillaume? O grande padeiro, o grande copeiro, o grande camareiro, o grande mordomo, não valem o menor valete. Guarde isso, compadre Copenolle; não servem para nada. Inertes assim inúteis ao redor do rei, parecem-me quatro evangelistas que cercam o quadrante do grande relógio do palácio, que Philippe Brille acabou de consertar. São dourados, mas não contam as horas; a agulha pode passar sem eles.

Por um momento, permaneceu pensativo e acrescentou, meneando sua velha cabeça :

– Ho, ho! Por Nossa Senhora, não sou Philippe Brille e não vou redourar os grandes vassalos. Sou da mesma opinião do rei Eduardo: salvem o povo e matem os senhores. Continue Olivier.

O personagem que ele designava com esse nome retomou o caderno de suas mãos e recomeçou a ler em voz alta:

– ... A Adam Tenon, auxiliar da guarda dos selos do prebostado de Paris, pelo dinheiro, o modo e a gravura dos ditos selos, que foram renovados, visto que seus precedentes, com sua antiguidade e caducidade, não podiam simplesmente mais servir: doze libras parisienses.

“A Guillaume Frère, a soma de quatro libras, quatro soldos parisienses, pelas custas e salários, por ter alimentado as pombas dos dois columbários da residência de Tournelle, durante os meses de janeiro, fevereiro e março deste ano, e que, para tanto, gastou seis sextos de cevada.

“A um franciscano, pela confissão de um criminoso: quatro soldos parisienses.”

O rei escutava em silêncio. De vez em quando, tossia. Levava, então, o jarro aos lábios e bebia um gole fazendo uma careta.

– Por ordenança da Justiça, neste ano foram feitos 56 pregões ao som das trompas nas esquinas de Paris. Contas a acertar.

“Por investigar e buscar em certos lugares, tanto em Paris quanto alhures, a finança que se dizia estar escondida, mas nada encontrado: 45 libras parisienses.”

– Enterrar um escudo para desenterrar um soldo! – disse o rei.

– ... Pela instalação, na residência de Tournelles, de seis painéis de vidro branco, no lugar em que se encontra a gaiola de ferro: treze

soldos. Por ter feito e entregue, a mando do rei, no dia da exposição, quatro brasões com armas do dito senhor, cobertos por três chapéus com rosas ao redor: seis libras. Pelos dois punhos novos para o velho gibão do rei: vinte soldos. Para uma caixa de cera para encerar as botas do rei: quinze dinheiros. Um estábulo reformado para alojar os negros suínos do rei: trinta libras parisienses. Vários tabiques, alçapões e portas feitas para encerrar os leões do parque Saint-Paul: 22 libras.

– Esses animais são caros – disse Luís XI. – Que importa! Trata-se da bela magnificência de rei. Há um grande leão ruivo que me agrada pelas suas gentilezas. O senhor o viu, mestre Guillaume? Os príncipes têm que ter seus animais miríficos. Para nós, reis, nossos cães tem de ser leões; e nossos gatos, tigres. O grande vai bem com a coroa. No tempo dos pagãos de Júpiter, quando o povo oferecia às igrejas cem bois e cem ovelhas, os imperadores davam cem leões e cem águias. Isso é que era bravura e beleza. Os reis da França sempre tiveram esses rugidos ao redor de seu trono. Ao menos, hão de me fazer justiça num ponto, gastarei menos dinheiro do que eles, visto que tenho maior modéstia em matéria de leões, ursos, elefantes e leopardos. Continue, mestre Olivier. Queríamos dizer isso a nossos amigos flamengos.

Guillaume Rym inclinou-se gravemente, enquanto Coppenole, com seu semblante malvado, parecia um desses ursos de que falava Sua Majestade. O rei não percebeu. Acabara de mergulhar seus lábios no jarro e cuspiu a bebida, dizendo:

– Argh! Que tisana horrível!

O homem que lia continuou:

– Para o alimento de um peão maroto aferrolhado há seis meses na cela do matadouro, à espera do que se fazer com ele: seis libras e quatro soldos.

– O que é isto? – interrompeu o rei. – Alimentar quem devia ser pendurado! Por Deus! Não darei mais nenhum soldo para essa alimentação. Olivier, resolva o senhor esse problema com o senhor de Estouteville, e, nesta noite ainda, prepare-me as núpcias do galante com a força. Retome a leitura, senhor.

Olivier marcou com o polegar o artigo do *peão maroto* e seguiu adiante.

– A Henriet Cousin, mestre executor das altas obras da Justiça de Paris, a soma de sessenta soldos parisienses, a ele taxado e ordenado pelo monsenhor preboste de Paris, por ter comprado, com a ordenança

do dito monsenhor preboste, uma grande espada de folha que servia à execução e decapitação das pessoas que, por justiça, são condenadas pelos seus deméritos, sendo esta guarnecida de uma bainha e de tudo que lhe pertence; e também por conservar e restaurar a velha espada que se tinha fendido e cegado, fazendo a justiça do monsenhor Luís de Luxemburgo, como também é evidente...

O rei interrompeu.

– Basta. Ordeno o valor de bom grado. Eis despesas de que não reclamo. Nunca lamentei esse dinheiro. Prossiga.

– Por ter renovado uma grande gaiola...

– Ah! – disse o rei, tomando com suas mãos os braços de sua cadeira –, bem sabia que vim a esta Bastilha por uma razão. Espere, mestre Olivier. Quero ver eu mesmo a gaiola. O senhor me fará a leitura do custo enquanto eu a examino. Senhores flamengos, venham ver isso. É curioso.

Então, levantou-se, apoiou-se no braço de seu interlocutor, acenou à espécie de mudo que permanecia de pé diante da porta para que o precedesse, aos dois flamengos para que os seguissem, e saiu do quarto.

A companhia real se recrutou à porta do retiro, com homens de posse de armas pesadas de ferro e magros pajens que portavam as tochas. Caminhou por algum tempo no interior do mirante sombrio, atravessado de escadarias e corredores até à espessura das muralhas. O capitão da Bastilha ia à frente e fazia abrir os postigos diante do velho rei doente e curvado, que tossia ao caminhar.

A cada postigo, todas as cabeças eram obrigadas a se abaixar, exceto aquela de algum idoso curvado pela idade.

– Hum! – disse entre as gengivas, pois não tinha mais dentes –, estamos prontíssimos para a porta do sepulcro. Porta baixa, cabeça abaixa.

Enfim, depois de franquear o último postigo, tão atravancado de ferrolhos que se levou quinze minutos para abri-lo, entraram em uma alta e vasta sala na forma de uma ogiva, no centro da qual se distinguia, à luz das tochas, um grande cubo maciço de alvenaria, ferro e madeira. O interior era oco. Era uma dessas famosas gaiolas para prisioneiros de Estado, chamadas de “meninas do rei”. Havia nas paredes duas ou três pequenas janelas, tão bastamente gradeadas de espessas barras de ferro que não se podia ver o vidro delas. A porta era uma grande laje de

pedra plana, como nos túmulos; era dessas portas que só serviam para entrar. Todavia, aqui, o morto ainda estava vivo.

O rei se pôs a andar lentamente ao redor do pequeno edifício, examinando-o com cuidado, enquanto mestre Olivier, que o seguia, continuava a leitura do relatório:

– Por ter recuperado a grande gaiola de madeira de grossas vigas, couceiras e frechal, contendo nove pés de comprimento por oito de largura, e sete pés de altura entre os dois soalhos, sustentada por grossas barras de ferro atravessadas, a qual foi guardada numa câmara alojada em uma das torres da fortaleza Saint-Antoine, gaiola na qual foi posto e detido pelo comando do rei nosso senhor um prisioneiro que residia, anteriormente, numa gaiola vetusta e decrépita. Foram empregadas nessa dita gaiola 96 vigas horizontais e 52 vigas verticais, dez frechais de três toesas de comprimento; e foram requeridos dezenove carpinteiros para enquadrar, trabalhar e talhar a dita madeira no pátio da Bastilha durante vinte dias...

– Belos corações de carvalho – disse o rei, batendo com o punho no madeirame.

– ... Compõem esta gaiola 220 grandes barras de ferro de nove e de oito pés, o excedente de comprimento médio, com calhas, ralhos e ligas, tudo servindo às ditas barras, e pesando todo o dito do ferro 3.735 libras; além de oito grossas esquadrias de ferro, que servem para amarrar a dita gaiola com grampos e pregos, pesando em conjunto 218 libras de ferro, sem contar o ferro das grades das janelas da câmara em que a gaiola foi posta, as barras de ferro da porta da câmara e outras coisas...

– Quanto ferro para conter a leviandade de uma alma! – disse o rei.

– ... O custo total é de 317 libras, cinco soldos e sete dinheiros.

– Por Deus! – exclamou o rei.

Com essa injúria, que era a favorita de Luís XI, parecia que alguém acordava no interior da gaiola, ouviram-se correntes sendo arrastadas no assoalho ruidosamente, e subiu uma voz frágil que parecia vir da tumba:

– Majestade, majestade, clemência!

Não se podia ver aquele que assim falava.

– Trezentos e dezessete libras, cinco soldos e sete dinheiros! – retomou Luís XI.

A lamentável voz que saíra da gaiola enregelou todos os assistentes,

até o próprio mestre Olivier. Apenas o rei parecia não haver ouvido. Sob sua ordem, o mestre Olivier retomou a leitura, e Sua Majestade continuou friamente a inspeção da gaiola.

– ... Além disso, foi pago a um pedreiro, que fez os buracos para segurar as grades das janelas e os assoalhos em que está a gaiola, porque os assoalhos não puderam suportar essa jaula devido ao peso, 27 libras e quatorze soldos parisienses.

A voz começou a gemer:

– Clemência! Majestade! Juro que foi o monsenhor cardeal de Angers quem traiu, não fui eu.

– O pedreiro é rude! – disse o rei. – Continue, Olivier. Olivier continuou:

– ... A um marceneiro, pelas janelas, camas, cadeiras vazadas e outras coisas, vinte libras e dois soldos parisienses...

A voz continuava também:

– Ai de mim, majestade, não há de me escutar? Juro que não fui eu quem escreveu a coisa ao monsenhor de Guyenne, mas o monsenhor cardeal La Balue!

– O marceneiro é caro – observou o rei. – Isso é tudo?

– Não, majestade... A um vidreiro, pelo vidro da dita câmara, 46 soldos e oito dinheiros parisienses.

– Clemência, majestade! Não é então suficiente que tenham dado todos os meus bens aos meus juízes, toda minha louça ao senhor de Torcy, minha biblioteca ao mestre Pierre Doriolle, minha tapeçaria ao governador de Roussillon? Sou inocente. Veja que há quatorze anos estremeço de frio numa gaiola de ferro. Clemência, majestade. Há de tê-la de volta no céu.

– Mestre Olivier – disse o rei –, o total?

– Trezentas e sessenta e sete libras, oito soldos e três dinheiros parisienses.

– Nossa Senhora – gritou o rei –, esta gaiola é um ultraje!

Arrancou o caderno das mãos de mestre Olivier e contou nos dedos, examinando alternadamente o papel e a gaiola. Ouvia-se, todavia, o prisioneiro soluçar. Tudo era lúgubre na sombra, e as faces se entreolhavam pálidas.

– Quatorze anos, majestade, veja, quatorze anos! Desde abril de 1469. Em nome da santa mãe de Deus, ouça-me, majestade! Gozou o senhor todo este tempo do calor do sol, eu, definhado, não verei jamais o dia?

Clemência, majestade! Seja misericordioso. A clemência é uma bela virtude real que cura o destempero da cólera. Não acredita, Vossa Majestade, que na hora da morte será de grande contentamento para um rei não deixar nenhuma ofensa sem punição? Aliás, majestade, eu não traí Vossa Majestade, foi o monsenhor de Angers. E tenho os pés em tão pesada corrente, com uma grossa bola de ferro muito mais pesada do que o necessário. Ah! Majestade! Tenha piedade de mim.

– Olivier – disse o rei, meneando a cabeça –, observo que o moio de gesso me custou vinte soldos, e não valem mais do que doze. Será refeito este relatório.

Voltou as costas para a gaiola e se pôs no sentido de sair da câmara. Com o afastamento das luzes e do barulho, o miserável prisioneiro julgou que o rei iria embora.

– Majestade! Majestade! – gritou com desespero.

A porta voltou a se fechar. Não viu mais nada, e nada se ouvia além da voz rouca do carcereiro cantando em seus ouvidos a canção:

De mestre Jean Balue

O bispado sumiu:

onde está ele agora?

De monsenhor Verdun

Não ficou com nenhum,

Foram todos embora.

O rei subiu em silêncio de volta ao seu retiro, e seu cortejo o seguia, terrificado desde os primeiros gemidos do condenado. Subitamente, ele se virou na direção do governador da Bastilha.

– A propósito, não havia alguém dentro daquela gaiola?

– Por Deus, majestade! – respondeu o governador, estupefato com a pergunta.

– E quem era então?

– O monsenhor bispo de Verdun.

O rei sabia disso mais do que qualquer um. Mas era uma mania.

– Ah! – disse ele com um ar ingênuo de quem pensa nisso pela primeira vez. – Guillaume de Harancourt, o amigo do monsenhor cardeal La Balue. Um bom diabo de bispo!

Ao fim de alguns instantes, a porta do retiro foi reaberta e, em seguida, fechada de novo com os cinco personagens que o leitor já viu

no começo deste capítulo; eles então retomaram seus lugares, suas conversas e suas atitudes.

Durante a ausência do rei, foram depositados sobre a sua mesa alguns despachos, cujos selos ele mesmo rompia. Em seguida, leu-os prontamente, um após outro, acenou para o mestre Olivier, que perto dele parecia ter ofício de ministro, apanhou uma pluma e, sem partilhar o conteúdo dos despachos, começou a lhe ditar em voz baixa as respostas que aquele escrevia, ajoelhado sem muito conforto diante da mesa.

Guillaume Rym observava.

O rei falava tão baixo que os flamengos nada escutavam de seu ditado, a não ser, aqui e ali, algumas frases isoladas e pouco inteligíveis, como: “Manter os lugares férteis para o comércio, e os estéreis para as manufaturas...”, “Fazer ver aos senhores ingleses nossas quatro bombardas, a Londres, ao Brabante, a Bourg-en-Bresse, a Saint-Omer...”, “A artilharia é a razão pela qual a guerra agora se faça mais judiciosamente...”, “Ao senhor de Bressuire, nosso amigo...”, “Exércitos não se mantêm sem tributos...”, etc.

Desta vez, elevou a voz:

– Por Deus! O monsenhor rei de Sicile selou suas cartas com cera amarela, como um rei da França. Nós erramos em lhe permitir isso. Meu bom primo de Borgonha não dava brasões de fundo vermelho. A grandeza das casas se assegura com a integridade das prerrogativas. Anote isso, compadre Olivier.

Uma outra vez:

– Oh! Oh! – disse ele. – A grande mensagem! O que nos pede nosso irmão imperador? – E, percorrendo a missiva com os olhos, cortando sua leitura com interjeições: – Decerto! Inacreditável como as Alemanhas são tão grandes e potentes. Mas não esqueçamos o velho provérbio: o mais belo condado é Flandres; o mais belo ducado, Milan; o mais belo reinado, França. Não é verdade, senhores flamengos?

Dessa vez, Coppenole curvou-se para Guillaume Rym. O patriotismo do calceiro ficou magoado.

Um último despacho fez franzir o sobrolho de Luís XI.

– O que é isto? – exclamou. – Queixas e requerimentos contra nossas guarnições de Picardie! Olivier, escreva em diligência ao senhor marechal de Rouault. Que as disciplinas se afrouxam. Que os oficiais de ordenança, os nobres proclamados, os franco-arqueiros, os serviços,

fazem males infinitos aos campônios. Que o homem de guerra, não se contentando com os bens que encontra na casa dos lavradores, constrange-os a golpes de bastão e partasana a ir buscar o vinho da cidade, o peixe, as especiarias e outras coisas excessivas. Que Sua Majestade o rei sabe disso. Que pretendemos preservar nosso povo de inconvenientes, furtos e pilhagens. Que essa é a nossa vontade, por Nossa Senhora! Que, pelo contrário, não nos agrada que qualquer barbeiro ou valete de guerra esteja vestido como príncipe, de veludo, pano de seda e anéis de ouro. Que essas vaidades são odiosas a Deus. Que nós nos contentamos, nós que somos nobres, com um gibão de pano de seis soldos por alna de Paris. Que, esses senhores grosseiros, eles também, rebaixem-se a tanto. Mande e ordene. Ao senhor de Rouault, nosso amigo. Está feito.

E ditou essa carta em voz alta, com um tom firme e entrecortado. No momento em que terminava, a porta se abriu e deu passagem a um novo personagem, que se precipitou esbaforido na câmara, gritando:

– Majestade! Majestade! Há uma revolta popular em Paris!

A grave figura de Luís XI se contraiu; mas o que era visível em sua emoção passou como um clarão. Conteve-se e disse com uma severidade tranquila:

– Compadre Jacques, o senhor entrou de modo tão brusco!

– Majestade! Majestade! Há uma revolta! – retomou o compadre Jacques, esbaforido.

O rei se levantou, tomou-lhe rudemente o braço e lhe disse ao ouvido, de modo a ser escutado apenas por ele, com uma cólera concentrada e um olhar oblíquo sobre os flamengos:

– Cale-se ou fale baixo!

O recém-chegado compreendeu e se pôs a lhe fazer em voz baixa uma narração sobressaltada, a qual o rei escutava com calma, enquanto Guillaume Rym fazia observar a Coppenole a expressão e as vestes do recém-chegado, seu capuz forrado, *caputia fourrata*, sua epítoga curta, *epitogia curta*, sua vestimenta de veludo negro, que anunciava um presidente da corte das contas.

Tão logo esse personagem deu ao rei algumas explicações, Luís XI exclamou gargalhando:

– Verdade! Fale mais alto, compadre Coictier! Por que fala tão baixo assim? Nossa Senhora sabe que nada temos a esconder de nossos bons amigos flamengos.

– Mas, majestade...

– Fale alto!

O “compadre” Coictier permanecia mudo de surpresa.

– Então – retomou o rei –, diga senhor, há uma comoção popular em nossa boa cidade de Paris?

– Sim, majestade.

– E atenta, diga-me o senhor, contra o magistrado do Palácio da Justiça?

– É o que parece, sim – respondeu o compadre, que balbuciava ainda bastante espantado com a brusca e inexplicável mudança que acabava de se operar no pensamento do rei.

Luís XI retomou:

– Onde a guarda encontrou a agitação?

– No caminho entre a Grande-Truanderie, no sentido do Pont-aux-Changeurs. Eu mesmo os encontrei quando vinha para cá obedecer às ordens de Vossa Majestade. Ouvi alguns gritarem: “Abaixo o magistrado do palácio!”

– E que ofensas têm eles contra o magistrado?

– Ah! – disse o compadre Jacques –, que ele é o senhor deles.

– Verdade?

– Sim, majestade. São os patifes da Corte dos Milagres. Já há muito tempo que se queixam do magistrado de quem são vassalos. Não querem reconhecê-lo nem como homem da Justiça nem como chefe da polícia das ruas.

– Sem dúvida! – retrucou o rei com um sorriso de satisfação, que se esforçava em vão dissimular.

– Em todos os seus requerimentos ao Parlamento – retomou o compadre Jacques –, pretendem apenas possuir dois mestres, Vossa Majestade e o Deus deles, que é, creio eu, o diabo.

– He he! – disse o rei.

Esfregava as mãos e ria com esse riso interior que faz radiar a face. Não podia dissimular sua alegria, ainda que tentasse se recompor. Ninguém compreendia nada, nem mesmo o mestre Olivier. Por um momento, permaneceu silencioso, com um ar pensativo, mas contente.

– São muitos? – perguntou de repente.

– Sim, certamente, majestade – respondeu o compadre Jacques.

– Quantos?

– Pelo menos uns seis mil.

O rei não pôde se impedir de dizer:

– Bom! Estão armados?

– Foices, estacas, arcabuzes, enxadas. Todo tipo de arma bem violenta.

O rei não pareceu nem um pouco preocupado com tal ostentação. O compadre Jacques acreditou que devia acrescentar:

– Se Vossa Majestade não enviar agora socorro ao magistrado, ele está perdido.

– Enviaremos – disse o rei com falsa aparência de seriedade. – De acordo. Com certeza enviaremos. O monsenhor magistrado é nosso amigo. Seis mil! São bizarros esses resolutos. A ousadia é espantosa, e nos enfurece. Mas temos poucos aqui esta noite. Será ainda a tempo amanhã de manhã!

O compadre Jacques voltou a gritar.

– Não demore, majestade! O magistrado terá tempo de ser pilhado vinte vezes; a senhoria, violada; e o bailio, pendurado. Por Deus, majestade! Envie antes de amanhã de manhã.

O rei o olhou na face.

– Eu já disse amanhã de manhã.

Era um desses olhares aos quais não se contraria.

Após um silêncio, Luís XI elevou de novo a voz.

– Meu compadre Jacques, o senhor deve saber isso? Qual era... – Ele recomeçou: – Qual é a jurisdição feudal do bailio?

– Majestade, o bailio do palácio tem a rua de la Calandre até a rua de la Herberie, a praça Saint-Michel e os lugares vulgarmente nomeados de Mureaux, situados perto da igreja Notre-Dame des Champs – aqui Luís XI levantou a borda de seu chapéu –, cujas residências são em número de treze, mais a Corte dos Milagres, mais a Maladerie, chamada de Banlieue, mais toda a calçada que começa nessa Maladerie e acaba na porta Saint-Jacques. Desses diversos sítios, é o vigia, o alto, médio e baixo justiceiro, todo senhor.

– Oh, sim! – disse o rei, coçando a orelha esquerda com a mão direita –, tudo isso é um bom pedaço de minha cidade! Ah! O monsenhor bailio *era* rei de tudo isso!

Dessa vez ele não recomeçou. Continuou em devaneio como se falasse consigo mesmo: “Muito bem, monsenhor bailio! Tinha o senhor entre os dentes um bom pedaço de nossa Paris!”

De repente, explodiu:

– Por Deus! Quem são essas pessoas que se pretendem polícias, justiceiros, senhores e mestres em nosso território? Que têm num bom pedaço, em toda calçada entre nosso povo, seu pedágio, sua justiça, seu carrasco? De modo que, como o grego, que acreditava haver a mesma quantidade de deuses que de fontes, e como o persa, do quanto ele via de estrelas, o francês conta o número de reis por quanto ele vê de forcas! Por Deus! Isso é ruim, essa confusão não me agrada. Desejaria muito saber se é por graça de Deus que temos em Paris um outro vigia além do rei, uma outra justiça além de nosso Parlamento, um outro imperador além de nós nesse império! Pela fé de minha alma! É preciso que venha o dia em que não haverá na França senão um rei, senão um senhor, senão um juiz, senão um carrasco, assim como no paraíso há somente um Deus!

Levantou ainda mais seu chapéu e continuou, sempre em devaneio, com o ar e o tom de um caçador que provoca e lança sua matilha:

– Bom! Meu povo! Bravamente! Quebre esses falsos senhores! Seja feita a sua vontade! Em frente! Em frente! Pilhe-os, pendure-os, saqueie-os!... Ah! Querem ser reis, monsenhores? Vá, povo, vá!

Interrompeu-se bruscamente, mordeu os próprios lábios como se para agarrar seu pensamento que escapara pela metade, apoiou, alternadamente, seus olhos penetrantes sobre cada um dos cinco personagens que o rodeavam e, tomando seu chapéu com as mãos e olhando de frente, disse-lhe:

– Ah! Hei de queimá-lo se souber o que tenho em minha cabeça!

Em seguida, levando ao redor de si o olhar atento e inquieto da raposa que volta de forma dissimulada ao seu território:

– Que importa! Socorreremos o monsenhor bailio. Infelizmente, temos apenas poucas tropas aqui, neste momento, contra tantos populares. É preciso esperar até amanhã. A ordem na Cité será reinstaurada, e todo aquele que for preso será enforcado.

– A propósito, majestade – disse o compadre Coictier –, esqueci-me disto na primeira confusão: a polícia prendeu dois retardatários do bando. Se Vossa Majestade deseja ver esses homens, eles estão aqui.

– Se desejo vê-los? – gritou o rei. – Por Deus! Como o senhor se esquece disso! Olivier, corra, rápido! Vá buscá-los.

O mestre Olivier saiu e voltou logo após com dois prisioneiros rodeados de arqueiros da ordenança. O primeiro tinha uma grande cara de idiota, bêbado e espantado. Estava vestido de farrapos e caminhava

dobrando os joelhos e arrastando o pé. O segundo era uma figura lívida e sorridente que o leitor já conhece.

O rei os examinou por um instante sem dizer uma palavra; em seguida, dirigindo-se ao primeiro:

- Como você se chama?
- Gieffroy Pincebourde.
- Seu ofício?
- Vagabundo.
- O que ia fazer nessa condenável sedição?

O vagabundo olhou o rei, balançando seus braços com um ar de imbecil. Era uma dessas cabeças mal conformadas, em que a inteligência está tão pouco à vontade quanto a luz diante do apagador.

– Eu não sei – disse ele. – Eles foram, e eu fui.

– Não ia o senhor atacar com ultraje e pilhar o monsenhor bailio do palácio?

– Eu só soube que iriam tomar algo na casa de alguém. E mais nada.

Um soldado mostrou um podão que foi apanhado com o vagabundo.

– Reconhece essa arma? – perguntou o rei.

– Sim, é o meu podão. Sou vinhateiro

– E reconhece este homem como seu companheiro? – acrescentou

Luís XI, apontando o outro prisioneiro.

– Não, não o conheço

– Basta – disse o rei. E, fazendo um sinal com o dedo ao personagem silencioso, imóvel perto da porta, que já fizemos o leitor observar: – Compadre Tristan, eis um homem para o senhor.

Tristan l'Hermite inclinou-se. Deu uma ordem em voz baixa aos dois arqueiros que levaram o pobre vagabundo.

Então, o rei se aproximou do segundo prisioneiro, que suava em grossas gotas.

– Seu nome?

– Majestade, Pierre Gringoire.

– Seu ofício?

– Filósofo, majestade.

– Como ousa, seu imbecil, investir contra nosso amigo monsenhor bailio do palácio, e o que tem a dizer sobre essa comoção popular?

– Majestade, eu não estava nela.

– Ora essa! Devasso, não foi apanhado pelos policiais nessa má companhia?

– Não, majestade, há um engano. Foi uma fatalidade. Eu escrevo tragédias. Suplico que Vossa Majestade me ouça. Sou poeta. Faz parte da melancolia das pessoas de minha profissão caminhar à noite pelas ruas. Passei por ali nesta noite. Foi um grande azar. Pegaram-me por engano. Sou inocente quanto a essa tempestade civil. Vossa Majestade bem vê que o vagabundo não me reconheceu. Eu juro a Vossa Majestade...

– Cale-se! – disse o rei entre dois goles de tisana. – Você nos enche a cabeça.

Tristan l'Hermite se adiantou e, apontando Gringoire com o dedo:

– Majestade, podemos pendurar este também?

Era a primeira palavra que proferia.

– Tanto faz! – respondeu com negligência o rei. – Não vejo inconveniente algum.

– Eu vejo muitos! – disse Gringoire.

Nesse momento, nosso filósofo estava mais verde do que uma oliva. Viu na face fria e indiferente do rei que ele não tinha outro recurso além de algo bem patético, e se precipitou aos pés de Luís XI, exclamando com uma desesperada gesticulação:

– Vossa Majestade será digno de me ouvir. Majestade! Não exploda como um trovão sobre tão pouca coisa quanto eu. O grande raio de Deus não se lança contra uma simples alface. Vossa Majestade é um augusto monarca tão potente, tenha piedade de um pobre homem honesto que está tão impedido de atizar revoltas quanto uma pedra de gelo de fazer faísca! Tão graciosa majestade, a bondade extrema é virtude dos leões e dos reis. Ai de mim! O rigor nada faz além de amedrontar os espíritos, as lufadas impetuosas do vento não conseguiriam tirar o manto do passante, o sol, com seus raios, pouco a pouco, esquento-o de tal modo que o obrigará a se despir dele. Vossa Majestade é o sol. Eu lhe juro, meu soberano mestre e senhor, não sou companheiro de vagabundos, ladrões e desordeiros. A revolta e a pilhagem não fazem parte da equipagem Apolo. Não sou eu quem se precipita nessas nuvens que explodem em ruídos de sedição. Sou um fiel vassalo de Vossa Majestade. O mesmo ciúme que tem o marido pela honra de sua mulher, o sentimento que tem o filho pelo amor de seu pai, um bom vassalo os deve ter pela glória de seu rei, deve se aplicar ao zelo de sua casa, ao crescimento de sua dedicação. Qualquer outra paixão que o arrebate não passa de impulso. Eis, majestade, minhas

máximas de Estado. Então, não me julgue sedicioso ou pilhante por minhas vestes gastas no cotovelo. Se me fosse dada a graça, usálas-ia aos joelhos para rezar a Deus, noite e dia, por Vossa Majestade! Ai de mim! Não sou muito rico, é verdade. Sou até mesmo um pouco pobre. Mas nem por isso um perverso. Não tenho culpa. Todos sabem as grandes riquezas que não se tiram das belas-letras, e que os mais consumados nos bons livros não têm grande fogueira no inverno. A grande charlatanice toma todo grão e deixa apenas palha às outras profissões científicas. Há quarenta excelentes provérbios sobre o manto esburacado dos filósofos. Oh! Majestade! A clemência é a única luz que pode iluminar o interior de uma grande alma. A clemência porta essa chama acima de todas as outras virtudes. Sem ela, restam apenas cegos tateando em busca de Deus. A misericórdia, que é a mesma coisa que clemência, desperta o amor dos súditos, que é o mais potente corpo de guarda à pessoa do príncipe. Que mal faz a Vossa Majestade, cuja face é tão deslumbrante, haver um pobre homem a mais na Terra? Um pobre inocente filósofo, chafurdando nas trevas da calamidade com seu bolso vazio que mais se parece com seu ventre oco? Ademais, Vossa Majestade, sou um letrado. Os grandes reis já deram uma pérola de Vossas coroas para proteger as letras. Hércules não desdenhava o título das musas. Mathias Corvin favorecia Jean de Monroyal, ornamento das matemáticas. Ora, a pior maneira de proteger as gentes das letras é pendurar um letrado. Que mancha teria Alexandre se houvesse pendurado Aristóteles! Esse traço não seria apenas uma mosca sobre a face de Vossa reputação a fim de embelezá-la, mas uma doentia úlcera para desfigurá-la. Majestade, fiz um diligente epitalâmio para a senhorita de Flandres e o monsenhor muito augusto delfim. Aquilo não foi um estopim de rebelião. Vossa Majestade vê que não sou um pedante, que estudei muito e que tenho uma eloquência natural. Dê-me a graça, Vossa Majestade. Fazendo isso, fará um elegante gesto à Nossa Senhora, e juro que estou apavorado com a ideia de ser pendurado.

Assim que terminou sua fala, o desolado Gringoire se abaixou às chinelas do rei, e Guillaume Rym disse, bem baixo, a Coppenole:

– Ele faz bem de se jogar no chão. Os reis são como o Júpiter de Creta; tem ouvidos apenas no pés.

E, sem se preocupar com o Júpiter de Creta, o calceiro respondeu com um pesado sorriso, olhos fixos em Gringoire:

– Ah! É isso mesmo! Parece que ouço o chanceler Hugonet me pedir

clemência.

Esbaforido e tremendo, Gringoire ergueu a cabeça na direção do rei, que raspava sua longa unha em uma mancha que suas meias tinham no joelho. Em seguida, Sua Majestade bebeu do jarro de tisana. De resto, não soprava uma palavra, e esse silêncio torturava Gringoire. O rei o olhou enfim.

– Eis aqui um terrível chorão! – disse ele. Em seguida, voltando-se para Tristan l’Hermite: – Bah! Deixe-o ir!

Gringoire caiu para trás, espantado de alegria.

– Liberdade! – resmungou Tristan. – Vossa Majestade não quer que o deixemos na gaiola um pouco?

– Compadre – interrompeu Luís XI –, acredita mesmo que seja para aves desse tipo que mandamos fazer essas gaiolas de 367 libras, oito soldos e três dinheiros? Deixe logo ir esse chorão – Luís XI afeiçoava-se tanto a essa palavra, que fazia com “Por Deus!” o fundo de sua jovialidade –, e o expulse daqui com um murro!

– Ufa! – exclamou Gringoire –, eis aqui um grande rei!

E, temendo uma contraordem, precipitou-se na direção da porta que Tristan lhe abria muito a contragosto. Os soldados saíram com ele, empurrando-o adiante a golpes de punho, o que Gringoire suportava como um verdadeiro filósofo estoico.

O bom humor do rei, desde que a revolta do povo contra o bailio lhe fora anunciada, atravessava tudo. Essa clemência inusitada era um sinal disso. Tristan l’Hermite, em seu canto, tinha a face franzida de um doge que viu e não possuiu.

O rei, no entanto, batia alegremente com os dedos sobre o braço da cadeira a marcha do Pont-Audemer. Era um príncipe dissimulado, mas que sabia esconder melhor seus desgostos do que suas alegrias. Essas manifestações exteriores de alegria a toda boa-nova iam, por vezes, longe demais; quando da morte de Carlos, o Temerário, chegou a oferecer uma balaustrada de prata a Saint-Martin de Tours; quando se tornou rei, esqueceu a ordem das obséquias de seu pai.

– Eh! Majestade – exclamou subitamente Jacques Coictier –, o que aconteceu com a crise aguda de doença para a qual Vossa Majestade me convocou?

– Ah! – disse o rei. – De fato, sofro muito, meu compadre. Tenho a orelha sibilante, e ancinhos de fogo me raspam o peito.

Coictier tomou a mão do rei e bateu seu pulso com um ar de quem

era capaz.

– Veja, Coppenole – disse Rym em voz baixa –, eis ele entre Coictier e Tristan. Essa é toda sua corte. Um médico para si, um carrasco para os outros.

Tateando o pulso do rei, Coictier tomava um ar mais e mais alarmado. Luís XI o olhava com certa ansiedade. Coictier se tornava mais sombrio à vista dos olhos. O coitado não tinha outra fonte senão a saúde fraca do rei. Explorava-a o quanto podia.

– Oh! Oh! – murmurou, enfim. – É, de fato, grave.

– É mesmo? – disse o rei, preocupado.

– *Pulsus creber, anbelans, crepitans, irregularis* ¹³ – continuou o médico.

– Por Deus!

– Antes de três dias, isso pode levar um homem.

– Nossa Senhora! – exclamou o rei. – E o remédio, compadre?

– Cuido disso, majestade.

O médico fez Luís XI mostrar a língua, meneou a cabeça, fez careta, e em meio a essas momices:

– Por Deus, majestade – disse subitamente –, há uma receita de regalias disponível, e eu tenho um sobrinho.

– Dou minha receita a seu sobrinho, compadre Jacques – respondeu o rei –, mas me livre desse fogo no peito.

– Como Vossa Majestade é tão clemente – retomou o médico –, não recusará me ajudar um pouco na construção de minha casa, na rua Saint-André-des-Arcs.

– Hum! – disse o rei.

– Estou no fim de minhas finanças – prosseguiu o doutor –, e seria uma grande pena que a casa não tivesse teto. Não pela casa, que é simples e toda burguesa, mas pelas pinturas de Jehan Fourbault, com que decoraram os lambris. Há uma Diana que voa no ar, tão excelente, tão terna, tão delicada, com uma atitude tão inocente, a cabeça bem coberta e coroada com um crescente, a carne tão clara, que desperta a tentação daqueles que a olham com muita curiosidade. Há também uma Ceres. É ainda uma mui bela divindade. Está sentada sobre ramos de trigo e coberta com uma guirlanda elegante de espigas entrelaçadas de salsifis e outras flores. Não se pode ver nada mais amoroso do que seus olhos, nem mais rotundos do que suas pernas, nem mais nobres do que sua aparência, nem melhor vestido do que sua saia. É uma das belezas

mais inocentes e mais perfeitas que um pincel já produziu.

– Carrasco! – resmungou Luís XI –, aonde o senhor quer chegar?

– Falta-me um teto sobre essas pinturas, majestade; embora seja pouca coisa, já não tenho mais dinheiro.

– Quanto custa seu teto?

– Mas... um teto de cobre adornado e dourado, duas mil libras, no máximo.

– Ah! Assassino! – gritou o rei. – Ele não me arranca um dente que não seja um diamante.

– Terei meu teto? – perguntou Coictier.

– Sim! Vá ao diabo, mas me cure.

Jacques Coictier se curvou profundamente e disse:

– Majestade, um unguento é que irá salvá-lo. Nós lhe aplicaremos, sobre os rins, o grande defensivo, composto com bolo de Arménie, clara de ovo, óleo e vinagre. Continuará com sua tisana, garantimos a Vossa Majestade.

Uma candeia que brilha não atrai apenas um mosquito. Mestre Olivier, vendo o rei em liberalidade e acreditando ser o momento oportuno, aproximou-se por sua vez:

– Majestade...

– O que é dessa vez? – perguntou Luís XI.

– Vossa Majestade sabe que mestre Simon Radin morreu?

– E daí?

– Ele era conselheiro do rei acerca dos fatos da Justiça do tesouro.

– E daí?

– Majestade, seu lugar está disponível.

Ao dizer isso, a figura altaneira do mestre Olivier trocou a expressão arrogante por uma expressão baixa. É a única mudança que tem uma figura de cortesão.

O rei olhou fixamente sua face e disse em tom seco:

– Eu entendo. – E retomou: – Mestre Olivier, o marechal Boucicaut dizia: “Não há dom senão de rei, não há peixe senão do mar.” Vejo que o senhor é da mesma opinião de Boucicaut. Então, ouça isto. Nós temos boa memória. Em 1468, nós o fizemos valete de quarto; em 69, guarda do castelo da ponte de Saint-Cloud a cem libras tornesas de honorários (o senhor queria as parisienses). Em novembro de 73, pelas cartas dadas a Gergeole, nós o instituímos porteiro do bosque de Vincennes, em lugar de Gilbert Acle, escudeiro; em 75, caçador da

floresta de Rouvray-lez-Saint-Cloud, em lugar de Jacques le Maire; em 78, assentamos graciosamente, pelas cartas patenteadas e seladas sobre dupla cauda de cor verde, uma renda de dez libras parisienses para o senhor e sua mulher, em lugar dos mercadores, situada à escola Saint-Germain; em 79, fizemos o senhor caçador da floresta de Senart, no lugar desse pobre Jean Daiz; em seguida, capitão do castelo de Loches; em seguida, governador de Saint-Quentin; em seguida, capitão da ponte de Meulan, o que o faz ser chamado de conde. De cada cinco soldos de multa que paga um barbeiro que raspa em dia de festa, três soldos vão para o senhor, e nós ficamos com o resto. Desejamos de bom grado trocar seu nome Le Mauvais, que se parecia muito com sua aparência. Em 74, nós lhe outorgamos, para grande desprazer de nossa nobreza, as armas de mil cores que lhes dão um peito de pavão. Por Deus! O senhor não está saciado? A pescaria já não foi suficientemente bela e miraculosa? Não receia que um salmão a mais faça virar seu barco? O orgulho há de levá-lo à perdição, meu compadre. O orgulho tem sempre em seu encaço a ruína e a vergonha. Considere isso e cale-se.

Essas palavras pronunciadas com severidade fizeram voltar a insolência à fisionomia dissimulada do mestre Olivier.

– Bom – murmurou quase alto –, vê-se que o rei está doente hoje. Ele dá tudo ao médico.

Luís XI, longe de se irritar com essa afronta, retomou com certa doçura:

– Veja, esqueci-me de que fiz o senhor embaixador em Gand, próximo à senhora Marie. Sim, senhores – acrescentou o rei, voltando-se na direção dos flamengos –, este aqui foi embaixador. Ora, meu compadre amigo – prosseguiu dirigindo-se a mestre Olivier –, não nos zanguemos, somos velhos amigos. Veja que já é tarde. Terminamos nosso trabalho. Agora, raspe-me.

Nossos leitores, sem dúvida, não esperaram até aqui para reconhecer no mestre Olivier esse *Fígaro* terrível que a providência, essa grande artífice dos dramas, misturou tão artisticamente à longa e atroz comédia de Luís XI. Não se trata aqui de pretendemos desenvolver essa figura singular. Esse barbeiro do rei tinha três nomes. Na corte, chamava-se polidamente Olivier le Daim; entre o povo, Olivier le Diable. E seu verdadeiro nome era Olivier le Mauvais.

Olivier le Mauvais, então, permaneceu imóvel, emburrado com o rei, e olhando Jacques Coictier de lado. “Sim, sim! O médico!”, dizia entre

dentes.

– Oh, sim! O médico – retomou Luís XI com uma bonomia singular –, o médico tem mais crédito ainda do que o senhor. Por uma razão muito simples. Ele cuida de todo o corpo, e o senhor só cuida do queixo. Vá, meu pobre barbeiro, isso há de ser compensado. Que diria, o senhor, então, e no que se tornaria seu cargo se eu fosse um rei como o rei Chilpéric, que tinha mania de manter a mão na barba? Vamos, meu compadre, ocupe-se com seu ofício, raspe-me. Busque o que for preciso.

Olivier, percebendo que o rei tomou partido de rir e que não havia meio de zangá-lo, saiu resmungando e obedecendo às suas ordens.

O rei se levantou, aproximou-se da janela e, abrindo-a de súbito com uma surpreendente agitação:

– Oh! Sim! – exclamou, aplaudindo. – Eis um clarão vermelho no céu da Cité. É o bailio que queima. Deve ser apenas isso. Ah! Meu bom povo! Enfim ajudam-me na queda das senhorias.

Então, voltando na direção dos flamengos:

– Senhores, venham ver isso. Não é o avermelhar de uma fogueira?

Os dois flamengos se aproximaram.

– Uma grande fogueira – disse Guillaume Rym.

– Oh! – acrescentou Coppenole, cujos olhos brilharam de repente –, isso me lembra o incêndio da casa do senhor de Hymbercourt. Há, decerto, uma grande revolta por lá.

– Acha mesmo, mestre Coppenole? – E o olhar de Luís XI estava quase tão alegre quanto o do camiseiro. – Então será difícil defender?

– Por Deus na cruz, Vossa Majestade terá de desfalcar lá embaixo muitas companhias de gente de guerra!

– Ah! Então é diferente – interrompeu o rei. – Se eu quiser...

O calceiro respondeu com ousadia:

– Se essa revolta for o que suponho, por mais que queira, Vossa Majestade!

– Compadre – disse Luís XI –, com duas companhias de minha ordenança e uma trovoadas de canhões, teremos sucesso contra qualquer malta de canalhas.

O calceiro, malgrado os sinais que lhe fazia Guillaume Rym, parecia determinado a enfrentar o rei.

– Majestade, os porteiros também já foram da canalha. O monsenhor duque de Borgonha era um grande fidalgo e desprezava a canalha. Na

Batalha de Grandson, majestade, ele gritava: “Aos canhões! Fogo contra esses vilões!” E jurava pelo santo Georges. Mas o suíço Scharnachtal investiu contra o belo duque com sua maça e seu povo; e a reluzente armada de Borgonha, ao encontrar camponeses com peles de búfalos, estilhou-se como uma vidraça ao choque de um calhau. Muitos cavaleiros foram mortos pelos bandidos; e o senhor de Château-Guyon, o maior senhor de Borgonha, foi encontrado morto com seu cavalo cinza num pequeno pântano.

– Amigo – retrucou o rei –, o senhor fala de uma batalha. Trata-se de uma rebelião. E, para acabar com isso, basta-me franzir a testa.

O outro replicou com indiferença:

– É possível. Nesse caso, é porque não chegou a hora do povo.

Guillaume Rym pensou ter de intervir.

– Mestre Coppenole, o senhor se dirige a um rei poderoso.

– Eu sei – respondeu gravemente o calceiro.

– Deixe-o falar, senhor Rym, meu amigo – disse o rei –, gosto dessa franqueza. Meu pai, Carlos VII, dizia que a verdade era doente. Por mim, creio que ela estava morta e que não encontraria nenhum confessor. Mestre Coppenole me desengana.

Então, pondo familiarmente sua mão no ombro de Coppenole:

– Então, dizia o senhor, mestre Jacques?...

– Digo que Vossa Majestade talvez tenha razão em dizer que a hora do povo ainda não chegou aqui, à sua Bastilha.

Luís XI o olhava com seu olhar penetrante.

– E quando virá essa hora, mestre?

– A majestade há de ouvi-la soar.

– Em qual relógio, por favor?

Coppenole, com sua postura tranquila e rústica, fez o rei se aproximar da janela.

– Ouça, Majestade! Há aqui um mirante, uma torre, canhões, burgueses, soldados. Quando a torre ranger, quando os canhões troarem, quando o mirante desmoronar ruidosamente, quando burgueses e soldados gritarem e se matarem uns aos outros, a hora soará.

O rosto de Luís se tornou sombrio e preocupado. Ele permaneceu por um momento silencioso; em seguida, bateu docemente a mão, como quem afaga o dorso de um cavalo de batalha, na espessa muralha do mirante.

– Ah! Que a minha boa Bastilha não caia tão facilmente!

E voltando-se, com um gesto brusco, na direção dos corajosos flamengos:

– O senhor nunca viu uma revolta, mestre Jacques?

– Já causei uma – disse o camiseiro.

– Como se faz para causar uma revolta? – perguntou o rei.

– Ah! – respondeu Coppenole –, não é difícil. Há mil maneiras. A princípio, é preciso que se esteja descontente com a cidade. Não é coisa rara. Em seguida, o caráter dos habitantes. Aqueles de Gand estão acostumados com a revolta. Amam sempre os filhos do príncipe; o príncipe, nunca. Pois bem! Certa manhã, bem me lembro, entraram em minha loja e me disseram: “Pai Coppenole, há isso, há aquilo, a senhorita de Flandres quer salvar seus ministros, o grande bailio dobrou o imposto dos legumes”, ou qualquer outra coisa. O que se quiser. Deixo o ofício, saio de meu estabelecimento, vou à rua e grito: “Ao saque!” Sempre há uma vasilha velha por lá. Subo nela e digo bem alto as primeiras palavras que trago em meu peito; quando se é do povo, majestade, há sempre algo dentro do peito. Então, faz-se a tropa, grita-se, soa o sino, armam-se as pessoas com o desarmamento dos soldados, a turma do mercado adere, e vai-se! E será sempre assim enquanto houver senhores nas senhorias, burgueses nos burgos, e camponeses no campo.

– E contra quem se revoltaram assim? – perguntou o rei. – Contra seu bailio? Contra seus senhores?

– Às vezes. Isso depende. Às vezes também contra o duque.

Luís XI voltou a se sentar e disse com um sorriso:

– Ah! Aqui ainda estão apenas contra o bailio!

Nesse instante, Olivier le Daim voltou. Seguiam-no dois pajens que traziam a toalete do rei. Mas o que chamou a atenção de Luís XI é que também vinham com ele o preboste de Paris e o cavaleiro da guarda, os quais pareciam consternados. O rancoroso barbeiro também tinha o ar consternado, mas contente por dentro. Foi ele quem tomou a palavra:

– Majestade, peço perdão pela calamitosa notícia que lhe trago.

O rei, ao voltar-se bruscamente, rasgou a esteira do soalho com os pés de sua cadeira.

– O que tem a dizer?

– Majestade – retomou Olivier le Daim com o ar malvado de alguém que se compraz em portar um golpe violento –, essa revolta popular

não é contra o bailio do palácio.

– É contra quem, então?

– Contra Vossa Majestade.

O velho rei se pôs de pé e ereto como um jovem:

– Explique-se, Olivier! Explique-se! E pense em sua cabeça, meu compadre, pois juro pela cruz de Saint-Lô que se estiver mentindo a espada que cortou o pescoço do senhor de Luxemburgo não está tão cega que não possa serrar o seu!

O sermão foi formidável. Luís XI jurou apenas duas vezes em sua vida pela cruz de Saint-Lô.

Olivier abriu a boca para responder:

– Majestade...

– De joelhos! – interrompeu com violência o rei. – Tristan vigie este homem!

Olivier se ajoelhou e disse friamente:

– Majestade, uma feiticeira foi condenada à morte pela sua corte do Parlamento. Ela está refugiada na Notre-Dame. O povo quer pegá-la de volta à força. O monsenhor preboste e o senhor cavaleiro da guarda, que chegaram de lá, estão aqui para me desmentir caso não tenha dito a verdade. É Notre-Dame que o povo sitia.

– Ah, sim! – disse o rei em voz baixa, completamente pálido e trêmulo de cólera. – Notre-Dame! Sitiam a catedral de Notre-Dame, minha boa senhora. De pé, Olivier. O senhor tem razão. Eu lhe dou o cargo de Simon Radin. O senhor tem razão. É a mim que atacam. A feiticeira está sob a salvaguarda da igreja; a igreja está sob a minha salvaguarda. E eu que acreditava tratar-se do bailio! É contra mim!

Então, rejuvenescido pelo furor, pôs-se a caminhar em grandes passos. Não ria mais, estava terrível, ia e vinha, a raposa se transformara em hiena, parecia sufocado até não poder falar, seus lábios remexiam, seus punhos descarnados se crispavam. Subitamente, levantou a cabeça, seus olhos cavos pareciam cheios de luz, e sua voz estourou como um clarão.

– Mão pesada, Tristan! Mão pesada sobre esses patifes! Vá, Tristan, meu amigo, mate! Mate!

Passada essa irrupção, voltou a se sentar e disse com uma raiva fria e concentrada:

– Aqui, Tristan! Há conosco nessa Bastilha as cinquenta lanças do visconde de Gif, o que soma trezentos cavalos, o senhor irá levá-los. Há

também a companhia dos arqueiros de nossa ordenança do senhor de Châteaupers, o senhor irá levá-los. O senhor é o preboste dos marechais, o senhor tem as pessoas de seu prebostado, o senhor irá levá-las. No Hôtel Saint-Pol, o senhor encontrará quarenta arqueiros da nova guarda do monsenhor delfim; o senhor irá levá-los; e, com tudo isso, o senhor correrá à Notre-Dame. Ah!, senhores camponeses de Paris, lancem-se assim de corpo e alma contra a coroa da França, contra a santidade da Notre-Dame e contra a paz dessa república! Extermine, Tristan! Extermine! E que só escapem aqueles que irão para Montfaucon.

Tristan se inclinou:

– Será feito, majestade!

E, após certo silêncio, acrescentou:

– E o que farei com a feiticeira?

Essa pergunta fez o rei pensar.

– Ah! – disse ele –, a feiticeira! Monsenhor de Estouteville, o que esse povo quer fazer com ela?

– Majestade – respondeu o preboste de Paris –, como o povo quer arrancá-la de seu asilo na Notre-Dame, imagino que essa impunidade o fere e que deseje pendurá-la.

O rei pareceu refletir profundamente; em seguida, dirigindo-se a Tristan l'Hermite:

– Pois bem! Meu compadre, extermine o povo e pendure a feiticeira.

– Então é assim – disse bem baixo Rym a Coppenole –, punir o povo por querer e fazer o que ele quer.

– É o que basta, Majestade – respondeu Tristan. – Se a feiticeira estiver ainda na Notre-Dame, basta tomá-la apesar do asilo?

– Por Deus, o asilo! – disse o rei, coçando a orelha. – É preciso, no entanto, que essa mulher seja pendurada.

Nesse momento, como se tomado por uma súbita ideia, ajoelhou-se diante de sua cadeira, tirou seu chapéu, pousou-o sobre o acento e, olhando devotamente um dos amuletos de chumbo que o ornamentava:

– Oh! – disse ele de mãos juntas. – Notre-Dame de Paris, minha graciosa patrona, perdoe-me. Farei somente desta vez. É preciso punir essa criminosa. Asseguro-lhe, senhora Virgem, minha boa madrinha, que é uma feiticeira que não é digna de sua amável proteção. Sabe a senhora que muitos príncipes tão piedosos ultrapassaram esse privilégio das igrejas pela glória de Deus e necessidade do Estado. Santo Hugo,

bispo da Inglaterra, permitiu que o rei Eduardo protegesse um mágico em sua igreja. São Luís da França, meu mestre, transgrediu pelo mesmo motivo a igreja de São Paulo; e o monsenhor Alphonse, filho do rei de Jerusalém, a própria igreja do Santo Sepulcro. Perdoe-me, então, por essa vez, Notre-Dame de Paris. Não farei mais e darei à senhora uma bela estátua de prata, parecida com aquela que dei ano passado à Notre-Dame d'Écouys. Assim seja.

Fez o sinal da cruz, levantou-se, pôs de novo o chapéu e disse a Tristan:

– Faça a diligência, meu compadre. Leve consigo o senhor de Châteaupers. O senhor fará soar o alarme. O senhor esmagará a população. O senhor pegará a feiticeira. Está dito. Cuide para que a execução seja feita pelo senhor mesmo. O senhor me dará conta dela. Vamos, Olivier, não vou me deitar esta noite. Raspe-me a barba.

Tristan l'Hermite reverenciou e saiu. Então o rei, mandando embora com um gesto Rym e Coppenole:

– Que Deus guarde os senhores, meus bons amigos flamengos. Vão repousar um pouco. A madrugada avança e estamos mais perto da manhã do que da noite.

Os dois se retiraram. Enquanto se encaminhavam para seus aposentos sob a condução do capitão da Bastilha, Coppenole disse a Guillaume Rym:

– Hum! Já estava farto desse rei que tosse! Eu vi Carlos de Borgonha bêbado, ele era menos malvado do que Luís XI doente.

– Mestre Jacques – respondeu Rym –, é que o vinho dos reis é menos cruel do que a tisana.

VI. PEQUENA ESPADA EM PROTESTO

Saindo da Bastilha, Gringoire desceu a rua Saint-Antoine com a rapidez de um cavalo que está fugindo. Chegando à porta Baudoyer, caminhou reto até a cruz de pedra que se fez no meio dessa praça, como se pudesse distinguir na escuridão a figura de um homem vestido e encapuzado de negro, que estava sentado sobre os marcos da cruz.

– É o senhor, mestre? – perguntou Gringoire.

O personagem de negro se levantou.

– Morte e paixão! O senhor me faz ferver, Gringoire. O homem que

está sobre a torre de Saint-Gervais acaba de gritar que é uma e meia da madrugada.

– Oh! – retorquiu Gringoire –, não foi culpa minha, mas da polícia do rei. Acabo de escapar por um triz. Sempre estou prestes a ser pendurado. É minha predestinação.

– O senhor está sempre prestes – disse o outro. – Mas vamos rápido. O senhor tem a senha?

– Imagine o senhor, mestre, que vi o rei. Acabo de vê-lo. Ele tem calças de fustão. Foi uma aventura.

– Oh! Dossel de palavras! Que me importam as aventuras? O senhor tem a senha dos vagabundos?

– Tenho. Fique tranquilo. É “pequena espada em protesto”.

– Pois bem. Caso contrário, não poderíamos atravessar até a igreja. Os vagabundos barram as ruas. Felizmente, parece que encontraram resistência. Talvez a gente chegue ainda a tempo.

– Sim, mestre. Mas como entraremos na Notre-Dame?

– Tenho a chave das torres.

– E como sairemos de lá?

– Há uma pequena porta atrás do claustro que dá para o Terrain e, de lá, iremos pela água. Trago a chave dessa porta comigo, e nesta manhã amarrei lá um barco.

– Safei-me felizmente de ser pendurado! – retomou Gringoire.

– Rápido! Vamos! – disse o outro.

Os dois desceram a passos largos na direção da Cité.

VII. CHÂTEAUPERS EM SOCORRO!

Talvez o leitor se recorde da situação crítica em que deixamos Quasímodo. O bravo surdo, assaltado por todos os lados, perdera, senão sua coragem, ao menos a esperança de salvar, não a si, ele não se preocupava consigo, mas a cigana. Corria desesperado sobre a galeria. Notre-Dame fora tomada pelos vagabundos. De repente, um grande galope de cavalos encheu as ruas vizinhas, e uma longa fila de tochas e uma espessa coluna de cavaleiros portando lanças e rédeas, fazendo barulhos furiosos, desembocaram na praça como um furacão:

– França! França! Fora daqui, patifes! Châteaupers em socorro! Prebostado! Prebostado!

Os vagabundos, estarecidos, deram meia-volta.

Quasímodo, que não escutava, viu espadas nuas, flâmulas, os ferros das lanças, toda essa cavalaria, na liderança da qual reconheceu o capitão Phoebus, viu a confusão dos vagabundos, o espanto de alguns, a perturbação dos melhores, e recobrou com esse inesperado socorro tanta força que lançou para fora da igreja os primeiros assaltantes que já montavam à galeria.

Eram as tropas do rei.

Os vagabundos resistiram bravamente. Defenderam-se como desesperados. Tomados pelos flancos pela rua Saint-Pierre-aux-Boeufs e atrás pela rua do Parvis, acudados na Notre-Dame, que ainda assaltavam e que era defendida por Quasímodo, ao mesmo tempo sitantes e sitiados, estavam na situação singular em que se encontrou depois, no famoso cerco de Turim, em 1640, entre o príncipe Thomas de Savoie, que o sitiava, e o marquês de Leganez, que o bloqueava, o conde Henri d'Harcourt, *Taurinum obsessor idem et obsessus* 14, como diz seu epitáfio.

O combate foi horrível. Carne de lobo em dentes de cães, como diz P. Mathieu. Os cavaleiros do rei, entre os quais Phoebus de Châteaupers, comportavam-se corajosamente, não faziam nenhuma trégua, e a espada abatia o que à lança escapasse. Os vagabundos, mal armados, espumavam e mordiam. Homens, mulheres, crianças, lançavam-se às garupas e aos pescoços dos cavalos e os agarravam como gatos, com dentes e unhas nas quatro patas. Outros obstruíam a golpes de tochas o rosto dos arqueiros. Outros picavam com ganchos de ferro o pescoço dos cavaleiros e os puxavam. E retalhavam os que caíam.

Era de notar um que trazia uma larga foice luzente e que ceifava havia muito as pernas dos cavalos. Era terrível. Cantava uma canção fanhosa, e lançava sem cessar, e reconduzia sua foice. A cada golpe, traçava ao seu redor um grande círculo de membros cortados. Avançava assim até o mais denso da cavalaria, com uma tranquila lentidão, o menear de cabeça e a respiração regular de um ceifeiro que destrói um campo de trigo. Era Clopin Trouillefou. Uma arcabuzada o abateu.

Então, as encruzilhadas foram reabertas. Os vizinhos ouviam os gritos de guerra dos soldados do rei, estavam tomados pelo acontecimento, e toda espécie de bala choveu sobre os vagabundos. O Parvis estava cheio da fumaça espessa que a mosquetaria riscava com fogos.

Distinguiu-se confusamente a fachada da Notre-Dame e o decrépito Hôtel-Dieu, alguns macilentos doentes olhavam do alto de seu telhado escamado de lucernas.

Enfim, os vagabundos cederam. A fadiga, a falta de boas armas, o pavor dessa surpresa, a mosquetaria das janelas, o forte ataque dos soldados do rei, tudo os abateu. Furaram a linha dos agressores e fugiram em todas as direções, deixando sobre o Parvis um atravancar de mortos.

Quando Quasímodo, que em nenhum momento deixou o combate, viu essa derrota, caiu de joelhos e levantou as mãos para o céu; em seguida, ébrio de alegria, correu, subiu com a rapidez de um pássaro àquela célula que tão intrepidamente defendera dos ataques. Seu único pensamento agora era se ajoelhar diante daquela que acabara de salvar pela segunda vez.

Assim que entrou na célula, encontrou-a vazia.

-
1. Do corte das pedras. [N.T.] ↔ □
 2. É que alimento, bebida, sono, Vênus, todas as coisas sejam moderadas. [N.T.] ↔ □
 3. Casamento visto de fora. [N.T.] ↔ □
 4. Ceda à doutrina dos doutos e à disciplina dos discípulos. [N.T.] ↔ □
 5. Populoso frenesi de um povo frenético! [N.T.] ↔ □
 6. Que belos cânticos, que belos instrumentos, que belos cantos/ se cantam aqui sem fim!/ Ressoam, doces como o mel, os instrumentos dos hinos,/ as mais harmoniosas melodias dos anjos,/ os maravilhosos cânticos dos cânticos. (Segundo Santo Agostinho) [N.T.] ↔ □
 7. Nem a todo infeliz foi dado ter nariz. [N.T.] ↔ □
 8. O vinho e a embriaguez tumultuosas são coisas luxuriantes. [N.T.] ↔ □
 9. O vinho apostasia até mesmo os sábios. [N.T.] ↔ □
 10. *Coupe-Gueule*: Corta-Goela; *Coupe-Gorge*: Corta-Garganta. [N.T.] ↔ □
 11. *Dekhembolos*; que possui dez esporas. [N.T.] ↔ □
 12. Sem pajem nem copeiro. [N.T.] ↔ □
 13. Pulso agitado, sufocante, ruidoso, irregular. [N.T.] ↔ □
 14. De Turim, ao mesmo tempo sitiador e sitiado. [N.T.] ↔ □

LIVRO UNDÉCIMO

I. O SAPATINHO

No momento em que os vagabundos assaltavam a igreja, La Esmeralda dormia.

Logo, o rumor sempre crescente em volta do prédio e o berrar inquieto de sua cabra, que acordara antes dela, roubaram-lhe o sono. Ela se ergueu da cama, havia escutado, olhado; em seguida, espantada com o clarão e o barulho, saiu de sua célula e foi ver o que acontecia. O aspecto da praça, a visão que nela se agitava, a desordem desse assalto noturno, essa turba hedionda entrevista nas trevas, aos pulos como nuvem de rãs, o coaxar dessa rouca multidão, essas poucas tochas vermelhas a cruzar sobre essa sombra como fogos-fátuos que riscam a superfície brumosa dos pântanos, toda essa cena lhe pareceu uma misteriosa batalha travada entre o fantasma do Sabá e os monstros de pedra da igreja. Imbuída desde a infância das superstições da tribo boêmia, seu primeiro pensamento foi que houvesse surpreendido em malefício os estranhos seres da noite. Então, correu, apavorada, e se escondeu em sua célula, pedindo a seu catre um pesadelo menos horrível.

Pouco a pouco, no entanto, as primeiras fumaças de medo se dissiparam; com o barulho cada vez maior e vários outros sinais da realidade, sentiu-se ameaçada, não por espectros, mas por seres humanos. Então, seu pavor, sem mais crescer, transformou-se. Preocupou-se com a possibilidade de um motim popular para arrancá-la de seu asilo. Veio-lhe de novo a ideia de perder a vida, a esperança, Phoebus, que ela entrevia sempre em seu futuro; o profundo vazio de sua fraqueza, toda fuga interdita, nenhum apoio, seu abandono, seu isolamento, esses pensamentos e mil outros a oprimiram. Estava caída de joelhos, a cabeça sobre o leito, mãos juntas sobre a cabeça, plena de ansiedade e temor e, ainda que fosse cigana, idólatra e pagã, pediu em gemidos as graças do Deus cristão e rezou à Nossa Senhora, sua hospedeira. Isso porque, creiamos ou não, há momentos na vida em que somos da religião do primeiro templo ao alcance da mão.

Permaneceu assim prosternada longo tempo, tremendo, a bem dizer,

mais do que rezava, enregelada pelo sopro cada vez mais próximo dessa multidão furiosa, sem compreender nada desse ataque, ignorando o que se tramava, o que se fazia, o que se queria, mas pressentindo um desfecho terrível.

Eis que, em meio a essa angústia, escutou passos. Afastou-se. Dois homens, um dos quais portava uma lanterna, acabavam de entrar em sua célula. Ela gritou fracamente.

– Não tenha medo – disse uma voz que não lhe era desconhecida –, sou eu.

– Quem? O senhor? – perguntou ela.

– Pierre Gringoire.

Esse nome lhe deu confiança. Levantou seus olhos e reconheceu o poeta. Mas havia perto dele uma figura de negro e velada da cabeça aos pés que a tirou de seu silêncio.

– Ah! – retomou Gringoire em tom de censura. – Djali me reconheceu antes que a senhora.

A pequena cabra, de fato, não esperou que Gringoire dissesse seu nome. Tão logo ele entrara, pusera-se ternamente a seus joelhos, cobrindo o poeta de carícias e de pelos brancos, pois estava em muda. Gringoire lhe retribuía as carícias.

– Quem está com o senhor? – perguntou a cigana em voz baixa.

– Fique tranquila – respondeu Gringoire. – É um de meus amigos.

Então, o filósofo, pousando a lanterna no chão, agachou-se sobre a laje e exclamou com entusiasmo, tomando Djali nos braços:

– Oh! É um gracioso animal, sem dúvida mais apreciável por suas características do que por sua grandeza, tão engenhosa, sutil e letrada quanto um gramático! Vejamos, minha Djali, não esqueceu seus lindos truques? Que tal imitar o mestre Jacques Charmolue?...

O homem de negro não o deixou terminar. Aproximou-se de Gringoire e o empurrou rudemente pelas costas. Gringoire se levantou.

– É verdade – disse ele –, esqueci que estamos com pressa. Nem por isso se deve, meu mestre, empurrar as pessoas dessa forma. Minha querida bela jovem, sua vida está em perigo, e também a de Djali. Querem resgatá-las. Somos seus amigos e viemos salvá-las. Siga-nos.

– É verdade! – exclamou, transtornada.

– Sim, é verdade. Venha logo!

– É o que quero – balbuciou ela. – Mas por que seu amigo não diz nada?

– Ah! – disse Gringoire –, é porque seus pais eram pessoas fantasiosas, que lhe fizeram um temperamento taciturno.

Ela teve de se contentar com tal explicação. Gringoire a pegou pela mão, e seu companheiro apanhou de volta a lanterna e seguiu na frente. O pavor aturdiu a jovem. Deixava-se levar. A cabra os seguia saltando tanto, alegre por rever Gringoire, que ela o fazia tropeçar a todo momento por lhe afagar as pernas.

– Eis o que é a vida – dizia o filósofo a cada vez que tropeçava –, muitas vezes são os nossos melhores amigos que nos fazem cair!

Desceram rapidamente a escadaria das torres, atravessaram a igreja, cheia de trevas, solidão e todo ressoar da algazarra, o que fazia um horrendo contraste, e saíram no pátio do claustro pela Porte-Rouge. O claustro estava abandonado. Os monges fugiram para o episcopado a fim de rezarem ali juntos. O pátio estava vazio, alguns laicos amedrontados escondiam-se em cantos escuros. Os quatro se dirigiram à pequena porta que dava para o Terrain. O homem de negro a abriu com uma chave. Nosso leitor sabe que o Terrain era uma língua de terra cercada por paredes do lado da Cité, tal como descrito no capítulo da Notre-Dame, que tinha outro termo nessa parte da ilha, no oriente por trás da igreja. O lugar estava deserto. Ali, havia menos tumulto pelos ares. O rumor do assalto dos vagabundos chegava-lhes menos nítido e gritante. O vento fresco que segue o fio da água remexia as folhas da única árvore plantada no extremo do Terrain, com um rumor considerável. No entanto, ainda estavam muito perto do perigo. Os prédios mais próximos deles eram o episcopado e a igreja. Havia uma grande desordem interior no episcopado. Sua massa tenebrosa estava toda sulcada de luzes que lhe corriam de uma janela a outra; era como, ao se queimar, um sombrio edifício de cinzas, no qual vivas faíscas fazem mil trajetos bizarros. Ao lado, as enormes torres da Notre-Dame, vistas assim por trás, com a longa nave sobre a qual elas se erguem, recortadas em negro sobre o vermelho e vasto do clarão que tomava o Parvis, pareciam duas forjas gigantescas de um fogo de ciclopes.

O que se via de Paris, por todos os lados, oscilava aos olhos na sombra misturada à luz. Rembrandt tem desses cenários pintados.

O homem com a lanterna caminhava direto ao extremo do Terrain. Havia ali, à margem extrema da água, um pedaço roído de cerca feita de ripas em que a baixa videira agarrava galhos magros, estendidos como os dedos de uma mão aberta. Atrás, na sombra que fazia esse

emaranhado, escondia-se um pequeno barco. O homem fez sinal para que Gringoire e sua companheira entrassem. A cabra os seguiu. O homem embarcou por último. Em seguida, cortou as amarras do barco, distanciou-o da terra com um longo gancho e, empunhando dois remos, sentou-se na frente, remando com todas as suas forças na direção do largo. O Sena é muito rápido nessa região, e ele teve muita dificuldade de se afastar do extremo da ilha.

O primeiro cuidado de Gringoire ao entrar no barco foi o de pôr a cabra sobre seus joelhos. Sentou-se atrás e a jovem, a quem o desconhecido inspirava uma indefinível inquietude, veio se sentar e se acercar do poeta.

Quando nosso filósofo sentiu o barco balançar, bateu as mãos e beijou Djali entre os chifres.

– Ah! – disse –, nós quatro nos salvamos. – E acrescentou com um ar de grave pensador: – Deve-se por vezes à fortuna, por vezes à astúcia, o feliz desfecho de algumas iniciativas.

O barco vagava lentamente na direção da margem direita. A jovem observava o desconhecido com um terror secreto. Ele colocara com muito cuidado a luz de sua lanterna de furta-fogo. Era apenas entrevisto na escuridão, na frente do barco, como um espectro. Seu capuz, sempre à cabeça, era-lhe uma espécie de máscara, e seus braços, a cada vez que os entreabria, dos quais pendiam largas mangas negras, pareciam duas grandes asas de morcego. De resto, ainda não dissera uma palavra. Só se ouvia no barco o ruído do vaivém dos remos misturados ao amarrotar de mil dobras da água ao longo da embarcação.

– Por minha alma! – exclamou de repente Gringoire –, vamos ficar alegres e brincalhões como os ascálfos! Seguimos num silêncio de pitagóricos ou de peixes! Por Deus, meus amigos, gostaria que alguém falasse comigo. A voz humana é uma música ao ouvido humano. Não sou eu quem diz isso, mas Didyme de Alexandria. E são ilustres palavras. Didyme de Alexandria decerto não é um filósofo medíocre. Uma palavra, minha bela jovem! Diga, rogo-lhe, uma palavra. A propósito, você fazia uma careta; ainda a faz? Sabe a minha amiga que o Parlamento tem plena jurisdição sobre os lugares de asilo e que a senhorita corria grande perigo em seu recanto em Notre-Dame? Infelizmente, o pequeno pássaro trochilus faz seu ninho na boca do crocodilo. Mestre, veja, a lua reaparece. Tomara que não nos vejamos! Fazemos uma coisa louvável salvando a senhorita; porém, se nos

pegarem, seremos pendurados em nome do rei. Infelizmente, as ações humanas são tomadas por duas alças. Criticam em mim o que é louvado em outro. Quem admira Cesar, calunia Catilina. Não é mesmo, meu mestre? Que diz o senhor dessa filosofia? Quanto mim, possuo a filosofia como instinto, como natureza, *ut apes geometriam*.¹ Vamos! Ninguém me responde. Que mau humor o de vocês dois! Vou ter de falar sozinho. Na tragédia, chamamos isso de monólogo. Por Deus! Asseguro-lhes que estive com o rei Luís XI, que me contagiou com essa imprecação. Então, por Deus!, fazem mesmo uma verdadeira gritaria na Cité. Trata-se de um velho e malvado rei. Sempre carrancudo em seus casacos de pele. Ainda me deve pelo meu epitalâmio. E por pouco não me pendurou nesta noite, o que me seria um forte empecilho. É avarento com os homens de mérito. Deveria ler os quatro livros de Salvien de Cologne, *Adversus avaritiam*. De verdade! Trata-se de um rei estreito em seus modos com as pessoas de letras e que pratica bárbaras crueldades. É uma esponja quando é para tomar o dinheiro do povo. Sua economia é o tumor que se alimenta da magreza dos outros membros. Assim, as queixas com o rigor do tempo tornam-se murmúrios contra o príncipe. Sob essa doce majestade devota, as forcas rangem de tantos pendurados, os pelourinhos apodrecem de tanto sangue, a prisões rebentam como barrigas empanturradas. Ele tem uma mão para pegar e a outra para pendurar. É o procurador da senhora gabela e do monsenhor cadafalso. Os grandes são despojados de suas dignidades; e os pequenos, arruinados sem cessar por novos impostos. É um príncipe exorbitante. Não gosto desse monarca. E o senhor, meu mestre?

O homem de negro deixava o poeta tagarela glosar. Continuava a lutar contra a corrente violenta e serrada que separa a proa da Cité da popa da ilha de Notre-Dame, que chamamos hoje de ilha Saint-Louis.

– A propósito, mestre! – retomou Gringoire. – No momento em que chegávamos ao Parvis através desses raivosos vagabundos, sua reverendíssima percebeu aquele pobre e pequeno diabo ao qual seu surdo estava prestes a esmagar o crânio sobre a balaustrada da galeria dos reis? Minha vista estava baça e não pude reconhecê-lo. Sabe o senhor quem poderia ser?

O desconhecido não respondeu. Porém, parou de remar na mesma hora, seus braços desfaleceram como se quebrados, sua cabeça tombou sobre seu peito, e La Esmeralda o ouviu suspirar convulsivamente. Ela

tremia; já ouvira esses suspiros antes.

O barco, abandonado ao próprio movimento, ficou à deriva por alguns instantes, levando-se pelas ondas. Mas o homem de negro enfim se endireitou, retomou os remos e voltou a subir a corrente. Virou a ponta da ilha de Notre-Dame e se dirigiu na direção do cais do Port-au-Foin.

– Ah! – disse Gringoire –, vejam lá a residência Barbeau. Veja lá longe, mestre, sob o acúmulo de nuvens baixas, aquele grupo de telhados negros com ângulos singulares, fibrosos, manchados e sujos, onde a lua é esmagada e expandida como a gema de um ovo cuja casca foi quebrada. É uma bela residência. Tem uma capela coroada com uma pequena abóboda cujo enriquecimento foi bem talhado. Sobre ela, pode-se ver o campanário delicadamente aberto. Há também um jardim agradável, que consiste em um tanque, um aviário, um eco, um passeio, um labirinto, uma casa para os animais selvagens e muitas aleias frondosas e tão agradáveis a Vênus. Há ainda um tipo de árvore que se chama “luxurioso”, por ter servido aos prazeres de uma princesa famosa e de um condestável da França galante e de bela alma. Ai de mim! Nós, pobres filósofos, estamos para um condestável como uma caixa de couves está para o jardim do Louvre. Que importa isso tudo? A vida humana, tanto para os grandes como para nós, é misturada de bem e de mal. A dor está sempre ao lado da alegria, o espondeu sempre perto do dátilo. Meu mestre, preciso contar a história dessa residência Barbeau. Ela termina de um modo trágico. Foi em 1319, sob o reinado de Filipe V, o mais longo dos reinados franceses. A moralidade da história é que as tentações da carne são perniciosas e malignas. Não lancemos olhos na mulher do vizinho, por mais castigados que sejam nossos sentidos com sua beleza. A fornicação é um pensamento muito libertino. O adultério é a curiosidade com a volúpia alheia... Olé! Ouçam, o barulho cresce lá longe!

O tumulto, de fato, crescia em torno da Notre-Dame. Eles escutaram. Ouviam-se, claramente, os gritos de vitória. De repente, cem flamas que faziam brilhar as armaduras dos soldados expandiram-se sobre a igreja em todas as alturas, sobre as torres, sobre as galerias, sobre os arcos. Essas flamas pareciam buscar algo; e logo esses clamores distantes chegaram até os fugitivos:

– A cigana! A feiticeira! Morte à cigana!

A infeliz deixou tombar a cabeça sobre suas mãos, e o desconhecido

pôs-se a remar com fúria até a margem. No entanto, nosso filósofo refletia. Apertava a cabra em seus braços e se distanciava lentamente da boêmia, que se estreitava mais e mais com ele, como se fosse o único asilo que lhe restasse.

Gringoire com certeza se encontrava em uma cruel perplexidade. Preocupava-se com o fato de que também a cabra, segundo a legislação existente, seria pendurada se fosse presa de novo, e isso seria uma grande perda, a pobre Djali! Que havia tantos condenados assim agarrados a ele, e que, enfim, seu companheiro só queria se encarregar da cigana. E se deu em seus pensamentos um violento combate, no qual, como o Júpiter da *Ilíada*, pesava ora a cigana, ora a cabra; e ele as olhava, uma após a outra, com os olhos úmidos de lágrimas, dizendo entre dentes: “Não posso salvar as duas.”

Um abalo os advertiu de que o barco abordava. O zum-zum sinistro se espalhava pela Cité. O desconhecido se levantou, veio até a cigana e quis lhe tomar o braço para ajudá-la a descer. Ela o empurrou e se pendurou à manga de Gringoire, que, ocupado com a cabra, quase a repeliu. Então ela saltou sozinha do barco. Estava tão perturbada que não sabia o que fazia, aonde ia. Permaneceu por um momento estupefata olhando a água correr. Quando voltou um pouco a si mesma, estava sozinha no porto com o desconhecido. Ao que parece, Gringoire aproveitara o instante do desembarque para se esquivar com a cabra no quarteirão de casas da rua Grenier-sur-l'eau.

A pobre cigana se arrepiou ao se ver só com esse homem. Quis falar, gritar, chamar Gringoire, sua língua estava inerte em sua boca, e som algum saiu de seus lábios. De repente, sentiu a mão do desconhecido sobre a sua. Eram mãos frias e firmes. Seus dentes bateram, tornou-se mais pálida do que o raio da lua que a iluminava. O homem não disse nada. E se pôs a subir em grandes passos na direção da praça de Grève, levando-a pela mão. Nesse instante, ela sentiu vagamente que o destino era uma força irresistível. Não tinha mais recursos, deixou-se levar, correndo enquanto ele caminhava. O cais nessa região era uma subida. Parecia-lhe, no entanto, que ela descia uma encosta.

Olhava para todos os lados. Ninguém. O cais estava deserto. Não ouvia sequer um ruído, sentia apenas o ir e vir dos homens na cidade tumultuosa e avermelhada, de que ela estava separada apenas pelo braço do Sena e de onde seu nome lhe chegava misturado aos gritos de morte. O resto de Paris se espalhava ao seu redor em grandes zonas de

sombra.

No entanto, o desconhecido a levava sempre com o mesmo silêncio e a mesma rapidez. Ela não encontrava em sua memória nenhum dos lugares por onde caminhava. Passando por uma janela iluminada, fez um esforço, tomou fôlego; e, em seguida, gritou:

– Socorro!

Um burguês abriu a janela e apareceu de camisola com sua lâmpada; olhou pelo cais com um ar idiota, pronunciou algumas palavras que ela não entendeu e voltou a fechar a porta. Era o último clarão de esperança que se apagava.

O homem de negro não proferiu sequer uma sílaba, segurava-a firmemente e caminhava mais rápido. Quebrada, ela não resistiu mais e o seguiu.

Por vezes, ela recobrava um pouco de força e dizia, com voz entrecortada pelos solavancos da calçada e pelo ofegar da corrida:

– Quem é o senhor? Quem é o senhor?

Ele nada respondia.

Caminhando dessa forma e sempre ao longo do cais, chegaram a uma praça enorme. Havia um clarão de luar. Era a Grève. Distingua-se no meio uma espécie de cruz negra de pé. Era o cadafalso. Ela reconheceu tudo isso e viu onde estava.

O homem parou, voltou-se para ela e levantou seu capuz.

– Oh! – balbuciou ela, petrificada –, eu bem sabia que era ele de novo!

Era o padre. Parecia o próprio fantasma. Era um efeito do luar. Sob essa luz, é como se víssemos apenas o espectro das coisas.

– Escute – disse ele, e ela tremeu ao som dessa voz funesta que havia muito tempo não ouvia.

Ele continuou e pronunciava com intervalos breves e ofegantes que revelavam, por seus rompantes profundos, conflitos interiores.

– Escute. Estamos aqui. Vou lhe falar. Aqui está a Grève. Aqui é um lugar extremo. O destino nos entrega um ao outro. Vou decidir sobre sua vida. E você, sobre sua alma. Não se vê mais nada além da praça e da noite. Escute. Vou lhe dizer... Para começar, não me fale de seu Phoebus. – E dizia isso indo e vindo, como um homem que não pode ficar parado, e a arrastava consigo. – Não me fale dele. Veja, se pronunciar esse nome, não sei o que farei, mas será terrível.

Depois de dizer isso, como um corpo que recobra seu centro de

gravidade, voltou a ficar imóvel, mas suas palavras revelavam igual agitação. Sua voz se tornava cada vez mais baixa.

– Não desvie assim a cabeça. Escute. É um caso sério. Primeiro, eis o que aconteceu. Não se há de rir de tudo isso, eu juro. O que eu dizia então? Lembre-me! Ah! Uma sentença do Parlamento a condena ao cadafalso. Acabo de livrá-la disso, mas a perseguem. Olhe.

Estendeu os braços na direção da Cité. As buscas pareciam continuar. Os rumores se aproximavam. Havia muito barulho e clarões na torre da casa do Lieutenant, situada em frente à Grève, e no cais oposto soldados corriam com tochas, gritando:

– A cigana! Onde está a cigana? Morte! Morte!

– Bem vê que a perseguem e que não estou mentindo. Eu a amo. Não abra a boca, sobretudo se for só para me dizer que me odeia. Estou decidido a não ouvir mais isso. Acabo de salvá-la. Deixe-me terminar. Posso perfeitamente salvá-la. Tenho tudo preparado. Basta que queira. Se desejar, conseguirei.

Ele interrompeu violentamente.

– Não, não é isso que é preciso dizer.

E, correndo e fazendo-a correr, pois não a largava, caminhou direto ao cadafalso e lhe mostrou com o dedo:

– Escolha entre nós dois – disse ele com frieza.

Ela saiu de suas mãos e caiu ao pé do cadafalso, abraçando-se a esse apoio fúnebre. Em seguida, voltou sua bela cabeça para trás e olhou o padre por cima dos ombros. Parecia uma santa virgem aos pés da cruz. O padre permanecia imóvel, o dedo sempre voltado para o cadafalso, conservando seu gesto como uma estátua.

Enfim, a cigana lhe disse:

– Isso me causa ainda menos horror do que o senhor.

Então, ele deixou seu braço cair lentamente e olhou o chão com profunda prostração.

– Se essas pedras pudessem falar – murmurou ele –, sim, elas diriam que estavam diante de um homem muito infeliz.

Voltou a falar com ela. A jovem, ajoelhada diante do cadafalso e imersa em sua longa cabeleira, deixava-o falar sem interrompê-lo. Ele tinha agora um tom lamentoso e doce, que contrastava dolorosamente com a aspereza arrogante de seus traços.

– Eu amo a senhorita. Oh! Essa é toda a verdade. Nada existe além dessa fogueira que me queima o coração! Ai de mim! Jovem, noite e

dia, sim, noite e dia, eu lhe digo, é uma tortura. Oh! Sofro muito, minha pobre menina! É uma coisa digna de compaixão, eu lhe asseguro. Veja que lhe falo com doçura. Como eu gostaria que a senhorita não tivesse esse horror que tem de mim. Enfim, um homem que ama uma mulher não tem culpa! Oh! Meu Deus! Como! Jamais há de me perdoar? Há de me odiar para sempre! Tudo então está acabado! É o que me torna malvado, veja, e horrível a mim mesmo! A senhorita nem sequer me olha! Talvez pense em outra coisa enquanto eu lhe falo, de pé e tremendo, sobre o limite de nossa eternidade! Sobretudo, não me fale do oficial! Como! Hei de me lançar a seus joelhos, sim! Hei de beijar, não seus pés, a senhorita não quer, mas a terra que está sob seus pés, sim! Hei de gemer como uma criança, hei de arrancar de meu peito, não palavras, mas meu coração e minhas entranhas para lhe dizer que a amo, e tudo será inútil, tudo! E, no entanto, a senhorita tem na alma apenas ternura e clemência, a senhorita é radiante da mais bela doçura, toda suave, boa, misericordiosa e encantadora. Ai de mim! A senhorita não tem maldade a não ser por mim! Oh! Que fatalidade!

Ele escondeu sua face com as mãos. A jovem o ouviu chorar. Era a primeira vez. Assim, de pé e sacudido de soluços, ele se encontrava mais miserável e mais suplicante do que de joelhos. Chorou assim por um certo tempo.

– Vamos! – prosseguiu ele logo após as primeiras lágrimas –, não encontro palavras. Cuidei, no entanto, de tudo o que eu diria. Agora tremo e me arrepio, falho no instante decisivo, sinto que algo de supremo nos envolve e balbucio. Oh! Cairei no chão da calçada se a senhorita não tiver piedade de mim, piedade de si. Não nos condene. Se a senhorita soubesse o quanto a amo! Que coração é o meu! Oh! Que deserção de toda virtude! Que abandono desesperado de mim mesmo! Doutor, ultrajo a ciência; fidalgo, mancho meu nome; padre, faço do missal um travesseiro de luxúria, cuspo na face de meu Deus! Tudo isso pela encantadora senhorita! Por ser mais digno de seu inferno! E a senhorita não deseja este condenado! Oh! Eu lhe digo tudo! Mais ainda, algo mais horrível, oh!, mais horrível!...

Pronunciando essas últimas palavras, sua aparência se tornou desvairada. Calou-se por um instante e retomou com voz firme, como se falando a si mesmo:

– Caim, o que fez a seu irmão?

Fez uma pausa e prosseguiu:

– O que fiz, Senhor? Eu O recolhi, eu O levei, eu O alimentei, eu O amei, eu O idolatrei e eu O matei! Sim, Senhor, eis que acabo de Lhe esmagar a cabeça sob a pedra de Sua casa, e por minha causa, por causa dessa mulher, por causa dela...

Seu olhar estava desvairado. Sua voz começava se extinguir, ele repetia ainda várias vezes, mecanicamente, com muitos e longos intervalos, como um sino que prolonga sua última vibração:

– Por causa dela... Por causa dela...

Em seguida, sua língua não articulou mais nenhum som perceptível, seu lábios, no entanto, sempre se mexiam. De repente, vergou-se sobre si mesmo, como se algo o pesasse, e permaneceu no chão, sem movimento, a cabeça nos joelhos.

Um leve toque da jovem que retirava seu pé debaixo dele o fez voltar a si. Passou lentamente sua mão sobre suas faces cavas e olhou, por um instante, com estupor, para seus dedos que estavam úmidos.

– Como! – murmurou –, eu chorei?

E, voltando-se subitamente para a cigana com uma angústia inexprimível:

– Ai de mim! A senhorita me viu, friamente, chorar! Menina, não sabe que essas lágrimas são lavas? Não é, então, verdade? Um homem que se odeia não comove ninguém. Riria se me visse morrer. Oh! Não desejo vê-la morrer. Uma palavra, uma palavra apenas de perdão! Não me diga que me ama, diga apenas que me aceita. Isso bastará, salvarei você. Senão... Oh! A hora passa, eu lhe peço por tudo que é sagrado, não espere que me faça de pedra como esse cadafalso que também a espera! Saiba que tenho nossos dois destinos na mão, que sou insensato, isso é terrível, que posso deixar cair tudo e que há sob nós um abismo sem fundo, desgraçada, no qual minha queda há de seguir a sua por toda eternidade! Uma palavra de bondade! Diga uma palavra! Nada além de uma palavra!

Ela abriu a boca para lhe responder. Ele se lançou de joelhos diante dela para recolher com adoração a palavra talvez terna que viria sair desses lábios. Ela lhe disse:

– O senhor é um assassino!

O padre a tomou em seus braços com furor e soltou um riso abominável.

– Pois bem! Assassino! – disse ele. – Mas hei de vencer. Você não me quer como escravo, há de me ter então como senhor. Hei de vencer.

Tenho uma cova para onde levá-la. Você me seguirá, terá de me seguir, ou eu a entregarei. É morrer, minha bela, ou me pertencer! Pertencer ao padre! Pertencer ao herege! Pertencer ao assassino! Desde agora, entendeu? Vamos! Alegria! Vamos! Beije-me, louca! O túmulo ou meu leito!

Seu olhar fervia de impureza e raiva. Sua boca lasciva enrubescia o pescoço da jovem. Ela se debatia em seus braços. Ele a cobria de beijos espumantes.

– Não me morda, monstro! – gritou ela. – Oh! Odioso monge infecto! Deixe-me! Vou arrancar seus feios cabelos grisalhos e lhe jogar os punhados em seu rosto!

Ele enrubesceu, ficou pálido; em seguida, deixou-a e olhou com um ar sombrio. Ela, acreditando-se vitoriosa, continuou:

– Eu já lhe disse que pertenço ao meu Phœbus, que é Phœbus quem eu amo, que é Phœbus quem é belo! Você, padre, é velho! É feio! Vá embora!

Ele soltou um grito violento, como um miserável ao qual se aplica um ferro em brasas.

– Morra, então! – disse ele através de um ranger de dentes.

Ela viu seu olhar hediondo e quis fugir. Ele a pegou de novo, sacudiu-a, jogou-a no chão e caminhou em passos rápidos na direção do ângulo da Tour-Roland, arrastando-a pelas belas mãos atrás de si sobre a calçada.

Chegando ali, voltou-se em sua direção:

– Pela última vez! Deseja pertencer a mim? Ela respondeu com firmeza:

– Não.

Ele então exclamou em voz alta:

– Gudule! Gudule! Eis aqui a cigana! Venha se vingar!

A jovem se sentiu apanhada bruscamente pelo cotovelo. Ela olhou. Era um braço descarnado que saía de um postigo na parede e que a prendia como uma mão de ferro.

– Segure firme – disse o padre –, é a cigana que fugiu. Não a deixe. Buscarei os sargentos. Há de vê-la pendurada.

Um riso gutural saído do interior da parede respondeu a essas palavras sanguinolentas.

– Rá! Rá! Rá!

A cigana viu o padre se distanciar correndo na direção da ponte

Notre-Dame. Escutava-se uma cavalgada vinda desse lado.

A jovem reconheceu a malvada reclusa. Ofegante de terror, tentou se livrar. Contorceu-se, teve vários sobressaltos de agonia e desespero, mas a outra a prendia com uma força extraordinária. Os dedos ossudos e magros que a machucavam se crispavam em sua carne até se encontrarem ao seu redor. Parecia que essa mão estava unida ao seu braço. Era mais do que uma corrente, mais do que uma algema, mais do que uma argola de ferro, era uma tenaz inteligente e viva que saía de uma parede. Esgotada, ela caiu contra a parede e, então, o temor da morte se apossou dela. Pensou na beleza da vida, na juventude, na visão do céu, nos aspectos da natureza, no amor, em Phoebus, em tudo de que fugia e em tudo que se aproximava, no padre que a denunciava, no carrasco que viria, no cadafalso que ali se encontrava. Então, sentiu o pavor subir até as raízes dos seus cabelos e ouviu o riso lúgubre da reclusa, que lhe dizia bem baixinho:

– Rá! Rá! Rá! Será pendurada!

Ela se voltou desfalecida na direção do postigo e viu a figura selvagem da penitente através das grades.

– O que fiz contra a senhora? – perguntou, quase inanimada.

A reclusa nada respondia, murmurava com uma entonação cantante, irritada e zombadora:

– Filha do Egito! Filha do Egito! Filha do Egito!

A infeliz La Esmeralda deixou cair a cabeça sob seus cabelos, compreendendo que não se encontrava diante de um ser humano.

De repente, a reclusa exclamou, como se a pergunta da cigana tivesse levado todo esse tempo para chegar ao seu pensamento:

– O que você me fez? Diga você! Ah! Eu tinha uma criança! Saiba você! Eu tinha uma criança! Uma criança, digo eu! Uma bela e pequena filha! Minha Agnès – retomou ela, desvairada e beijando algo nas trevas.

– Pois bem! Veja você, filha do Egito, tomaram minha criança, roubaram minha criança, comeram minha criança. Eis o que você me fez.

A jovem respondeu como um cordeiro:

– Ai de mim! Talvez então eu não houvesse nascido ainda!

– Oh! Sim! – interrompeu a reclusa –, você já devia ter nascido. Você já tinha, sim. Ela teria sua idade. Há quinze anos estou aqui, quinze anos que sofro, quinze anos que rogo, quinze anos que bato a cabeça nas quatro paredes. Eu lhe digo que foram os ciganos que me roubaram, está me ouvindo? E a comeram com seus dentes. Você tem

coração? Imagine uma criança que brinca, uma criança que mama, uma criança que dorme. E tão inocente! Pois bem! Foi isso, foi isso que me tomaram, que me mataram. O bom Deus bem que sabe! Hoje é a minha vez, comerei uma cigana. Oh! Como eu a morderia se essas grades não me impedissem. Tenho a cabeça muito grande! Pobre pequena! Enquanto ela dormia! E, se a despertaram ao roubá-la, ela deve ter gritado muito, e eu não estava lá! Ah! Mães ciganas, vocês comeram minha criança! Venham ver agora a sua!

Então, começou a rir e a ranger os dentes, as duas coisas eram iguais nessa furiosa figura. O dia começava a despontar. Um reflexo de cinza clareava vagamente essa cena, e o cadafalso se tornava cada vez mais visível na praça. Do outro lado, na direção da ponte Notre-Dame, a pobre condenada acreditava ouvir se aproximar o ruído da cavalaria.

– Senhora! – gritou ela, juntando as mãos e caída sobre os dois joelhos, desgrenhada e desesperada, enlouquecida de medo. – Senhora! Tenha piedade. Eles estão chegando. Eu não lhe fiz nada. A senhora quer me ver morrer dessa horrível maneira sob seus próprios olhos? Tenha piedade, estou certa de que não lhe fiz nada. É muito terrível. Deixe-me salvar. Deixe-me! Por favor! Não quero morrer assim!

– Devolva-me a criança! – disse a reclusa.

– Por favor! Por favor!

– Devolva-me a criança!

– Deixe-me, em nome do céu!

– Devolva-me a criança!

E novamente a jovem caiu, desfalecida, rompida, tendo já o olhar vítreo de alguém que está na cova.

– Ai de mim! – murmurou ela –, a senhora procura sua criança, e eu procuro meus pais.

– Devolva minha pequena Agnès! – prosseguia Gudule. – Não sabe, então, onde ela está? Então, morra! Quero lhe dizer. Eu era uma mulher da vida, tive uma criança, tomaram-me a criança. Foram as ciganas. Está vendo por que você tem de morrer. Quando sua mãe cigana vier lhe buscar, direi a ela: “Mãe, olhe no cadafalso! Ou então me devolva a criança. Sabe onde se encontra minha filhinha?” Veja o que vou lhe mostrar. Eis seu sapatinho, tudo o que me restou dela. Sabe onde está o par? Se souber, diga-me e, ainda que se encontre do outro lado do mundo, hei de buscá-lo caminhando sobre os joelhos.

Falando assim, com seu outro braço estendido fora do postigo, ela

mostrou à cigana o pequeno sapato bordado. A manhã já estava clara o suficiente para se distinguir a forma e as cores.

– Mostre-me esse sapatinho! – disse a cigana, estremeando. – Deus! Deus! – E ao mesmo tempo abriu rapidamente com a mão que tinha livre o pequeno saco ornado de miçangas verdes que trazia no pescoço.

– Vá! Vá! – resmungava Gudule –, busque seu amuleto do demônio!

De repente, ela interrompeu, tremeu com todo o corpo e gritou com uma voz que vinha da mais profunda entranha:

– Minha filha!

A cigana acabava de tirar do saquinho um sapatinho absolutamente igual ao outro. A esse sapatinho, estava amarrado um pergaminho, sobre o qual estavam estes versos:

*Quando encontrar o outro par,
Sua mãe há de encontrar.*

Mais rápido do que um raio, a reclusa confrontou os dois calçados, leu a inscrição do pergaminho e grudou seu rosto radiante de uma alegria celestial nas grades do postigo, gritando:

– Minha filha! Minha filha!

– Minha mãe! – respondeu a cigana.

Aqui, recusamos pintar.

As paredes e as grades de ferro estavam entre as duas.

– Oh! A parede! – gritou a reclusa. – Oh! Vê-la e não abraçá-la! Sua mão! Sua mão!

A jovem lhe passou o braço através do postigo, a reclusa se lançou sobre essa mão, estreitou-lhe os lábios e aí permaneceu, abismada nesse beijo, sem dar outro sinal de vida além de um gemido que, por vezes, levantava seus quadris. No entanto, ela chorava cântaros, em silêncio, na sombra, como uma chuva noturna. A pobre mãe esvaziava em ondas sobre essa mão adorada o negro e profundo poço de lágrimas que tinha dentro de si e que toda sua dor filtrara gota a gota durante quinze anos.

De repente, ela se levantou, afastou seus longos cabelos grisalhos de sua fronte e, sem dizer palavra, sacudiu com suas duas mãos as grades de sua célula mais furiosamente do que uma leoa. As grades resistiram. Então, ela foi buscar num canto de sua célula uma grande pedra que lhe servia de travesseiro e a lançou contra elas com tanta violência que

uma das grades se quebrou, lançando mil centelhas. Um segundo golpe derrubou a velha cruz de ferro que trancava o postigo. E com as duas mãos ela acabou de romper e afastar os pedaços enferrujados das grades. Há momentos em que as mãos de uma mulher têm uma força sobre-humana.

Depois de aberta a passagem, e bastou menos de um minuto para isso, apanhou sua filha pelo meio do corpo e a arrastou para sua célula.

– Venha! Eu a pescarei de volta do abismo! – murmurou a mãe.

Quando sua filha estava dentro da célula, ela a pôs docemente no chão; em seguida, retomou-a e, portando-a em seus braços como se fosse sempre sua pequena Agnès, ia e vinha na estreita célula, dizendo-lhe, gargalhando, afundando-se com arrebatamento em lágrimas, tudo ao mesmo tempo.

– Minha filha! Minha filha! Eu tenho minha filha! Ei-la. O bom Deus me devolveu. Ei, senhorita! Venham todos! Há alguém aqui que está vendo que eu tenho minha filha? Senhor Jesus, como ela é bela! O Senhor me fez esperar quinze anos, meu bom Deus, mas foi para torná-la mais bela. As ciganas não a comeram então! Quem disse isso? Minha pequena filha! Minha pequena filha! Beije-me. As boas ciganas! Eu amo as ciganas. É você, de fato. É por isso então que meu coração saltava cada vez que você passava. Eu achava que era raiva! Perdoe-me, minha Agnès, perdoe-me. Você me achou muito má, não é? Eu a amo. Agora tanto faz que outras mães tenham filhos, agora escarneço delas. Elas que venham. Eis aqui a minha. Eis aqui seu pescoço, seus olhos, seus cabelos, suas mãos. Encontrem algo tão belo quanto isso! Oh! Eu responderei que ela decerto terá apaixonados! Chorei quinze anos. Toda a minha beleza se foi e ela voltou. Beije-me!

Ela lhe dirigia mil outros discursos extravagantes, cujo tom fazia toda beleza, desarranjava as vestes da pobre filha até fazê-la enrubescer, alisava com a mão sua cabeleira de seda, beijava-lhe o pé, o joelho, a fronte, os olhos, extasiava-se por inteira. A jovem se entregava, repetindo, em intervalos, bem baixo e com uma doçura infinita:

– Minha mãe!

– Veja, minha pequena filha – retomou a reclusa, entrecortando todas as suas palavras com beijos –, veja, eu a amarei muito. Sairemos daqui. Seremos muito felizes. Herdei alguma coisa em Reims, nossa terra. Conhece Reims? Ah! Não, não conhece, era muito pequena! Se soubesse como era bonita aos quatro meses! Os pequenos pés que vinham ver

por curiosidade desde Épernay, a sete léguas daqui! Teremos um campo, uma casa. Eu a deitarei em meu leito. Meu Deus! Meu Deus! Quem acreditaria nisso? Tenho minha filha!

– Oh, minha mãe – disse a jovem, encontrando, enfim, forças para falar de sua emoção –, bem que a cigana me disse. Há entre as nossas uma boa cigana, que morreu ano passado, que tinha sempre cuidados comigo como uma ama. Foi ela que me pôs esse saquinho no pescoço. Dizia-me sempre: “Pequena, guarde bem essa joia, é um tesouro. E fará você encontrar sua mãe. Carregue sua mãe em seu pescoço.” A cigana predisse isso.

A penitente estreitou de novo sua filha em seus braços.

– Venha, vou lhe dar um beijo! Você diz isso com doçura. Quando estivermos em nossa terra, calçaremos um menino Jesus da igreja com esses sapatinhos. Devemos isso à boa santa Virgem. Meu Deus! Como sua voz é bela! Quando me falava agora mesmo parecia música. Ah, meu Deus, Senhor! Reencontrei minha criança! É possível acreditar em toda essa história? Não se morre de nada, pois não morri de alegria.

Em seguida, pôs-se de novo a bater as mãos, a rir e a gritar:

– Seremos felizes!

Nesse momento, a célula ressoou com o tinir de armas e o galope de cavalos que pareciam vir da ponte Notre-Dame, avançando sobre o cais. A cigana se lançou com angústia nos braços da penitente.

– Salve-me! Salve-me! Minha mãe! Eles estão chegando!

A reclusa empalideceu.

– Oh, céus! O que você está dizendo? Havia esquecido! Perseguem-na! O que você fez então?

– Não sei – respondeu a infeliz menina –, mas estou condenada à morte.

– Morte! – exclamou Gudule, cambaleando como sob um golpe de trovão. – Morte! – retomou ela, olhando sua filha com olhos fixos.

– Sim, minha mãe – retomou a jovem, desesperada –, querem me matar. Vêm para me levar. Esta força é para mim! Salve-me! Salve-me! Eles chegaram! Salve-me!

A reclusa ficou imóvel por alguns instantes, como que petrificada; em seguida, remexeu a cabeça em sinal de dúvida e, de repente, disse, dando uma gargalhada, mas com o mesmo esgar temível anterior:

– Oh! Oh! Não! É um sonho o que você me diz. Ah, sim! Eu a perdi durante quinze anos! Tenho-a de volta, mas por apenas um minuto! E já

vêm levá-la de novo! E logo agora que ela está bela, que está grande, que me fala, que me ama, logo agora eles vêm devorá-la, e sob meus olhos de mãe! Oh, não! Isso não é possível. O bom Deus não permitiria algo parecido.

Nesse momento, a cavalgada pareceu parar e se escutou uma voz distante:

– Por aqui, senhor Tristan! O padre disse que a encontraremos no Buraco dos Ratos.

O barulho de cavalos recomeçou.

A reclusa pôs-se de pé com um grito desesperado:

– Salve-se! Salve-se, minha criança! Lembrei-me agora! Você tem razão. É a morte! Horror! Maldição! Salve-se!

Ela pôs a cabeça no postigo e a retirou em seguida.

– Fique – disse ela com uma voz baixa, breve e lúgubre, apertando convulsivamente a mão da cigana, mais morta do que viva. – Fique! Não dê um sopro! Há soldados por todos os lados. Você não pode sair. Já é dia claro.

Seus olhos estavam secos e brilhantes. A reclusa ficou por um momento sem falar. Somente ela caminhava, a passos largos, na célula e parava de vez em quando para afastar os punhados de cabelos grisalhos que mastigava com seus dentes.

De súbito, disse:

– Eles se aproximam. Vou falar com eles. Esconda-se nesse canto. Eles não verão você. Direi que escapou, que a deixei, juro!

Ela pôs sua filha, já que a todo momento a carregava, num canto da célula que não era visto de fora. Agachou-a, arranjou-a cuidadosamente de maneira que nem sequer seus pés, nem sequer suas mãos, ultrapassassem a sombra, espalhou seus cabelos negros que se expandiram na veste branca para mascará-la e pôs diante dela seu jarro e seu pedaço de pedra, seus únicos móveis, imaginando que esse jarro e essa pedra iriam escondê-la. E, quando terminou, mais tranquila, ajoelhou e rezou. O dia, que apenas despontava, deixava ainda mais trevas no Buraco dos Ratos.

Nesse instante, a voz do padre, essa voz infernal, passou bem perto da célula, gritando:

– Por aqui, capitão Phœbus de Châteaupers!

Ao escutar esse nome, essa voz, La Esmeralda, tapada em seu canto, fez um movimento.

– Não se mexa! – disse Gudule.

Logo que ela disse isso, um tumulto de homens, espadas e cavalos parou em torno da célula. A mãe se levantou rapidamente e se postou diante do postigo para fechá-lo. Viu uma grande tropa de homens armados, a pé e a cavalo, espalhada por toda a Grève. Aquele que os comandava desceu do cavalo e veio em sua direção.

– Velha – disse esse homem que tinha uma aparência atroz –, buscamos uma feiticeira para pendurá-la. Disseram-nos que você a detinha.

A pobre mãe tomou o ar mais indiferente que pôde e respondeu:

– Eu não sei nada sobre o que o senhor está dizendo.

O outro retomou:

– Por Deus! O que foi feito então desse enlouquecido arqui-diácono? Onde está?

– Senhor – disse um soldado –, ele desapareceu.

– Ora essa, velha louca – retomou o comandante –, não minta para mim. Deram-lhe uma feiticeira para vigiar. Que fez com ela?

A reclusa não quis negar, com medo de levantar suspeitas, e respondeu com um tom sincero e malvado:

– Se o senhor fala de uma jovem que me puseram nas mãos agora há pouco, digo ao senhor que ela me mordeu e que a deixei partir. É tudo. Deixe-me repousar.

O comandante fez uma careta de desapontamento.

– Não minta para mim, velha fantasma! – retomou ele. – Eu me chamo Tristan l’Hermite e sou compadre do rei. Tristan l’Hermite, entende? – e acrescentou, olhando a praça de Grève ao seu redor: – É um nome conhecido por aqui.

– Mesmo que o senhor fosse Satã l’Hermite – replicou Gudule com uma renovada esperança –, não teria também mais nada a dizer e nem medo do senhor.

– Por Deus! – disse Tristan –, essa aí é uma linguaruda! Ah! A jovem feiticeira está salva! E para onde ela foi?

Gudule respondeu com um tom descuidado:

– Acho que pela rua du Mouton.

Tristan virou a cabeça e acenou para sua tropa se preparar para voltar à marcha. A reclusa respirou.

– Senhor – disse de repente um arqueiro –, pergunte então à velha fada por que as grades do postigo estão arrebitadas desse modo.

Essa pergunta trouxe angústia para o coração da miserável mãe. No entanto, ela não perdeu sua presença de espírito.

– Sempre foram assim – resmungou ela.

– Bah! – interrompeu o arqueiro – ainda ontem fizeram uma bela cruz negra e a deram à devoção.

Tristan lançou um olhar oblíquo à reclusa.

– Creio que a linguaruda se engana!

A desafortunada sabia que tudo dependia de sua boa atitude e, com a morte na alma, pôs-se a escarnecer. As mães têm dessas forças.

– Bah! – disse ela –, este homem está bêbado. Há mais de um ano que os fundos de uma carroça de pedras lançou uma contra meu postigo e quebrou a grade. Eu mesma praguejei o carroceiro!

– É verdade, eu vi – disse um outro arqueiro.

Por todo canto, encontra-se sempre alguém que já viu tudo. O testemunho inesperado do arqueiro reanimou a reclusa, a quem esse interrogatório fazia atravessar um abismo sobre o gume de uma faca.

Mas ela estava condenada à contínua alternativa de esperança e alarme.

– Se foi uma carroça que fez isso – retomou o primeiro soldado –, os pedaços das grades deveriam estar empurrados para dentro, mas estão puxados para fora.

– He! He! – disse Tristan ao soldado –, você tem um nariz de inquisidor do Châtelet! Responde a ele, velha!

– Meu Deus! – exclamou ela aos gritos, com a voz cheia de lágrimas e a contragosto. – Eu juro, senhores, foi uma carroça que quebrou estas grades. Os senhores ouviram que esse homem é testemunha. E, além do mais, o que tem isso a ver com a cigana?

– Hum! – resmungou Tristan.

– Diabo! – retomou o soldado lisonjeado com os elogios do preboste –, as fraturas do ferro ainda estão frescas!

Tristan meneou a cabeça. Ela empalideceu.

– Há quanto tempo, diga-me, passou essa carroça?

– Um mês, quinze dias talvez, senhor. Já não sei mais.

– No começo ela disse que há mais de um ano – observou o soldado.

– Isso é que é suspeito! – disse o preboste.

– Senhor – gritou ela, sempre colada diante do postigo, temendo que a suspeita os levasse a entrar com a cabeça e olhar dentro da célula –, senhor, eu juro que foi uma carroça que quebrou estas grades. Juro

pelos santos anjos do paraíso. Se não foi uma carroça, quero ser condenada e renego a Deus!

– Você está muito nervosa para um juramento! – disse Tristan, lançando um olhar para o inquisidor.

A pobre mulher sentiu sua segurança se evanescer mais ainda. Ela já cometia imperícias e compreendia com terror que não dizia o que necessitava dizer.

Nesse momento, um soldado chegou gritando:

– Senhor, a velha fada mente. A feiticeira não fugiu pela rua du Mouton. A cadeia da rua permaneceu em sentinela toda a noite e o guarda da cadeia não viu ninguém passar.

Tristan, cuja fisionomia se tornava cada vez mais sinistra, interpelou a reclusa:

– O que você tem a dizer sobre isso?

Ela tentou enfrentar ainda esse novo incidente:

– Que eu não sei, senhor; posso estar enganada. Creio que ela atravessou a água.

– É do lado oposto – disse o preboste. – É pouco provável, no entanto, que ela desejasse voltar para a Cité, onde era perseguida. Você mente, velha!

– Além disso – acrescentou o primeiro soldado –, não há barco nem desse lado da água nem do outro.

– Ela atravessou a nado – replicou a reclusa, defendendo o terreno pé ante pé.

– E as mulheres nadam? – perguntou o soldado.

– Por Deus!, velha! Você mente! – retomou Tristan com cólera. – Começo a querer pendurar você em lugar da feiticeira. Quinze minutos de interrogatório irão lhe arrancar a verdade da goela. Vamos! Você vem conosco.

Ela recebeu essas palavras com avidez.

– Como quiser o senhor. Feito. Feito. Interrogatório é o que mais quero. Leve-me. Rápido, rápido! Partamos logo. – “Durante esse tempo”, pensou ela, “minha filha vai se salvar.”

– Por Cristo na cruz! – disse o preboste –, que apetite de cavalo! Não entendo nada dessa louca.

Um velho sargento da guarda de cabeça grisalha saiu das fileiras e, dirigindo-se ao preboste:

– É louca, com certeza, senhor! Se ela deixou a cigana escapar, não

foi por sua culpa, pois ela não gosta de ciganas. Há quinze anos faço a ronda do bairro e toda noite a escuto praguejar contra as mulheres boêmias com execrações sem fim. Se aquela que perseguimos for, como acredito, a pequena dançarina com a cabra, ela a detesta mais do que tudo.

Gudule fez um esforço e disse:

– Aquela, mais do que tudo.

O testemunho unânime da guarda do gueto confirmou ao preboste as palavras do velho sargento. Tristan l’Hermite, irritado por nada arrancar da reclusa, voltou-lhe as costas, e ela o viu, com inexprimível ansiedade, dirigir-se lentamente na direção de seu cavalo.

– Vamos – disse entre dentes –, à rota! Voltemos à busca. Não vou dormir enquanto não pendurar a cigana.

Todavia, hesitou ainda algum tempo antes de subir no cavalo. Gudule palpitava entre a vida e a morte vendo-o levar pela praça esse olhar inquieto de um cão de caça que sente perto o covil da besta e demora a se afastar. Então, meneou a cabeça e subiu à sela. O coração tão horivelmente apertado no peito de Gudule se aliviou, e ela disse em voz baixa, lançando um olhar à sua filha, a quem não ousara ainda olhar desde que eles chegaram:

– Salva!

A pobre criança restara, por todo esse tempo, em seu canto, sem respirar, sem se mexer, com a ideia da morte de pé diante dela. Nada perdera da cena entre Gudule e Tristan, e cada angústia de sua mãe refletiu-se nela. Ouvira todo o ranger do fio que a trazia suspensa sobre o abismo, acreditou vinte vezes vê-lo se romper e começava, enfim, a respirar e a sentir os pés em terra firme. Nesse momento, ouviu uma voz dizer ao preboste:

– Com os diabos! Senhor preboste, não é de minha competência, homem de armas que sou, pendurar feiticeiras. A canalha do povo está abaixo. Deixo o senhor trabalhar só. É melhor eu me reagrupar à minha companhia, porque ela está sem capitão.

Essa voz era de Phœbus de Châteaupers. O que se passou com ela é infável. Até esse momento, ele fora seu amigo, seu protetor, seu apoio, seu asilo, seu Phœbus! Ela se levantou e, antes que sua mãe pudesse impedi-la, lançou-se ao postigo, gritando:

– Phœbus! Venha, meu Phœbus!

Phœbus já havia partido. Acabava de voltar, a galope, para o ângulo

da rua de la Coutellerie. Mas Tristan ainda não partira.

A reclusa se lançou, rugindo, sobre a filha. Pegou-a com violência por trás, enfiando-lhe as unhas no pescoço. Mãe tigresa alguma seria tão rápida. Mas era tarde, Tristan já a havia visto.

– Eh! Eh! – exclamou ele com um riso que mostrou todos os seus dentes e que se assemelhava ao focinho de um lobo. – Foram dois coelhos com uma cajadada!

– Era o que eu esperava – disse o soldado.

Tristan bateu-lhe nos ombros:

– Você é um bom gato! Vamos, onde está Henriet Cousin?

Um homem que não tinha nem vestes nem aparência de soldado saiu das fileiras. Portava uma roupa metade cinza, metade marrom, cabelos lisos, mangas de couro, e trazia um maço de cordas em sua grossa mão. Esse homem acompanhava sempre Tristan, que acompanhava sempre Luís XI.

– Amigo – disse Tristan l’Hermite –, presumo que esteja aqui a feiticeira que buscamos. Pegue-a. Trouxe sua escada?

– Há uma sobre o telheiro da Maison-aux-Piliers – respondeu o homem. – É para isso que a deixamos lá? – prosseguiu, mostrando o cadafalso de pedra.

– Sim.

– Pois bem! – retomou o homem, dando uma grave gargalhada, mais bestial ainda do que a do preboste. – Não temos outra coisa a fazer.

– Rápido! – disse Tristan. – Você rirá depois.

No entanto, desde que Tristan vira sua filha e que toda esperança fora perdida, a reclusa não dissera ainda uma palavra. Jogara a pobre cigana metade morta no canto de sua toca e voltou para o postigo, as mãos apoiadas no ângulo da cimalha como duas garras. Nessa postura, lançou intrepidamente sobre todos os soldados seu olhar, que se tornou selvagem e insensato. No momento em que Henriet Cousin se aproximou do nicho, fez uma expressão tão selvagem que ele recuou.

– Senhor – disse ele, voltando-se ao preboste –, qual das duas preciso prender?

– A jovem.

– Ainda bem! Pois a velha parece difícil.

– Pobre pequena dançarina da cabra! – disse o velho sargento da guarda.

Henriet Cousin se aproximou do postigo. O olhar da mãe fez o dele

desviar. Ele disse, timidamente:

– Senhora...

Ela interrompeu com uma voz muito baixa e furiosa:

– O que você quer?

– Não é a senhora – disse ele –, é a outra.

– Que outra?

– A jovem.

Ela sacudiu a cabeça, gritando:

– Não há ninguém aqui! Não há ninguém aqui! Não há ninguém aqui!

– Há sim! – retomou o carrasco –, a senhora sabe muito bem. Deixe-me prender a jovem. Não quero fazer mal à senhora.

Ela disse com um estranho escárnio:

– Ah! Não me faça maldade!

– Dê-me a outra, senhora. O senhor preboste a quer.

Ela repetiu com um ar de loucura:

– Não há ninguém aqui.

– Pois digo que há! – replicou o carrasco. – Nós todos vimos que há duas aí dentro.

– Olhe tudo! – disse a reclusa com escárnio. – Enfie sua cabeça no postigo.

O carrasco examinou as unhas da mãe e não ousou.

– Rápido! – gritou Tristan, que acabara de colocar a tropa ao redor do Buraco dos Ratos e esperava sobre o cavalo, ao lado do cadafalso.

Bastante embaraçado, Henriet voltou de novo ao preboste. Pusera sua corda no chão e rolava com um ar estranho seu chapéu nas mãos.

– Senhor – perguntou ele –, por onde entrar?

– Pela porta.

– Não há porta.

– Pela janela.

– Ela é muito estreita.

– Alargue-a – disse Tristan com cólera. – Não trouxe enxadões?

No fundo de seu antro, a mãe, sempre em guarda, olhava. Nada mais esperava, não sabia mais o que desejava, mas não desejava que apanhassem sua filha.

Henriet Cousin foi em busca da caixa de ferramentas de obras que havia sobre o telheiro da Maison-aux-Piliers. Retirou também uma dupla escada e a depositou no flanco do cadafalso. Cinco ou seis homens do prebostado armaram-se de lanças e alavancas, e Tristan foi com eles na

direção do postigo.

– Velha – disse o preboste com um tom severo –, dê-nos de boa vontade esta jovem.

Ela o olhou como se não compreendesse.

– Por Deus! – retomou Tristan –, por que impede tanto que esta feiticeira seja pendurada como agrada ao rei?

A miserável soltou sua gargalhada louca.

– O que me impede? É minha filha.

O tom com que pronunciou essa palavra fez estremecer até mesmo Henriet Cousin.

– Lamento muito – retorquiu o preboste. – Mas é pelo bom prazer do rei.

Ela gritou dobrando sua gargalhada terrível:

– De que me vale seu rei? Eu digo que ela é minha filha!

– Perfurem a parede – disse Tristan.

Para que se tivesse uma abertura suficientemente larga, bastava que se deslocasse um assentamento de pedra sob o postigo. Quando a mãe ouviu as lanças e as alavancas escavarem sua fortaleza, lançou um grito espantoso; em seguida, girou com uma rapidez temível ao redor de seu nicho, hábito de bestas selvagens adquirido na jaula. Nada mais dizia, mas seus olhos flamejavam. Os soldados estavam enregelados no fundo do coração.

De repente, pegou sua pedra, riu e a lançou com as duas mãos contra os trabalhadores. A pedra, como foi mal lançada, pois suas mãos tremiam, não feriu ninguém, e veio parar sob as patas do cavalo de Tristan. Ela mostrou os dentes.

No entanto, embora o sol ainda não tivesse despontado, já era dia claro, uma bela tintura rosada alegrava as velhas chaminés avermelhadas da Maison-aux-Piliers. Era a hora em que as janelas mais matinais da grande cidade abriam-se graciosamente sobre seus telhados. Alguns camponeses e fruteiros que iam ao mercado, montados em seus burros, começavam a atravessar a Grève; então, paravam por um momento diante do agrupamento de soldados amontoados ao redor do Buraco dos Ratos, observavam com um ar espantado e seguiam adiante.

A reclusa fora se sentar perto de sua filha, cobrindo seu corpo, o olhar fixo diante dela, escutando a pobre criança que não se mexia e que murmurava em voz baixa a todo momento:

– Phœbus! Phœbus!

Conforme o trabalho dos demolidores parecia avançar, a mãe recuava mecanicamente e apertava mais e mais a jovem filha contra a parede. De repente, a reclusa viu a pedra (pois ela fazia sentinela e nunca deixou de vê-la) abalar-se e ouviu Tristan encorajar os trabalhadores. Então, saiu da prostração em que caíra depois de alguns instantes e pôs-se a exclamar; enquanto falava, sua voz por vezes feria os ouvidos como uma serra, por vezes balbuciava como se todas as maldições fossem fundidas por seus lábios para explodir ao mesmo tempo.

– Oh! Oh! Oh! Mas é horrível! O senhor é um bandido! Será que o senhor deseja realmente pendurar minha filha? Eu digo ao senhor que ela é minha filha! Oh! Desprezíveis! Oh! Carrascos lacaios! Miseráveis patifes assassinos! Socorro! Socorro! Fogo! Vão levar minha criança dessa forma? A que chamamos, então, de bom Deus?

Em seguida, dirigindo-se a Tristan, espumante, olhos arregalados, sob as quatro patas como uma pantera, e toda eriçada:

– Ouse se aproximar para pegar minha filha. Será que o senhor não entende que lhe digo que ela é minha filha? Sabe você o que é ter um filho? Eh! O grande lince jamais se acasalou com sua fêmea? Jamais teve um pequeno lince? E, caso tenha filhotes, suas entranhas não se mexem quando eles berram?

– Abaixo com a pedra – disse Tristan –, ela já não resiste.

As alavancas levantaram o pesado assentamento. Era, nós já dissemos, a derradeira muralha da mãe. A reclusa se lançou sobre a pedra, quis retê-la, arranhou-a com suas unhas, mas o bloco maciço, posto em movimento por seis homens, escapou-lhe e deslizou devagar pelo chão ao longo das alavancas de ferro.

A mãe, vendo a entrada aberta, caiu atravessada diante da abertura, fazendo uma barricada com seu corpo, torcendo os braços, batendo sua cabeça na pedra e gritando com uma voz enrouquecida de fadiga que mal se ouvia:

– Socorro! Fogo! Fogo!

– Agora, peguem a jovem – ordenou Tristan, sempre impassível.

A mãe olhava para os soldados de um modo tão extraordinário que eles tinham mais vontade de recuar do que de avançar.

– Vamos, então – retomou o preboste. – Henriët Cousin, você!

Ninguém deu um passo.

O preboste praguejou:

– Por Cristo! Meus soldados! Com medo de uma mulher!

– O senhor acha que isso é uma mulher? – disse Henriët.
– Ela tem juba de leão! – disse um outro.
– Vamos, retrucou o preboste, a baía é larga o suficiente. Entrem três de frente, como na invasão de Pontoise. Acabemos com isso, por Maomé! O primeiro que recuar eu faço em pedaços!

Colocados entre o preboste e a mãe, ambos ameaçadores, os soldados hesitaram por um momento; em seguida, decidiram avançar na direção do Buraco dos Ratos.

Quando a reclusa viu isso, ergueu-se bruscamente sobre os joelhos, afastou os cabelos de sua face e deixou cair suas mãos magras e descarnadas sobre suas pernas. Então, grossas lágrimas caíram uma a uma de seus olhos, desciam por uma ruga ao longo de sua face como uma torrente que lhe cavasse um leito. Ao mesmo tempo, pôs-se a falar, mas com uma voz tão suplicante, tão doce, tão submissa e tão pungente que, ao redor de Tristan, alguns velhos beaguins que teriam comido carne humana enxugavam os olhos.

– Monsenhores, senhores sargentos, uma palavra! Há algo que devo dizer. É minha filha, vejam os senhores! Minha preciosa pequena filha, que eu havia perdido! Ouçam-me. É uma história. Saibam que conheço muito bem os senhores sargentos. Foram sempre muito bondosos comigo desde o tempo em que as crianças me apedrejavam por levar uma vida de amor. Estão vendo os senhores? Irão me deixar minha filha quando souberem! Sou uma pobre prostituta. Foram as ciganas que a roubaram de mim. Vejam que guardei seu sapatinho por quinze anos. Vejam, ei-lo aqui. Era o tamanho de seu pé. Em Reims! Chantefleurie! Rua Folle-Peine! Talvez os senhores conheçam. Era eu. Em sua juventude, então, eram bons aqueles tempos. Passamos boas horas. Terão piedade, não é mesmo, monsenhores? As ciganas a raptaram, esconderam-na quinze anos. Acreditei que ela estivesse morta. Imaginem, meus bons amigos, que acreditei que ela estivesse morta. Passei quinze anos aqui neste nicho, sem fogo no inverno. É duro isso. Pobre e precioso sapatinho! Gritei tanto que o bom Deus me atendeu. Nesta noite, devolveu-me minha filha. Foi um milagre do bom Deus. Ela não está morta. Não vão levá-la, tenho certeza. Se ainda fosse a mim, nada diria, mas ela, uma criança de dezesseis anos! Deixem-lhe o tempo de ver o sol! O que ela fez aos senhores? Absolutamente nada. Tampouco eu. Se os senhores soubessem que só tenho esta criança, que estou velha, que é uma bênção que a santa Virgem me envia.

Ademais, os senhores são todos bons! Não sabiam que era minha filha, agora sabem. Oh! Eu a amo! Monsenhor grande preboste, eu preferiria um buraco em minhas entranhas a um arranhão em seu dedo! O senhor tem um ar de bom senhor! O que digo, explica tudo, não é verdade? Oh! Se tiver mãe, monsenhor! O senhor é o capitão, deixe-me a criança! Considere que peço ao senhor de joelhos, como se pede a Cristo! Não peço mais nada a ninguém, sou de Reims, monsenhores, tenho um pequeno sítio de meu tio Mahiet Pradon. Não sou uma mendiga. Não quero mais nada, mas quero minha criança! Oh! Quero proteger minha criança! O bom Deus, que é o mestre, não devolveu para mim por nada! O rei! O senhor fala do rei! O rei não terá tanto prazer em matar minha filha! Além disso, o rei é bondoso! É minha filha que está comigo! Ela não pertence ao rei! Ela não pertence aos senhores. Quero ir embora daqui! Queremos sair daqui! Enfim, duas mulheres que passam, uma é a mãe e a outra a filha, convém deixar passar! Deixem-nos passar! Somos de Reims. Oh! São bondosos os senhores sargentos, amo a todos. Os senhores não levarão minha querida pequena, é impossível! Não é mesmo absolutamente impossível? Minha criança! Minha criança!

Não tentaremos dar a ideia de sua atitude, de sua entonação, das lágrimas que ela bebia ao falar, das mãos que juntava e em seguida torcia, dos sorrisos deploráveis, dos olhares banhados, dos gemidos, dos suspiros, dos gritos miseráveis e pungentes, que misturavam-se às palavras desordenadas, loucas e descosidas. Quando se calou, Tristan l'Hermite franziu o sobrolho, mas era para conter uma lágrima que rolava de seus olhos de tigre. Superou, no entanto, essa fraqueza e disse com um tom breve:

– O rei a quer.

Em seguida, chegou-se ao ouvido de Henriët Cousin e lhe disse bem baixo:

– Acabe rápido com isso!

O temível preboste sentia, talvez, faltar coragem a si mesmo.

O carrasco e os sargentos entraram no nicho. A mãe não esboçou nenhuma resistência, somente se agarrou à sua filha e se lançou com todo o corpo sobre ela.

A cigana viu os soldados se aproximarem. O horror da morte a reanimou.

– Minha mãe! – gritou com uma inexprimível entonação de angústia.

– Minha mãe! Eles chegaram! Defenda-me!

– Sim, meu amor, vou defendê-la! – respondeu a mãe com uma voz extinta; e, tomando-a estreitamente nos braços, cobriu-a de beijos. Ambas, assim ao chão, a mãe sobre a filha, faziam um espetáculo digno de piedade.

Henriet Cousin pegou a jovem pelo meio do corpo, por suas belas costas. Quando ela sentiu essa mão, fez: “Oh!” E desmaiou. O carrasco, que deixava cair gota a gota grossas lágrimas sobre ela, quis tirá-la dos braços da mãe. Tentou afastá-la da reclusa, que tinha, por assim dizer, atado suas mãos ao redor da cintura de sua filha; mas ela se encontrava tão agarrada à sua filha que foi impossível separá-las. Henriette Cousin, então, arrastou a jovem para fora do nicho, e a mãe em seguida. A mãe também permanecia com seus olhos fechados.

Nessa hora, o sol se levantava e já havia sobre a praça uma grande quantidade de gente olhando a distância o que era arrastado assim sobre o chão na direção do cadafalso. Pois desse modo agia o preboste Tristan nas execuções. Tinha mania de impedir os curiosos de se aproximarem.

Havia pessoas às janelas. Viam-se somente de longe, no cume das torres da Notre-Dame que impera na Grève, dois homens de negro sob o céu claro da manhã, que pareciam olhar.

Henriet Cousin parou de arrastar aquilo ao pé da escada fatal e, respirando com dificuldade de tanto que a coisa o apiedava, passou a corda ao redor do adorável pescoço da jovem. A desgraçada menina sentiu o horrível toque da corda. Ela levantou as pálpebras e viu o braço descarnado do cadafalso de pedra estendido acima de sua cabeça. Então, sacudiu-se e gritou alto com uma voz dilacerante:

– Não! Não! Eu não quero!

A mãe, cuja cabeça se encontrava enterrada e perdida nas vestes de sua filha, nada disse; somente se viu tremer todo seu corpo e se ouviu redobrar seus beijos sobre sua criança. O carrasco se aproveitou desse momento para desprender rapidamente os braços com que ela se estreitava à condenada. Por esgotamento ou desespero, ela não resistiu. Então, ele colocou a jovem sobre seu ombro, de onde a encantadora criatura caía graciosamente dobrada sob sua larga cabeça. Em seguida, pôs o pé sobre a escada para subir.

Nesse momento, a mãe, largada sobre o chão, abriu completamente os olhos. Sem lançar um grito, voltou a se erguer com uma expressão

terrível; em seguida, como uma besta sobre sua presa, jogou-se sobre a mão do carrasco e o mordeu. Foi como um raio. O carrasco urrou de dor. Acorreram. Retiraram com dificuldade sua mão sangrenta dos dentes da mãe. Ela permaneceu em profundo silêncio. Empurraram-na com tanta brutalidade que ouviram sua cabeça retumbar pesadamente no chão. Levantaram-na. Ela caiu de novo. Estava morta.

O carrasco, que não largara a jovem, subiu a escada.

II. *LA CREATURA BELLA BIANCO VESTITA*₂

Quando Quasímodo viu que a célula estava vazia, que a cigana não estava mais lá, que a levaram enquanto a defendia, puxou seus cabelos com as mãos e tripudiou de surpresa e dor. Em seguida, correu por toda a igreja à procura de sua boêmia, urrando gritos bizarros por todos os cantos das paredes, semeando o chão de cabelos ruivos. Era o exato momento em que os arqueiros do rei entravam vitoriosos na Notre-Dame também para buscar a cigana. O pobre surdo os ajudou sem desconfiar de suas fatais intenções; acreditava que os inimigos da cigana eram os vagabundos. Ele mesmo levou Tristan l'Hermite a todos os esconderijos possíveis, abriu-lhe as portas secretas, os fundos falsos do altar, as coxias da sacristia. Se a infeliz ainda estivesse lá, ele mesmo a teria entregado.

Quando o cansaço de nada encontrar fez Tristan desistir, e ele não desistia tão facilmente, Quasímodo continuou a busca sozinho. Percorreu vinte vezes, cem vezes, a torre da igreja, de trás para diante, de alto a baixo, subindo e descendo, correndo, chamando, gritando, farejando, fuçando, caçando, cavando, enfiando a cabeça em todos os buracos, levando sua tocha sob todas as abóbodas, desesperado, louco. Um macho que perdesse sua fêmea não rugiria mais nem seria mais selvagem.

Quando se certificou, enfim, de que ela não estava mais lá, que algo foi feito dela, que a levaram, ele subiu de volta, lentamente, a escadaria das torres, essa escadaria que havia escalado com tanto arrebatamento e triunfo no dia em que a salvara. Passou de novo pelos mesmos lugares, cabeça baixa, sem voz, sem lágrimas, quase sem respirar. A igreja estava de novo deserta e retumbava em seu silêncio. Os arqueiros a haviam deixado e foram procurar a feiticeira na Cité. Sozinho nessa vasta Notre-

Dame tão sitiada e tão tumultuosa um momento antes, Quasímodo retomou o caminho da célula onde a cigana dormira tantas semanas sob sua guarda.

Aproximando-se, ocorreu-lhe que talvez a encontrasse ali. Na volta da galeria, que termina sobre os telhados desses lados baixos, percebeu o estreito camarote com sua pequena janela e sua pequena porta escondido sob um grande arcobotante como um ninho de pássaro debaixo de um ramo. Faltou coragem ao pobre homem, e se apoiou contra o pilar para não cair. Imaginou que ela talvez tivesse entrado ali, levada com certeza por um bom gênio, que esse camarote estava muito tranquilo, muito seguro e muito encantador para que ela não estivesse ali, e, com medo de quebrar sua ilusão, não ousou dar mais nenhum passo.

– Sim – disse a si mesmo –, ela dorme, talvez, ou reza. Não vamos perturbá-la.

Enfim, recuperou sua coragem, avançou sobre a ponta dos pés, olhou, entrou. Vazia! A célula estava completamente vazia. O desgraçado surdo a percorreu com passos lentos, levantou o leito e olhou debaixo, como se ela pudesse estar escondida entre a laje e o colchão, em seguida meneou a cabeça e permaneceu estupefato. De repente, esmagou furiosamente sua tocha com o pé e, sem dizer nada, sem lançar um suspiro, bateu com toda a força sua cabeça contra a parede e caiu desmaiado no chão.

Quando voltou a si, lançou-se sobre o leito, rolou sobre ele, beijou com frenesi o lugar ainda morno em que a jovem dormira, permaneceu alguns minutos imóvel como se fosse aí expirar, em seguida se levantou, inundado de suor, ofegante, insensato, e espancou as muralhas com sua cabeça com a espantosa regularidade das batidas de seus sinos e a resolução de um homem que deseja quebrá-las. Enfim, caiu uma segunda vez, esgotado; arrastou-se de joelhos para fora da célula e se agachou na frente da porta em atitude de espanto.

Permaneceu assim por mais de uma hora sem fazer um movimento, o olho fixo sobre a célula deserta, mais sombrio e mais pensativo do que uma mãe sentada entre um berço vazio e um caixão cheio. Não dizia uma palavra; soltava, em longos intervalos, apenas um gemido, que remexia violentamente todo o seu corpo, mas um gemido sem lágrimas, como os mudos trovões de verão.

Parece ter sido nesse momento, em que buscou no fundo de seu

devaneio desolado quem poderia ser o raptor inesperado da cigana, que ele pensou no arquidiácono. Lembrou-se de que dom Claude era o único a ter a chave da escadaria que levava à célula, recordou-se das contínuas investidas noturnas contra a jovem, sendo que na primeira Quasímodo ajudara, e na segunda havia impedido. Recordou-se de mil detalhes e logo concluiu que o arquidiácono levava a cigana. No entanto, tal era seu respeito pelo padre, e o reconhecimento, a devoção, o amor por esse homem, tinham raízes tão profundas em seu coração, que Quasímodo resistiu, mesmo nesse momento, às unhas do ciúme e do desespero.

Tão logo pensou que o arquidiácono fizera isso, a cólera de sangue e de morte que sentia em si contra qualquer outro, já que se tratava de Claude Frollo, transformava-se em aumento de dor no íntimo do pobre surdo.

No instante em que seu pensamento se fixava assim sobre o padre, como a alba branqueava os arcobotantes, viu no andar superior da Notre-Dame, no cotovelo que faz a balaustrada exterior que rodeia toda a abside, uma figura caminhando. Essa figura vinha de seu lado. Ele a reconheceu. Era o arquidiácono.

Claude ia com um passo grave e lento. Não olhava adiante, encaminhava-se à torre setentrional, mas sua face estava voltada para o lado, na direção da margem direita do Sena, e trazia sua cabeça alta, como se estivesse vendo algo nos telhados. O mocho tem com frequência essa atitude oblíqua; voa em direção de um ponto e olha para outro. O padre passou assim, acima de Quasímodo, sem vê-lo.

O surdo, que ficou petrificado com essa brusca aparição, viu-o se enfiar sob a porta da escadaria da torre setentrional. O leitor sabe que essa é a torre de onde se via o Hôtel de Ville. Quasímodo se levantou e seguiu o arquidiácono.

Quasímodo subiu a escadaria da torre para saber por que o padre ia para lá. De resto, o pobre sineiro não sabia o que ele, Quasímodo, faria, diria e queria. Estava tomado de furor e medo. O arquidiácono e a cigana chocavam-se em seu coração.

Quando chegou ao cume da torre, antes de sair da sombra da escadaria e de entrar na plataforma, examinou com precaução onde estava o padre. Este lhe virava as costas. Há uma balaustrada atravessada que atravanca a plataforma do campanário. O padre, cujos olhos mergulhavam sobre a vila, tinha o peito apoiado em um dos

quatro lados da balaustrada, que dá vista à ponte Notre-Dame.

Quasímodo, avançando em passo de lobo atrás dele, foi ver o que o arquidiácono olhava dessa forma. A atenção do padre estava tão absorvida alhures que não ouviu o surdo caminhar perto dele.

Paris é um magnífico e encantador espetáculo; e a Paris de então também era, sobretudo vista do alto das torres da Notre-Dame, à fresca claridade de uma aurora de verão. O céu estava bem sereno. Algumas estrelas atrasadas ainda brilhavam em diversos pontos, e havia ainda uma brilhando no levante mais claro do céu. O sol estava prestes a aparecer. Paris começava a se mover. Uma luz branca e puríssima vinda do leste salientava todos os planos de suas mil casas. A sombra gigante dos campanários ia, de telhado em telhado, de um extremo ao outro da grande cidade. Já havia bairros em que se conversava e se faziam ruídos. Aqui um golpe de sino, ali um golpe de martelo, e lá o variado tinir de uma carroça em marcha. Alguma fumaça já se vomitava aqui e ali sobre toda essa superfície de telhados, como se por fissuras de uma imensa solfatara. O rio que franze sua água nos arcos de tantas pontes, na ponta de tantas ilhas, estava em furta-cor desdobrada em prata. Ao redor da cidade, fora das muralhas, a vista se perdia em um grande círculo de vapores flocosos, através dos quais se distinguiam, confusamente, a linha indefinida de planos e o gracioso elevar dos declives. Todo tipo de rumor flutuante se dispersava sobre essa cidade meia desperta. No céu, o vento da manhã conduzia para oeste alguns maços brancos que haviam sido arrancados do tosão da bruma das colinas.

No Parvis, algumas boas mulheres, que traziam na mão seu pote de leite, espantavam-se ao ver a ruína da grande porta da Notre-Dame e dois córregos de chumbo coagulados entre as fendas dos degraus. Era tudo o que restava do tumulto da noite. A fogueira acesa por Quasímodo entre as torres estava extinta. Tristan já havia desobstruído a praça e mandado lançar os mortos no Sena. Os reis, como Luís XI, têm o cuidado de lavar rapidamente as calçadas após um massacre.

Fora da balaustrada da torre, precisamente debaixo do ponto onde o padre estava parado, havia uma dessas goteiras de pedra fantasticamente talhadas que eriçam todos os prédios góticos, e numa fissura dessa goteira dois belos goiveiros em flor, sacudidos pelo sopro de ar, faziam alegres saudações. Acima das torres, no alto, bem longe ao fundo do céu, ouviam-se os pequenos gritos dos pássaros.

Mas o padre nada ouvia, nada via de tudo isso. Era desses homens para os quais não há manhãs, nem pássaros, nem flores. Nesse imenso horizonte que tomava tantos aspectos ao seu redor, sua contemplação estava concentrada num único ponto.

Quasímodo ardia em lhe perguntar o que fizera da cigana. Porém, nesse momento, o arquidiácono parecia estar fora do mundo. Estava visivelmente em um desses minutos violentos de vida em que se sente a terra ruir. Com os olhos fixos sobre um só lugar, permanecia imóvel e silencioso; e esse silêncio e essa imobilidade tinham qualquer coisa de tão temível que o selvagem sineiro tremia e não ousava perturbar. Seguiu apenas a direção de seu raio visual, o que era uma maneira de interrogar o arquidiácono, e o olhar do desgraçado surdo caiu sobre a praça de Grève.

Viu então o que o padre olhava. A escada estava erigida perto do cadafalso permanente. Havia algumas pessoas do povo na praça e muitos soldados. Um homem arrastava pelo chão uma coisa branca, à qual uma coisa negra estava agarrada. E parou ao pé do cadafalso.

Nesse momento, aconteceu algo que Quasímodo não viu bem. Não porque seu único olho não alcançasse tamanha distância, mas um grupo de soldados impedia que se visse tudo. Então, o sol apareceu e um grande fluxo de luz transbordou por cima do horizonte, parecendo incendiar todas as pontas de Paris, flechas, chaminés, dentadas.

Aí Quasímodo viu com clareza. O homem subia a escada. Trazia uma mulher sobre o ombro, uma jovem vestida de branco, essa jovem tinha uma corda ao pescoço. Quasímodo a reconheceu.

Era ela.

O homem chegou ao alto da escada. Lá, arranjou a corda. Aqui, o padre se ajoelhou sobre a balaustrada para ver melhor.

De repente, o homem empurrou bruscamente a escada com o calcanhar, e Quasímodo, que não respirava mais, viu, depois de alguns instantes, balançar-se, no extremo da corda, a quatro metros acima do chão, a jovem desgraçada, com o homem escanchado com os pés nas costas. A corda fez várias voltas sobre si mesma, e Quasímodo viu correrem horríveis convulsões ao longo do corpo da cigana. O padre, por seu lado, pescoço estendido, olhos para fora da cabeça, contemplava esse conjunto assustador de homem e jovem, de aranha e mosca.

No momento em que se deu o mais assustador, um riso de demônio,

um riso que só consegue dar quem já não é mais homem, explodiu sobre a face lívida do padre. Quasímodo não ouviu esse riso, mas viu.

O sineiro recuou alguns passos para trás do arqui-diácono; de repente, investiu contra ele com furor e, com suas grossas mãos, empurrou-o pelas costas no abismo, sobre o qual dom Claude estava pendido.

O padre gritou: – Danação! – E caiu.

A goteira acima da qual ele se encontrava interrompeu sua queda. Agarrou-se a ela com suas mãos, desesperado, e, no momento em que abriu a boca para lançar um segundo grito, viu passar na borda da balaustrada, acima de sua cabeça, a formidável e vingadora figura de Quasímodo.

Então, calou-se.

O abismo estava abaixo dele. Seria uma queda de mais de duzentos pés, e o chão. Nessa situação terrível, o arqui-diácono não disse nada, não lançou sequer um gemido. Somente se contorceu sobre a goteira, com esforços inauditos, para subi-la de volta. Suas mãos, porém, nada podiam contra o granito, seus pés arranhavam a muralha preta sem se fixarem. Quem já subiu nas torres da Notre-Dame sabe que há uma saliência na pedra imediatamente abaixo da balaustrada. É nesse ângulo convexo que se esgotava o miserável arqui-diácono. Não lidava com uma parede vertical, mas com uma parede que fugia abaixo dele.

Para Quasímodo tirá-lo do abismo, teria bastado lhe estender a mão, mas ele nem sequer o via. Olhava a Grève. Olhava o cadafalso. Olhava a cigana.

O surdo estava com os cotovelos sobre a balaustrada, no mesmo lugar em que, havia pouco, estava o arqui-diácono, e ali, sem afastar o olhar do único objeto que existia naquele momento para ele no mundo, permaneceu imóvel e mudo como um homem fulminado, e um longo córrego de choro corria silenciosamente desse olho que até então não viera uma só lágrima.

No entanto, o arqui-diácono ofegava. Escorria suor de sua fronte calva, suas unhas sangravam na pedra, seus joelhos se escarnavam na parede. Ouvia sua sotaina, agarrada à goteira, rasgar e descoser a cada abalo que lhe dava. Para cúmulo da infelicidade, essa goteira terminava por um cano de chumbo, que cedia com o peso de seu corpo. O arqui-diácono sentiu esse cano se dobrar lentamente. O miserável dizia a si mesmo que, quando suas mãos estiverem quebradas pela fadiga, quando sua sotaina estiver rasgada, quando esse chumbo ceder, restaria

apenas cair, e o medo lhe dominava as entranhas. Por vezes, olhava com desvario dez pés abaixo uma espécie de estreito plano formado por acidentes de escultura. No fundo de sua alma em desamparo, pedia ao céu que pudesse findar sua vida sobre esse espaço de dois pés quadrados, ainda que ela durasse mais cem anos. Por vezes, olhava abaixo de si, sobre a praça, no abismo; e fechava os olhos, os cabelos estavam arrepiados.

Era assustador o silêncio desses dois homens. Enquanto o arquidiácono, a alguns pés dele, agonizava dessa terrível maneira, Quasímodo chorava e olhava a Grève.

O arquidiácono, percebendo que todo esse sobressalto servia apenas para abalar e balançar o frágil ponto de apoio que lhe restava, decidira não se mexer mais. Estava lá, abraçado à goteira, apenas respirando, imóvel, sem outro movimento além dessa convulsão mecânica do ventre que se tem nos sonhos em que se sente cair. Seus olhos fixos estavam abertos com um ar doentio e espantado. Pouco a pouco, no entanto, perdia as vantagens, seus dedos deslizavam pela goteira, sentia cada vez mais a fraqueza de seus braços e o peso de seu corpo; a cada instante, o chumbo que o estava sustentando vergava-se um grau na direção do abismo.

Via abaixo dele uma coisa assustadora: o telhado de Saint-Jean-le-Rond, pequeno como uma carta dobrada pela metade. Via, uma após outra, as impassíveis esculturas da torre, suspensas como ele sobre o precipício. Mas sem terror para elas nem piedade para ele. Tudo era de pedra ao seu redor. Diante de seus olhos, os monstros escancarados; abaixo, lá no fundo, na praça, o chão; e, acima de sua cabeça, Quasímodo chorando.

Havia no Parvis alguns grupos de simples curiosos que buscavam tranquilamente adivinhar quem seria o louco que se divertia de tal maneira. O padre os escutava conversar, pois suas vozes chegavam até ele claras e frescas:

– Ele vai quebrar o pescoço!

Quasímodo chorava.

Enfim, o arquidiácono, espumante de raiva e temor, compreendeu que tudo era inútil. Juntou tudo que lhe havia de força para um derradeiro esforço. Esticou-se sobre a goteira, empurrou a parede com seus joelhos, agarrou as mãos a uma fenda das pedras e chegou a escalar talvez um pé; mas essa comoção fez curvar bruscamente o bico

de chumbo sobre o qual se apoiava. No mesmo lance, a sotaina se desventrou. Então, sentindo tudo lhe faltar abaixo de si, nada tendo além de suas mãos tesas e fraquejantes que se agarravam a qualquer coisa, o infortunado fechou os olhos e largou a goteira. E caiu.

Quasímodo o viu cair.

Uma queda de tão alto raramente é perpendicular. Lançado no espaço, o arqui-diácono caiu, a princípio, de cabeça para baixo e as mãos estendidas, em seguida fez várias voltas sobre si mesmo. O vento o empurrou sobre o teto de uma casa, onde o infeliz começou a se quebrar. No entanto, ainda não estava morto quando aí chegou. O sineiro o viu tentar ainda se agarrar à dentada com as unhas. Mas o plano era muito inclinado e ele não tinha mais forças. Deslizou com rapidez sobre o telhado como uma telha que se desprende e foi quicar no chão. Lá, não mais se mexeu.

Quasímodo, então, levantou seu olho para a cigana, cujo corpo, suspenso em seu vestido branco no cadafalso, ele viu ao longe dar os últimos tremores de agonia, e voltou a baixá-lo para o arqui-diácono, estendido na base da torre, sem possuir mais forma humana; em seguida, disse com um gemido que fez subir seu profundo peito:

– Oh! Tudo o que amei!

III. O CASAMENTO DE PHCEBUS

No fim da tarde desse dia, quando os oficiais judiciários do bispo vieram recolher do chão do Parvis o cadáver desconjuntado do arqui-diácono, Quasímodo havia desaparecido da Notre-Dame.

Correram muitos boatos sobre essa aventura. Não se duvidava de que tivesse chegado o dia em que, após seu pacto, Quasímodo, ou seja, o diabo, levaria Claude Frollo, ou seja, o feiticeiro. Presumiu-se que ele quebrara o corpo para tomar a alma, como os macacos quebram a casca para comer a noz.

E foi por isso que o arqui-diácono não foi inumado em terra santa.

Luís XI morreu no ano seguinte, no mês de agosto de 1483.

Quanto a Pierre Gringoire, conseguiu salvar sua cabra e obteve sucesso com suas tragédias. Parece que depois de ter provado da astrologia, da filosofia, da arquitetura, da hermética, de todas as loucuras, provou da tragédia, que é a mais louca de todas. Era o que se

chamava *ter um fim trágico*. Eis aqui, referente a seus triunfos dramáticos, o que se lê desde 1483 nas contas do Ordinário: “A Jean Marchand e Pierre Gringoire, carpinteiro e compositor, que fizeram e compuseram o mistério realizado no Châtelet de Paris, à chegada do monsenhor legatário, ordenado de personagens, todos vestidos e fantasiados como o mistério exigia e, paralelamente, por terem feito as armações que eram necessárias; por o terem executado, cem libras.”

Phœbus de Châteaupers teve também um fim trágico: casou-se.

IV. O CASAMENTO DE QUASÍMODO

Acabamos de dizer que Quasímodo desapareceu de Notre-Dame no dia da morte da cigana e do arqui-diácono. E não mais foi visto nem se soube o que foi feito dele.

Na noite seguinte ao suplício de La Esmeralda, as pessoas dos trabalhos baixos haviam retirado o corpo do cadafalso e levado, segundo o costume, para a cova de Montfaucon.

Montfaucon era, como diz Sauval, “o mais antigo e soberbo cadafalso do reino”. Entre os subúrbios de Temple e de Saint-Martin, a cerca de 320 metros das muralhas de Paris, ao alcance de algumas bestas de Courtille, via-se no cúmulo de uma eminência doce, insensível, erguido de forma a ser percebida de qualquer lugar da ronda, uma construção estranha que mais parecia um cromeleque céltico e onde sempre se faziam sacrifícios humanos.

Imagine-se, no coroamento de um cômodo de gesso, um grosso paralelepípedo de pedreiros de quinze pés de altura, trinta de largura e quarenta de lonjura, com uma porta, uma rampa exterior e uma plataforma; sobre essa plataforma, dezesseis enormes pilares de pedra bruta, de pé, da altura de trinta pés, dispostos em colunata ao redor de três dos quatro lados do maciço que os suporta, ligados entre si em seu alto por fortes vigas onde se penduravam correntes de intervalo em intervalo; em todas as correntes, esqueletos; nos arredores da planície, uma cruz de pedra e dois cadafalsos de segunda ordem que parecem fincar a estaca em torno da força central; acima de tudo isso, no céu, um voo perpétuo de corvos. Eis Montfaucon.

No fim do século XV, o formidável cadafalso, que datava de 1328, estava já muito decrepito. As vigas estavam carcomidas; as correntes,

enferrujadas; os pilares, verdes de mofo. Os assentamentos de enormes pedras estavam todos fendidos em suas juntas, e a erva nascia sobre essa plataforma em que os pés não tocavam. Era horrendo o perfil sob o céu desse monumento; sobretudo à noite, quando havia um pouco de luar sobre os crânios brancos, ou quando o vento do norte melindrava a cadeia de esqueletos e remexia tudo isso na sombra. Bastava a presença desse cadafalso para tornar sinistro todo o arredor.

O maciço de pedra que servia de base à odiosa construção estava vazio. Fez-se uma vasta cova, fechada com uma velha grelha de ferro quebrada, onde se lançavam não somente os restos humanos que se destacavam das correntes de Montfaucon, mas os corpos de todos os infelizes executados nos outros cadafalsos permanentes de Paris. Nessa profunda pilha de cadáveres, onde tanta ostentação humana e tantos crimes apodreceram juntos, para onde tanto os grandes do mundo quanto os inocentes vieram trazer seus ossos, desde Enguerrand de Marigni, que estreou Montfaucon e que era inocente, até o almirante de Coligni, que lhe fecha o ciclo e que era inocente.

Quanto à misteriosa desapareição de Quasímodo, eis tudo o que descobrimos.

Cerca de dois anos ou dezoito meses após os acontecimentos que terminam esta história, vieram buscar na cova de Montfaucon o cadáver de Olivier le Daim, que fora pendurado dois dias antes, e que Carlos VIII decretou pela graça que fosse enterrado em melhor companhia em Saint-Laurent; encontraram então, entre todas as carcaças hediondas, dois esqueletos abraçados de forma singular. Um desses dois esqueletos era de uma mulher, tinha ainda algum farrapo da veste de fazenda que fora branca, e se via, ao redor de seu pescoço, um colar de sementes de meliácea, com um pequeno saco de seda ornado de miçangas verdes, que estava aberto e vazio. Esses objetos tinham tão pouco valor que o carrasco não os quis. O outro, que abraçava o primeiro bem junto, era um esqueleto de homem. Observaram que tinha a coluna vertebral desviada, a cabeça nas omoplatas e uma perna mais curta do que a outra. Aliás, nenhuma vértebra da nuca estava fraturada e era evidente que não fora pendurado. O homem que possuía esses ossos viera até ali, e ali morrera.

Quando tentaram afastar o esqueleto que ele abraçava, desfez-se em pó.

-
1. Como as abelhas, a geometria. [N.T.] ↔ □
 2. A bela criatura vestida de branco (Dante, *A divina comédia*, “Purgatório”, XI.) [N.T.]
↔ □

VIDA E OBRA DE VICTOR HUGO

- 1802 Victor-Marie Hugo nasce em Besançon, França, em 26 de fevereiro. É o terceiro filho de Léopold e Sophie Hugo.
- 1809 Na primavera a senhora Hugo se instala com seus filhos na rua de Feuillantines, nas dependências de um convento de Paris. Léopold, que se tornou general de Napoleão, viaja pela Europa.
- 1811 A senhora Hugo e seus filhos vão ao encontro de Léopold em Madri. Ela ali permanece um ano, período no qual Victor Hugo é interno numa instituição religiosa. Sophie e as crianças retornam a Feuillantines, de onde o poeta tem maravilhosas recordações.
- 1812 Em março o casal se separa, e Sophie volta a viver no bairro do Val-de-Grâce com os filhos.
- 1816 Victor Hugo começa a se interessar pelas letras e escreve sua primeira peça de teatro, *Irtamène*, da qual alguns fragmentos podem ser encontrados em *Littérature et philosophie mêlées* [Literatura e filosofia entremeladas¹, 1834]. Data deste ano sua célebre anotação: “Quero ser Chateaubriand ou nada.”
- 1817 Victor Hugo concorre a um prêmio da Academia Francesa com o poema “Trois lustres à peine”, mas a pequena idade do poeta intimida os juízes, que acabam por não lhe conferir o prêmio.
- 1818 Escreve a ópera-cômica *A.Q.C.H.E.B.* e a primeira versão de *Bug-Jargal*, que conclui em quinze dias por causa de uma aposta.
- 1819 Fica noivo secretamente, apesar dos ciúmes de seu irmão Eugène e contra a vontade de sua mãe, de sua amiga de infância Adèle Foucher. No fim do ano funda com seu irmão Abel o *Conservateur Littéraire*, revista que existirá até março de 1821. Hugo escreve o melodrama *Inès de Castro*.
- 1820 Em março Victor Hugo recebe uma gratificação do rei Luís XVIII por sua “Ode sur la mort du Duc de Berry”.

- 1821 Sophie Hugo morre em 27 de junho. Menos de um mês depois o pai do poeta casa-se com Catherine Thomas.
- 1822 Victor Hugo publica suas primeiras *Odes et poésies diverses*. Em 12 de outubro desposa Adèle Foucher. Seu irmão Eugène é acometido de demência e será internado no ano seguinte. Condenação e execução na praça de Grève dos quatro sargentos de La Rochelle, episódio que será evocado em *Le Dernier Jour d'un condamné* [O último dia de um condenado*, 1829].
- 1823 Em julho, nasce Léopold, o primeiro dos cinco filhos do casal, que morre com apenas quatro meses. Hugo publica seu primeiro romance, *Han d'Islande*.
- 1824 Victor Hugo publica suas *Nouvelles Odes*. Um ano depois da morte de Léopold, nasce Léopoldine.
- 1825 Victor Hugo é feito cavaleiro da Legião de Honra. Em maio, vai a Reims para assistir, com Alfred de Vigny, à sagração de Carlos X, onde escreve a ode "Le Sacre de Charles X". Na época, Hugo ainda é adepto da monarquia.
- 1826 Publicação de *Bug-Jargal**. Começa a escrever *Cromwell*, um drama em versos. Em 2 de novembro nasce Charles Hugo. Nesse mesmo mês, publica *Odes et ballades*.
- 1827 Publicação de *Cromwell*. No "Prefácio" [Do grotesco e do sublime*], Victor Hugo faz um verdadeiro manifesto do romantismo, engaja-se contra o classicismo e define o drama romântico. É o início de sua amizade com o crítico Sainte-Beuve.
- 1828 O general Hugo morre em 29 de janeiro. Em outubro nasce o segundo filho do poeta, François-Victor Hugo. O poeta e um amigo assistem à ferragem dos forçados no Bicêtre: a cena é descrita em *Le Dernier Jour d'un condamné*, que começa então a ser escrito.
- 1829 Publicação de *Les Orientales* e de *Le Dernier Jour d'un condamné*. Em agosto, sua peça *Marion Delorme* é censurada.
- 1830 Durante a estreia de *Hernani* acontece uma disputa memorável entre os partidários do classicismo e os jovens românticos, que

saem vencedores pela quantidade de aplausos. Eles conduzem todas as noites o que ficou conhecido como a Batalha de Hernani. Victor Hugo torna-se um dos principais representantes da escola romântica. Em julho nasce Adèle Hugo. Início do romance entre a esposa do poeta e Sainte-Beuve.

- 1831 Publicação de seu primeiro romance histórico, *Notre-Dame de Paris*. A Revolução de 1830 possibilita a encenação de *Marion Delorme* em Paris. A peça é um enorme sucesso. Em novembro Hugo publica *Les Feuilles d'automne* [Folhas de outono].
- 1832 Escreve *Le Roi s'amuse*, que causa escândalo na estreia e a peça é proibida. Essa proibição valerá a Hugo defender a causa da liberdade de expressão em processo memorável.
- 1833 Estreia em fevereiro de *Lucrèce Borgia*, na qual atua Juliette Drouet. Em algumas semanas ela se tornará a amante de Hugo e assim permanecerá, apesar de outros casos do poeta, até sua morte, cinquenta anos mais tarde. *Marie Tudor* estreia em novembro.
- 1834 No início do ano Hugo escreve *Étude sur Mirabeau* [Estudo sobre Mirabeau], em março publica *Littérature et philosophie mêlées* – coletânea de textos baseados em parte nos artigos do *Conservateur Littéraire* – e em julho a *Revue de Paris* publica *Claude Gueux* [Cláudio Gueux*]. Tentativa de suicídio e fuga de Juliette Drouet para a Bretanha. Victor Hugo vai atrás dela.
- 1835 Escreve *Angelo, tyran de Padoue* [Ângelo, tirano de Pádua], que será encenada em abril. No verão, viagem com Juliette, algo que se repetirá todos os anos até 1843. Ruptura entre Victor Hugo e Sainte-Beuve, que continua seu romance com Adèle Hugo. Em outubro, lançamento de *Les Chants du crépuscule* [Cantos do crepúsculo].
- 1836 Victor Hugo sofre as duas primeiras derrotas em sua aspiração a membro da Academia Francesa: em fevereiro, é preterido por Dupaty; em dezembro, por Mignet. Escreve o *libretto* para a ópera *La Esmeralda*.

- 1837 Morte do irmão Eugène, que ficara louco em outubro de 1822. Publicação de *Les Voix intérieures* [Vozes interiores]. Victor Hugo é condecorado Oficial da Legião de Honra.
- 1838 Estreia de *Ruy Blas*. Em outubro Hugo vende à sociedade Duriez por trezentos mil francos a exploração de sua obra completa.
- 1839 No verão, viagem com Juliette para a Alsácia, Suíça e Provença.
- 1840 Hugo torna-se presidente da Société des Gens de Lettres, sucedendo a Balzac. Publicação de *Les Rayons et les ombres* [As luzes e as sombras]. Terceira derrota na Academia Francesa. Hugo assiste com Juliette ao retorno das cinzas de Napoleão. O casal viaja pelo vale do Reno.
- 1841 Victor Hugo é finalmente eleito para a Academia Francesa.
- 1842 *Le Rhin: lettres à un ami* [O Reno: cartas a um amigo] é publicado em janeiro.
- 1843 Sua filha Léopoldine casa-se com Carlos Vacquerie. Em março a estreia de *Les Burgraves* é um fracasso. A peça marca o fim do sonho de Victor Hugo, de um teatro ao mesmo tempo ambicioso e popular. Em setembro Léopoldine e seu marido morrem afogados em uma viagem pelo rio Sena. Hugo sabe da notícia por acaso, folheando um jornal num café dos Pirineus, onde está de férias com Juliette. Período de luto e desespero: Hugo deixa de escrever por quase três anos.
- 1845 Em abril o rei Luís Filipe assina o decreto nomeando Victor Hugo par da França. Hugo é surpreendido em flagrante delito de adultério com Léonie Biard, que é presa, enquanto Hugo consegue escapar da prisão graças a seu título de par da França. O poeta começa a escrever *Les Misères* [As misérias], que virá a ser *Les Misérables* [Os miseráveis*].
- 1848 Hugo é nomeado prefeito provisório do distrito VIII de Paris. Em junho é eleito deputado pela lista da direita. No dia 20, pronuncia seu primeiro discurso na Assembleia. Apoiava a candidatura de Luís Napoleão Bonaparte à presidência da República.
- 1849 Em julho Hugo causa escândalo na Assembleia ao pronunciar

seu discurso sobre a miséria. Apesar de ter apoiado sua candidatura, agora Hugo se opõe a Luís Bonaparte, a quem considera um tirano. Em outubro rompe definitivamente com o partido conservador depois de seu discurso sobre Roma.

- 1850 Em 15 de janeiro discurso violento de Victor Hugo na Assembleia defendendo a liberdade do ensino, o sufrágio universal e a liberdade de imprensa.
- 1851 Em julho discurso na Assembleia contra os projetos de Luís Napoleão. No fim do mês Charles Hugo é preso; em novembro é a vez de François-Victor. Violentamente contra o golpe de Estado de 2 de dezembro, Victor Hugo tenta em vão organizar uma resistência. Em dezembro, munido de um falso passaporte, parte para Bruxelas. Seu exílio durará até a queda de Napoleão III, em 1870.
- 1852 Em janeiro Luís Napoleão Bonaparte assina o decreto de expulsão de Victor Hugo. Este lhe responde publicando em agosto *Napoléon le Petit* [Napoleão, o Pequeno*]. No mesmo mês, Hugo se instala na ilha de Jersey.
- 1853 Em setembro, primeira sessão espírita de Hugo, durante a qual Léopoldine fala com ele. Publicação de *Les Châtiments* [Os castigos]. Os primeiros 98 poemas da obra descrevem sua cólera e indignação diante do golpe de Estado de Luís Napoleão Bonaparte.
- 1854 Escrita de *Fin de Satan*. Durante esse ano, um dos mais produtivos de sua vida, Hugo escreve milhares de versos que mais tarde farão parte de antologias como *Les Contemplations* [As contemplações], *Les Quatres Vents de l'esprit* [Os quatro ventos do espírito], *Toute La Lyre* [Toda a lira], etc.
- 1855 Em 12 de abril Hugo já escreveu 1.644 versos de seu poema *Dieu* [Deus]. As autoridades de Jersey expulsam Victor Hugo em outubro, que troca essa ilha pela de Guernesey, onde viverá exilado por mais quinze anos. Escreve sua *Lettre à Louis Bonaparte* [Carta a Luís Bonaparte].
- 1856 Lançamento de *Les Contemplations* em Bruxelas. Com seus direitos autorais, Hugo compra a Hauteville-House, uma casa

grande à beira do mar. Em dezembro sua filha Adèle, que suporta o exílio com dificuldades, fica gravemente doente.

- 1857 Em março o editor Hetzel diz a Hugo que não publicará *Dieu* nem *Fin de Satan*; e cobra *Les Misérables*. No outono, o poeta escreve uma parte de *L'Âne* [O jumento].
- 1858 Victor Hugo completa *La Pitié suprême* [A piedade suprema], publicada apenas vinte anos depois. O poeta fica gravemente enfermo em julho, tendo de ficar acamado por um mês.
- 1859 Napoleão III concede anistia aos proscritos republicanos. Victor Hugo recusa-se no entanto a retornar à França. Em setembro publica *La Légende des siècles* [A lenda dos séculos].
- 1861 Em março Hugo deixa Guernesey pela primeira vez para ir à Bélgica. Volta para Guernesey em setembro sem o filho Charles, que prefere ficar no continente. Victor Hugo assina com o editor Lacroix o contrato de *Les Misérables* (trezentos mil francos). No Natal, recebe em sua casa o tenente Pinson que sua filha Adèle apresenta como noivo dela.
- 1862 Em abril a primeira parte de *Les Misérables* é publicada em Paris. As partes dois e três serão publicadas em junho.
- 1863 Publicação em Paris de *Victor Hugo raconté par un témoin de sa vie* [Victor Hugo narrado por uma testemunha de sua vida*], livro escrito por sua esposa em colaboração com Auguste Vacquerie, velho amigo e cunhado de Léopoldine. Em junho Adèle Hugo foge para Halifax para onde foi transferido o tenente Pinson: começa o delírio da filha de Victor Hugo, que desaparecerá e só será encontrada em 1872.
- 1864 Publicação de *William Shakespeare**, a biografia do poeta inglês.
- 1865 Morre a noiva de François-Victor. Ele e sua mãe deixam Guernesey para se instalar em Bruxelas com Charles. Em outubro, Victor Hugo assiste ao casamento de Charles com Alice Lehaene. Lançamento de *Les Chansons des rues et des bois* [Canções das ruas e dos bosques].
- 1866 Publicação de *Les Travailleurs de la mer* [Os trabalhadores do mar*]. Hugo escreve as peças *Mille francs de récompense* [Mil

francos de recompensa] e *L'Intervention* [A intervenção].

- 1867 Em 31 de março nasce Georges Hugo em Bruxelas, filho de Charles: Victor Hugo é avô pela primeira vez. O poeta termina a peça *Mangeront-ils* [Eles comerão?]. Em maio, publicação de *Paris-Guide*. Em junho, reprise de *Hernani* em Paris; em dezembro a reprise de *Ruy Blas* é proibida pelo governo imperial.
- 1868 Morte do neto. Alguns meses depois sua esposa também falece. Porém, em agosto nasce um segundo neto, um novo Georges.
- 1869 Publicação dos quatro tomos de *L'Homme qui rit* [O homem que ri]. Victor Hugo escreve a peça *Torquemada* e também *Welf, Castellan d'Osbor* (que ele destina à antologia *Théâtre en liberté*). Em setembro o poeta preside, em Lausanne, o Congresso da Paz. Nasce sua neta Jeanne.
- 1870 *Lucrèce Borgia* é reencenada em Paris. Um dia depois da proclamação da República, em 4 de setembro, Victor Hugo é acolhido triunfantemente em Paris. Em 20 de outubro, lançamento da primeira edição francesa de *Les Châtiments*.
- 1871 Líder dos republicanos em Paris, Victor Hugo é eleito deputado. Em fevereiro, parte com sua família para Bordeaux, onde a Assembleia Nacional irá se reunir. Em 8 de março, pede demissão no meio de uma sessão da Assembleia. Cinco dias depois, morte súbita de Charles Hugo em Bordeaux. Victor Hugo perde as eleições de julho.
- 1872 Victor Hugo é vencido mais uma vez nas eleições. Sua filha Adèle é encontrada em Barbados onde vivia como mendiga, tendo seguido o tenente Pinson, com quem tem delírios amorosos. Ela é internada no hospício de Saint-Mandé, onde morrerá em 1915. Publicação em abril de *L'Année terrible*. Em agosto, Hugo volta para Guernesey. Começa a escrever *Quatre-vingt-treize* [Noventa e três*].
- 1873 Morte de seu segundo filho, François-Victor, doente há quase um ano.
- 1874 Publicação de *Quatre-vingt-treize* e de *Mes Fils* [Meus filhos].

- 1875 Publicação dos dois primeiros volumes de *Actes et Paroles* [Atos e palavras]: “Antes do exílio” e “Durante o exílio”.
- 1876 Eleito senador em Paris. Intervém no Senado em favor da anistia aos participantes da Comuna de Paris. Em julho, publicação do terceiro volume de *Actes et Paroles*: “Desde o exílio”.
- 1877 Publicação da segunda série de *La Légende des siècles*, de *L'Art d'être grand-père* [A arte de ser avô] e da primeira parte da *Histoire d'un crime* [História de um crime*].
- 1878 A segunda parte da *Histoire d'un crime* é publicada, assim como *Le Pape* [O papa]. Em fim de junho Victor Hugo é vítima de uma congestão cerebral. Em julho parte para Guernesey e em outubro tem uma recaída. Volta para Paris e se instala em sua última morada, na avenida d'Eylau. Hugo praticamente para de escrever.
- 1879 Publicação de *La Pitié suprême*. Em 28 de fevereiro, nova intervenção no Senado em favor da anistia.
- 1880 Publicação de *Religions et religion* [Religiões e religião], escrito em 1870. Publicação de *L'Âne*.
- 1881 Uma imensa homenagem é feita a Victor Hugo em 27 de fevereiro, em seu octogésimo aniversário. Seiscentas mil pessoas – colegiais, operários, parisienses de todos os horizontes – desfilam durante todo o dia sob suas janelas, deixando a avenida d'Eylau coberta de flores. A avenida será rebatizada no mesmo ano como avenida Victor Hugo. Em maio, publicação de *Les Quatre Vents de l'esprit*. Victor Hugo escreve seu testamento pedindo a entrega de todos os seus manuscritos à Biblioteca Nacional.
- 1882 Reencenação de *Le Roi s'amuse*.
- 1883 Em 11 de maio morre Juliette Drouet. Em julho, publicação do terceiro tomo de *La Légende des siècles*. Em outubro, publicação de *L'Archipel de la Manche* [O Arquipélago da Mancha].
- 1885 Victor Hugo é vítima de uma congestão pulmonar e morre em 22 de maio. O governo promove exéquias nacionais. Em 1º de

junho, uma multidão de mais de um milhão de pessoas lhe rende homenagem gritando “Viva Victor Hugo”.

Compilado por Joana Canêdo

-
1. O asterisco indica as obras de Victor Hugo editadas no Brasil. Na primeira ocorrência de cada obra, encontra-se, entre colchetes, a forma como é conhecida em português ou a tradução literal do título, quando necessária. ↔ □

CLÁSSICOS DA LITERATURA NA ESTAÇÃO LIBERDADE

honoré de balzac

Eugénie Grandet

Ilusões perdidas

A mulher de trinta anos

O pai Goriot

Tratados da vida moderna

adelbert von chamisso

A história maravilhosa de Peter Schlemihl

charles dickens

Um conto de duas cidades

gustave flaubert

Bouvard e Pécuchet

johann wolfgang von goethe

Os sofrimentos do jovem Werther

victor hugo

O último dia de um condenado

Notre-Dame de Paris

xavier de maistre

Viagem à roda do meu quarto

theodor fontane

Effi Briest

guy de maupassant

Bel-Ami

stendhal (henri beyle)

Armance

émile zola

O Paraíso das Damas

Thérèse Raquin

Germinal

miguel de unamuno

Névoa

e. t. a. hoffmann

Reflexões do gato Murr

PRÓXIMO LANÇAMENTO

victor hugo

O homem que ri